



Literatura Brasileira





LITERATURA BRASILEIRA
TÍTULOS EM CATÁLOGO
Bons Dias! Machado de Assis. Introdução e notas de John Gledson





ESPÍRITO DE ÉPOCA





de Gastão Wagner de Sousa Campos
na Editora Hucitec





Gastão Wagner de Sousa Campos

ESPÍRITO DE ÉPOCA



HUCITEC EDITORA
São Paulo, 2011





© 2011. Direitos autorais de Gastão Wagner de Sousa Campos.

Direitos de publicação:
Hucitec Editora Ltda.
Rua Gulnar, 23 – 05796-050 São Paulo, Brasil
Telefone (55 11 5093-0856)
www.huciteceditora.com.br
lerereler@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Coordenação editorial
MARIANA NADA

Assessoria editorial
MARIANGELA GIANNELLA

Circulação
SOLANGE ELSTER



CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ





SUMÁRIO

1. MOVIMENTO ANDANTE: quando o heroísmo fenece?	15
2. MOVIMENTO LARGO: O nascimento do herói.	107
3. MOVIMENTO ALLEGRO MA NON TROPPO: Quando os heróis são lançados ao mundo da vida.	125
4. MOVIMENTO SUAVE: Infância heroica e sexualidade épica?	173
5. MOVIMENTO LARGO: Amadurecimento dos heróis?	201
6. MATÉRIA E ESPÍRITO: concreto e abstrato!	209
7. MOVIMENTO ALEGRÍSSIMO: Heróis noviços: revolução e política; amor e sexo.	278
8. MOVIMENTO EM ADÁGIO: A juventude do herói: uma epopeia?	331
9. MOVIMENTO OSCILATÓRIO: Afinal que existência não seria épica em 1968?	398





ADVERTÊNCIA

Espírito de época é uma obra de ficção. A realidade serviu apenas como estímulo para a criação do enredo; personagens e acontecimentos foram distorcidos pela memória imaginativa do autor. Trata-se de uma transliteração subjetiva de um período histórico, uma caricatura lírica de uma época e das gerações que a coproduziram.







AGRADECIMENTOS

Escrever *Espírito de época* levou tempo, seis anos. Durante esse percurso tive apoio de amigos que me orientaram sobre escolhas estéticas, éticas e também sobre a adequação da linguagem, costumes e fatos ao tempo em que transcorre o romance. A todos meus agradecimentos. Pessoas que interromperam seus afazeres cotidianos para leitura da trama e para me transmitirem suas impressões e julgamentos. Muito obrigado a Gilberto Sacarazatti, Gustavo Tenório Cunha, Ivana Baccari, Juarez Pereira Furtado, Laura Gonçalves, Márcia Aparecida do Amaral, Mariana Dorsa Figueiredo, Marcus Paulo Gebin, Tadeu de Paula, Rosana Teresa Onocko Campos, Silvana Weller.







*O que amas de verdade permanece. . .
O que amas de verdade não te será arrancado.
O que amas de verdade é tua herança verdadeira.*

*Mundo de quem, meu ou deles
ou não é de ninguém?*



Erza Pound. Cantares, Canto 81



*. . . o escritor ignora as convenções sociais e conta a história nas
suas cruezas, com a carnadura exposta.*

Nélida Piñon. Entrevista, Um coração andarilho







MOVIMENTO ANDANTE *quando o heroísmo fenece*


Homem chorar comove. Ele, o lutador, reconheceu sua luta às vezes inútil. Respeito muito o homem que chora. Eu já vi homem chorar.








O HERÓI DROGADO



Às vezes, Cristina revoltava-se contra os desatinos da existência. A gratuidade com que a vida destrói esperanças. Irritava-se, particularmente, quando o desengano ocorria apesar do esforço insano do indivíduo desapontado. No caso, incomodava-a perceber um antigo sonho de Ícaro esfumar-se. Eles haviam movido meio mundo para que Ícaro pudesse assistir aos Seminários de Lacan e quando, finalmente, lograram o intento, encontraram tristeza ao constatar a decrepitude no lugar do brilhantismo daquele suposto Prometeu moderno.



Era outono, 21 de novembro de 1978, o dia amanhecera cinzento em Paris. “Mau presságio”, augurou Cristina. Para uma brasileira acostumada ao clima do cerrado, oito graus era um frio de doer. Ícaro passara a noite acordado, excitado com a possibilidade de finalmente conhecer seu ídolo. Bebera vodca em excesso, Cristina não sabia se sua animação exuberante fora decorrente do álcool ou produzida somente em virtude da ocasião especial. Ele a acordou três horas antes do Seminário de Jacques Lacan. No dia anterior, haviam estudado o trajeto: tomariam o metrô e depois caminhariam algumas quadras. Em meia hora, quarenta minutos, chegariam à escola onde se realizavam as conferências do psicanalista francês. Ela resolvera acompanhá-lo, nem tanto pela palestra, seu francês era pobre, além disso, atrapalhava-se com o emaranhado argumentativo dos lacanianos, não compreendia quase nada do que diziam. Em realidade, preocupava-se com Ícaro. Seu humor dera para oscilar perigosamente entre a euforia e o desânimo.



O que mais a desassossegava, contudo, era que, em qualquer destes estados de ânimo, o remédio utilizado era sempre o mesmo: maconha e muito álcool. Ela temia que ele se perdesse pela cidade desconhecida, que adormecesse no metrô, ou que caísse escornado em algum beco. Mais grave: ele dera para implicar com as pessoas sem quê nem por quê. Nessas ocasiões, punha-se agressivo, chegara a pegar um moço da alfândega pelo colarinho quando viajaram da Capital para Paris.

Naquela manhã, ela fora acordada pelo velho Ícaro eufórico de sempre. Ele saltitava pelo apartamento minúsculo que haviam alugado. Se é que aquele cubículo pudesse classificar-se como habitação, parecia mais um quarto de hotel, um conjugado com cama de casal, mesa, duas cadeiras, pia e um fogareiro com duas bocas. O banheiro era coletivo, ao fundo do corredor. Parte da depressão do casal decorria da súbita redução do espaço vital a que estavam habituados, imaginava Cristina. Haviam se acostumado a casas com quintal, varanda, janelas, árvores, luz e vento. Naquele buraco estavam obrigados a estar sempre com a lâmpada elétrica ligada. É verdade que fora havia Paris, no outono, um mundo curioso e variado, que exploravam caminhando horas e horas, até o limite da resistência física. Pois bem, apesar do ambiente lúgubre, Ícaro sorria naquela manhã fria, estimulando-a para que se levantasse, buscasse a roupa mais linda, iriam ouvir Jacques Lacan.

O estabelecimento onde ocorreria o Seminário era um prédio pomposo, uma construção centenária constatou Cristina. Tijolo aparente, blocos à vista seria mais adequado dizer-se, pensou a moça. As janelas eram imensas, maiores do que as portas em Nova Barcelona, observou intrigada com a ostentação de riqueza que havia em cada detalhe da antiga Paris. Dentro do edifício, percorreram corredores sombrios até o auditório majestoso, semelhante a um tribunal, circunstância e pompa. Chegaram com uma hora de antecedência, mesmo assim somente encontraram lugar vago nas últimas fileiras. Havia uma névoa cinzenta, Cristina imaginou que a neblina invadira a sala; engano, percebeu, era fumaça de cigarros, dezenas de pessoas sopravam nuvens de fumo para



cima. Havia um murmúrio abafado, como se fiéis respeitosos rezassem em voz baixa enquanto aguardavam o início de um culto ou de uma missa. Ícaro trouxera cópias transcritas de alguns seminários anteriores e os lia atento, preparava os ouvidos para a fala do mestre. Cristina aborreceu-se logo sem ter o que fazer, a temperatura no recinto era tropical. Havia o calor da multidão, todos os bancos estavam ocupados, havia gente pelos corredores e em frente ao palco. Aquecedores tornavam ainda mais insuportável aquele microclima. A falta do que fazer, o desconforto térmico e a concentração de Ícaro em seus textos fizeram Cristina adormecer. Sonhou perder-se em uma cidade colonial desconhecida, as pessoas falavam um idioma incompreensível. De repente, acordou com o silêncio. Ícaro apertava-lhe a mão com força exagerada. Atordoada voltou-se para o palco. Dois senhores elegantes, escoltavam um velho garboso, mas que caminhava com passos vacilantes. Tinha uma exuberante cabeleira branca em um penteado masculino clássico com o cabelo jogado para trás. Usava óculos e mastigava um charuto de ponta torta. Uma imensa capa de pele, rajada de branco, cinza e marrom, cobria-lhe os ombros como se fosse um manto real. Cristina voltou-se para Ícaro e percebeu-o extasiado. Os olhos esbugalhados ressaltavam as estrias vermelhas, marca da noite de insônia e do excesso de bebida; tinha a boca aberta e o corpo projetado para diante em um esforço vão para aproximar-se da santidade que entrara no palco.

O tempo passava e o velho ainda não iniciara a palestra. A expectativa era enorme, ninguém ousava perturbar a concentração do mestre. O homem, em um gesto gracioso, atirou o casaco sobre uma cadeira. Voltou-se para o público, abriu a boca como se fosse iniciar um discurso, mas não disse nada. Caminhou até uma lousa no canto do palco, segurou um pedaço de giz e pôs-se a desenhar figuras estranhas. Cristina apertou os olhos, eram laços, traços que se interpenetravam em nós. Ainda mudo, o conferencista voltou-se outra vez para o público, esboçou um som gutural, mas não pronunciou nenhuma palavra, pareceu à Cristina insegura quanto à sua compreensão do francês. Quinze minutos, um



tempo longo para tanto silêncio, e ninguém tomava qualquer iniciativa. De repente, o velho falou algo, como se estivesse desculpando-se e não como se iniciasse uma classe para seus discípulos. Sua escolta fingia-se de estátua, não ousavam nenhum gesto, nenhuma iniciativa. Até que, finalmente, o senhor derreado deixou o palco. Ninguém explicou nada. Segundos, minutos de silêncio, até quando alguém da platéia gritou:

— Não tem importância. . . Nós o amamos assim mesmo.

Outro berrou irritado:

— O discurso do mestre sempre diz alguma coisa! Os nós desenhados, o não-dito, a sabedoria, haveria que analisá-los; ignorantes somos nós!

Rompeu-se o interdito à palavra e muitos se puseram a comentar ao mesmo tempo. Balbúrdia. Ícaro levantou-se e arrastou Cristina pela mão.

Fora, ao ar livre, havia um sol com luminosidade opaca. Ícaro caminhou desvairado com Cristina em seu encalço. Duas quadras adiante ela o deteve, conseguiu segurá-lo pelo braço:

— Ícaro, pelo amor de Deus! O que houve? Por que essa agonia?

— Você não enxerga? Ou o quê?

— Sim, eu vi tudo. Não houve seminário, o velho Lacan está enfermo, doente, sei lá! E qual a tragédia nisso? Ele é humano ou não?

— Lógico, querida! — respondeu com um sorriso desarmado. O que Ícaro mais gostava em Cristina era sua capacidade de ligar-se ao real, amava-a também por sua beleza e por seu encantamento com o mundo e ainda pelo cheiro dela, ele a desejava com muita força e sem quase nenhum esforço, sentia uma atração natural e espontânea por aquela mulher, tanto que perdera a compulsão em seduzir quanta fêmea bonita cruzasse pelo seu caminho.

Depois de trocarem, em plena rua, para escândalo dos transeuntes, carinhos ao estilo de preâmbulo para algo mais íntimo, Ícaro tentou explicar-se:



— Veja, meu amor, não se trata de uma doença qualquer. O mestre Lacan envelheceu, está gagá. Logo agora, quando consegui recursos para estar com ele, para minha formação. Há vinte, sei lá quantos anos, ele ensina psicanálise a seus discípulos, justamente no ano em que venho e sou aceito pela Escola, neste exato momento, o velho endoidou! Ironia da história, o destino abusa da gente, faz gato e sapato do. . . E pior, querida, muito pior, meu querido professor Moacyr Silvério, bem, ele havia me prevenido, Lacan estaria um tanto mais lacônico do que o habitual, produziria pílulas de sabedoria, entretanto, o estado mental de Lacan é outro, ninguém admite o colapso de seu pensamento, segundo essa corja de bajuladores, segundo os crentes dessa nova religião, os tais de lacanianos, cada desenho maluco que ele rabisca, cada peido, cada frase sem sentido, tudo, para seus discípulos, inclusive para meu professor e meu analista, seria pleno de sentido. Acredito que eles esforçam-se para enganar-se. Eles se recusam a admitir que o mestre enlouqueceu, atribuem sabedoria a atos desvairados, tomam a atuação de um senhor caduco por aforismos filosóficos, por metáforas profundas, pejadas de sentido oculto! Um bando de médicos, de especialistas em interpretar o sentido oculto da mente, como podem se comportar de maneira tão servil? Negar a realidade? Repetem um comportamento tão estúpido quando o dos estalinistas, o culto à personalidade do camarada ditador, merda! E é com essa gente que vou passar o resto de minha vida? Nem fodendo!


Cristina não retrucou, simplesmente abraçou-o, conforme vinha fazendo desde quando passaram a viver juntos. Seu corpo acalmava Ícaro mais do que qualquer outro remédio. Centenas de vezes, ela mitigara-lhe o desespero oferecendo-lhe seu próprio corpo como lenitivo.

A primeira crise que ela debelara, ainda no Brasil, foi quando Ícaro separou-se de Ângela, com quem vivera dois anos. Apesar de determinado, Ícaro traumatizou-se quando abandonou a mulher e seu próprio filho recém-nascido sem qualquer aviso prévio. Durante os três meses seguintes, não se separou de Cristina



por um segundo. Fugiu da Capital e mudou-se para a casa da sogra em Nova Barcelona. Passava a maior parte do tempo drogado ou bêbado. Para Cristina aquele tempo foi como um filme em que uma máquina descontrolada houvesse acelerado as imagens, sobrepondo cenários e personagens. Superada a crise, Cristina e Ícaro acataram o conselho de dona Ernestina e de dona Amabilis, suas respectivas progenitoras, para que se afastassem do Brasil. Ícaro optou por fugir para Paris, contactou seu professor de psiquiatria e terapeuta, Moacyr Silvério, e pediu-lhe ajuda. Doutor Moacyr era um dos mais eminentes psicanalistas latino-americanos, tinha contatos com o alto clero do freudismo na França, e já vinha estimulando Ícaro a terminar sua formação no exterior, ele intuía que seu pupilo seria um grande analista: Ícaro levava jeito para lidar com as pessoas, tinha intuição e obsessão analítica, acreditava o professor. Assim, o psiquiatra acertou um hospital em Paris onde Ícaro avançaria em sua especialização em psiquiatria e ainda contactou um analista, filiado ao grupo de Lacan, que se encarregaria de seu aluno para formá-lo em psicanálise. Contudo, aconselhou, seria conveniente que Ícaro também concorresse a uma vaga para residência em psiquiatria no Brasil, no Hospital das Clínicas da Capital. Doutor Moacyr era o chefe do serviço e, quando Ícaro retornasse, argumentou, poderia completar sua especialização, ele lhe guardaria o lugar enquanto estivesse na França.

Ícaro já havia se inscrito para o concurso para a residência em psiquiatria, o problema fora que, com sua crise conjugal, não se preparara, não estudara nada. Assim, nos quinze dias que antecederam às provas, entre um e outro intercurso sexual, substituiu a leitura das revistas de quadrinho por manuais de clínica médica e psiquiatria. Uma semana antes das provas, Cristina e ele viajaram de Nova Barcelona, onde haviam se exilado, para a Capital. O casal hospedou-se no Hotel Nacional, seria uma lua de mel pela metade, brincou Ícaro, ao reservar a imensa suíte nupcial. Entre provas e entrevistas aproveitariam a vida de recém-casados. Gozaram uma semana estranha, como se houvessem embarcado em uma nave espacial em jornada por lugares impossíveis. Nem Ícaro



ou Cristina conheciam o Hotel, uma construção da época da fundação da Capital ao estilo moderno em moda nos anos sessenta, havia luxo e decadência mesclados, móveis Bauhaus desconjuntados, garçons uniformizados em jaqueta branca e gravata borboleta, sinais de riqueza e ostentação, espaço de sobra, quartos, janelas e corredores imensos, tudo misturado a um cheiro de decadência, mofo universal, havia séculos ninguém limpava as cortinas, os carpetes estavam puídos e os vidros das janelas panorâmicas cobertos de fuligem e poeira. De qualquer modo, os recém-acasalados desfrutaram a estadia: todo dia, depois dos exames, trancavam-se no apartamento, abriam um champanha e grudavam-se ao outro até o amanhecer do dia seguinte. Para surpresa de todos, menos do professor Moacyr que confiava em seu discípulo, Ícaro foi aprovado em segundo lugar, havia cinco vagas para a especialização em psiquiatria. Sob orientação de seu professor, ele matriculou-se e solicitou afastamento em função de viagem ao exterior. O professor cuidou para que esse arranjo fosse aprovado pela burocracia universitária. Aproveitaram a estadia na Capital para fazer um balanço dos recursos disponíveis, Ícaro contava com a herança paterna e Cristina com a promessa de dona Ernestina de que a ajudaria com uma mesada razoável durante pelo menos três anos, “este dinheiro é seu, é meu, é nosso”, argumentara a mãe extremosa, buscando aplacar o sentimento de culpa da filha. Cristina era orgulhosa de sua autonomia, e sempre fora bastante preocupada em não comprometer sua liberdade pelo controle econômico do pai ou do avô.

Iniciaram os trâmites burocráticos para a viagem, passagem, passaporte, Ícaro conseguiu documentos que atestavam sua cidadania francesa, dona Amabilis Sagan D’Lírio, sua mãe, nascera em Marselha e viera para o Brasil ainda criança. Isto lhes facilitaria a vida na Europa. Da França receberam uma carta indicando que o estágio de Ícaro começaria em setembro, depois das férias de verão. Eles teriam, portanto, um tempo livre para vagabundear, acreditaram. Premidos pelo rigor da lei, resolveram casar-se no civil, assim a proteção da cidadania francesa estender-se-ia à Cristina,



explicaram para acalmar o próprio desacordo estrutural com a instituição casamento. Casavam-se obrigados, não porque acreditassem naquela forma burguesa de contrato, repetiram para cada uma das pessoas convidadas para as bodas em respeito à própria sensibilidade rebelde; fariam uma cerimônia simples e familiar no sobrado construído por Dedalus, pai de Ícaro, combinaram.

Cristina aceitou vestir-se com o mesmo vestido que dona Ernestina usara quando se casou com Castrinho. Era uma roupa discreta, afinal a então noiva Ernestina era uma viúva recente, o seu primeiro marido fora assassinado e o júbilo deveria ser contido. Ressalte-se que Ernestina, somente aceitara Castrinho como esposo, obrigada pelas artimanhas do velho e onipresente coronel Nhonhô Alencar de Castro, antes ela julgara seu futuro marido com severidade, considerava-o fraco e retardado, somente com os anos aprendeu a respeitá-lo. A roupa branca caiu bem na filha, quase tão bem como vestira a mãe duas décadas antes, o decote generoso ressaltava-lhe o pescoço longo e os seios morenos, as pernas fortes e longas ficaram à mostra com a barra que terminava à altura dos joelhos. Cristina era puro sorriso, sua boca enorme não se fechou em nenhum momento durante toda a cerimônia. Ícaro também se vestiu de branco, usava uma calça larga boca de sino e uma camisa sem gola, solta para fora da cintura. Como no enterro do pai, jogou o cabelo para trás, imitando o estilo de pentear do falecido Dedalus. Caminharam abraçados até a mesa onde os esperava o juiz da paz ao som de *Light my fire*, *The Doors*. Na plateia havia familiares e amigos. Estavam Rosália e sua filha Valéria, suposta irmã de Ícaro; as mães, Ernestina e Amabilis, choraram durante toda a cerimônia; Castrinho, o pai da noiva, escondeu algumas lágrimas e limpou, com um gesto furtivo, o catarro que teimava em escorrer-lhe pelas narinas. Doutor Generoso, já aposentado e bastante alquebrado, acompanhou o casório sorridente; da Capital vieram Álvaro e seu irmão Lenildo Curvelo; dos colegas de faculdade apenas Tristão apareceu. Matias não compareceu, mais por solidariedade a Ângela, a ex-esposa de Ícaro, do que por alguma indignação contra o comportamento irresponsável daquele



doidivas, afinal era grato à postura tresloucada de Ícaro, principal fator a abrir-lhe caminho para o leito da mãe abandonada. Ao abraçar o noivo, Tristão notou que recendia a álcool e a maconha, o velho guerreiro não se emendava, pensou, sequer no dia do seu casamento alterava seus hábitos arraigados.

Pois bem, armar toda aquela complexa engenharia social impediu que Ícaro pensasse sobre passado ou futuro, tratou apenas de assegurar sua felicidade ao lado de Cristina. Entretanto, em Paris, com a diminuição do ritmo dos acontecimentos, sentiu-se culpado pelo modo como conduzira sua separação com Ângela. Agoniava-se com a imagem de seu filho Daniel recém-nascido. A decrepitude de Lacan abateu ainda mais seriamente o seu entusiasmo, pareceu-lhe uma mensagem divina, um recado do destino: ele haveria que pagar pelos crimes que cometera ao largo de sua vida desvairada: a relação incestuosa com Rosália, amante do pai e dele ao mesmo tempo e que resultara em Valéria, uma criança que ele mal suportava tocar — sua irmã ou sua filha? — nunca saberia; Daniel, o filho dele e de Ângela, abandonado, um dia ele voltaria para resgatá-lo; o maltrato crônico consigo próprio e com Cristina; tudo se encadeava, sentia, cobrando-lhe um alto preço pelo desatino.

Na rua, logo após o seminário fracassado, apesar do horário impróprio, sentiu-se compelido a encher a cara, beber até apagar todas aquelas impressões:

— Vamos pra casa — insistiu com a mulher.

Cristina que o conhecia e antecipava seus gestos tresloucados, resolveu afastá-lo da bebida, pelo menos até que a noite chegasse:

— Vamos caminhar, amor! Aproveitar o dia lindo, aproveitar a vida, vamos. Sempre quis visitar o *Musée d'Orsay*, vamos!

Sem esperar sinal de consentimento arrastou Ícaro pela mão. Ele se deixou levar, no caminho Cristina sugeriu-lhe uma maneira para escapar daquele penar agravado pela decrepitude de seu último messias:

— Sabe, amor, não sei, faça o estágio no Hospital e a formação com Miller, não vamos aparecer mais nos Seminários, é



muito deprimente, coitado do velho, por que não o deixam em paz? Todo mundo tem direito a aposentadoria, ou não? Até os heróis merecem um descanso, não?

Ícaro sorriu e contra-argumentou:

— Você é uma figura linda, mulher! Uma figura adorável! Tem razão, perdi o bonde, os anos setenta estão no final. Bem, ainda me restam o Hospital e a formação, certo, certíssimo! Sonhei em aprender com o mestre, bem, não será possível. Ademais, Lacan não é um herói, é um intelectual, um analista, uma pessoa prática, querida, pragmático quase.

— E os heróis estarão proibidos de encarar a vida pelo lado funcional?

— Não. É que nunca ouvi ninguém nomear Freud ou Lacan como heróis. Marx, Lênin, estes sim, eles criaram escolas teóricas, mas foram revolucionários, ou pelo menos, se julgaram assim. Lacan é um mestre, como o foi Buda, Confúcio, Sócrates, Platão, percebe a diferença?

— Não, nadica de nada!

— Santa teimosia! Heróis se sacrificam pelo suposto bem-estar coletivo; em geral, ao preço da própria vida; são mártires, pessoas abnegadas, generosas.

— Ah! Janis Joplin e Jimmy Hendrix, então, foram heróis?

— Não, estavam mais para suicidas. Os heróis são bondosos, solidários, não enxergam o mal e o egoísmo que há em cada pessoa. Ou, quando o veem, preferem ignorar o que perceberam. Freud, Lacan, tantos outros, tiveram uma visão de ave de rapina, foram críticos mordazes da natureza humana, não deixaram pedra sobre pedra de qualquer humanismo babaca; bem, talvez você tenha alguma razão, já que apesar da dureza crítica, eles inventaram meios para aliviar o sofrimento e aperfeiçoar o modo de viver das pessoas, as terapias são estratégias de proteção da humanidade, de ajuda ao ser humano, e todo herói tem mania de ajudar os outros, bem. . . Sei lá, Cristina, me dá um beijo aqui, agora!

Santo remédio era Cristina para Ícaro, a melhor terapia, reconheceu a mulher satisfeita consigo mesma, enquanto aceitava o



carinho ofertado, convencida de seu poder de cura sobre seu amado. Confiante, desafiou-o a disputar uma carreira até o quarteirão próximo. Franceses circunspectos miravam-nos estupefatos, enxergavam dois bárbaros esgoelando frases em algum idioma estranho e decadente, talvez grego, húngaro, catalão, pensavam admirados os locais, olhando com reprovação aqueles adultos que se comportavam como crianças mal-educadas.

Chegaram ofegantes ao museu. Pelo trajeto, Ícaro quis interromper a caminhada, atraído por cafés que ofereciam mesas e cadeiras em um dia de sol suave. Cristina impediu-o de assentar-se, caso cedesse, ele beberia até transformar-se em um arremedo de pessoa; depois, durante o restante do dia, mergulharia no sono ou seguiria intoxicando-se com doses progressivas de álcool e de maconha.

— Não — dizia, arrastando Ícaro pela mão. — Não, primeiro o museu, depois tomaremos algum vinho, Ícaro, por favor!

O homem, apesar da sede existencial, cedeu ao apelo da mulher e finalmente chegaram aos corredores circunspectos do museu. A alegria de Ícaro apagou-se enquanto circulavam entre a centena de pinturas. A maioria era obras de artistas desconhecidos para ele; e, ainda que houvesse quadros impressionantes, nada abalava a indiferença daquele sujeito fissurado. Cristina estimulava-o:

— Ícaro! Olhe! Édouard Manet ao vivo e em cores! Veja!

E o homem apático, até quando uma tela lhe atraiu a atenção:

— Uau! Que suavidade, que. . .

— *Olympia*. . . Um nu, somente uma mulher pelada para animá-lo, vamos — impacientou-se Cristina com o imobilismo contemplativo do marido, extasiado ante aquela mulher em uma posição dócil de oferecimento a quanto macho a contemplasse.

Foi obrigada a empurrar Ícaro para que se movimentasse até outra pintura. Novamente ele passou rápido entre os quadros expostos, deteve-se diante de outro Manet, desta feita era o retrato de um senhor circunspecto, cercado de livros em um quarto que transpirava labor intelectual:



— *Émile Zola* — exclamou meditativo. — Sabe Cristina, às vezes percebo que estou me obrigando a ser alguém semelhante a esse escritor. Um cientista, um estudioso, sério e . . . Não sei, sou um cara que ama a ação e o movimento, escritórios como este do quadro me sufocam, prefiro o ar livre; no máximo, uma enfermaria de hospital, um grupo de pacientes, qualquer coisa menos a solidão de um careta enterrado em livros, papéis e sempre a escrever e escrever. Sei não!

— Que ótimo você perceber com clareza o que lhe agrada, essa visita até que nos está saindo lucrativa, uma análise sem analista. Pois, se assim é, que assim seja! Querido, não se tranque em seminários e que tais, seja um clínico, um terapeuta, não force nada contra sua natureza, afinal temos experiência, lutar contra o desejo não funciona. Você brigou tanto contra a força natural que o empurrava para meus braços, tanto e foi tudo em vão. Em algum momento, teve que se render às evidências objetivas e ficar comigo pra sempre!

— Convencida! Que orgulhosa a dona Cristina me saiu, tal e qual o avô coronel!

Para novo escândalo dos transeuntes, beijaram-se com ardor diante do olhar congelado e indiferente de Zola.

Ícaro prosseguiu em seu exame apressado e superficial da exposição. Somente se detinha ante cada mulher pelada com que deparava, observou Cristina enciumada e decepcionada com o espírito mulhereiro do seu companheiro. Animou-se com a bunda de uma jovem retratada de costas enquanto se penteava descuidada. Pierre Bonnard leu a esposa ciumenta, enquanto empurrava o seu homem para adiante. Nova parada prolongada diante das *Banhistas* de Paul Cézanne.

— Ícaro, pelo amor de Deus! Isto aqui não é um circuito pornográfico!

— Claro que não, querida. É que a mulher é o suprassumo da natureza, a obra mais acabada e harmônica existente, então. . .

— Você me lembra um velho lúbrico e corrompido, foi com isto que me casei? Vamos, trate de marchar, senão seus olhos arregalados irão saltar das órbitas!



A contragosto, Ícaro voltou a circular entre quadros e esculturas. A certa altura, parou extasiado. Cristina havia se entretido com outras obras e tardou a aproximar-se intrigada em descobrir o que prendera a atenção do marido com tamanha intensidade. Ele parara na seção Gustave Coubert, Cristina nunca ouvira nada sobre aquele artista. Ao aproximar-se teve um ataque de riso. Ícaro inclinava-se ao máximo como se pretendesse entrar em uma vagina exuberante, desenhada com pentelhos e com todas as dobras cabíveis. As pernas abertas da modelo não revelavam qualquer pudor feminino, tampouco o título da obra era menos pretensioso: *A origem do mundo*. Bem humorada, a mulher resolveu conceder ao seu parceiro alguns minutos de liberdade, que contemplasse aquela xoxota quanto tempo necessitasse, afinal era apenas uma representação sobre a origem do mundo segundo afirmava a sensibilidade desfocada daquele francês desconhecido para ela.

— Eu nunca havia compreendido o porquê da analogia entre a mulher e a aranha. O aspecto da vagina, talvez. . . Imaginei — disse Ícaro distraído de verificar se alguém o ouvia. Depois de mais algum tempo de contemplação, prosseguiu em um murmúrio quase inaudível: — Mas, veja! O pintor desenhou uma mulher aranha, veja, os braços e as pernas, são patas, presas prontas para envolver o primeiro incauto, incrível! Origem do mundo coisa nenhuma, no fundo o tal de Coubert intuiu o lado perverso do cuidado feminino.

Cristina desdenhou aquela ponderação misógina, distraiu-se lendo o catálogo e saiu em busca do setor onde havia vários Degas. Estava entretida com as bailarinas, quando sentiu alguém a puxando pelo casaco, voltou-se assustada e deparou com um Ícaro seriíssimo:

— Cris, veja o que descobri, veja — disse ele, enquanto a arrastava para frente de uma pintura. Ele falava com excitação, apontando o dedo indicador para um quadro: — Essa mulher, essa mulher sou eu, veja o ar de tristeza, o absinto na taça, ela. . . Uma pessoa dentro e fora do mundo, desligada, perdida. Sou eu sem tirar nem pôr! Tenho que escapar dessa armadilha, meu amor!



Preciso, necessito de apoio, você me ajudará? Vou abandonar as drogas, deixar de beber. . . Não! Que exagero! Diminuir drasticamente a quantidade de álcool que meto pra dentro todo dia, toda noite, estou me transformando em uma pedra, em um ser insensível, Cris! Que horror horrível, necessito. . . Ah. . . Essa mulher sou eu.

Lágrimas rolavam pelo rosto do rapaz, Cristina o abraçou, Ícaro aconchegou-se contra ela, repetindo:

— Não posso mais continuar dessa forma, não. O problema querida é que não sei como mudar, perdi o leme, um detalhe somente, porém um aspecto fundamental, o leme; não sei como dirigir meus atos, vivo automático. Mas, descobriremos amor, encontraremos um modo, uma maneira, meu Deus!

Por cima do ombro de Ícaro, Cristina observou com mais atenção o quadro que tanto emocionara seu marido. Chamava-se *No café* e retratava um casal assentado em um bar. Diante da mulher havia uma bebida leitosa, absinto segundo a imaginação de Ícaro, e, de fato, ela tinha um ar triste, desânimo e indiferença, como se estivesse em um aquário, perto das pessoas, mas, ao mesmo tempo, a léguas de distância do companheiro sentado ao seu lado e que mirava em outra direção, interessado em alguma coisa para além deles. Era a representação exemplar da solidão acompanhada e da impossibilidade de redenção.

Cristina consolou o marido até que se acalmasse e decretou o fim daquele périplo, aquela visita já rendera tensões analíticas suficientes, melhor buscarem algum outro lugar em que o imaginário de Ícaro estivesse mais protegido, se é que haveria tal lugar, pensava ela desanimada. Procurava a saída quando Ícaro exclamou em um volume de voz inadequado para museus:

— Claude Monet!

Vários transeuntes os miraram com ar de reprovação. Ícaro soltou-se do braço de Cristina e correu para frente de um quadro em que apareciam vários veleiros em um dia de céu azul.

— *Regatas em Argenteuil* — leu em voz alta, contente ao perceber que o marido havia se esquecido do impacto negativo da ima-



gem da mulher deprimida assentada em um bar em Paris. — Sim, querido, lindo não.

— Sim! Cris, querida dos meus sonhos, paixão de minha vida, refrigerio de minha alma, encontrei, encontrei!

— Encontrou o que homem de Deus, o caminho de Damasco? O quê?

— Sim, o caminho para nossa redenção. Precisamos nos dar um tempo, escapar de tudo e de todos; bastará coragem para fazermos o necessário, pois temos os meios, meu Deus!

Ícaro movia-se excitado em torno do quadro, falava aos berros e os circundantes encaravam-no com ar de censura.

— Querido, acalme-se! Venha aqui e não grite, você está incomodando as pessoas, venha.

— Cris, querida! Esse quadro foi uma iluminação, compreendi tudo! Estamos esgotados, cansados, enfrentamos tantos obstáculos antes de nos casarmos que nossa energia se esvaiu. Haverá que repô-la, parar um pouco, fugir do mundo durante algum tempo, um ano, dois ou três, sei lá, o tempo que for necessário.

— Ícaro, meu amor — respondeu-lhe Cristina em um sussurro —, não sei sobre o quê você está falando, nós já escapamos do Brasil, estamos em Paris, somente nós dois e todo um mundo novo a ser explorado, calma.

— Não, observe querida! Olhando as regatas, tive uma intuição. Primeiro nos mudaremos para Marselha, cidade de meus antepassados, uma França tropical, não suporto mais esse frio, céu cinzento, vento, todo o tempo. Lá compraremos um barco, um veleiro. Sim, farei um curso preparatório para comandante, piloto, ou como diabo se chame quem maneja um veleiro, com motor e vela, para o caso de calmaria, viveremos no mar, poderemos ganhar algum dinheiro transportando turistas pela costa do Mediterrâneo, legalizaremos tudo, lógico, eu havia pensado nisso, talvez nas férias de verão do próximo ano, mas por que esperar um ano inteiro, ah, se podemos ter tudo isso agora, já — concluiu entusiasmado, dançando ao redor da esposa estupefata, mas que se animou a replicar-lhe:



— Mas, Ícaro, por favor. . . O estágio no hospital, a formação com o professor Miller, umas das figuras proeminentes da psicanálise mundial, como. . .

— Bobagem, Cris! Vaidade vazia. Tolice e ambição, que importância terá isso em minha vida? O rapaz estudou em Paris com o discípulo dileto de Lacan. . . Uma anta, eu, todos, tudo isso não vale uma missa, o importante é suportarmos a vida, precisamos recarregar as pilhas, um processo lúdico de desintoxicação. Estou batendo pino, prosseguir nessa toada de cursos e professores e obrigações me matará, terminarei morto por overdose ou por uma cirrose aguda, não! Pretendo viver, teremos filhos, uma penca. No oceano, no mar, estaremos obrigados a uma vida saudável, ao exercício físico, todo o esforço para viajar em um veleiro. Não levaremos álcool, nem fumo. Algumas garrafas de vinho somente, que ninguém é de ferro. Um tratamento para nos preparar para o futuro. Depois Cris, farei residência no Brasil, serei psiquiatra em alguns anos. . . Agora, deveremos curtir um ao outro, longe da civilização, marinheiros, o casal de argonautas! Os argonautas, isso! Nosso sangue português: dom Ícaro, o venturoso; e dona Cristina, a esplendorosa!

— Mas querido e o dinheiro?

— Menina, tenho economias, já estudei o assunto, dará para comprar um veleiro razoável, com cabine, cama de casal, fogão, motor potente e ainda teremos algum para as despesas, há ainda sua mesada, grana não será o problema, quando não houver mais fundos, venderemos o barco e voltaremos ao Brasil, que lhe parece?

— Você é louco, um doido maravilhoso, estou quase me acostumando com essa ideia. O problema é que não entendemos nada sobre navegação.

— Faremos um curso em Marselha, é uma cidade portuária, lá haverá estaleiros que vendam barcos usados, e haverá escolas para pilotagem.

— Não me diga. . . O senhor premeditou tudo isto! Intuição diante de um quadro de Monet droga nenhuma! O senhor concebeu esse plano em segredo, sem compartilhar comigo.



— Não, juro que não houve premeditação. Há algum tempo, verifiquei sobre Marselha, barcos e tudo mais. Somente hoje, aqui no museu, foi que imaginei o projeto de trocarmos Lacan pelo mar, o Seminário por um barco e o estágio no hospital por um ano ou mais viajando sem eira nem beira.

Dezembro em Marselha não foi fácil para aqueles moradores do cerrado brasileiro, era inverno e apesar do clima litorâneo fazia um frio de doer. Além do mais, chovia com frequência, raramente houve dias com sol. Ícaro alugou um apartamento no centro histórico, na cidade velha, próximo ao porto e cercada por bares, cafés e restaurantes. Ao contrário do prometido no museu diante do quadro de Degas, continuou entupindo-se com cerveja e vodca. Não teve dificuldade em descobrir fornecedor seguro de haxixe. Cristina estimulava-o a concretizar o planejado e a não permanecer inativo em mesas dos cafés ou dormindo em casa. Primeiro, buscaram escolas de navegação. Ícaro matriculou-se em um curso para piloto, seis meses de treinamento intensivo, ao final, ele receberia carteira de arrais, que o autorizaria a dirigir um veleiro de porte médio. Ela contentou-se com formação para grumete, assim poderia apoiar o marido durante a viagem pelo Mediterrâneo. Frequentar a escola de navegação protegia Ícaro, Cristina constatou, eram seis horas de atividade pesada em sala de aula e com exercícios práticos que o deixavam exaustos. Pelo menos, com esse compromisso, somente ao final da tarde, ele iniciava o lento e progressivo processo de intoxicar-se. À meia-noite, invariavelmente estava derreado, com movimentos descoordenados. Faziam amor quando Ícaro retornava do porto, porque, depois, ele não conseguia sustentar uma ereção duradoura por mais que Cristina o provocasse. Em algumas noites, ela conseguia distraí-lo da bebedeira com o pretexto de desenharem o percurso que fariam quando iniciassem a expedição. Primeiro escolheram a trajetória, navegariam rumo sudeste inicialmente: de Marselha iriam até a Córsega, daí à Sicília e conheceriam todo o sul da Itália, em seguida, desceriam até a Grécia, ilha de Creta e todo a costa grega. Isto levaria de seis a oito meses, calcularam. Depois voltariam



para o litoral espanhol, conheceriam Portugal, o que os ocuparia outros seis meses, depois veriam o que fazer. Durante estas sessões geográficas, Ícaro bebia menos para manter a lucidez. Da eleição do trajeto, passaram a estudar as cartas marinhas, ventos, regiões de tempestades, correntes, baías acolhedoras, portos onde reabastecer e cuidar da manutenção do barco. Gastavam horas em planejamento meticuloso, buscavam aventura, mas pretendiam organizar a viagem com o máximo de profissionalismo. Cristina preocupava-se com a possibilidade de que tendências inconscientes do marido pudessem estar preparando um suicídio em grande estilo. Ela aderira de corpo e alma àquela programação heterodoxa, porém, precavia-se contra riscos desnecessários e buscava evitar que fossem vítimas de algum desastre “natural”. Fizeram um curso sobre comunicação naval: como usar o rádio, códigos e leis marítimas, tudo. Cristina tratou de aperfeiçoar seu francês e espanhol. Aprendeu rudimentos de grego e italiano. Ícaro recuperava sua vitalidade à medida que se sentia seguro para navegar em um veleiro pelo Mediterrâneo.

Em março encontraram o barco de seus sonhos, oitenta mil dólares, entre compra, reparos e suprimentos para um ano embarcados. Depois de três meses de treinamento com seu próprio veleiro, em junho, largaram de Marselha. Ícaro velejou todo o dia, à noite tomou uma garrafa de vodca e dormiu escornado. Cristina recolheu as velas, acionou o motor e passou a noite desvelada, cuidando em manter o trajeto para a ilha de Córsega. Apesar de sua promessa, de que somente embarcariam engradados de vinho, Cristina descobriu uma caixa com uma dúzia de garrafas de vodca sueca. Remexendo na gaveta do armário da cabine onde dormiam, encontrou pacotes e pacotes de maconha.

Na manhã seguinte, Ícaro despertou-se refeito e esteve todo o dia, sóbrio, cuidando do barco. Pela tarde, queimou um baseado enquanto manejava a embarcação. Em seguida abriu uma garrafa de vodca e a esvaziou em pequenos tragos. A mulher reclamou com o marido, assim, ele não aproveitaria a viagem para alterar sua relação com a bebida e com as drogas. No dia seguinte,



navegaram todo o dia sem avistar terra. Repetiu-se o mesmo enredo: ao começo da noite, Ícaro estava bêbado e Cristina viu-se obrigada a assumir o comando outra vez. Finalmente, ao quarto dia avistaram a ilha de Córsega. Ancoraram o veleiro em um remanso a três quilômetros de uma praia aprazível, atrás havia uma ribanceira escarpada onde se notava um vilarejo pequeno. Estavam cercados por barcos de pesca de moradores locais e lanchas e veleiros de turistas. Fazia calor, Ícaro arrancou a blusa e a calça de moletom, enquanto Cristina protestava contra o uso exagerado de vodca, bebida destilada, que o deixava fora de combate e a quantidade exorbitante de maconha, pacotes e pacotes, que ele trouxera, se houvesse uma inspeção. . . em algum momento, em algum país, com certeza, seriam abordados pela polícia, seriam tomados por traficantes, por que correr aquele risco, se. . .

Antes que a esposa concluísse seu sermão, Ícaro saltou da amurada para as águas esverdeadas da enseada. Nadou meia hora e voltou ao barco. Encontrou Cristina amuada, sentada de costas. Ícaro sacudiu-se como um cachorro molhado, cuidando para que gotas de água salpicassem a mulher inconformada. Cristina levantou-se furiosa e despejou sua decepção:

— Pelo amor de Deus, cara! Estamos em pleno mar, nossa principal segurança somos nós mesmos, como irei navegar um ano com um marinheiro drogado, bêbado? Pretendo voltar viva ao Brasil! Merda, Ícaro, o que você quer? Matar-se? Não há destino predeterminado, saia dessa! Eu quero viver, gozar a vida, de preferência ao seu lado, mas, a continuar assim, eu desembarcarei no primeiro porto italiano decente. Volto sozinha para o Brasil, eu. . .

Ícaro não a contestou, apenas levantou a mão indicando que interrompesse o discurso. Temerosa ante a expressão de ódio do marido, Cristina calou-se, abaixou a cabeça confusa, sem saber como convencê-lo do contrário. De repente, Ícaro desapareceu escada abaixo. Voltou com a caixa de vodca sueca e atirou-a pela amurada, gritando selvagem um som alegre. Decidido, meteu-se na cabine outra vez e retornou com um engradado de vinho tinto, novamente jogou-o ao mar enquanto dançava entre a proa e



popa. Prosseguiu com a operação, lançando ao oceano mais quatro outros engradados de vinho.

— Satisfeita, querida? Ah! Lógico que não, me esqueci dos alucinógenos naturais e químicos — disse enquanto descia para a cabine. Voltou em carreira desabalada e jogou fora todos os pacotes de maconha.

— Um crime, querida. Desperdiçar tanta alegria empacotada, mas tudo pela saúde. Tive que fazer isto correndo, sem pensar, senão me arrependeria. Cometi um sacrilégio. Ah! — exclamou já descendo pela escada até o porão do veleiro.

Apareceu com caixas e caixas de medicamentos e tabletes de LSD:

— Estimulantes meu amor, toda classe de anfetaminas e ácidos, bem. . . Ao mar — gritou, atirando os volumes para longe do veleiro. — Argonautas ao natural, querida! Nada além do nosso desejo, de nossa paixão e de nossa própria adrenalina para nos estimular, para nos ajudar a cruzar os momentos de tristeza e de tédio inevitáveis no viver de qualquer cristão. Então, querida, posso contar com sua companhia para o ano todo? Itália, Grécia, Espanha e Portugal, aqui vamos nós! O casal mais feliz do mundo, meu amor — disse, estendendo os braços em direção a Cristina que chorava como um bezerro desmamado.

— Por que está chorando, bobinha?

— De alegria, Ícaro, emoção em cristal puro.

Passaram a noite agarrados um a outro, fizeram amor ao pôr do sol, à meia-noite e de madrugada pouco antes de subirem ao convés para retomar a viagem em direção à Sicília.

No rádio foram informados sobre a possibilidade de tempestades de verão no trajeto rumo ao sul da Itália. Por precaução resolveram costear a ilha de Córsega, conhecer o seu lado oeste. Depois Cristina atribuiria o adiamento da viagem em mar aberto à proteção divina. O dia foi tranquilo, céu limpo, azul, clima ameno, brisa suave. Ao final da tarde, Ícaro, num gesto de menosprezo, mostrou-lhe como tremiam suas mãos. Ao começo da noite, fundearam no porto de Ajaccio, capital da ilha. Ícaro cruzou a



noite insone, agitado, caminhando todo o tempo pelo convés. Cristina cochilou encostada ao mastro, decidira não perder o marido de vista. Fora um erro pararem perto da cidade, Ícaro poderia desesperar-se e procurar bebida no porto. Na manhã seguinte, prosseguiriam com a exploração da ilha.

Às primeiras luzes da manhã, Cristina despertou assustada. Ícaro estava debruçado olhando com concentração a água do mar. Parecia dançar sem sair do lugar, esfregava uma perna contra outra e resmungava uma litania sem sentido.

— O que foi querido, vontade de fazer xixi? Por que não desce ao banheiro?

— Não mulher, fissura, fissura pura — respondeu com os dentes cerrados, assobiando entre uma palavra e outra. — Por favor, manobre o barco para longe do porto. Você não imagina o esforço que estou fazendo para não saltar na água e nadar até o primeiro boteco que encontrar para encher a cara com qualquer coisa decente: cerveja, conhaque, o diabo, tomei uns três litros de água durante a noite, tenho meio oceano dentro de meu estômago. Vamos embora, querida. A uns dez quilômetros daqui há uma enseada tranquila, selvagem, preservada, nada de bares, turismo. . . Vamos, meu amor, pelo amor de Deus.

— Ícaro, meu amor — disse Cristina, levantando-se e abraçando-o —, eu não conseguirei manobrar o barco nesse labirinto, por favor! Lave o rosto, tome um banho, preciso de sua ajuda, sozinha eu não darei conta sozinha!

— Tudo bem, procure um tranquilizante, um analgésico na cabine. Algo que me acalme, por favor.

Cristina desceu a escada em caracol com o coração na boca. Remexeu o armário com uma cruz vermelha desenhada na porta e nada. Revirou as gavetas abaixo e nada. No ímpeto de livrar-se das drogas, Ícaro atirara todos os medicamentos ao mar. Tudo, inclusive as cartelas de anticoncepcionais constatou preocupada. Esteve indecisa um minuto, pensou em desembarcar para comprar anticoncepcional, analgésicos, tranquilizantes, caso conseguisse algum sem receita médica, até os tubos de protetor solar foram



jogados fora, o maluco do marido, não respeitara nada. Pensou em deixá-lo no barco, deitado quem sabe. Quando subiu ao convés deparou-se com Ícaro correndo em torno do mastro como se estivesse preparando-se para uma olimpíada:

— Querida do coração, está simplesmente foda, foda! Cadê o remédio?

— Amor, você jogou tudo fora, além da anfetamina, perdemos todo o resto, pensei em desembarcar, fazer umas compras, enquanto você tira uma soneca, vamos deitar, arrumei a cama, lençóis novos, cheirosos, branquinhos.

— Cris, ligue o motor, vamos sair daqui agora, não responderei por mim durante a próxima meia-hora. Vamos, ligue o motor, eu manobro o barco, com isso me distrairei, vamos — gritou em uma tonalidade autoritária que nunca havia usada para dirigir-se à sua companheira.

Cristina relevou a ofensa e correu para ligar o motor. Tardaram uma hora para manobrar até a saída do porto, normalmente, ele teria largado em quinze minutos. A concentração em dirigir o barco acalmou os sintomas de abstinência do dependente químico, observou Cristina, ao constatar preocupada o quanto Ícaro afundara no vício. Seu marido estava doente e haviam adotado um método de tratamento radical, abstenção total de álcool e de outras drogas, sem apoio de profissionais, nenhum médico, psicólogo, e, mais grave, em um ambiente inapropriado, ou seja, em pleno mar, em um barco com menos de trinta metros quadrados de espaço livre para circularem.

Navegaram até a enseada ao norte de Ajaccio sem ocorrência grave. O marido comportou-se bem ainda que praguejasse todo o tempo como se representasse a caricatura exagerada de um pirata mal-humorado. Que extravasasse sua agonia de alguma forma, pensou, a terapeuta improvisada, ela deveria estimulá-lo a falar, discursar, cantar, gritar e a movimentar-se, fazer coisas, coisas. Não imaginava como poderia ocupá-lo quando ancorassem na enseada paradisíaca, que ironia, avaliou, seu amado e ela, depois de vencerem mil peripécias e conseguirem ficar juntos, mal



aproveitavam a companhia um do outro; a vida deles fora uma odisseia: sereias inimigas haviam encantado seu amado, foram perseguidos por tiranos, a distância interposta entre eles como uma maldição, conspiração e traição de supostos amigos, pois bem, superaram todos esses obstáculos e construíram uma vida comum, e, agora, quando se imaginavam em paz, na sua Ítaca, um barco lindo, deles, em uma paisagem esplendorosa, com um tempo maravilhoso, verão, calor, brisa suave, cercados por turistas gentis e polidos, pois bem, apesar de todas estas benesses, eles viviam em agonia, algo inesperado, impensado, como se Ícaro estivesse internado em um hospital vazio, sem enfermeiros e pacientes, com uma doença grave, que ela não sabia como lidar: a ironia do destino outra vez, sorriu de sua própria ingenuidade, do seu romantismo, quando julgara que o pior de sua história havia sido ultrapassado, então. . .

De fato, a agonia apenas começara. Com o barco ancorado, Ícaro atirou-se ao piso, contraindo-se como um feto. Cristina abraçou-o, ele tremia apesar do calor. Ela acariciava-o suave, convidou-o para nadarem um pouco, água cristalina, estimulou-o. Ele perdera contato com as palavras, não a ouvia, não respondia aos seus apelos. Cristina percebeu que ainda reagia ao toque, corpo contra corpo, somente assim ela poderia apoiá-lo a cruzar aquele deserto, pensou. Ao final, ele voltaria a si mesmo, consolava-se. Assustou-se quando percebeu seus tremores transformando-se em convulsões, espuma branca escorria pela boca do marido, ele babava, babava como um bebê, com se estivesse despertando de uma crise epilética. O mais grave viria a seguir, constatou, depois da sucessão de espasmos, ele desfaleceu. Desesperada, Cristina beijou-lhe a boca com sofreguidão, foi como se fizesse respiração boca a boca em um ser sem consciência, em coma, sentiu, não havia reação ativa, ainda que ele não impedisse seus gestos. Abriu-lhe a camisa molhada de suor e limpou-o com uma toalha em movimentos lentos e suaves. O homem acalmou-se. A enfermeira zelosa pensou em hidratá-lo. Com muito esforço empurrou-o para a sombra, o sol queimava. Correu até a cozinha para preparar um



chá, a água demorava a ferver. Impaciente encheu um copo com coca-cola, serviria o refrigerante, abriu uma concessão em seu naturalismo radical, nunca se imaginara administrando coca-cola a alguém, particularmente, a um enfermo, no desespero, entretanto, valia quase tudo. Ícaro aceitou o líquido, bebeu o copo com sofreguidão, sem abrir os olhos, sem dizer nada. Pareceu acalmar-se. Dormiu meia-hora, a mulher aproveitou para preparar o chá, ela administrá-lo-ia em pequenas porções, quando o marido acordasse. De repente, sem aviso, voltaram-lhe as contrações musculares. Ícaro sacudia-se e resmungava um cantochão lamuriento, dolorido, que enchiam os olhos de Cristina de água, aquele lamento cortava-lhe o coração, tanto que o abraçou, acariciando-lhe o corpo, notou-lhe uma ereção, com a mão livre se pôs a masturbá-lo até quando percebeu líquido em sua mão que segurava um membro já adormecido. . . O homem voltou a relaxar, sua musculatura pareceu soltar-se. Dormiu outra hora, acordou chorando, Cristina ministrou-lhe goles de chá verde. Em quinze minutos, ele vomitou bile em jato sobre Cristina e sobre seu próprio colo. Ela lavou-o com uma toalha úmida, estava nisto quando ele abraçou-a, outra ereção, desta feita, a mulher que o cuidava, tratou de dirigir-lhe o pinto duro para que a penetrasse, transaram suave, em movimentos lentos, quase em câmara lenta. Assim permaneceram durante dias, Cristina acalmava-o com sexo, com carinho e mantinha-o vivo com líquido, qualquer um que ele aceitasse: ora, água; ora, chá; ora, refrigerantes. A certa altura, em certa feita, quando seu marido a penetrava, lembrou-se de que não usava anticoncepcional há mais de uma semana. Deu com os ombros e abraçou-o com ternura ainda mais aconchegante. Ao cabo do décimo dia, conseguiu meter Ícaro no banheiro, lavou-o com desvelo e vagar. Fizeram amor na cama de casal e ele dormiu doze horas seguidas. Acordou pedindo comida, Cristina deu-lhe uma sopa com pão natural. Dormiu outras dez horas.

Deu-se assim um lento processo de reabilitação com base no amor e no isolamento do mundo, pensou Cristina, recordando-se de toda a acirrada polêmica entre os profissionais de saúde sobre



modelos terapêuticos adequados para tratar dependentes. Eles estavam encontrando um caminho, acreditava, que, pelo menos para Ícaro, parecia funcionar. À medida que diminuía os sintomas de abstinência, Cristina tratou de ocupar o tempo que Ícaro passava acordado com algo mais além de fazerem amor. Assim, encarregou-o de lavar o banheiro do barco:

— Ícaro, lave a privada patente, está com um cheiro insuportável de urina, parece banheiro de república de homens, vamos — disse, passando-lhe balde, vassoura e desinfetante.

O homem obedeceu-a e gastou horas limpando e polindo tudo. Ao final, convocou a mulher para que admirasse sua obra. Ícaro tornou-se obsessivo com a limpeza do barco, gastava hora polindo e reparando pequenos desarranjos no motor, nas velas, na cozinha. Quando não tinha o que fazer, meditava. Cristina observava-o admirada, ele imobilizava-se durante horas na posição de lótus. Certa feita, quando ele finalmente moveu-se e começou uma sessão de alongamento, ela perguntou-lhe:

— Duas horas de meditação, em que você pensa durante todo esse tempo?

— Em nada, em nada. Aprendi a esvaziar minha cabeça de tudo, é reconfortante. Pena que o Tristão não esteja aqui pra ver o resultado do método de meditação oriental. Ele acredita que meditar é equivalente a fazer exame de consciência. Coisa racional. O cara termina a meditação, mais cansado do que quando começou.

Ícaro recuperou o bom humor. Cristina adquirira um moreno forte, que contrastava com o loiro queimado de seus cabelos. Ícaro estava magro, musculatura desenhada pelo exercício, seus olhos verdes brilhavam sem a contribuição de estimulantes químicos. Cristina ostentava uma barriga que crescia a olhos vistos. Resolveram que o filho nasceria em alguma cidade da Espanha, de preferência em Barcelona. A bolsa rompeu mar aberto, Ícaro desesperou-se com as contrações cada vez menos espaçadas da mulher, temeu acudir a um parto no balancear do tombo do barco. Uma hora depois, desembarcou em Barcelona, carregando nos braços a mulher que gemia e sorria, enquanto ele gritava em um

portunhol estropiado que necessitava de um hospital para “*una embarazada*”.

— *Não gostei nem um pouco do primeiro capítulo — gritou-me o Espírito, com uma voz esganiçada, ferindo minha sensibilidade de escritor inseguro.*

Levei um susto, não esperava interrupção, custara-me esforço começar a escrever; assim, exclamei:

— *Santa Piedade, dê-me paciência! O senhor poderia esperar o momento apropriado para sua entrada, logo em seguida iria apresentá-lo.*

— *Não foi isso o que lhe ditei. Em absoluto, de forma nenhuma.*

— *Veja, caro Espírito, eu, ao contrário, estou orgulhoso dessa pequena jóia, Cristina e Ícaro no museu, Lacan gagá, pareceu-me. . . Estive horas bloqueado, sentado, olhando para o anteontem, sem conseguir escrever uma linha. Assentado na escrivaninha, abri um caderno novo. A folha em branco incomodou-me com sua singeleza. Tentei o computador, observar a tela cintilante durante horas teve efeito ainda mais negativo. Quando estava por desistir, abriu-me o cérebro e antevi a história que deveria narrar. Então a coisa funcionou, escrita automática, o texto saiu com facilidade. Lógico, resolvi eliminar a maioria de suas digressões. Caso me submetesse ao seu plano original transcreveria um ensaio filosófico e não um texto literário. Até confesso, que meu primeiro impulso foi apagar toda a informação que o senhor havia enfiado em minha mente. Resolvi atirar a sua trama ao lixo. O seu texto é tão barroco, tão descabelado que acreditei que algum louco logorreico possuía-me. Fui dominado por uma fúria narrativa e, enfim, consegui me rebelar contra seu domínio. Livre de sua influência, escrevi o que me vinha à telha!*

Bem, melhor explicar esta súbita interrupção na narrativa: tudo começou. . .

— *Como? “Tudo começou”? Que exagero. Havia vida inteligente antes de o senhor escritor sentar-se em sua escrivaninha!*



Eu me esquecera de que o Espírito ouvia meus pensamentos! Assim, argumentei:

— Bem, pensei em apresentá-lo aos leitores. Poderia ser?

— Claro, esteja à vontade.

— Certo Espírito de Época — o mesmo que me vem interrompendo a cada instante quando tento dar conta do romance que devo escrever —, certo dia, enquanto caminhava pelo Parque Ecológico, o tal Espírito encarnou em minha consciência. Eu estava distraído, apenas buscava reencontrar a jovialidade, um atributo que me escapa a cada dia com mais e mais rapidez, que me escapa a despeito de todo meu esforço para viver uma vida saudável, pois bem, naquela ocasião, desarmado, não atinei com a maneira insidiosa como o tal Espírito se apossava do espaço livre que ainda restava em meu cérebro. Uma vez instalado, ele esclareceu-me as regras que ordenariam nosso relacionamento:

— Você deverá escrever um romance de época, os episódios eu lhe ditarei. Tenho dúvida apenas quanto à escolha do idioma. Um primo nórdico assoprou-me que o português seria quase um dialeto, uma linguagem estranha e desconhecida para a maioria dos seres humanos. De qualquer modo, o que fazer se tenho raízes no Brasil? Nasci quando. . .

Desde então, passei a receber imensos arquivos sobre a conformação de alguns supostos heróis do século XX, figuras que sobreviveram ao seu tempo e cruzaram ao terceiro milênio. Deveria escrever um romance, comandava com insistência aquela voz do além. Sim, um romance!

— Espírito — conclamei-o —, como escrever um romance, uma saga? Afinal, não sou artista — desabafei desanimado.

— Falsa modéstia é uma péssima maneira para se iniciar uma história. Um modo seguro para perder leitores, começar confessando a própria insegurança! Invente outra deixa. Vá direto ao assunto — berrou meu Espírito em um tom brusco —, evite circunlóquios. Indecisão somente evidencia desconfiança em sua própria capacidade. Limite-se a decodificar minhas mensagens, tenho um pensamento claro e sintético.






— *Se sou inseguro, no seu caso, a modéstia passou longe, meu caro! Não pretendo servir-lhe de escrivão. Ainda que não seja fácil transliterar um relato que me chega por via tão pouco ortodoxa, pretendo. . .*

— *O quê? “Trans” o quê? Não admitirei excessos interpretativos. Preferi adiar a polêmica com aquele ser misterioso. Sim, esclareço, de fato, eu recebera quilômetros de mensagens transmitidas do além e não pretendia apenas reproduzi-las ao pé da letra. Bem! Mais ou menos, isso. Melhor explicar tudo com detalhes. Afinal, “além” é um conceito vago. Dei-me conta que desenvolvera uma capacidade especial para comunicar-me com meu Espírito de Época. De fato, um dos espíritos de meu tempo passara a transmitir-me, de maneira sistemática e insistente, um extenso relato supostamente épico. O Espírito que me possuía pretendia escrever um romance a quatro mãos. Ou melhor, apenas com as minhas, já que os espíritos não têm corpo. A depender da vontade dele, eu faria o trabalho mecânico e ele, o criativo.*



Confesso que me encantei com a história, tinha sabor, mistério e. . . Entretanto, vinha encontrando dificuldade em aproveitar o material em decorrência do caráter evanescente das transmissões. Os espíritos não escrevem textos nem deixam gravar sua voz. Em realidade, nunca avistei meu Espírito. Ele se comunica comigo por meio telepático, influencia-me o pensamento obrigando-me a tomar consciência de um enredo que nunca soube nem tomei conhecimento anterior. Entretanto, a confusão é grande porque não há como demarcar o fim do raciocínio do tal Espírito e o início do meu próprio. A aura espiritual mistura-se com meu consciente e é quase indistinguível do meu inconsciente. Nesse particular, então, a mixórdia narrativa é inevitável. Em virtude disso, talvez o conceito de texto vindo do “além” não se aplique. O Espírito de Época está fora e dentro de mim, todo o tempo.

Bem, prossigamos!

Juliana percebeu que Tristão recuperara seu entusiasmo desde quando voltara de Brazlândia. A expulsão da IV Internacional



fizera-lhe bem. Nos últimos meses, ele andara mal-humorado e, à vezes, até sorumbático. Havia se afastado do movimento estudantil e dedicava-se, em tempo integral, ao curso de medicina. O estágio de internato, último ano, ocupava seu tempo. Trabalhava durante todo o dia no Hospital Universitário e tinha plantões duas a três vezes por semana. Aquele isolamento o deprimia, constatara Juliana. Pensando em consolá-lo convenceu-o a alugarem uma pequena quitinete em que poderiam estar mais à vontade. Juliana continuava vivendo com sua mãe. Tristão temia mudar-se com Juliana para algum pequeno apartamento em virtude da desaprovção de sua família. Apesar de receoso, Tristão alugou um pequeno apartamento próximo à Universidade. Em teoria era sua casa, a casa de um quase médico solteiro; na prática, ele e Juliana passaram a viver juntos.



Depois de sua expulsão do partido trotskista, Tristão recuperara sua energia. Dormia pouco, dedicava seu tempo livre para elaborar uma crítica sólida contra a IV Internacional, em geral, e o posadismo, em particular. Encheu páginas e páginas com rabiscos em que contestava, ponto a ponto, as principais teses de seu antigo partido. Recorreu a Lênin, Gramsci, autores nacionais e à sua imaginação para fundamentar seus argumentos, que eram simples: a IV Internacional era um total equívoco político, ético e existencial e o posadismo era uma seita de fanáticos, com comportamento beirando o ridículo. A conclusão era óbvia: todos deveriam abandonar aquele partido e criar uma nova organização democrática, socialista e de massas. Primeiro, exercitou seus argumentos com Lenira e Juliana. Lenira mal ouviu a sugestão para que se afastasse do partido em que havia recém ingressado e saiu batendo a porta sem esboçar um único contra-argumento. Juliana foi mais receptiva, convenceu-se sem muita discussão, até porque Facundo e companhia descriminavam-na e também porque desvalorizava o maneirismo teórico, era uma mulher pragmática e entediava-se com elucubrações intermináveis sobre os prováveis caminhos da revolução brasileira. Contudo, o que a convenceu de fato foi perceber a degradação moral dos dirigentes da IV Internacional,



revoltou-a o culto à personalidade e a implicância do secretariado com o próprio Tristão. Seu namorado narrou-lhe, com traços fortes e exagerados, os acontecimentos esdrúxulos que presenciara no congresso internacional de trotskistas em Brazlândia. Juliana indignou-se, particularmente, contra Darwin e contra a decisão irresponsável de enviar seu amado para o martírio gratuito. Ao final, ela perguntou:


— Tristão, mas o que faremos sem um partido?

— Há vários grupos que criticam o stalinismo e defendem a unidade das forças de esquerda. Católicos, eurocomunistas, socialistas, ex-guerrilheiros, pensei em procurá-los, negociar uma aproximação, temos dezenas de militantes valorosos. Nosso preço seria. . .

— Nosso? De quem, cara-pálida? — reagiu Juliana. — O senhor gastou o último ano recrutando gente para a IV Internacional, nossos amigos não tiveram oportunidade para constatar o comportamento aberrante dos chefes do trotskismo e para certificar-se dos equívocos que você relatou. As pessoas não são zíper Tristão, que alguém, ainda que inteligente e carismático como você, possa abrir e fechar a seu bel-prazer. Depois do que ouvi hoje, estou com nojo desse povo, do Facundo e companhia, mas Marciano, Lenira, os meninos, ah, não! Não será nada simples demovê-los de um caminho que recém abraçaram, haverá escândalo, talvez fiquemos isolados, sei não!

— Marciano continuará no partido, o idiota recebeu a incumbência de passar à clandestinidade, transferiram-no para Porto Alegre, pode uma estupidez dessas? Alguém escolher isolar-se de tudo e de todos, viver nas catacumbas! Por isto o Facundo é tão misterioso, não é um problema de personalidade como acreditávamos, não! É uma orientação política! É um bando de paranoicos. Com Lenira tampouco será simples, imagina-me um traidor pequeno-burguês ou algo pelo estilo. Mas insistirei, quem sabe você tenha mais sorte com ela, quanto aos outros, sinto-me obrigado a tentar, afinal, eu os empurrei para dentro dessa canoa furada.

Para dar concretude a suas teses, Tristão passou imediatamente à prática: agendou encontros com seus pupilos e usou seu pres-



tígio como líder estudantil para estabelecer contato com militantes que apostavam na criação de um partido de novo tipo. Tristão era querido entre os estudantes, assim, não lhe foi difícil convidá-los para grupos de estudo e, com o tempo, convencê-los a abandonar o trotskismo. Depois de haver intermediado o ingresso de umas vinte pessoas no agrupamento, ele retornara de Brazlândia, naquele julho frio, disposto a desfazer tudo que fizera ao longo daquele ano. Para complicar seu isolamento, várias pessoas da oposição evitavam-no, não confiavam nele. Afinal, ele criticara-os acidamente pelo excesso de cuidado com que manejavam a política e debochara de sua covardia. Na prática, comunistas, socialistas e vários independentes haviam se oposto às ações públicas que eles haviam organizado no movimento estudantil durante o auge da repressão à esquerda. Eles consideravam Matias e Tristão provocadores que contribuiriam para estimular reações violentas da ditadura. Sua principal e única estratégia era fingir-se de morto até que a ditadura apodrecesse, criticava-os Tristão ante cada atitude defensiva. Apesar do passado de confronto, tentou articular-se com alguns líderes da oposição democrática, mas eles fugiam dele como o diabo da cruz.

Como se fosse uma Penélope da política, Tristão gastou meses em desfazer a rede que tecera no último ano. Obcecava-o a tarefa de convencer, a cada um dos estudantes que recrutara, a abandonar a IV Internacional sem desistir da luta política. Em geral, a maioria dos novatos acatou suas ponderações, tinham-lhe confiança e juntaram-se a Juliana na criação de uma tendência nova no movimento estudantil denominada Unidade e Luta. Haviam se dado conta da fanfarronice e vacuidade dos argumentos esquerdistas.

Enquanto Tristão atuava nos bastidores, Juliana encarregou-se dos contatos de massa. Seu dinamismo e a facilidade que tinha para comunicar-se e para aglutinar pessoas projetaram-na como liderança estudantil. O movimento recuperava seu fôlego, a luta pela constituinte e pela anistia contaminara os estudantes que passaram a exigir o fim da intervenção militar na Universidade da Capital. Em poucos meses, Juliana resvalou para um ativismo



desvairado, não tinha outro assunto e outro que fazer que não a política. Quase não tinha tempo livre para estar com Tristão, raramente faziam sexo e quando se viam gastavam os minutos escassos em acaloradas discussões sobre táticas políticas. Tristão tentando inculcar-lhe as velhas e sofisticadas estratégias criadas por Matias, mas sua namorada dava-lhe pouca atenção, estava bem mais interessada em politizar o movimento estudantil para conectá-lo à luta contra a ditadura. Juliana descobria-se querida, respeitada e aquele reconhecimento fazia-lhe um grande bem, sentia-se valorizada; reconheceu-se uma pessoa com habilidades insuspeitas e encontrou um significado para sua vida naquela labuta contra a injustiça e o autoritarismo.

Seu entusiasmo arrefeceu, quando percebeu Tristão com ciúme. Das discordâncias políticas, ele passou a atormentá-la com críticas insistentes e ferinas contra seus colegas do sexo masculino. Era injusto com todo homem que se aproximasse de Juliana, fazia comentários desfavoráveis sobre a aparência, opiniões e, inclusive, levantava suspeitas sobre a conduta ética desses seus supostos rivais. Causava-lhe particular incômodo um arquiteto, Rodrigo Maia, um rapaz bem-apegoado, de família tradicional, a mãe era escritora, o pai um dos advogados mais famosos da república, e que se transformara em sombra de Juliana. Passavam o dia juntos, o rapaz acompanhava-a ao cinema, a espetáculos teatrais e, com frequência, ele a entregava, em geral, tarde da noite, a um Tristão que os observava indignado da janela de seu quarto. Juliana frequentava a mansão da família Maia com regularidade, almoçava, jantava, usava a piscina e até dormia por lá quando Tristão estava de plantão. A senhora Maia, feminista, intelectual, porém mãe coruja, encantara-se com aquela moça e fazia de tudo para atraí-la, nitidamente pretendia casá-la com seu filho. Juliana considerava tudo aquilo absolutamente natural, amizade, repetia incansável para seu noivo após cada crise de ciúme do rapaz.

Com o tempo, Tristão passou a exigir que Juliana não se encontrasse com o arquiteto gentil sob nenhum pretexto e em nenhuma circunstância. Apesar do seu temperamento explosivo, na



presença de Tristão, Juliana se controlava. Escutava-o com uma paciência terna, quase comovida por descobrir, e imediatamente perdoar, fraquezas e incoerências em seu homem, que se apresentava como um monumento de racionalidade e humanismo. Tristão procedia como se fosse uma fortaleza de granito, ainda que não o fosse em absoluto.

Para agravar o quadro, Tristão atentou para a existência de outro rival ainda mais insidioso, contra quem, de fato, dirigiu suas baterias: Mário de Freitas, aluno da biologia, fora outro que se incorporara à guarda pretoriana de Juliana e seguia-a por onde andasse.

— Falta meter-se em nossa cama — explodiu Tristão certa madrugada.

— Ah! Quem diria? Um intelectual orgânico pelando-se de ciúmes! Você nunca deixou o machismo de lado, não?

— Não fuja do assunto. Tudo bem. . . Nunca neguei minha origem, minha cidade, meu passado! Independente disto. . . Poderemos discutir meu suposto machismo em outra ocasião. O tema em debate agora é nossa vida a dois. Nunca combinamos uma relação aberta, ou foi esse o acerto? Então estou em prejuízo, porque, desde que estamos juntos, eu nunca. . .

— Não seja paranoico, Tristão! Eu não transei com ninguém, sequer tive a intenção, eu. . .

— Tudo bem, o Rodrigo e o Mário, com certeza, têm outra opinião. Com certeza, eles estão atrás de você para levá-la para a cama. Se é que ainda não houve nada, todo mundo imagina o contrário, Juliana! Somente o idiota aqui continua inocente, dando uma de otário. O Mário é um Don Juan, companheiro de galinagem do Ícaro, eu conheço o estilo dele, não perdoa donzela desavisada e ele baba, baba, pela senhora. O doce Rodrigo tem intenções mais sérias, ele a cultiva para esposa e bem que a senhora aceita a corte dele, não? Quem vive na mansão dos Maias aproveitando-se do bem-bom? Quem? Eles a consideram parte da família, até escova de dente já providenciaram pra senhora, pelo amor de Deus! Assim não será possível. Basta!



— Tristão não aconteceu nada, nada! Eu sou assim, dada a convivência social. Sempre fui assim, ermitão é você, eu gosto da companhia das pessoas e não dos livros. Somos diferentes, você misantropo, eu sociável. Teremos que acertar nossos ponteiros, senão. . .

— Eu admiro sua facilidade para conviver com outros, seu prazer em viver em sociedade. Sei que me falta esse dom, tudo bem! Entretanto, nem em nome da boa convivência, da sociabilidade, de nada, estou a fim de dividir minha mulher com outros, sinto muito, eu. . .

— Tristão, me escute, por favor! Eu não dormi com ninguém, ninguém! O Rodrigo nunca, nunca me fez nenhuma proposta, nenhuma. . .

— E o Mário?

— O Mário? Bem, se você quer mesmo saber! Ele me canta todos os dias, e não sou de ferro, o interesse dele me lisonjeia, é ótimo saber-se querida, desejada, qual o problema? Para ele é uma aberração duas pessoas com tesão não terminarem na cama. Ele não se conforma com minha fidelidade, diz que sou uma babaca, freira, tonta.

Tristão empalideceu, sentiu uma vertigem e assentou-se na cama. Juliana percebeu que ultrapassara o limite de segurança, se continuasse naquela linha terminariam naquele momento. Assim, mudou de estratégia.

— Tristão, vamos ao que interessa: eu te amo! Você me ama?

— Sim — respondeu em um murmúrio quase inaudível.

— Sim, o quê? — gritou-lhe Juliana.

— Sim, eu te amo.

— Ah! Há quanto tempo o senhor não me diz essa frase decisiva? Há quanto tempo o senhor não me faz um carinho sincero? Cada movimento seu é um ato burocrático, sem paixão. Eu. . .

— Juliana — levantou-se Tristão, abraçando-a —, essa crise de ciúmes acontece porque estou desesperado ante a iminência de perdê-la, a continuar assim não teremos futuro juntos, alguma dúvida? Não dê uma de inocente, a senhora, de fato, ainda que no



inconsciente, está calmamente fazendo uma escolha: com quem se casará dona Baratinha? Com o arquiteto elegante, suave e rico, e a sua vida estará resolvida, o cara é filho único; ou com o biólogo gostoso, mas aventureiro, será um caso tórrido que acabará quando ele trazer mais duas mulheres pra dentro de casa; ou com o militante encucado, atrapalhado e distraído? Somente gostaria que não nos enganássemos, estamos vivendo um impasse, melhor agora do que daqui a não sei quanto anos, você tem todo o direito de fazer comparações e de pensar sobre nosso caso, somente não engane a si mesma e a mim.

— Ah! Então é por aí que vai a nossa conversa, tudo bem! E o senhor e a Lenira? Tanto empenho em convencê-la a seguir o caminho do bem, a abandonar a IV, horas e horas de leitura, tome Lênin e Gramsci, e, entre um parágrafo e outro, ela alisa seu braço, escorre o pezinho pela sua canela e o senhor não desgruda o olho dos peitinhos dela, e aí? Quantas vezes vocês já transaram entre um texto marxista e outro?

Tristão sorriu desarmado, não se dera conta de que a tensão sensual entre Lenira e ele fosse perceptível para terceiros, assim admitiu:

— Nunca fui às vias de fato com Lenira.

— Tristão, Tristão! Vias de fato significa violência, fazer sexo não é violentar outro, nem sempre. Pelo amor de Deus, homem!

— Nunca transei com Lenira, estivemos próximos uma vez, há muitos anos, quando ainda não estávamos juntos. Eu. . .

— Tristão, sejamos sinceros! Nosso relacionamento chegou a um impasse. O senhor está inseguro quanto a meu comportamento, por sua vez, não me sinto querida, o modo como você se defende de mim, como se eu fosse invadir sua vida, como seu fosse sua finada mãe, não! Basta! Tenho uma proposta: vamos alugar um apartamento de verdade e vivermos juntos. Não tem cabimento, a essa altura do campeonato, eu ainda, oficialmente, morando com minha família e você fingindo-se de solteiro para agradar a quem não sabe nada sobre sua vida!

— Como?



— Sim, vamos juntar os trapos, viver como marido e mulher. . . Meu amor, então?

— Sim. . . Eu também quero algo assim, não suporto mais ter que armar um plano estratégico cada vez que queremos estar sozinhos para fazer amor, não. O problema é minha família, eu. . .

— O que tem sua família? Há quanto tempo eles não aparecem?

— De fato, eles nunca me visitaram aqui na Capital. Dona Potestade uma vez. . .

— É, sei. Ela queria levá-lo de volta para o chiqueirinho da mamãe.

— Sim. . . É que pensei. . . Talvez fosse melhor se nos casássemos de verdade.

— Como assim, de verdade?

— Papel passado, no civil! Em um mês, menos, prontaremos a papelada. Uma cerimônia simples, convidaremos alguns amigos, o Marciano poderia ser testemunha, padrinho. Será melhor, meu pai e minhas irmãs farão um escândalo se. . .

— Tristão, eu até aceito o casamento civil, facilitará nossa vida, filhos, etc. Sem problema, eu convidarei o Rodrigo Maia e a mãe como padrinhos, pelo menos assim ganharemos algum presente decente. O Rodrigo, Tristão, me ama, muito! Porém, como amiga, querido! Ele é homossexual assumido, somente não faz escândalo de sua condição em respeito aos pais, a quem ele quer muito. Tudo bem, idiota! Organizemos o bendito casamento, será uma festa! Não se preocupe com sua família, qualquer coisa que fizermos os desagradará. Depois, ao final do ano teremos nosso canudo e nos mudaremos para Brazlândia, estou com o saco cheio de viver nessa cidade de plástico, você terá a bolsa de residência, eu arrumarei algo, algum emprego em Brazlândia, o que lhe aprouver eu topo; desde que para nossa felicidade, estarei ao seu lado!

— Por que você não me disse antes?

— O quê?

— Sobre o Rodrigo!




— Para lhe atijar um pouco de ciúme, quem sabe o sofrimento aumentasse sua libido, pensei.

Conforme o previsto, dois meses depois, Juliana Saboia e Tristão de Oliveira casaram-se em uma manhã comum de um dia ordinário. Havia poucos convidados: Lenira, Marciano, Ícaro, Ângela com a barriga imensa, o arquiteto Rodrigo e seus pais, dona Rosenda, mãe de Juliana, e outros amigos. Doutor Augusto de Oliveira, pai do noivo, apareceu no cartório. Era o único, além do juiz de paz, que ostentava terno e gravata. Todos os demais se vestiam de modo informal. Juliana observou, antes da cerimônia, quando doutor Augusto acercou-se de Tristão. O pai murmurou ao ouvido do filho durante um tempo longo, cinco minutos. A expressão risonha de Tristão foi se transmutando em um esgar de dor. Apesar do ar de sofrimento, o rapaz se manteve impassível, somente ouvindo o que lhe segredava o pai. Doutor Augusto falava próximo ao ouvido de Tristão, o filho contemplava o horizonte. Ao meio do sermão, Juliana percebeu lágrimas escorrendo pelo rosto do seu futuro marido, ele não as enxugou, permaneceu ereto, ouvindo o discurso que lhe amargurava a alma, fantasiou a futura esposa condoída com a dor do marido. “Por que” — se perguntava — “os Oliveiras tinham aquele hábito de maltratar-se, por que não suportavam a alegria, por que padeciam da compulsão de estragar a festa alheia?”

Não houve festividades, ao meio-dia, após a curta cerimônia, todos, exceto doutor Augusto que alegou compromisso, almoçaram pizza em um choparia vizinha ao Fórum. Tristão e Juliana tiveram sua lua de mel, naquela mesma tarde, na sala vazia do novo apartamento que haviam alugado.

Ao final do segundo semestre daquele ano, o movimento estudantil ganhou ímpeto e explodiu. A luta pela anistia, pela democracia e pela defesa da universidade pública estimulou milhares de jovens a voltarem à rua. As entidades estudantis, fechadas pela ditadura, eram reorganizadas. Na Capital, a intervenção militar na reitoria acrescentou tempero apimentado à rebelião. Em outubro, decretou-se uma greve geral em defesa da Universidade



e pelo fim da intervenção militar, os estudantes reivindicavam eleição direta para reitor e para diretores das faculdades e institutos. O capitão de mar e guerra reagiu como se a ditadura não houvesse entrado em um processo de negociação com a oposição, denominado de “distensão lenta, gradual e segura” pelos próprios comandantes militares. Aquele interventor pertencia à linha dura e aproveitou-se do conflito para reintroduzir velhas táticas repressivas: articulou-se com órgãos de segurança da Capital e ordenou a prisão das lideranças; além disso, utilizou o discricionário Decreto-Lei 477 para expulsar quarenta e tantos dirigentes estudantis.

Tristão assistia impotente à escalada de radicalização, ele defendia uma suspensão das hostilidades, porém, a cada expulsão de algum aluno, o movimento reafirmava a continuidade da greve e organizava grandes manifestações de massa. Professores, intelectuais e políticos da oposição apoiavam os estudantes. Mas o interventor e seus aliados policiais atuavam de maneira brutal, sempre ampliando a repressão. Não demonstravam nenhuma disposição de diálogo ou de negociação. Alegavam que a massa estudantil estaria sendo manipulada por políticos profissionais, militantes do partido comunista e agrupamentos guerrilheiros. O reitor manobrava para ligar os protestos na Capital a partidos clandestinos, justificando as prisões com o argumento de que se tratava de gente subversiva, “*feroz e nociva ao bem-estar comum*”.

Tristão argumentava com Juliana e outros sobre a conveniência em escaparem daquele confronto: o regime agonizava, entretanto, um núcleo duro aproveitava-se para desmoralizar o processo de democratização, em sua opinião deveriam suspender a greve, manter a mobilização, escapando do massacre que lhes seria imposto pelos últimos espasmos truculentos da ditadura. Toda sua ponderação era vã. As assembleias reuniam dois a três mil jovens, cada vez mais obcecados em derrotar os representantes da ditadura dentro da Universidade. Em consequência, as forças de segurança endureceram desencadeando uma série de prisões dos dirigentes estudantis, que eram levados à polícia federal e, em seguida, sumariamente expulsos da Universidade.



Juliana escapou da prisão por um triz, um lance de sorte. Quando Tristão voltava para casa, depois de uma jornada estafante no hospital, ele se deu conta de que o apartamento onde viviam estava cercado, correu para a casa de sua sogra, onde Juliana fora jantar e chegou ao local alguns minutos antes das viaturas da polícia. Outros não tiveram a mesma sorte e permaneceram encarcerados durante vários dias. Nenhuma das prisões redundou em processo, o objetivo era desmoralizar e atemorizar a massa revoltada. Contudo, o reitor radical aproveitou-se para expulsar um magote de lideranças. Juliana e dois outros ainda se safaram porque a punição os atingiu um mês antes da formatura e os professores, por solidariedade, deram-lhe as notas necessárias para a conclusão dos cursos.

Quando tudo se amainou, Tristão e Juliana mudaram-se para Brazlândia, o ciclo na Capital se esgotara. Alugaram uma casa no centro da cidade e transformaram-na em albergue para as vítimas da repressão. Alguns entre os punidos com prisão e expulsão aproveitaram-se da hospedagem e da acolhida enquanto reorganizavam suas vidas, a maioria foi obrigada a realizar novos exames de vestibular em universidades espalhadas pelo país. Tristão sentia-se culpado pelo desastre, dilacerava-lhe o coração perceber o sofrimento daqueles companheiros. Juliana criticava-o, em parte para confortá-lo, em outra para que deixasse de infantilizar adultos, cada um daqueles jovens escolhera lutar contra a ditadura apesar dos riscos implícitos àquela trajetória, insistia com o marido. O próprio Tristão havia passado por experiência semelhante, alegava Juliana. Ao assumir a responsabilidade pelas punições e pela derrota do movimento, ele encarnava o espírito de dona Potestade que tentara impedir-lhe de fazer suas próprias escolhas existenciais com autonomia.

— *Espírito* — *conclamei. O silêncio prolongado da voz que deveria me orientar na escritura dessa saga me incomodava; sentia falta de suas pontuações ainda quando descabidas. — Por que diabos —*

continuei — nossos heróis imaginam Brazlândia como uma espécie de Meca da revolução? Qual o problema em viver na Capital ou no Rio de Janeiro?

— Em Brazlândia — respondeu-me uma voz cavernosa — estavam os metalúrgicos, o novo sindicalismo, as comunidades eclesiais de base, havia uma aura revolucionária pairando sobre aquela cidade. Aliás, por muitos outros lugares pelo Brasil afora! E isto quando pelo resto do mundo ruía o socialismo real e as bandeiras vermelhas eram queimadas.

— Sim, em Brazlândia nascia uma nova esquerda, um novo sindicalismo, novas lideranças, pelo menos era o que comentavam muitos analistas. O famoso presidente. . . Não foi ele também um produto de sua influência, uma encarnação operária do nosso preclaro Espírito de Época?

— Não. Mais ou menos. Não sei bem como classificá-lo. Ele é um híbrido, tenho um primo, espírito de mesma linhagem, chamado Espírito do Povo, que o habita também. Ele, este meu parente, mais do que eu, constituiu o presidente operário. Quando o presidente proletário se emociona, ou bebe em excesso, nessas ocasiões, se aproxima de mim. Por isso, os conservadores preferem vê-lo sóbrio, racional e pragmático. Meu rebanho tende para o romantismo, para lançar-se em situações difíceis sem cálculo prévio. Bem, de qualquer modo, eu também andei pelos meandros de sua alma. No entanto, ele me evita, esforça-se para controlar minha influência, é um líder muito tinoso. Muito. Um ser humano poderoso.

— É mais fácil controlar-me do que ao presidente operário, não? — perguntei magoado.

— Lógico, claro que sim! Alguma dúvida?

Aquilo feriu minha hombridade e pensar que somente apelara ao meu Espírito preocupado em consolá-lo. O modelo social pelo qual lutava aquele Espírito Fátuo fazia água e afundava na lama. . . e eu preocupado em acalmá-lo! Que se fodesse, então!

— Não seja infantil! — advertiu-me impiedoso, ele lia meus pensamentos, mantínhamos um diálogo desequilibrado. — É óbvio que atravesso uma fase de declínio. Minha sobrevivência está amea-



çada. Entretanto, meu caro, nossos heróis, ao intuírem este fato histórico, minha decadência, trataram de sobreviver sem mim. Inventaram modos para que meu espírito sobrevivesse mesmo quando eu, o Espírito de Época, desaparecesse. Interiorizaram meus valores, minhas concepções e as puseram em prática à revelia do contexto desfavorável. Heróis, meu caro!

— Dialogo com um fantasma? Com um eco do passado? Com o espírito do famoso Espírito de Meia-Oito?

— Meia-Oito é a puta que o pariu! Não me subestime. Continuo atualíssimo, pelo menos como uma memória viva.

— Explique-se — perguntei curioso, sabendo que me arrependeria em seguida, já que aquele Espírito era prolixo, dado a discursos intermináveis.

— Bem, em realidade, a esquerda organizada e os partidos políticos tradicionais não deram contenção à vontade de mudança da molecada que habitou os anos setenta e sessenta. Enquanto estavam na Universidade, o Movimento Estudantil serviu-lhes para que extravasassem a energia reprimida. Como profissionais, restou-lhes adaptar-se ao figurino tradicional. Seguir carreira, cortar o cabelo, meter-se em terno e gravata e criar juízo. Pois bem, não foi isto que Tristão, Marciano, Ícaro e milhares de outros jovens fizeram. Optaram por ir ao encontro dos pobres e desvalidos que viviam nos subúrbios, na zona rural e em pequenas cidades. Fizeram trabalho popular, medicina comunitária ou ação social, diziam; usavam um esotérico jargão ao referirem-se à sua opção profissional. Em realidade, buscavam maneiras concretas para participar da luta por reformas sociais e democráticas fugindo da política tradicional. Com este objetivo compuseram uma mescla absurda entre trabalho profissional clássico, mobilização política e puro messianismo laico. Iam até os pobres armados com um discurso contra a ditadura e em defesa da vida e da justiça social.

— Sempre houve filantropia, pessoas abnegadas, mártires, gente que renunciou à riqueza, às carreiras, aos padrões dominantes de existir! São Francisco e. . .

— Meus discípulos foram diferentes. Eles acreditavam na força das massas. Inspiraram-se em Paulo Freire e em outros teóricos

libertários, inventaram modos inovadores para fazer política. Falavam em conscientização, democracia como valor universal, em participação popular, em controle social do povo sobre o Estado, e, em nome de tudo isto, passaram a conviver com trabalhadores, migrantes, desempregados, enfermos, todo o espectro dos humilhados e ofendidos.

— *O heroísmo deles residia nessa estranha vontade de combinar profissão com militância social?*

— *Em alguma medida, sim. Muitos jovens daquele tempo escolheram sacrificar-se, digamos assim. Abandonaram carreiras promissoras em troca de sentirem-se construindo algo novo. Essa alternativa de unir trabalho com militância mostrou-se mais suportável do que aquela que, alguns anos antes, estimulou jovens da classe média a fantasiarem-se de trabalhadores ou de lúmpens, abandonando seu espaço social de origem. Padres e universitários que largaram tudo para viver como operários ou como profissionais da política. Marciano e Tristão escolheram outro caminho, uma segunda via. A metamorfose individual que presumia a renúncia a si mesmo foi uma recomendação de vários agrupamentos esquerdistas, maoístas, trotskistas, católicos, preocupados em infiltrar quadros revolucionários entre o povo. A modalidade de trabalho profissional junto aos pobres, eleita por Tristão e depois pelas ONGs, era menos artificial, ainda que convivessem com um mundo cindido: de um lado o ambiente plácido e tranquilo de onde provinham; de outro, espaços em que predominava a degradação urbana e toda a sorte de dificuldade social e existencial. Profissionais da saúde, da educação, etc., ao realizar esse movimento em direção à periferia, encontraram-se nesse trajeto com os padres operários, irmãzinhas da libertação, ecologistas e toda uma coorte de progressistas incomodados com o andar habitual da carruagem.*

— *Não foi uma estupidez tudo isto? Uma escolha sem pé nem cabeça, como se vivessem em outra época, como os populistas ou bolcheviques no início do século XX, na Rússia?*

— *Nem tudo deu errado. Primeiro que tiveram uma juventude venturosa, não se esqueça de que estes meninos cresceram ouvindo músicas, assistindo películas e lendo livros que criticavam viver-se em função do dinheiro ou do sucesso. Naquele tempo, a moda era aspirar*



à vida boêmia dos artistas ou dos revolucionários, a juventude daquele tempo abominava a existência pacata e pequeno-burguesa.


— É óbvio que viver em dissonância ao contexto não tem sustentabilidade. Bem, mas isto será assunto de outro volume de nossa saga, não? Poderemos voltar à Brazlândia?

— É que você não expressou com a ênfase necessária o entusiasmo com que nossos heróis se metiam em aventuras, o brilho em seus olhos, a paixão e plenitude com que viviam. Não que escapassem da tristeza, do sofrimento, da decepção e mesmo do fracasso. Não. O que aconteceu foi que conseguiram ludibriar o tédio, o spleen, isto sim. Fugiam do estado de espírito melancólico como o diabo da cruz!

Perplexo, não sabia o que responder nem como retomar a narrativa. De repente, o Espírito me exortou, do etéreo, enquanto gargalhava:

— Desta feita, dou o braço a torcer, os dois quebramos, de fato, o ritmo da narrativa, que tal retomarmos a história?

Em Brazlândia, Juliana e Tristão transformaram-se em monges da política. Ela voltou a trabalhar com estudantes na Universidade de Brazlândia. Tristão era residente de saúde pública durante o dia; à noite, participava do movimento médico e aos fins de semana fazia educação popular entre metalúrgicos, químicos e moradores dos subúrbios de Brazlândia. Frei Tiago havia lhe passado contatos com adeptos da teologia da libertação. Liam dois a três jornais ao dia; andavam para baixo e para cima com livros marxistas ou de autores esquerdistas; comentavam os impasses da política nacional e internacional como se o desdobramento dos fatos dependesse de suas conclusões. Com isto se exaltavam e gastavam horas em discussões intermináveis sobre a estratégia correta a ser adotada pela revolução dos Cravos em Portugal ou pelo movimento de direitos civis nos Estados Unidos. Não assistiam à televisão e raramente encontravam tempo para ver algum filme ou peça de teatro. Entre uma reunião e outra, em pé no metrô ou em ônibus lotados, Tristão esquecia-se das agruras do cotidiano



mergulhado em algum livro de literatura. Releu *Grande sertão: veredas*; voltou a Dostoiévski e, finalmente, conseguiu apreciar Rubem Fonseca conforme lhe recomendara Matias.

Com todos estes afazeres, pouco se encontrava o casal. Juliana cercou-se de admiradores, novos amigos e amigas, e sobrecarregou-se com atividades do movimento estudantil. Tristão vivia entre plantões e reuniões com intelectuais e trabalhadores. Naquele ano, Juliana passou o carnaval em uma conferência dos estudantes interessados em formar um novo partido em Campos de Jordão. Tristão gastou os quatro dias estudando medicina, filosofia e literatura.

Certa noite, ao final do ano, ainda com a casa cheia de refugiados provenientes da Capital, soou a campainha da casa dos Saboias Oliveira. Era Fátima, aparecia em Brazlândia sem aviso prévio. Carregava bagagem volumosa e trazia o filho Vladimir a tiracolo. Tristão recebeu-a alegre. Pagou o táxi, entrou com as malas, sacolas e distraiu-se com o menino que havia crescido, era uma criança tranquila, no físico lembrava Marciano, mas tinha o ar bonachão e calmo da mãe. Ofereceram-lhes comida, arrumaram o quarto do casal para que a mãe estivesse confortável com o bebê, e ouviram a triste história da mulher em apuros.

Há quase um ano, Marciano vivia clandestino em Porto Alegre. Com a mania de segredo e de segurança da IV Internacional, era muito precária a comunicação com o marido. Marciano é quem a chamava de telefones públicos:

— Eu, sua própria esposa não conheço seu endereço — disse entre magoada e contrafeita. — Pois bem, há um mês, dona Aparecida, mãe de Marciano, me telefonou desesperada. Meu sogro, Vasco Villa, sofrera um derrame e estava internado na terapia intensiva do Hospital Universitário aqui em Brazlândia.

Ela implorou para que Fátima convencesse Marciano a perdoar o pai, ele estava à beira da morte e clamava pela presença do filho.

— Imagine, não tive coragem para contar a dona Aparecida que não tinha como avisar seu marido. No aperto, inventei que



Marciano estava no exterior, em uma missão humanitária em Moçambique. Assegurei à minha sogra que o avisaria sobre a doença de Vasco e, em alguns dias, ele voltaria ao Brasil para avistar-se com o pai. Desgraça pouca é bobagem. Pois não aconteceu que, justo naquele fim de semana, Marciano não me telefonou. No domingo, Dolores Villa, minha cunhada, comunicou-me, em prantos, o falecimento do pai. O enterro seria no dia seguinte. Abalei-me da Capital para Brazlândia para representar o filho ausente no sepultamento do pai. Uma tristeza —, ela repetia e repetia —, uma tristeza, Tristão. Pois bem — continuou —, não tive alternativa do que sustentar minha mentira. Marciano não fora localizado, estava em missão pelo interior da África. Para complicar ainda mais a farsa, em dezembro, Dolores se casará e nos convidou para padrinhos. O casório seria daqui a uma semana, combinei com Marciano que iríamos. Ele não prometeu nada. Eu insisti, ficamos nisso. De qualquer modo, confirmei com Dolores que aceitávamos. Desgraça pouca é bobagem, ontem recebo um telefonema de um médico gaúcho, um tal de doutor Miguel, você o conhece Tristão?

— Não, acho que não, não me recordo, por quê?

— Não, nada. Ele é ótimo, prestativo, providenciou tudo, tudo. Ele me avisou que meu marido adoecera no cumprimento de sua missão revolucionária em Porto Alegre e que estava internado no Hospital Municipal. Fiquei um pouco com raiva do desgraçado, “missão revolucionária”, pode um negócio desses? Coitado do médico, ele tem sido muito solidário, estou desequilibrada e não sei. . . Liguei para Dolores e inventei que Marciano voltara de Moçambique por Porto Alegre e que estava internado com malária. Inventei uma doença africana, tanta mentira, o que eu poderia fazer? Pois veja, Juliana, Dolores adiou o casamento para janeiro, somente em respeito ao irmão, aquele idiota, cabeça dura, pode uma coisa dessas?

Fátima estava com uma passagem de avião para a manhã seguinte. Ela havia resolvido trazer Marciano de volta custasse o que custasse. Resolvera mudar-se para Brazlândia, necessitaria da ajuda dos amigos, que cuidassem de Vladimir por um mês, ou mais,

enquanto ela providenciava a transferência de Marciano para Braz-
lândia.

— Esse médico amigo, o doutor. . . , ah, meus Deus!, esqueci
o nome do homem. . .

— Miguel — completou Juliana.

— Sim, ele me informou que Marciano ficará acamado mais
uma semana, no mínimo, depois veremos.

Fátima pediu ainda que Tristão buscasse algum emprego para
Marciano, algo simples, médico plantonista. Fátima faria concur-
so para professora, já se inscrevera, a prova seria em fevereiro do
ano seguinte, poderia contar com os amigos?

Lógico, responderam em uníssono ainda sem saber como li-
dar com a criança. Tristão passava o dia fora, além da residência
em saúde pública preparava-se para a carreira universitária e ain-
da trabalhava como médico plantonista para assegurar a sobrevi-
vência da família. Juliana empregara-se em um instituto de pes-
quisa e encarregara-se da assistência ao movimento estudantil.
Com sua experiência, designavam-lhe mais e mais tarefas, as quais
ela não recusava nunca. Tempo livre para cuidar de criança era
um artigo raro entre eles. Mesmo assim acederam, depois veriam
como proceder, tudo daria certo, acreditaram otimistas.

Na manhã seguinte, Fátima deixou-os a cargo de Vladimir.
Ela os havia orientado sobre seus hábitos, alimentação, brinque-
dos e sono. Sozinhos, os dois olharam-se atrapalhados, nenhum
tinha experiência em cuidar de bebês.

— Bom, será um *avant-première* — comentou Tristão.

De fato, foi uma preparação antecipada para o ano entrante.
Pela primeira vez na vida, viram-se obrigados a compatibilizar ho-
rários, alguém deveria obrigatoriamente permanecer com Vladi-
mir em casa. Desmarcaram reuniões, solicitaram ajuda de amigos
quando ambos tinham compromissos inadiáveis, mas, apesar da
trabalheira, afeiçãoaram-se a Vladimir. Tristão descobriu um circui-
to de praças e parques na vizinhança e percorria-os em companhia
do guri. Certa noite, assistiram emocionados quando Vladimir, que
brincava no chão, ainda vacilante, pôs-se de pé e arriscou sua pri-



meira caminhada até a cadeira onde Tristão se assentara. Juliana sentiu-se obrigada a relatar à mãe a façanha de seu filho; entretanto, não sabiam de seu paradeiro. Nem sequer telefone para contato havia.

Quando Fátima e Marciano retornaram, hospedaram-se com os Saboias Oliveira até conseguir um apartamento próprio. Quando Vladimir se foi com os pais, sentiram saudade de sua companhia. Vladimir os obrigara a uma vida caseira, contudo, logo, voltaram à voragem habitual da rotina de militantes.

Em maio, Juliana apareceu grávida. A barriga crescia-lhe e em fevereiro do ano seguinte nasceu-lhes uma filha. Tristão levou um susto imenso quando a obstetra mostrou-lhe a menina ainda coberta de sangue e muco: era como se enxergasse um pedaço de si mesmo em miniatura. Entretanto, ao mesmo tempo, deu-se conta, ainda quando a contemplava na sala de parto, que Emília era uma criatura diferente dele, autônoma. Emília era algo incompreensível, uma coisa que ele não se sentia capaz de explicar em palavras. Tristão extasiava-se cada vez que a bebê contemplava-o de fora dele mesmo com seus dois imensos olhos azuis.

Emília cresceu faceira. Andou com oito meses e começou a falar antes de um ano. Era uma criança exótica, alegre, gostava de conversar, tinha pele clara e olhos azuis, loira, mas com os cabelos encaracolados. Aos dois meses, começou na creche da Universidade. Deixavam-na pela manhã e somente recolhiam-na ao final do dia. Apesar da roda-vida, Tristão e Juliana inventavam maneiras para estar com a filha: cabulavam ao trabalho, suspendiam reuniões, indicavam substitutos para seus compromissos, tudo para estar mais com Emília. Juliana ensinou-lhe a cantar e a recitar. A menina tinha uma voz grave, Tristão brincava dizendo que Emília era a versão descorada de Clementina de Jesus. Com dois anos sabia de cor quase todas as músicas dos *Saltimbancos*, musical de Chico Buarque a que haviam assistido dezenas de vezes.

Em Brazlândia moravam em um apartamento alugado no segundo andar de um velho edifício. Certo dia, Juliana solicitou que Tristão providenciasse grade para as janelas.



— Grade? — estranhou. — Pra quê?

— Ora, Emília cresceu e . . .

— E?

— Estou grávida e sinto que teremos um menino!

Tristão não estranhou a notícia, pouco tempo antes haviam resolvido sobre a conveniência em ampliar a família. Concordaram que seria melhor que os filhos tivessem idades próximas. Mesmo assim, o pai sentiu um frio na barriga, cuidar de uma criança já lhes exigia um esforço razoável, o que fariam com mais uma pessoinha, pensou. Entretanto, apesar de apreensivo, Tristão não registrou a recomendação com a segurança no apartamento, nunca havia pensado que as janelas e a varanda do apartamento pudessem representar algum risco. Com a correria habitual, esqueceu-se de providenciar o que lhe fora recomendado.

Benjamim nasceu em uma noite gelada de julho. Tristão quase desmaiou durante o parto. A médica obstetra demorou a entrar na sala e o pediatra solicitara-lhe ajuda com alguns procedimentos. Ele executou-os com presteza, mas sentiu marear-se mal a médica entrou correndo para assumir o comando. Encostou-se contra a parede suando frio e com dificuldade para sustentar-se de pé. O choro do bebê reanimou-o. O moleque era moreno, cabelos negros e espetados como um *punk* em miniatura.

Ao fim da licença-maternidade, quando Juliana foi obrigada a reassumir o trabalho, Benjamim iniciou sua vida institucional ao ser também matriculado na creche da Universidade. A vida do casal retomou o fluxo habitual, correria, correria e correria. Em dezembro, viajaram a Nova Barcelona para apresentar os filhos aos Oliveiras. Apesar do interdito familiar, Tristão apareceu na casa do pai. Havia tido o cuidado de hospedar-se em um hotel. As irmãs receberam-nos afáveis como se não houvesse mágoa sobre o passado. Na foto, depois, Tristão observou o modo estranho como suas irmãs seguravam Emília e Benjamim. Elas sustentavam-nos longe do corpo e olhavam-nos como se mirassem estranhos. Quando ele comentou essa sua interpretação com Juliana, ela repreendeu-o:



— Não seja maluco, homem! Não procure chifre na cabeça de cavalo. Não vejo nada disto. Elas acabaram de conhecer os sobrinhos, você queria o quê?

De volta das férias, Juliana retomou o ritmo maluco da vida em Brazlândia sem sofrimento aparente. Tristão ressentiu-se mais, toda aquela correria parecia-lhe sem sentido. Ele havia mudado. Não suportava o Centro de Saúde onde atendia todas as manhãs, seu trabalho sabia-lhe repetitivo e monótono. A comunidade não se comovia com a possibilidade de inventar-se um Brasil democrático e justo. Desanimou-o, particularmente, a recepção que lhe brindou o presidente dos metalúrgicos. Ele preparara cursos sobre saúde, democracia e que tais para o sindicato, porém seu projeto não entusiasmou o dirigente máximo dos operários. Ele fora apresentado ao presidente operário por um irmão do homem, que Tristão conhecera em reuniões entre comunistas. O presidente o recebeu em seu gabinete mobiliado com simplicidade. Tristão passou-lhe o calhamaço em que detalhava os temas e a metodologia a ser utilizada na formação de ativistas sindicais. O presidente recebeu a papelada, deu uma olhada no título e jogou-a sobre a escrivaninha.

— Vamos conversar no boteco do Jocká, preciso de um descanso. Vamos — disse levantando-se de um salto.

Pelo caminho, o presidente não lhe dirigiu a palavra. A cada segundo cumprimentava conhecidos, abraçava-os, contava alguma piada e seguia adiante.

No bar, pediu dois conhaques. Tristão teve vergonha de recusar, deveria voltar para casa de trem, depois ônibus e se bebesse algo forte seria obrigado a um esforço imenso para permanecer acordado, ele conhecia os limites do seu corpo. Mesmo assim, bebericou o líquido amarelo. O presidente operário esticou o braço para que brindassem:

— À nossa — disse. — Doutor, por favor, me explique em detalhes sua proposta, não vou ler aquele calhamaço lá em cima.

Tristão expôs sua idéia com entusiasmo. O presidente o escutou com paciência. Não se distraiu um segundo, Tristão



impressionou-se com a intensidade do seu olhar fixo. Quando terminou, o presidente o mirava com um ar de comiseração, pareceu a Tristão. Sem preâmbulos, ele perguntou-lhe:

— Você sabe o que nós, os trabalhadores, queremos?

— Não. . . Sim. . . sei lá!

— Nós queremos escolas, saúde, comida, iogurte, churrasco, férias na praia. Você é do interior, não?

— Sim, nasci em Nova Barcelona e me formei na Capital.

— Há quanto tempo está em Brazlândia?

— Dois anos e cacetada.

— Você já foi à praia? Guarujá, Ilha Grande, Bertioga? Apos-
to que passou todo o tempo militando, de reunião em reunião.
Por acaso, você tirou férias de mês inteiro? Barriga virada pro céu,
bunda na areia, sal, mar e cerveja? E mulher, lógico?

— Não.

— Pois é, doutor Tristão, o senhor é um cara legal, de con-
fiança, mas, ouça o que lhe digo: não há como você compreender
por que lutamos! Não há meio. Por que você mudou-se da Capi-
tal para Brazlândia?

— Bem — respondeu Tristão contrafeito com o rumo ines-
perado daquele diálogo surreal —, pensei. . . Afinal é aqui que as
coisas acontecem. . .

— Somente acontecem aqui para que um dia possamos acon-
tecer lá na Capital! Você fez a viagem errada, companheiro! Deve-
ria ter nos esperado com paciência lá no Planalto Central. Quan-
do a classe trabalhadora chegar ao governo, precisaremos de gente
como o companheiro na saúde, educação e os cambaus. Faltou
confiança, chegaremos lá sem necessidade de juntar médicos, es-
tudantes, padres, o diabo, aqui em Brazlândia. O companheiro
faria melhor se cuidasse de organizar os médicos, estudantes, seu
povo. Assim, o companheiro terá um lugar garantido no ônibus
com que os trabalhadores desembarcarão na Capital daqui a vin-
te, trinta, cinquenta anos.

— Não se trata disso, não me preocupo em garantir um lu-
gar no ônibus do poder. É que seu eu tivesse ficado lá na Capital,



cuidando de minha vidinha de médico, quando o senhor chegasse lá eu poderia recebê-lo como um inimigo. Eu o admiro muito, nunca apreciei a pregação da esquerda contra o conforto e o bem-estar. A primeira vez que o escutei discursando no estádio, eu senti que tudo ficou mais claro pra mim, apesar de me opor ao sectarismo da maioria dos revolucionários, eu nunca havia pensado nesse negócio de férias pra todos, de. . .

— Amigo, seu curso será bem-vindo, tudo ajuda. Combine com meu pessoal, sem problema. Agora, na política, não há meio-termo, ou o companheiro embarca no nosso ônibus ou. . . Bem.

Tristão aborrecera-se também com o movimento médico. A tensão entre os vários grupos havia aumentado a um ponto insuportável, comunistas digladiavam-se com outros militantes da esquerda, lutavam por espaço, por cargos, esquecendo-se do adversário comum e das reformas pelas quais lutavam. A política ocupava-lhe muito tempo e não lhe sobrava espaço para preparar-se para o mestrado a que pretendia concorrer. Para reagir ao mal-estar que o assaltara, Tristão passou a inventar pretextos para ficar em casa com os filhos. Certa manhã, resolveu não trabalhar. Avisou Juliana sobre sua decisão. Pela tarde, levaria os meninos para a creche. Mal a esposa saiu espavorida, Tristão arrependeu-se. Agarraram-lhe pruridos morais, os pacientes agendados ficariam sem atendimento, ele não poderia render-se à preguiça, resolveu-se. Aprontou-se correndo. Emília deitara-se ao seu lado e Ícaro dormia no berço. Ele apressou a filha:




— Vamos, vamos para a escolinha.

Ela encarou-o risonha e disse:


— Mas, pai, hoje é dia de casa, você prometeu!

— Sim, mas. . . Bem, tudo bem. Vou ao Centro de Saúde e volto logo. Vocês ficarão com a Luzia, então.

Ao meio-dia, quando terminara de atender o último paciente e tomava café na sala de estar, uma enfermeira convocou-o com ar apreensivo. Alguém do Hospital Universitário chamava-o com urgência.



O mundo desabou: uma desconhecida convocava-o para que comparecesse ao pronto-socorro. Pensou em Juliana, acidente de trânsito, insistiu com a interlocutora misteriosa sobre algum esclarecimento. A mulher foi seca, sua filha sofrera um acidente e mais não disse. Atônito, sem ação, viu-se cercado pelos funcionários do Centro de Saúde, a equipe com quem trabalhava encrava-o com espanto absoluto, percebeu, ainda sem saber como proceder. O mais velho entre os servidores pegou-o pela mão e conduziu-o para o carro, dizendo, “vamos, vamos, eu o levarei, no meu carro, até o HU, vamos”. Tristão acompanhou-o resignado. Permaneceu mudo e com a cabeça vazia durante os quarenta minutos que tardaram para ir do Centro de Saúde ao Hospital. Tristão desceu correndo, não agradeceu a gentileza do motorista, correu hospital adentro pelo corredor imenso, ao meio do caminho encontrou Marciano, ele retornara de Porto Alegre, Tristão não estranhou a presença do amigo, Marciano tomou-o pela mão e conduziu-o até um dos boxes de urgência com as cortinas cerradas, Marciano abriu-as de par em par, duas enfermeiras e um médico afastaram-se, estendida sobre a maca esmaltada, branca, jazia Emília, sua filha, vestida com o mesmo pijama azul de quando se despediram naquela manhã, Tristão percebeu-lhe a pele cor de cera, amarelada, os olhos azuis apagados em castanho, não havia outro matiz além do amarelo, nenhum sinal de vida, os cabelos grudados na cabeça, Emília desfalecida, Tristão acariciou-lhe a testa fria, muito fria, a filha morrera, morta, reconheceu e gritou alto e gritou outra vez e outra enquanto esmurrava a maca vazia posta ao lado, um murro forte de cima para baixo, a enfermeira reagiu irritada, ameaçando chamar a segurança, Marciano conteve-a, “calma, é a filha dele”, mas a mulher insistiu, “controle seu amigo ou o expulsaremos daqui”, Marciano confirmou, “Tristão, Tristão, meu Deus!”; o pai beijou a filha, segurou-lhe a mão e ficou ali, minutos, minutos, tempo, tempo, até quando Marciano conduziu-o pelo braço, “vamos, vamos, o corpo irá para o velório, venha, vamos, vamos”, e arrastou-o para fora. Pelo corredor Juliana entrava correndo, encurvada, como se corcunda fosse, aos prantos ela



abraçou-se com Tristão e perguntou “o quê”? “Morreu”, disse Tristão sem coragem para encará-la, ainda que a abraçasse com força. Marciano, esclareceu, “um acidente, uma fatalidade, Juliana, caiu pela janela e fraturou. . .”. “Não, não”, chorou Juliana, muito.

Os amigos conduziram o casal pela avenida até o local do velório que ficava em frente ao Hospital. Amigos cuidaram da liberação do corpo, dos arranjos com a funerária, caixão, túmulo, de avisar a conhecidos, cuidaram de tudo. Juliana e Tristão assentaram-se calados e esperaram. Demoraram três horas a liberar o corpo. Os dois acercaram-se do caixão e permaneceram em pé, olhando a filha que se fora. Tristão não ousava encarar Juliana. Ela não lhe solicitara nenhuma explicação, nada. Juliana chorava e chorava. Tristão sentia-se esvaziado de tudo, desejava somente rasgar suas roupas, cortar o cabelo curto, bem curto e atirar cinza sobre sua cabeça. Como um ritornelo obsessivo essa vontade voltava-lhe e voltava-lhe: primeiro, rasgar a roupa; depois, arrancar o cabelo e depois cinza, somente isto ele queria, mas não ousava cometer aqueles gestos antigos.

Pessoas circunspectas aproximavam-se e apresentavam-lhe pêsames, ele não os ouvia, ele não os compreendia, velhos militantes operários sentiam-se obrigados a consolar-lhe, lembrando-lhe do sacrifício inerente à vida do revolucionário, Tristão os olhava espantado, mas não contestava, sentia-se como se estivesse preso em um aquário. O presidente operário não apareceu no velório, mas mandou seu secretário-geral para representá-lo. O secretário apresentou-se insistindo que estava ali para servi-lo no que fosse necessário, que Tristão e esposa não se acanhassem, estava à disposição do casal. Ao início da noite, chegaram doutor Augusto e Santina, o pai abraçou a nora e disse ao filho que viajara imediatamente soubera do infausto, o pai voara pela estrada entre Nova Barcelona e Brazlândia preocupado com a solidão do filho e da nora, imaginou-os sozinhos e embaraçados com os trâmites do funeral, entretanto, havia tantas pessoas, tantas, confessou surpreso com a multidão, duzentas, trezentas pessoas no velório, “não o sabia tão querido, filho”, elogiou.



De madrugada, Tristão recordou-se da manhã, em Nova Barcelona, quando saíra a passear com a filha. Um arrepio cruzou-lhe o corpo, a acreditar em sua memória, Emília antecipara seu destino, ela previra a própria morte, concluiu o pai materialista. Estavam de férias, Tristão e Emília saíram cedo do Hotel. O pai pretendia apresentar a filha à sua avó, dona Joaquina de Oliveira. Juliana ficou com Benjamim dormindo. Foram caminhando até o sobrado da avó. Ao cruzarem o Jardim Público, Emília interrompeu a correria entre os canteiros e deitou-se em um banco. Depois de olhar o céu, ela gritou enfática:

— Pai, Pai, olhe que lindo! Olhe! — indicando com um gesto para que o pai se deitasse no banco próximo.

Tristão imitou-a. Estendeu-se no banco de cimento e olhou para cima. Ficaram alguns minutos contemplando a suavidade azul daquele dezembro de clima ameno. De repente, Emília disse com sua voz rouca:

— Pai, por que tudo acaba?

— Como, filha?

Não houve resposta. Emília continuou em sua contemplação, ela curtia a vida, a natureza, parecia antecipar o pouco tempo que teria, imaginava Tristão depois, naquela madrugada, alguns dias depois, um século mais tarde, olhando o rosto inerte da filha no caixão. Naquela manhã distante, Tristão hesitara em interromper aquela cena tal a intensidade do prazer da filha. Pai e filha permaneceram longos minutos de papo pro ar, deitados no bando de cimento do Jardim. Presságios, presságios, com não dera conta do perigo que se aproximava, ele se lastimava. Lembrou-se ainda de como dona Joaquina recebera-os alegre. Entretanto, ela não reconheceu a existência de Emília, durante toda a visita a sua avó dirigiu-se à bisneta como se fosse um dos seus netos. Talvez avó Joaquina já contemplasse um espírito, pensou. Dona Joaquina tinha ares de bruxa, há anos não calçava sapatos, nem por isto desistira de impressionar os circunstantes com o modo sofisticado como sempre se vestia. Naquela manhã, ela apareceu descalça para recebê-los, mas usava um largo vestido de chita florido com o fun-



do azul anil e flores em amarelo-ouro, os seus cabelos encaracolados estavam sempre presos com uma fita em uma antecipação ao estilo *Black Power*. Ela lembrava uma judia de algum kibutz perdido no deserto, confirmou Tristão. Ele supunha que a família de sua avó era de marranos, judeus convertidos à força pela inquisição.

— Meu Deus, que criança mais linda, o cabelo igual ao meu e os olhos. . . Tão azuis quanto os meus, anil, puro anil, ai que mimo! Ah, Augusto, o Tristão é uma graça, uma graça, puxou ao meu povo; o maestro Rodolfo de Oliveira ficará uma fera quando perceber que o neto saiu ao meu jeito.

Enquanto ela falava, tomou Emília pela mão e colocou-a no colo para admirar-lhe os traços mais de perto. A menina aconchegou-se ao seio da avó como se a conhecesse de antigas eras. Dona Joaquina confundia as gerações, tomava Tristão pelo pai e a filha, por ele. A velha imaginara receber seu filho primogênito com o seu primeiro neto. Tristão insistiu duas vezes em esclarecer o equívoco:

— Vó, sou eu, Tristão e está é minha filha, Emília; vim de longe para que a senhora a conhecesse.

Em vão! A velha continuou a dialogar com espectros de seu passado. Depois, Tristão consolou-se, afirmando para si mesmo que a incapacidade de sua avó em reconhecer Emília fora tão somente demência senil, nada mais, apenas o delírio de sua avó, nenhuma premonição, nada! Já o episódio do Jardim pareceu-lhe inexplicável. Ele não tinha a mesma segurança racional sobre o estranho sentimento antecipatório de sua filha ainda criança. Parecia-lhe incompreensível, uma intuição, uma. . .

Pela manhã, saiu o cortejo a pé. O cemitério ficava a duas quadras do Hospital Universitário. Uma pequena multidão acompanhava a pequena criança morta. Juliana e Tristão seguiam junto ao caixão. Mal caminharam alguns passos e Juliana pôs-se a cantar alto, a cantar com a alma. Muitos a acompanharam. Tristão tentou, mas a voz se lhe embargou; foi somente então que chorou, um pranto silencioso, lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, lágrimas



misturadas ao catarro que ele não se preocupava em limpar. Juliana cantava a música predileta de Emília: “*Dorme a cidade, resta um coração, misterioso, faz uma ilusão, soletra o verso, lavra a melodia, singelamente, dolorosamente, doce a música, silenciosa, larga o meu peito, solta-se no espaço, faz-se a certeza, minha canção, réstia de luz onde, dorme meu irmão*”. A canção de Bardotti, Bacalov e Chico Buarque parecia que fora composta para Emília que a cantara tantas vezes, antes, inocente, com sua voz grave de Carolina de Jesus, uma voz forte, de alguém disposta a viver e a aproveitar a vida. Um ser tão livre que imaginou possível voar pela janela sem. . .

Finda a cerimônia sobreveio o grande vazio. O casal não ousava encarar-se. Juliana vivia automática e chorava mansinho, mansinho, perdida pelos cantos do cotidiano. Distraía-se somente quando cuidava de Benjamim. Depois, um ano depois, ela adoeceu feio. Muito, algum tempo mais tarde. Um amigo da Capital, Luís Cecílio, e dois conhecidos recentes, de quem haviam se aproximado em Brazlândia, David Capistrano e Davi Humel, resolveram que o casal não deveria voltar ao apartamento onde ocorrera a fatalidade. . . Diziam: “a fatalidade!”. E aquela fórmula era usada como um perdão que os amigos estendiam aos pais inconformados, pressentiu Tristão, incapaz para aceitar qualquer conforto. O termo “fatalidade” retirava-lhe parte da responsabilidade pela morte de Emília. Entretanto, ele pensava a morte de Emília como uma tragédia grega, uma trama em que os personagens entreteceram a própria desgraça. Pois bem, os amigos cuidaram de abrigá-los em um novo apartamento, empacotaram as roupas da família, fizeram a mudança e, de fato, Tristão e Juliana jamais regressaram ao lar onde haviam iniciado a vida em família.

Durante os meses seguintes, Tristão pensava e pensava, remoía sua história e tinha somente uma certeza: ele fracassara: fora incapaz de cuidar da própria filha, como poderia fazer clínica ou política, como poderia ousar sugerir algo ou cuidar de qualquer outra pessoa se. . . Ele deveria mudar de vida, rever suas convicções, valores, conceitos, tudo, começar de novo, repetia-se enfadonho. Ainda que decidido a não morrer, havia Benjamim, havia. . .



Somente não se percebia capaz de tal esforço: teria força, ânimo, para viver? O que acontecera criara um fato irreparável, não haveria reparo possível, não haveria perdão possível. Tristão deu-se conta, pela primeira vez em sua vida, de que em relação ao passado não havia “se”, havia somente “foi, aconteceu”. Aprendeu a lição em seu corpo, como se alguém houvesse marcado aquela lei com ferro em brasa bem ao meio de sua testa: “aconteceu assim, então ponto final!”. Jamais haveria perdão para ele, para tanto descuido, para tanta desatenção, nem para ele nem para ninguém envolvido com aquela tragédia. Uma carga da qual nunca se livraria. Viveria para sempre com a sensação de que o pior poderia sempre acontecer. Descobriu também que as predisposições para o heroísmo e para o sacrifício pouco podiam contra o pior, contra a tragédia. Esforçava-se sinceramente por lastimar-se, mas não conseguia. Havia como que um interdito proibindo-o de sentir pena de si mesmo, de lastimar-se; até o luto era-lhe impossível. Haveria que conviver com aquele absoluto, reconheceu resolvido a não morrer, resolvido a agarrar-se à vida apesar. . .

Marciano viveu um ano em Porto Alegre. Uma cidade em que nunca estivera antes e que, mesmo com a convivência, continuou sempre estranha para ele. Mudara-se em dezembro. O inverno agravou-lhe o sentimento de que praticava um sacrifício inútil. Nunca em sua vida havia experimentado a sensação de vazio existencial. Acreditara, antes, que essa predisposição era típica de pequenos burgueses covardes. Diante do que lhe acontecia desde que abandonara mulher e filho na Capital, era obrigado a rever suas convicções. Reconhecia-se acometido por um profundo mal-estar subjetivo. Percebia-se, sobretudo, solitário. E, pela primeira vez em sua história, a solidão incomodava-o.

O secretariado da IV Internacional designara-o para aquela missão, não fora uma escolha pessoal, consolava-se. Dava o braço a torcer, a vida que tivera na Capital era mil vezes melhor do que aquela pasmaceira. Sentia saudades do tempo de estudante, de



quando tramava com Tristão artimanhas para o movimento universitário. Golpes contra a ditadura, passa-moleques em líderes de outras linhagens políticas; antes, tudo aquilo lhe parecera pueril, mera preparação para o verdadeiro trabalho político que viria depois, quando lidasse com operários e não apenas com jovens de famílias abastadas, idealistas, desobrigados em cuidar da sobrevivência e, portanto, desligados da prática. Agora, paradoxalmente, depois de seis meses de clandestinidade a serviço de um partido revolucionário, sentia-se inútil.

Apesar do susto, animara-se quando, em julho do ano anterior, o designaram para aquela tarefa secreta. Mudar-se para Porto Alegre incógnito, utilizar uma falsa identidade, o partido lhe forneceria o documento apropriado com sua foto verdadeira e um nome inventado, viveria em pensões, cada semana em uma diferente para despistar a repressão. O motivo de tanto segredo era a importância estratégica para a revolução do trabalho que realizaria. O partido pretendia estabelecer contato com brizolistas dispostos a radicalizar sua tradicional oposição ao regime militar. O contexto internacional favorável haveria provocado um estalo na cabeça dos velhos seguidores do caudilho gaúcho e, finalmente, haveriam compreendido a dinâmica da revolução mundial. Entretanto, necessitavam de polimento, de educação política e, portanto, de alguém que lhes indicasse ações concretas com relevância estratégica. Marciano cumpriria esse papel.


Tristão tentara dissuadi-lo daquele compromisso, daquele convite-ordem, ironizara inúmeras vezes quando debatiam o assunto. Influenciado pelas críticas do amigo, Marciano viajou a Brazlândia especialmente para negociar com seus chefes. Ponderou sobre a conveniência de que algum outro filiado à IV Internacional, de extração local, alguém que não ele, um desconhecido, realizasse aquela ação. Explicaram-lhe que, de fato, havia trotskistas às dezenas no Rio Grande do Sul, mas não seriam de confiança, estariam muito implicados em disputas provincianas, havia toda uma história de competição entre a esquerda revolucionária e o trabalhismo naquelas plagas. Entre os seguidores de Trótsky e

de Brizola reinava a desconfiança. Marciano duvidou da impossibilidade de encontrar-se, em todo o estado, alguém adequado para aquele tipo de proselitismo:

— Camaradas — argumentou com os chefes com quem conspirava —, pelo que depreendo, deverei me mudar para o Rio Grande do Sul. Pois bem, não conheço nada sobre a política gaúcha, além do mais nunca estive com um populista, conheço sobre o brizolismo de ouvir falar, uma leitura ou outra, não haveria pelo menos um companheiro confiável entre todos os trotskistas do estado? Há penca de militantes no movimento estudantil de Porto Alegre e . . .

— *No, no* — interrompeu-o Darwin, que ainda conservava o hábito de falar misturando expressões em português e espanhol, um portunhol estranho porque pronunciado com sotaque nordestino —, infelizmente os companheiros gaúchos deixaram-se encantar pelo canto de sereia de Lambert e de Mandel e, *por lo tanto, no son confiables*. Vivem equivocados, cometem erros sucessivos, *para su control*: eles consideram os brizolistas inimigos de classe, adversários tão nocivos quanto os militares ou a burguesia. *Solamente alguien* orientado pelo camarada Posadas *logrará* incorporar essa facção popular ao caudal *de la revolución*.

Marciano não se animou a contestá-lo. Nenhum outro dos dirigentes partidários presentes à discussão saiu em sua defesa. Assim, restou-lhe negociar um adiamento de alguns meses para que pudesse terminar o curso de medicina, ao final do ano receberia o canudo, isto lhe traria uma segurança extra, poderia sobreviver trabalhando como médico, algo para si próprio imaginou e o restante para completar a renda familiar. Terminaram cedendo às suas ponderações. Entretanto, os camaradas determinaram que se mudasse sozinho: sem a família, teria mais liberdade para locomover-se conforme a necessidade. Marciano achou a ordem esdrúxula, argumentou que sua companheira — era o termo empregado entre eles para designar a esposa — era combatente, uma pessoa segura, que somente lhe facilitaria o trabalho. Quanto a esse ponto, os chefes foram inflexíveis, com o tempo, depois de um ano ou



mais, analisar-se-ia o contexto, caso fosse favorável, ele se trasladaria com “armas e bagagens” para Porto Alegre, respondeu-lhe Darwin com ironia ao se referir à família de Marciano com sendo uma “bagagem”.

Durante a viagem de volta à Capital, Marciano não conciliou no sono preocupado em como executaria sua nova missão. Aborrecia-o a determinação do partido para que Fátima, sua esposa, e Vladimir, seu filho, seguissem vivendo na Capital; além do desconforto, arcaria com dois aluguéis, não via sentido naquilo, não estava metendo-se em nenhuma guerra civil, portanto. . . Isto mais a grana para as viagens, não passaria todo um ano sem se encontrar com os seus, jamais, pensou irritado. Durante as férias escolares, Fátima e o filho poderiam visitá-lo em Porto Alegre, imaginou, acalmando-se um pouco diante da dureza do que estaria por vir. Em alguns fins de semana, ele iria visitá-los, com certeza, pensou buscando motivos para consolar-se. Tudo isto custaria dinheiro, concluiu, mais do que o soldo que lhe pagaria o partido. Fátima manteria seu cargo de professora, calculou, ela terminara o curso de Pedagogia, mas, em função de suas obrigações maternas, não se esforçara para progredir em sua carreira, mantivera-se como docente do ensino fundamental, assim sua jornada era de seis horas apenas, conseguira uma creche para Vladimir, o restante do dia, ela gastava cuidando do filho. Vladimir crescia sadio, forte, com bochechas rosadas e tranquilo como a mãe, ainda que fisicamente fosse muito parecido ao pai. Era uma reprodução do estilo Villa, lembrava o velho Vasco e tinha o mesmo queixo grandioso e o olhar seguro de Marciano Villa.

Depois de uma noite insone, apertado na poltrona pequena para seu corpo com metro e noventa, mal desembarcou do ônibus na rodoviária da Capital, em vez de dirigir-se ao hospital, Marciano passou primeiro no apartamento onde viviam. Sentia urgência em avistar-se com o filho e comunicar a Fátima o que lhe fora ordenado pelo partido.

Fátima estranhou o comportamento do marido. Pareceu-lhe afetuoso em excesso, como se estivesse despedindo-se de Vladimir.



Ele levantou-o do berço, a criança ainda dormia e a animação do pai despertou-o. Marciano carregou-o para a cozinha onde Fátima preparava-lhe um café reforçado. Marciano jamais segurava o filho no colo, entretanto naquela manhã, não o deixou enquanto se alimentava. Desconfiada, a mulher interpelou-o sobre as negociações com os “*capos*” em Brazlândia. Marciano respondeu evasivo:

— O partido, os camaradas, o secretariado confirmou a missão em Porto Alegre, não posso revelar detalhes, é segredo, questão de segurança. Deverei me mudar sozinho. . . Olhe mulher, isto é segredo, você não comente com ninguém, senão ficarei exposto, os milicos poderão me localizar, digo pra você e para mais ninguém. Ninguém, entendeu? Nem com o Tristão poderemos comentar o assunto. Ele foi desligado do partido, indicaram-lhe uma tarefa e o bicho refugou, recusou-se a cumprir a deliberação e expulsaram-no, sem mais!

— Cruz em credo! Mas. . . E a gente?

Marciano contou-lhe o que pensara durante a viagem, encontrar-se-iam de tempos em tempos, até que pudessem voltar a viver juntos outra vez. Fátima, conforme era seu hábito, inicialmente, não opôs resistência aos desejos do seu marido. Apenas escutou-os com os olhos arregalados, parada no meio da cozinha, sem ânimo para lavar a louça que se acumulara do dia anterior. De repente, acreditou que Marciano havia concordado com a exigência do partido para que partisse imediatamente, sem tempo para que concluísse o curso, a medicina ficando para mais tarde e devendo ainda pedir demissão do banco, assustada, Fátima reagiu com firmeza:

— Marciano! — gritou em contrário de seu hábito de esposa cordata.

— O quê?

— Como o quê? Vamos viver de quê? Somente com meu salário de professora? Suficiente para aluguel do apartamento e mais nada? Loucura, homem! Abandonar o curso de medicina faltando um semestre para. . . Esse tal de secretariado não tem senso



prático? Um médico tem muito mais liberdade de movimento, mais proteção do que um João Ninguém, do que. . .

— Fátima, muitas vezes a preocupação com a segurança pessoal ou familiar é o que mata o espírito revolucionário. Frescura pequeno-burguesa esse negócio de medicina, afinal nunca serei um médico de verdade. Não tenho vocação para clinicar, para cuidar dos outros, fiz vestibular pra medicina somente pra mostrar pro mundo que sou foda, pro meu pai, pra. . .

— Ora, Marciano, e a Saúde Pública? Tristão e você planejaram isso com tanto carinho, você pensou em radiologia ou laboratório também. E, meu caro, preocupar-se em sustentar a família não tem nada de errado, ao contrário, somente os parasitas não. . .

— Foi isso mesmo que Tristão me disse duzentas vezes, eu. . .

— Mas que droga, Marciano! Que confusão! Eu estou proibida de discutir nossa vida com os amigos, mas o senhor pode!

— Não, apenas troquei algumas ideias com o Tristão, e ele, exatamente como você, opinou que seria insensato abandonar o curso. Não sou tonto ou irresponsável, Fátima! Assim, argumentei com os camaradas e venci a parada, ganhamos tempo, me mudarei somente em janeiro. Dessa forma, o canudo estará garantido.

— Por que você não disse isso logo? Cruz-credo! Que agonia eu passei à toa!

— Perdão. Poderei trabalhar como médico em Porto Alegre, plantões. . . Assim, terei mais tempo para política e. . .


— Lógico, graças a Deus! O Tristão tem toda a razão do mundo. Faremos dessa forma então. Está resolvido. No fim do ano iremos juntos para Porto Alegre ou para a Cochinchina.

— O problema é que o partido não me autorizou a levar a família e. . .

— Partido, partido, parece até a voz de Deus!

— Não pretendo romper com a IV Internacional, não é uma organização perfeita, mas sozinho não se faz política. . . Eu não sei. . .

Fale com Facundo, ele se encarregará de defendê-lo junto aos chefes lá de Brazlândia. Eles concederam quanto ao prazo, afinal



serão somente quatro meses, para a história será o tempo de um segundo, acabarão também concluindo que Vladimir e eu não seremos um estorvo, enquanto isso o senhor continuará no Banco, antes de mudarmos para Porto Alegre encontre um emprego como médico, algo concreto.




— Sim — concordou Marciano, admirado com a segurança e firmeza com que Fátima conduzia-se naquele episódio, ela jamais opinara sobre suas atividades políticas.

Ao contrário do que previra a mulher, o secretariado do partido não cederia em relação à família. Em realidade, fora um capricho de Darwin submeter Marciano ao teste de renunciar à medicina, aquilo seria uma comprovação de sua adesão à revolução, comentara com os colegas. Galileu, que além de dirigente revolucionário, era também médico no Hospital Universitário de Brasília, opôs-se àquela prova, livrando Marciano daquele ônus, ainda que houvessem mantido as linhas gerais do plano: Marciano deveria agir em Porto Alegre sem o empecilho de obrigações familiares, ele se mudaria sozinho para a cidade.

Pois bem, ainda que resistisse a reconhecer a gravidade de sua tristeza, Marciano deprimiu-se em Porto Alegre. O que mais o afligia era a sensação de inutilidade do seu esforço. Tanta renúncia, tanto sacrifício para algo absolutamente sem transcendência política, percebeu logo realizou o que lhe fora designado pela direção do partido.

Decepcionou-se quando percebeu que não havia brizolistas organizados conforme supunham os dirigentes da Internacional. Pelo menos não os havia à luz do dia, e, mesmo se houvesse algum movimento subterrâneo, ele nunca os encontraria por intermédio do contato que o partido indicara-lhe.

Marciano organizara seus movimentos com planejamento minucioso. Ainda na Capital, conseguiu que seu professor de clínica, em quem confiava, indicasse-o para médicos gaúchos que o empregaram como plantonista no Hospital Municipal. Faria quatro turnos de doze horas, como era novato indicaram-lhe plantões aos sábados e domingos. Assim, teria quase toda a semana



livre para a lide política e para a militância revolucionária, conformou-se. Antes de transferir-se teve novo encontro clandestino com Darwin em Brazlândia para que lhe fossem transmitidos os detalhes de sua missão. Encontraram-se ao meio-dia, o revolucionário convidou-o para almoçarem em um restaurante popular localizado nas cercanias do Parque Jardim da Felicidade, o bairro onde Marciano vivera durante sua adolescência. Ele temeu encontrar-se com uma de suas irmãs, felizmente não cruzou com nenhum conhecido. Não saberia como explicar a presença daquele ser lunático que o chamava de Bolívar, seu nome de guerra, escolhido em homenagem ao herói latino-americano. Darwin ordenou o pedido: dois pratos feitos. A comida soube-lhe horrível: arroz duro e insosso, o bife era uma sola sem sabor, o feijão estava aguado e o tomate murcho. Marciano ciscou o prato sem apetite, acostumara-se ao tempero simples, porém equilibrado, das refeições que lhe preparava Fátima. O revolucionário nordestino comeu com voracidade, o que não o impediu de falar enquanto mastigava, repassou, em seu portunhol com entonação nordestina, as notícias recentes que atestavam o progresso da revolução mundial. A maior parte do seu discurso ocupou-se com a revolução dos cravos em Portugal, acontecimento que seria uma confirmação concreta da justeza das previsões do camarada Posadas, particularmente quanto à sua percepção de que doravante a vontade comandaria a história, já que independente de sua origem de classe, cada dia com mais intensidade, militares, estudantes, burocratas, médicos, muitos rompiam com a tradição conservadora e impulsionavam processos revolucionários, opinava em voz alta o revolucionário profissional, gesticulando, como se fosse um pastor pentecostal bradando contra a concupiscência moderna. General Spínola, os majores e capitães revolucionários, Otelo Saraiva, até Álvaro Cunhal e os comunistas haviam ganhado novo impulso, agindo quase independentes da burocracia soviética, tudo em Portugal atestava o acerto da análise da IV Internacional, confirmava convicto. De um país atrasado e conservador brotava uma revolução radical e inovadora. Inventara-se, inclusive, uma nova estética

revolucionária. Não havia dúvida possível, a humanidade ingressava em uma nova era: o tempo da solidariedade. Em nenhum momento concedeu a palavra ou dirigiu qualquer pergunta a Marciano. Nem sequer pediu notícia sobre a família ou mencionou aspectos práticos da operação de transferir-se para outro estado e para uma cidade desconhecida. Quando saíam Darwin passou-lhe a conta, dizendo-lhe com uma naturalidade cínica:

— *Bueno*, um ex-bancário e um futuro médico ganham mais do que um revolucionário profissional, *La cuenta es tuya, por supuesto!* Esteja à vontade.

Marciano pagou sem reclamar e ainda deixou o troco para a moça que os contemplava estupefata, dois seres diferentes da freguesia habitual formada por gente da construção civil e maloqueiros que negociavam pela vizinhança. Na saída, Marciano interpelou-o:

— Camarada — pronunciou com evidente relutância —, e sobre minha missão? Desistimos do assunto? Deverei migrar para Portugal? Em realidade, tenho cidadania espanhola, meu avô e meu pai eram da Galícia e . . .

— Sim, sim, não. Como assim, Portugal?

— Brincadeira minha!

— Imagino que você esteja com tudo organizado, em um ano, quando muito, teremos um foco revolucionário *en el sur del* país, bem. . . Vamos aos detalhes. Temos um companheiro brizolista, o companheiro Leôncio, um militante experiente, muito influente, que se aproximou do partido, recebe regularmente *nuestra revista e nuestro periódico*. Por meio desse cavalheiro, o senhor poderá articular-se com o movimento de resistência contra a ditadura. Leôncio, atenção, trata-se do nome verdadeiro dele, portanto, cuidado! Procure-o em nome do Vanderlei, diga que são amigos, camaradas da IV Internacional.

— Quem é Vanderlei, uma senha?

— Não lhe interessa saber sobre isso, *hombre!* Isso não lhe diz respeito, portanto. . .

— Mas se ele me pede alguma notícia do Vanderlei, se. . .



— Diga que o senhor nunca o encontrou, o companheiro conhece a etiqueta da clandestinidade, não se preocupe. Ah! — acrescentou —, ia me esquecendo, essa sacola é sua. Um tesouro, vários exemplares de *nuestra revista e del periódico*, cuidado, material subversivo, transporte-o com cautela! No ônibus deposite a sacola longe de você, se houver uma revista policial, no caso, finja que nunca viu essa mala na vida.

Depois da instrução, Darwin entregou a valise de plástico para um Marciano atônito.

— Mas — interrompeu-o Marciano —, onde, por Deus, encontrarei o tal de Leôncio?

— Não utilize o sagrado nome do companheiro em vão. Evite pronunciá-lo, todo cuidado é pouco, a segurança revolucionária depende de atenção constante. Procure-o no centro, em um bar chamado Minuano, perto da Assembleia Legislativa, não há como enganar-se.

— Ele é o dono do estabelecimento?

— Não queira saber mais do que o necessário, “*somente o necessário, o extraordinário é demais*”, Rudyard Kipling, um escritor reacionário, colonialista; Mogli, o romance, você conhece a obra?

— Não, Darwin, não.

— O companheiro poderá ser encontrado entre dez e doze horas da manhã no bar Minuano; apresente-se como amigo, um companheiro de Vanderlei e entabule conversa, com discrição, dê-lhe o último número da revista e *del periódico*, entregue-os em um envelope, diga que é uma lembrança de Vanderlei. Depois o resto é com você, ganhe sua confiança e se meta no movimento brizolista, “entrismo” companheiro, esse é o nome dessa estratégia, seja um deles, viva como eles, coma churrasco, *un asado*, tome chimarrão e vinho, *mate y vino*; sobretudo, lute com eles contra a ditadura, somente nunca se esqueça do partido, aproveite a cumplicidade para elevar-lhes a compreensão revolucionária, para isto estão os textos do camarada Posadas. A cada três meses, sempre na primeira segunda-feira de cada mês, nos encontraremos nesse mesmo local, você nos trará informes sobre o progresso do trabalho em



Porto Alegre e nós lhe proveremos com números novos da revista, preciosidades produzidas pelo camarada e pela IV Internacional; entendidos, estamos?

— Darwin, segunda-feira será impossível, terei plantão todo domingo à noite e não haverá tempo para estar em Brazlândia pela manhã de segunda, eu. . .

— Não inicie um trabalho revolucionário com hesitações, a medicina vem depois da política; o dinheiro sempre depois da militância.

— Darwin! Deixe de frescura! Não complique o simples, pelo amor de Deus! Trata-se de um assunto prático, de quem trabalha e luta ao mesmo tempo, caralho!

— Para um materialista, você apela muito para Deus. Tudo bem, a cada três meses nos encontraremos, nesse ponto, às onze horas da manhã da primeira terça-feira do terceiro mês, de acordo, esquentadinho?

Darwin estendeu a mão para despedir-se, mas Marciano não respondeu ao gesto, pretendia esclarecer mais alguns pontos:

— Um momento. Não terei nenhum contato com a IV Internacional no sul?

— Somente quando acharmos conveniente, por enquanto será o senhor e o senhor mesmo, *cuestión de seguridad*. A repressão não está liquidada, há pouco assassinaram o camarada Olavo Hansen, um trabalhador químico, foi uma grande perda, era. . .

Darwin emocionou-se e não conseguiu prosseguir com a narrativa, Marciano bateu em suas costas em um gesto afetoso, o outro reagiu e retomou o tom habitual com que pronunciava suas prédicas. E, como se fosse um pregador, prosseguiu:

— Veja o que fizeram com o partidão! Vladimir Herzog também foi assassinado na cadeia, isto apesar de sua ligação com a burguesia, entretanto, como era da elite, o fato provocou celeuma, muita gente protestou, com Olavo houve silêncio da imprensa, uma nota aqui, outra acolá, ao torturar e matar o jornalista da TV Cultura a ditadura se estrepou, parece que os militares passaram do limite, mesmo assim todo cuidado é pouco.

— Sim, tudo bem. Eu sei. Gostaria de discutir tática e estratégia. Há o companheiro Leôncio, um tomador de chimarrão, bem. . . E daí?

— Como e daí?

— Em que sentido deverei atuar?

— Segundo a linha do partido, óbvio! Primeiro, conectar-se *a la revolución mundial*, ajudar os companheiros nacionalistas a *sacar la cabeza* do Brasil e a *se ubicaren en el mundo*, comentar sobre *la revolución de los claveles y la heroica lucha del pueblo de Vietnam*.

— Tudo bem, e daí? O que fazer no concreto, no Brasil?

— Como assim?

— Como assim! Meu Deus, Darwin, que caralho propor para esse movimento brizolista? Passeata, nos infiltrarmos no MDB, lutar contra a pelegada no movimento sindical, qual a linha?

— Marciano, a linha do partido é clara: integrar-se *a la revolución mundial* não é um detalhe, além disso, os brizolistas pertencem aos setores médios, assim, por meio deles, tente chegar a militares dissidentes, com certeza, eles tem gente no exército, marinha, *et cetera*.

— Bem, isso será complicado! Não creio que irão abrir para um moleque, aparecido do nada, seus contatos entre os militares, mas tentarei. E o que mais?

— Ora. . . Bem. . . Os brizolistas têm influência entre sindicalistas, *obreros* oriundos do antigo trabalhismo getulistas, bem, aproxime-se deles, o movimento sindical será estratégico para a derrubada da ditadura e *para la construcción del socialismo* no Brasil.

— Movimento estudantil? Tenho conhecidos na medicina, ciências sociais?

— Tudo que vier é lucro, *solamente no se olvide* de que sua prioridade é juntar-se ao grupo de Leonel Brizola, claro?

Foi assim que Marciano viu-se sozinho em Porto Alegre, já que seu único contato, o companheiro Leôncio, não lhe proporcionou nenhuma das pontes que imaginavam os revolucionários de Brazlândia.



Marciano encontrou Leôncio, de fato, no bar Minuano. No primeiro dia, observou-o a distância. Preferiu estudar o ambiente. Leôncio não trabalhava no estabelecimento, era um freguês apenas, um senhor idoso, aposentado provavelmente. Chegou ao bar às dez horas em ponto, assentou-se em uma mesa ao canto, o garçom serviu-lhe um café antes que pedisse e o homem concentrou-se na leitura do jornal local. Logo depois, já eram cinco ou seis amigos proseando sobre política. Tema único escutou Marciano furtivo enquanto degustava um dos cafés mais reforçados de toda sua vida. Para disfarçar foi obrigado a tomar três chávenas de leite com chocolate, comer dois sanduíches mistos e ainda um pão com manteiga. Ao final, solicitou um suco de laranja que justificou sua presença no restaurante por outra meia hora. Ao meio-dia os amigos despediram-se e tomaram o rumo de casa. Marciano seguiu Leôncio. O velho colocou o seu boné ao estilo inglês e dirigiu-se a um ponto de ônibus. Marciano teve a precaução de se manter fora de sua visão, posicionando-se às suas costas. Assentou-se três bancos atrás no coletivo. Depois de vinte minutos, o velho desceu em um bairro de classe média, casas construídas na década de cinquenta, com alpendre, janelas de madeira e pequenos jardins com roseiras. Andou duas quadras e meteu-se em um portão igual aos outros, número 80, rua Getúlio Vargas, memorizou Marciano. Esteve pelas imediações durante todo o dia. O velho não apareceu até o fim da tarde, sono reparador pós-prandial, deduziu, o costume platino da *siesta*. Às seis horas da tarde, Leôncio saiu despreocupado, caminhou até uma padaria a uma centena de metros de sua residência, dirigiu-se ao balcão, solicitou uma dose de uma bebida escura, bebericou-a em pequenos goles, encomendou pão italiano e salame ao vendedor, pagou as despesas e voltou para casa, de onde não saiu até as dez horas da noite, quando Marciano desistiu da vigilância e voltou para sua pensão no centro da cidade.

Naquela noite, teve sua primeira crise depressiva, rolou na cama até o dia amanhecer. No dia seguinte, não tinha outra obrigação do que a de se infiltrar no etéreo e inefável movimento de





massas brizolista. Ficara-lhe a impressão de que o senhor Leôncio era somente um aposentado pacato, e aquela dedução exasperou--lhe o desespero. Sua vida em Porto Alegre não estava fácil. Havia iniciado os plantões no Hospital Municipal há um mês e não travara conhecimento com nenhum colega. Em parte por que ele evitava intimidades com estranhos, temia infiltração policial; em realidade, receava não ter o que responder quando alguém o inquirisse sobre sua vida particular. Sentia-se um estrangeiro naquela terra. Apesar de expressar-se em português tinha um sotaque diferente das pessoas daquela cidade, mal abria a boca e a entonação de suas frases fazia com que todos o mirassem com espanto, como se fosse um chinês recém-desembarcado no Brasil. As pessoas cumprimentavam-se com “Che” para um lado, “guri ou guria” para o outro, admiravam-se com “trilegal”, confraternizavam-se em torno de uma mesma cuia de chimarrão, e ele nada, não se animava a imitá-los ou a fazer qualquer concessão aos costumes locais.

Além de seu mutismo, de sua posição defensiva, havia a impessoalidade do Pronto-Socorro, um ambiente impróprio para a construção de vínculo de amizade. Ele assinara o contrato em um gabinete burocrático, o funcionário entregou-lhe um crachá com sua foto e identificação, deveria pendurá-lo no pescoço, era obrigatório insistiu o burocrata, informou-lhe ainda sobre os horários em que estaria de plantão e entregou-lhe um folheto de duas páginas sobre seus compromissos: não abandonar o posto até que outro colega o substituísse, vestir-se de branco, trazer seus próprios instrumentos de trabalho, estetoscópio e lanterna, e nada mais lhe foi concedido à guisa de recepção em seu primeiro trabalho na área de saúde. Depois de um mês, Marciano ainda não se encontrara com diretores ou qualquer outro responsável pelo Hospital. Cada plantão era coordenado pelo médico e pela enfermeira mais antigos e com isto se bastavam. Não foi apresentado a ninguém, ninguém tomou a iniciativa de mostrar-lhe o Pronto-Socorro. Em seu primeiro plantão saiu caminhando perdido, até que o médico chefe indicou-lhe o cubículo onde atenderia os pacientes. Comunica-



ram-lhe, apenas, como era novato, que não operaria na sala de urgência, o que foi um alívio para Marciano, sua formação em medicina não era suficiente para que lidasse com casos graves. Ficaria com o feijão com arroz da clínica de adultos conforme lhe fora prometido quando aceitara o emprego.

Se essa organização impessoal protegia sua clandestinidade, também lhe impossibilitava a construção de laços sociais. Depois de um mês de trabalho, em que esteve em uma dúzia de plantões, ainda não conhecia ninguém pelo nome. As frases, que pronunciara ou que lhe foram dirigidas, todas, diziam respeito a casos clínicos; a sua comunicação com outros seres humanos reduzira-se ao essencial e ao mínimo necessário para manter o PS funcionando.

Fora do Hospital seu isolamento era ainda mais pronunciado, vivia em pequenos hotéis, alternando pouso a cada semana, depois relaxou, mudando-se a cada mês, o incômodo dessa vida de cigano urbano era-lhe insuportável.

Após várias semanas, encorajou-se para contatar Leôncio. Marciano odiava comunicar-se com desconhecidos. Mesmo assim, forçou-se a se aproximar do velho. Abordou-o uma manhã no bar Minuano, enquanto o velho lia o *Diário de Notícias*, antes que seus amigos chegassem.

— Bom dia, senhor Leôncio. Sou conhecido de Vanderlei, trago algumas lembranças dele para o senhor — disse, entregando-lhe o envelope com um número da *Revista Marxista, Leninista e Trotskista*, editada em vermelho e branco, com o símbolo da foice e do martelo entrelaçado a um quatro estilizado, e um exemplar do jornal do partido.

O velho encarou-o surpreso e perguntou com uma expressão temerosa:

— Como?

— Marciano, muito prazer — respondeu-lhe o revolucionário, estendendo-lhe a mão.

— Prazer, prazer — contestou-lhe o brizolista, apertando a mão suspensa no ar, entretanto, ignorara o pacote que Marciano ainda segurava com a mão esquerda.



— Muito bem, senhor Leôncio. . . Meu nome é Marciano Villa, mudei-me há pouco para Porto Alegre. Trabalho no Hospital Municipal. . . Sou médico — confessou, mesmo sabendo que atirava ao lixo o protocolo de segurança em que fora instruído. Ele deveria manter-se anônimo, evitar qualquer intimidade com os contatos e simpatizantes, jamais deveria revelar sua residência ou local de trabalho. Ele arriscara tudo, disposto a conectar-se, independente das consequências, com aquele ser humano.

A atitude do senhor Leôncio mudou radicalmente. O velho abriu um sorriso imenso, levantou-se e abraçou-o com afeto:

— Sente-se, meu filho! Assente-se, um minuto. Aceita um café? Anselmo — gritou para o garçom —, um café expresso para o doutor aqui, para o amigo. Ah, o Vanderlei, sabe que não o vejo há bem um ano, de vez em quando ele me telefona, sempre do trabalho, do hospital, ah, ele continua com a mania de clandestinidade, de segredo, o que é uma bobagem, não? Afinal é fácil localizá-lo no Hospital das Clínicas de Brazlândia. Bem, cada louco com sua mania, não?

Após um intervalo, em que esteve ensimesmado, o velho voltou a estender-lhe a mão dessa feita sorrindo:

— Muito prazer, doutor. . .

— Marciano. Marciano Villa.

— Ah! O senhor é bem mais novo do que o Vanderlei, não?

— Sim, me formei ano passado, apenas começo minha carreira como médico, antes trabalhei no Banco Brasileiro — disse Marciano em um surto de afetividade inesperado. Andava tão solitário que o assaltou um desejo de cativar aquele senhor, assim confiou nele como se o conhecesse de muito, como se fossem da mesma família.

— Filho de trabalhadores, com certeza, trabalhar e estudar. O Vanderlei foi professor durante toda a faculdade, esforçou-se muito, durante o dia, medicina; à noite, matemática no colégio do estado. Bem. . . E o que temos no pacote — disse o velho, abrindo o envelope. — Opa! Coisa subversiva — exclamou, mettendo a revista outra vez no envelope; olhou ao redor por sobre



os ombros e seguro de que não havia nenhum espia na redondeza, retomou sua conversa em tom bonachão: — Vanderlei, Vanderlei, ele e sua mania de me conscientizar. Tudo bem. . . Levo o seu pacote; depois, em casa. . . — disse entre jocoso e conspirativo enquanto piscava o olho. — Ah, o Vanderlei, tenho muito orgulho dele, muito inteligente, desde moleque sempre quis fazer medicina, tão jovem e já neurocirurgião em Brazlândia, ah! Somente não entende é de política, nisso saiu à mãe, analfabeta política, meu guri imagina ensinar o pai-nosso ao vigário, logo comigo, uma raposa velha, e ele convencido de que sabe mais do que o pai, antes de vocês nascerem eu já fazia política, fui dos ferroviários, fundador do PTB, já fiz de tudo e muito e o menino resolvido a me ilustrar com teoria marxista e que tais — comentou, caindo na gargalhada sozinho, encantado com a graça daquela anedota que somente a ele divertia.

Enquanto o velho sorria, Marciano compreendeu o enredo: as feições do velho Leôncio eram um reflexo envelhecido da seriedade de Galileu, o dirigente do secretariado brasileiro da IV Internacional que ele conhecera em Brazlândia. Então o famoso contato do partido com o movimento populista existia porque o velho brizolista era pai do revolucionário, “puta que o pariu”, pensou, fora ludibriado pelo tom pomposo do idiota do Darwin, era tudo uma encenação, falsidade, uma comédia! Desanimado, voltou a concentrar-se no pai orgulhoso, que prosseguia elogiando o filho distante, Galileu, ou Vanderlei, sim, que, de fato, era uma pálida cópia do pai, tinham o mesmo formato de rosto, o mesmo olhar cordato e bondoso, Galileu então era o Vanderlei, concluiu Marciano, um revolucionário médico e especialista, não um profissional em tempo integral a serviço do partido, por isso Galileu pareceu-lhe o mais ponderado e sensato entre os dirigentes trotskistas, uma pessoa tranquila, que não estava todo o tempo medindo a grandiosidade de seu ego com o dos outros, aquela constatação acalmou-o, poderia relaxar, o velho imaginara-o colega do filho, acertara ao acaso quando se confessara médico, por isso o lutador aposentado o havia acolhido tão bem, doravante faria parte



da família, concluiu, estendendo outra vez o braço para que o senhor o apertasse.

De fato, desde aquele dia Leôncio incluiu-o em seu círculo. Apresentou-o aos amigos brizolistas, todos aposentados e políticos de discurso, exuberantes em sua revolta retórica, como seu antigo mentor Oswaldo, recordou-se Marciano, porém, à semelhança de seu velho mestre, nenhum deles mantinha qualquer vinculação com movimento social relevante, eram lembrança de um passado de luta, estavam acomodados, levavam uma vida pacata e regular, de casa ao bar, do bar ao clube de bocha, daí voltavam para casa, de vez em quando, iam ao estádio para assistir partidas do Internacional; no presente, o ativismo deles resumia-se em falar mal da ditadura, em votar pela oposição e acompanhar, todo dia, com minúcia, as notícias do país e do mundo, somente nunca seriam uma ponte para Marciano aproximar-se do movimento de massas, percebeu logo o agente clandestino.

Leôncio convidou-o para um churrasco no domingo. Marciano trocou o plantão com um colega e apareceu para conhecer a família Gomes. Almoçaram espeto com arroz carreteiro. Tomaram vinho, Marciano excedeu-se para além do seu hábito. Ninguém o percebeu bêbado, ele tinha controle sobre seu comportamento, ao meio da refeição, sentiu a cabeça girando e substituiu o vinho por água, tomou bastante água, alimentou-se bem e com isto se lhe desanuviou o cérebro. Na festa, estiveram presentes vários integrantes da rede brizolista, ex-sindicalistas, um ex-vereador, todos ex-alguma coisa. Marciano divertiu-se com suas histórias, era um mundo novo que ele não conhecia, comentaram sobre o período JK, Jango, contaram vários episódios em que a valentia e o discernimento de Brizola derrotaram tramas dos reacionários; todos esses casos, repetidos pela milésima vez, faziam-nos rir e admirar-se pelo incrível tirocínio político de seu líder.

— Um azougue — reforçou um ex-professor de história afastado das lides pedagógicas —, um Ulisses do século XX!

— Por que Ulisses? — admirou-se Marciano com a comparação.



— Ora — explicou-lhe o mestre com paciência —, na mitologia grega, em Homero, Aquiles representa a valentia, a invulnerabilidade, mas Ulisses foi o símbolo da inteligência. Ulisses o ardiloso, diziam dele, exatamente igual ao velho Briza, igual, igual! Um dia ele retornará do exílio para estabelecer ordem em Ítaca, digo no Brasil. Trespasará com sua lança essa corja de milicos escrotos e de políticos adesistas, gente sem coluna que lhes assegure postura ética e. . . Enfim.

Nessa tarde, Marciano conheceu o filho caçula de Leôncio, um jovem com dezenove anos e cursando o segundo ano de medicina. O velho apresentou-o com orgulho:

— Sidney. . . Doutor Marciano. Meu filho, futuro neurocirurgião, como o irmão.

— Calma, pai, ainda é muito cedo, não sei o que farei depois do canudo. Muito prazer, Marciano.

O rapaz grudou-se em Marciano, esteve ao seu lado durante todo o almoço. A certa altura, de um modo reservado, como se conspirasse, cobrou comentários sobre o quadro político, quis inteirar-se sobre as opiniões daquele revolucionário com quem ele se identificava. Quando Marciano despediu-se, ali pelas quatro horas, o rapaz acompanhou-o ao ponto de ônibus:

— Você pertence ao partido, com certeza, eu sei! Meu pai deixou o envelope que você trouxe jogado em cima da escrivaninha da sala, com a revista e o jornal, tudo à vista de qualquer um. Não sei por que Vanderlei insiste em mandar-lhe esse tipo de literatura, o velho nunca lê os artigos. É muito complicado para o entendimento dele, toda sua sabedoria política vem da experiência e da leitura dos jornais. Em compensação, Vanderlei me esnoba. O partido não tem ninguém no movimento estudantil de Porto Alegre. Fui eleito para o Centro Acadêmico da medicina, e meu irmão proibiu-me de filiar ao partido, bem. . . Gostaria de estabelecer contato por seu intermédio, sei que você se formou na Capital, o pessoal daqui, vários companheiros, conhecem e respeitam vocês, Tristão, Matias, pioneiros na reconstrução do movimento depois do AI-5, bem. . . Pensei, poderíamos nos reunir a cada semana,



com o tempo montar uma célula, tenho companheiros de absoluta confiança e. . .

— Tudo bem, Sidney. Tudo bem. . . Devagar com o andar. Primeiro, preciso me inteirar sobre o quadro local, lógico, depois conversaremos. Depois veremos, poderemos começar com um grupo de estudos, livros, jornais, discussão sobre a conjuntura, com o tempo, quem sabe, apresentaremos o partido a alguns, certo?

Marciano tomou o ônibus para o apartamento que alugara. Leôncio insistira em saber o seu endereço, e ele fora obrigado a confessar que ainda vivia em hotel, não tivera tempo livre para buscar uma moradia, a família viria em pouco tempo, a mulher terminava uma pós-graduação inventou, envergonhado em admitir que não os trouxera em virtude dos “perigos inerentes à sua missão”, preferiu justificar-se com mentiras diante da saraivada de perguntas bem-intencionadas que lhe dirigia seu novo amigo, preocupado em facilitar-lhe a vida. Leôncio não compreendia por que um médico maltratava-se tanto. Em uma semana, Leôncio indicou-lhe um apartamento no centro, pequeno, explicou, mas barato, próximo ao Hospital Municipal, um contrato provisório, argumentou, mobiliado, ideal para o período enquanto aguardava a vinda da mulher e do filho. De fato, a qualidade de vida de Marciano melhorou. Pelo menos tinha cinquenta metros quadrados de privacidade.

Enquanto caminhava pelas ruas vazias naquele dia invernal e cinzento, adveio-lhe uma dor de cabeça terrível. Uma pressão frontal que lhe ferroava o cérebro em pulsos dolorosos, com momentos de calma e outros em que sentia como se lhe houvessem enfiado uma agulha. Atrapalhou-se com o ponto onde deveria descer. Súbito, atacou-lhe um branco, alguns segundos em que não pensou em nada e nem se deu conta de onde estava. Quando voltou à consciência, descobriu-se a algumas quadras de sua nova moradia. Comprou analgésico em uma farmácia, em casa estendeu-se na cama por uma hora, antes de vestir-se para o plantão.

No Hospital meteu-se em seu consultório e pôs-se a atender às pessoas que o aguardavam, havia pouco movimento, o frio



afugentara a clientela habitual, velhos com crise hipertensiva e dor lombar, jovens com resfriados, uma ou outra pneumonia, assim, sobrou-lhe tempo para espairecer. Em virtude da dor de cabeça e do sono que o atormentavam, não estava habituado a beber e a meia garrafa de vinho ingerida dificultava-lhe manter-se alerta, a cada meia hora, dirigia-se à copa para tomar uma xícara de café. Repetia essa mesma trajetória pela terceira vez, quando lhe sobreveio, outra vez, o branco total. Tentou apoiar-se na parede, mas desconectou-se de tudo.

Despertou-se deitado em uma maca do Pronto-Socorro.

— Tudo bem, Marciano? Tudo em ordem, não se preocupe — um médico, todo de branco, simpático, sorria-lhe a um palmo do seu próprio rosto.

Marciano sobressaltou-se, esboçando intenção de levantar-se. O outro acalmou-o:

— Sou teu colega da sala de emergência, João Miguel. Ti vestes um desmaio, mas estás bem, todos os sinais vitais preservados. Não te preocupes, excesso de trabalho?

— Obrigado — resmungou Marciano —, eu, não sei. . .

O médico mirava-o com cumplicidade, como se o paciente pudesse confiar nele. Era jovem, avaliou Marciano, dez anos mais do que ele, de esquerda, provavelmente, pela barba e cabelo ao estilo revolucionário, imaginou, em dúvida sobre a conveniência em confidenciar suas agruras:

— Não, sim. Eu, não — continuou em tom vacilante —, iniciiei o plantão há pouco. Tomei vinho ao almoço, não estou habituado. Churrasco com amigos, três ou quatro taças, não descansei depois, bem. . .

Doutor João Miguel solicitou que a auxiliar de enfermagem deixasse-o sozinho com aquele médico paciente; em seguida, acrescentou em voz baixa e em um tom conspirativo:

— Marciano, tenho te observado desde que começastes aqui, és um tipo misterioso, serias uma pessoa tímida, pensei, ou um falsário, bandido, ou, o mais provável, algum militante, discreto em razão de segurança? Também sou de esquerda, bem, busquei me

informar sobre o doutor Marciano, alguns companheiros forneceram-me um relatório sobre tua origem, liderança trotskista entre os estudantes da Capital. Não apreciamos seus congêneres aqui do sul, um pessoal arrogante, puristas, donos da verdade, consideram o aliado amigo como sendo inimigo, bem, soubemos que vocês, da Capital, são diferentes, a favor da unidade, da constituição de uma frente ampla, bem. . . Conta comigo, o que tu precisares. . . Sempre te vejo sozinho, deslocado de tudo e de todos, e agora o senhor adoeceu e. . .

— Foi nada não. De qualquer forma obrigado, eu. . .

— Sim, além de tudo teimoso, cabeça dura, as enfermeiras já me passaram a tua ficha, nunca pedes ajuda a ninguém, és sério, estudas e consultas livros antes de receitar, um médico preocupado, sério, mas que agora está enfermo, sem dúvida. Tenho um consultório na cidade, sou clínico geral, deixo-te meu cartão, precisas fazer alguns exames, hoje tivestes um desmaio, um. . .

— Nada, obrigado pela gentileza, solidariedade. Mas estou bem, foi somente o vinho e. . .

— Marciano, tomara que sejam o nervosismo e o vinho somente. Entretanto, tu sofreste uma crise de ausência antes de desmaiar, ficaste parado no corredor sem enxergar ninguém, sem. . .




— Como assim?

— Aceites o apoio do amigo, quarta-feira no meu consultório, pela manhã nunca aparece ninguém, aproveito o tempo para estudar Marx. Me desculpe a franqueza, mas como percebi que tu és osso duro de roer, digo logo o que penso: é provável que tenhas sofrido uma crise epiléptica, tomaste algum remédio?



— Não, nunca tive nada, nadinha. Sou sadio como um touro, eu. . .

— Bem, ficamos combinados, quarta-feira!

De fato, diagnosticou-se um foco de irritação cerebral em Marciano, uma forma benigna de epilepsia, nada preocupante, asseverou o médico amigo, de qualquer modo, teria que alterar hábitos de vida: usaria anticonvulsivantes de modo permanente, deveria abster-se de álcool e, além do mais, seria conveniente que






portasse um crachá oculto pela camisa em que houvesse uma descrição do seu problema clínico, uma garantia em caso de novas crises, orientou o médico.



Aquele diagnóstico caiu como um raio sobre a cabeça de Marciano e ele deprimiu-se ainda mais. Leu tudo sobre epilepsia, tudo. Meteu-se na biblioteca da Faculdade, Sidney emprestou-lhe a carteira de estudante, retirou tratados de neurologia e revistas especializadas; ao final, depois de absorver conhecimento atualizado sobre aquela enfermidade, sentiu-se um aleijado, portador de uma deficiência crônica. Nunca havia pensado seriamente sobre a morte, ou o envelhecimento, nem sequer imaginara-se vivendo com alguma doença que lhe diminuísse a vitalidade de uma maneira permanente. Cruzou a semana, trancado em seu pequeno apartamento; sábado arrastou-se para o plantão. Tomava os remédios prescritos com cuidado compulsivo, controlando o intervalo entre uma dose e outra em minutos, com isso evitaria nova crise, acreditava. Temia deslocar-se pelas ruas, ser atropelado por um carro, maltratado por ladrões, deveria cuidar-se para prevenir novos desmaios preocupava-se de modo obsessivo. Com o cuidado minucioso, desapareceram-lhe as dores de cabeça e as ausências, mas as drogas provocavam-lhe sono; ademais, sentia-se embotado, com a capacidade de raciocinar diminuída. Assustou-se ainda mais quando percebeu que a memória também lhe falhava. Animou-se um pouco quando Sidney mostrou-lhe alguns artigos que relatavam casos de cura em vários pacientes com epilepsia, com a idade voltavam à normalidade e os focos cerebrais deixavam de emitir ondas elétricas sem quê nem por quê. Depois daquela revelação, Marciano resolveu que ele se curaria. Em alguns anos, voltaria ao normal, deliberou decidido. Preferiu ocultar de Fátima seu estado, apenas fez referência a um mal-estar vago decorrente do excesso de vinho, admitiu haver se tornado abstêmio, o que não lhes alteraria a vida, comentou, já que nem Fátima ou ele eram aficionados a qualquer tipo de bebida.

Nos meses seguintes, Marciano voltou-se para o movimento estudantil, encontrou Sidney com frequência, logo compuseram



um grupo entre jovens estudantes. Por meio de João Miguel, aproximou-se do movimento sindical, um grupo de médicos reunia-se com objetivo de retomar o sindicato dos conservadores que o controlavam desde o golpe militar de sessenta e quatro. Em certa ocasião, receberam a visita de colegas militantes de Brazlândia, pertenciam ao Movimento de Renovação Médica, faziam oposição sindical, haviam se articulado ao movimento pela anistia e lutavam em defesa dos direitos humanos. Marciano, sem premeditação, a certa altura da reunião, disse aos médicos visitantes:

— Até o final do ano, voltarei para Brazlândia. Estou aqui de passagem, poderemos nos encontrar por lá, pretendo me dedicar ao sindicalismo, ingressar no movimento de renovação!

Os médicos ofereceram-lhe endereço de suas residências, dispuseram-se a indicar-lhe empregos, foram prestativos. Aquela generosidade surpreendeu Marciano, afinal eram filiados a distintas organizações de esquerda e, em geral, os esquerdistas consideravam o diferente inimigo, ainda quando todos fossem contrários à ditadura e professassem algum tipo de marxismo. Também se preocupavam com a segurança, a reunião realizava-se em casa de um dos médicos locais, fora organizada com reserva, somente pessoas de confiança haviam sido convidadas, entretanto, embora temessem a repressão, não compartilhavam da neurose pela clandestinidade do partido revolucionário a que Marciano se filiara. Foram jantar juntos, abriram informações sobre a vida particular uns com outros, um clima bem mais aberto e informal do que aquele a que Marciano se acostumara. No restaurante, ele meditou intrigado sobre a declaração que fizera, ele nunca admitira para ninguém, nem para si mesmo, a intenção de voltar à Brazlândia, tampouco pensara em dedicar-se ao movimento médico.

Em uma de suas viagens à Brazlândia, quando prestava contas das tarefas a Darwin, contou-lhe sobre os contatos que abrira no movimento estudantil, inclusive, sugeriu que Sidnei fosse incorporado aos quadros do partido. O dirigente revolucionário tergiversou, mas aceitou avistar-se com o rapaz, indicando-lhe uma forma estrambótica para contatar-se com o estudante gaúcho. En-



contrar-se-iam na rodoviária de Santos, uma cidade vizinha de Brazlândia. Marciano memorizou o mapa com os pontos, horários e senhas.

O moleque exultou quando Marciano contou-lhe que um dirigente nacional o entrevistaria. Finalmente, gritou o jovem, ingressaria na IV Internacional.

Marciano retomou sua rotina. Durante as férias escolares de julho, Fátima e Vladimir estiveram em Porto Alegre. Foi um oásis existencial, os três dormiam agarrados no pequeno apartamento de Marciano. Como tivesse a semana livre, conheceram recantos pitorescos da cidade: museus, mercado central, parques e mais parques, cinemas, restaurantes. Na última semana, Fátima pressionou o marido para que apressasse a mudança de toda a família para Porto Alegre. Marciano argumentou indeciso:

— Fátima. . . Para isso necessitaremos de uma autorização do secretariado, afinal. . .

— Afinal o quê? O senhor nunca foi um bunda-mole, mas, agora, com esse tal de comitê central, secretariado, partido, os cambaus, não podemos dar um passo sem a autorização das princesas, um povo que não sabe nada sobre nossa vida, nada! Pessoas que não imaginam a agonia. . . Marciano, não está fácil, viver sozinho com um filho, todo o tempo, cada imprevisto. . . É um inferno, não fosse o Tristão, eu estaria perdida, ele me ajudou muito, toda quarta-feira, tenho reunião na escola, e Tristão é quem buscava o Vladimir na creche, mas, ele e Juliana se mudaram para Brazlândia, e eu. . . Depois não tem cabimento, o seu filho crescer sem pai. Ele chamou o Tristão de papai, várias vezes, tudo isso para quê? O que de importante o senhor está fazendo aqui?

— Não, sim. Você tem razão. O Vladimir chamou o Tristão de pai?

— O Tristão antes! Agora, o pai é o diretor da creche, ora!

— Minha missão fracassou, é verdade. Resolvi. . . Bem, ainda não discuti com ninguém, mas, ao final do ano, voltaremos para Brazlândia. Portanto, não valerá a pena o esforço de nos mudarmos para essa cidade de merda.



— Voltaremos quem cara-pálida? — perguntou Fátima com irritação. — Nunca estive em Brazlândia, parece que sua família sempre aparece em último lugar em suas considerações!

— Não, querida! Não — retrucou Marciano sorridente ante a fúria inesperada da mulher, Fátima nunca perdia as estribeiras com o marido, e ele gostava de percebê-la forte e poderosa. — Certo! Pensei, quem sabe? Em Brazlândia poderei cursar residência, conheci alguns médicos de lá, gente boa, terei emprego fácil e. . . Bem, na verdade, resolvi abandonar esse partido de merda, a IV Internacional, todos são uma fraude, Fátima! Somente um bando de caipiras de Nova Barcelona poderia se entusiasmar com a discursadeira sem pé nem cabeça deles, pelo amor de Deus! Como fomos ingênuos, tontos. . .

— Se assim é, por que não voltamos juntos para a Capital e providenciamos a mudança logo, sem tardança, sem delongas, eu não suporto viver longe de você e. . .

— Calma, em dezembro. Tenho compromissos aqui, além disso, pretendo preparar com muito cuidado nossa chegada em Brazlândia, somente iremos quando eu tiver emprego definido, alugaremos uma casa, ou um apartamento maior do que essa jaula e. . .

— Certo, tudo bem! Iremos juntos, em algum feriado, escolheremos apartamento, dessa vez quero participar de tudo, não. . .

— Lógico. Faremos tudo de maneira planejada, cada detalhe. . . Por exemplo, você poderia informar-se sobre concursos para professora, pedagoga, a rede pública remunera bem, a carreira docente no estado de São Paulo é a melhor do Brasil, com certeza, daqui pro final do ano, haverá algum concurso.

No dia seguinte, Fátima descobriu os remédios para epilepsia escondidos no armário da cozinha. A Marciano não restou alternativa que compartilhar com a esposa “sua debilidade, sua deficiência”, conforme ele mesmo classificou sua enfermidade. Ao tomar conhecimento da doença do marido, Fátima incomodou-se ainda mais em deixá-lo sozinho em uma cidade estranha. Mas Marciano foi irredutível e despachou mulher e filho de volta para a Capital.




O grupo de oposição dos médicos gaúchos dissolveu-se por divergências irreduzíveis entre sua dezena de afiliados. Meia dúzia era pela anistia geral e irrestrita, outros consideravam o pedido de perdão uma concessão inadmissível aos militares, ninguém cometera crime ao se rebelar contra a ditadura, argumentavam, portanto, não haveria por que implorar por anistia. A polêmica acirrou tanto os ânimos, que os contentores logo passaram do debate de ideias à antipatia pessoal. Como não mais se suportassem, interromperam a conspiração em prol da tomada das entidades médicas pelas forças progressistas.

Sidney passou a evitar Marciano desde que voltara de Brazlândia, provavelmente Darwin instruíra-o para que se afastasse dele, intuiu o médico que assim também perdeu interlocução com os estudantes gaúchos. Marciano sentiu-se como um revolucionário profissional desempregado, não tinha o que fazer em política. Setembro, outubro, novembro, aproveitou o tempo livre para armar sua nova vida em Brazlândia. Enquanto estava em Porto Alegre, resolveu ganhar dinheiro, alguma reserva seria fundamental para o bem-estar da família. Dobrou sua carga de plantões, em algumas semanas chegou a trabalhar oitenta horas.

Acostumou-se a almoçar com João Miguel após a consulta de controle mensal, o médico fora obrigado a aumentar a dose dos medicamentos, o eletroencefalograma indicava importante atividade neurológica irregular. Marciano sentia-se sonolento a maior parte do dia, era um esforço sobre-humano manter-se acordado. Além desse efeito colateral, os remédios dificultavam sua concentração, perdeu a capacidade de leitura, mal iniciava um livro e esquecia-se do que lera, em quinze minutos cochilava incapaz de recordar-se do assunto em questão. Esporadicamente, avistava-se com Leôncio no bar Minuano, ainda que, com o aumento da jornada de trabalho, houvesse espaçado os encontros com o amigo brizolista.

Certa manhã, em dezembro, quando saía do pronto-socorro, tomou um susto ao avistar o senhor Leôncio e Galileu, ou melhor, Vanderlei, correndo em sua direção. Pareciam desesperados, com uma expressão de terror absoluto, como se houvessem avistado





um fantasma. O neurocirurgião revolucionário adiantara-se e segurou Marciano pelo braço com energia inesperada. Marciano sorriu-lhe encantado em encontrá-lo na vida normal, mas o revolucionário sacudia-o como se pretendesse arrancar-lhe algum segredo. Depois de um tempo que a Marciano pareceu imenso, Vanderlei gritou exasperado:

— Bolívar, filho da puta, o que vocês fizeram com Sidney?

Marciano contemplava-o estupefato. Não sabia sobre Sidney há meses. Num átimo, intuiu o motivo de tamanha aflição, o moleque aprontara alguma. Mesmo solidário, reagiu à violência com que Vanderlei o sojigava, livrando-se com um safanão das mãos que o agarravam.

— Doutor Marciano, por favor — implorou o pai aflito — meu Sidney, para onde o senhor o mandou? Precisamos encontrá-lo, por favor — rogava o velho com lágrimas a escorrer-lhe bochecha abaixo.

— Pelo amor de Deus, Leôncio! Não vejo o Sidney há meses. O que aconteceu, Galileu, Vanderlei, que merda é essa?

— Merda, digo eu — respondeu aos berros o neurocirurgião delicado. — Porra, cara, o Sidney é um moleque, um. . .

— Gente calma, eu não vejo o Sidney desde agosto, ajudei-o com o movimento estudantil, mas ele tem me evitado, talvez ordens do secretariado, sei lá! Eu não sei nada sobre ele. Ele foi preso, alguma coisa?

— Meu Deus, meu Deus! — lamentou-se Vanderlei, assentando-se na sarjeta, incapaz de suportar o próprio peso.

Foi o velho pai quem esclareceu o mistério:

— Os idiotas e irresponsáveis dos trotskistas mandaram meu filho para a Argentina. Sim, agora, depois do golpe militar, com toda aquela carnificina, determinaram que ele cumprisse uma missão maluca, e o. . .

Faltou-lhe a voz, sufocada por uma crise de choro. Vanderlei continuava derreado com a cabeça escondida entre as pernas.

— Meu Deus! Não! — exclamou Marciano, deduzindo a tragédia: haviam enviado Sidney para o matadouro no lugar de Tristão.



— Sim, o quê? — reagiu o pai.

— Eu apenas imagino. . . tenho uma vaga idéia sobre o que se passou, eu. . . Será que ele já embarcou? Pobre do Sidney. . . Vamos dissuadi-lo de. . .

— Ele viajou sem explicar nada para ninguém, há um mês estamos sem notícias dele. Cruzou a fronteira em algum lugar, levando dinheiro, ajuda, para a revolução argentina, tem cabimento uma estupidez desse tamanho? — explodiu o Galileu, ou melhor, Vanderlei, em tom lamurioso. Recuperado, levantou-se do chão, segurou Marciano pelos braços e vomitou:

— O canalha do Darwin deu prosseguimento àquele plano tresloucado de enviar algum militante jovem à Argentina. Uma idiotice sem tamanho, dada a conjuntura repressiva de lá, seu amigo da Capital, o. . .

— Tristão.

— Sim, ele recusou e foi expulso do partido, contra meu voto. Pensei que os babacas houvessem desistido do projeto, mas, sem me consultar, o filho da puta do Darwin mandou meu irmão para a morte, quando o canalha discutiu o assunto em minha presença, usou um nome de guerra para o Sidney, disse que se tratava de um estudante gaúcho, recrutado por você Marciano, um tal de Sedova, nunca imaginei que fosse meu irmão, segundo Darwin, ele se dispusera a levar o apoio dos estudantes brasileiros aos irmãos em luta. . . Mesmo sem saber quem era o voluntário, fui contra a viagem. O Darwin, com sua idéia fixa! Ele ganhou a votação e deliberou-se que o camarada Sedova viajasse para a Argentina, os camaradas do Partido o receberiam em Buenos Aires, ele levava dinheiro, solidariedade dos estudantes brasileiros, pois bem. . . Eu me informei, ele não compareceu aos pontos determinados, os camaradas argentinos nunca o encontraram, ele foi preso antes, talvez na fronteira, em algum lugar e está desaparecido, desaparecido, o Sidney! Ah!

Marciano perdeu o controle sobre o próprio corpo: primeiro, agarrou-lhe uma tremedeira, sacudia-se como se tivesse frio; em seguida, escorreram-lhe lágrimas e atacou-lhe um choro



convulsivo, descontrolado. Ninguém o consolou, nem o pai, nem o irmão, ao contrário, afastaram-se dele como se Marciano estivesse contaminado por algum vírus letal. Marciano ainda ouviu quando o velho pai murmurou a suas costas:

— Filho da puta, por que merda do destino um desgraçado desse cruzou algum dia pelo nosso caminho? Amaldiçoó a ti e a toda tua corja! Gente assim não vale um tostão furado, degenerados. Nunca mais apareça em minha frente, calhorda! Assassino!

Cambaleando, Marciano apoiou-se no muro. De repente, sentiu-se indiferente, incapaz de prosseguir com o choro reparador, assaltou-lhe uma raiva dura, impessoal, um ódio contra a vida, contra a humanidade, contra todas as pessoas. Ainda apoiado, reconheceu a crise chegando, sobre o branco do muro caído fulgia um arco-íris iridescente. Logo em seguida, foi o branco absoluto.

Acordou em uma enfermaria do Hospital de Pronto-Socorro. Cochilando em uma poltrona, ao lado de sua cama, estava Fátima.

— *É chocante como o fato de uma pessoa imaginar-se solidária, a favor da justiça e dos direitos humanos não a protege da mesquinha, da maldade ou mediocridade. De que adianta tua luz, Espírito de Época? De que vale deixar-se banhar em tua aura se o ser humano não. . .*

— *Nenhum espírito transforma os possuídos em santos ou em seres perfeitos. Nem por isso, poder-se-ia concluir sobre minha inutilidade. O vulgo cobra muito da esquerda, são mais exigentes em nos julgar. Talvez porque anunciamos a possibilidade de um novo mundo, de uma nova sociedade e de um novo homem. Ante cada fracasso, mil vozes clamam pela nossa destruição. Entende o drama, caro escrevinhador? Não nos é concedido o direito ao erro. Deveremos combater toda pregação que nos considera desnecessários.*

— *Sim, por outro lado, não lidamos bem com a crítica. Qualquer defeito apontado é visto como ataque frontal à nossa existência. Por isso, regimes e ditadores de esquerda são reativos.*



— Não seja ingênuo. Trata-se da sobrevivência de um projeto, de um novo modo de vida. . . E, em decorrência, de nossa própria. . . Entendeu, idiota? — exclamou o Espírito como se desabafasse de uma preocupação vital.


— Os espíritos são uma espécie de Faraó, quando morrem carregam de cambulhada para o túmulo todos os parentes e pertences? — perguntei indignado.

— Não, não seja irônico. As pessoas que perdem seu espírito, sua visão de mundo, sofrem muito. Sobrevivem como espectros. No caso do meu povo, e do seu, portanto, sem mim, vocês vegetarão como espectros encarnados. Emanações desestruturadas, ainda que concretas já que encarnadas em matéria. Seres desconexos. Fantasmas vermelhos, em função da cor que tomamos como símbolo e bandeira. Nosso lado crítico e rebelde. Se os espíritos fossem coloridos, eu seria vermelho.

Intimidado pelo tom apocalíptico, não me animei a contestá-lo. O meu Espírito aproveitou-se de minha indecisão para continuar com sua arenga:

— Pois bem, o espírito que sou, vermelho, crítico, rebelde, solidário, amante da filosofia, da ciência e da humanidade, encontra-se ameaçado de extinção. Há dois fatores que aceleram minha natural e inevitável decadência. Um refere-se ao acúmulo de derrotas que sofremos sempre que nosso Espírito se encarnou em instituições humanas. Um desastre atrás do outro. Nossos projetos políticos concretos geraram traição, maldade, autoritarismo e egoísmo. O contrário do que pregávamos. A outra razão para minha crise, melhor dizendo, nossa crise, diz respeito ao mau exemplo legado à história por vários indivíduos de nossa tribo. Muitos tiveram uma trajetória existencial vergonhosa. Muitas vezes até criminosa, horripilante. Em geral, não conseguimos praticar, na vida pessoal, o que propúnhamos para os outros e para o futuro.

— Que merda, que pessimismo! E eu com tudo isso? — o Espírito ignorou minha grosseria. Ele procurava escapar da tragédia que eu narrava com um discurso racional, lógico, dissociado da vida de nossos heróis concretos.



— De fato, eu sou muito mais do que aquilo realizado em meu nome. Direitos humanos, justiça social, onde houver um gesto de solidariedade a outro ser humano, lá estarei ainda que em tênue camada de fumaça. Em realidade, pretendo demonstrar que os homens de esquerda, formados sobre minha influência, aqueles ditos democráticos e populares, ao se degradar, terminaram escapando de meu campo de interação e criam outro espírito. Parecido comigo, mas diferente em sua essência de tudo que represento. Inventaram uma excrescência chamada de Espírito Absoluto, muito assemelhado comigo, ainda que tenhamos objetivos e métodos de trabalho distintos. Os analistas vinculados ao meu meio-irmão, o Absoluto, são profetas da totalidade e anunciaram o “fim da história”. Eles seriam a “realização do espírito humano”. Não haveria novidade nem verdade fora deles. Apoiaram-se em seu próprio oportunismo pragmático para praticar esse fechamento. Tudo que eles fizeram, como, em princípio, se destinava a alguma causa nobre, seria válido em si mesmo. Dessa forma, o Espírito Absoluto pariu um gêmeo, o Espírito Pragmático. Seus adeptos anunciaram o advento de um Espírito Único e Integral, eles seriam a Totalidade Encarnada. Infelizmente, contudo, esses Espíritos usurpadores e eu apoiamos-nos nos mesmos profetas e pensadores, pessoas que vocalizaram nossos valores, mas que mudaram com o tempo. Daí a confusão. Foram quase que os mesmo discursos que nos constituíram. Entende, agora, o drama? Temos conceitos e valores em comum, eles e eu?

— Más companhias? Por acaso o senhor está me vendendo uma interpretação do século XX que nos inocentaria? — exclamei perplexo com a desfaçatez daquele espírito. Pretendia ele com todo aquele malabarismo teórico convencer-me de que minha geração, meus amigos e eu estivéramos sempre corretos e todo o resto do mundo errado?

— Não seja ridículo e impaciente. Aprenda a escutar.

A voz do Espírito refletia desânimo, percebi. Depois de algum tempo em silêncio, ele continuou:

— Sim, concordo com você, em parte! Como todo ser humano, também nosso povo é ambíguo, contraditório e paradoxal. Veja nosso velho camarada Hegel, um dos meus construtores, apesar de toda



sua contribuição ao pensamento crítico, ele também escreveu que o mundo encontrara seu destino final, sua culminância, no momento em que ele elaborou sua própria teoria. Megalomaníaco, não? E depois Marx e Engels profetizando que a “realização do espírito”, no duro da batata, no concreto, somente ocorreria com o advento da sociedade comunista. Fim do reino da necessidade e início do reinado do Espírito da Liberdade. O nascimento de um novo espírito, único e eterno. Doce ilusão! Estava aberto o caminho para muitos de meus seguidores igualaram-me a Deus, para muito dos nossos companheiros inventarem uma nova religião laica. Mais tarde, os mais famosos herdeiros de Marx — Lênin, Stálin, Mao —, ampliaram ainda mais essa distorção, ao anunciarem que o comunismo seriam eles mesmos, seriam seu governo e sua época. No fundo, igualaram-se ao fundamentalismo religioso que insiste em considerar o seu próprio Espírito como sendo o único existente. Recentemente, até mesmos os liberais, com certa tradição em admitir a pluralidade espiritual, proclamaram que o Espírito do Capitalismo haveria se aperfeiçoado tanto, e tão completamente, que todos os outros espíritos haveriam desaparecido.

— Entendo. . . Então, todos os desvios cometidos em nome do socialismo, da liberdade e da justiça social ocorreram porque algumas pessoas deixaram-se encantar por espíritos do mal? Beleza! Tudo bem e daí? — perguntei entediado com aquela argumentação interminável e meio que sem propósito.

— Você me parece uma besta quadrada. Não sei por que o elegi como porta-voz! Não é tão simples assim, não represento o bem e os outros espíritos o mal. Não me tome por idiota.

— E então, caro Mestre e Senhor do meu destino, Vossa Excelência poderia ter a gentileza de explicar-me esse imbróglio de forma mais clara.

— Talvez essa seja a primeira vez, na idade moderna, que um espírito se comunica com um ser humano sem intermediários — anunciou solene e interessado em conservar minha atenção. — Os profetas comunicavam-se direto com seus espíritos. Tinham uma única e mesma voz. Depois veio o tempo dos mediadores. Eles são, em realidade, interpretes e sempre distorcem nossa mensagem original.



Médiuns, visionários, sacerdotes, xamãs, sociólogos, jornalistas e políticos, são legião de tradutores que, ao transliterar nosso discurso para o idioma humano, modificam-no, distorcendo nossa visão de mundo. Aconteceu algo análogo com o Espírito Cristão e com o do Budismo. Pois bem, lidar com os humanos não é fácil.

— Desista, então. Não estaria no tempo do senhor aposentar-se? Espíritos não têm um lugar paradisíaco onde gozar férias eternas — minha paciência havia se esgotado.

— Não. Somos como os tubarões, estamos condenados ao movimento eterno, movimentar-se sempre. Paralisia é a morte. . . Bem, voltemos ao nosso contrato. Como você não é profeta, tive que me conformar com um tradutor. Escreveremos, você e eu, um romance de formação sobre alguns heróis de nossa tribo. Heróis? Apesar das derrotas, foram valentes, jogaram-se na vida sem covardia, foram corajosos, aventureiros, diferentes do vulgo. Mas, lógico, em decorrência de sua ousadia, experimentaram, na própria carne, fracassos, isto apesar da orientação correta que receberam de mim, Espírito de Época lúcido e crítico.

— Tenha a santa paciência! Nunca encontrei espírito tão arrogante. Por que buscar uma explicação longínqua pra tanto fracasso, se ela está diante de nosso nariz? Pobre de quem se deixou conduzir por um espírito com tal excesso de confiança — respondi irritado diante da cegueira daquele ente que se pretendia representante do iluminismo, do esclarecimento e do pensamento crítico.



MOVIMENTO LARGO
o nascimento do herói

*Sou bem-nascido. Menino,
fui como os demais, feliz.
Depois veio o destino
e fez de mim o que quis.*

Manuel Bandeira, em *Epígrafe*.







Tristão nasceu sob o signo de Áries. Era um sábado, final de março, três horas da tarde e o outono começava. Dr. Generoso Bueno, clínico geral de Nova Barcelona, assistiu ao parto na alcova do casal. Familiares haviam comprado lençóis, gaze e álcool iodado. A parteira ordenara o cenário.

Dr. Augusto de Oliveira não cabia em si de contentamento. Era seu primogênito. Havia desposado Potestade Camargo Albuquerque há menos de um ano. Advogado recém-formado, em início de carreira, vivia com os sogros em uma casa perto da estação ferroviária. A cada três ou quatro horas, os móveis tremiam quando passava o expresso noturno ou alguma interminável composição carregada com minério, cereais ou gado. Ao longo de toda sua vida, Tristão emocionava-se cada vez que escutava o trem de ferro. Era seu meio de locomoção predileto.

Na entrada da casa havia um alpendre espaçoso, Dr. Augusto determinara que arranjassem mesas e cadeiras para a ocasião. Convidou amigos e parentes, comprara champanhe e charutos. O futuro pai sentia-se tão eufórico e ansioso que não esperou o bebê vir à luz para espocar a primeira garrafa. Serviu os adultos, mas cuidou, com especial atenção, de seu irmão caçula, Anésio, então com doze anos. Ofereceu-lhe uma taça plana, estilo fonte luminosa, que transbordava com o líquido borbulhante. O menino recusou:

— Obrigado, padrinho, não gosto de pinga.

Dr. Augusto sorriu gozoso, explicando insistente:



— Não é cachaça! Veja, é uma espécie de guaraná. Amarela também. Experimente, não morde!

Anésio segurou a taça pela haste delicada, aproximou-a do nariz e contemplou-a extasiado, encantou-se com as rosáceas transparentes bordadas no vidro.

— Tome — ordenou o irmão mais velho —, champanhe não morde.

Anésio emborcou a bebida em um só gole. Tossiu leve e estendeu o braço pedindo mais.

O irmão desinteressara-se dele, ocupado em discutir com o sogro quem seria a figura mais proeminente da história brasileira. Começaram dissentindo do senso comum segundo o qual o principal predicado do prócer nacional seria a bravura e a capacidade de sacrifício pela pátria. Consideravam a inteligência e a cultura as mais nobres virtudes de um patriota; discordavam, contudo quando a quem receberia o galardão. Onofre de Albuquerque, o avô materno do nascituro, era por Joaquim Nabuco; Dr. Augusto, o pai, defendia Rui Barbosa.

— Que Rui Barbosa que nada! — protestou seu Onofre, o sogro indignado. — Foi três vezes candidato a presidente e três vezes foi derrotado! Era um avoador, quase levou o Brasil à falência com o encilhamento. Joaquim Nabuco foi o maior de todos os brasileiros. Tinha cultura e inteligência prática. Um abolicionista! Conta-se que sua esposa, dona Evelina Ribeiro, apaixonou-se por ele em razão de sua inteligência já que era muito feio. Horrroso!

— Não, não — replicou o futuro pai —, Rui Barbosa foi um intelectual completo, gramático soberbo, escreveu o Código Civil, dezenas de livros, sim, um grande jurista, um. . .

Foi interrompido pela cunhada que apareceu espavorida, abraçou doutor Augusto ainda assentado e anunciou:

— Nasceu, graças a Deus! Nasceu. Menino! É lindo, rosadinho, branco como leite.

O novo pai não atinou para a novidade, tão distraído estivera em contemplar os peitos da jovem cunhada. Ela descuidara-se de abotoar a blusa e ao abaixar-se, deixou à vista até a auréola

escurecida de seus peitos generosos. “Que pedaço de pecado” — pensou o advogado antes de replicar “o quê?”, sem conseguir desviar o olhar daquele pedaço de carne deslumbrante.

— Um menino, nasceu — repetiu a mulher entusiasmada, aconchegando ainda mais seus seios ao rosto do homem, que sentia o desejo de possuí-la como se fosse uma dor física, “uma sede impossível de não ser aplacada”, pensou, enquanto retardava o momento de soltá-la. Levantou-se culpado, sentiu que enrubescia, mas se perdoou lembrando que há três meses não fazia sexo com dona Potestade e “ninguém é de ferro. . . um dia ainda cruzo em uma situação favorável com essa menina”, resolveu-se decidido, tanto que estourou mais dois outros champanhes, enquanto declarava:

— Tristão, o nome. — Tristão — repetiu, procurando seu pai, o avô paterno e maestro, Rodolfo de Oliveira, que escutava indiferente o debate entre Onofre de Albuquerque e seu filho. — Papai — continuou Dr. Augusto —, o menino será Tristão em homenagem à música *Tristão e Isolda* e ao seu compositor predileto,

O velho maestro primeiro tomou um gole de vinho e depois retrucou:

— Por que não Wagner? Por que tanta volta?

— Ora, papai! — respondeu Augusto. — Entre homenagear seu compositor predileto e escolher um nome brasileiro, lusitano, para seu primeiro neto, fico com as duas opções: presto homenagem ao senhor e também ao Brasil. Wagner é muito germânico. Tristão Albuquerque de Oliveira!

— Por que não Zumbi, então? — retrucou o maestro com ironia. — Ou Arariboia, Acauã? Seja brasileiro de fato!

— Ora, papai! Tristão soa nacional, brasileiro! Vamos ao charuto!

Anésio, aproveitando-se da distração dos adultos, aproximou-se da mesa de centro e tomou mais duas taças daquela bebida que lhe pareceu divina. Mágica. Estimulado pelo álcool, a que não estava habituado, e, portanto, subia-lhe rápido, bem como pelo clima de alegria, o menino sentiu-se obrigado a extravasar sua euforia. Sem saber como agir, terminou procedendo como



uma criança, saltando para o colo de doutor Augusto. Em realidade, seu primeiro impulso fora dirigido ao seu pai, quis abraçá-lo, porém, ele nunca ousara, antes, tocar no corpo do severo maestro Rodolfo de Oliveira. Nem a leve embriaguez liberou-o daquela interdição; assim, buscou socorro com o irmão mais velho.

Augusto emocionou-se com o gesto do irmão. Deixou o cigarro ainda não aceso de lado, retribuiu-lhe o abraço, afagou-lhe o cabelo e, depois, segurando-o embaixo dos ombros, pôs-se a girar. Rodopiaram sobre o piso de lajotas coloridas de rosa, azul e branco. Rodavam sorrindo, a criança gritava contente; alegres, pai e filho, quase, os irmãos.

Dr. Augusto somente viu o rebento de seu próprio sêmen três horas mais tarde, quando os convidados haviam se retirado e depois de ele haver cochilado na espreguiçadeira do alpendre.

Entrou no quarto penumbroso com cuidado e, pé ante pé, aproximou-se do leito onde dona Potestade erguia a criança para que ele a tomasse nos braços. Doutor Augusto aproximou-se para melhor distinguir os traços do filho, mas não teve coragem para segurá-lo. Admirou-se com os olhos grandes do bebê e comentou com a esposa:

— Veja, Potestade, ele me observa com curiosidade e atenção. Como se fosse uma coruja, o símbolo da sabedoria e da inteligência!

Emocionou-se com o filho, foi como se enxergasse um pedaço de si mesmo em miniatura. Uma sensação estranha assaltou-o, sentiu desejo de proteger e zelar por aquela criatura, para que não corresse nenhum risco, para que as forças do mal não prevalecessem contra Tristão. Algo que somente experimentara, com intensidade menor, diante do sofrimento e das dificuldades do seu irmão caçula Anésio.

Apesar de comovido, ou exatamente por isso, Augusto permaneceu calado, observando o rebento como se contemplasse uma obra de arte intocável. Dona Potestade compreendeu-o e perdoou a imobilidade do marido.



— Pronto! Esse capítulo confirma o meu ponto de vista! — gritou vitorioso o Espírito. — É evidente que o senhor não pode acusar-me de autoritarismo, concedi-lhe ampla liberdade. Transmiti-lhe apenas um esboço. Confesso, meu primeiro impulso foi usar a técnica dos médiuns e psicografar palavra por palavra. Mas não consegui, não sei se em virtude de alguma debilidade em minha força espiritual ou porque sou generoso, algo me impediu de usá-lo como uma mão que escrevesse o que me ia pela alma. O fato foi que não pude impor-lhe uma redação acabada. Imaginei um texto quase pronto, ainda que em uma linguagem inefável que você apenas traduziria ou transliteraria, como lhe aprouver.

O Espírito tinha razão. O texto que compartilhávamos continha apenas ideias vagas. Não havia ordem temporal na apresentação dos episódios. Compreendi que os espíritos têm uma percepção sincrônica do tempo. Enxergam passado, presente e futuro (pelo menos um pedaço dele, já que eu aprendi que os espíritos não são eternos) em um todo contínuo. Lidam com o tempo da mesma forma que nós humanos lidamos com o espaço. Em decorrência, eu não sabia bem como ordenar aquela barafunda. Resolvi inventar uma cronologia, começando pelo nascimento dos supostos heróis eleitos como personagens, mas uma força estranha me impediu de usar ordem tão singela.

— Acho que você exagerou na liberdade, não me reconheço em Tristão! — insistiu o Espírito em sua crítica.

— E como poderia, se ele é apenas um bebê? Doutor Augusto, a mãe e os avôs nunca foram filiados à nossa tribo. Foram influenciados por outros espíritos. Ou muito me engano?

— Correto, correto. No entanto, o episódio do pai siderado pelos peitos da cunhada, que coisa abjeta, incesto, apelação, isso foi invenção sua. Não constava de meu plano original. Desconfio até que a fixação em peitos é um problema seu e não do pai de Tristão.

— Esse tipo de recurso dá sabor à narrativa, uma pitada de comédia em um momento solene. Ademais serve para caracterizar o personagem, doutor Augusto é disciplinado, sério, mas se comporta como um fauno domesticado. Ademais a sua versão era inadequada,



começava criticando os seres humanos. Censurava nossa cegueira, não teríamos olhos atentos para enxergar sinais e sintomas, nem tampouco mente ágil para interpretá-los. Não compreenderíamos o modo de funcionamento das pessoas e dos lugares. “Não há um sábio a cada esquina, não há legião de sábio; ao contrário, podemos constatar que o mundo dos humanos funciona segundo um padrão de cegueira, de desentendimento e, às vezes, de pura estupidez.” Nunca escreveria frase tão preconceituosa! Isto é zombaria pura, exagero, agressão contra a humanidade, ressentimento de um espírito pessimista, vaguezas que pretendo eliminar do meu romance!

— Tudo bem. Tenho apenas algumas exigências: faça questão que você busque o esclarecimento de alguns enigmas; que mantenha, em suspenso, algumas perguntas, por exemplo: Como se explicaria o modo de ser humano? O que comanda as escolhas praticadas pelos seres humanos? Interesse e cálculo? Destino ou acaso? Vontade e plano? Desejo e prazer? Amor e abertura ao outro? Cultura ou genética? Medo ou busca pelo poder? Acredito, caso realizemos um estudo de caso, uma observação ampliada sobre a existência de nossos personagens, que será possível apreendermos alguns elementos elucidativos sobre nossa época e sobre nossos contemporâneos. Pelo menos, assim me parece.

— Insisto, não há como prosseguir com essas exigências. O que você busca é um filósofo! Encarne em um deles e me deixe em paz.

— Não há volta possível.

— Tudo bem, então. Assim sendo, farei cortes no texto rococó que você, Espírito, imprimiu em meu cérebro.

Como resposta, o Espírito deu um beliscão dolorido em minha mão. Em seguida, sua voz soturna ribombou dentro de minha cabeça:

— Pelo amor de Deus, somente não altere meu estilo, não decomponha minha linguagem em uma prosódia de professor universitário, nada de “segundo o Espírito”, deixe-me falar diretamente, sem mediação, com o público! E, sobretudo, não tente indispor o leitor contra mim!

— Tudo bem — concordei —, considere, contudo, que se a ideia é sua a escrita é minha! Somente prosseguirei caso tenha liberdade artística. Interferirei o mínimo possível em seus objetivos.





— Busquemos um meio termo — murmurou conciliador. — Preciso de sua ajuda. Incomoda-me perceber a impossibilidade de elaborar uma narrativa sobre todos os aspectos de uma época. Sinto que apenhamos nossos heróis quando contamos suas peripécias. Que simplificamos os episódios, que empanamos sua beleza, é uma desgraça.

— Bem, o ofício do artista é exatamente este: escolher fragmentos que deem uma ideia do geral e que deslumbrem o leitor com sua poesia. Escrever sobre a totalidade de uma pessoa ou de um caso é impossível, nem com mil páginas, nem as intermináveis histórias das Mil e Uma Noites, nada poderia realizar essa façanha. No entanto, Machado de Assis, em um pequeno conto, em poucas páginas, retratava os costumes de uma classe social e de uma dada época. Em realidade, fazia mais, pois, além de contar algum caso banal, também tratava do mistério que cerca o ser humano, por isso foi um gênio. Como o mestre Henri James em seus romances.

— É, que pena, teremos de lidar com o recurso que temos. E, segundo sua própria opinião, não temos muito: um escritor inexperiente e um espírito que nunca escreveu uma linha.

— Você fala demais. Por mim, eu cortaria toda essa sua fala sobre o ser humano e que tais. Inteira, tudo fora, tesoura. Um discurso, empolado como o seu, suja qualquer romance. Mas — assenti com falsa cordialidade, em realidade pretendia impor limites ao falatório daquela entidade —, entretanto, meu caro, a literatura tem suas próprias regras, necessitaremos respeitá-las. No caso, o enredo é fundamental, teve trazer algum suspense e alguma aventura!

— Proceda como melhor lhe aprouver, de acordo. Não pretendo impor minha vontade, tampouco analisarei cada acontecimento, não me julgo dono da verdade. Gostaria que o leitor elaborasse seu próprio julgamento e confirmasse ou não minha impressão — acrescentou.

— Que comedido! Vamos à história então. Afinal o responsável por escrever sou eu e . . .

— Sim, mais ou menos — respondeu em tom impaciente —, limite-se a transliterar o meu relato para um formato humano. Vamos, basta de delongas!





Vasco Villa trabalhou infância e adolescência no sítio do pai, imigrante espanhol que aportara no Brasil durante a grande depressão econômica de 1929. A chácara era pequena e a família grande, cinco homens e três mulheres. Logo que completou dezoito anos, Vasco pediu autorização ao pai para mudar-se para Nova Barcelona, pretendia casar-se com Aparecida Soares, filha de um português, comerciante de tecidos, que vivia na cidade.

Morando na roça, Vasco apenas terminara o primário; mas, como era inteligente e atilado, aprendeu muito por conta e esforço próprios, um autodidata. Vestia-se como os astros do cinema: economizara a renda minguada para comprar um terno de casimira azul-marinho com lapela larga e botões trespassados. Orgulhava-se de seu jaquetão com calças folgadas e pregas na cintura. Vasco era bem-apeesoado: alto, robusto, cabeleira abundante jogada para trás, havia dúzia de donzelas suspirando para namorá-lo.

Entre várias pretendentes escolheu Aparecida Soares para casar-se. Quem não apreciou o noivado do caipira com a doce beldade foi o português, ele esperava casar a filha com algum fazendeiro, não com um herdeiro de trinta alqueires de cerrado, quase uma chácara e isso sem contar a penca de irmãos. No entanto, a moça pôs gosto, quis, entestou e o velho Soares cedeu.

Depois do casório, Vasco Villa mudou-se, deixou o campo e transformou-se em auxiliar de comércio. Estava habituado à disciplina e a trabalhar duro; dessa forma, caiu nas boas graças do sogro com facilidade. Abria o negócio ainda de madrugada, fazia de tudo, desde cuidar da contabilidade ao esforço pesado de carregar e descarregar mercadoria.

Dona Aparecida Soares tardou três anos para aparecer com barriga. Demorou tanto a engravidar que a rede feminina de Nova Barcelona, solidária com a jovem esposa, iniciou uma campanha de difamação contra o marido.

— Aquele espanhol metido deu para beber, vive em bordéis — murmuravam as malévolas — e, com certeza, fode tanto que não sobra porra nem ânimo para a própria família.



As fofoqueiras benevolentes, mais moderadas, acusavam-no de excesso de ambição, preocupava-se mais com o negócio e com o dinheiro do que com a mulher.

Apesar do pessimismo quanto à fertilidade do galã, dona Aparecida Soares engravidou-se e Marciano nasceu em dezembro. Fim de ano, época de maior movimento no ramo de tecido e ainda ocasião de fechar balanço, muito trabalho, tanto que o pai, Vasco Villa, não pôde estar em casa durante o trabalho de parto.

O velho português e o jovem Vasco aguardavam o nascimento do herdeiro com ansiedade. Tinham como certo que seria homem e que teria grande capacidade para os negócios. Comentavam entre si estratégias para, com o tempo, passarem o comando da loja de tecidos ao novo herdeiro. Ainda que orgulhosos da gravidez de dona Aparecida, não se preocuparam em chamar médico. Seria despesa desnecessária, “havia séculos que as parteiras davam conta desse encargo, então por que jogar dinheiro fora?” — argumentou o futuro avô. O marido, por sua vez, nem sequer atentara para o assunto e concordou com o sogro. Assim foi que duas parteiras acudiram ao nascimento do menino. Vasco Villa havia confirmado, o seu primogênito se chamaria Marciano, o pai queria-o guerreiro, herói da linhagem de Marte, deus da guerra, que assim exigia o mundo, afinal a vida era uma batalha seguida a outra, afirmava.

— Um ariano nascido em dezembro — jactava-se.

Marciano nasceu ao meio-dia. Sol a pino, céu azul, claríssimo, muita luz. O trabalho de parto iniciara-se pela madrugada. Às seis e meia, como sempre, Vasco saíra para a loja. Voltou somente à noite, depois de fechar o negócio, da rodada de cerveja com os amigos e de uma passagem ultrarrápida pela casa das putas.

Às nove da noite, entrou sem graça no quarto da esposa, observou o filho fingindo indiferença, ainda que experimentasse uma sensação estranha: o seu coração se acelerou e o jovem pai pôs-se vermelho. Tanto sangue havia lhe subido à cabeça que, meio tonto, vacilou em sua postura. Em realidade, aquela fora a primeira de uma série de crises de hipertensão arterial que o azucrinariam pelo resto da vida, até o episódio final que o vitimou aos seus quarenta



e quatro anos, quando Marciano já cursava medicina, longe, na Capital, o negócio do sogro falira e ele sobrevivia como gerente em um estacionamento para automóveis no centro de Brazlândia.

Vasco Villa contemplou o filho com os olhos injetados, turvos, quase opacos, e não disse nada. Não tocou na mulher nem no filho. Observou aquela trouxa de pano, o rosto corado, uma bola inchada e sem expressão, nenhuma parecença, pensou, talvez apenas o cabelo negro e abundante que escapava por todos os lados do capuz que cobria a cabeça da criatura. Estava para retirar-se quando lhe pareceu que o garoto piscava-lhe com ar maroto. Sentiu como se o menino debochasse dele. Assustado, aproximou-se do bebê e quase desfaleceu quando deparou com o imenso sorriso que lhe dirigia aquele ser insignificante. Seu filho sorria-lhe sedutor. Não sabendo como proceder, recuou sem esboçar reação. Como entrou, saiu: pensando onde dormiria até que o bebê pudesse ir para o próprio berço.

Este padrão de rudeza era uma tradição familiar. O seu velho pai tampouco o havia, alguma vez, acariciado. O raro com que o imigrante dignou-se a tocá-lo, algum contato físico, fora para espancá-lo. Com moderação, que até nisso o galego havia sido econômico. Nem sequer aperto de mão ou abraço comemorativo houvera entre Vasco, irmãos e seu velho pai. Gente seca. Tanto que Vasco acreditou que a existência normal fosse somente essa e, em consequência, repetiu o mesmo enredo com seu filho: jamais afeitou a cabeça de Marciano, jamais. Esboçou abraçá-lo uma vez, quando noticiou ao filho, aos seus catorze anos, que toda a família mudar-se-ia para Brazlândia. Na cidade grande haveria trabalho para o pai e o filho poderia prosseguir estudos em bons colégios, argumentou animado, quando o filho sabia que abandonavam Nova Barcelona porque o pai falira o negócio do avô e ainda devia dinheiro para metade da praça. O gesto carinhoso não se concretizou, porque, ao aproximar-se do filho, o pai percebeu o seu olhar de censura e ouviu a frase impronunciada, mas latente, tão presente que Vasco escutou-a apesar do silêncio:

— Bêbado. Pela manhã e já bêbado!





Sem aviso prévio, o Espírito de Época assoprou-me uma dúvida ao ouvido:

— Esse afeto enviesado das figuras paternas haveria contribuído para a futura rebeldia, contra todo tipo de autoridade, por parte de nossos pequenos heróis?

— Sei lá, meu! Não sou psicólogo ou. . .

— Observe, meu caro, nos dois casos, os pais demonstraram, cada um a seu modo, entusiasmo com o nascimento dos filhos. Entretanto, nenhum tocou na criança. Não embalaram ou sequer seguraram os filhos recém-nascidos no colo!

— Pois é — respondi-lhe —, pois foi assim que aconteceram os fatos, não estou inventando um enredo somente para denegrir a imagem do gênero masculino ou dos pais em geral.

— Não? Muito bem, acredito. Afinal o senhor é apenas um tradutor, a história é de minha autoria. Felizmente, contudo, há também mães na genealogia de nossos heróis. Não haverá, portanto, somente a obrigação de os meninos homens ganharem a aprovação e o amor paterno. O contato físico com as crianças coube às mães, conforme se usava naquele tempo, tanto em Nova Barcelona, quanto em quase todo o Brasil.

— De acordo — o interrompi com grosseria —, posso prosseguir com a narrativa?

— À vontade, querido. Finja que nem estou aqui ao seu lado.

A figura materna foi importante para Ícaro. Seu pai, o arquiteto Dedalus D’Lírio, exerceu breve influência sobre o filho. Ícaro foi criado pelas empregadas e por sua mãe Amabilis Sagan D’Lírio. Exatamente nessa ordem decrescente de dedicação e cuidado.

Ícaro foi outro primogênito. . .

— Estariam os filhos mais velhos condenados ao heroísmo? A sentirem-se obrigados a ultrapassar os próprios limites bem como aqueles de sua época?





— Outra vez — protestei —, dessa maneira será impossível compor uma história decente. O senhor interrompe o fluir do enredo a cada minuto! Atravessa, sem consideração, o andamento de meu labor criativo!

Ele não se dignou a contestar-me e assim pude prosseguir.

Dedalus exultou com a notícia de que sua graciosa esposa, Amabilis, estava grávida. Quando contente costumava exceder-se. Para comemorar a novidade convidou amigos para uma festa em sua casa. Reuniu a nata da boemia de Nova Barcelona: o poeta moderno, o músico dodecafônico local, o advogado mulherengo, o barbeiro homossexual, o fazendeiro que se julgava escritor já que publicara dois contos na revista da Academia Municipal de Letras e, sob o olhar pacífico e bonachão da mulher recém-engravida, ofereceu-lhes uma ceia que varou a noite. Lenildo, o barbeiro sensível, organizou o brinde ao jovem Ícaro:

— Que os espíritos assegurem-lhe uma vida intensa e longa, repleta de prazer e de felicidade!

— À felicidade de Ícaro! — repostaram os comensais em coro.

Foram consumidas oito garrafas de vinho italiano, três champagnes franceses e incontáveis doses de cachaça. À meia-noite, Amabilis, a homenageada, depois de beliscar um ou dois camarões cozidos na moranga, preparados por dona Divina e por sua jovem filha, Rosália, empregadas da família, subiu para seu quarto localizado no fundo do sobrado concretista em que viviam.

A esbórnica ainda prosseguia com o sol da manhã, quando dona Divina enxotou-os graças à autoridade advinda do fato de ser ela a única pessoa naquela moradia, concebida por Dedalus segundo cânones modernistas, a garantir ordem suficiente para tornar a vida do jovem casal possível. Amabilis se levantava sempre depois das dez horas, ademais era distraída e não sabia sobre afazeres domésticos ou procedimentos indispensáveis à sustentação do lar. Dona Divina e Rosália substituíam-na nesse e em outros misteres.



A gravidez foi um sofrimento para Amabilis Sagan D’Lírio: enjoos, vômitos e indisposição com tudo e com todos. Esse estado de ânimo perdurou durante todas as semanas e todos os meses até o parto.

Realizou-se a cesariana em Brazlândia, a cidade grande mais próxima, já que o hospital de Nova Barcelona não contava ainda com o luxo de um centro cirúrgico. O nome do filho daquele arquiteto avoadado estava escrito desde sempre: Ícaro. O menino que deveria salvar o pai perdido no labirinto habitual da existência.

— Pobre criança, uma inversão de papéis desde a origem da criação! O filho encarregado de salvar o pai, o filho como instaurador da vida e da ordem! Dificilmente tal arranjo subjetivo funcionaria — comentou em surdina, como se pretendesse não me atrapalhar, o intronmetido do Espírito de Época!

“Extinção, estratégia behaviorista” — pensei comigo mesmo. “Quem sabe se eu ignorá-lo, o desgraçado me deixará em paz?”

Funcionou meu estratagema, tanto que consegui concentrar-me na redação do texto outra vez.

Dedalus, o arquiteto, aguardou impaciente na sala de espera da maternidade. Fumou sessenta cigarros da marca Continental sem filtro. Um a cada dois minutos durante as duas horas em que esteve à espera do filho. Ao final, uma enfermeira mostrou-lhe o bebê pela vidraça do berçário. Um rosto congesto, vermelho, cabelo grudado no crânio, “penteadado de tarado”, pensou o pai com aguçado senso estético, já se despedindo do filho com um aceno, para, em seguida, telefonar aos amigos, avisando-os que preparassem uma festa, voltaria imediatamente para Nova Barcelona, berrou ao aparelho com grande entusiasmo.

Saiu do hospital às carreiras, entrou em seu Chevrolet importado e, em sete horas, chegou ao sobrado quadrado com paredes em concreto aparente, portas e janelas de vidro, onde o



esperava a fina flor da inteligência de Nova Barcelona. Reeditaram a cerimônia báquica da época da concepção, somente que com entusiasmo e alegria ainda maiores, afinal nascera-lhes Ícaro. É verdade que estimulantes químicos participaram da sustentação do estado de euforia durante toda a noite, tanto que Dedalus, depois da esbórnia, dormiu doze horas, completamente esquecido do filho e da mulher internados na maternidade em Brazlândia. Somente despertou quando Dona Divina sojigou-o com energia, obrigando-o a meter-se debaixo do chuveiro, os médicos haviam autorizado a alta da paciente e o doutor precisava buscá-la, resmungava insistente, diante de cada tentativa do arquiteto, ainda com ressaca, de voltar para a cama.

Amabilis não conseguiu amamentar, assustou-se com a voracidade com que Ícaro sugava-lhe o peito. Parecia-lhe que alguém estranho a violentava, jamais confessou essa sensação vergonhosa a ninguém, mas solicitou ao médico que lhe indicasse o melhor leite em pó para um recém-nascido. Tampouco aprendeu a limpar a bunda e a trocar as fraldas do filho, aquela merda verde dava-lhe engulhos violentos. Experimentou banhá-lo, mas sentiu-se insegura, a qualquer momento aquela enguia escorregadia escaparlhe-ia das mãos e o menino morreria afogado. Rosália, apesar dos treze anos incompletos, substituiu-a nessas funções. Mãe de leite artificial, a empregada aprendeu com doutor Generoso Bueno, o médico da família, como alimentar um bebê com leite artificial. Ícaro cresceu sadio e vivaz, nem sequer diarreia teve.

A mãe Amabilis vivia desligada do cotidiano, mergulhada em algum outro espaço. Movia-se leve e suave pelos corredores frios do sobrado de vidro e cimento, como uma sombra protetora e caseira a quem Ícaro amava com paixão. Dedalus pouco aparecia em casa. Seu escritório de arquitetura recebia encomendas de toda a região e ele viajava com frequência. Mesmo quando estava na cidade, pouco aparecia; não tinha horário regular para comer, dormir, para nada, nem para brincar ou decifrar enigmas com seu filho único. Rosália era quem cuidava do menino, e fazia-o de uma maneira lúdica e juvenil, afinal tinha somente treze anos.



— Muito bem — interrompeu-me o Espírito novamente —, alguns comentários ligeiros, rápidos, o senhor me permitiria?

— Supondo que eu não concorde, de que adiantaria? O senhor faria seu sermão do mesmo jeito!

— Não seja estraga prazer! De que vale fabular sem extrairmos alguma moral do conto?

— Meu Deus, Espírito! Isso é uma concepção arcaica. Há anos a literatura livrou-se dessa obrigação de predicar em favor dos bons costumes.

— O senhor escritor me subestima, não sou antiquado. Aproveito a descrição desse episódio para agregar-lhe uma pergunta e não um mandamento religioso.

— Vá lá, vamos!

— Apesar do seu protesto, sinto-me obrigado a deixar uma questão, creio que não destruirá a beleza e harmonia de sua obra.

— Tudo bem — concordei desanimado.

— A constituição do caráter dos heróis teria a ver com sua gênese? Sua origem determinaria sua conformação futura?

— Olhe aqui, Espírito. Uma pessoa mediamente culta saberia que há mil respostas diferentes para essas suas perguntas. Escolas distintas elaboraram compreensões diferentes sobre esse assunto, há desde os que atribuem a genética o comportamento humano, até os que afirmam que somos seres sociais, conformados pela cultura, leis, etc.

— Pois bem, diante desse aluvião de incertezas, tendo em consideração a miríade de opiniões epistemológicas diversas e, portanto, de toda a balbúrdia filosófica que se armou em torno da compreensão sobre o modo de ser dos humanos, mesmo assim, recuso-me a atirar a toalha e a abandonar o labor filosófico. Tomemos esse romance como um estudo de caso, investigaremos esse enigma como se tateássemos. Passo a passo.

Irritado com as interrupções de meu Espírito, salvei o que havíamos escrito em um arquivo a que denominei de “conformação do herói” e saí do escritório batendo a porta.







MOVIMENTO ALLEGRO MA NON TROPO
quando os heróis são lançados ao mundo da vida

*tudo em mim
anda a mil
tudo assim
tudo por um fio
tudo feito
tudo estivesse no cio
tudo pisando macio
tudo psiu*

*tudo em minha volta
anda às tontas
como se as coisas
fossem todas
afinal de contas*

Paulo Leminski, *Distraídos venceremos*






Ao final do curso de medicina, durante a correria dos plantões intermináveis, notou-se Ângela um pouco mais arredondada do que o habitual, acentuavam-lhe os traços e crescia-lhe a barriga.

Ângela e Ícaro viviam juntos há algum tempo, ainda que ele sentisse dificuldade em assumir-se casado. Como sói acontecer nesses casos, o esposo relutante acompanhou a gravidez com apreensão. A agonia de Ícaro era decorrente de razões egoístas. A gestante sentia-se esplêndida e nem sequer experimentou o proverbial período de náuseas. Ao contrário, a futura mãe era puro contentamento e entusiasmo com a cria que estava por chegar. Ícaro nunca calculara viver toda a vida com Ângela e, tampouco, se imaginara assumindo a responsabilidade de pai, daí decorria seu mal-estar. Ele se dilacerava entre o arrependimento e a culpa. Arrependia-se por haver desprezado o amor de Cristina de Castro e culpava-se pela leveza e despreocupação com que se envolvera com aquela outra mulher maravilhosa. Com Ângela, deslizara de uma relação casual para um modelo quase clássico de vida a dois, reconhecia. Realizara o movimento por comodismo, lastimava-se. Entretanto, saber-se pai assustava-o: aquele rebento ligá-lo-ia eternamente a Ângela e perceber o compromisso que tomara, de modo descuidado, atormentava-o.


O seu sentimento de insegurança agravava-se à medida que avançava o estado gravídico. Ícaro voltou a sonhar com Nova Barcelona. A princípio atormentava-o a figura mal-barbeada do pai enforcado. Em duas oportunidades, Ângela acordou-o quando



gritava “pai”. Em seguida, durante várias noites, em uma repetição que o irritava, sonhou que fazia amor com Rosália, a jovem babá que o criara em Nova Barcelona. Ao final, Rosália mostrava-lhe a filha, Valéria D’Lírio, para que ele a tomasse no colo. No sonho, o rostinho de Valéria dissolvia-se no de seu filho que ainda não nascera e ele sabia, mesmo estando adormecido, ele sabia, que tudo aquilo era ilusão, mas, no concreto do sonhado, Valéria, oficialmente sua irmã, e seu futuro bebê apareciam fundidos em uma única pessoa. Ícaro despertava suado, cansado, como se houvesse trabalhado vinte e quatro horas no pronto-socorro da Universidade. A sua ansiedade aumentou ainda mais quando o foco de seus pesadelos deslocou-se para Cristina de Castro e para familiares de sua ex-namorada. Sonhou um combate em que lutava contra o coronel Nhonhô Alencar de Castro, avô de Cristina e seu inimigo figadal. A certa altura, Ícaro estrangulava-o sem piedade, quando o velho já resfolegava com a língua para fora, aparecia dona Ernestina, sua ex-sogra, implorando para que não consumasse sua vingança, aquilo o separaria para sempre de Cristina. Havia outra série de sonhos, agradáveis, mas que aumentavam ainda mais seu tormento. Eram episódios líricos, Cristina e ele passeavam tranquilos pelos arredores de Nova Barcelona. Em um espetáculo de luz outonal, brisa suave em campos verdejantes, ele e a antiga namorada fugiam juntos para a Europa.

De tanto sofrer, um dia, tomou um carro emprestado e viajou da Capital até Nova Barcelona. Chegando à cidade permaneceu incógnito. Esperou que escurecesse para estacionar o automóvel perto do sobrado onde vivia sua ex-namorada. Cristina resolvera estudar psicologia, mas como fora reprovada no vestibular, preferiu preparar-se para o segundo exame vivendo com os pais em Nova Barcelona.

Cristina fora persistente na defesa de seu amor por Ícaro. Em sucessivas tentativas tentara reatar a relação com seu ex-namorado. Escreveu-lhe uma coleção de cartas. A princípio Ícaro as lia, depois, com o tempo, como todas tratassem do mesmo assunto — a garota argumentava tentando convencê-lo de que antigos ran-



cores familiares não os impediriam de lograr uma vida feliz —, ele deixou até mesmo de abri-las. Desesperada com o silêncio de Ícaro, Cristina procurou-o três vezes. Abalou-se de Nova Barcelona para a Capital e buscou-o na Universidade. Na primeira ocasião, Ícaro tratou-a com consideração. Almoçaram juntos, caminharam pelos gramados durante horas, recordando o passado, distraídos de qualquer futuro. À noite, mais por tesão do que por maldade, Ícaro levou-a para a república onde vivia com Tristão. Mal entraram e abraçaram-se com sofreguidão. Ícaro despiu-a sem que a moça opusesse resistência. Trancaram-se no quarto e fizeram amor. Ao final, Ícaro percebeu que transara com uma mulher virgem. Cristina entregara-se a ele antes do casamento, em disposição contrária ao costume de Nova Barcelona. Aquilo o deslumbrou e irritou-o. Relaxados, com Cristina agarrada ao seu dorso, ele sentiu uma vontade incontrolável de ofendê-la. Começou então um discurso malévolo, destilou quanto fel havia em sua alma — e havia muita mágoa em seu coração, suficiente para abalar até mesmo a segurança de uma mulher apaixonada. Para que não restasse dúvida sobre sua disposição, tarde da noite, ele enxotou-a, que voltasse ao hotel ou onde “diabo estivesse hospedada”, gritou exasperado. Expulsa e escorraçada, a Cristina não restou alternativa que se vestir. Não derramou uma lágrima nem se queixou, apenas encarou o namorado direto nos olhos durante um tempo longo. Tinha esperança de que seu olhar meloso o demovesse daquele comportamento destrutivo; ele a queria, ela sabia. Ícaro não se abalou, simplesmente abriu a porta indicando-lhe o caminho da rua. Era meia-noite e Tristão lia um romance na sala. Ele assistiu àquela cena sem saber como intervir. O casal desconhecia sua presença, estavam distraídos do mundo e contracenavam somente um para o outro. Percebendo que o maluco do Ícaro punha Cristina no olho da rua, em plena madrugada, e como a menina interiorana não conhecesse a Capital muito bem, Tristão resolveu agir. Levantou-se educado, tomou Cristina pelo braço e acompanhou-a até a casa de seus parentes. Apesar da grosseria do antigo namorado, Cristina perdoou-o, tanto porque percebera paixão no modo como



havam se entregado, como também porque sabia que a ambiguidade de Ícaro era decorrente do trauma pela morte do pai.

Uma semana depois, Cristiana voltou a procurar Ícaro. Esperou-o à saída da Faculdade. Ele cruzou pela moça como se ela não existisse. Inconformada, ela agarrou-o pelo braço, ele livrou-se dela com um safanão. Durante esse entrevero, Ícaro não lhe dirigiu a palavra.

Um mês depois, Cristina voltou a procurá-lo. Desta feita, Ícaro foi particularmente cruel. Quando saía do Hospital, ao final do dia, percebendo Cristina de tocaia, retornou, buscou Ângela, arrastou-a para fora do prédio, dizendo-lhe que pretendia apresentar-lhe a uma conterrânea. Antes que Cristina esboçasse qualquer reação, Ícaro aproximou-se dependurado ao pescoço de Ângela e disse:

— Cristina, querida! Que prazer. Preciso lhe apresentar minha noiva. Ângela, esta é Cristina, uma velha conhecida de Nova Barcelona.

Inocente, Ângela estendeu a mão sorridente. Cristina cumprimentou-a, em seguida, virou as costas e afastou-se cabisbaixa sem “até logo” ou “adeus”.

— Caipira, o pessoal de sua cidade, hein, Ícaro! — comentou Ângela ignorante sobre o significado dramático daquela cena. Estranhou apenas o súbito surto de carinho do namorado, ele agarrara-a desde a porta da Faculdade, em geral, era comedido e, em público, raramente a tocava.




Depois de todo esse maltrato, como Ícaro não respondia a seus apelos, Cristina desistiu e aceitou um pretende que a cortejava há anos.

Pois bem, a gravidez de Ângela reacendeu o velho afeto de Ícaro por Cristina. Tanto que ele resolveu buscá-la em Nova Barcelona. Ao cabo de uma hora de tocaia, Ícaro avistou Cristina. Ela caminhava pela avenida. Percebeu-lhe o talhe longilíneo, o andar gracioso, as pernas longas e fortes, a cintura fina, os peitos redondos, o cabelo escuro em um penteado descuidado. Parecia um negativo de Ângela, pensou o espião. Como pudera interessar-se





por duas mulheres tão diferentes, perguntou-se. Sem perceber, levou a mão ao nariz. Decepcionou-se ao não sentir o cheiro forte de Cristina impregnando sua pele. Ele se habituara a este gesto; antes, no passado, quando ainda vivia em Nova Barcelona, ao despedir-se dela, quando lhe assaltava a saudade da namorada, ele acostumara-se a cheirar a própria mão, sua pele estava sempre impregnada pela fragrância onipresente dela. Quando a mulher dos seus sonhos e pesadelos estava a menos de três metros do carro onde se escondia, esteve para abordá-la, chegou a armar o gesto de abrir a porta, mas deteve-se ao meio, quando cruzou em sua linha de visão um homem que a tomou pela cintura e pespegou-lhe um beijo no rosto. Era o noivo. Irritado, Ícaro ligou o motor e acelerou em uma saída espetacular que obrigou o casal a desviar-se. Ícaro não olhou para trás para verificar o efeito do seu gesto tresloucado. Com certeza, ele pensou, Cristina notara-lhe a presença.




A saudade de Cristina somente aumentou com a progressão da barriga de Ângela. Aos primeiros meses, Ícaro ainda se distraía com o espetáculo da gestação. Ângela estava linda e luminosa, a prenhez acentuara sua aura de suavidade e harmonia. Todo dia, Ícaro gastava horas alisando a barriga que se avolumava. Depois se debruçava com o ouvido colado à pele da futura mãe, escutando cada movimento daquela coisa incrível que se fazia dentro daquele corpo. Concentrava-se, com seriedade, em observar a nova criatura, porém logo se cansava daquela objetividade clínica e delirava inventando histórias e diálogos fantásticos com Daniel — haviam escolhido um nome e um gênero para o filho ainda em formação. Ângela se ria contente. Prosseguiram nesse jogo durante algum tempo, logo, entretanto, para maior conforto, despriam-se e uma vez nus, sobre a cama de casal — presente dos amigos para a festa de comemoração de “ajuntamento”, realizada quando Tristão mudou-se para deixar o jovem casal à vontade —, toda aquela brincadeira inocente terminava em sexo. Estimulados pela sessão prolongada de carinhos, abraçavam-se e Ícaro penetrava a futura mãe com especial delicadeza. Mantiveram este hábito até alguns meses antes do parto.





A vida deles era simples. Tinham o dinheiro contado, suficiente apenas para despesas básicas. O enxoval do bebê resultou de um mutirão dos amigos, aqueles que gostavam de Ícaro e de Ângela. Tanto a tribo dos alternativos, quanto os que haviam optado pela militância política, ajudaram com as compras. Fizeram uma festa para entrega dos presentes, Ícaro terminou derreado e escornado sobre o sofá da sala: durante a noite, queimara incontáveis cigarros de maconha e emborcara quanta cerveja e pinga caíra-lhe na mão. Lenira, Tristão e Matias cotizaram-se para comprar o berço adrede escolhido pela futura mãe. O pai não pudera aparecer durante o périplo que realizaram por inúmeras lojas até encontrar um leito que estivesse de acordo com a “personalidade” do Daniel ainda em embriogênese.




Pré-natal e parto ocorreram no Hospital Universitário. Aos quatro meses de gestação, Ícaro compareceu a uma reunião de casais. Houve ginástica para a gestante e orientação para o pai sobre gravidez, parto e cuidado da criança. A reunião durou duas horas, para Ícaro pareceu-lhe um tempo infinito. Ao meio, sentiu náuseas, pensou em vomitar, respirou fundo, somente melhorou depois de realizar alguns exercícios de alongamento sugeridos pela enfermeira. Aliviado dos sintomas gástricos, atacaram-lhe calafrios e suores. Preferiu ocultar seu mal-estar. A mãe portava-se com maior segurança do que ele. Aquilo o envergonhou. Desde então, não acompanhou Ângela em seu pré-natal. Alegava obrigações escolares ou profissionais. Com o “ajuntamento” e a vinda próxima de um filho, Ícaro tratara de aumentar a renda do casal. Com essa finalidade, assumiu plantões extras e outros serviços que lhe rendessem algum dinheiro. Estava, portanto, de fato, metido em uma correria sem fim. Durante o último mês da gestação, Matias e Lenira substituíram-no em várias das atividades de responsabilidade do futuro pai. Em verdade, a gestação de Ângela transformara-se em uma coisa da turma de amigos, um acontecimento da “comunidade”. A meiguice de Ângela, o seu ar de desamparo, o descuido do “companheiro”, tudo isto, algo indefinido, gerara uma espécie de comoção em que professores, estudantes, muita gente,



sentia-se obrigada a acompanhar a gestante e a apoiá-la em quanto transtorno houvesse. Quanto mais próximo estava o desenlace, mais Ícaro afastava-se da função paterna. Quando se rompeu a bolsa, quem acudiu Ângela foi Matias. A mãe desesperada não localizou o pai da criança. Telefonou ao Hospital Universitário, mas, ninguém o encontrou, chamaram-no inclusive pelo alto-falante, e nada. Desesperada, discou o número do jornal onde Matias trabalhava. Em quinze minutos, ele apareceu, em um táxi, para levá-la ao hospital, onde uma multidão de enfermeiras e médicas e estudantes esperavam-na com ansiedade de familiares. O parto foi normal. Tardou duas horas. Ao final, o obstetra cumprimentou Matias como se ele fosse o pai. Ninguém ousou desmenti-lo. Somente quando Ângela amamentava a criança na enfermaria, apareceu o pai genético. Ícaro resolvera, para aproveitar o fim de tarde maravilhoso, caminhar pela orla do lago. Estivera espreitando e somente quando voltou para sua casa, Tristão pôde levá-lo ao hospital.



Desde quando nasceu seu filho Daniel, Ícaro não conseguiu quedar-se em paz com Ângela. Sob pressão de Lenira e Tristão, ele permaneceu com a parturiente enquanto ela e o filho estiveram no hospital. Cada vez que as enfermeiras traziam o bebê para que a mãe o amamentasse, ele fugia do quarto espavorido. Nem uma única vez conseguiu segurar a criança, tomá-la no colo; em verdade, ele mal a encarava. Algo estranho, mas forte, afastava-o da mãe e da cria. Ele mal corria os olhos sobre elas. Quando da alta, coube a Matias a tarefa de conduzir o bebê e sua mãe, ainda debilitada, para casa. Ícaro fugira, havia recolhido roupas, objetos pessoais, acondicionou-os em sua velha mochila e nunca mais voltou ao seu antigo lar. Abandonou a companheira e o filho recém-nascido. Deixou para trás, sem vacilar, toda sua biblioteca, a coleção de discos que vinha organizando desde a juventude, seus móveis, lembranças do pai falecido, tudo. Não trocou uma palavra com Ângela sobre sua decisão, simplesmente resolveu ir-se e foi-se. Mudou de casa e de vida sem refletir sobre a irresponsabilidade do seu gesto, fugiu como se reagisse instintivamente, como se seu comportamento fosse natural e esperado.



Tristão e Lenira procuraram-no em vão. Pensavam em dissuadi-lo de decisão tão esdrúxula e irresponsável. Combinaram que fariam de tudo para demovê-lo daquela conduta tresloucada. Utilizariam argumentos morais, o dever paterno; apontar-lhe-iam a covardia de abandonar a namorada e o filho que engendrara. Entretanto, não o encontraram. Ícaro havia se evaporado no ar, ninguém sabia de seu paradeiro. Diante desse obstáculo, não lhes restou alternativa que organizar um sistema comunitário de cuidado para a mãe e o bebê. Fizeram uma escala: Lenira, Tristão, Fátima e Matias revezavam-se na casa, ajudando a puérpara com as fraldas, comida, compras e todo o trabalho doméstico.

Marciano não se propôs a entrar naquela ronda, tinha mais o que fazer, em realidade estava de mudança para Porto Alegre, tendo em vista determinação do partido. Todo seu traslado estava sendo feito em segredo absoluto, regras para preservar a segurança da organização impediam Fátima de compartilhar o segredo com suas amigas. Somente ela sabia sobre o destino de seu marido. Ele estava de mudança e a esposa e o filho, Vladimir, permaneceriam na Capital. Entretanto, ninguém estranhou o distanciamento de Marciano da empreitada solidária em apoio à mãe abandonada; afinal, ele nunca escondera sua antipatia para com Ícaro e com tudo que lhe dizia respeito.

Matias adotara uma postura discreta, não censurou o comportamento de Ícaro, não reclamou de sua pusilanimidade, nenhuma crítica saiu de sua boca, em compensação era o que mais se dedicava ao cuidado do recém-nascido e da mãe. Começou por duplicar seus turnos, mesmo quando terminava seu horário, ele descobria motivos para permanecer ao lado de Ângela e do bebê. Em uma semana, resolveu que dormiria todas as noites na casa, justificou-se alegando que aquele processo fragmentado de ajuda, cada vez com uma pessoa diferente, desorganizava a vida da mãe e do filho. A cada dia demonstrava maior afeição à criança. Parecia um pai babão, cuidava do banho e de passear com Daniel pelo jardim para que tomasse o sol da manhã.



Dois meses depois, certo sábado, quando Tristão apareceu para cumprir seu turno, encontrou Ângela e Matias dormindo juntos na cama de casal. Recuou e foi tratar de sua vida. Formara-se uma nova parilha, acreditou: “o que o diabo indis põe, a vida repõe”, pensou dando de ombros. Prestativo, procurou os componentes da rede de apoio à mãe abandonada, informando-os sobre a novidade. Lenira escandalizou-se com a notícia. Tristão notou a palidez e o tremor que a tomaram quando soube sobre o novo “ajuntamento”. O rapaz buscou consolá-la:

— Bem, Lenira, afinal, não foi um desfecho ruim. O Matias andava deprimido, bebendo muito, quem sabe, com família agora ele se emende e volte a se animar. Por outro lado, pobre Ângela. . .

— Vocês, no fundo, são todos machistas. Então, o senhor imagina que uma mulher somente será feliz ao lado de um babaca com um pinto entre as pernas, ora!

— Meu Deus, longe de mim tal ideia! Ângela não é você, dona Lenira. Ela suportou conviver com um homem tão descomprometido quanto Ícaro, ele nunca esteve apaixonado, não sei como o desgraçado aceitou ter um filho com Ângela, nosso amigo é muito avoadado.

— Sei. O Ícaro não vale um tostão furado e o Matias é outro traste, não perdoa rabo de saia, não respeita nem mulher parida com filho de outro homem e ainda derramando leite pelo peito. . . Eu, hein!


— Lenira, minha santa, eu a conheço, a senhorita está com ciúme, não imaginei que você ainda gostasse do Matias, afinal você e o seu namorado, o físico, me parecem bem, ou não?

— Não seja enxerido, cara! Você não é meu pai, não lhe devo satisfação.

— Perdão, amiga. Desculpe-me, sinceramente. Eu somente quis lhe consolar. . . Sei lá, perdão.

Lenira abraçou-o com carinho. Com o corpo colado ao rapaz que a mirava desentendido, sorriu-lhe com ironia, afagou-lhe o peito com suas mãos delicadas e longas e, ao notar-lhe o mem-





bro intumescido, deu-lhe um beijo na boca. Um beijo sensual, demorado e molhado. Tristão assustou-se, mas aceitou o gesto. Ela desmanchou-lhe o penteado antes de afastar-se e confidenciar-lhe em uma voz sensual:

— Uma pessoa sensível como você deveria saber que há paixão e paixão — comentou enquanto segurava-lhe o pinto em um gesto inesperado, como se pretendesse demonstrar sua tese sobre a ligeireza e variedade dos afetos humanos com uma evidência material, no caso a ereção involuntária do seu interlocutor. — Matias é meu desejo radical — continuou depois de liberar o moço ainda estupefato —, ao mesmo tempo, é uma impossibilidade concreta, nunca seremos um casal, ainda que. . . A vida, Tristão, é mais complicada do que a imaginam a carece dos carolas ou o conservadorismo afetivo dos comunistas.

— Obrigado pela consideração, vejo que a senhorita me considera carola e comunista insensível!

— Não seja tonto! Eu gosto de você, muito. O busílis, querido, é que eu daria tudo pelo Matias, tudo, se ele me quisesse. . . Óbvio, tudo! Mas, ele não me quer, então eu fico triste cada vez que imagino alguém com ele no meu lugar. Com os namoricos dele, nunca me importei; não sou ciumenta, porém, eu acreditava que, depois da falecida Carmem Rosada, depois dela, a mulher de quem Matias mais gostou fosse de mim, a degas aqui! Bem. . . E me incomoda perceber o cara caidão pela Ângela. Não sei se é um sentimento sério o dele, se a relação entre os dois vai durar. O que sei é que o Matias é uma pessoa muito leal, jamais a disputaria com Ícaro, até porque perderia. Ângela sempre se derreteu toda por aquele maluco. Pois bem, então, agora, com o fujão fora do jogo, com Carmem enterrada, o caminho ficou livre e acredito que Matias finalmente encontrou um lar; isto, se a Ângela suportá-lo, o que não seria propriamente uma surpresa, já que aguentou um vagabundo durante tanto tempo. Ela parece não se incomodar com homens que a esnobam.

— Quanto veneno, Lenira! Cruz-credo! De qualquer modo, quem sabe? — comentou Tristão em tom dubitativo. — Eu nunca



havia percebido esse amor oculto do velho Matias pela Ângela, sempre intui que Matias gostava de todo mundo e de ninguém em particular, um dia estava com você, outro sozinho, outro. . . Então. . .

— A vida é assim, Tristão. Somente a hipocrisia da classe média moralista é que dificulta percebermos que amamos mais de uma pessoa ao mesmo tempo. De modo diferente, com intensidade diferente, mas. . . Sabe, eu estive encantada com você também? Seu tonto! Se, na época, houvesse um mínimo gesto de sua parte, estaríamos juntos, ou não? Sei lá! — exclamou Lenira.

— Por mim? Você não imagina como sofri quando a encontrei transando com Matias de Alcântara, meu mestre, lá no pensonato, depois da festa do DCE. Eu também acreditei que poderíamos. . . Eu era puro entusiasmo, aquela noite da quermesse foi mágica. . . Eu. . .

— Foi excepcional para mim também, somente não o levei para meu apartamento porque estava menstruada, muito. Tenho preconceito com sangue, talvez pelo meu irmão, ele tem hemofilia e, a cada ciclo, eu imagino que sangrarei até a morte, é um inferno, um sentimento que não passa.

— Eu não sabia, nunca soube de seu irmão?

— É. Uma desgraça, mês passado ele quase morreu, foi apunhar uma manga e arranhou-se no tronco, quase. . .

— Bem, eu a procurei no dia seguinte, não sabia o que dizer, ainda de manhã, sua irmã. . .

— Eu sei, ela me contou depois, eu soube.

— Por desgraça, por acaso, saí de sua casa e fui até o pensonato, entrei no quarto de Matias e. . .

— Sim, bastava o Matias me acenar com o dedo que eu corria para fazer o que ele quisesse. Estranhei o seu desaparecimento, então foi isto. Idiota! Você passou a me evitar. Eu não forcei a barra porque sabia que o orgulhoso Tristão jamais ficaria com uma mulher que o amasse como segunda opção, bem que pensei em investir em nossa relação, sonhei com a gente transando, e nunca fizemos amor, pelo menos inteiro, com todas as etapas devidas.





Bem, mas eu também amo o meu querido estudante de física, que tem nome e sobrenome, sabia? Não sei por que ninguém da turma o nomeia pelo nome próprio, é sempre o físico, pois bem, eu amo o meu doutor em física, estamos bem, confortáveis, o que não quer dizer que virei uma freira. Nem você se transformou em padre, seu corpo respondeu automático ao meu carinho, meu corpo contra o seu ainda produz faíscas, ficamos devendo isto um ao outro, algum dia, no futuro, teremos que saldar esta conta, certo?

Tristão sorriu com uma expressão de amargura.

Pois bem, Ícaro, o fujão, com apenas uma velha mochila de lona nas costas, passou primeiro por uma agência de vendas e comprou um carro usado. Escolheu um Corcel setenta e três. Emitiu um cheque de sua caderneta de poupança. Ele recebera a herança do pai, além disso, sua mãe, religiosamente, a cada mês, depositava parte do lucro com a loja de roupas em sua conta bancária, de modo que Ícaro tivesse economias para iniciar a vida profissional com folga. Após os trâmites burocráticos e regularizada a papelada, ele pegou a estrada para Nova Barcelona. Chegando ao município, armou tocaia em frente à casa de Cristina. Tinha urgência em revê-la, entretanto faltava-lhe coragem para telefonar ou para procurá-la diretamente, tendo em vista o desprezo com que a tratara na última ocasião em que se encontraram na Capital. Em realidade, afligia-o lembrar-se sobre o filho que tivera com Ângela, aquilo lhe parecia uma traição imperdoável ao amor por Cristina. Com o nascimento de Daniel, ele queimara as pontes entre ele e o amor de sua vida. Como fora tolo, lamentava-se. Como permitira que o sentimento de vingança e de ódio ao avô de Cristina se sobrepusesse à sua paixão. Consumado o ato, ao enxergar seu filho com outra mulher, assaltara-lhe um desespero absoluto, deu-se conta de que ele começara a morrer ali, naquela hora, sem Cristina a vida não valia a pena.

Durante todo o trajeto até Nova Barcelona, este raciocínio o obcecou, como um refrão que voltava e voltava, um círculo maldito, sem saída, um labirinto do qual ele não desejava afastar-se, até porque depois haveria a morte, intuícia. Preso a esse dilema, agiu



como um criminoso culpado: estacionou o carro em frente ao sobrado dos Alencares de Castro e esperou.


Ao avistá-la em companhia do noivo, desesperou-se, incomodou-o perceber Cristina feliz, sorrindo, e, em um impulso, em quase uma repetição da cena anterior, ligou o motor e arrancou com estrépito, quase atropelando o par de namorados. Ao realizar esta manobra, Ícaro não enxergava nada para além de sua agonia e do seu despeito.

Porém, dessa vez, Cristina o reconheceu. Apesar da imaturidade do procedimento, apesar do laconismo da mensagem, um recado sem palavra, apenas um gesto agressivo, apesar disso, Cristina deduziu todo o drama do seu amado, ele a queria, ele se arrependia de tudo que fizera. Alguém, uma amiga fofoqueira e invejosa, já lhe contara sobre o nascimento de Daniel, “uma criança linda”, insistira a malvada, e Cristina intuiu sobre a extensão de sua tragédia: ela perdera Ícaro por muitos e muitos anos, os filhos prendiam os pais, às vezes para sempre, talvez, concluía desconsolada. Ao avistar Ícaro a espioná-la, com o cenho franzido, agindo como um adolescente rebelde e inconformado, ela compreendeu que ainda havia muito a ser jogado. O velho Ícaro jamais entregava os pontos, ele a queria, ele tentava atenuar o peso do destino, ele insistia em não se afastar dela apesar de todos os erros, e ela, apesar de todos os compromissos que havia assumido com o noivo e com sua família, apesar da solidariedade feminina pela outra mulher, abandonada com um filho na Capital, apesar do respeito pelo filho da outra, haveria de resgatá-lo um dia, resolveu, apesar de todos estes empecilhos, Cristina não vacilou, novamente, escolheu arriscar tudo na vã esperança de resgatar o amor inteiro que experimentara com Ícaro. Virou-se para o noivo e dispensou-o:

— Querido, me esqueci, tenho um compromisso urgente. Depois, amanhã, nos veremos. Tchau.

Ela deduzira célere: ou Ícaro se mataria com o carro em alta velocidade, jogá-lo-ia em algum precipício, ou. . . Talvez ele houvesse voltado para a Capital? Não, esse desatino estava fora de cogitação, ela acreditou. O amor de sua vida era desaforado, valente





e, com certeza, no desespero, ele desrespeitaria a antiga ordem do coronel Nhonhô e permaneceria, pelo menos alguns dias, em Nova Barcelona. Ele já resolvera separar-se de Ângela, ela deduziu contente e preocupada. Cometeria suicídio, ele? Ou. . . Talvez houvesse fugido para a casa de dona Maria Adelaide ou algum outro puteiro, pensou realista. Não, disse para si mesma, desdenhando o pensamento malévolos. Era como se o avô houvesse se apossado do seu cérebro, de sua alma, obrigando-a a pensar mal do seu amado, não, repudiou resoluta aquela invasão preconceituosa.

Correndo, afobada, ansiosa, dirigiu-se para o sobrado moderno desenhado pelo falecido arquiteto Dedalus. Ícaro buscava a mãe, a irmã, ele estaria em casa, ela o encontraria em seu velho quarto de adolescente. Segura do que intuía, ela correu acometida por um absurdo sentimento de urgência, estaria certa sua dedução? — perguntava-se, correndo, apesar dos protestos cada vez menos audíveis do noivo que pontificava mágoas à distância, reclamações que ela não ouvia, que se recusava a registrar na memória.

Cristina chegou ao sobrado concretista sem fôlego. Acalmou-se ao perceber um Corcel branco com placa da Capital estacionado em frente ao jardim. Fora este o carro que quase a atropelara, suas previsões estavam corretas. Ícaro voltara para casa. Apertou a campainha com insistência. Dona Amabilis atendeu-a atenciosa:

— Cristina, amor de minha vida, entre.

— Ícaro?

— No seu quarto, em cima.

Cristina subiu as escadas aos saltos, chamando:

— Ícaro, Ícaro, Ícaro.

Nada, ninguém a contestou. Dona Amabilis olhava-a com uma expressão de desconsolo e de esperança, como se toda a sabedoria do mundo se concentrasse no modo como admirava o ardor daqueles dois cabeçudos que sofriam com acontecimentos que poderiam haver acontecido de outra forma, de modo diferente, tanto desencontro, estaria o destino deles para além do inevitável? — perguntava-se comovida e torcendo para que os dois se entendessem. Cristina deteve-se indecisa no corredor, todas as portas



estavam fechadas e ela não sabia qual seria o quarto do seu amado. Ela nunca estivera ali antes. Voltou-se para a sogra e. . . Nesse momento abriu-se a última porta à esquerda. Era Ícaro. Os dois se encararam mudos. Ninguém se moveu, ninguém dizia nada. De repente, Ícaro emitiu um soluço, um grito abafado e começou a chorar. Chorava um pranto descontrolado, triste, lágrimas, muco, tosse, os ombros sacudindo-se como se fosse o início de uma crise de epilepsia. Cristina correu ao seu encontro, ele não dera um passo, somente chorava e chorava. A moça abraçou-o, ele se entregou ainda soluçando. Ela consolou-o como se acalmasse a uma criança, balbuciando sons maternos, sem sentido, sons acolhedores, enquanto com a mão acariciava-lhe o cabelo, o pescoço, os braços, o peito. Logo, eles se entrelaçaram em um nó e estiveram nisso um tempo longo, nenhuma palavra, nada, as mãos dizendo da saudade, da impossibilidade de viver sem o outro, somente as mãos.

Dona Amabilis sacudiu a cabeça e retomou seus afazeres, os dois se acertariam, imaginou exultante, eram a sombra perdida um do outro, concluiu, e isto apesar da impulsividade e do irracionalismo absoluto do seu filho, Ícaro, o conquistador, o desvairado, sempre preso a alguma rede romântica de emoções, como o pai, sorriu, contente ao constatar que a realidade nunca eliminaria a poesia, jamais, ainda que fosse artigo raro, o lirismo; a vida, em geral, era tão crua, sem sal, aguada, áspera, refletia, em silêncio, a mãe viúva, contente, enquanto ouvia a porta do quarto ser fechada com determinação, ninguém deveria incomodá-los nas próximas vinte e quatro horas ou seria a tragédia, caso os amantes não se bastassem durante as próximas vinte e quatro horas, anuiu consigo mesma, para seus adentros, seria o fim, pensou, desejando, torcendo para que se perdessem um no outro, como bem o mereciam, como bem o desejavam havia tanto tempo.

O interlúdio de vinte e quatro horas transformou-se em uma lua de mel de trinta dias. Cristina e Ícaro passaram quase um mês trancados no quarto do sobrado moderno. A maior parte do tempo, faziam amor em um modo incansável, carinhoso, cada um absorvido pelo corpo do outro. Leram toda a coleção de Mafalda e








de Charlie Brown, rindo suave da ironia sutil com que aquelas crianças falavam sobre o mundo dos adultos. Dona Amabilis e dona Ernestina os defenderam de qualquer invasão pelo mundo externo. Horas depois que os amantes trancaram-se no quarto, dona Ernestina, mãe de Cristina, apareceu esbaforida no sobrado de vidro e concreto. Dona Amabilis correu para recebê-la, abraçaram-se chorando, não foi preciso palavras, a sensibilidade materna já lhes fornecera dados suficientes para que deduzissem o que se passava: seus filhos lutavam pela felicidade e a elas caberia defendê-los dos desatinos da vida, da conspiração surda contra a felicidade bruta e absoluta que aqueles dois prometiam viver. Combinaram estratégias para o combate que se avizinharia: dona Amabilis os protegeria guardando-os no recesso do sobrado de vidro; dona Ernestina acalmaria a matilha selvagem dos machos, avô, pai e noivo, todos crentes que poderiam dirigir o destino de sua filha: ela se entenderia com o ex-noivo, ele não desaparecera, ao contrário do esperado, fingia ignorar que sua namorada escapara com outro; com o coronel haveria apenas resmungos, o velho perdera a embocadura, não mordida mais, somente rosnava; com o banana de seu marido não haveria problema, ainda que ele protestasse, bastaria um ou dois gritos e Castrinho voltaria à sua rotina estúpida. Depois veriam o resto, combinaram as duas fiéis protetoras. Talvez um casamento os protegesse do mundo e deles mesmos, conspiraram as mães amantíssimas; quanto ao neto abandonado na Capital, lamentaram o desfecho trágico, injusto, porém, pragmáticas, resolveram, depois se veria, o tempo reperia as coisas no devido lugar, seria fundamental garantir espaço para que os amantes recuperassem o fôlego, acordaram as duas matronas.

Dona Ernestina ainda ponderou sobre a conveniência de a filha enfrentar a situação pessoalmente, que ela se explicasse com o ex-noivo e com pai pelo menos. Dona Amarilis, discordou da amiga, em teoria seria o correto, mas, argumentou, a dupla havia se enredado tanto em compromissos, noivos, filho, amante, o diabo, tanto que não haveria como livrar-se de todas aquelas amarras sem um golpe brusco e decidido. Ainda que de maneira não





premeditada, “os meninos” haveriam percebido isto e resolveram escapar de tudo de um modo furtivo, se enfrentassem cada uma das pessoas que lhes exigia explicação, com quem haviam estabelecido compromissos, se eles se afastassem um do outro para desfazer esses antigos laços, jamais ficariam juntos outra vez, ponderou a ex-avoadada Amabilis. Dona Ernestina concordou, até porque tinha experiência e recordava-se do que era perder o controle sobre a vida quando a pessoa se deixava envolver pelos argumentos sensatos e pragmáticos dos familiares, enfim, ela bem sabia sobre o preço que pagara por não respeitar os seus próprios afetos e impulsos.

E, de fato, armou-se uma confusão razoável no casarão dos Alencares de Castro. O noivo bramia vingança; o avô reapareceu em um súbito ataque de valentia, convocaria os jagunços para libertar a neta daquele sedutor de menores; até o pai inerte, Castrinho, que pouco reagia diante de intempéries e inconvenientes, vociferou promessas de resgatar a filha daquele Don Juan do cerrado. Dona Ernestina dispensou o ex-noivo com educação, explicou-lhe que Cristina sempre gostara de Ícaro, e que somente em virtude da proibição familiar haveriam se separado e que, agora, com a maioridade, inventou a mãe preocupada em preservar algo da dignidade do noivo ofendido, pois bem, como ela cumprira seus vinte e um anos, resolvera assumir o comando de sua própria vida, que ele a desculpasse. Entretanto, como sogra, e mãe, aconselhava-o a procurar outra namorada, o caso entre eles poderia considerar-se encerrado; o namorado protestou, gostaria de ouvir tal declaração diretamente de Cristina e não de intermediários, ainda que a mensageira fosse dona Ernestina, a quem ele queria e respeitava muito, mas. . . A sogra encerrou o diálogo incômodo, dizendo-lhe que sentia muito, muitíssimo, mas Cristina não voltaria tão cedo, aliás, mentiu, sua filha resolvera se casar, informou ao ex-namorado que a mirava desacreditado e ofendido, sim, embarcariam para a Europa, inventou a ex-sogra para o ex-noivo injuriado, tanto exagerou que finalmente o homem saiu batendo a porta e com tal violência que até o coronel Nhonhô protestou diante da grosseria do rapaz:



— A que desmoralização chegamos, Ernestina! Até um fedelho desses, um zé-ninguém de merda, acha-se com direito de bater porta em minha cara, isto nunca aconteceu antes, é o fim do mundo!

— Pois é, sogro. Pois é, pro senhor ver, nada como o tempo. E tem mais, deixe Cristina em paz.

Com o marido, bastou um olhar severo e ele voltou ao seu mutismo habitual.

Tristão sufocava-se enclausurado em seu quarto no pensionato do Divino Espírito Santo. Há tempo não retornava a Nova Barcelona, tampouco convivia com Ícaro e outros amigos. Seu isolamento agravou-se ainda mais com o esvaziamento da luta estudantil de massa. Facundo tardava em integrá-lo ao partido. Restava-lhe o lento e penoso trabalho comunitário no Jardim Planalto, labutavam há quase três anos e quase nada mudara no bairro, até as pessoas com que se encontravam eram as mesmas. Aquela imobilidade abatia seu ânimo, custava-lhe tomar o ônibus para o bairro todo santo sábado. Restava-lhe também a paixão pela literatura, ainda quando a sensação de escrever equivalesse à masturbação; algo gostoso, mas absolutamente limitado. No fundo, ressentia-se do vazio em que caíra sua vida amorosa. Seguia apaixonado por Juliana, sua conterrânea, tanto que evitava encontrá-la com esforço deliberado. Colocou tanto empenho nesse propósito que terminou construindo uma arte de desencontrar-se com o objeto de sua paixão. O elemento sofisticado desse seu esforço de ocultação era o cuidado obsessivo para que Juliana, bem como toda a sua turma, soubessem que ele a evitava com determinação e sistema. Em grande medida, seu plano foi bem-sucedido. Recusava convites de amigos comuns sempre quando Juliana também comparecesse aos eventos. Nunca escondia a razão de sua ausência; ao contrário, anunciava-a com estardalhaço. Esse jogo surtiu efeito, Juliana ofendeu-se com seu negacear e enviou-lhe mensagens ambíguas sobre o quanto desejava encontrá-lo. Nos





raros eventos do movimento estudantil, assentava-se ao lado de Tristão. Várias pessoas imaginavam-nos sendo um casal. Entretanto, como ela mantinha a relação com seu antigo namorado, Tristão sustentava inflexível sua decisão, com Juliana seria tudo ou nada.

Ainda enlutado pelo falecimento de dona Potestade e por sua incapacidade em superar a “grande recusa”, denominação pomposa com que designava o fora que levava de Juliana, um acontecimento fortuito aliviou o sofrimento de nosso herói: uma enfermeira, dez anos mais velha, encantou-se com Tristão. Era uma mulher ruiva, atraente, com uma fartura de carnes quase renascentista. A enfermeira abordou-o no ônibus que os transportava do Hospital Universitário ao Plano Piloto. Como costume, Tristão buscara o fundo, abriu um romance e desligou-se do mundo. De repente, a mulher assentou-se ao seu lado sorrindo:

— Muito prazer, meu nome é Amália. Estive observando há algum tempo, você é o homem mais bonito e charmoso da medicina.

Tristão levou um susto. Fechou o livro sem marcar a página onde interrompera a leitura e encarou-a com interesse. Aquela mulher o seduzia, sem subterfúgio, constatou, e. . . E apenas sorriu. Amália estava determinada a vencer a timidez do rapaz; assim, tomou-lhe a mão e acariciou-lhe o rosto.

— Tristão é o seu nome, não? Perguntei às meninas.

Ele continuava mudo, sem reação. A mulher prolongou a carícia para o peito do rapaz atônito, e dali passou, em uma transição cuidadosa, para o meio de sua perna.

— Assisti a um filme em que um casal transou em um ônibus, fiquei com essa fantasia, hein? — insistiu Amália, já a abrir a braguilha do moço estupefato.

— Bom, muito bom! — finalmente reagiu. — Seria gostoso — repetiu pousando sua mão sobre o braço da mulher que o acariciava. — Mas veja. . . Amélia. . . Aqui não poderemos! Impossível, se fosse à noite, mas. . .

— Amália, querido. Vamos para sua casa então?



— Sim — concordou de imediato. Ícaro viajara com Ângela. Teria a sua velha república à disposição. Ele conservara uma cópia da chave por insistência do próprio Ícaro, em caso de necessidade, ele poderia utilizar o seu antigo quarto como *rendez-vous*, havia oferecido o seu amigo liberal e lúbrico, recordara-se Tristão.

Desceram no ponto de ônibus próximo e caminharam até a casa. Ainda durante o percurso, Amália agarrou-o várias vezes, jogando-o contra a parede. “Fogosa e linda”, pensou Tristão contente. Em casa a mulher conduziu a cerimônia. Primeiro atraiu Tristão para o sofá enquanto lhe arrancava a roupa. Guiou-lhe a cabeça para que beijasse seus seios, pescoço, tudo. Depois, correram sôfregos para o quarto. Tristão atrapalhou-se com a penetração, perdeu-se na maciez gelatinosa da mucosa úmida daquela mulher, esse exercício desajeitado atizou ainda mais fogo ao ímpeto de Amália. Finalmente se encaixaram e, de tanto susto, Tristão tardou em ejacular, muito, tanto que quando estava para gozar, Amália empurrou-o para o lado, exclamando:

— Lindo! Você é um anjo de pureza. Anjo!

Em cinco minutos, como não se satisfizera, o rapaz voltou ao ataque. A enfermeira comentou irônica:

— Que tesudo para um anjo! Venha querido, venha, por aqui — disse enquanto voltava a dirigir Tristão para orientá-lo sobre o rumo de sua caverna.

Tristão voltou a encontrar-se com Amália outras vezes durante aquele mês. Quase desistiu da aventura quando foi obrigado a combinar com os donos da casa sobre a utilização do quarto. Apesar de envergonhado, encheu-se de coragem e comunicou a Ângela e Ícaro sobre sua conquista, os dois incentivaram-no para que estivesse à vontade — alegravam-se em perceber que o amigo voltava lentamente à vida depois da morte da mãe.

Somente sexo ligava os dois amantes. Antes ou depois não sabiam o que conversar. Não trocaram confidências, nada comentaram sobre a vida pregressa, Tristão não soube se a moça tinha namorado, noivo ou marido, nada. Encontravam-se porque seus corpos haviam se entendido bem, razoavelmente bem. Com



o tempo, o amante inexperiente tornou-se sôfrego, buscava o final sem muito preâmbulo. Amália ensinou-lhe a arte da paciência nos jogos de amor, retardava o momento da penetração e, finalmente, quando entravam um dentro do outro, ela dizia-lhe ao ouvido em um sussurro suave:

— Anjo, imobilidade de iogue, quieto, quietinho. Você é Buda.

Certa feita, pela manhã, quando saíram do quarto para preparar café, depararam-se com Ângela e Ícaro. Tristão foi tomado por um sentimento oceânico de vergonha, sentiu-se constrangido em tal intensidade que não soube o que fazer. Aquela meia hora foi a hora mais longa de sua vida. Incomodava-lhe saber que outras pessoas sabiam que estivera fazendo sexo. Pareceu-lhe um escândalo não poder ocultar que Amália e ele haviam transado no quarto. Tal acontecimento era-lhe, necessariamente, um assunto privado. Apesar do incômodo, quando voltou ao quarto, após o desjejum, Amália seguiu-o e, ainda com os convivas circulando pelas cercanias, Tristão deixou-se provocar pela mulher, que lhe arrancou a calça para um último exercício matutino.


Ícaro entusiasmou-se com a nova companhia de Tristão, quando se encontraram no hospital, disse-lhe sem rodeios:

— Homem, que mulherão! Caso o senhor conceda em dividi-la com um amigo é só me avisar. Nunca estive com uma ruiva antes, tenho a maior curiosidade. Os pentelhos são vermelhos como o cabelo dela? Que peitos têm essa mulher, Tristão! Glória! Aleluia!

— Nunca observei, cara. Não me encha o saco! E a Ângela? Terminaram?

— Ih! O que tem a ver uma coisa com a outra? Uma mulher gostosa dessa não é de se jogar fora. Hoje, pela manhã, ela quase me comeu com os olhos, enquanto tomávamos café, se não fosse a pressa eu teria combinado algo. Caso você não se ofenda, claro. Moralista ou ciumento? Não me diga que o caso é sério? A moça é uma baranga, Tristão!

— Não me interessa o que ela é ou deixa de ser. Mais respeito. Não. . . Não penso em. . . Foi uma boa transa, nada mais. Eu



andava precisado, mas fique à vontade, não tenho nenhum compromisso com essa mulher.

Depois desse episódio, Tristão resolveu separar-se de Amália, entretanto, não se animava em dispensá-la, voltaram a encontrar-se duas outras vezes e ele não dizia nada sobre sua decisão; ao contrário, procedeu como nas ocasiões anteriores. Diante do impasse, convencido de que não teria coragem para terminar o caso ao vivo, Tristão procurou resolvê-lo à distância, sem conversa prévia. Assim, decidiu não aparecer no encontro seguinte. Para evitá-la, não foi ao hospital naquele dia. Haviam construído um hábito de voltar juntos de ônibus e depois se trancavam no antigo quarto de Tristão. Durante os três dias seguintes, ele não tomou o ônibus da Universidade, preferiu as linhas comerciais. Amália captou a intenção do rapaz e nunca mais o procurou. Jamais se falaram outra vez. Ele temia encontrá-la pelos corredores do Hospital Universitário, o que não aconteceu. Imaginou se não teria sido demitida, ou se seria uma estagiária, alguém de passagem: sua ruiva de uniforme branco de enfermeira desapareceu como aparecera.

Facilitou-lhe esquecer Amália, uma carta que recebeu de Juliana pelo correio. Juliana escrevera-lhe um texto longo, dez páginas. Iniciava com um “meu querido”, o que extasiou o jovem apaixonado. Ela narrava suas desventuras pessoais, amorosas e familiares, atualizava-o sobre o que lhe acontecera de relevante desde quando lhe recusara a cantada, e, somente ao final, confessava seu amor e perguntava, em uma retórica que revelava ansiedade, se Tristão ainda a queria como namorada, noiva e mulher. Após a primeira leitura, Tristão saltitou contente pelos corredores do pensionato do Divino Espírito Santo, imitando Ícaro. Precisava extravasar seu contentamento, assim, rodopiou como se valsasse, saltou como se pretendesse pegar o sol e, de repente, sentiu-se inseguro, a carta era longa, haveria compreendido todos os detalhes, Juliana terminara o namoro com Salviano? Angustiado, temeu tomar a realidade pelo desejo, haveria ela declarado amor por ele? Para assegurar-se de que não se enganara, releu a carta e a releu uma terceira vez e, de fato, estava tudo lá. Ela convidava-o



para um encontro, na Universidade, em frente ao restaurante, para dali a duas semanas, prazo considerado conveniente para interpor um tempo razoável entre o velho e novo, isto no caso de ele ainda a amar. . . Era a felicidade, acreditou Tristão, a sorte lhe sorria mais uma vez.

Juliana insistira com Salviano durante anos. O namorado funcionara como seu par oposto e complementar. Era mais velho, ponderado e seguro sobre o melhor a ser feito em cada situação. Era esbelto, magro, estilo galã italiano, mas não abusava do seu charme. Não havia nada de errado no relacionamento entre eles, explicara Juliana para si mesmo, ao reconhecer que sua afeição por Tristão resistira ao tempo. Deu-se conta de que nunca se entusiasmara de fato com Salviano. Ele fora correto, antecipava suas vontades, presenteava-a com discos de música popular brasileira, descobria filmes e peças de teatro que a interessavam, e cortejava-a com infinita disposição. Sentira-se segura e protegida com aquele homem, sem dúvida. Entretanto, apesar dos anos de convivência aprazível, atacara-lhe a sensação de que vivia uma vida provisória, com um enredo falso. Divertiram-se bastante, sob vários e múltiplos aspectos, ele atendera-a bem, mesmo assim ela não conseguia imaginar-se vivendo com aquele rapaz. Embora procurasse não pensar em Tristão, com o tempo, reconheceu a diferença abissal entre o modo como ela pensava no noivo oficial e em Tristão. Ela conhecia-os há tempos, desde a infância. Eram naturais de Nova Barcelona. Ela pouco convivera com Tristão, alguns dias se muito. Não obstante, ficara-lhe uma sensação de intimidade, de cumplicidade e de dependência intensa, um sentimento que não se enfraquecera com o passar do tempo. Incrível, ela perguntava-se sobre como acontecera de ligar-se a Tristão de Oliveira se o conhecia tão pouco? Ela estivera mais tempo em companhia de Salviano, entretanto sonhava acordada com o outro. Quando se recordava de Tristão era como se ouvisse música, uma fuga de Bach, Elis Regina esgoelando uma canção romântica, como se a vida fosse um outono eterno e luminoso. Aquilo era paixão, reconheceu constrangida. O que a unia a Salviano era conveniência. Estratégia para sobre-



viver segura, medo de arriscar-se. O seu namorado era previsível, seria aquilo que sempre fora ao longo de décadas. Com Tristão era a incerteza, reconhecia. O moço era imprevisível. Mas ela se sentira tão confortável e encantada em sua companhia, lembrava-se da viagem de trem. Durante aquela viagem, fora como se a dor houvesse sido eliminada do mundo e ela deixara-o a ver navios.

Por tudo isto, para contrariedade de seus familiares, primeiro dispensou Salviano. Preferiu não explicar nada a ninguém, nem ao próprio quase futuro noivo. Simplesmente desculpou-se pelo mau jeito e comunicou-lhe que escolhera outro caminho, outro destino longe dele. O rapaz era orgulhoso e não a pressionou com pedidos de explicação ou com qualquer outra insistência; como era de seu hábito, tomou o dito por dito e desapareceu da vida dela e de sua família.

Juliana vestiu o mesmo conjunto branco de sua festa de quinze anos para o encontro com Tristão. Cinco anos haviam se passado desde aquele aniversário. Juliana se transformara em uma mulher. Era miúda, não crescera mais do que metro e cinquenta e pouco, mas adquirira um corpo bem torneado, ainda que a marca de sua beleza continuasse sendo seu sorriso e a luminosidade que emanava natural de sua pessoa. Havia deixado crescer o cabelo que lhe escorria escuro em ondas suaves pela cabeça e pescoço. Perfumou-se com uma lavanda discreta e chegou ao lugar aprazado com uma hora de antecedência. Para sua surpresa, Tristão já a esperava. Aproximaram-se correndo, como em uma película de amor, tudo exagerado, ainda que real, pois acontecia de fato. Invasiu-a uma onda de emoção, uma vontade de fundir-se com aquela outra criatura, jamais separar-se dele. Finalmente, abraçaram-se. Tristão rodou, uma, duas três voltas, segurando-a pela cintura, ela disse, “querido”, e beijaram-se como se nunca houvesse outro gesto diferente daquele ao encontrarem-se. Ela descobriu-o sofrido, magro, magérrimo, barba rala e cabelos longos malcuidados, desgrenhados, arrebatados, a roupa larga para o corpo delgado, sentiu uma ternura imensa, tomar conta do seu homem, pensou, acariciando-lhe o rosto. Tentou seguir com o gesto pela cabeça



afora, mas os cabelos embaraçados detiveram o movimento carinhoso, riram-se os dois, riram bastante do descuido capilar do homem.

Não se desgrudaram nos dias seguintes. Somente à noite se separavam, quando Juliana voltava para dormir em sua casa. Na primeira semana, Tristão não apareceu no hospital e Juliana faltou a todas as aulas na Faculdade. Circulavam pelos jardins, parques e praças da cidade, sempre abraçados ou de braços dados, falando, comentando sobre o tempo que haviam perdido longe um do outro. Juliana afastara-se da política, não mais frequentara a Juventude Católica e há pouco se integrara ao movimento estudantil. De fato, somente elegera-se representante com a esperança de avistar-se com Tristão, confessou sem constrangimento. Em compensação, mergulhara de corpo e alma na vida cultural, vira filmes, fora ao teatro e lera livros que marcaram aquele período de reviravoltas. Tristão, em contrapartida, falou-lhe sobre política, seus planos de futuro, mudar-se para Brazlândia, aproximar-se da classe operária, fazer medicina comunitária, saúde pública, poderiam trabalhar juntos, escapar da pasmeira em que a Capital se transformara. Depois de muito vagar, com as pernas bambas, Juliana sugeriu:

- Tristão, poderíamos ir para algum lugar tranquilo?
- Sim, que tal um cinema?

Foram assistir a uma película, embora fosse outro o espaço “tranquilo” imaginado por Juliana. Ela pensara em poderem se deitar e . . .

Juliana levou-o para ver *Amarcord*. Ela já conhecia o filme, assistira-o duas outras vezes. Estiveram de mãos dadas durante toda projeção. Juliana observou lágrimas descontroladas no rosto de seu amor em três ou quatro episódios do filme de Fellini, em geral, traquinagens dos adolescentes de Rimini. Riram soltos quando a mulher gorda e peituda quase esmagou o jovem extasiado e inexperiente ao abraçá-lo.

Com o tempo retomaram as obrigações acadêmicas. A cada intervalo, Juliana corria para encontrar-se com Tristão, quinze





minutos de folga já era tempo suficiente para que cruzassem o *campus* somente para tocarem-se durante alguns minutos. Beijavam-se e esfregavam-se com energia, entretanto, seguiam fazendo tudo na rua, ao ar livre. Escolhiam becos, salas vazias na universidade, para carinhos íntimos. Tristão ousou primeiro tocar-lhe o seio, para sua surpresa, Juliana meteu sua mão cintura abaixo e o masturbou. Em seguida, ele retribuiu-lhe o gesto. Juliana chorou ao final. Tristão assustou-se:

— Perdão, querida, eu. . .

— Foi maravilhoso, bobinho. Chorei de emoção, nunca imaginei um prazer tão intenso, tão. . .

Depois de um mês de aventura, Juliana ansiava por um quarto, uma cama, um lugar reservado onde pudessem fazer amor. Tristão parecia adaptado e satisfeito com o namoro de rua. Até que um dia, a moça sugeriu:

— Querido e se. . .

— O quê?

— Não sei, e se. . . Um lugar tranquilo?

— O quê?

— Pensei. O seu quarto no pensionato, não poderíamos ficar juntos sossegados, alguma hora? Quando não houver ninguém?

— É proibido, mas todo mundo. . .

— Então vamos, pela tarde?

Na penumbra do quarto atiraram-se um contra o outro. Na primeira vez, Tristão repetiu a cerimônia a que estavam habituados: carinhos e pronto. Juliana percebeu que o rapaz vacilava. “Seria virgem àquela altura do campeonato”, ponderava a namorada ante a indecisão de seu parceiro. Sentia-se disposta a conduzi-lo naquele momento de hesitação, ela já se decidira a dormir com ele, queria ser penetrada, desejava viver com ele, alugariam um apartamento, qualquer coisa, escolhera um caminho, encontrara sentido para sua vida e não pretendia adiar o gozo daquela felicidade.

Na segunda oportunidade em que estiveram sozinhos no pensionato, Tristão iniciava os procedimentos habituais, quando Juliana interrompeu-o:



— Espere aí, vamos tirar a roupa — disse, enquanto desabotoava a blusa e arrancava o sutiã em um movimento faceiro. Em seguida, despiu o namorado. Tristão recuou envergonhado. Juliana assustou-se, temeu algo grave e perguntou:

— O que foi querido? Por acaso não quer fazer amor, eu. . .

— Não, Ana. Sim, quero dizer. . . Quero muito. Desejo. . . É que, bem, será um compromisso muito sério, não? Algo pra sempre e. . .

— O quê? Bobinho, não entendo a sua indecisão, qual o problema? Você não quer transar? Já somos um do outro, eu quero ser sua, não tenho dúvida alguma.

— Não, sim, quero muito também. É que, bem, não conversamos ainda sobre casamento, eu fico pensando, é muito sério o que iremos fazer. . . uma marca na vida, no corpo, eu. . .

— Tristão, veja: não estamos casando, estamos sozinhos aqui no quarto, pelados e com tesão um pelo outro e não há mais nada, pelo amor de Deus! Comecei a usar pílula, anticoncepcional, o comprimido micro, que não faz mal, não se preocupe, não ficarei grávida antes da hora.

Tristão vacilava temeroso porque temia comprometer-se caso Juliana fosse virgem. Parecia-lhe uma grande responsabilidade, um passo sobre o qual ainda não avaliara os desdobramentos possíveis. Sequer lhe passara pela cabeça a possibilidade de gravidez. Tristão vacilava por temer o simbolismo da ruptura do hímen, aquele ato, para ele, implicaria casamento e, apesar do seu amor, não se sentia preparado para aquele compromisso. Havia a família Oliveira e as censuras da finada dona Potestade ainda ressoavam em seu cérebro, havia o curso de medicina inacabado, enfim. Enquanto ele pesava os prós e os contras daquela ação que estavam por cometer, Juliana arrastou-o para a cama e daí em diante ele não respondeu mais por seus atos. Tudo correu bem, exceto quando tentou meter-se dentro de Juliana, novamente não encontrou o caminho e, outra vez, a mulher o guiou pelos trajetos necessários a um acoplamento apaixonado. Ao final, abraçaram-se felizes, muito.




Estiveram nisto até o final da tarde. Tardaram tanto em sair da cama, um refúgio doce, que foram obrigados a vestirem-se apressados, em pouco tempo chegariam os moradores da ala masculina do pensionato. Quando saíam furtivos pela porta, ocorreu a Tristão que não houvera sangue. Juliana seria virgem? Ou haveria sido tão suave a penetração que. . .? De qualquer modo, não se animou a perguntar à companheira qual seria o caso, afinal, por que deveria preocupar-se com uma simples camada de tecido epitelial tornada sagrada pelo espírito controlador de legião de machos ao longo da história da humanidade, por que deveria? Logo ele, um ser iluminado e feliz?

Apesar do amor, apesar da felicidade que Tristão experimentava quando convivia com Juliana, apesar desse estado de graça e de plenitude existencial, mesmo assim Tristão sentia um vazio na alma e ansiava preenchê-lo lançando-se às lides revolucionárias, sem leme que o guiasse para algum sítio aprazível. O incrível foi que em vez de apaziguá-lo, Juliana deixou-se queimar pelo mesmo fogo.

Alguns meses depois da iniciação revolucionária de Marciano e Tristão, Facundo Dantas convocou-os para uma reunião secreta. Finalmente seriam introduzidos ao seio da IV Internacional.




A cerimônia de iniciação foi simples, Tristão foi para a célula estudantil, Marciano, para a dos trabalhadores. A condição de bancário, por si só, tornava-o mais valioso para a mentalidade predominante entre os esquerdistas. A célula estudantil contava com meia dúzia de militantes, a maioria era composta por ativistas já aposentados, veteranos que lutaram pelos idos de sessenta e oito. Eram de muito falar, opinavam sobre tudo, mas não tinham contato com o movimento social de oposição à ditadura. A maioria fazia o perfil Facundo, a atividade revolucionária deles restringia-se às reuniões ultrassecretas entre afiliados ao partido, às suas contribuições financeiras e, quando muito, ao esforço solitário para recrutar um ou outro estudante com ventos esquerdistas





comprovados. Tristão decepcionou-se logo aos primeiros encontros, os camaradas repetiam, como em uma litania laica, frases, feitos e opiniões de Lênin, Trótsky e de J. Posadas, sobre quem Tristão nunca ouvira falar. Posadas era argentino, criara um novo cisma entre os já reduzidos quadros da IV Internacional. Os trotskistas da Capital consideravam-no o verdadeiro guia, alguém capaz de colocar novamente nos trilhos o movimento comunista desviado pela perfídia inteligente de uma sequência infinita de traidores. Tristão buscou informar-se sobre os demais dirigentes do trotskismo. Parecia-lhe ridículo aquela louvação ao carismático dirigente argentino, um culto à personalidade dentro de um grupo que criticava asperamente os comunistas por este tipo de prática.

Tristão percebeu um clima de confraria, de seita, entre os filiados à IV Internacional. Procurou Marciano expondo-lhe suas primeiras impressões. O bancário tranquilizou-o: aquela propensão ao falatório seria um traço típico do comportamento pequeno-burguês; estudantes seriam assim, certamente pelo espírito festivo predominante entre eles, concluiu seguro. Entre os operários não havia fanatismo e tampouco culto à personalidade. Ao contrário, considerava-se tarefa estratégica a unificação de todos os revolucionários sob uma única bandeira e sob um único partido socialista.

Tristão não se convenceu inteiramente, mas resolveu dar tempo ao tempo. A ponderação do amigo não fora suficiente para desativar seu espírito crítico. Observou que membros antigos tinham, inclusive, um modo uniforme para se expressar. Não somente suas análises eram idênticas aos editoriais e artigos do jornal oficial, como adotavam uma maneira de discursar assemelhada. Primeiro inclinavam a cabeça, depois armavam um ar de sabedoria e de certeza absoluta, em seguida, recitavam ejaculatórias, lugares-comuns, sem qualquer preocupação com o concreto. O tom de voz com que se expressavam imitava o de um padre psicanalisado, avaliava Tristão com tristeza. Com aquele povo jamais derrotariam a ditadura ou conseguiriam unificar as tendências de esquerda em um movimento único, socialista e democrático, con-



forme sonhavam. Para superar o impasse, resolveu recrutar gente nova, colegas com quem convivia e que sabia dedicados aos movimentos sociais. Depois de meses de peleja com Facundo — Tristão descobriu que ele era uma espécie de secretário-geral do trotskismo na Capital, sem seu aval nada se fazia dentro do partido —, e graças ao apoio de Marciano, em quem foi novamente buscar socorro, conseguiu que Juliana, Lenira e outros de seus companheiros fossem admitidos na célula estudantil. Auxiliado pelas novas feras, logo, logo, logrou arrebanhar outra dúzia de estudantes para sua base. Com o ingresso dos novatos na célula revolucionária, finalmente, discutiram estratégias práticas para enfretamento do governo militar e, não somente, ficaram na louvação ao avanço inexorável da revolução mundial. Os antigos camaradas sempre se opunham a qualquer ação prática; os novos, ao contrário, sempre estavam a favor.



As tarefas da nova organização a que se filiara afastaram Tristão de Ícaro, de Matias e de outros com quem convivia. Um escrúpulo inconsciente o impediu de misturar o trabalho comunitário com o novo partido clandestino a que se filiara. Nem sequer animou-se a compartilhar com frei Tiago e com o professor Carlyle sua condição de filiado à IV Internacional. Passou a alimentar-se e vestir-se de política. Não respirava outra qualidade de ar que não aquele saturado de política. Apesar de militarem na mesma organização clandestina, pouco encontrava Marciano, então promovido à condição superior de “trabalhador”. Quando muito agoniado com as contradições e incoerências do partido, Tristão procurava-o para trocar ideias. Marciano, ao contrário do amigo, sentia-se plenamente integrado à IV Internacional. Reuniam-se com bancários, funcionários públicos, gráficos, químicos e alguns metalúrgicos, e segundo seus relatos parcimoniosos, suas reuniões eram extremamente objetivas, discutiam modos de tomar os sindicatos da pelegada, pouco se dedicando a temas teóricos. Marciano já adotara o maneirismo típico aos quadros profissionais da organização. Comunicava-se de modo velado, com excesso de metáforas e quase nenhuma informação sobre assuntos concretos.



Tristão somente continuava a procurá-lo porque precisava de aliados para alterar a composição e a política do setor estudantil.

Pois bem, depois de um ano de comprovada dedicação à causa e ao partido, Facundo considerou Marciano e Tristão aptos para participarem de um encontro internacional de trotskistas em Brazlândia. Por razões de segurança, viajaram separados. Facundo saiu uma semana antes, haveria reunião do Comitê Central da seção brasileira da IV Internacional informou lacônico. Provavelmente, por vaidade, não resistira à tentação e revelara um segredo partidário, ou seja, entregou que pertencia ao Comitê Central, tema sigiloso, abrir aquele segredo violava as regras de segurança que ele venerava. Apesar de sua frieza e objetividade revolucionária, concluiu Tristão, Facundo aproveitara-se daquela oportunidade para vangloriar-se diante de seus pupilos: ele não resistira à tentação e confessara pertencer à cúpula nacional da IV Internacional.

Alguns dias depois, Marciano embarcou no expresso noturno. Tristão tomou o ônibus para Brazlândia somente na noite anterior ao início do encontro secreto. Não lhe indicaram endereço para onde se dirigir. Instruíram-lhe para que tomasse o ônibus que partia às seis horas da tarde de um sábado. Domingo, às dez horas, deveria aguardar por alguém com uma revista *Veja* dobrada sobre o braço esquerdo. — O braço do coração —, Facundo reforçara o detalhe várias vezes para que não se confundisse com a senha, pois bem, um camarada o buscaria no primeiro ponto de ônibus na entrada de um bairro denominado Vila. Caso houvesse algum problema, o ônibus se atrasasse ou ele se perdesse, haveria um segundo ponto no coreto da praça Carlos Gomes, ao meio-dia. Não havendo contato, ele deveria regressar imediatamente à Capital tomando todas as precauções plausíveis.

Era o mês de julho e fazia frio apesar do sol luminoso. Tristão saíra da Capital com uma temperatura de vinte e três graus e não se preparara para o clima daquela metrópole. Ainda na rodoviária de Brazlândia, desceu do ônibus tremendo com o frio intenso, tomou um pingado fervente com dois pães na chapa, estava faminto e não imaginava quando voltaria a comer. Para precaver-se





comprou duas maçãs e meteu-as na mochila. Enquanto esperava o ônibus de linha, o vento gelado quase o levou ao desespero, dentro do veículo sentiu-se confortável, todas as janelas estavam cerradas. Quando desembarcou no lugar indicado, assustou-se com o vento. Sentiu-se como se estivesse nu apesar de sua jaqueta jeans. Estava adiantado para o encontro em duas horas, indeciso resolveu caminhar. A Vila era um bairro elegante, casas confortáveis, sobrados em geral. Havia lindas árvores, jardins, pássaros. Em várias casas notou sinais de catolicismo explícito: pequenos altares com Nossa Senhora Aparecida, placas com um peixe estilizado ou com a imagem do Sagrado Coração atravessado por uma espada cruel. Desanimou-se com a possibilidade de que um movimento de massa derrotasse a ditadura: “como um povo conservador e medroso desse poderia rebelar-se?” — questionou-se com realismo. Meia hora depois, percebeu a paisagem mudada, reconheceu o *campus* universitário à distância. Animou-se com o ambiente, talvez fosse o ar boêmio, jovens tresnoitados retornando aos lares, mendigos estirados pelos cantos e vendedores ambulantes pelas calçadas, algo o apaziguou. Havia bares, comércio, banca de jornal, vida civilizada, pensou, enquanto retornava ao ponto de partida.

Na hora aprazada, um jovem sorridente aproximou-se. Vestia um paletó de *tweed*, tênis e calça de veludo, tinha os cabelos aparados, ao contrário da maioria dos de sua idade. Debaixo do braço esquerdo, o do coração, havia uma revista que Tristão não pode distinguir pela distância. O rapaz mal o avistou e dirigiu-se ao seu encontro sem hesitação:

Zico, eu presumo — apresentou-se.

Na organização todos usavam codinomes, Tristão transformara-se em Zico e Marciano em Bolívar. Lenira era Rosa, em homenagem a Rosa Luxemburgo, revolucionária assassinada na Alemanha. Juliana era Alexandra, uma referência a alguma heroína soviética. Tristão, cabeça dura, preferiu escolher um nome brasileiro em vez de algum ícone da revolução mundial, daí o Zico. Para sua surpresa, Facundo também elegera o Joaquim, um codinome simples e popular.





— Sim. . . Bom-dia! Que frio do caralho, hein!

— Sim, um dia lindo! Me lembra Buenos Aires, ah! Meu nome é Spartacus, prazer.

— Como me reconheceu? — perguntou-lhe Tristão intrigado.

— Bem. . . Domingo, dez horas da manhã! Uma pessoa fantasiada de revolucionário, parado com ar perdido em um ponto de ônibus, quem mais poderia ser senão o heroico Zico? Há vários anos acompanhamos sua atividade, o conhecemos de longa data — respondeu o dirigente sorrindo um sorriso fixo e gratuito.

— Como assim?


— Posadas disse que o vestuário excêntrico indica insegurança pequeno-burguesa. Em vez de fazer a revolução de fato, o típico falso revolucionário contenta-se em chocar, a outros e a si mesmo, particularmente pelas roupas exóticas. Você, caro companheiro, é um exemplo escarrado desse comportamento, falta-lhe somente uma placa indicando: líder estudantil em missão revolucionária. Pelo amor de Deus! Cabelos desgrenhados, calça desbotada, jaqueta *jeans*, bolsa de lona a tiracolo, mochila, ou é maconheiro ou é militante estudantil, outra identidade não seria possível, precisamos dar um jeito em sua aparência, procure imitar um bancário, ou. . .

— Você não se veste como um bancário! Parece mais um professor universitário inglês, um. . .

— Como eu lhe dizia. . . Vista-se como alguém decente. No meu caso, voltei recentemente da Itália. Uso as roupas que todo jovem trabalhador de lá usa. Bem. . . Seja bem-vindo! Tomaremos outro ônibus de volta para a Rodoviária.

Da Rodoviária dirigiram-se ao centro caminhando. Depois de circular ao redor de uma praça, sempre cuidando em observar se alguém os seguia, acercaram-se de um carro branco, um Opala novo em folha. Dentro havia um rapaz e uma moça. Spartacus não os apresentou a Zico. Logo em seguida, saíram em viagem. Tomaram uma via expressa com várias pistas, a certa altura pegaram uma estrada lateral; à frente, deixaram-na por um caminho de terra, havia muita poeira, depois de quase uma hora, chegaram






a um sítio entre montanhas. O quarteto quase não se comunicou durante o trajeto. A casa era enorme, com piscina e quadra de piso cimentado. Havia um pomar com mangueiras, jabuticabeiras e laranjeiras. Perto ficava um curral vazio e um galinheiro com uma imensa variedade de aves: patos, perus, gansos e galinhas de várias raças.

Vinte pessoas aproveitavam o calor suave do sol em frente ao casarão. Marciano destacou-se do grupo para recebê-lo. Spartacus apresentou Zico e Bolívar — Tristão e Marciano, em realidade — a três homens com ar de comandantes. Eram mais idosos do que a média composta por jovens entre vinte e trinta anos. Havia mais homens do que mulheres. A alguns, Tristão e Marciano conheciam da luta estudantil ou do movimento pela anistia. Os três dirigentes abraçaram-nos como se os conhecessem há décadas. Tristão e Marciano nunca os haviam avistado. Eram ilustres desconhecidos. Todos se expressavam no mesmo tom sacerdotal. Usavam uma voz em falsete, abafada, simulando uma paciência infinita. Seus codinomes eram roubados de homens famosos da ciência ou de lides revolucionárias. Um mais velho apresentou-se como sendo o Galileu, outro como Leon. Os dois eram imponentes, brancos, altos e fortes, gente de classe média. Havia apenas um com ascendência indígena, tinha menor estatura, disse chamar-se Darwin, seria biólogo na vida civil, imaginou Tristão. Tinha sotaque nordestino, cearense ou pernambucano, mas expressava-se em portunhol, o sujeito era uma caricatura, cada gesto dele parecia artificial, como se estivesse esforçando-se para parecer simpático e para dizer frases pomposas, sempre no típico tom santificado predominante na organização. Durante todo o tempo, Darwin representava como se fosse um mau ator, pensou Tristão.

— *Muy bien* — comandou o tal de Darwin —, estamos aguardando *nuestros invitados internacionales*, companheiros de larga experiência e muito valor, problema de voo. Então começaremos pela diversão, futebol, misto, todos jogarão. *Un juego en serio*, no uma brincadeira; coisa séria, na verdade; *en el juego* aprenderemos sobre solidariedade, harmonia, etc.



Para surpresa de Tristão, logo se organizaram dois times, todos foram escalados, até Facundo um antiesportista convicto participaria. Como havia muita gente, deliberou-se que o campo seria o curral vazio. Aquela multidão não caberia na quadra. Cada equipe combinou sua estratégia, definiram-se as posições dos participantes e começou-se a partida. Tristão divertiu-se a valer. Marciano empenhou-se na defesa e no ataque, era adversário de Tristão e o derrubou, sem necessidade, várias vezes. O time de Marciano venceu por sete a cinco. Ao final, o dirigente nordestino, Darwin, bateu palmas e pontificou solene depois de conseguir a atenção do todos:

— *Muy bien*. Camarada Posadas escreveu um texto bellissimo sobre o futebol, como sabem, reflexões *enbasadas* em sua experiência prática, ele foi jogador profissional *en su juventud*. Bem. . . *Según el camarada, el fútbol es un espejo de la vida misma*, comportamo-nos no jogo da mesma forma que em nossas relações sociais. Vejam, este não é um jogo qualquer, afinal foi organizado pela IV Internacional, o que lhe assegura um nível superior, indica nossa concepção elevada sobre a sociedade, *toman parte hombres y mujeres*, craques e pernas-de-pau, somente uma organização revolucionária conseguiria tal façanha. Portanto, é importante perceber isso. Reconhecemos o papel revolucionário desempenhado pelas mulheres no processo de luta. O mesmo, infelizmente, não podemos afirmar sobre nossos pernas-de-pau. . .

Todos riram da piada. O homem retomou a peroração diante de uma turba de seres suados e ofegantes:

— Vejam, mas nem tudo são flores! Analisem! Uma simples pelada, uma brincadeira, mas que revela muito para quem souber se valer de um método científico, do marxismo-leninismo-trotskismo, para compreender a realidade. O que observamos: *nuestra organización es perfecta, solamente en función de nuestra concepción avanzada logramos organizar una actividad social tan elevada, tan. . .* Representamos a inteligência *obrero*, entretanto observem, observem bem, com exceção do camarada Posadas, as pessoas, os companheiros, todos nós, ainda refletimos *las contradicciones de nuestra*

época. Sem a condução do partido somos nada. Entre nós, houve alguns que não se integraram, permaneceram afastados, conspirando contra o adversário em vez de jogar o jogo. Foi o caso de Joaquim, sempre ranzinza. . .

Aqui, ele fez uma pausa como se aguardasse aprovação dos ouvintes, o que não houve; ouviu-se, ao contrário, outra risada coletiva, as pessoas preferiram tomar como piada a crítica despropositada ao desinteresse de Joaquim, Facundo em realidade, pelo futebol. Darwin temia a crescente influência de Facundo sobre os jovens militantes; sua inteligência aguda, sua cultura e sua paciência eram qualidades que o destacavam entre os dirigentes da IV Internacional e ameaçavam o burocrata medíocre. Aquela repri-menda indicava disputa entre líderes, confirmaria Marciano depois. Facundo pôs-se vermelho, entre irado e sem graça. Mas preferiu não retrucar. Darwin retomou sua análise selvagem:


— Houve ainda aqueles afoitos. Camaradas que têm dificuldade em reconhecer a autoridade devida à classe operária, *al primero Estado Obrero*, à gloriosa União Soviética e, principalmente, ao líder do nosso tempo, camarada Posadas! Enganam-se ao imaginar que sua inteligência ou sua força de vontade substituiriam o papel de guia do partido. Pensam que ganhar uma partida é tudo. Esquecem as regras e, principalmente, maltratam os companheiros, foi o caso de Bolívar, parecia um louco desvairado determinado a marcar gols e mais nada.

— Estava jogando futebol e mais nada mesmo — protestou Marciano, isto é, Bolívar. — Futebol é assim, cara!

Darwin estava para responder, quando Galileu interrompeu-o conciliador:

— Quinze minutos de intervalo e começaremos a reunião.

Haviam chegado os dirigentes internacionais. Um senhor gordo, glabro, bem vestido, argentino, com certeza, pensou Tristão, já que o homem falava pelos cotovelos, em puro portenho, mettendo um “*nada que ver*” ou um “*claro*” a cada frase pronunciada. O outro era mais jovem, não deixava pistas sobre sua origem. Tinha uma aparência neutra, pele clara e cabelos negros. Poderia ser



judeu ou árabe, da península ibérica ou da Europa Central. Lembra um brasileiro, ainda que se expressasse em um espanhol compreensível. Seu sotaque também era neutro. Ora parecia cubano, alguém do Caribe, poderia ser mexicano, ou talvez um italiano ou até norte-americano. Era um cosmopolita, um ser desterritorializado, comentou Tristão com Marciano.

Após uma passagem rápida pelo banheiro, todos se assentaram na sala imensa da casa; alguns em cadeiras, outros em almofadas atiradas ao solo. O internacionalista levantou-se solene e entoou a *Internacional* em espanhol. Todos se puseram de pé em um salto, cantando com evidente paixão os versos do antigo hino comunista.

Marciano recordou-se da escola primária, das inaugurações de obras em Nova Barcelona, quando a audiência entoava o hino nacional. A música e a circunstância eram outras, mas o clima subjetivo era o mesmo, pensou irônico, como se, com aquele procedimento de distanciamento, procurasse proteger-se daquele clima de catarse coletiva. Com o rabo de olho, tratou de observar Tristão. Ele mexia os lábios em um simulacro respeitoso, fingia cantar enquanto analisava a fisionomia das pessoas. Em certo momento, os amigos cruzaram o olhar. Marciano identificou o esgar jocoso e discreto do amigo como uma mensagem explícita, ele tampouco apreciava aquela papagaiada formal, pareceu-lhe.

Encerrado o hino, todos voltaram a assentar-se. O internacionalista, recém-desembarcado da Europa, disse que antes da discussão sobre o contexto internacional, ele faria uma experiência com os presentes. Imediatamente, Darwin distribuiu lápis e folha de papel em branco para cada um dos convivas. O internacionalista forneceu as instruções sobre o modo como deveriam proceder. Ninguém o compreendeu a princípio. Estabeleceu-se um tumulto, muitos consultaram o companheiro ao lado buscando esclarecer-se. Galileu retomou a palavra e repetiu as instruções, desta feita em português:

— Solicitamos aos companheiros que desenhem círculos concêntricos, iniciem com o maior, que deverá ocupar todo o diâmetro da folha em branco, e prossigam em tamanho decrescente até



quando consigam. É importante que não interrompam o traçado, todo o caracol deverá ser desenhado em um único traço. Vamos — estimulou a audiência que o contemplava boquiaberta.

As pessoas estavam ali para um encontro revolucionário e, de repente, os chefes sugeriam-lhe alguma espécie de teste psicológico, algo estranho, tão inusitado que os presentes recusavam-se a compreender o que lhes estava sendo determinado em um português claríssimo. Assim, continuaram fingindo desentendimento mesmo quando as instruções foram ordenadas em sua língua materna. Paciente, Galileu repetiu as orientações.

A maioria debruçou-se sobre o papel para realizar a tarefa. Risadas, empurrões, da estupefação havia se passado ao lúdico. Marciano era consciente sobre o quanto sua coordenação motora era limitada, ele nunca soubera desenhar, portanto, jamais teria habilidade para realizar o que lhe fora designado. Assim, distraiu-se observando o esforço dos colegas. Tristão, debruçado sobre uma folha em branco, mirava-o com ar de desgosto. Marciano deu de ombros, como se estivesse desculpando-se por aquele procedimento absurdo.

Ao final, recolheram os esboços e pregaram-nos em exposição na parede. O internacionalista convidou-os a fazerem uma visita para que julgassem a qualidade dos trabalhos. Os desenhos eram toscos, linhas quebradas, círculos ovoides, trabalho humano à mão livre percebia-se com clareza e não traço realizado com auxílio de instrumentos. Depois de comentar que aquelas garatujas indicavam a desarmonia interior de cada um, o visitante acrescentou:

— Estes desenhos irregulares, não somente confirmam a confusão interna dos camaradas — insistiu com ar malévolo —, mas comprovam, sobretudo, a desarmonia de cada um com a natureza e com a sociedade. Um dia, caso prossigam com a formação como revolucionários, dentro de um partido marxista, então, quem sabe, um dia poderão igualar-se ao camarada Posadas.

Enquanto fazia esta peroração, com unção sagrada, retirou de um portfólio três desenhos que fixou à parede, convidando todos a que examinassem a “obra”.





Um a um, os militantes miraram os desenhos de autoria do camarada Posadas: eram círculos perfeitos, um movimento uniforme em direção ao centro. Nenhuma rasura, nenhuma vacilação do grafite, nada. Enquanto as pessoas em fila comprovavam materialmente a genialidade e harmonia daquele ser superior, o dirigente esclarecia:


— Fizemos este exercício em Roma, estes cartazes foram desenhados pelo camarada durante a reunião, sou testemunha ocular. Observem a perfeição do traço, somente alguém em sintonia com seu tempo conseguiria tal proeza, daí advém a incrível capacidade de análise e de compreensão da realidade do camarada Posadas.

Tristão não resistiu, aproveitou-se da confusão e cochichou com Marciano:

— Culto à personalidade, pelo amor de Deus! Somente nos faltava essa!

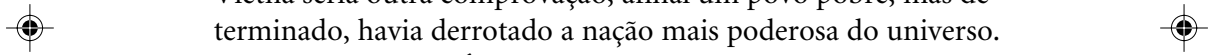
— Isso não tem a menor importância, somente revela a estupidez desse falso dirigente, é um babaca, mas o movimento é maior do que ele. Acalme-se, camarada Zico, daqui a pouco teremos coisa séria. Pura frescura, até agora! Em todo lugar há histéricos e puxa-sacos. Esse cara é um bajulador e quem não gosta ou não precisa de uma legião de puxa-sacos?

Finalmente, iniciou-se o congresso propriamente dito. Começaram pela conjuntura internacional. Ao contrário do esperado, pelo menos para Marciano, primeiro falaram os dirigentes, depois se concedeu a palavra a cada um dos presentes, conforme a disposição ao redor da mesa onde se assentavam os chefes. Todos foram obrigados a pronunciar-se sobre o tema. O camarada cosmopolita, em um espanhol neutro, começou com um informe sobre a IV Internacional. Relatou as divergências entre os grandes líderes do trotskismo, Mandel dissera “a” sobre o contexto internacional; Moreno, “b”; outro francês, Lambert, dissera “c”; finalmente, Posadas esclarecera o assunto, dizendo. . . E aí foi toda uma louvação ao discernimento, à cultura revolucionária e à sensibilidade do camarada que soubera identificar uma mudança de qualidade no processo social, a frase síntese que indicava esta verdadeira



revolução silenciosa era que doravante “a consciência passou a determinar a existência das pessoas, ao contrário do tempo de Marx em que as pessoas estavam constringidas às suas circunstâncias”.

Tristão não acreditava no que ouvia, aquilo era idealismo puro, voluntarismo no grau mais elevado, aquela concepção conduziria os movimentos sociais ao desastre, à aventura, pensava, buscando apoio em Marciano e em Facundo. Marciano respondeu-lhe o olhar de espanto com um dar de ombros e Facundo nem sequer o notou, pois estava absolutamente concentrado no orador. E o homem prosseguia, trazendo evidências sobre este novo dado de realidade, em que a dinâmica mundial haveria avançado tanto que a revolução dependeria principalmente da vontade e da capacidade organizacional dos revolucionários e não de dados estruturais. A revolução dos cravos em Portugal comprovaria essa tese, já que militares, oficiais, estudantes, operários, camponeses, mulheres e crianças haveriam transformado a revolução contra um governo tirânico em uma marcha batida rumo ao socialismo. O Vietnã seria outra comprovação, afinal um povo pobre, mas determinado, havia derrotado a nação mais poderosa do universo. A guerra colonial na África, Angola, Moçambique, Etiópia e Somália, tantos movimentos de libertação, que mobilizavam tribos, países não industrializados, que nem sequer haviam experimentado o capitalismo e muito menos a democracia burguesa, nações em que não havia classe operária, mas onde o povo, os militares, até as crianças, e aqui o orador delirava, enquanto fazia circular entre os ouvintes dezenas de fotos de crianças armadas até os dentes, moleques imberbes incorporados a algum exército “revolucionário”, “*vean los niños*”, insistia, elas seriam evidência de que o mundo marchava célere rumo à derrota do capitalismo e à construção da solidariedade. Tristão contemplara aquelas fotos boquiaberto, meninos e meninas de oito, dez, doze anos armados, levantando fuzis, apontando armas contra outro africano, contra outro negro, “inimigo de classe”, aquilo lhe parecia um absurdo, uma aberração, sintoma de uma tragédia social, tudo exatamente ao contrário.





O dirigente falou durante uma hora. Em seguida o argentino pontificou outra meia hora, o conteúdo foi exatamente o mesmo. Os exemplos tampouco variaram. Cinco minutos foi o tempo concedido a cada um dos participantes para que comentassem o tema. Tristão esperou que os militantes exercessem seu espírito crítico e contestassem a análise unilateral e simplista dos “*capos*”. Vã esperança: seguiu-se uma série de resenhas resumidas do discurso dos chefes. Todos, inclusive Facundo, para desapontamento de Tristão, repetiram a mesma ladainha, até o tom de voz foi uniforme, as pessoas inclinavam a cabeça com ar sábio e recitavam a melopeia em uma voz empostada de padre. Quando chegou a vez de Tristão, ele atrapalhou-se todo, de tanto observar o comportamento alheio não havia pensado sobre o que dizer. Optou por evitar um enfrentamento explícito, assim, armou um raciocínio entremeadado de perguntas, sim, havia sinais de avanços na luta pela democracia e pelo socialismo, mas. . . Não escapou a Marciano que os dirigentes conversaram entre si durante a exposição de seu amigo. Quando chegou seu turno, Marciano foi mais inteligente. Ele também distou da mesmice dominante, mas preferiu abaixar a bola falando sobre o concreto, argumentou que o caso brasileiro seria especial, singular, devido ao atraso político do povo e dos sindicatos e dos partidos, aqui, seria necessário um árduo trabalho de renovação dos movimentos e das lideranças destruídas tanto pelo stalinismo burocrático, quanto pela violência da ditadura. Houve menos sinais de reprovação à sua análise do que à série de dúvidas levantadas por Tristão. Tristão admirou a habilidade de Marciano, ele não somente fugira do clima de bajulação, como soubera trazer o debate para assuntos práticos. Quando o último inscrito terminou sua exposição, os chefes decretaram intervalo para o almoço. Não voltaram mais ao assunto, não houve exame das divergências. O assunto foi dado como encerrado, afinal a verdade estaria nos artigos do jornal oficial, comentou Tristão, em surdina, com Marciano.

A tarde correu lenta segundo o mesmo figurino: um simulacro de discussão, em que todos falavam, mas não havia contra-





ditório, já que ninguém se referia ao que o outro havia exposto. Tampouco houve discussão de pontos programáticos, nada. À noite, o trio de dirigentes brasileiros, mais os dois agentes internacionais, convocaram alguns camaradas para reuniões reservadas. Primeiro chamaram Facundo. Esteve, meia hora, trancado com os homens. Depois foi a vez de Marciano. Tristão percebeu-lhe o cenho franzido quando saiu da entrevista, algo o deixara apreensivo. Marciano rodopiou desorientando em torno da sede da fazenda, uma, duas vezes, até quando se assentou ao lado de Tristão. Este o interpelou:

— O que foi, homem?

— Nada, nada.

— Como nada? E essa cara de merda? Vamos lá, me conte. . .

Os caras repreenderam-no por alguma coisa?

— Não. Não. Questão de segurança; não posso comentar nada.

— Não seja estúpido, homem! Sou eu, Tristão. O que foi? Qual o problema?

— Não, nada, fui designado para uma missão. Fora da Capital, não pergunte onde nem quando!

— Não, claro que não; quantos dias você ficará fora? Juliana e eu daremos uma força para Fátima. Poderemos ficar com o Vladimir quando necessário, e. . .

— Que dias, cara! Terei que me mudar da Capital. Outra cidade, um trabalho complicado.

— Bem, ainda teremos um semestre para arrumar tudo, então.

— Não, eles determinaram outra coisa. Deverei me deslocar para o novo posto já na próxima semana, eu. . .

— E o curso? Ainda teremos seis meses de internato.

— Então. . . Eu expliquei, mas eles debocharam de minha preocupação pequeno-burguesa.

— O quê? Tenha santa paciência! — indignou-se Tristão gritando.

— Cale a boca, cara. Não dê uma de histérico.



— Marciano, tenha dó! Abandonar o curso de medicina faltando seis meses para a formatura, nem pensar. Não permitirei que você cometa um desatino deste. Um homem casado, com um filho pequeno. Viverá de quê? Doação da IV Internacional? Tenha dó!

— Eu sei, eu disse o mesmo, mas o Darwin não se convenceu; o Galileu tentou me defender, mas debocharam dele, disseram que era corporativismo, ele deve ser médico, imagino, ele me pareceu um cara legal, ponderado, firme. Bem, o fato é que precisam de alguém logo, para amanhã, trata-se. . . Bem, sinto muito, não poderei lhe revelar mais nada.

— Bem, não seja cagão, covarde. Volte lá e diga que você assumirá a nova missão em dezembro. Estamos em julho, não acontecerá nada no Brasil daqui até o natal, nadica de nada. E quanto ao banco, pedirá demissão?

— Sim, bem. . . Na realidade você tem razão. Como médico, com o diploma na mão, eu poderei sobreviver com facilidade, com dois plantões conseguirei um salário razoável e ainda me sobrarão vários dias livres para o trabalho revolucionário. Certo, não me mudarei agora, esperarei dezembro e acabou. Ah, Tristão! Você me tirou um peso enorme da consciência, de fato, a resolução do secretariado é irresponsável, se me quiserem em Porto Alegre. . . Merda! Entreguei o ouro ao bandido, esqueça o nome dessa cidade, tudo bem?

— Sim, lógico.

Estiveram algum tempo em silêncio, quando Marciano voltava a comentar algo, Darwin interrompeu-os:

— Camarada Zico, o secretariado gostaria de conceder-lhe a honra de se reunir conosco, por favor, vamos.

Em torno da mesa da cozinha assentava-se o quinteto autodenominado de o “secretariado”. Darwin apontou uma cadeira a Tristão. Mal se assentou, percebeu que todos o encaravam com o mesmo sorriso congelado. Assustou-se imaginando que lhe designariam para algum posto na Cochinchina. Darwin tomou a palavra, primeiro inclinou a cabeça, somente depois iniciou um extenso discurso sobre a luta revolucionária e a repressão fascista na





Argentina. Durante dez minutos desfiou uma série de episódios trágicos, contrabalançados por uma dezena de sintomas de vitalidade do movimento social apesar da sanguinária “*Triple A*” e, finalmente, chegou ao âmago das “diretrizes” para o camarada Zico:

— Bem, camarada, tendo em vista todo esse contexto, considerando a liderança revolucionária do camarada junto ao movimento estudantil e às camadas médias que lutam contra a ditadura, bem. . . Resolvemos que o camarada comandará uma campanha nacional de arrecadação de fundos em solidariedade aos combatentes argentinos, *hermanos*. . .

Tristão sentiu-se aliviado, sua tarefa era razoável, possível e de utilidade prática, assim apressou-se em concordar:

— Sim, sem problema. Conseguimos recentemente articular uma coordenação nacional para os estudantes, não tem ainda a força da UNE, mas. . .

— Sim — interrompeu-o Darwin com *secura*. — Sabemos de tudo, sim. Você terá três meses para a campanha. Em seguida, irá pessoalmente a Buenos Aires fazer o repasse dos fundos aos companheiros argentinos. Pensamos em armar uma cerimônia em que o dinheiro seria entregue a dirigentes das várias facções revolucionárias, *montoneros*, ERP, aos companheiros do partido, mas concluímos que a repressão não permitiria a organização de um ato público de tal envergadura, assim, o camarada entrará clandestino na Argentina, arranjaremos um encontro secreto com lideranças de várias extrações, o intuito é demonstrar a irracionalidade da luta fratricida entre os movimentos revolucionários e. . .

— Nem que a vaca tussa! Vocês estão loucos?

Silêncio sepulcral, como se alguém houvesse denunciando, durante as bodas de diamante, que o avô mantinha uma amante além da avó alegre e contente ao seu lado. O internacionalista não compreendeu a resposta de Tristão e perguntou:

— *What did he say?*

Ninguém lhe respondeu. Tristão prosseguiu com a exposição de seu desacordo com o mesmo ímpeto:



— Que diabo de estrategistas são vocês? Uma coleta pública para arrecadar dinheiro em apoio aos movimentos sociais, seguida por uma ação supostamente clandestina, como? Toda a polícia política saberá de tudo. Não há como misturar uma ação de massa com um encontro secreto, ainda por cima em outro país, isso é básico! Há gente morrendo lá, às pencas, pessoas desaparecendo, na Argentina? Seria um suicídio, eu. . .

— Camarada — atalhou Leon —, não perguntamos sua opinião sobre a ação, trata-se de uma deliberação do secretariado, portanto, não há mais nem menos, cabe-lhe obedecer, centralismo democrático, todo revolucionário é um soldado da revolução. Entendeu, captou o contexto, camarada Zico?

— Vocês me desculpem, mas não sou tolo. É suicídio. Vamos discutir, faço a campanha com um braço amarrado. Será simples. Depois veremos um modo seguro para fazer o dinheiro chegar aos movimentos sociais na Argentina. Sou contrário a ideia de enviarmos qualquer companheiro àquele país, será morte certa. Os *montoneros* estão sendo destruídos. Vocês não têm lido os jornais? Pelo amor de Deus!

Os cinco revolucionários não sabiam como proceder; aparentemente, não haviam experimentado situação semelhante em que algum simples militante ousasse desafiar-los. Entreolharam-se e esquecidos de Tristão voltaram a conspirar entre eles. Murmuravam, preocupados, para que o rebelde não os ouvisse. De vez em quando, Tristão captava alguma palavra solta: “absurdo”, “*hijo de puta*”, “pequeno-burguês”, ouviu calado. A certa altura, insistiu:

— Companheiros, eu penso. . .

Darwin impediu-o de prosseguir com o raciocínio:

— O companheiro está suspenso da IV Internacional, até segunda ordem, o senhor fica rebaixado à condição de simpatizante. Entraremos em contato quando houver interesse para o movimento ou para o partido. O camarada Spartacus o levará para o centro da cidade. Boa viagem.

Tristão não retrucou e, com um levantar de ombros, deixou a cozinha entre aborrecido e aliviado. O que não conseguira re-



resolver por si mesmo, o destino encarregara-se de deliberar com sabedoria. Finalmente via-se fora daquela organização fantasia, livre daquele bando de stalinistas de segunda ordem, daquela igreja de fanáticos, um bando desvairado em política e na vida em geral, ainda bem que escapava de conviver com aquela corja de incompetentes.

Dirigiu-se ao seu quarto, um dormitório com quatro beliches e colchões ocupando todo espaço livre no assoalho, enfiou sua roupa e livros na mochila, estava para sair quando entrou Marciano. Ele fechou a porta com cuidado e cochichou com o amigo:

— Você irritou os homens. O que foi? Estão botando fogo pelas ventas. O querido e promissor militante se transformou no renegado Zico. O que houve?

— Nada, tudo. São delirantes, todos! Simplesmente ordenaram minha pena de morte e querem que concorde cordato. Nem que a vaca tussa, Marciano. Não sou suicida! Nunca fui! Sou idiota, vacilante, raramente tenho certeza sobre o que fazer, mas viajar à Argentina para me encontrar com *montoneros*, com o ERP, com o diabo a quatro, agora? Há gente morrendo como moscas por lá! É muito, e para nada, para levar alguns trocados que nunca chegarão a quem necessita da grana, a polícia. . .

— Não se preocupe, em seguida, quando os ânimos acalmarem eu parlamentarei com o secretariado; de fato, não há cabimento. Nenhum. Deixe comigo, irmão.

— Não se dê ao trabalho, não valerá a pena. Não estou interessado em continuar filiado a esse *Exército de Brancaleone*. Marciano, pelo amor de Deus, não obedeça àquela ordem maluca. Abandonar o curso de medicina, seis meses antes da formatura, é de doer. Maldade pura, teste perverso para avaliar sua lealdade, bando de sacanas. Nem pense em acatar a mais esse desatino. Chegando à Capital contarei à Fátima. . .

— Espera aí, cara! Com minha mulher falo eu!

— Tenha paciência, Marciano.



MOVIMENTO SUAVE
infância heroica e sexualidade épica?

O herói não tem como não realizar os gestos que dele se esperam

Jean-Louis Backès, *Dicionário mitos literários*







Dona Aparecida Soares foi uma presença silenciosa, quase uma ausência, na infância de Marciano. Contudo, a sua discrição não a impediu de zelar com desvelo por sua prole. Nunca opinou sobre como seus rebentos deveriam ou não ordenar suas vidas. Nem por isso, entretanto, poderia ser classificada como mãe omíssa, já que organizou a vida familiar de uma maneira tão eficiente que parecia, aos seus filhos, ser aquela a ordem natural e inevitável das coisas. Não haveria outro modo possível para gerenciar o espaço doméstico, acreditavam. Ensinou-lhes sobre autonomia e em tomar iniciativa. Faziam a higiene pessoal, desde cedo, sozinho; ajudavam-na com as tarefas do lar, as meninas cuidando da casa e da cozinha e Marciano da relação com o mundo exterior: compras no armazém, farmácia, contas, jardim e quintal, coisas de homem.

Marciano cresceu um garoto sério, disciplinado e autossuficiente. Não recebeu orientação sexual em casa ou na escola. Se alguém o perguntasse, ele mesmo não saberia relatar quando ou como soube sobre sexo. Parecia-lhe que nascera com aquela curiosidade. Aprendeu ao observar namorados esfregando-se no Jardim Público de Nova Barcelona. No cinema procurava adivinhar quem amava quem, depois prestava atenção nas estratégias de sedução utilizadas pelos personagens.

Ali pelos dez anos, descobriu que a Banca Central vendia revista de sacanagem. Com sacrifício, economizando dinheiro que ganhava vendendo jornais velhos e trabalhando como entregador



para o Armazém Brasil-Líbano, comprava revistas pornográficas desenhadas por Carlos Zéfiro. Aliviava-se sozinho quando tomava banho, uma vez ao dia, sem excesso, pois temia que aquela prática esgotasse-lhe a energia vital conforme diziam os educadores daquele tempo. Nunca ousou aproximar-se de nenhuma menina. Chegou a apaixonar-se por uma prima. Uma garota dada a desmaiios, linda, um pouco mais velha do que ele e que nem sequer notava sua presença. Alguns amigos recomendaram-lhe experimentar com alguns dos meninos mulherzinhas da cidade. Havia o Afonso, filho da cabeleireira. O Paulo César da Escola Paroquial. Mas aquelas figuras repugnavam-lhe. Assim permaneceu intocado durante toda a sua infância.

No dia do seu aniversário de quatorze anos, surpreendeu-se com o convite do pai para um passeio noturno. Saiam juntos, decretou o velho Vasco Villa. À noite, o pai orientou-o para que tomasse banho e elegeesse sua melhor roupa. O espanto de Marciano não terminava: ao final de sua toaleta, o pai tratou de inspecioná-lo com cuidado meticuloso. Aquilo nunca acontecera antes. O homem mal olhava para os filhos, esta era a tradição. Já de saída, estranhou o comportamento da mãe. Dona Aparecida despedia-se dele como se estivesse de partida para uma viagem longa. Ainda recomendou para que o marido zelasse pelo filho:

— Cuidado, hein, Vasco! O menino. . .

O pai nem se dignou a responder, empurrou Marciano para a rua e tomou o caminho da Boca da Onça, um bairro afastado, localizado depois da linha do trem de ferro. Caminharam quinze minutos em silêncio. Pela elegância do pai e pelo cuidado que lhe fora exigido com a indumentária, Marciano suspeitou que o pai o levasse para conhecer a Loja Maçônica. O velho se filiara aos maçons e o filho imaginou alguma cerimônia de iniciação. Caminhava orgulhoso pelo convite, sentia-se disposto a juntar-se a qualquer sociedade desde que isto agradasse o pai. Percebeu que errara na previsão quando tomaram direção diferente daquela que conduzia à Loja. Somente então, Marciano compreendeu: o pai o levava à casa de dona Maria Adelaide, o puteiro mais conceituado



de Nova Barcelona. De fato, logo chegaram à frente do estabelecimento. Luzes vermelhas iluminavam o alpendre do edifício com doze janelas de frente e quatro na lateral.

Vasco Villa foi recebido como comensal antigo. Dona Maria Adelaide levantou-se para saudá-lo. Era uma mulher de cinquenta anos. Enxuta, ainda que conservasse curvas generosas. O cabelo estava pintado de amarelo forte; usava pulseiras, pingentes e brincos dourados em uma profusão multicolorida de pedras.

— Vasco, querido, seja bem-vindo. Então, esse é o garoto? Que forte! Puxou ao pai, hein!

Marciano sentiu-se incomodado com a exposição. Uma dezena de mulheres seminuas e homens espalhados pelas mesas olhavam-no com curiosidade. Ele não distinguia com precisão as pessoas nem as coisas. Enxergava um imenso borrado que se movimentava ao som de uma canção romântica de Cascatinha e Inhana. Logo, uma morena despudorada agarrou-se ao pescoço do pai. A mulher tinha peitos enormes. Lindos, havia que se reconhecer, admitiu o jovem apesar do nervosismo. Enojou-se com a desfaçatez com que ela acariciava o pescoço, o peito e o corpo de um Vasco indiferente. De um pai que o mirava orgulhoso, como se tudo aquilo fosse seu e estivesse apresentando ao jovem herdeiro o seu reino, sua fazenda, sua obra.

— Marciano. Presente de aniversário. Escolha uma das meninas. Fique à vontade.

Ele não se mexeu. Não sabia como proceder e temia perguntar sobre a etiqueta do lugar. Receava provocar uma imensa gargalhada entre aquela corja de vagabundos e boêmios. Diante da imobilidade do filho, o pai o instruiu:

— As meninas no sofá, sem acompanhantes. . . Escolha uma do seu gosto e depois desfrute do brotinho em um dos quartos. É tudo por minha conta, dona Maria Adelaide.

Marciano sentia-se paralisado, gostaria de mostrar-se seguro e decidido, à altura da expectativa paterna, mas não conseguia movimentar-se. Para seu alívio, a experiente dona Maria Adelaide resolveu o impasse. Tomou-o pela mão, arrastou-o até onde estavam





as moças e foi apresentando-lhe uma a uma. Marciano escolheu uma com ar de menina, magra, pequena e sorridente.

— Muito bem — assentiu a cafetina. — Mirela leve esse homem pra suíte. Luxo e cuidado com o filhote do querido Vasco, hein!

Marciano caminhava às cegas e, se Mirela não o guiasse, ele não haveria dado um passo. No quarto, ela abraçou-o, beijou-lhe o pescoço e exclamou:

— Que cheiro gostoso, menino. Que delícia!

A sinceridade com que a moça elogiou-o fez seu orgulho explodir. Animou-se. Esfregaram-se. Em seguida, ela empurrou-o contra a cama. Marciano caiu inerte. Mirela procedeu a um lento desvencilhar da vestimenta sumária que mais mostrava do que escondia seus predicados, para provocar-lhe acariciava-se com biquinhos e trejeitos faceiros. Marciano percebeu o pinto intumescido, sentiu uma vontade louca de envolvê-la.


— Venha aqui, venha — conseguiu murmurar.

Mirela atirou-se sobre ele rindo. Ajudou-o a se desvencilhar do traje domingueiro, meias e sapatos. Em seguida, beijou-o como se esquadrinhasse com sistema aquele corpo de Adônis, uma beleza que não costumava encontrar entre a freguesia habitual. Marciano somente não consentiu que ela lhe beijasse a boca, a cada tentativa da moça, ele virava o rosto. No mais a coisa funcionou e Marciano teve sua primeira relação sexual. Gozou rápido, bastaram-lhe três ou quatro vigorosas onduladas de quadril e ele já caiu para o lado da cama. Mirela tentou abraçá-lo, Marciano refugou esquivo como se estivesse para se levantar.

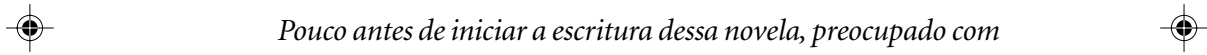
— Vem cá, meu bem. Temos uma hora ainda, vem que eu quero lambar você inteirinho até que sua pica fique grande outra vez.

— Não obrigado, pra mim está muito bom — respondeu-lhe Marciano, já buscando a cueca, calça e sapatos. Acometera-lhe uma brutal ansiedade para sair daquele lugar, para sumir daquele quarto e da presença daquela menina.

Vestiu-se apressado e despediu-se da mulher com um até logo seco. Atravessou a sala e o alpendre sem cruzar o olhar com ne-



nhum dos convivas. Queria ir embora e pretendia fazê-lo sem a companhia do pai. Ao contrário do que imaginara, o ar quente e suave da noite de verão não o acalmou. Desesperado, disparou em uma carreira sem rumo pelos bairros de Nova Barcelona. Parou somente em frente ao coreto do Jardim Público. Sem compreender o que se passava com ele, começou a rir. A princípio de maneira comedida, porém logo lhe agarrou uma risada exagerada, quase histérica. Quando secava os olhos lacrimejantes com a manga da camisa, reconheceu que tivera uma linda noite, apesar de tudo. Afinal aprendera algo com aquela experiência, fora uma passagem para o mundo dos adultos: acabara-se a meninice. Apesar da sensação agradável, resolveu encontrar outra forma para aliviar-se que não fosse nem a manipulação solitária de sua genitália, nem valer-se dos favores de empregadas de dona Maria Adelaide. Ele encontraria uma maneira alternativa, alguém que o amasse acima de tudo e de todos, pensou, simplesmente.



Pouco antes de iniciar a escritura dessa novela, preocupado com o rigor estético e crítico de meu Espírito, inscrevi-me em um curso sobre Escrita Criativa. Foi excelente, o professor sabia sobre os segredos da produção de romances, contos e, até mesmo, de poesia. Construção dos personagens, da trama, desfecho, etc. Uma recomendação sagrada era para que os aprendizes de artista evitassem qualquer forma de digressão. O mestre era aficionado à escola moderna. Admitia dois estilos: o seco deprimido de Kafka ou o seco voluntarioso de Hemingway. Todo o resto era lixo. Bem, apesar de reconhecer a utilidades daquelas lições, vejo-me obrigado a desobedecê-las já que me proponho a escrever um romance psicológico, ou filosófico, ou histórico, talvez; algo que contribua para o esclarecimento sobre a suposta morte do sujeito humano.

— Afinal, quem matou o sujeito? Valeria perguntar-se — interrompeu-me o raciocínio o danado do Espírito. — Um colega filósofo me jurou que foi Michel Foucault. Será? Um comunista culpou o capitalismo. Outro companheiro cínico assegurou-me que essa é uma discussão vazia, inútil. Bem, quem saberá ao certo?



Droga, o Espírito dominara-me! — fui obrigado a admitir. Desta feita, apesar de saber sobre a inconveniência da quebra de ritmo, fui eu quem tomou a iniciativa de retomar o debate metafísico. Como a regra da boa escrita já fora desrespeitada, perguntei de chofre ao meu Espírito:

— No caso de Marciano, caberia a pergunta: alguém que comece sua vida sexual em um puteiro poderia algum dia ser considerado herói? Marciano, apesar do discreto desconforto moral pós-coito, revelado por sua carreira solitária e sem rumo pela noite em Nova Barcelona, não hesitou em aproveitar-se de Mirela quando houve ocasião. Um verdadeiro herói não se comportaria de modo distinto diante daquele cenário?

— Somente me faltava essa! — exclamou o Espírito com uma voz de tenor que ribombou entre as paredes de meu acanhado escritório. — Um escrevinhador preconceituoso! Amigo, minha época foi o tempo da libertação sexual de homens e mulheres. Nosso limite era apenas o respeito ao parceiro e não a códigos caretas. Para meu povo tudo passou a ser permitido, para minha geração o Kama Sutra foi tão somente um manual de boas práticas! Ademais meu caro, sua forma de julgar desconsidera o contexto. É de um moralismo radical, como se o sujeito gozasse de livre-arbítrio em toda e qualquer situação. Em defesa de Marciano, poderíamos alegar que o pai induziu-o a cometer aquele delito contra a dignidade, ou seja, o ato de comprar a atenção e o carinho de outro ser humano. Sim, houve o beneplácito paterno. Mais, Vasco Villa, no concreto, constrangeu o filho com aquele seu presente exótico. Caso Marciano o recusasse seria um escândalo. Um desrespeito à autoridade paterna e um vexame público. Somente um santo carola faria um gesto de rebelião naquela situação. Os santos são um tipo de herói, com certeza. Mas há outras possibilidades de heroísmo, por certo.

— Credo, intransigente é o senhor, igual ao Espírito dominante em meia-oito que não suportava ouvir opinião distinta da sua! Todo contraditório à sensaboria esquerdista era considerado coisa de reacionário, mania conservadora, uma conversa entre surdos.

— Bobagem, meu caro! Como poderemos debater se a cada comentário sou acusado de autoritário? Voltemos ao nosso tema: seriam





os heróis seres assexuados por natureza? Anjos? Espíritos desencarnados? Ou, quem sabe, algo menos exagerado, um ser intermediário, alguém entre a libertinagem e a castidade? Quem sabe alguém que houvesse sublimado seus impulsos egoístas de busca de prazer pela compulsão em ajudar os outros? Alguém com capacidade para governar a si mesmo conforme recomendavam os estoicos? Na literatura há vários heróis castos, mas há também personagens absolutamente sensuais. O famoso Marquês de Sade, escritor de si mesmo. Don Juan, Cleópatra e uma série de mulheres e homens libertinos.

— Ah, um momento! — gritei. — Marquês de Sade, eu costumava pensá-lo como um anti-herói. A continuar assim, consideraremos qualquer fulano famoso como sendo herói! Em geral, o heroísmo cobra uma grande capacidade de renúncia, virtude que dificulta o desempenho sexual de qualquer cristão. O aguilhão do desejo é um alimento essencial para que o interessado em copular persista na sedução e conquista do parceiro ou parceira. O respeito excessivo ao próximo, característica essencial aos heróis, é um elemento negativo para a realização sexual dos heróis.

— Ai! Santa ingenuidade! Os heróis estariam obrigados à castidade segundo seu tirocínio de galinha! Se assim fosse, uma mãe castradora, a valer o seu raciocínio, contribuiria para a conformação do herói? Nesse sentido, Tristão até que esteve bem aquinhoado. Herdou de sua mãe e de seu pai interdições, múltiplas e variadas, ao prazer e à alegria. Doutor Augusto nunca facilitou a iniciação sexual do pobre Tristão, nunca! A atitude de Vasco Villa de levar o filho ao puteiro não seria bem mais sadia? As proibições familiares que sufocaram a infância de Tristão produziram muito sofrimento.

— É verdade — concordei —, admito. Entretanto, a formação rígida também ajudou Tristão a controlar seus impulsos, no futuro. . .

— Poderíamos voltar à história e deixar ao leitor a palavra final?

— Não é outra minha intenção.

A família de Tristão era múltipla e variada. Tanto seus antepassados paternos, a gente Oliveira, quanto ao clã Camargo do



ramo materno, haviam produzido legião de descendentes. Havia primos e primas às pencas, para todos os gostos e programas imagináveis. Renque de tios e exército de agregados.

Dona Potestade Camargo Albuquerque de Oliveira, mãe do herói, era descendente de antigos fazendeiros pelo lado dos Camargos. Grande parte de seus parentes perdera a fortuna, mas ainda conservavam o nariz empinado, fumos de uma aristocracia que se extinguiu. Viviam em Nova Barcelona há décadas. O bisavô de Tristão, Mariano Camargo, fora um grande latifundiário. Registrou em cartório trinta e três filhos que procriara com suas três mulheres oficiais e várias amantes. Possuía três fazendas; em cada uma delas, elegia alguma beldade para amásia. Com o tempo substituí-a por outras mais jovens. Enviuvou duas vezes e casou-se três. A primeira esposa morreu ao dar à luz seu sexto filho; a segunda faleceu em decorrência de uma infecção abdominal, nó na tripa, como denominavam a essa síndrome fatal, depois de lhe deixar onze crias. Somente das esposas oficiais nasceram-lhe vinte e um rebentos. Um deles foi dona Santa de Camargo, que se casou aos treze anos com Onofre de Albuquerque, um comerciante que arribara em Nova Barcelona e que conheceu a menina Santa, apaixonou-se e nunca mais deixou a cidade. Desse casal romântico nasceu dona Potestade, mãe do menino Tristão.

Com aquela legião de herdeiros, foi inevitável a decadência dos Camargos. Uma parte dos tios-avôs de Tristão passou a sobreviver da jagunçaria. Um deles, com codinome Cabeleira, tornou-se o bandido de maior nomeada em Nova Barcelona. Outros migraram para a cidade e assentaram-se como pequenos comerciantes, funcionários públicos ou em outros empregos respeitáveis, porém modestos. Em geral, converteram-se ao protestantismo, tornaram-se luteranos. A avó Santa e suas seis filhas, entre elas, dona Potestade, eram de um puritanismo sem jaça. Gente severa, disciplinada e trabalhadora. Associavam prazer e alegria ao pecado. De qualquer modo, uns e outros, santos e pecadores, todos se viram impossibilitados de manter o estilo de vida aristocrático a que se haviam habituado seus antepassados. Esta impossibilidade





produziu uma espécie de ressentimento amargo sem objeto definido em grande número dos Camargos. Eram considerados mal-humorados e agressivos. Uns reagiam aos insultos com violência física; outros, com agressividade verbal ou jurídica. Um lado acumulou processos por assassinatos, espancamentos e tortura de desafetos; o outro, inimizado pela intransigência pétrea de sua militância religiosa ou administrativa.

Havia uma verdadeira guerra civil entre Dona Potestade e o lado paterno da família de Tristão. Os Oliveiras eram originários do Rio de Janeiro, viviam em Nova Barcelona há apenas uma geração e, portanto, conservavam os hábitos desregrados e boêmios da então capital da república. O avô de Tristão, Rodolfo de Oliveira, era maestro e professor de música. Mudara-se para Nova Barcelona porque, na juventude, fora-lhe concedido um cartório naquela cidade graças à influência de um irmão deputado federal. Constrangido a mudar-se para Nova Barcelona, Rodolfo de Oliveira resolveu não se escravizar à administração pública, contratou dois ou três escriturários de confiança e encarregou-os do trabalho burocrático. Ele passava na repartição pela tarde, assinava documentos, recolhia o dinheiro e fiscalizava as contas. O restante do dia, ele dedicava à música ou à convivência social. Dona Joaquina de Oliveira, sua esposa, pertencia, apesar do dinheiro apertado, à alta sociedade de Nova Barcelona. Seus jantares e bailes eram famosos. Importava vinho de Portugal e nunca faltava cerveja ou cachaça de alambique em seus saraus.

Os Camargos reprovavam o uso de álcool. Tampouco ligavam para a moda. Já o maestro Rodolfo era um dândi e dona Joaquina fora eleita a mulher mais elegante da cidade durante dezena de anos. O filho mais velho deles, doutor Augusto de Oliveira, pai de nosso herói, apesar da criação liberal, renegaria a tradição galhofeira da família. Desde jovem, caracterizou-se pela responsabilidade, dedicação aos estudos e à carreira. Talvez por isso tenha se apaixonado por dona Potestade aos dezoito anos. Dona Joaquina de Oliveria não acolheu bem dona Potestade em sua família. Tomava sua sisudez e intransigência por arrogância e



“orgulho besta”, conforme repetia sem preocupar-se com quem a escutava praguejar contra a nora. Não perdia oportunidade para criticar-lhe a roupa ou o modo como conduzia as coisas no seu lar. Quando se encontravam, produziam-se faíscas.

Dona Potestade temia que a boêmia e liberalidade dos Oliveiras contaminassem a formação de seus filhos. Preocupava-se particularmente com Tristão que, desde pequeno, se afeiçoara aos Oliveiras. Não considerava a severidade de seu marido suficiente. Apesar da dedicação ao trabalho e à família, doutor Augusto de Oliveira bebia vinho ou cerveja aos fins de semana e em festas e, o mais grave, segundo juízo da severa Potestade, era de um ateísmo tolerante para quanta crença e heresia houvesse no país. Agnóstico dizia-se ele, sempre risonho, quando a esposa cobrava-lhe compromisso com alguma religião séria, ainda que fosse com o catolicismo leviano praticado pelos Oliveiras. Mas doutor Augusto era fiel somente à Lei e à maçonaria. Essas diferenças produziam escaramuças constantes entre o casal e deste com as respectivas famílias. Dona Potestade dificultava, ao limite da conveniência educada, o convívio de Tristão com a avó, primos e primas descabeçados, conforme classificava os Oliveiras. Doutor Augusto, por seu lado, vivia às turras com as mulheres Camargo — dona Potestade, suas irmãs e a avó Santa — temeroso de que aquele bando transformasse seu filho primogênito em um carola, senão em algo pior ainda.

Em certa ocasião, houve uma festa no sobrado dos Oliveiras. Como sempre havia profusão de comidas, música e bebida. Dona Potestade não se sentia à vontade para recusar o convite da sogra, até porque seu marido iria à casa de seus pais com ou sem ela. Entretanto, como que para compensar sua frustração, demonstrava, com ostentação premeditada, seu desagrado com aquela licenciosidade. Sentava-se amuada em uma poltrona, beliscava um petisco ou outro e, depois da primeira hora protocolar, iniciava uma série ininterrupta de convites, em tom de ordem, para que voltassem para casa. Doutor Augusto aprendera a ignorá-la. Não respondia nem sim, nem não, mas continuava na farra. Tristão e suas irmãs tampouco ligavam para o aborrecimento da mãe, já



que se envolviam em mil jogos e brincadeiras com a multidão de primos e amigos. Dona Joaquina de Oliveira organizara uma grande celebração do Natal com uma semana de antecedência, prevenindo que sua penca de filhos e noras e netos teriam mil outros compromissos no dia em que o nascimento de Cristo fosse oficialmente celebrado. Tristão estreou uma calça comprida que o pai lhe presenteara. Estava orgulhoso tanto por vestir-se como um adulto, quanto porque era uma linda e grosseira calça rancheira, uma precursora nacional dos *jeans* que entrariam em moda alguns anos depois. A certa altura, doutor Augusto chamou-o, queria mostrar aos irmãos e amigos o quanto crescera seu primogênito.

— Vejam que bitelo! Quase um moço, não?

— Sim — concordaram todos.

O pai, animado com a existência de um filho quase adulto, resolveu oferecer-lhe uma taça de champanhe.

— Tome, filho. Hoje você merece — disse o advogado estendendo-lhe uma taça com dois dedos do líquido espumante.

Como de costume, Tristão sentiu-se inibido, dividido entre aceitar a oferta do pai, que o incluía no mundo dos adultos, ou recusá-la tendo em vista o olhar de censura que sua mãe dirigia-lhe desde quando entrara na sala de jantar. Pelo sim, pelo não, resolveu aderir ao clima festivo e pegou a taça pela haste. Estava para tomar o primeiro gole, quando um corisco arrancou-lhe o suco diabólico da mão. Foi tamanha a precisão do golpe, que a taça voou longe, espatifando-se contra o assoalho de tábuas largas.

— Potestade! — berrou o marido. — Não acredito no que você está fazendo. Quebrou o cristal de minha mãe, por nada! Deixe o menino em paz, pelo amor de Deus!

— Pelo amor de Deus, digo eu! Basta, pra casa, marchando todos.

Naquele dia Tristão deu-se conta de que não vivia em uma família perfeita. Enquanto voltavam caminhando, em silêncio, sentiu que se distanciava dos pais, tanto do doutor Augusto quanto de dona Potestade. Talvez fosse o efeito da calça rancheira, talvez o fato de os pais, pela primeira vez, haverem tomado caminhos





diferentes. Ele ressentira-se com o pai por obrigá-lo a experimentar álcool, quando não estava preparado para lidar com aquela droga. E odiava a mãe porque a percebia inimiga, não somente da alegria e da festa, mas, talvez, da felicidade em geral, e aquela percepção o fez sentir-se sozinho, solitário, ainda que estivesse acompanhado por seus familiares.

Ainda de forma inconsciente, Tristão intuía sobre as complicações inerentes à sua família. Nunca modificaria o modo de ser de seus pais, isto lhe parecia impossível. Assim, após esse episódio, ele descobriu a necessidade de reinventar sua família. Quem sabe, sonhou, poderia compor outro agrupamento de afetos com amigos, namorada, sabia lá ele! Haveria de criar um novo mundo porque o seu era inabitável, percebeu. Com esta finalidade, expandiu sua vida para além dos muros de sua casa. Nova Barcelona transformou-se no universo. Havia um pomar com dezenas de mangueiras na casa do seu amigo Pedro Murad, lá era a jângal, onde viviam Tarzan, tigres, a aventura, a África estava ao alcance de sua mão. Havia a biblioteca do seu Joãozinho, pai de outro amigo, diferente daquela do seu pai ou do avô. Nela havia coleção completa de revistas em quadrinhos: Fantasma, Mandrake, Super-Homem, Kid Colt, Pato Donald, um mundo de leveza, em que seus amigos e ele passavam horas e horas lendo e comentando cada aventura.

Tristão estudava na Escola Paroquial, um estabelecimento tradicional comandado por padres e freiras franciscanos. A escola lhe parecia uma continuação do ambiente lúgubre e tenso de seu lar. Elegeu a reserva, a timidez, como uma maneira de proteger-se tanto da rigidez de sua família quanto da de sua escola, somente era espontâneo quando em liberdade na rua. Chegava apressado em casa, fazia as tarefas sobre supervisão da mãe, procurava executá-las com a máxima perfeição, assim sua liberdade viria antes, constatara. Findas as obrigações, pegava sua bicicleta, o calção de banho e escapava para o clube, piscina, futebol, quintais, terrenos baldios, era uma vida regalada e livre a do nosso jovem herói, ainda que à noite ele sempre sonhasse que se esquecera de alguma





tarifa, de que perdera a pasta na escola com todos seus livros. Mesmo assim, ele era feliz.

Aos doze anos, experimentou enganar a vigilância de sua mãe. Apaixonara-se pela natação e queria chegar o mais cedo possível à piscina. Com este objetivo, escondeu tarefas determinadas pela professora. Ele detestava desenho artístico e geometria. Assim, todo exercício de pintura era ocultado. Passaram-se semanas e ele bem confortável. Ao final do mês, contudo, no boletim, Madre Maria, a irmã diretora da Escola, anotou todas as obrigações não cumpridas por Tristão e, de quebra, ainda lhe rebaixou a nota em Artes para cinco. Logo ele, acostumado a dez e a nove, e a ser considerado aluno exemplar! A reação de dona Potestade foi fulminante. Nem sequer esperou pelo julgamento do pai e sentenciou Tristão a uma pena de seis meses sem usar a bicicleta. À noite, o pai reduziu a sentença para apenas um mês, porém ampliou a punição: trinta dias sem bicicleta, piscina e amigos. Tristão cumpriu o determinado ainda que consultasse o calendário diariamente até o esgotamento daquele mês de reclusão forçada, quando, então, voltou à sua vida regalada regular.

Durante este mês de retiro, a solidão e a inatividade prolongada explodiram seu interesse reprimido pelas mulheres e pelo sexo. Ainda que culpado, o menino passava horas e horas imaginando cenas de amor em que ele e alguma menina conhecida eram os protagonistas. Sonhou beijar a vizinha, esconder-se no armário com a prima e esfregar seu corpo no da empregada.

Tristão crescia vitimado por um grave bloqueio em sua sexualidade. Era um vulcão por dentro, interessava-se pelas mulheres e sonhava quase todas as noites com algum episódio erótico, no entanto tinha extrema dificuldade em transformar seu desejo em ato concreto. Talvez porque, inconscientemente, ele associasse a atividade sexual a algum tipo de comportamento aberrante.

— *Vale uma explicação* — *resmungou o Espírito dentro de minha cabeça, exigindo que eu registrasse sua opinião* —, *observe-se que,*





para Tristão, aberrante seria o ato sexual em si e não a sua dificuldade de relacionar-se. Quem sabe a maneira severa e tradicional com que foi instruído sobre sexo esclareça algo sobre este seu estranho modo de ser? Se bem que jamais poderia ser denominado de instrução sexual o que lhe foi fornecido pela família e escola. Talvez se pudesse, com mais propriedade, falar em interdição sexual, já que a supressão desse tema terminou obliterando a cabeça do menino. Sim, porque o pai nem a mãe jamais trocaram uma palavra sobre sexo com o filho. Bem que ele tentou, mas havia um interdito radical naquela família. Um tabu: sexo era sinônimo de segredo, coisa reservada, particular.

— *Caro Espírito de Época, parece-me que o senhor tende a valorizar a determinação social sobre a iniciativa das pessoas, tudo se explicaria pelo contexto?*

— *Escreva a minha explicação pertinente e não me encha o saco!*

— *Acabamos de ouvir o verdadeiro Espírito da Democracia, cavalheiros e damas! Poderei continuar ou o senhor continuará a explicar os “como” e os “porquês” de todo e qualquer acontecimento?*

— *Que escritor mal-humorado! Prossiga, por favor.*

Ainda durante a primeira semana de castigo, Tristão percebeu seu pinto endurecido, pediu explicações à mãe sobre aquele fenômeno. Dona Potestade respondeu seca:




— *É assim mesmo, com a idade isso acontece.*

Diálogo encerrado.


Na semana seguinte, de tanto manipular o pinto — agradava-lhe a sensação —, ejaculou pela primeira vez. Assustou-se com o líquido esbranquiçado que voou sobre a parede perto da cama. Correu à mãe perguntando que diabo seria aquele troço: pus, alguma doença?

— *Não se preocupe; é assim mesmo, com a idade acontece* — esclareceu-lhe dona Potestade, evitando esticar a conversa.

Insatisfeito, resolveu consultar o pai; os homens saberiam mais sobre aquele assunto, acreditou. Aproveitaria a primeira oportunidade em que estivessem sozinhos, planejou.




Algum tempo depois, Tristão e o pai foram caçar perdizes a convite de Jamil e Nain Fuad, dois irmãos, cuja família recém-emigrara do Líbano para Nova Barcelona. Os Fuad trouxeram algum capital e se estabeleceram como comerciantes de armarinhos. Seu Pedro Fuad, o patriarca, era um negociante hábil e, em uma década, multiplicou sua fortuna, tornando-se um dos empresários mais ricos da região. Há quatro meses, acontecera uma tragédia: o velho proprietário fora misteriosamente assassinado quando fazia a contabilidade da firma em uma noite chuvosa. Alguém o esfaqueara sem piedade, recebera dezenas de punhaladas no peito, pescoço e no rosto. Doutor Augusto funcionara como advogado da família e conseguira liberar a herança em um tempo recorde. Havia suspeita de que os filhos, Jamil e Nain, houvessem eliminado o velho, que dera, de uma hora para outra, para o jogo e putaria. A prosseguir naquela toada, concordavam todos, ele teria dilapidado toda a fortuna da família em dois, três anos ou até em menos tempo.



Durante a viagem para a fazenda da família Fuad, Tristão ensaiou várias vezes falar sobre sexo com pai. Mexia-se incômodo no banco do carro, coçava a cabeça, somente não se animava a puxar o assunto. Depois de um longo silêncio, doutor Augusto animou-se contando para o filho peripécias jurídicas do processo sucessório da família Fuad. Gabou-se de sua perícia, de como havia argumentado com o juiz sobre a conveniência de liberar os bens para os herdeiros do velho Pedro Fuad. Explicou, em detalhe, os passos do processo. A voz do povo de Nova Barcelona tinha os filhos como culpados. Comentava-se sobre a ganância dos rapazes e de como, sendo árabes, seres estranhos de outra cultura, teriam naturalmente sangue-frio suficiente para executarem o pai que ameaçava esfrangalhar, em farra, o que acumulara em décadas. Assim, Tristão perguntou-lhe dubitativo:

— Como o senhor teve certeza de que os herdeiros eram inocentes?

— Como? — espantou-se o advogado —, são tão distintos os dois! Jamais poderiam cometer um crime bárbaro desse. Compadre Pedro Fuad (o finado) deu educação primorosa aos filhos.





Estudaram no Colégio Santa Cruz, a escola mais conceituada em toda Brazlândia. São disciplinados, trabalhadores e dedicaram-se ao comércio desde quando regressaram a Nova Barcelona. Jamais suspeitei deles, são muito distintos.




— Mas o comentário geral do povo de. . .

— Preconceito, meu filho, puro preconceito desse bando de roceiros. Os libaneses são uma gente cultíssima. O Líbano é a Suíça do Oriente Médio. O povo de Nova Barcelona é ignorante.

Tristão o observou com admiração, ensaiou um contra-argumento, mas preferiu contemplar a paisagem. Virou o rosto para o outro lado e constatou que o cerrado dera lugar a uma mata ciliar com árvores frondosas entrelaçadas por uma rede densa de cipós.



Chegando à sede da fazenda, uma casa colonial rústica com as paredes pintadas em branco e as portas e janelas em azul-anil, Jamil, o mais velho dos Fuads, abriu uma cachaça de alambique e ensinou doutor Augusto a degustá-la com pedaços de pão caseiro e cebola crua regados em azeite de oliva e sal. O pai de Tristão adorou o acepipe e repetiu inúmeras vezes a cerimônia. Elogiou aquele manjar dos deuses com obsessão maníaca, repetindo a mesma louvação enquanto esticava o copo para que lhe servissem mais uma dose da cachaça especial.

Depois, saíram para o pasto com cartucheiras carregadas, mas desarmadas, esclareceu-lhes Nain, aquele procedimento preveniria acidentes, algum disparo eventual. Somente no momento de atirar conectariam o cano com o gatilho. Gentis, os irmãos insistiram ainda que doutor Augusto tivesse a precedência, o primeiro tiro seria sempre o dele. Quando os cães perdigueiros levantassem alguma perdiz do solo, o caçador deveria esperar com paciência até que a ave estabilizasse o voo e escolhesse uma direção para fugir, somente então se deveria atirar. Doutor Augusto cedeu a Jamil a vez, preferia observar um caçador experiente antes de tentar, argumentou. Apesar do entusiasmo, o advogado não perdia a prudência, pensou Tristão. A primeira perdiz farejada pelos cachorros foi abatida com precisão por Jamil.






— Acredito que agora o senhor já sabe sobre o método, nosso homenageado terá a honra daqui pra frente — comentou o mais velho dos Fuads. — Somente disparar quando “a pássara” voar na horizontal — insistiu com seu português truncado.

Doutor Augusto atirou contra as outras cinco perdizes que encontraram em quase duas horas de caminhada pela campina. Não acertou nenhuma, mal a ave batia asas, com um ruído de cobra cascavel, ele armava a espingarda e atirava a esmo. O pai de Tristão ria-se gozoso, os irmãos Fuads divertiam-se a valer com sua imperícia, mas bajulavam-no alegando que aquele tiro passara de raspão, que o outro fora rente à cabeça, etc.



O pai adorava ser adulado, constatou Tristão. Os irmãos o agradavam como se o advogado fosse o Rei Sol. Olhando aqueles dois marmanjos, descobriu-os dissimulados e teve certeza de que representavam uma farsa. Aqueles homens suados, barbudos, grosseiros, tratando o pai com tanta delicadeza, em nenhum momento, mesmo alcoolizados, haviam perdido o sangue-frio, calculavam cada gesto para que o advogado não percebesse que haviam assassinado o velho pai deles, que o haviam feito em nome da honra e do interesse da família. Fosse qual fosse o motivo, Tristão percebeu com lucidez, assim como eram prudentes e pragmáticos na caça à perdiz, assim também haveriam sido na defesa da fortuna familiar. E o atilado e brilhante doutor Augusto, seu pai, deixara-se enganar com prazer, não percebia a perfídia daqueles dois malandros. Exatamente como o povo brasileiro e argentino era engabelado por seus líderes populistas, aos quais, doutor Augusto tanto abominava — Getúlio Vargas, Perón, João Goulart —, a quem ele tanto detestava, exatamente por perceber a ambiguidade com que faziam política, com que lidavam com as massas, e ele. . . “A vida, que estranha, que maravilhosa!” — pensou Tristão ao descobrir que seu pai não era apenas um autômato programado para trabalhar e respeitar a lei. Era um ser de carne e osso, uma pessoa com qualidades e defeitos, uma pessoa boa, mas com fraquezas, como ele aprendera quando lera Monteiro Lobato, um escritor que inventara heróis imperfeitos,



como a boneca Emília, Pedrinho, heróis que confessavam sua covardia, seu medo, bem. . .

Durante a viagem de volta, doutor Augusto gastou todo o tempo comentado suas façanhas com tal entusiasmo e alegria, que Tristão não se animou a trazer o tema do sexo à baila. Não teve coragem para abrir seu coração com o velho. Desde quando inquirira dona Potestade e ela lhe respondera que “com o tempo acontece”, sua agonia aumentara. Precisava ampliar seu conhecimento sobre o sexo. Ele acostumara a masturbar-se inspirado em fotos picantes da revista *Cruzeiro*. Brigitte Bardot era sua musa preferida. Por duas vezes seguidas, ele e uma vizinha, a Eliana, haviam se escondido dentro de um guarda-roupa para se esfregarem. Ela segurara seu pinto e o fizera esporrar. Mas tudo aquilo ainda era muito misterioso, ele estudara o assunto na enciclopédia do pai. Encontrara fotos anatômicas dos órgãos sexuais, tudo muito frio, incompreensível. Apesar de sentir-se mais próximo do pai, de o haver contemplado em um momento em que doutor Augusto fora espontâneo, mesmo assim, não conseguiu confessar suas aventuras e dúvidas ao pai. Algo misterioso havia se interposto entre eles, uma trava que os impedia de manter um relacionamento franco, sincero. Não conseguia discutir problemas pessoais com o doutor Augusto. Quando se encontravam, falavam somente sobre generalidades, coisas da política e da cultura ou sobre banalidades da vida em Nova Barcelona, temas corriqueiros e necessários para ordenar a vida cotidiana; comunicavam-se de modo lacônico. O filho jamais ousaria trocar ideias com o pai, fosse sobre sexo ou qualquer assunto relevante. Jamais.

Quando adulto, muito tempo depois, Tristão atribuiria este empecilho ao modo impaciente e peremptório com que doutor Augusto costumava pronunciar-se sobre assuntos que não fossem de seu agrado. Nestas circunstâncias, ele não opinava, emitia veredictos e dava ordens como se fossem absolutamente adequadas. Para complicar, o advogado usava sua verve para criticar todo personagem ou movimento que despertassem admiração e afeto em seus familiares. Fora dele mesmo tudo estava sujeito ao império



do seu desdém mordaz. Doutor Augusto encarniçava-se, particularmente, contra personagens que encarnassem a rebeldia dos anos sessenta. Nestes casos, ele costumava ser implacável:

— Roberto Carlos parece uma velha coroca com aquele cabelo ridículo — dizia para magoar a filha que adorava o artista.

— Chico Buarque pode ser tudo na vida, nunca um cantor. Não tem voz, nem ritmo, um desastre — comentava diante do entusiasmo incontido da esposa com o jovem compositor.

A Escola Paroquial, onde Tristão estudara, tampouco incluía a sexualidade entre seus temas curriculares. Para informar-se sobre sexo, restaram-lhe os livros e a rua. E foi isto o que lhe aconteceu de fato. Entre seus inúmeros amigos, havia um experiente: Pedro Murad era uma espécie de Peter Pan real, uma criança que entre os nove e os dezessete anos conservou o mesmo aspecto físico, um moleque magriço e agitado, sempre com a mesma mentalidade juvenil. Ele iniciou três ou quatro gerações nos jogos de bola de gude, futebol e também em outros misteres secretos. Pois bem, foi ele quem instruiu Tristão sobre sexo. Com cinco anos de vantagem sobre o amigo, não se valeu de subterfúgios ou de metáforas em suas exposições educativas: pinto, boceta, beijo, chupada, trepar, porra, óvulo, gravidez, seu saber enciclopédico desmanchou a ingenuidade de Tristão. Para dar materialidade ao ensino, agregou imagens para firmar cada conceito. Apresentou a Tristão uma revista de sacanagem desenhada por Carlos Zéfiro. Os desenhos a bico de pena não permitiam dúvida sobre os procedimentos habituais ao ato sexual. A princípio, o neófito reagiu mal:

— Não acredito, meu pai fez tudo isso com minha mãe?

— Sim, como não? E tem mais: ele comeu sua mãe um montão de vezes, centenas. Vocês são três filhos, pra cada gravidez são necessárias várias trepadas.

— Não acredito, mentira! — insistia Tristão perplexo.

— É isso aí, cara! A não ser que sua mãe tenha transado com outro também. Quem sabe?

— Vá à merda, Pedro — contestou o menino indignado.





— Brincadeira, cara! Deixe de ser trouxa! O óvulo da mulher cai no útero somente uma vez por mês. E ninguém sabe o dia certo, é sempre antes da menstruação.

— O que é menstruação?

— Pelo amor de Deus! Pergunte à sua mãe, quem sabe ela te explique melhor. É coisa de mulher. De qualquer forma Tristão, é preciso muito cuidado quando a gente comer uma garota. Parece castigo: quando o casal quer um filho, a gravidez demora, não vem; quando o pessoal fode por diversão, namorados, na zona, na rua, com a mulher dos outros, aí é um perigo, basta botar o pinto no meio da coxa que já aparece barriga. A vida é assim, Tristão. Você é muito carola, parece um santo.

— Não acredito nessa sua conversa, Pedro.

— Transar é bom, cara! Muito bom. Todo mundo gosta e faz. Todo mundo, até os padres comem as freiras, as empregadas domésticas também transam. Eu tenho um amigo que comeu uma moça bem que o ano todinho. Ele pulava o muro do quintal da casa dela, toda sexta-feira à tarde.

— Mentira! Como você sabe de tudo isso?

— Eu sei, cara. Já comi o Paulo César, o veadinho da rua de baixo, bem umas cinco vezes. É legal. Você também irá foder sua mulher.

— Eu?

— Que idiota, meu Deus! Quando o marido não come a mulher, todo dia, toda semana, bem comidinha, ela vira puta. Querendo ou não as mulheres têm que dar pra algum homem, se não for pro marido será pro vizinho, pro leiteiro, os cambaus. E o homem precisa gozar, não há como, senão a porra sobre pra cabeça e o cara endoida!

— Eu não sei, não — rebelou-se Tristão contra a crueza do amigo. — Vou colocar minha porra em um copo e mandar que minha mulher tome quando quisermos filhos.

O pequeno Pedro não perdeu a paciência com o amigo, não pretendia debochar de sua ingenuidade, imaginou terminar com aquela polêmica quando retrucou:



— Tristão, essa ideia do copo de porra é original, poderia entrar em algum filme de sacanagem, nunca ouvi essa aberração antes. Somente que não funcionará. Ninguém engravida engolido porra. No estômago há um ácido que corrói a vida do espermatozoide, entendeu? Agora, deixe isso pra lá, calma, cada coisa tem sua hora, com a idade você entenderá, com a idade. Vamos jogar bola.

Um mês depois, Pedro Murad procurou Tristão acompanhado de Paulo César. Chamou o amigo de lado e segredou-lhe:

— Conversei com o Paulo aqui. Ele topa dar pra você. No campo de futebol, atrás das bananeiras.

— Como é isso? — assustou-se o menino.

— É cara, você não precisa dar nada em troca, não é Paulo?

— Não — respondeu o garoto efeminado —, precisa sim, eu quero uma volta bem grande com a bicicleta do Tristão.

Tristão ganhara uma *Monark* vermelha, com pneu balão, de presente de Natal. A molecada de Nova Barcelona invejava-o quando ele passava empoleirado no selim de sua bicicleta.

— Bem, aí eu já não sei — desentendeu-se Pedro, que não contava com exigência de pagamento, Paulo César costumava ser muito dado, ele parecia gostar do papel de consorte feminino de quantos o convidassem. Era um pederasta precoce. — O que você acha, Tristão? Por uma volta no quarteirão ele pode bater uma punheta, chupar seu pau ou dar o cu, o que você prefere?

— Como assim? — Tristão paralisou-se estupefato, sem reação, ainda que curioso e interessado em saber mais. Naquele instante, somente então, ele percebeu que Eliana batera punheta pra ele e que aquilo fora maravilhoso. Comparou o menino delicado com sua amiga e decidiu que, em caso de necessidade, voltaria a esconder-se em algum canto reservado com a menina.

— Com o Paulo é assim, ele não tem frescura — insistiu Pedro Murad.

Tristão avaliou Paulo Cesar de esguelha, sem coragem para tocá-lo, e resolveu-se, era-lhe impossível meter-se no mato com aquele gordinho delicado e de voz aflautada:



— Não, Pedro, obrigado. Paulo César não leve a mal, nada contra você, é que. . . Bem. . . Eu lhe empresto minha bicicleta, uma volta no quarteirão, sem obrigação de pagamento nenhum; tudo bem?

— Então o pagamento ficará pro meu uso - acrescentou Pedro com rapidez. — Paulo dá a volta e depois me dá o cu, já que o Tristão não quer.

O garoto concordou. Subiu garboso na bicicleta de Tristão, correu pelas ruas e voltou suarento e com as bochechas vermelhas de animação. Mal apeou, tomou Pedro pela mão e arrastou-o para a moita de bananeiras.

Para infelicidade de nosso herói, a sapeca Eliana mudou-se para o Rio de Janeiro, o pai era funcionário do Banco Brasileiro e fora promovido. Ele somente voltaria a Nova Barcelona alguns anos depois como gerente da agência local. Impossibilitado por alguma força interior de encontrar alguma parceira para praticar sexo, Tristão socorreu-se da biblioteca do pai. Lia a quarta capa dos romances em busca de novelas picantes. Descobriu *A carne*, de Júlio Ribeiro. Uma edição em brochura, papel amarelado, a capa ilustrava uma mulher seminua nos braços de um garboso rapaz. Trancou-se em seu quarto e meteu-se na leitura. Foi uma descoberta, Lenita havia se apaixonado por um amigo, ceder a prazeres da carne, engravidara, mas, mesmo assim, resolveu abandonar o amante, que se suicidou desesperado. Pecado e culpa, pensava Tristão. Antes que terminasse o romance, Dona Potestade confiscou-lhe o livro:

— Isso não é leitura pra sua idade. Aliás, pra idade nenhuma, o lixo é a prateleira adequada para essa sujeira. Safadezas do seu pai.

Tristão entrou na adolescência virgem, ainda que se apaixonasse por quanta moça bonita cruzasse seu caminho. Nenhuma experiência, a inexperiência de Tristão. Ainda assim, de tanto ouvir e ler sobre outros fazendo sexo terminou por compreender algo sobre aquele intrincado tipo de relação humana. Tristão sonhava com a possibilidade de sexo sublime, nada menos.

Estava revendo o capítulo, colocação de pronomes, concordâncias, quando o Espírito, ao contrário de seu hábito, praticamente sussurrou-me ao ouvido:

— *Tristão tinha um conhecimento apenas teórico sobre sexo. Conosco, os Espíritos, se passa o mesmo. Nunca nos foi permitida a prática desse mister, afinal somos pura essência e uma essência pura não se mistura com outra essência de igual pureza. Enfim, de qualquer modo, de tanto observar outros em ação terminei por intuir algo sobre esse intrincado tipo de relação humana. O sexo, em sua plenitude, acredito, é uma mistura de objetividade programada, previsível, quase mecânica, animal, com uma sensibilidade sublime, que lança o ser para além de sua contingência material. Quanto mais forte o instinto, quanto mais um dos parceiros seja egocêntrico, mais predomina o primeiro elemento da equação, o animalesco. Quanto maior o encantamento com o outro, mais o sexo se torna epifania e celebração celestial. Entretanto, no concreto, mesmo observando nossos heróis de modo sistemático e minucioso, não consigo classificá-los segundo os termos da equação acima exposta: o quanto cada um deles funcionou como animal biológico, o quanto como espírito sublime?*

Senti tanta sinceridade e aflição naquele discurso embolado do Espírito que resolvi não provocá-lo, deu-me pena. Voltei imediatamente à minha tarefa de contador de causos. Entretanto, o Espírito retomou a palavra, talvez envergonhado por haver confessado sua inexperiência sexual ou, quem sabe, buscando compensar aquele momento de fraqueza em que mostrara sua limitação quase humana, e passou a comentar sobre a iniciação sexual de Ícaro em um tom pomposo e acadêmico:

— *Bem, se Tristão foi um ser travado, com grande dificuldade para extravasar sua sexualidade, Ícaro D’Lírio, ao contrário, era a espontaneidade pura. Funcionava como se não houvesse nenhum filtro, nenhum empecilho entre seu desejo, sua vontade, sua intenção e a passagem ao ato. Ícaro nunca se preocupou em encontrar uma teoria sobre o sexo. Parecia-lhe uma atividade natural, parte intrínseca à vida, como comer, beber, divertir-se ou conviver com outras pessoas.*



Fazer amor, segundo Ícaro, não implicava nenhum tipo de compromisso diferente daquele apropriado a qualquer relação civilizada.

Aborrecido, olhei para o alto esperando avistar meu Espírito. Em geral, os espíritos são representados sobrevoando algum mortal. No meu caso o gesto foi vão, não havia nada pairando sobre minha cabeça. Talvez o ar de censura com que mirei o vazio lhe tenha provocado algum pejo, pois, logo, ele retrucou-me:

— Tudo bem, tudo bem. Retome a transliteração, não vou perturbá-lo mais.

Ícaro tampouco foi informado sobre sexo pelos pais ou pela escola. O despertar de sua sexualidade foi distinto. O seu caso, de certa forma, questiona a origem pedagógica para as inibições de Tristão. Ícaro teve uma educação sentimental ao vivo, por assim dizer. Aos doze anos assistiu a uma demonstração prática de como um homem poderia montar uma fêmea sem muitos preâmbulos e salamaleques, mas com aparente proveito mútuo. Lições paternas ainda que não premeditadas.

Ícaro costumava esconder-se dentro do guarda-roupa de Rosália, sua mãe de leite artificial. A princípio, metia-se entre as roupas da mulher para se embriagar com o aroma forte daquele armário. Ele amava o cheiro adocicado e protetor de Rosália. Distraía-se tanto com esse ofício, que chegava a cochilar entre combinações, calcinhas e vestidos. Certo dia, despertou com Rosália despindo-se para o banho. Primeiro, a jovem mulher jogou-se solta sobre a cama. Espreguiçou-se alongando o corpo. Ícaro enxergou-lhe as pernas morenas, percebeu os pelos escuros e a calcinha branca. Ainda deitada, ela arrancou um sapato, depois o outro, as meias. De pé, abaixou a saia, depois a blusa, soltou o sutiã e Ícaro não despregou o olho daqueles peitos redondos e luminosos. Finalmente a calcinha, percebeu Ícaro já com a respiração acelerada. Nua, Rosália abriu a porta do guarda-roupa e assustou-se mais com os olhos arregalados do menino que com a presença de um intruso em seu quarto. Optou por botá-lo para fora.



— Saia moleque —, ordenou risonha, despreocupada em proteger sua nudez da curiosidade de Ícaro.

Depois daquele episódio, ele adquiriu o hábito de esconder-se no guarda-roupa ou debaixo da cama de Rosália, que se fingia de distraída, o que permitia ao neófito contemplar a redondeza suave das nádegas e o amarelo aveludado da pele que se escurecia em torno dos mamilos de sua babá. Observar a intimidade daquela mulher produzia-lhe um bem-estar indizível. Tão grande que ele suportava a longa imobilidade como se fosse um experimentado *voyeur* adulto.

Como de costume, certa noite, trancou-se no guarda-roupa à hora que Rosália recolhia-se para dormir. Para sua surpresa, o pai entrou junto no quarto. Ícaro assistiu a um bailado rápido, um despir-se sôfrego ainda que sincronizado e, de repente, lá estava sua mãe de leite artificial de pernas para cima com o pai enfiado ao meio. Os dois movimentavam-se com entusiasmo, silenciosos, mas contentes, percebia-se, acreditou o menino. Estiveram naquela pugna até que o pai saltou nu para fora da cama, o menino admirou-se ao observar o pinto grande, imenso, do pai de costas para Rosália e de frente para o esconderijo do filho. Rosália dormiu logo em seguida, despreocupada com a possível presença do seu admirador secreto. Ícaro esperou alguns minutos e esgueirou-se do quarto, cuidadoso para não acordá-la.

No dia seguinte, à mesma hora, meteu-se no quarto de Rosália e esperou. O pai viajara e não apareceu no cenário. Rosália espantou-se quando abriu a porta do guarda-roupa e deu com aquele sátiro em miniatura, que a contemplava com toda a safadeza do mundo. Com um salto, o menino deitou-se na cama, estendeu os braços e, com a voz da inocência, pediu-lhe:

— Rosália, eu quero dormir aqui na sua cama, tudo bem?

— Nem pensar, passa fora, já!

— Só um pouquinho, então! Tira a roupa, todinha.

— Moleque safado, passa fora, já! — respondeu risonha, mais predisposta a conceder do que a reprimir os avanços do menino.



— Rô, tira a blusa, quero mamar no seu peito, vem aqui —
ordenou o pretendente a Don Juan.

A mulher atendeu-o, debruçando-se desnuda sobre o rosto de Ícaro. O garoto arrancou suas próprias calças, ajudou a mulher a safar-se do restante da roupa e meteu-se entre suas pernas, exatamente como o pai fizera naquele outro dia. Rosália sorria contente, afagando-lhe a cabeça. Com ternura, ela conduziu a boca do menino para o mamilo do seu peito, que sugasse, explicou, com desvelo maternal. O menino gostou daquilo, muito, tanto que se esqueceu de movimentar o quadril, segundo aprendera com o pai, de tão entretido estava com a almofada fofa que eram os peitos de Rosália. Não se pôde caracterizar com precisão se houve ou não conjugação carnal, ou se um ou outro chegou ao orgasmo! De qualquer modo, experiente, a certa altura, Rosália segurou-lhe o pintinho com amabilidade cuidadosa e o massageou até que a criança dormisse, com um ar angelical, em seus braços macios.





MATÉRIA E ESPÍRITO
concreto e abstrato!

*Um homem pessimista
é tolerante*

Bertolt Brecht, *Poemas, 1913-1956*







Antes de iniciar o capítulo seguinte, assaltou-me uma dúvida crucial à coerência da narrativa. Estava tão intrigado que não poderia prosseguir com a história sem esclarecer o que me inquietava. Assim, ainda dessa feita, fui eu quem invocou o Espírito de Época:

— Caro mestre — usei o título grandioso tentando agradar-lhe, quem sabe se empregasse um tom ameno eu conseguiria diminuir a aspereza de nossa relação —, segundo o que me tem sido transmitido, lidaremos com três personagens distintos. Em comum, teriam somente o espírito do heroísmo e essa estranha vocação de arriscar-se pelos outros.

Silêncio absoluto. Acreditei que minha inspiração espiritual havia me abandonado. Insisti em provocar-lhe:

— Aliás, considero ingênua a sua interpretação, meu querido Espírito de Época, sobre a motivação fundamental do heroísmo. Pensei bastante e não acredito que sejam o amor por uma causa humanista ou o gosto pela aventura os principais fatores que levariam alguns seres humanos a arriscar-se. Acredito que a vaidade, a ambição, a busca pela fama e nomeada são fatores muito mais importantes para. . .

O Espírito de Época interrompeu-me aos berros. Acusou-me de cinismo:

— Você está deixando-se influenciar pelo Espírito do Nilismo, um meu antigo rival. Não. . .

— Ah! Quem diria! Meu Espírito de Época é um tanto paranoico, constato. Não suporta ser contraditado e odeia Espíritos diferentes dele.

Isso apesar de alardear aos quatro ventos seu irrecusável compromisso com a crítica e com o diálogo!

— Voltemos à narrativa, por favor — admoestou-me o Espírito contrariado com o rumo de nossa conversa que enfileirava considerações desfavoráveis à sua imagem.

Antes — respondi-lhe — gostaria de saber como e por que nossos heróis desenvolveram caráter diferente? Como isto pôde ocorrer se eram produtos de um mesmo Espírito de Época? Pela lógica não deveriam ser assemelhados?

Pude formular tais considerações porque eu já conhecia o conteúdo genérico de alguns dos capítulos que ainda não estavam escritos, os espíritos, como já lhes expliquei, tratam o tempo de modo simultâneo. Portanto, antes de prosseguir com a história, eu voltei a perguntar-lhe:

— Como Ícaro cresceu intuitivo, um ser escravizado pela paixão, quase uma caricatura surrealista de Lorde Byron? Como Marciano tornou-se um homem que calculava, dotado de pensamento estratégico e pragmatismo tático? E Tristão, que de tão reflexivo, foi se endurecendo em um cristal mole de pura racionalidade caótica? Como pessoas tão diferentes seriam filhos de uma mesma época, de um mesmo Espírito? Ícaro, o visionário em busca do prazer? Tristão, um cavaleiro, um justiceiro vestido com a viseira da razão? E Marciano, o explorador pragmático em busca do poder, cálice sagrado inatingível sempre quanto o verdadeiro herói dele se aproxime?

— Escritor de merda! Você excede os limites de nosso contrato — vociferou, sem aviso prévio, em meu ouvido —, a ideia é respondermos a essas questões por meio da literatura, o transcorrer dos fatos iria esclarecendo aquilo esclarecível e silenciando sobre o incompreensível.

— Essa palavra não existe em português — lancei-lhe ao rosto.

— Que palavra? Do que o senhor está falando?

— “Esclarecível”, isso não existe.

— Como seria então?

— Passível de esclarecimento, sei lá!

— Ah! Então o senhor compreendeu-me, ainda que seja muito obediente à gramática, rapaz!



— *Sim, mas reponho minha primeira questão. Como pessoas tão diferentes puderam ser produzidas por um mesmo Espírito de Época?*

Silêncio. Dirigi um olhar tão desconfiado para cima, onde supunha que ele pairasse, que o Espírito comoveu-se e atendeu meu rogo. Antecipo que me arrependi, pois fui obrigado a ouvir uma enxurrada de explicações supostamente racionais sobre o modo de relação entre o mundo concreto e o espiritual.


— *Os espíritos não existem fora das pessoas — gritou com exagero. — Como o senhor, um intelectual, ainda não aprendeu isso depois de tantas horas de convivência comigo? Sim, nós os espíritos, influenciemos os seres humanos concretos. Todos, sem exceção! Os humanos estão obrigados a lidar conosco, já que nos imiscuímos em suas decisões, em tudo!*

— *Até na maneira como nos afeiçãoamos ou odiamos? — perguntei revoltado.*

— *Em tudo, querido! É por isso que os humanos são tão instáveis e mutantes. Tanto porque há vários espíritos em cada época disputando modos de apossar-se de parte da mente dos viventes, nenhum espírito é dono de ninguém; como também porque, felizmente, resta ao ser humano algum grau de liberdade para reagir à influência dos espíritos. Vocês têm, até mesmo, a possibilidade de expulsar-nos para fora de sua existência. Daí a variedade de personalidade e de caráter dos humanos, entendeu, vil mortal? — provocou-me.*

— *Mais ou menos, então eu poderei mandá-lo de volta à estratosfera e voltar à minha vidinha habitual?*

— *Em tese, sim. No entanto, o senhor não me expulsará porque estaria destruindo um pedaço importante do seu próprio ser. Pessoas vulgares, superficiais e ambiciosas sequer percebem a existência dos espíritos. Inteligente é aquele capaz de nos reconhecer — ele pretendia elevar-me o ânimo ao elogiar-me. — Sábio — prosseguiu imperioso — é aquele que, além de perceber nossa presença, logra interagir conosco. Heráclito nos identificou há dois mil e quinhentos anos. Ele nos apelidou de Logos. Hegel nos denominou de Espírito do Mundo; Marx de Espírito de Classe. Antropólogos costumam chamar-nos de Cultura; psicanalistas de Inconsciente ou de Subjetividade.*



Alguns epígonos de Marx nos imaginaram uma emanção direta da infra-estrutura econômica. Um miasma. As religiões costumam designar-nos pelo nosso próprio nome: Espíritos. Às vezes, empregam o termo Deuses, ou Santos, ou Entidades; enfim somos milhões. Apesar de toda essa controvérsia, mesmo assim, a maioria dos estudiosos reconhece nossa capacidade de influenciar o pensamento e a ação dos humanos.

Eu já estava me aborrecendo com aquele discurso autorreferente. “Mas que louvação eivada de idealismo” — pensei com meus botões. Em realidade, buscava afastar-me da possessão demoníaca que aquele Espírito praticava comigo. Porém, meu exorcismo iluminista não funcionou, e continuei “cavalo” daquela emanção logomaniaca:

— Seu racionalismo é uma forma de resistência à minha influência — o Espírito percebera minha dúvida e má vontade, e continuou persuasivo e insistente: — A noção de que os espíritos se aposam da vontade e do corpo das pessoas é uma compreensão primitiva, simplista. Não fazemos nada sem autorização dos humanos. Frequentemente, vocês nos utilizam para justificar, para si mesmo e para os outros, desatinos que pretendem cometer.

— Ah, o querido é então inocente de todo o horror praticado em seu nome ao longo do último século? — perguntei, sem dar-me conta que fazia o jogo dele, a possessão funcionava e eu não poderia mais livrar-me dos seus palpites e interferências, pressenti conformado.

— Digo outra coisa. Quando uma mãe de santo dança desvairada no terreiro, o faz com nossa ajuda. Sim, como não? Porém jamais conseguiríamos movê-la contra sua própria vontade. Os espíritos não movimentam a matéria, infelizmente. Somos seres frágeis, delicados e mortais.

— Um espírito materialista? — perguntei curioso.

— Talvez — contestou-me seco.

Após uma pausa para meditação, o Espírito retomou sua explicação:

— A coisa funciona ao contrário do que o vulgo imagina. Os espíritos são criados pelos acontecimentos e pelas pessoas. Somos um produto dos seres humanos! Somente quando há um acúmulo cultu-



ral suficiente para compor um movimento filosófico, artístico, político ou religioso, somente, então, nascemos. Quando os fatos nos são favoráveis desabrochamos, nos fortalecemos, tornamo-nos ágeis e, em alguns casos, até famosos. Dependemos dos homens para sobreviver, ainda que sejamos capazes de influenciá-los. A velha dialética, criador e criatura embolados.

— Você não existe — insisti descrente —, é um produto de minha mente enferma. Ando muito cansado, com nojo de tudo e de todos. Propenso a delirar.

— Sim, confirmo em parte essa sua percepção, sua saúde mental anda um tanto precária, de fato. O que você não imagina é que, igualmente, interajo com milhões de outras pessoas de sua estirpe. Cada espírito é fruto de alguma tribo, por assim dizer. Uma vez criados passamos a interagir com nossos criadores. Ganhamos autonomia. Alguns espíritos tornam-se tão conhecidos e comentados que fica a impressão de que haveria um Espírito Único. Ilusão. Cada época tem vários espíritos, alguns do contra, outros confrades, quase complementares, há aqueles que concorrem entre si, adversários que ao se cruzarem provocam raios e trovões. O vencedor, em geral, expande sua área de influência. Cada espírito induz uma visão de mundo, algumas se impõem mais do que outras. Isso explica a marcha da humanidade, creio.

— E você quer o quê comigo? — perguntei angustiado, esperando livrar-me o mais rápido possível daquele encosto. — Essa sua teoria é de um relativismo assustador, tudo poderia ser desde que. . .

— Santa Paciência! Vejamos se com a convivência franca comigo o senhor aproveitará algo do muito que lhe será revelado daqui pra frente!

— O que mais me impressiona, em Sua Magnificência, é a modestia!

— Preste atenção, alma pequena, os espíritos nascem, crescem e morrem. Sim, apesar do nosso caráter evanescente, também somos modificados pela história e transformamo-nos.

Aquele Espírito sabia irritar-me, sua forma de argumentar tirava-me do sério e, àquela altura, eu queria humilhá-lo antes de tudo.





O amor ao conhecimento e a busca pela verdade haviam ido para o espaço. Assim, retorqui-lhe também aos berros:

— Acredito, inclusive, meu caro, que o senhor somente revelou-se inteiro para minha consciência porque se desesperou ao perceber sua própria agonia, lenta e crônica. Sim, para mim, está tudo claro, a qualquer momento, abruptamente, Vossa Excelência poderá falecer! Em consequência, o grande Espírito crítico de nossa época tornou-se carente. Um coitado a procura de companhia. Não suportando mais a solidão dos píncaros, prenúncio do final olvido, o senhor viu-se obrigado a procurar-me ou não?

Silêncio, meu Espírito de Época esvanecera-se.

Arrependi-me da dureza de minha reação e, em um tom carinhoso, tentei invocá-lo:

— Espírito, o que houve? Perdão. Perdi o controle, admito. Retomemos nosso diálogo! Não pretendo mais ofendê-lo. Espírito de Meia-oito reapareça!

— Meia-oito é a puta que o pariu, meu caro escritor de merda!

— E o que foi agora?

— Esse apelido de Meia-oito não me agrada, o senhor pratica uma simplificação grosseira. Escolheu um modo jocoso para me caracterizar. Percebo um excesso de antipatia contra mim, você não se esforçou para buscar uma denominação em acordo com toda minha complexidade e variedade.

— Bem, poderei nominá-lo de Espírito da Razão, ou Espírito da Luz, ou Espírito Moderno, ou. . .

— Caro escrevinhador — me interrompeu impaciente —, por favor, atenha-se à sua tarefa! O senhor se traiu, qualquer leitor esclarecido perceberá quem afinal, aqui entre nós dois, conspurca o texto com mil desvios desnecessários ao enredo.

— Sim, perdão. Voltemos à vaca-fria — exclamei aliviado em poder retomar à narrativa em sua pureza original. Voltemos aos heróis.



MOVIMENTO LARGO
amadurecimento dos heróis?

*não fosse isso
e era menos
não fosse tanto
e era quase*

Paulo Leminski, *Caprichos e relaxos*










Mesmo bloqueado o caminho para o amor, não foi simples para Tristão envolver-se com movimentos sociais. Ele era estruturalmente tímido. Bloqueavam-no camadas e camadas de preconceitos e de regras compostas por uma intrincada e opressiva arqueologia familiar. Não obstante, havia uma usina em seu interior produzindo energia em sentido contrário, o que o estimulava a não desperdiçar oportunidade para viver o mais livre possível. Estas forças opostas dilaceravam-no, dificultando bastante a conformação de sua personalidade.


Tristão desenvolvera simpatia vaga pela esquerda e pela filantropia desde sua adolescência, mas foi a convivência com Matias de Alcântara que deu consistência e concretude às suas convicções. Depois de Rubem Fonseca, Matias emprestou-lhe *A condição humana*. Durante semanas, os dois compararam o destino dos personagens de André Malraux com o deles, também presos ao mandado ético de envolverem-se com a política, no caso com a luta pela democratização do país.

Tristão impacientava-se em colocar em prática toda aquela teoria.

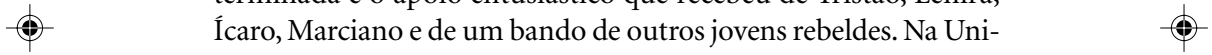
Ainda no fatídico sábado, quando descobrira Lenira e Matias embolados na rede, sem destino e desnordeado, Tristão refugiou-se em uma reunião para a qual fora convidado por Frei Tiago. Não apareceu nenhum estudante além dele, curtiam ressaca da festança da noite anterior. Em compensação, conheceu alguns membros da Comunidade Eclesial de Base do Jardim Planalto, um



bairro periférico da Capital, em que foram construídas dezenas de casas modestas, onde o sacerdote esforçava-se para organizar movimentos populares. O jovem encantou-se em dialogar com donas de casa, trabalhadores da construção civil e jovens pobres que sabiam mais sobre política e sobre o Brasil do que ele. No dia seguinte, domingo, Tristão conheceu o bairro na companhia de Frei Tiago. O sacerdote sugeriu que ele fizesse um curso preparatório para o trabalho comunitário. Durante meses, Tristão intoxicou-se de Paulo Freire, dinâmica de grupo, história brasileira versada segundo o ponto de vista dos oprimidos e outros temas importantes para sua formação como militante. Todo sábado, bem como em alguns domingos, Tristão juntava-se aos militantes do bairro para fazer proselitismo, organizaram cursos e realizavam trabalho em apoio a famílias em dificuldade. Depois de dois meses de ação social no Jardim Planalto, teve a ideia de procurar um professor da Faculdade que organizara um Posto de Saúde naquele bairro. Professor Carlyle Lavour cuidava dos desnutridos e organizava grupos para tratamento do alcoolismo. O professor acolheu com entusiasmo aquele estudante voluntário, ele tinha dificuldade de recrutar alunos para ajudá-lo. Os líderes de esquerda haviam vacinado seus liderados contra aquele “projeto demagógico”, acusando-o de servir apenas como lenitivo para a revolta dos oprimidos. Aquilo seria uma face humanitária da velha caridade de sempre, populismo ingênuo ou mal-intencionado. Indiferente a esses murmúrios, Tristão agarrou-se àquela oportunidade que o salvava da depressão e do tédio. Toda quarta-feira, pela tarde, viajava até a comunidade com o professor para ajudá-lo com os grupos de reabilitação de desnutridos, realizava visitas aos domicílios e uma série de outras atividades a que denominavam de medicina comunitária. Tristão sentia-se bem com aquele labor. Finalmente, aproximara-se do povo, finalmente realizava algo útil e sério. O professor era ateu, mas se entendeu muito bem com o humanismo cristão de Frei Tiago. Durante vários anos, esse trio de “estrangeiros”, moradores do Plano Piloto, conviveu com a gente do Jardim Planalto.



Além do labor no bairro, Tristão envolveu-se também com o movimento estudantil. A repressão desencadeada a partir da edição do Ato Institucional 5, em dezembro de 1968, criara um vazio entre os estudantes. As antigas entidades haviam sido proibidas, algumas ainda funcionavam com precariedade, os líderes mais conhecidos estavam presos ou exilados, ninguém se animava a desencadear ações abertas e que envolvessem a massa. Em virtude destas dificuldades, considerava-se impossível qualquer movimento desenvolvido a descoberto. Conspirava-se nas catacumbas: elementos isolados da vanguarda, trancados em apartamentos ou ocultos pelas quebradas da cidade, imaginavam ações na calada da noite: distribuição de panfletos, pichações contra a ditadura e, os mais afoitos, ainda insistiam com a resistência armada, assalto a bancos ou outras contravenções similares.



Para escapar desse dilema que o sufocava, Matias compôs uma doutrina estranha, uma miscelânea que poderia ter morrido em uma conversa de botequim, não fosse sua personalidade determinada e o apoio entusiástico que recebeu de Tristão, Lenira, Ícaro, Marciano e de um bando de outros jovens rebeldes. Na Universidade da Capital, Matias encontrou espaço para experimentar suas exóticas teorias e testar sua liderança. Resolveram tudo ao contrário do bom senso revolucionário então vigente. Organizariam ações políticas de massa e abertas, fariam tudo às claras, envolvendo o maior número de pessoas e procurando sempre combinar a defesa de interesse específicos dos estudantes com experiências que contribuíssem para elevação de sua consciência política e social. Para isso, criaram um cordão de isolamento para proteger o movimento estudantil da influência dos agrupamentos esquerdistas radicalizados na luta contra a ditadura.

Tristão elegeu-se representante da medicina, Matias articulou-se com líderes de outros cursos que também enfrentavam problemas, Marciano procurou apoio no que restara do movimento estudantil, com isso, trataram de transformar a insatisfação específica com as condições de ensino em um movimento coletivo. Organizaram assembleias, comissões de negociadores e sistema de



comunicação com murais, pequenos jornais, cartazes e faixas. Desde o início, trataram de que os representantes fossem recebidos e reconhecidos como interlocutores legítimos pelas autoridades universitárias. Com habilidade ampliaram a pauta do movimento, incluindo o tema da falta de verbas, que interessava especialmente aos professores. Com cuidado artesanal, entreteceram reivindicações específicas por melhores condições de ensino com a luta contra o autoritarismo e pelo fim da intervenção militar na Universidade.

Em poucos meses, Matias de Alcântara transformou-se em uma liderança universitária com grande visibilidade, porém com endereço conhecido, um militante que concedia entrevistas e circulava livremente pelo *campus* em plena ditadura.

Matias era pau pra toda obra, fazia de tudo um pouco, eram bom orador, negociava bem e tinha grande habilidade para compor acordos. Marciano especializou-se em bastidores, cuidava da infraestrutura e da articulação entre lideranças. Ícaro considerava-se um militante da base e somente aparecia quando antevia aventura ou grandes embates com a repressão. Tristão nunca falava em público, no Jardim Planalto lidava com pequenos grupos, quatro, cinco pessoas no máximo. Durante o colegial acompanhara passeatas e marchas de protesto, mas não se envolvera. Assim, de início, ocupou uma posição discreta, não se destacando como dirigente. A primeira vez que deveria falar para uma assembleia, custou-lhe sacrifício. Estavam reunidas trezentas pessoas, a direção do movimento preparara uma lista de ações a serem discutidas pela plenária. Matias encarregou Tristão de defendê-las.

— Eu? — assustou-se.

— Sim, meu caro, qual o problema? Você é um retórico nato, argumenta bem, está na hora da massa conhecê-lo — estimulou-o Matias.

Tristão preparou-se com cuidado, escreveu um roteiro metuculoso com destaque para cada proposta e para os argumentos de defesa. Releu o discurso à meia-voz até quase memorizá-lo. No momento apropriado, postou-se na frente do conclave, carregava





suas anotações em uma das mãos, olhou o auditório lotado e enxergou somente cores, uma maçaroca semelhante a um quadro moderno. Ajeitou os óculos que lhe caíam sobre o nariz molhado com suor, arrumou o cabelo que lhe dificultava a leitura e iniciou seu discurso. Enquanto se ateu a justificar o movimento e a criticar os desmandos da reitoria, tudo correu bem. Tropeçou em uma ou outra palavra, mas conseguiu expressar-se com clareza e com convicção, a plateia acolheu-o bem, fizera-se um silêncio impensado cinco minutos antes. Passado o preâmbulo deveria sugerir um boicote ao restaurante universitário. Ninguém o utilizaria na sexta-feira seguinte. Os presentes à assembleia deveriam formar cordões ao redor de todo o edifício com o objetivo de ganhar a adesão dos demais estudantes. Tristão argumentou a favor do protesto, lembrou da diretriz máxima do movimento, a não violência, os colegas deveriam ser convencidos e não constrangidos, para encerrar resolveu enfatizar a proposta:

— Portanto, faremos um boi. . . boi. . . boi. . . boi. . . boi. . . boi. . .

O anfiteatro explodiu em uma sonora gargalhada. Apesar da balbúrdia, o orador insistiu:

— Boi. . . boi. . . boi. . . boi. . .

Persistiu até que, finalmente, a palavra emergiu de dentro de sua ansiedade:

— Boicote ao restaurante universitário!

A proposta e o orador gago foram ovacionados.

Matias foi o primeiro a cumprimentá-lo. Tristão estava desconsolado, caíra no ridículo, um papelão, murmurava.

— Nada, o discurso foi ótimo. Você tem futuro, será professor, deputado, o diabo, você se expressa com segurança, tudo que diz parece verdadeiro e profundo — consolou-o o líder experiente.

— Que nada! Es. . . esss. . . esstraguei tudo, nunca mais falarei em público, pelo amor de Deus!

— Nem oito, nem oitenta — meteu-se Ícaro na conversa. — De fato, Tristão, o seu discurso foi porreta, coisa fina, tudo claro e limpo. Entusiasmo, firmeza, agora, com sua idade, já era tempo



de você enfrentar essa gagueira, toda vez que fica nervoso, lá vem o problema, parece uma cobra sibilando e. . .

— Não é pra tanto — Matias buscou temporizar.

— Como não! Olhe aqui, vamos aproveitar o embalo e resolver essa droga de uma vez por todas. Há uma professora na Psicologia com um programa para reabilitação de gagos, vamos lá agora, quem sabe conseguiremos inscrevê-lo?

Tristão e Ícaro dirigiram-se à Faculdade de Psicologia. Encontraram a professora, era conhecida de Ícaro, era assídua em festas respeitáveis organizadas pela “turma da fumaça”, sim, porque, eles selecionavam os convidados para suas celebrações conforme o grau de liberalidade com que serviriam drogas e praticariam sexo, eram *hippies*, mas não eram completamente ingênuos, portanto, essa profissional, como outros, somente comparecia a encontros denominados “barra leve”. Ela entrevistou Tristão, estabeleceu um contrato e iniciou o tratamento. O behaviorismo, ou condutismo norte-americano, era a doutrina oficial dominante na Faculdade de Psicologia da Capital. Nada de rememorar o passado, nem sequer queriam saber sobre a história familiar, papai e mamãe, nada; tampouco inquiriam sobre sexo caso a queixa não fosse sobre distúrbio da sexualidade. No caso de Tristão, a terapia consistiu de exercícios de leitura em voz alta diante de algum público. A psicóloga selecionava textos com inúmeros trava-línguas e o rapaz era obrigado a lê-los em vários ritmos e tonalidades de voz. Por incrível que pareça, apesar da complexidade das causas profundas responsáveis por seu sintoma, Tristão superou a gagueira. Em três meses falava como um professor experiente. . . É verdade que, tanto quando falava, quanto na vida em geral, continuou ansioso, mas esse era outro problema, pareceu-lhe na época, depois se veria como resolvê-lo.

Matias e sua tropa haviam planejado uma estratégia criativa para enfrentar a repressão. Estudantes e aliados desenvolveriam uma pressão progressiva contra as autoridades, objetivando sempre o atendimento de reivindicações específicas dos alunos e professores. Ícaro adorava participar dos eventos, ele classificava-os






como *happenings*, pois combinavam objetivos políticos com diversão. A princípio para acompanhar o amigo Tristão e depois por gosto, Ícaro meteu-se com tudo nas mobilizações. Terminou sendo útil para a composição de uma nova política que permitiu o renascimento do movimento estudantil após os desmandos da repressão e o desvario dos dirigentes esquerdistas durante os anos sessenta. Certo dia, tagarelando em uma mesa de cerveja com o trio dirigente — Matias, Marciano e Tristão —, Ícaro animou-se e falou-lhes sobre Gandhi e as estratégias de resistência pacífica. Ele conhecia de cor e salteado a biografia e as táticas que Gandhi utilizara contra os ingleses. Marciano desconsiderou a proposta com um muxoxo, acrescentando:



— Grande merda, pelo que sei, o homem da túnica branca terminou com um tiro na cabeça e ainda deixou a Índia de pernas para o ar, grande estrategista mesmo!

Mas Matias quis saber mais. Estimulou Ícaro a sugerir maneiras de adaptar aquele modo solidário de fazer política ao contexto brasileiro. Logo, todos entraram no jogo. A adaptação de muitos daqueles estratégias ao movimento estudantil conseguiu empolgar os jovens, confundir as autoridades e ainda convencer professores, jornalistas e funcionários de que, mesmo diante do rigor repressivo, era possível armar alguma reação que misturava protesto com bom humor e com certo ar festivo. Além disso, conseguiu-se outra proeza considerada improvável, que foi a de juntar, em harmonia, estudantes marxistas com as tribos exóticas de *hippies*. Os alternativos eram, em geral, avessos a qualquer organização e tendentes ao isolamento individualista ou a agregar-se em pequenas comunidades. Entretanto, graças a esse novo modo de fazer política, logo aderiam ao movimento, atraídos pelas encenações estéticas e políticas, que exigiam preparação prévia cuidadosa e elaborada.

Haviam descoberto uma forma de integrar política, arte e diversão: os alunos forravam a Universidade com cartazes, faixas e murais, expressando de modo artístico suas reivindicações. Compunham pequenos poemas, textos irônicos, desenhos, alguns



toscas, outros bem elaborados, imitavam pintores impressionistas, muralistas mexicanos, havia estilo Portinari, concretistas, cubistas, dezenas de pessoas passavam a noite escrevendo, pintando e colando suas obras, sempre com a preocupação de não danificar o edifício da Universidade. No dia seguinte, o protesto assemelhava-se a uma exposição de arte. Os funcionários públicos, ao longo do dia, atiravam as obras ao lixo, ainda que com má vontade e deliberada lentidão, talvez solidários com a mensagem, talvez comovidos com a beleza dos arranjos, mas, principalmente, porque sabiam que uma legião de artistas voltaria a produzi-las durante a noite. A Universidade transformou-se com essa explosão coletiva de criatividade, ficou ainda mais colorida e divertida. Além do mais esse expediente atraiu estudantes que não estavam diretamente implicados com a pauta específica do movimento.



Havia ainda ações de desobediência civil e de boicote pacífico a atividades de rotina da Universidade. Em dias alternados os alunos deixavam de utilizar a biblioteca, depois ninguém fazia refeições no restaurante universitário, organizando imensas comilanças comunitárias em locais de grande visibilidade; outro dia, não atendiam a compromissos burocráticos de atestar frequência, ou de solicitar autorizações e assim por diante. Em uma ocasião, todos foram conclamados a vestir-se de branco, depois de preto, depois a compor um arco-íris com as roupas, e muitos, quase todos, aderiam a essas convocações, demonstrando o quanto se enraizara o movimento.

Matias intuía o estratagema de promover rodízio entre oradores e negociadores, a cada atividade as caras no comando eram diferentes. Assim, a lista de supostos líderes recolhida pela repressão, em três meses, contava com mais de trezentos nomes, acreditavam que esse procedimento asseguraria proteção aos envolvidos. Os dirigentes dos partidos e agrupamentos políticos clandestinos olhavam aquela história com desconfiança. Matias cercara-se de uma legião de calouros, alunos sem experiência e que, mesmo assim, assumiam papel ativo. Dirigiam reuniões, compunham comissões de negociação, participavam da agitação e da propaganda, era um



novo modo de agir, um modo de fazer política em que se diluía o papel das tradicionais figuras carismáticas.

Realizavam grandes assembleias, que sempre aprovavam algum ofício respeitoso, que era entregue à direção da Faculdade, depois à Reitoria e, mais tarde, protocolado no Ministério da Educação. Para surpresa geral, ocorreram concentrações de centenas de pessoas dentro do *campus* e em espaços públicos. Os estudantes levavam cartazes e cartas com suas reivindicações, cantavam canções e recitavam poesia ou representavam alguma peça curta alusiva a algum tema social. Dessa forma, cada concentração durava de duas a três horas. Sugeriu-se a eleição de um hino oficial para caracterizar o movimento. A primeira proposta foi a música de Geraldo Vandré, proibida pela censura, *Pra não dizer que não falei das flores*. Outras canções de protesto foram sugeridas: *Carcará*, gritou um; *Fica mal com Deus*, outro; *Réquiem para Matraga*, defendeu alguém versado em cinema novo; *Corisco*, insistiu um maoísta. Nesses momentos de debate, Matias adotava uma postura de mediador, não opinava sobre as escolhas; desta feita, contudo, ele gritou alto:

— História de Pescadores, *Suíte de Pescadores*, Dorival Caymmi, nós somos os pescadores — e, imediatamente, começou a cantar em capela com sua voz de barítono: — “*minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem-querer, se deus quiser, quando eu voltar do mar, um peixe bom eu vou trazer, meus companheiros também vão voltar e a deus do céu vamos agradecer. . .*”. Foi apoteótico, um instante mágico em que centenas de pessoas, muitos, acompanharam-no cantando, lágrimas escorriam pelo rosto da maioria dos presentes. E dessa maneira curiosa foi eleito o hino oficial do movimento. Era estranho, era inesperado ver uma multidão cantando com suavidade e determinação a música da jangada, dos pescadores que iriam arriscar-se em um mar tempestuoso, mas que voltariam com um peixe bom. Aquilo os animava e encorajava-os, criando um significado heroico para as ações que praticavam. E nada menos subversivo do que aquela canção, ademais o seu lirismo desconcertava as autoridades acostumadas a embates bem



mais explícitos do que aquele de uma sutileza delicada. Os estudantes não perdiam oportunidade para entoar seu hino: na sala de espera dos governantes, ou quando deixavam as audiências, sempre entoavam a música da jangada.

Tristão mergulhara com tal intensidade na vida universitária que até se julgara livre do constrangimento familiar. A vida na Capital o ajudara a se esquecer de Nova Barcelona. Foi exatamente uma manifestação estudantil, realizada em frente ao Ministério da Educação que, apesar de bem-sucedida, azedou a relação entre Tristão e sua família. Os jornais haviam noticiado o evento, até porque o ministro consentira em receber uma comissão de reclamantes para negociar. Vários jornais estamparam fotos do protesto, algumas mostravam manifestantes espalhados pelos gramados da Esplanada dos Ministérios, outra retratava uma comissão de estudantes com o ministro ao centro. Entre os fotografados aparecia um jovem sorridente e com os longos cabelos caídos sobre o rosto fino. Dona Potestade quase teve uma síncope ao reconhecer seu filho entre os subversivos. Sacudiu o jornal diante dos olhos do seu marido exigindo providências, o moleque ultrapassara o limite do bom senso, urgiam medidas para reconduzi-lo ao redil do lar, esbravejou, ainda que o preço fosse abandonar aquela Universidade de loucos desvairados. Doutor Augusto acalmou-a: telefonaria ao seu irmão, Wagner de Oliveira, deputado governista que vivia na Capital, ele avaliaria a situação, falaria com Tristão e convencê-lo-ia a afastar-se daquelas lides, com certeza, reconhecia, perigosas e pouco recomendáveis naqueles tempos de ditadura. Dona Potestade exigiu que o marido telefonasse imediatamente a seu irmão. Aguardou paciente até quando doutor Augusto localizou-o. Dona Potestade ouvia apenas o marido, deduzindo o que lhe respondia o deputado:

— Wagner. . . Tudo bem?

. . .

— Sim, não, nenhum pedido, isto é. . . Trata-se do Tristão, eu. . .

. . .



— Sim, pois é. . . A foto?

. . .

— Parece-lhe grave. . . Liderança? Então. . .

. . .

— Eu lhe ficarei muito grato. . . Potestade, por favor, o endereço da casa de Tristão na Capital, por favor — disse à sua esposa, enquanto tampava o bocal do telefone. — Wagner visitará Tristão ainda hoje, terá uma conversa séria com ele e. . .

— Meu Deus — exclamou a mãe extremosa —, Tristão corre perigo, o que Wagner disse?

— Potestade, o endereço, por favor. Não. . . Sim, Wagner acredita que Tristão se meteu em uma enrascada, contornável, nada grave, ele foi notificado por alguns amigos das Forças Armadas sobre as atividades políticas do sobrinho, esses amigos orientaram-no para que protegesse o parente; ele irá, ainda hoje à casa do Tristão; o endereço, Potestade, por favor!

Fazia calor naquela noite apesar do começo da primavera, Tristão estudava, na sala da república, vestido apenas com uma cueca samba-canção, quando alguém esmurrou a porta com evidente sinal de impaciência. Ícaro saíra, Tristão estava sozinho e assustou-se. Em sua imaginação, aquela forma de esmurrar a porta das casas dos outros seria um costume policial. Vacilou indeciso entre fugir, escapar pelos fundos, ou abrir a porta, quando ouviu:

— Tristão, Tristão. . . É o tio Wagner, Tristão.

O inconfundível sotaque de Nova Barcelona tranquilizou-o, chamavam-no em um tom suave e sincopado, em uma tonalidade familiar, não eram os “homens”, era somente alguém da família, reconheceu a voz do tio que nunca o procurara desde quando se mudara para a Capital. De qualquer forma, atendeu o visitante sem se preocupar com a indumentária sumária que usava, a voz era masculina, deduzira.

Tio Wagner entrou como um vendaval e nem sequer o cumprimentou. Observou o ambiente com ar crítico, avaliou a mesa coberta com livros e cadernos, o sofá forrado com discos, papéis e



jornais velhos, cruzou a sala para examinar a cozinha com a pia entupida de louças por lavar, somente depois do escrutínio, dirigiu-se ao sobrinho:

— Então rapaz, assente-se — ordenou, como se a casa fosse dele. Tristão impressionou-se ao reconhecer o quanto o irmão mais velho de seu pai estava habituado a comandar.

— Um momento. . . Irei ao quarto me vestir, estava estudando para as provas do bimestre, e. . .

— Não se preocupe e assente-se, já vi homens de cueca antes, sente-se, que magreza a sua, hein, rapaz, esporte que é bom, nada? Imagino. Jogo rápido, meu assunto aqui.

Relutante, Tristão acomodou-se na cadeira onde estava antes, a mesa protegia sua nudez do olhar inquiridor do tio deputado.

— Tristão. . . Você perdeu o juízo! Essa passeata, coisa idiota, sem quê nem porquê! Fui procurado por amigos, gente da comunidade de informação, o senhor está sob observação, ameaça à segurança nacional, coisa grave, por uma bobagem, vaidade sua, imagino?

— O quê, tio? Como. . .

— Explico, suspenda tudo, dedique-se aos estudos, você sempre foi primeiro aluno, inteligente, então. . . Bem, em consideração a mim, à sua família, o senhor não será preso, ainda que esteja fichado, sob vigilância. Bem, o recado é direto, não se meta com nenhum tipo de subversão, entendeu? Não pise mais em bagunça, arruaça, entendeu? Por enquanto, meu prestígio ainda o protege, se o senhor prosseguir na carreira da subversão, nesse caso, então, os militares serão implacáveis, eles têm um modo técnico de proceder, diferente do habitual nosso, você me entende?

— Tio, não fiz nada de errado, estávamos defendendo a Universidade, o ministro da Educação nos recebeu, reconheceu a importância do nosso pleito e. . .

— Da boca pra fora, menino! O ministro coronel ambiciona trocar a carreira militar pela política, ele será candidato a deputado, ou a senador, nas próximas eleições, mas não se engane com a fala mansa dele, a linha dura o autoriza a fazer jogo de cena,



mas aproveitar-se-á para pescar os mais afoitos, você me entende, política é um jogo complicado, muito.

— Tio, mas. . .

— Tristão, não tenho tempo para filosofar. Meu recado é direto: sossega o facho, entendeu? Fique fora do movimento estudantil, o governo fará outra limpeza na Universidade, em breve. Portanto. . . o senhor me entendeu?

Tristão resolveu não discutir com o tio. Preferiu calar-se.

Somente quando se dirigia para a porta, o deputado deu-se conta de que o sobrinho mantivera um prudente silêncio. Irresoluto, se deteve com a mão na maçaneta e exortou-o uma vez mais:

— Observe, não estou especulando. Vim aqui para avisá-lo de que os subversivos da Universidade serão detidos, expulsos, presos, o senhor me entendeu?

Sim, Tristão o havia compreendido muito bem, tanto que se vestiu às carreiras e saiu para avisar seus correligionários do perigo. Matias ouviu as informações sem demonstrar ansiedade ou temor, comentou que o tio deputado não mentira para o sobrinho, mas que os policiais poderiam ter exagerado nas ameaças com intuito de intimidar o movimento dos estudantes da Capital que ia de vento em popa, apesar dos tempos difíceis. Em sua opinião, ele, Tristão e aqueles envolvidos apenas com atividades públicas, não deveriam fugir ou esconder-se. Já os implicados com ações ilegais, partidos proibidos, estes, sim, seria conveniente que tomassem precauções. Com a ajuda de Tristão elaborou uma lista sobre os vulneráveis, e dividiram a tarefa de avisá-los sobre a provável onda repressiva.

Pois bem, logo depois desse episódio, dona Potestade encasquetou de obrigar seu filho a abandonar a Universidade da Capital. Tramou transferi-lo para Brazlândia, qualquer outra localidade que não a Capital. E dona Potestade era determinada. Assim, envolveu doutor Augusto, as filhas, amigos, um monte de gente em operações que objetivavam resgatar o filho desviado para o recesso do lar. Tristão reagiu com determinação e impaciência contra a ofensiva materna. Estavam nesta peleja, quando um evento inesperado alterou radicalmente a vida de nosso herói.



O escritor J. Conrad usou a expressão “*cruzar a linha de sombra*” para indicar alguma experiência, vivida com tamanha intensidade, que destruiria a inocência do indivíduo em questão.

— *Depois de um longo período de silêncio, sinto-me obrigado a comentar alguns aspectos que confirmam a hipótese de que nossos personagens são heróis e que nosso romance é de natureza épica. Tudo bem? — perguntou-me meu Espírito de Época em um inesperado surto de boas maneiras.*

— *Sei que seria inútil impedir-lhe qualquer intromissão; assim, fique a vontade, por favor! A casa é sua!*

— *Pois bem, note, observe, mesmo fazendo política, Tristão teimava em conservar sua pureza intacta. Não macular-se é um traço inequívoco de heroísmo, pois bem, manter-se inocente exigia que ele cultivasse uma espécie de idealização do ser humano.*

— *Tristão era um idealista — concordei —, não tinha consciência do imenso esforço mental que fazia para não enxergar a maldade na humanidade.*

— *Sim, foram necessários vários episódios trágicos para que ele examinasse sua adesão acrítica à teoria do “bom selvagem”. Ele acreditava que o ser humano tornar-se-ia ainda melhor por meio de uma educação iluminista. Odiava a violência e fugia do confronto aberto, preferia relações suaves, o diálogo. A primeira pilastra que ruíu foi o conflito com sua família, comprometendo seu modo estrutural de encarar a vida. Quando criança, tinha os pais em um altar sagrado. Eles seriam íntegros, generosos, inteligentes, disciplinados, em suma, um modelo a ser imitado. Com a adolescência e sua gradual abertura para o mundo, os foi descobrindo humanos. Mais grave, descobriu-os autoritários, preconceituosos, quase paranoicos: havia pitadas de racismo no pai e traços de perversidade gratuita na mãe. Na opinião de sua família o resto do mundo seria lama, mediocridade, crime e horror. As irmãs menores, que tanto o admiravam na infância, transformaram-se em cristais de mágoa e ressentimento. Inveja, ciúme, ele não sabia como avaliar a distância que se interpusera entre eles, sen-*

tia que elas o amavam, mas que, ao mesmo tempo, não suportavam percebê-lo feliz.

Surpreendentemente, estávamos de acordo sobre algum tema, tanto que acrescentei:

— *Outro dia, li uma entrevista concedida por um psicanalista em que ele se referiu à dificuldade de muitas pessoas em suportar a felicidade e o prazer alheio. Uma descrição literal da dinâmica afetiva da família de Tristão. Essa espécie de gente, ao perceber sinais de alegria, tenderia a condenar o prazer ou o gozo dos outros. Proibir por proibir; proibir porque, no fundo, os proibidores não poderiam desfrutar a própria vida de maneira prazerosa.*

— *Não seria necessário recorrer a Freud, a Lacan, ou a esse anarquista eslovaco quando estou lhe explicando, tim-tim por tim-tim, o modo de funcionamento de nosso herói!*


Meu Espírito de Época era vaidoso, eu percebera, irritava-se sempre quando eu me valia da citação de algum sábio para contestar ou mesmo para confirmar suas impressões, ele exigia exclusividade afetiva e intelectual, o único mestre seria ele. Indiferente aos meus pensamentos negativos, o Espírito prosseguiu:

— *Intuir sobre esse mecanismo perverso, constatar que a maldade era componente inevitável do comportamento humano, comprometeu a visão otimista de Tristão sobre a humanidade; em compensação, tornou-o mais tolerante.*

Depois de minutos de silêncio, eu estava amuado e não dei corda às especulações do Espírito, ele exortou-me exasperado:

— *Então, vamos com o andor, o senhor espera o quê? Prossiga, vamos!*

Em realidade, mesmo antes deste embate, a relação entre mãe e filho já havia se degradado. Dona Potestade implicara contra o namoro de Tristão com Maria do Pilar, sua primeira paixão, sua primeira experiência amorosa, alguém em quem Tristão depositou confiança total. Naquela época, cada vez que se encontrava com o filho, dona Potestade esbravejava irada contra a entrega “irrespon-



sável” do filho àquela mulher, ofendia-se ao constatar o prazer explícito e desabusado com que Tristão perdia-se na aventura de amar alguém de fora da família Oliveira. Dona Potestade era insistente e argumentava com obsessão, reiterando os mesmos pontos de vista: Tristão estaria destruindo seu futuro, seria um tolo ao não reconhecer que Maria do Pilar era uma aproveitadora. A mãe previa que a moça planejava um casamento às pressas com seu filho, Maria do Pilar seria maligna, aparentava leviandade, entrega gentil, mas, em realidade, seria calculista, insistia possessa a mãe amada, a sedutora diabólica apareceria grávida e seu primogênito seria obrigado a desposá-la. Tristão discordava, defendia-se indignado, entretanto, internamente, talvez influenciado pela insistência com que sua mãe martelava os mesmos argumentos, chegou a admitir a possibilidade de estar sendo vítima de um assédio premeditado, afinal, pouco lhe custara meter-se na intimidade de sua amada, a moça praticamente o seduzira, admitia para si mesmo, ora orgulhoso, ora enojado. De qualquer modo, ainda que a loucura da mãe abalasse sua confiança, jamais atendeu à ordem materna para que se afastasse daquela “doidivas”. Jamais. Ele só se distanciou de Maria do Pilar quando a percebeu hesitante, calculando vantagens e desvantagem em permanecer com o outro, um moleque loiro, e não com ele.

Não bastasse a frente de combate em torno de seus negócios amorosos considerados inconvenientes, dona Potestade também implicara com os amigos de Tristão; particularmente Ícaro passou a desagradá-la. Com aquelas companhias, seu rebento estaria à beira do abismo, no caminho da perdição, terminaria bêbado inveterado ou drogado, lamentava-se de modo compulsivo a mãe desesperada. Doutor Augusto de Oliveira reconhecia haver exagero nos cuidados de sua mulher com a cria, mas escolhia abster-se, não a apoiava nos reproches ao filho, mas tampouco procurava tranquilizá-la, nunca ousava contestá-la com alguma ponderação pacificadora. Maria Angélica e Santina, irmãs de Tristão, apoiavam a mãe de modo incondicional, quando dona Potestade cansava-se de esbravejar, elas a substituíam repetindo acusações contra o comportamento egoísta e irresponsável do irmão.




Com a Universidade se ampliaram os desentendimentos e os embates transformaram-se em altercações ásperas, mãe e filho ber-ravam desaforos pelos corredores da casa em que viviam em Nova Barcelona. Em várias ocasiões, Dona Potestade levantou a mão contra Tristão, chegando a esbofeteá-lo em duas ou três oportu-nidades.

Dona Potestade tinha medo pânico de que o rapaz idealista pudesse transformar-se em mais uma vítima da repressão militar. Viviam em uma ditadura, ponderava a mãe, o filho subestimava o risco à sua integridade ao imaginar que evitando os agrupamen-tos clandestinos estaria protegido. Tristão procurara acamá-la ex-plicando-lhe a linha pacífica que haviam adotado, isto diminuiria o perigo de prisão, tortura ou expulsão da Universidade. Dona Potestade, contudo, não valorizava essas nuances estratégicas.

As relações entre ela e o filho deterioram-se tanto que somen-te se comunicavam por meio de censuras mútuas. Tristão perdia a racionalidade ao discutir com a mãe, ele nunca a informara com detalhes sobre os cuidados que Pilar e ele tomavam em seu relacio-namento. Faltava-lhe coragem para tratar de sexo com dona Potes-tade. A interdição naquela família quanto ao assunto sexo ainda era tabu, somente mencionado quando para condenar o compor-tamento de alguém. Ademais, ele julgava que seus argumentos se-riam inúteis. Dona Potestade não ouvia nada além do seu próprio raciocínio. Era impossível movê-la um centímetro que fosse das opiniões que ia constituindo sobre o mundo. Em função de sua compreensão paranoica dos acontecimentos, ela autorizava-se a intervir com toda energia na vida dos outros, este traço exacerba-va-se, particularmente, quando se tratava da vida de seus reben-tos. Pelo menos, era esta a compreensão de Tristão sobre sua mãe, com ela não haveria possibilidade de busca dialógica da verdade ou da razão.

Assim, as visitas que Tristão fazia à sua casa transformaram-se em um calvário. Ceia de Natal, aniversários, nenhuma cerimô-nia impedia que a conversa casual escorregasse para reprimendas, em tom crescente de agressividade, que a mãe dirigia contra o filho.





Estes enfrentamentos degeneravam em atritos graves, algumas vezes dona Potestade chorava ao final, em várias ocasiões era Tristão que soluçava desesperado. As admoestações bem-intencionadas da mãe e das irmãs feriam-lhe fundo o orgulho próprio, sentia-se um bandido desalmado. Mesmo assim, jamais lhe passou pela cabeça romper com Pilar em virtude da opinião de sua mãe, tampouco pensou em fazer qualquer concessão quanto ao seu estilo de vida, o engajamento moderado em política parecia-lhe um hábito saudável e prazeroso. A final destas contendas prometia-se não responder às provocações da mãe ou das irmãs. Entretanto, não conseguia controlar-se. Sentia uma compulsão irrefreável em responder aos reproches que lhe eram dirigidos. O grave era que, quando respondia, irritava mais ainda dona Potestade. A mãe, ao ser contraditada, sentia-se ofendida e elevava o tom de suas críticas e de suas ameaças. Tristão tentava envolver o pai pensando que ele poderia funcionar como mediador, em dois ou três episódios, convocou-o como juiz, solicitando algum veredicto da figura paterna. Tudo em vão, o pai limitava-se a sacudir os ombros e a emitir um ruído labial de evidente desprezo e desacordo com toda aquela peleja. Cansado destes embates, imaginou que a presença de algum amigo protegê-lo-ia do sermão materno automático, que logo se transformava em briga entre ele a mãe e suas duas irmãs. Ledo engano, verificou. Dona Potestade não recuava diante da presença de estranhos, ao contrário, convocava-os para cerrar fileira na cruzada contra o filho lúbrico e aventureiro. Certa feita, depois de desabafar o rol imenso de preocupações com a conduta de Tristão, a mãe dirigiu-se a Marciano, que passava o fim de semana com a família Oliveira em Nova Barcelona, pressionando-o para que validasse suas conclusões. O rapaz, apesar de seu hábito de franqueza, não conseguiu emitir uma frase com sentido. Gaguejou palavras desconexas e pediu permissão para retirar-se da mesa em que jantavam, alegando necessidade urgente de telefonar para sua família em Brazlândia.

Depois de meses de refrega inútil e desgastante, Tristão resolveu estabelecer paz com seus parentes. Como não admitisse a



hipótese de romper relações com sua família, e como estivesse também determinado a não abrir mão da condução da própria vida, desistiu de contestá-los, resolveu visitá-los somente em ocasiões festivas e demonstrar seu afeto por meio de presentes. Esta atitude conciliadora durou pouco e fracassou com o falecimento de dona Potestade. Uma tragédia que representou a *“linha de sombra”* para Tristão. No concreto, foi seu primeiro julgamento público, sua família acusou-o de um crime terrível: ele haveria contribuído, com seu comportamento irresponsável, para a morte prematura de sua própria mãe.

Em um agosto cinzento, seco, quente, com muito vento e poeira, Tristão resolveu passar um fim de semana em Nova Barcelona. Foi o inferno, mal jogou a valise carregada com a roupa suja na sala da família, dona Potestade atropelou-o com seu amor excessivo, invasivo e insuportável. O filho deveria trancar matrícula, voltar ao lar, abandonar aquela Universidade do diabo. Maria Angélica e Santina, suas irmãs, secundavam a mãe, tão agressivas e intransigentes e impiedosas quanto o modelo original. Elas vociferavam contra o irmão sem piedade nem descanso. Doutor Augusto metera-se em sua biblioteca, nem sequer ouvia os argumentos ou os gritos aflitos de seus familiares. Foi tanto esgoelar, tanta palavra insana que todos se cansaram e pareceram desistir de seus ódios, de seus desafetos, era tudo uma confusão complicada de ser deslindada — haveriam concluído. Tristão saiu com amigos para espairar, a mãe trancou-se em seu quarto, tomou um banho quente, prolongado, e, quando se acalmava, penteando os cabelos marcados por mechas grisalhas, assustou-se ao perceber, no espelho, algumas rugas, pés de galinha, circundando sua boca, olhos, rosto. . . Sorriu triste, quase conformada, apática. Então, de repente, súbito, sentiu uma dor estranha no pé esquerdo, uma fígada que se transmitiu como corrente elétrica diretamente ao cérebro, foi um choque suave, aparentemente, já que, em seguida, a vida mudou por completo: sua imagem no espelho pareceu desmanchar-se em uma neblina conveniente, que lhe escondia a idade, o aspecto cansado, percebeu eufórica. Entretanto, a sensação



agradável durou pouco, segundos; pois, logo em seguida, sentiu as paredes movendo-se, como se estivesse em uma imensa roda gigante e gritou pouco antes de perder a consciência. Fora um aneurisma que se rompera, ela sangrava por uma artéria cerebral, um derrame hemorrágico que lhe roubava a consciência; antes, porém, a mãe gritou, duas vezes, alto o suficiente para que doutor Augusto a socorresse. Desesperado, o advogado carregou-a pelas ruas, como se sua mulher fosse um bebê, um braço sustentando o pescoço, o outro, as pernas, correndo até o hospital, entrou esbaforido pelo pronto-socorro, o médico, doutor Aristóteles, abriu o olho da mulher desfalecida e assustou-se com o enorme de suas pupilas, esferas negras, a íris se fora, o homem gritou “emergência”.

Encontraram Tristão tomando cerveja.

Ele permaneceu no corredor próximo à enfermaria da mãe durante toda a noite. Ao segundo dia, a mãe melhorou, recuperou a consciência, ainda que permanecesse em repouso absoluto. Exigiu avistar-se com os filhos. Abraçou-se a Santina e Maria Angélica, procedia como se tivesse tempo, fazendo tudo com lentição suave. Quando Tristão aproximou-se ouviu a última frase que a mãe lhe dirigiu:

— Meu filho, você está tão feio, esse cabelo de louco, parece uma beirada de rancho. Essas roupas tristes, escuras. Vou lhe comprar camisas de seda coloridas, como as que Robert De Niro usava no filme *New York, New York*. Não se preocupe.

Ao terceiro dia, pela manhã, a mãe morreu sem dar-se conta. Apagou-se em um átimo.

Houve o funeral, apareceram colegas da Capital, Marciano, Lenira, Juliana, Ícaro, Matias e vários outros. Tristão recordava-se principalmente das narinas imensas de dona Potestade, ela deitada no caixão e ele, olhando-a com fixidez, postado aos pés da falecida, a tez pálida, de um branco impossível; as irmãs destroçadas, tristes, perdidas.

Depois, uma semana depois, em um conclave familiar, em que o pai não disse palavra, Maria Angélica proferiu a sentença condenatória: doutor Augusto ajudá-lo-ia com uma mesada, mas





Tristão não deveria aparecer em Nova Barcelona, ele trocara o amor da mãe pelo sexo, pela bunda das mulheres, ele a assassinara; ele, com sua intransigência, fora o responsável pelo passamento da mãe, elas o odiavam, não haveria nada a ser dito entre eles. Naquela noite, Tristão meteu sua roupa em uma maleta, nem sequer imaginou-se com direito a carregar a centena de discos, livros, cartazes, objetos que acumulara ao longo de vinte anos de existência; simplesmente, saiu conforme lhe fora ordenado, e viu-se órfão sem mãe, mas com pai, tias, avós e irmãs que o sentenciavam ao desterro. Ele não pensou em recorrer, em se defender, afinal, no fundo, ele era o mais severo juiz a julgar a si mesmo culpado.

De volta à Universidade, depois do funeral de sua mãe, Tristão tentou desligar-se daquele drama, imaginou-se abaixando a cortina que encerrava aquela tragédia. Doce ilusão. Ele sobrevivia automático, cuidando apenas de seus afazeres cotidianos. Um recurso que lhe ajudou foi eliminar a ideia de futuro, vivia cada momento sem ousar nenhum plano ou sonho. A coisa funcionou durante algum tempo, até, quando, seis meses depois, certa manhã, ao cruzar o pórtico imponente do Minhocão, sentiu animar-se, era o velho efeito energético da Universidade; culpado, perguntou-se agoniado: “A vida vale a pena?”. É que, apesar do luto, a suavidade do outono no cerrado provocara-lhe um sentimento oceânico de prazer e de alegria. Uma sensação que ele não experimentava há meses. Aquela era sua estação favorita, céu claro e luminoso, clima ameno. Ele detestava o desconforto exuberante do verão, a agitação das tempestades e a obrigação em suar e suar. Tolerava melhor o frio e a chuva miúda do inverno. Abril, maio e junho eram seus meses favoritos. Entretanto, sua alegria pareceu-lhe um gesto indecente, inadequado e impróprio. Quase como uma reação simultânea, anuviou-lhe o semblante e sua alegria dissolveu-se. O enredo de seu drama familiar invadiu-lhe, outra vez, o cérebro. A leveza de viver fora maculada pela tristeza de recordar-se da morte de dona Potestade. Lembrar-se do episódio encheu-lhe a alma com um tormentoso sentimento de culpa. Lágrimas escorreram-lhe pela



bochecha, ele não as enxugou porque senti-las descendo pelo rosto aliviava sua dor. Seria remorso aquela tristeza que o afligia? — perguntou-se. Suas irmãs ainda o responsabilizavam pela morte de dona Potestade. E seu pai, doutor Augusto de Oliveira, não movia uma palha para inocentá-lo. E ele mesmo não estava muito seguro sobre sua inocência. Sim, admitia com pesar, durante anos, sustentara um conflito insano com sua querida genitora e de repente ela. . . Apesar da segurança com que havia se defendido dos ataques à sua liberdade, Tristão reconhecia alguma razão nas preocupações de dona Potestade. De fato, seu estilo de vida na Capital poderia ser classificado como temerário. Ele se expusera com descuido macabro, como se o perigo o acalmasse. Convivia com guerrilheiros, falava em público contra o governo, experimentava maconha e cerveja como se estivesse em um balneário suíço. Ele intuía que essa tendência destrutiva em seu modo de ser não escapara à sagacidade de dona Potestade. As mães, ainda que neuróticas, têm uma sabedoria especial e antecipam os perigos que rondam suas crias, e dona Potestade intuía sobre a sua conduta suicida, pensava lastimoso. Recordou-se de como ela se desesperava pela ineficiência de suas advertências para afastá-lo daqueles perigos; por mais se esforçasse, não lograva proteger-lhe daquela escalada de loucuras.

Bem, era uma longa história, consolou-se, lembrando-se dos meandros amazônicos em que se metera para escapar ao controle absoluto que dona Potestade pretendia impor à sua vida.

Pois bem, naquela manhã de abril, enquanto sofria ao recordar-se de haver maltratado sua mãe para além do conveniente, para além do necessário, ainda imerso em elucubrações sombrias, Tristão viu-se obrigado a meter-se em uma aula de neurologia. O professor explicava em detalhes a anatomia e o funcionamento do cérebro. Parecia-lhe que cada imagem projetada na parede era uma fotografia da autópsia de sua mãe. Depois de quinze minutos, percebeu que não ouvira nada da exposição. Levantou-se irritado pensando em lavar o rosto no banheiro, quem sabe a água fria o aliviasse. No corredor encontrou-se com Ícaro animado





como sempre. Cumprimentou-o com *secura* e passou adiante. Ícaro o alcançou e arrastou-o pelo braço, dizendo:

— Que cara de funeral, pelo amor de Deus! Vamos militar, amigo; a militância é uma droga legal e perfeitamente admissível até mesmo em manhãs de maio. Venha, vamos trabalhar!

Tristão se deixou levar pelo amigo, estivera deprimido por meses, reconheceu. Melancólico, muito para além do luto, admitiu.

Ícaro arregimentava companhia para um trabalho na área de humanas. Para atrair público para os atos públicos, organizavam-se grupos de mobilização encarregados de visitar as faculdades. Os agitadores iam de sala em sala, interrompiam o professor, discursavam para a classe, insistindo com as mensagens de defesa da Universidade por meio de ações não violentas e, ao final, orientavam os estudantes sobre como integrar-se ao movimento com segurança. Agradeciam o docente pela gentileza em “ceder-lhes” tempo, apelavam ainda uma vez mais aos brios dos ouvintes e passavam, rapidamente, a outra turma. Aquela atitude surpreendia as pessoas, desde o agitado sessenta e oito, não se viam ativistas expondo-se em público.

Pois bem, naquela manhã, Tristão, Ícaro e outros dois colegas encarregaram-se de “trabalhar” o Instituto de Ciências Humanas. Quando já haviam percorrido algumas salas, foram abordados por três alunas dispostas a ajudá-los na peregrinação. O trio de futuras cientistas sociais dirigiu-se a Tristão e, solenemente, ignorou os demais componentes da expedição. Tal atitude não passou despercebida para Ícaro, lidavam com o amigo gago como se ele fosse o chefe, observou. Cumprimentaram-no com efusão excessiva, pareceu-lhe. Uma morena, estilo *mignon*, dera-lhe um abraço exagerado, muito apertado e muito demorado para uma banal saudação revolucionária, e ainda lhe pregara um longo beijo na bochecha. Tristão manteve a atitude fria, parecia um poste. Ícaro tardou em reconhecê-la: “Ora, ora, se não é outra que dona Juliana em carne e osso, a paixão recolhida de Tristão, a menina de Nova Barcelona que esnoba meu amigo, mas pelo visto — deduziu —, ele poderá voltar ao ataque; essa mulher, sem dúvida,





baba de tesão pelo idiota do Tristão”. Ícaro distraiu-se na contemplação das outras duas, que também lambiam com os olhos a um Tristão empertigado como se estivesse presidindo uma parada militar. Pensou rápido, invejoso: “Duas gatas” — avaliou primeiro a morena —, “nada fora do lugar, olhos azuis, quase roxos, bunda arrebitada e peito bem proporcionado; e essa outra, alta, quase do meu porte, sotaque de gaúcha, sensual a dondoca, corpo seco, mas aproveitável” — calculou, disposto a visitar mais vezes aquela Faculdade maravilhosa.

Tristão recebeu as homenagens sem retribuir às gentilezas que recebera. Aparentava indiferença, ainda que seu rosto estivesse vermelho, corado e suas mãos tremessem tanto que ele as escondeu nas costas. Sua inércia e silêncio prolongados constrangeram a todos, sem saber como proceder, as pessoas apenas miravam umas às outras e o impasse não se resolvia, até quando Juliana, a moça de Nova Barcelona, insistiu:

— Então Tristão, pessoal, a Beatriz e a Susana — disse, indicando suas duas colegas —, nós três fomos eleitas representantes do Instituto de Ciências Humanas junto ao Conselho, gostaríamos de ajudá-los, temos experiência, para nossa eleição percorremos todas as salas, os professores nos apoiaram, vários, bem. . .

Tristão tartamudeou algo próximo a um sim, mas o grupo permaneceu sem iniciativa, até quando Ícaro tomou a palavra:

— Como não, madames! Será um prazer contar com tantas beldades em nossa força-tarefa. Querida Juliana, prazer em revê-la! Não nos encontramos desde aquela famosa viagem de trem. Bem. . . Vamos, pessoal, temos trabalho.

Durante duas horas, circularam pelo Instituto, estiveram em inúmeras salas de aula, conspiraram com professores e alunas simpáticos ao movimento. Ao final, reuniram-se na cantina para um balanço das atividades. Tristão manteve-se calado e retraído. As futuras sociólogas, ao contrário, estiveram animadíssimas. Falavam, riam e, a cada instante, sob qualquer pretexto, agarravam Tristão, ora pelo braço, ora pela cintura, ora pela mão; a cada frase que pronunciavam, faziam questão de acrescentar toques corpo-



rais à comunicação verbal. “E o tonto como um autômato insensível” — observou Ícaro, sem compreender o que se passava com seu amigo. Despediram-se, prometeram encontrar-se no ato público ou na próxima reunião do Conselho de Representantes.

Mal se afastaram, caminhando pelo gramado entre os edifícios da Universidade, Ícaro comentou com Tristão:

— Gostosonas, hein? Cada mulherão, a liderança de humanas é demais, não? Darei um jeito de aparecer no pedaço outras vezes, qualquer missão entre as companheiras conte comigo, sempre alerta! A propósito, a mulherada quase lhe comeu com os olhos e com as mãos, quanta esfregação, hein! Qual delas você vai traçar primeiro?

— O quê?

— Tristão, meu caro — Ícaro respondeu, imitando, em tom jocoso, a voz cavernosa de Matias —, meu dileto amigo, pergunto-lhe, qual daquelas panteras o senhor irá comer? É que estou interessado particularmente na gaúcha, a loirinha, mas como você jogou charme para as três, fiquei confuso, não pretendo atropelá-lo.

— Eu? Não pensei em nada disso, eu. . .

— Não pensou em quê?

— Ícaro, você sabe. . . Eu. . . Bem. . .

— Desembuche, homem!

— Não, bem. . . Eu. . . Eu ainda gosto da Juliana, porém ela não quer nada comigo e. . . Ela tem um namorado firme, um babaca. Bem, fiquei sem jeito ao encontrá-la, me faz mal revê-la, sempre me arrependo. Quando estou pra esquecê-la e a reencontro é como se revisse um filme que termina mal, sempre.

— Bem, então foi isto, nunca o vi tão acanhado, sem graça, e as meninas dando em cima de você, as três! De sedução entendo eu, e, juro, aquelas três mulheres estão todas a fim de ir para a cama com o herói Tristão, não se engane. Inclusive a dona Malvada, todas.

— Não exagere, Ícaro. Não percebi nada disso, elas querem participar do movimento, somos lideranças, você e eu, então é normal que fossem simpáticas, não aconteceu nada, além disso.



— Conversa, Plantinha — Ícaro usava esse apelido sempre quando a ingenuidade lírica de Tristão comovia-o —, conversa pra boi dormir, nem vem que não tem! A moça de Nova Barcelona derreteu-se toda para agradá-lo, dona Juliana e suas amigas, com certeza, todas, molharam a calcinha cada vez que você olhava pra elas. Você é o galã mais inseguro do século, um Don Juan tímido, pelo amor de Deus! E arrume a camisa, que desengonçado — disse, enquanto parava à frente do amigo e examinava-o com olhar crítico. — Você precisa cuidar melhor da aparência, parece que brigou com o espelho, dê um jeito no cabelo, está todo arrebitando, use xampu, ou adote um corte curto, e veja essa camisa — acrescentou —, é uma camisa social e não uma bata indiana! Enfie tudo pra dentro da calça, vamos — como Tristão o contemplasse atônito, ele mesmo tomou a iniciativa de meter a barra da longa camisa branca para dentro do cinto —, você não é alto, assim fica mais elegante, com esse seu estilo desleixado você parece um *beatnik*, e isto está fora de moda.

Tristão não lhe interrompeu o gesto, ainda que o mirasse bestificado, imaginando o que diriam outras pessoas ao perceber aquele gigante de um metro e noventa, porte atlético, olhos verdes, metendo as mãos para dentro de sua calça, enquanto o girava como se fosse uma mãe despachando o filho mirrado e magriçela para a missa de domingo.

Encerrada a sessão de orientação estética para o galã desengonçado, Ícaro retomou o caminho em passadas largas. Tristão correu a suas costas e o interpelou indignado:

— Cara, me diga, me esclareça uma coisa, o que diabos você veio fazer aqui?

— Medicina, ora! Sei lá, um monte de coisas.

— Não, aqui no movimento, no Instituto de Humanas? Por que diabos você se meteu no grupo de mobilização?

— Eu? — Ícaro, pensou em confessar que somente inventara aquela visita para animar o amigo deprimido, mas se conteve e brincou: — Ora, mas claro, para ver as meninas, lógico! O Instituto de Ciências Humanas é o maior celeiro de gatas da Universidade! Eu. . .

— Não acredito! Não estamos de brincadeira aqui, eu. . .



— Qual o problema em unir o útil ao agradável? A obrigação com o prazer? Não seja careta, Plantinha!

— Plantinha, outra vez? Quer me ofender? Quer dizer o quê com esse apelido? Que sou frágil, fraco? Não me encha o saco com essa merda de Plantinha, droga!

— O que posso fazer se você é uma plantinha? Quando olho pra você vejo uma plantinha, Tristão. Frágil na aparência, mas duro como cedro por dentro. Quem sabe, um dia, a plantinha crescerá para ser um carvalho, uma mangueira, um tamarineiro, quem sabe o que brotará no futuro? Você é um mistério, não consigo enxergar o seu devir, o seu depois.

— Não me venha com misticismo descabelado!

— Eu tenho o dom de antecipar o rumo que as pessoas elegerão. Não o destino de cada um, que isso seria demasiado. Eu olho o Antônio Carlos no laboratório e percebo toda a trajetória do idiota, o futuro dele está inscrito no corpo, no modo como ele lida com as coisas e com as pessoas. Olho para o Antônio Carlos e antevejo, daqui a dez, vinte anos, ele será um gordo com três queixos, papada, sentado na sala de estar assistindo à televisão, ao lado de uma mulher obesa e de três filhos gordinhos, terá um emprego burocrático adequado para um médico medíocre. O Manuel de Freitas, outro que não guarda segredo, a vida dele é um livro aberto: carola hoje, reacionário amanhã! Bicha enrustido, tem medo de sexo, será magro e amargo toda a vida, cirurgião, alguma especialidade em que possa extravasar sua perversidade dentro da lei e da ordem, coitada da mulher que se casar com ele, casamento de conveniência. A coitada morrerá virgem ou terá que buscar consolo com o leiteiro ou com o verdureiro.

— Ícaro, não seja preconceituoso! Que maldade! Metralhadora giratória, o que te atacou?

— Certo, admito, a vida às vezes me prega algumas peças e altera o enredo escrito nas estrelas. Veja a Ângela, você me criticou, ou melhor, condenou meu comportamento luxurioso, pois bem, eu a salvei de um amanhã sem sal, sem graça. Não fosse o meu bico, ou melhor, a minha pica. . .



— Pelo amor de Deus, cara, você não se enxerga?

— Verdade, cara! A Ângela era uma virgem vestal, sempre arrumadinha, dedicada aos estudos, iria se casar com outro babaca da mesma laia, um comerciante, alguém certinho, hoje, preocupado em agradar os professores, amanhã, em ganhar dinheiro; um boboca, com certeza, o marido potencial da pobre Ângela. Pois bem, depois de me conhecer, depois do que experimentamos, graças à coragem de arriscar-se comigo, um doido, um tipo sem eira nem beira, mas gostoso, ah, esse detalhe é fundamental, pois bem, graças a essa experiência vital, intensa, quase visceral, pois bem, graças exatamente a essa vivência, ela se vacinou contra a inevitabilidade de um destino de dona de casa, eternamente cuidando dos filhos, comprando móveis novos a cada ano, uma existência previamente traçada em que a única novidade seria a nova decoração da sala de visitas ou a viagem de turismo durante as férias, e ela, na melhor hipótese, seria uma médica a meio vapor, pediatra ou dermatologista, especialidades apropriadas para a mulher, e teriam três filhos iguaizinhos aos pais: um ambicioso, outro ordinário, um terceiro cagão, conservador. . . Tenho esse dom, Plantinha, o dom da profecia, principalmente quando prevejo o futuro de pessoas que sempre foram e serão os mesmos medíocres de sempre, a maioria faz um grande esforço para não correr nenhum risco e, em consequência, resta-lhes permanecerem na mediocridade! Por isso é simples prever o futuro desse tipo de gente. Às vezes, a vida surpreende para pior ou para melhor, por isso, de vez em quando, eu erro, mas, em geral, acerto em minhas profecias existenciais.

Depois desse surto verborrágico, os dois amigos caíram na gargalhada.

Ícaro voltou a caminhar silencioso. Quando estavam entrando no jardim da república onde moravam, voltou-se para Tristão para terminar a exposição sobre o que lhe ia pela alma:

— Já você, meu caro, você é uma incógnita! Hoje, vislumbro somente uma plantinha, mais nada.

— Talvez um cientista reconhecido — brincou Tristão, procurando quebrar a seriedade com que o candidato a profeta pro-



ferira seu vaticínio. Incomodava-o imaginar, ainda quando toda aquela conversa não tivesse um grama de racionalidade, que a cegueira profética de Ícaro pudesse originar-se da antevisão de sua morte prematura: o amigo não o enxergava no futuro porque não haveria amanhã para ele, seria o mais lógico, reconheceu contrariado por deixar-se influenciar pelo tom místico daquela brincadeira em sério.

— Nada — insistiu o profeta em tom dramático.

— Um escritor famoso, um filósofo, um. . .

— Nada — confirmou trágico.

— Que droga, Ícaro, segundo suas premonições não terei futuro; ou seja, o senhor está prevendo minha morte, sem. . .

— Pode ser — respondeu o amigo com as feições alteradas pelo ar de preocupação.

Tristão deu-se conta de que, para seu interlocutor, aquele diálogo não era casual, ao contrário.

— Não sei sobre o significado da minha visão; o que significa enxergá-lo como uma plantinha, verde, esguia, crescendo, encorpando-se, subindo sempre em direção ao sol e à luz? Não se trata, necessariamente, de uma profecia negativa. Sei que você é uma plantinha resistente, teimosa, uma planta que impressiona. O senhor — disse Ícaro, segurando-o pelo colarinho —, Tristão de Oliveira, é um sedutor, um tímido com uma capacidade mágica de prometer a felicidade pra todos que o cercam, sua simples presença transforma o comum e banal em. . . Algo no seu modo de ser transfere interesse e importância ao cotidiano, convivendo com você o cidadão se sente vivo, fazendo parte da história da humanidade. Eu levo a fama, mas o grande sedutor é você, talvez seja sua inteligência, sua capacidade de enxergar a complexidade concreta dos fatos, aspectos positivos e negativos, isto mais sua vitalidade, sei lá. . . Resumindo, você é um feiticeiro, um mágico que não abusa do seu poder de encantamento, característica que o faz ainda mais atraente para amigos, colegas e mulheres. . . As mulheres cagam de vontade de cuidá-lo, de zelar pela plantinha, e os homens, muitos, não se atrevem a agredi-lo, não seria necessário,



não seria conveniente, você espargue essa imagem, uma energia forte, uma mensagem de que se o seguirmos ocorrerá algo inesperado, algo tão importante que seria um pecado maltratar o Plantinha frágil, não sei.

— A acreditar em suas palavras, serei uma espécie de Gandhi brasileiro?

— Não sei, cara! Por que não um político; pode ser; ou, quem sabe, um grande amante, um médico humanista? Sabe-se lá, estou descrevendo a aura que o envolve, estou lhe revelando como se sente a maioria das pessoas que se aproxima de você. Não que ocorra o mesmo com todo mundo, não. Eu. . .

— Tudo bem, Ícaro, tudo bem! Serei sanitarista, um servidor público, como Oswaldo Cruz, ou talvez um médico escritor como tantos e tantos antes de mim — protestou Tristão cansado daquele papo místico.

— Sanitaristas, um burocrata, você? Não combina com seu perfil, de fato.

— Voltando à vaca fria, tudo isso começou porque falávamos do movimento. Então você milita somente para comer as gatas desavisadas?

— Amigo — respondeu-lhe Ícaro sério —, você acredita em política? Eu não.

— Mas, então, que merda o caríssimo senhor D’Lírio está fazendo no movimento?

— Vivendo a vida, Tristão. Simples. O nosso movimento é um barato, muito divertido e útil. Estamos inventando uma nova forma de convivência, a energia que circula entre nós quando cantamos a *Jangada*. . . Enfim, é algo imenso, algo maior do que a potência que circula em nossa comunidade, a “turma da fumaça” é pura diversão, você não percebe? O Matias é um sábio, velhaco, um grande mestre, e você é o seu profeta, tenho muito orgulho em privar da companhia de mestres e de profetas.

— Não exagere, cara — contestou Tristão tão emocionado que encontrou dificuldade para articular seu raciocínio, a sinceridade do amigo desconcertara-o.



Finalmente entraram na casa. Com discrição, Tristão dirigiu-se para seu quarto e postou-se em frente ao espelho do guarda-roupa para observar com atenção o arranjo indumentário sugerido pelo amigo, depois de acertar o cabelo e a camisa avaliou o resultado e gritou:

— Ícaro, lhe parece que assim fico mais elegante?

— *Espírito — chamei-o —, teremos um herói funcionário público?*

— *Não antecipe Chrónos!*

— *É que participo de sua visão espacial do tempo e antevejo vagamente o enredo ainda não escrito. O épico e a burocracia? Nosso romance perderá muito se Tristão transformar-se em um burocrata, em um. . .*

— *Não seja preconceituoso, quantos personagens importantes não foram agentes do Estado? Alexandre, Napoleão, Lênin. . .*

— *A literatura universal tem maltratado a figura do funcionário público. Gogol apresentou-os como uma corja de corruptos, ao mesmo tempo subservientes e autoritários. A síntese da mediocridade humana! Kafka acrescentou-lhes o papel de sofrendores perversos. Graciliano com seu arquétipo, Luís da Silva, demonstrou-nos o aborrecido que é sobreviver em repartições públicas: mesmice, perseguição dos chefes, competição e desconfiança entre os colegas. Uma angústia tudo. Houve até um psicanalista brasileiro, famoso, que os denominou de “funcionários do coração das trevas”, ao estabelecer uma analogia entre o exército de nativos ensandecido descrito por Conrad e os guardiões dos manicômios e hospitais psiquiátricos.*

— *Pense de maneira independente, meu caro escrevinhador! Vejamos, examinemos seus argumentos passo a passo. Estariam equivocados todos os sábios e habilidosos artistas que militaram no serviço público?*

— *Com certeza, não — respondi peremptório e seguro.*

— *Pois bem, cérebro de galinha, e se Tristão imaginasse outras possibilidades para a carreira no serviço público? Outra existência,*



talvez mais romântica, ousada e criativa? Delírio ou possibilidade concreta?

— *Espírito de Porco, Meia-Oito de Araque, de revolucionário não lhe restou nem a retórica! Como conceber um herói funcionário público ou uma existência épica e grandiosa entre escrivainhas, ofícios e carimbos de uma repartição governamental?*

— *Sim, por que não? Se a síntese improvável entre sensibilidade revolucionária e espírito burocrático tem sido tão frequente na história nacional? Há momentos em que o senhor é tão ignorante e autocentrado que se esquece até mesmo da história de seu próprio país.*

— *Não me esqueci não. Carlos Drummond de Andrade sobreviveu anos no Ministério da Educação. Ditadura de Getúlio Vargas e o poeta subordinado ao ministro Gustavo Capanema. Imaginem o escritor lidando com prefeitos, vereadores e políticos, driblando deputados para proteger o chefe!*

— *Pois bem, meu caro, apesar disto, apesar destes obstáculos Drummond foi poeta, escreveu grandes poemas, trabalhou, amou e, de alguma forma, libertou-se do peso morto do cargo. Talvez tenha escapado de obrigações aborrecidas porque o ditador fechou o Congresso e esvaziou a atividade política. Ninguém aparecia nos Ministérios? Não me recordo, até os espíritos são traídos pela memória e, quando isto acontece, a narrativa se confunde, perde em precisão.*

— *Tenha paciência, Espírito! O poeta funcionava, sim, como anteparo para legião de pedintes e de reclamantes somente para poupar o chefe, para proteger o tempo precioso do outro, do político, e não o tempo sagrado do artista criador, esse sim, valioso para a humanidade, para a história da literatura brasileira e para a beleza em si mesma, ou não?*

— *A vida e seus desvios incoerentes. Seria lógico pensar o gênio das letras ocupado como chefe de gabinete? Mordomo de luxo? O gênio, por que não? O tempo de uma vida é curto, mas é também muito longo para gastá-lo todo em atividades criativas ou heroicas, ninguém suporta ser Dionísio durante todo o tempo. Nem Apolo, tampouco. Necessitamos de variedade. Balzac foi um fenômeno, uma exceção, dá a impressão de que dividiu sua existência entre comer e*



escrever romances. Mas e o nosso Carlos? Quando se livrou do encargo aborrecido? Julgo, imagino que assim o fosse pra ele! Somente livrou-se do trabalho penoso com a aposentadoria? Ou haveria jogado a segurança pequeno-burguesa de um emprego público para o ar, passando a viver do produto de sua pena? Cronista e poeta em tempo integral, a partir de quando se autorizou? Por que não antes? Não me recordo da história real acontecida com nosso maior poeta moderno e eterno, ele.

— Às vezes, confundo-me com sua retórica, meu caro Espírito. Seria valioso averiguarmos o modo como gastamos a vida. Mistério misterioso, as escolhas, como explicar? Tristão, por exemplo, a carreira de herói seria desejo dele mesmo ou foi algo imposto de fora? Tristão dá a impressão de um candidato a herói sempre fora de lugar. Meditabundo, quando deveria arrojarse. Sempre com um livro e um caderno em branco, aproveitando intervalos livres na agenda heroica para ler, ler e sonhar. Sonhar em escrever algo algum dia. Que tipo de herói é esse que gasta seu tempo precioso lendo e lendo, estudando dicionários, gramáticas, preparando-se para algum dia escrever, algum dia quando o mundo o dispense da obrigação do heroísmo?

— Narcisismo das pequenas diferenças. . . A sua implicância com Tristão, meu caro escrevinhador, é porque vocês são muito parecidos. Aliás, este foi o principal motivo por que o elegi para essa tarefa, somente agora compreendo minha escolha. De qualquer modo, sigamos com o debate: houve ainda Graciliano Ramos, outro burocrata! O comuna mal-humorado, mas que escrevia como um deus. . .

— Convém não exagerar, Espírito. Ele escrevia bem, muito bem, e, de qualquer forma, também militou no serviço público.

— Ele não foi grande pelo serviço público. Ao contrário, ele perdeu tempo com os processos, horários e repartições. Foi tão oprimido pela necessidade, pela incapacidade do Brasil remunerar seus artistas pelo trabalho com arte, que quase perdemos um gênio. A sorte nossa foi que Graciliano era obstinado, e era capaz de escrever na mesa da sala de jantar, criava obras-primas enquanto a filharada corria em volta. Depois do expediente, sozinho, sentado na mesa da sala, acompanhado por um copo de cachaça.



— *E Mário de Andrade?*

— *Esse pelo menos foi inquieto, não esquentava cadeira em nenhuma repartição e somente aceitava encargos no campo da cultura, música, museus, lugares assim, interessantes, exóticos, com um vago ar boêmio apesar dos corredores e escrivainhas, bem. . . Se todos eles foram heróis, por que não Tristão de Oliveira?*

— *Escritores ou heróis? — perguntei-lhe sentindo que o Espírito perdera aquela discussão.*

— *Vá se catar! Não estamos em uma olimpíada! Que infantilidade, meu caro!*

Ícaro acordou com o sol no rosto. Levantou-se indisposto. Ângela brilhava em luminosidade desnuda, estirada ao seu lado. Dormia de bruços, Ícaro observou-lhe o corpo bem delineado. Sorrindo, acariciou-lhe o cabelo cortado rente, percebeu o quanto custava à dorminhoca abrir os olhos pestanudos. Depois de sacudi-la, encantou-se quando duas esferas de azul cristalizado contemplaram-no com amabilidade:

— E aí? Hora de saltar, moça! Quase meio-dia — disse Ícaro carinhoso.

Rotina de mais um domingo monótono desperdiçado em recuperar-se da ressaca, depois de mais um sábado de excesso. A “turma da fumaça”, ampliada com várias adesões e reconfigurada em função de inúmeras baixas, sustentava, depois de três anos, a tradição da orgia semanal na chácara de Gilberto Alencar. Na noite anterior, haviam se excedido. Houvera uma festa com dezenas de convidados. Cerveja, cachaça e maconha foram consumidas ostensivamente; houve ainda outros estupefacientes à disposição de muitos. Cocaína fora usada com discrição, somente iniciados participaram dessa cerimônia. Pela madrugada, a maioria dos convivas voltou à Capital. Os membros honorários da comunidade ficaram para o pernoite.

Ícaro e Ângela haviam tomado posse de uma dependência no fundo, separada da sede da fazenda. Ícaro seguia entre os fiéis da



comunidade, ainda que se sentisse, com o passar dos anos, incomodado com a companhia daqueles fundamentalistas do culto de Baco. Não faltava aos encontros, mas paradoxalmente, quando imergia naquelas festas afastava-se da turba, enfurnando-se em algum canto com Ângela. O quarto dos fundos servia-lhe de esconderijo quando o aborrecia a “alegria” interminável dos “loucos”.

Naquela manhã, deu-lhe urgência em voltar para casa. Apresou à companheira, ela pretendia banhar-se, ele insistiu para que se vestisse, tomariam uma chuveirada depois. Em alguma padaria, pelo caminho, matariam a fome. A Ícaro repugnava o caos pós-bacanal. O odor de cigarro impregnava tudo, havia garrafas, restos de comida, papéis e barro endurecido em todos os recantos a que dirigia o olhar, uma bagunça. Sua sensibilidade mudara, antes ele se integrava sem traumas à esculhambação ambiental.

Assim, enquanto Ângela, sonolenta, arrumava-se como se tivesse todo o tempo de mundo, ele fez as mochilas, recolheu os pertences esparramados e dirigiu-se para o carro de sua namorada, um fusca novo em folha que lhe fora presenteado pelos pais. Esperava-a com o motor ligado, quando ela lembrou:

— Que agonia, calma, hoje é domingo, Ícaro! Por que a pressa? E o Matias? Ele veio conosco, melhor verificar se não pretende voltar.

— Ele se enganchou com uma zinha, não irei incomodá-lo.

— Perguntar não dói.

— Vá você, então.

— Pelo amor de Deus, não quero vê-lo pelado. Sou mulher, isso é tarefa masculina, anda, passa. . .

Reclamando, Ícaro desligou o carro e saiu à procura do amigo. Na sala, havia alguns casais entrelaçados, além de três ou quatro solitários que dormiam sozinhos. Ícaro meteu-se pelos corredores, examinar os quartos não lhe agradava, teria que meter o nariz na privacidade alheia. No primeiro, ao abrir a porta entreviu um amontoado de corpos com limites imprecisos de tão embolados.

— Suruba da grossa! — exclamou, sacudindo a cabeça com tédio reprovador. Estava para encostar a porta, algum escrúpulo



comandava-lhe o gesto, como se pretendesse manter secreto aquele comportamento desinibido, quando percebeu Lenira entre dois marmanjos. “Pobre garota”, pensou, “perdida, perdida”. Passou ao cômodo seguinte, pares homogêneos, homem com homem e mulher com mulher, ainda que não fosse fácil identificar o espaço privado de cada dupla. “Bem, pelo menos. . .”, ponderou sorridente. Pelo terceiro aposento passou direto, sua intenção era não examinar a suíte, em geral, usada por Gilberto Alencar. Quando se dirigia ao último quarto, ao fundo do corredor, algo estranho obrigou-o a voltar sobre os próprios passos. Pela porta entreaberta, percebeu Carmem, estirada na grande cama de casal, em uma posição incomum. Imediatamente, meteu o rosto para dentro da suíte. Apesar da penumbra, confirmou sua impressão. Carmem Rosada da Cruz aparecia deitada com metade do corpo para fora da cama. A cabeça pendia com os cabelos caindo em direção ao solo. Ícaro assustou-se com seu aspecto trágico, como se houvesse levado um choque elétrico. Aproximou-se cauteloso:

— Carmem, Carmem, Carmem, Carmem, Carmem — chamou-a em murmúrios e depois aos gritos: a palavra “overdose” martelava-lhe o cérebro em mil repetições por minuto.

Gilberto Alencar dormia no chão ao lado da cama. Com o ruído, levantou metade do corpo perguntando em tom lamuriante:

— O que houve? Ícaro? O que foi agora?

Ícaro não respondeu. Apavorado, bestificado, notou que Carmem mirava o vazio com dois imensos olhos arregalados. Debruçando-se sobre a moça, ele repetiu como se fizesse uma invocação mágica:

— Carmem, Carmem, Carmem. . . Oh, meu Deus! — exclamou ao constatar o lábio arroxeadado da mulher. “Overdose”, pensou pela centésima vez, ao reconhecer a fixidez do seu olhar inconsciente, “coma”, diagnosticou, já a sacudindo com energia. “Teria engolido vômito, pela posição?”, imaginou, buscando colocá-la de lado. Entretanto, ao tocá-la sentiu o corpo frio, amaldiçoou o gelado de carne morta e assustou-se, soltando-a em um golpe.



Gilberto, ainda deitado, prosseguia desentendido:

— O que foi, Ícaro? Deixe a Carmem em paz. Basta de foder, já transamos o suficiente para o ano, deixe a menina em paz.

Ícaro não sabia como proceder, somente a olhava e olhava, desejando que aquilo não estivesse ocorrendo, que fosse um delírio, um sonho que se desfizesse à luz do sol. Profissional, obrigou-se a apalpar-lhe as pulsações, “carótida”, recordou-se do que aprendera na Faculdade, estava para tocar-lhe, quando recuou horrorizado. Em seu pescoço estendido havia marcas nítidas de estrangulamento, reconheceu o sinal de violência lembrando-se de fotos que observara no curso de Medicina Legal. Alguém a sufocara com as mãos, havia manchas arroxeadas em torno de sua garganta, com impressões mais fortes e pronunciadas à esquerda. “Alguém, um destro, a estrangulou”, deduziu.

— Aí, meu Deus, meu Deus, meu. . . — repetia e repetia.

— Ícaro, o que foi? Pirou, homem? — reclamava Gilberto Alencar ainda recostado onde dormira.

“Apalpar a carótida”, obrigou-se Ícaro, “quem sabe ainda esteja viva, nesse caso, reanimar”. Quando estendeu a mão, deteve-se indeciso. Procurou algo em volta. Assaltou-lhe a convicção de que aquilo se transformaria em uma investigação policial e não pretendia deixar suas digitais no pescoço da vítima. Encontrou um lenço de seda colorido, tomou-o com se fosse uma luva e realizou as manobras, nenhum sinal de vida, aproximou seu rosto da boca escancarada de Carmem, nenhum alento, tentou o pulso radial, sempre com a proteção do lenço, nada. Mesmo através do pano percebeu a pele fria, “alguém a assassinou há horas, durante a noite, durante a orgia”.

— Ai, meu Deus, meu Deus — repetia e repetia.

Assustou-se quando alguém segurou-lhe o ombro; voltou-se, era Matias.

— Não toque em nada, em nada, Ícaro.

Gilberto se levantara, aproximou-se dos dois homens paralisados ao lado do corpo de Carmem. Quando avistou a figura pálida, com os lábios azulados, o rosto contorcido, os cabelos



pendidos, a boca aberta e os olhos estatelados, tudo indicando morte, Gilberto teve um ataque. Pôs-se a gritar, enquanto esmurrava o peito de Ícaro. Ele debatia-se como se houvesse entrado em convulsão. Logo caiu ao chão, esponjando-se e chorando e berrendo lamúrias sem sentido. Matias abaixou-se e meteu-lhe um tapa no rosto. O homem continuou com a cena. Matias aplicou o mesmo remédio, duas, três vezes; ao quarto tabefe, ele se acalmou, balbuciando:

— Carmem, Carmem, acorde, acorde.

— Ela morreu, cara! Morreu, entendeu? E agora, sossegue, temos que pensar, pensar, acalme-se — vociferou Matias, já se afastando do histérico, abandonado sozinho no assoalho.

Ícaro apontou as marcas arroxeadas no pescoço da menina, não precisou comentar nada.

— Puta merda! Somente nos faltava essa. Um crime! Overdose já estaria de bom tamanho; coitada da Carmem, tão pura, tão babaca, tão *naïf*, tão. . .

— Pelo amor de Deus, Matias! — protestou Ícaro.

Ângela havia se aproximado e, ao dar-se conta da tragédia, precipitou-se sobre o corpo de Carmem, disposta a embalá-la, a reanimá-la. Antes que tocasse a defunta, Matias a deteve:

— Ângela, foi um crime. Não toque em nada, Carmem foi brutalmente assassinada por algum filho da puta; talvez o responsável seja nosso irresponsável e decadente Gilberto Alencar, esse traste humano, esse. . .

— Matias, pare! — ordenou Ícaro, enquanto abraçava Ângela e afastava-a da cena do crime. — Ninguém sabe nada, não tire conclusões precipitadas, não acuse ninguém, não estamos em um jogo.

Gilberto continuava deitado, encolhera-se em posição fetal e resmungava sons ininteligíveis.




Nos últimos anos, Gilberto de Alencar “desbundara”, conforme se usava denominar a metamorfose comportamental daquele que rompia a crisálida de bom-moço para transformar-se em libertino. Gilberto ingressara na Faculdade de Comunicação sendo





um rapaz certinho. Aluno dedicado fizera curso colegial brilhante e fora aprovado nos primeiros lugares no concurso vestibular. Na Universidade, sua primeira mudança observável foram os óculos de intelectual, logo adotou um ar *blasé*, uma atitude afetada e, como era bem informado e culto, não lhe foi difícil posar de crítico de artes. Ao final do primeiro ano, incorporou o modo psicodélico de vestir-se e de comportar-se. Foi um dos fundadores e animadores da “turma da fumaça”. Logo se afastou dos estudos, foi reprovado em inúmeras disciplinas, utilizava o tempo livre para vagabundear, tornou-se um leitor compulsivo de Walt Whitman, recitava *Folhas na relva* aos berros pelos gramados da Universidade. Dedicou-se a estudar música, encantou-se com a flauta doce e com a dança. Por qualquer pretexto, realizava *performances*, em que, vestido de odalisca, bailava ao som meloso de sua própria flauta. Ícaro estimulava-o com elogios; em realidade, seus espetáculos eram mais cômicos do que líricos conforme pretendia o artista caseiro. Parecia um gnomo, barbudo e cabeludo, requebrando-se bêbado e maneiroso. Seus números eram tediosos, o homem não se cansava e, com apenas alguns minutos, a maior parte dos espectadores distraía-se, voltando o interesse para outros assuntos. Entretanto, o bailarino autocentrado continuava voluteando durante horas. Ele transformara a casa da chácara, onde vivia, em uma tenda mágica. Inventara uma decoração exótica. Estendera gaze e organdi, em várias cores, do teto às paredes, e iluminara todos os aposentos com luz indireta, buscando o claro-escuro dos pintores holandeses, dizia. Para completar, armara dezenas de móveis que obrigavam as pessoas a deslocar-se entre corredores virtuais. Quanto mais avançava em seus experimentos artísticos, usando o próprio corpo e sua moradia como telas, mais maneirosos ficavam-lhes os gestos e a voz. Como não lhe faltasse dinheiro, não havia limite para seus devaneios. A cada semana, radicalizava sua pretensão de transformar o cotidiano em uma obra de arte; sonhava com estetizar de modo absoluto a existência.

Ainda durante o período de bom-moço, apaixonara-se por Carmem Rosada da Cruz. A menina também se engraçara com ele,





formaram um casal inseparável, onde um estivesse lá ia o outro atrás. Entretanto, Carmem não experimentou a mesma mutação que o namorado. Ela acompanhava-o em suas excentricidades mais por amor do que por convicção. Ao contrário de Gilberto, vinha de uma família pobre. Os pais viviam no interior de Minas Gerais, haviam se sacrificado para pagar-lhe o preparatório para o vestibular e para conseguir algum recurso que a bancasse na Capital. Tudo para que um dia ela se transformasse em uma médica. Apesar da convivência com Gilberto e do uso eventual de maco-nha, a menina conseguia levar o curso com aproveitamento razoável. Pretendia dedicar-se à pediatria, amava as crianças. Talvez isso explicasse a paciência e, quem sabe, até também o encanto com que ela suportava o comportamento regredido do namorado.



Carmem fazia o tipo gueixa. Pequena e bem proporcionada, era considerada uma das garotas mais apetitosas da turma. Mais de um dos rapazes, em alguma ocasião, havia caído de amores por ela. Uma destas vítimas fora Matias de Alcântara e, ainda que não admitisse abertamente, ele a amava em segredo. Quando ainda calouros, ele fora uma espécie de “guarda-cabaço” de Carmem. Pelo menos, era esse o modo como os pretendentes invejosos se referiam à relação especial que haviam construído: Matias e Carmem passavam todo o dia um na companhia do outro; almoçavam, estudavam e sentavam-se juntos durante as aulas, porém, segundo os detratores enciumados, Matias nunca tocara em sua donzela, apenas a vigiava para que chegasse íntegra a algum príncipe. Para surpresa geral, a menina comportada enfeitiçou-se por um cafajeste. Pelo menos assim Gilberto Alencar era visto por muitos, que nunca lhe reconheceram qualquer qualidade; havia algo de falso em seu comportamento, julgava a maioria. Era confiante, despudorado, sempre à vontade em todo ambiente e em qualquer companhia. Nada o intimidava. E essa arrogância de dono do mundo desgostava a muita gente.

Ícaro adotara-o desde quando o conheceu. Agradava-lhe o potencial lúdico do rapaz. Anteviu o hedonista ainda no ovo, uma companhia para sua inquietante busca pela felicidade. Um com-



panheiro para a procura de um Graal distinto, o cálice da felicidade terrena absoluta e eterna.

Pois bem, durante uma manifestação estudantil em frente ao Teatro Nacional, Gilberto percebeu Carmem. Convidou-a para o cinema, para jantar e a morena, traços rasgados, cabelos lisos e escorridos, nunca mais se interessou por outro homem que não seu namorado. Analisando com seus botões, Matias concluiu que o principal fator para explicar aquela paixão súbita fora a insegurança de Carmem. A menina pobre encantara-se com a exuberância emocional e com a riqueza material do fauno, julgava com condescendência e esperança o apaixonado preterido. De fato, Gilberto Alencar tinha de tudo à vontade: carro, apartamento, chácaras, dinheiro de sobra para o que lhe aprouvesse e o maluco era generoso e mão aberta. Assim, Carmem passou a desfrutar do bom e do melhor. Roupas caras, restaurantes e presentes sofisticados. Conheceu o Rio de Janeiro em um fim de semana prolongado; em outro estiveram em Salvador. Nas férias de dezembro, Gilberto levou-a para espairecer na Europa. Visitaram Roma, Madri e Londres. Não havia como competir com aquela opulência, conformara-se Matias, convencido de que, logo que Carmem desse por si e superasse o deslumbramento com o seu novo estilo de vida, ela retornaria a ela mesma, então Matias teria uma segunda oportunidade. Entretanto, os anos se passaram, Gilberto enlouqueceu, travestiu-se, pintou e bordou, teve amantes, casos, e, mesmo assim, Carmem conservou seu admirável bom humor, além de uma disposição infinita para agradar e perdoar seu amado depois de cada uma de suas repetidas trapalhadas.

Com o tempo a bissexualidade acelerada de Gilberto encontrou uma definição no polo da homossexualidade. Arregimentou um séquito de sílfides, rapazes anoréticos, delicados e histéricos, com quem convivia e, eventualmente, fazia amor. Tudo se complicou ainda mais quando se apaixonou por Rinaldo, filho mais velho do caseiro da chácara de seu pai. Rinaldo fora incorporado à “turma da fumaça”. Os afiliados a essa comunidade pretendiam-se progressistas e sem preconceitos de qualquer sorte, inclusive de





classe social. Assim, tratavam o jovem camponês com uma afabilidade especial. Em pouco tempo, Rinaldo travestiu-se de *hippie* e integrou-se ao grupo. O vestuário foi o que primeiro lhe mudou: ganhou calças desbotadas e camisas coloridas dos seus novos amigos. Gilberto transformou-o em uma espécie de secretário, pagava-lhe mesadas conforme seu humor e segundo o valor que atribuía aos favores que lhe eram prestados pelo jovem consorte. Rinaldo era um rapaz sadio, espigado, adotou os cabelos longos em substituição ao topete à Elvis que usava e provocava suspiros entre as meninas e meninos efeminados. Logo abandonou os afazeres que lhe cabiam na chácara, desapareceu da escola pública e fugiu de sua antiga turma, todos moradores do subúrbio da Capital. Entre outras obrigações, Gilberto encarregou-o de negociar provimento de drogas para a comunidade. Em pouco tempo, Rinaldo habitou-se à cerveja e à maconha diárias.

Uma noite em que estavam somente os três na chácara, Rinaldo, Carmem e Gilberto, depois de uma sessão de álcool e drogas, Gilberto tomou-o pela mão e conduziu-o para o quarto, enquanto desculpava-se com Carmem, que já caíra em um sono leve:

— Querida, um minutinho, em segundos voltaremos, venha Ri, venha, quero lhe mostrar uma coisa.

A mulher não protestou.

Pois bem, a Rinaldo repugnou deixar-se abraçar por aquele sujeito peludo. Apesar de sua aversão, não reagiu aos carinhos de Gilberto. Ao contrário, de tanto o homem esfregar-se contra seu corpo, a certa altura percebeu a própria ereção. Entusiasmado, Gilberto beijou-lhe o pinto, enquanto o untava com óleo balsâmico. Rinaldo penetrou-o com energia irada, observou quando o homem gozava e desmanchava-se sobre a cama. Em seguida, Gilberto caiu no sono. Rinaldo saiu do quarto disposto a sumir no mundo, mudar-se para outra cidade, quando viu Carmem deitada no sofá. Usava um *short* curtíssimo, suas pernas eram lindas, a camiseta branca estava aberta no peito revelando-lhe o seio moreno. Rinaldo aproximou-se envergonhado, estendeu a mão para acariciar-lhe o cabelo, mas recuou, sentia-se sujo, contaminado,





jamais tocaria Carmem sem purificar-se antes. Quando recuava em direção à saída, a moça convocou-o:

— Rinaldo, venha. Venha bobinho. Gilberto não se importa, nada, nadinha.

Abraçaram-se sôfregos e estiveram juntos até a madrugada.

Desde então constituíram um trio funcional. Em geral, Rinaldo atendia Gilberto primeiro. Nunca gozava durante a penetração em seu amo. Assim, guardava-se todo para a noite com Carmem. Após o ato sexual, Gilberto dormia como uma pedra e raramente os perturbava. Em várias noites, Gilberto não voltava para a chácara, envolvido com a rede “folhas na relva”, conforme se autodenominava a turma de homossexuais que se organizara em torno ao seu ativismo.

Naquele sábado fatídico, esse acordo implícito não funcionou. Gilberto bebera e fumara em excesso. Atacara-o uma excitação exagerada, realizou três ou quatro espetáculos solo. Ao final de cada uma dessas apresentações, transou com alguma das figuras diáfanas que bailavam em sua companhia ou aplaudiam-no babando de admiração. Carmem também se embebedara, somente Rinaldo permaneceu sóbrio. Pela meia-noite, Gilberto sentiu-se desesperado, inseguro, foi tomado por uma sensação de desamparo. Nestas circunstâncias sempre se socorria de Carmem. Buscou-a pela festa e encontrou-a cochilando na rede da varanda. Rinaldo a vigiava sentado ao lado. Gilberto a despertou e puxou-a pelo braço para que fossem dormir. Quando Carmem já se levantava, resmungando alguma coisa ininteligível, Gilberto convocou Rinaldo para que ele os acompanhasse até a suíte.

No quarto, Gilberto ajudou Carmem a aninhar-se na cama, acariciou-lhe os cabelos e ela voltou ao sono. Em seguida, lançou-se sôfrego sobre Rinaldo, enquanto murmurava:

— Amor de minha vida, paixão. . .

Rinaldo não se sentia bem, deu-se conta de que não conseguiria uma ereção suficiente para acalmar aquele fauno. Estava nessa agonia, quando um efebo delicado meteu-se no quarto exclamando:



— Giba querido! Te procuro há horas, ah!

Da declaração amorosa passou imediatamente à ação, afastando Rinaldo do objeto de seu desejo. O rapaz não poderia receber presente melhor, deixou os dois entretidos e meteu-se com Carmem na cama. Encostou-se nela com suavidade, procurando não despertá-la, buscava apenas o conforto de fundir seu corpo ao dela. Em minutos, contudo, sentiu-se sojigado com violência. Era Gilberto que o despertava gritando:

— Ri, pelo amor de Deus, venha. Deixe essa ninfomaníaca sozinha, você é meu, meu, venha.

Gilberto arrancou-o da cama. Rinaldo não opôs resistência. Observou que o outro rapaz dormia apaziguado no chão. Ele preparava-se para cumprir sua missão, quando notou assustado que Gilberto permanecera ao lado da cama vociferando ciúmes e sacudindo o corpo de Carmem:

— Olhe aqui, sua bocetuda, o Ri é meu! Meu — dizia aos gritos, enquanto a balançava com energia. Carmem não reagiu. Rinaldo vacilou, não sabia como proceder. Decidiu-se finalmente, agarrou Gilberto pelas costas e arrastou-o para o chão. O amante ciumento deixou-se penetrar sossegado, em seguida dormiu como uma pedra. Rinaldo levantou-se, aproximou-se de Carmem, tocou-a de leve, cochichou algo em seu ouvido, como não houvesse resposta, virou-a de frente, assustou-se com sua imobilidade e com o ar de desespero em seu rosto. O maluco do Gilberto a estrangulou, reconheceu. Preocupado, preferiu desaparecer. Temia ser acusado de violência contra a mulher que amava, “o riquinho perdeu as estribeiras e o pobre pagará o pato”, pensou, decidido a escapar daquela armadilha. Surripou a carteira de Gilberto, esvaziou-a, pegou uma sacola de viagem, abarrotou-a com roupas e partiu sem olhar para trás. Não havia ônibus, ele caminharia até a Rodoviária, uma, duas horas, não importava, aquela fase de sua vida terminara, percebeu, voltaria a empregar-se entre os de sua laia, entre sua gente.

Carmem dormia um estranho sono sem sonhos.

Pois bem, era o corpo dessa figura gentil que Ícaro e Ângela miravam desconsolados. Matias sentia apenas raiva, um desejo



incontrolável de fazer justiça com as próprias mãos, o que implicaria esmagar aquele inseto abjeto que esponjava indigno aos seus pés, imaginava irritado.

A tensão eliminara os vestígios da ressaca com que Matias despertara. Durante a noite, havia bebido um litro de destilado, além de incontáveis cervejas. Fora dormir cedo, aborrecido com a desatenção com que Carmem reagia às suas investidas. Ele aproximara-se dela em várias ocasiões, convidara-a para uma caminhada pelos arredores, depois lhe levava comida, em todas suas investidas fora rejeitado. Carmem evitava-o, constatou. Além disso, incomodou-se com a insistência com que Lenira o apossava. A fada Sininho, conforme Tristão a apelidara, não o deixava em paz. “Fulano que amava beltrano que queria sicrano que, por sua vez. . .”, recitou para seus interiores um Matias desconsolado, ainda que com espírito para citar o poeta mineiro e que fora viver no Rio de Janeiro e. . .

Apesar do ódio, Matias procurou rememorar os episódios da noite anterior. Ele recordava-se de que Gilberto pouco se aproximara de Carmem, estivera ocupado com seus bailados e representações teatrais. O homem vestira-se de cigana, depois de Carmem Miranda, uma homenagem à sua amada, anunciara, cerimonioso, enquanto rebojava pelo salão. Acompanhara-o, todo o tempo, uma legião de efeminados que o perseguia por onde andasse. Brincaram de roda, de esconde-esconde no escuro, abraçavam-se dando gritinhos quando se agarravam. Em mais de uma oportunidade, Matias flagrou-o aos beijos com um ou outro desses seres vaporosos. Inconformado, insistiu com Carmem para caminharem ao luar, ela recusara o convite com delicadeza. Mais tarde, voltou a oferecer-lhe companhia. Nada. Ela esteve todo o tempo à espera de Gilberto. A certa altura do festim, o noivo doídivanas convocou-a para o quarto. Matias percebeu Gilberto arrastando Rinaldo junto. Em seguida, um daqueles rapazes meteu-se no aposento com o trio. Desde esse momento, Matias perdeu Carmem de vista e somente reencontrou-a morta.

Matias tampouco dera atenção a Lenira e ela também perdera a paciência e, em vingança, meteu-se em um bacanal. Dar-se



conta de que aquele comportamento destrutivo da amiga era fruto de sua desatenção, deprimiu-o ainda mais. Além do mais, evitara Lenira em honra a Carmem e ela nem notara seu amor. Por tudo isso ele se embebedara.

Matias somente recuperara a lucidez com o choque de ver a luz de seus olhos para sempre apagada. Voltou-lhe, inclusive, o velho espírito empreendedor, assumiu a liderança sem pedir autorização a ninguém. Ordenou que Ângela despertasse a todos os dorminhocos, que se assentassem na varanda, quem necessitasse de banheiro que buscasse algum fora da casa, ninguém deveria entrar na suíte, não alterar a cena do crime. Ícaro e ele fariam uma varredura em todo o território à procura de vestígios de drogas, somente depois chamariam a polícia.

— Com cuidado, Ícaro. Precaução com suas digitais, entendeu?

— E Gilberto? Vamos deixá-lo ao lado de Carmem? E se ele se levanta?

— Lógico, bem. . .

Enquanto Matias matutava, Ângela aproximou-se consolando Lenira. A menina chorava suave no ombro da amiga. Sem dar-lhe tempo para recompor-se, Matias ordenou-lhes:

— Ângela, Lenira! Alguém precisa cuidar de Gilberto, vocês. Não deixem que se aproxime do corpo. E, por favor, tentem despertá-lo, somente nos faltava a polícia encontrá-lo delirando, desvairado, sairá daqui algemado. Poderiam cuidar disso? Um café, aspirina, o diabo. Depois deem uma olhada nos bolsos e na bolsa dele, vejam se há alguma coisa comprometedora, não metam a pata em mais nada, os investigadores deverão levantar as impressões digitais e, pelo que imagino, nenhuma das senhoras se enfiou na suíte, ontem, certo?

— Não Matias, não, eu. . . Bem. . . Notei algo estranho, tarde da noite, não sei, me levantei para ir ao banheiro e vi. . . Vi o Rinaldo de mochila nas costas, ele sumiu pelo jardim, evaporou — recordou-se Lenira.

— Pelo amor de Deus! — irritou-se Ícaro. — O culpado é sempre o mordomo, o serviçal?



— Não sei, Ícaro! Pode ser — repreendeu-o Matias —, quem sabe? Eu não vi nada, mas um monte de gente, sim. . . Em minha opinião o assassino é esse monte de merda do Gilberto Alencar, eu. . .

— Sabe-se lá — respondeu Ícaro. — Vamos, ao trabalho, quanto mais demorarmos em chamar a polícia será pior.

Ícaro e Matias ensacaram a mão direita e recolheram, em uma vasilha de plástico, baganas, comprimidos e outros vestígios de atividades ilegais da turma da fumaça. Ao meio da lida, ouviram um alarido na varanda. Dirigiram-se incontinentemente para o local da confusão. Várias pessoas ao tomarem conhecimento de que havia uma morta na casa, e de que o óbito ocorrera durante a festa, fugiam agoniados, recolhiam seus pertences, preocupados em não deixar traço de sua presença ou algum objeto que os denunciasse. Matias gritou com sua voz de barítono:

— Sossega, macacada! Acalmem-se, ninguém deverá retirar-se, será pior depois, estamos examinando o cenário, logo chamaremos a polícia e. . .

— Quem é o senhor para nos dar ordens? Vamos, basta de confusão — interpelou-o uma mulher que Gilberto conhecera no movimento pelo livre exercício da sexualidade.

— A senhora, todos vocês, me escutem bem, houve um crime, não se trata de overdose, Carmem foi estrangulada e ninguém sairá daqui. Quem fugir será suspeito; quem não tiver culpa, nada a ver com o assassinato, não precisará se preocupar.

— E quem irá entregar que estivemos aqui? O melhor é arrancarmos rápido, vamos — ponderou uma mulher vestida de cigana.

— Certíssimo, querida — concordou um garoto com a maquiagem tão desfeita quanto uma prostituta depois de uma noite de trabalho duro.

— Erradíssimos, queridos e queridas — interrompeu-os Matias, metendo-se à frente do grupo que já se dirigia para os automóveis estacionados à distância. — Daremos à polícia o nome e o endereço de cada um de vocês, os fujões serão os principais suspeitos.



— Dedo-duro, pelo amor de Deus! Quem diria! Uma liderança estudantil! — protestou um militante.

— Dedo-duro é a vovozinha, houve um crime, mataram a Carmem, e algum canalha irá pagar por isso, espero que a polícia cumpra com seu papel, daremos a lista inteirinha dos suspeitos pra eles. Me entenderam? Hein? Podem se assentar aqui na varanda. Ah, quem tiver algum produto ilegal, queira entregar ao Ícaro, iremos queimá-los ou jogá-los na descarga. Ah — atinou Matias a tempo —, panfleto, livro subversivo, deem uma olhada, a polícia civil trabalha articulada com a política. E talvez estejam mais interessados em pegar algum subversivo que em descobrir o criminoso.

Ícaro, Matias, Ângela e Lenira esquadriharam cada centímetro da chácara. Encontraram um pacote de maconha enrolado em papel celofane suficiente para três ou quatro cigarros — Ícaro atirou-o à privada maldizendo aquela situação que o obrigava a desperdiçar erva sagrada —; ocultaram vestígios de cocaína e três garrafas de lança-perfume vazias. Os demais festeiros assistiam estupefatos à azáfama. Quarenta minutos depois, Matias se dispôs a chamar os policiais. Antes repassaram o depoimento de cada um, relatar a verdade seria o prudente e conveniente, acordaram todos. Omitiriam apenas a utilização de substâncias ilícitas, no mais, cada um dos presentes deveria fornecer um testemunho absolutamente verídico. Matias atribuía o assassinato a algum ato de insanidade do anfitrião ou de alguns de seus convidados para o bacanal na suíte; entretanto, preferiu não manifestar sua opinião. Os demais não sabiam a quem atribuir aquele vandalismo.

Ângela foi eleita porta-voz. Ao telefone gaguejou confusa e teve que repetir a história três vezes, sua voz era quase um sussurro, tanto que a telefonista perguntou se os assassinos ainda estavam no local. Ela esclareceu que não, ninguém sabia sobre os culpados. O acidente acontecera durante a noite, provavelmente, esclareceu.

Em silêncio respeitoso, uma dúzia de marmanjos assentou-se na varanda, aguardando a chegada dos policiais. Esticavam o



pescoço tentando enxergar a estrada. Passados dez minutos, apareceu no horizonte um automóvel negro.

— Que rápidos — estranhou Ícaro. — Parece que estavam no aguardo, de tocaia.

— Não seja idiota — resmungou Matias. — É um carro particular, chique, Lenira! — gritou.

— Sim, o que foi?

— Não pedi que você ficasse de olho no Gilberto?

— E foi o que eu fiz, Matias. Tirei-o do quarto, encostei a porta e o levei para a cozinha, fiz até um chazinho pro homem.

— É! O espertinho encontrou tempo e telefonou pro papai ou pra algum advogado, aposto? Ele é louco, mas não dá ponto sem nó quando em apuros.

De fato, enquanto esse diálogo se processava, um Ford imenso estacionou diante do renque de festeiros boquiabertos. Dois homens apearam. Um motorista uniformizado e o deputado Gilberto Alencar, pai do boêmio arrependido, que usava traje esporte, calça branca, camisa de malha vermelha e mocassim sem meia. Ignorou a dezena de olhos que o contemplavam, não cumprimentou ninguém enquanto gritava:

— Júnior, Júnior, Júnior.

Gilberto Alencar Júnior apareceu transfigurado, parecia um animal com o rabo entre as pernas. Cabisbaixo e com os ombros caídos, nada naquela triste figura lembrava o fogoso bailarino da noite anterior. O deputado abraçou o filho, entrando com ele casa adentro. Não dirigiu palavra aos colegas que assistiam bestificados à cena. Em cinco minutos, chamou seu chofer, o moço entrou na casa com uma valise. Deputado Alencar dependurou-se no telefone e gastou bem outra meia hora em conciliábulos que Matias e Ícaro tentavam captar de orelhada, à distância.

Quarenta minutos depois, ao longe na estrada, surgiu uma caravana. À frente um Opala negro, carro oficial, com chapa do Governo do Distrito Federal: Secretaria de Segurança Pública estava escrito no bronze. Acompanhava-o um carro com três detetives da polícia civil, uma viatura da polícia militar com quatro



soldados uniformizados e portando metralhadoras escuras e um decadente rabeção do Instituto de Medicina Legal. Chegaram em disparada, como se tivessem apuro em salvar vidas. Os pneus guincharam quando estacionaram em fila diante da sede da fazenda. Os policiais militares desceram em guarda, armas em punho e dispostos estrategicamente para que ninguém escapasse sem autorização. Do automóvel oficial desceu um senhor espigado, terno escuro com gravata fina, cabelos emplastados com brilhantina e os indefectíveis óculos escuros. Imediatamente a autoridade acercou-se da outra autoridade presente, o deputado. Doutor Valdir Sequeira Campos era um velho conhecido e aliado político do deputado Alencar. Abraçaram-se e meteram-se na suíte onde ocorrera o crime. Os detetives circulavam pela casa observando tudo.

Para surpresa de Matias e de Ícaro adotaram uma postura pouco profissional. Não portavam nenhum equipamento para recolhimento de provas ou exame de vestígios. Não entrevistaram ninguém, não buscaram impressões digitais, nada. Limitaram-se a caminhar com ar feroz entre os jovens apavorados.

Enquanto aguardavam, Ícaro cochichou com Matias:

— Não há interesse em investigar o crime. Provavelmente porque já têm um culpado.

— Quem? – perguntou-lhe Matias.

— Ora, Rinaldo, o caseiro. Quem mais conveniente?

— Como o criminoso é o filho do homem, acredito que a solução final será não culpar ninguém, assim protegerão ao fauno. Inventarão algo mais simples, a culpada será a vítima.

— Como mais simples?

— Meu caro, observe, em alguns minutos concluirão que não houve crime algum, um acidente, overdose, com isto não haverá autópsia, processo judicial, nada. Lacrarão o caixão da pobre da Carmem e não haverá investigação, tratarão de fechar o caso hoje mesmo, aqui e agora. É muito mais seguro!

— Você é um delirante, Matias. O culpado será o mordomo. Você tem uma imaginação muito fértil, a polícia jamais pensará na solução overdose.



— A polícia não, mas o deputado e o secretário de segurança sim, meu caro! Não subestime a inteligência dos bandidos, nunca.

Ao cabo de quase uma hora, o secretário de segurança, doutor Valdir, chamou o detetive chefe. Outra vez trancaram-se no quarto com o corpo da pobre Carmem. Depois de outra meia hora, finalmente, deram por encerradas as conversações.

O detetive chefe postou-se na frente do grupo assentado na varanda e disse aos boêmios, àquela altura já com ar de vicentinos convictos:

— Os senhores e as senhoras estão dispensados. Qualquer problema, entraremos em contato. Sugiro discrição. Preservar a memória da infausta estudante colega de vocês. A imprensa adora um escândalo, particularmente quando uma futura médica envenena-se. O corpo será encaminhado à família em Três Corações. Um avião da FAB transportará o caixão.

De tão perplexos, ninguém saiu do lugar. Matias ensaiou gaguejar uma pergunta, mas não conseguiu mais do que emitir gemidos sem sentido.

— Toca, toca, moçada. Vamos. Haverá um inquérito para descobrirmos a origem da droga que vitimou a estudante. Em caso de necessidade os procuraremos. Agora, pra casa, vamos, todo mundo!

Foi um corre-corre, todos se apressaram em recolher mochilas, bolsas e outros objetos pessoais, apertando-se, seis ou sete marmanjos, em cada carro estacionado no pátio. Somente Ângela, Lenira, Matias e Ícaro permaneceram paralisados sem saber como reagir àquele conluio. Estavam ainda indecisos, quando Gilberto Alencar Júnior saiu acompanhado pelo pai, que o escoltou até o Ford da família. Parecia outra pessoa. Tomara banho, os cabelos estavam jogados para trás em um penteado simétrico e ordenado. Vestia camisa social branca colocada para dentro de uma calça de casimira escura. Usava sapatos sociais envernizados e cruzou o caminho, até o cadilque, cabisbaixo, sem encarar ou despedir-se dos amigos de outrora.

Ícaro resmungou:



— Que metamorfose! Fantástico!

Em seguida, exclamou indignado:

— Gilberto, adeus! Até logo, ainda nos veremos!

O moço encarou-o antes de assentar-se no banco de trás do carro. O deputado Alencar voltou para junto dos quatro amigos. Abaixou-se e sussurrou com firmeza:

— Evaporem enquanto ainda é possível. Hoje estou em meus dias de santo, bondade pura! Tudo que aconteceu foi obra de vocês, sei muito bem sobre a má influência que os senhores vagabundos tiveram sobre o Júnior. Raspem-se daqui e ai de quem abrir o bico! Fui claro? Hein?

Como ninguém o respondia, Ângela resolveu acalmá-lo, ela temia alguma reação intempestiva de Ícaro ou de Matias. Brincar com a polícia seria suicídio, ela sabia.

— Sim, doutor. Não se preocupe, estamos de saída. Somente gostaríamos de ajudar. Velar o corpo da Carmem, éramos amigas, estamos profundamente abaladas, comovidas, o senhor entende?

— Claro, minha filha. Somente que não haverá velório. A Secretaria de Segurança e a Universidade, falei com o reitor, concederam, em um ato caridoso, generoso, enviar o corpo para a família em Minas Gerais. Devido às circunstâncias, após o laudo pericial do IML, devidamente embalsamada, a família poderá prestar homenagem à pobre vítima.

Os quatro permaneceram atônitos, inertes, sem ânimo para abandonar a amiga em mãos daquele bando de cafajestes. Ante a imobilidade persistente do quarteto, o deputado insistiu:

— Minha filha, qual a sua graça?

— Ângela, doutor.

— Pois bem, querida, empurre seus amigos agora, já, já, para o carrinho de merda de vocês e desapareçam de minha frente para sempre. Estou quase me arrependendo de haver salvado a pele destes dois canalhas vestidos de mendigo em minha frente. Vocês têm cinco, não. . . Dois minutos para levantar acampamento, já pra casa, senão entrego o destino de vocês nas mãos dos meganhas, entendido?






— Sim senhor, é pra já. Vamos pessoal — respondeu Ângela enquanto empurrava Ícaro e Matias em direção ao fusca. Afobada, ralhou com Lenira: — Que diabo, mulher! Me ajude, pegue as mochilas, tudo, vamos.

Quando ainda contornavam a fazenda em direção à estrada, perceberam os funcionários do IML conduzindo uma maca com o corpo de Carmem para o furgão. Mal pegaram o asfalto, Matias teve um ataque, pôs-se a praguejar quanto nome sujo sabia e a esmurrar a banco onde Ângela se assentava. Ícaro estacionou no acostamento, temia chocar-se contra outros autos. Depois de descarregar sua raiva, Matias caiu em choro convulsivo. Lenira observava-o sem reação. Quando o homem acalmou-se, Ícaro voltou a ligar o motor e retomou o caminho.

Viajaram em silêncio, sentindo que assistiam ao fim de um período, terminava uma era, um modo utópico e impossível para humanos existirem.

Nada transpirou sobre o acidente para os jornais. Nem sequer o Boletim da Universidade registrou o falecimento de uma aluna da medicina. Matias, Lenira, Ângela e Ícaro viajaram até Três Corações e acompanharam o enterro. O caixão estava lacrado, dois policiais à paisana vigiaram o esquife todo o tempo, até quando o coveiro cobriu o ataúde com terra. A mãe de Carmem chorou copiosamente durante o funeral, a pobre senhora não compreendia a cadeia de eventos que levava sua filha a óbito. Nenhum dos amigos animou-se a explicar-lhe que a menina fora assassinada por um sádico perverso, por um desvairado que não aprendera a respeitar os outros.


O laudo do Instituto Médico Legal alegou morte por overdose de cocaína. Não fazia referência a sinais de estrangulamento. Arranjar esse enredo para o crime custou caro ao deputado. Algum tempo depois Matias descobriu que a fazenda onde se reunia a “turma da fumaça” fora “vendida” ao doutor Valmir, secretário de segurança da Capital. O detetive chefe do inquérito comprou um carro Mercedes importado logo depois destes infaustos acontecimentos. Gilberto Alencar Júnior não mais voltou à Universidade



ou ao Brasil. Mudou-se para a Europa, passou anos vivendo a expensas do deputado e pai. Consta que teve uma morte prematura ao início da década de oitenta. Faleceu amarelo e encarquilhado como um maracujá, vítima de uma doença desconhecida que lhe atacou o fígado, o coração, os rins, o cérebro, tudo. Alguns atribuíram a exótica enfermidade ao excesso de bebidas e de drogas que consumira em seu exílio europeu.

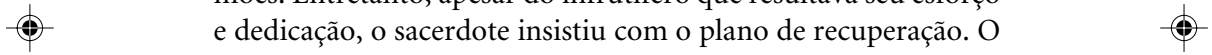
Ícaro e Ângela, sem nenhuma combinação explícita, trataram de cuidar-se com mais ordem e esmero. Ângela transferiu-se com armas e bagagens para a república dos “meninos”. Tristão mudou-se para o pensionato de Frei Tiago para que o casal gozasse de privacidade. Compraram móveis novos, utensílios domésticos e dedicaram-se ao curso de medicina com nova energia. Ícaro meteu-se a estudar francês, resolvera especializar-se em psicanálise; exagerado, resolveu inscrever-se para os Seminários de Lacan, na França. Somente não logrou abandonar a maconha e sua dose habitual de álcool. Toda noite emborcava duas ou três doses de pinga e uma ou duas garrafas de cerveja.

Lenira também mudou de vida, resolveu acertar-se, fazer uma coisa de cada vez. Abandonou as drogas, meteu-se a aprender medicina e, para extravasar o excesso de energia, intensificou seu envolvimento com a política. Quem sabe, esperava com grande esperança, esse novo estilo de vida ministrasse doses diárias de sentido e de significado para sua existência. Em poucos meses, transformou-se em uma militante dedicada, quase uma freira da revolução. Enquanto experimentava essa linha de amadurecimento, caçou o seu príncipe encantado e casou-se com o doutor em física que a amava. Ela sentiu que necessitava de alguém que a cuidasse, que a protegesse da compulsão de enfiar-se em redemoinhos. Seu plano de convivência com o físico gentil e perplexo funcionou bem, nunca mais dormiu com Matias, e logo, dois meses depois do “caso Carmem”, ela e o físico já haviam alugado um apartamento e montado uma casa habitável. Ainda que houvesse estruturado sua vida privada, mesmo assim, Lenira ainda se ressentia do vazio insuportável que a invadia principalmente às noites e, ainda que não



admitisse, ela persistia, de modo inconsciente, em busca de algo que voltasse a iluminar seu cotidiano.

Matias não voltou à Faculdade de Medicina. Envergonhado por haver cedido às pressões da polícia, culpava-se pela convivência com a ocultação do assassinato de Carmem e com a impunidade do seu assassino. Por tudo isto e muito mais coisas, deu para beber desbragadamente. Trancou-se em seu quarto no pensionato, abandonou os estudos, fugiu de toda convivência social, esqueceu-se dos amigos, que por sua vez ocupavam-se todos em sobreviver, em resistir ao vazio social que avassalava o país. Matias cruzou semanas descuidado de si mesmo. Ao cabo de três meses de enfurnar-se na caverna do seu quarto e de seus fantasmas, aceitou comunicar-se com Frei Tiago. O padre era sua única âncora com o mundo. Frei Tiago respeitou o luto e o desespero do pobre. Ele aprendera a arte da paciência. Lidar com pessoas exigia respeito ao tempo de cada um. Assim, todo dia, visitava Matias. Levava-lhe jornais, livros, comida, convidava-o para o cinema, para reuniões. Entretanto, apesar do infrutífero que resultava seu esforço e dedicação, o sacerdote insistiu com o plano de recuperação. O Frei nunca lhe falou sobre religião ou tentou converter-lhe ao catolicismo, aproveitando-se de sua debilidade. Somente mudou a estratégia paciente de insistência persistente quando Matias vomitou sangue e foi removido a um hospital. Depois desse episódio, Frei Tiago tornou-se enérgico. Convenceu-o a retomar a Universidade, como respeitava a decisão tomada pelo infeliz de desligar-se da medicina, apoiou-o para que se transferisse para o curso de jornalismo. Para animá-lo, Frei Tiago conseguiu-lhe emprego em um jornal diário da Capital. O padre conhecia um dos editores, também cristão e adepto da teoria da libertação. Graças à rede de influências do sacerdote, ainda que bastante deprimido, Matias voltou ao trabalho de repórter. A agitação típica da profissão serviu-lhe de lenitivo, esqueceu-se de seus pesares, ainda que nunca mais recuperasse a vitalidade com que cruzara a primeira metade da década de setenta.





— *Pressinto um tom de lamúria em sua narrativa, como se nossos heróis estivessem desistindo de mudar o mundo. Acredito que esse pessimismo é produto de seu próprio desânimo. Não há luta sem derrota, não há. . .*




— *Tudo bem! Passo-lhe a pena, escreva Vossa Excelência o romance, então! Escreva no ar com tinta invisível, já que os espíritos são impotentes diante dos objetos inanimados. O senhor nem sequer consegue segurar um lápis, como poderia redigir um livro inteiro? Portanto, não me desafie.*

— *Que grosseiro, que agressivo! Eu até compreendo o tom fúnebre com que foi redigido o último capítulo, novela noir. Tudo bem, apenas fiz uma observação e não uma crítica. O curioso foi como nossos heróis, uma vez batidos, refugiaram-se em algum sucedâneo da velha e tradicional família! Todos eles recolheram-se ao recesso de seus lares, todos exceto Matias. Estranho esse desfecho, sim. Digo isto porque, em razão de minha própria influência, os heróis e heroínas daquele tempo acreditaram indispensável desligar-se de sua família original. Família, Estado e Propriedade seriam as instituições do mal. Entretanto, observo, com ironia e pesar, mesmo aqueles que lograram libertar-se das obrigações e da convivência familiar, com o tempo, substituiu a família por algum sucedâneo: comunidade, partido revolucionário ou qualquer outro coletivo. Naquele tempo, acreditávamos que a família seria a instituição mãe de todas as perversões. Vida reclusa ao convívio familiar seria igual à infelicidade.*


— *Sim, eu sei. Ainda que incapazes de manejar o mundo inanimado, vocês espíritos são mestres na arte de confundir os seres humanos. Imaginam-se deuses, capazes de saber com antecipação o que seria melhor para a humanidade e para cada um em particular. Pobres dos humanos que caem no canto de sereia dos espíritos: padecem e experimentam um equívoco atrás do outro.*

Meu Espírito de Época não estava propenso à disputa de egos, tanto que prosseguiu com sua arenga como se não houvesse me escutado:


— *Em grande medida, os seres sobre minha influência foram coerentes com a concepção de que a família, a propriedade privada e*



o Estado eram responsáveis pela infelicidade humana, vários jovens seguiram à risca esse preceito da ocasião. Cada um ao seu modo buscou escapar do controle familiar. Além disto, ensinei-lhes a desprezarem a riqueza e o dinheiro; e também a darem banana às autoridades constituídas. A ditadura facilitou-me o trabalho. O autoritarismo daquele tempo favorecia o desprendimento e ainda fomentava o ódio contra toda autoridade. Desprezar o dinheiro foi mais complicado, fui obrigado a encontrar posturas conciliadoras diante do poder do ouro. Alguns jovens, apesar de seu anseio por liberdade, viviam a expensas de suas “famigeradas” famílias; outros, Tristão, Matias, Marciano, entre eles, para sobreviver, foram obrigados a trabalhar ainda quando estudavam. De qualquer modo, pelear contra a família custou-lhes caro. Sofreram dores desnecessárias para descobrirem, com o tempo, quão fantasiosa, desde sempre, era a pretensão de liberdade individual absoluta. Nenhum compromisso, dizia-se. O que aconteceu, de fato, foi que, mal se libertaram de suas famílias biológicas, caíram sob o domínio de outros regimes familiares tão ou mais patológicos do que os originais dos quais haviam escapado.



— Correto — concordei, para surpresa de meu interlocutor virtual —, Matias foi quem melhor resistiu à compulsão humana de agregar-se. Nunca se filou a agrupamento esquerdista ou religioso, tampouco constituiu família, permaneceu solitário a maior parte de sua existência. Ícaro e outros inventaram famílias substitutas por meio da suposta vivência comunitária. Lógico que após a refrega sofrida pela “turma da fumaça”, procuraram outras estruturas para congregarem-se. Ícaro recolheu-se ao seio de sua nova pequena família: Ângela e ele.



— Sim — insistiu o Espírito —, entretanto, Marciano, Lenira e Tristão não se apaziguaram com a solução amorosa. Apesar de encontrarem parceiros, amantes, mesmo assim, não se acalmaram, conforme sói acontecer com os verdadeiros heróis. A convivência amorosa não apaziguou sua agonia. Como lenitivo, procuraram remédio para sua inquietação na política, e como o movimento social entrara outra vez em recesso, socorreram-se de um partido revolucionário. Depois de anos de ativismo independente, terminaram integrando-se a



partidos clandestinos; agrupamentos que, sob vários aspectos, reeditaram o dilaceramento afetivo vivenciado por nossos heróis em suas famílias de origem.

— Heróis incoerentes que não suportaram a solidão e. . .

— Não seja idiota, não deduza de maneira precipitada, retome a história e veja se consegue aprender alguma coisa nova com os fatos concretos. Vamos. . .

Enquanto o movimento estudantil esteve ativo, nossos heróis fizeram política com relativo grau de liberdade, recusando vários convites para ingressarem em partidos de esquerda. Em virtude da ditadura, estas organizações operavam na clandestinidade e, em geral, eram vinculadas a alguma das dezenas de vertentes teóricas em que se dividira o marxismo. Matias de Alcântara fora o fiador da conduta precavida que preservava a autonomia de pensamento e de ação dos jovens ativistas, ele desenvolvera quase que uma teoria sobre a inconveniência da relação de movimentos sociais com partidos políticos. Entretanto, quando a turbulência refluíu e a maioria das pessoas voltou seu interesse para assuntos particulares, as lideranças do movimento estudantil, que se alimentavam e sobreviviam da política e do dinamismo dos impulsos coletivos, sentiram o peso da solidão. A vida pareceu-lhes um deserto aborrecido e tedioso.

Marciano entendia que a melhor forma para enfrentar o tédio ou estados depressivos era a reação da própria vítima. Assim, para ele, sempre esteve claríssimo que fazer política era tão natural quanto alimentar-se. Com esse fim, o cidadão deveria filiar-se a algum partido, o instrumento mais desenvolvido e racional que a humanidade inventara para a gestão dos negócios públicos, acreditava.

O agente responsável pelo enlace de nossos heróis com as igrejas laicas da esquerda foi Facundo Dantas, um estudante de ciências sociais. Facundo era dado a maneirismos. Adorava mistérios, enigmas e códigos. Ninguém conhecia seu endereço ao certo,





duvidava-se até que tivesse algum lugar para morar. Vivia pelos cantos da Universidade, fazia higiene pessoal em banheiros públicos, alimentava-se no restaurante universitário, estudava na biblioteca, em geral, dormia em algum laboratório ou em casa de companheiros. Tinha inúmeros armários espalhados pelo *campus*: um no Centro Esportivo, outro na Faculdade e um terceiro na biblioteca. Neles escondia roupas, livros e apetrechos que utilizava para escrever e desenhar. Era um caricaturista habilidoso e desenvolveu um traço peculiar com excesso de detalhes e de volutas, um estilo barroco, mas que buscava a simplicidade expressiva do moderno. Ele conseguia a proeza de produzir figuras bem definidas ainda que distorcidas pelo humor e alguma dose de impiedade. Em alguma medida, ele repetia esse estilo polimorfo em suas relações sociais.

Marciano e Tristão substituíram Matias de Alcântara por Facundo Dantas como orientador político. Em realidade, depois do assassinato de Carmem Rosada Cruz, Matias afastara-se de tudo e de todos e Facundo, mais ativo do que nunca, elegera-os como alvos para seu trabalho de proselitismo. Facundo, ainda quando não admitisse, era misógino, ou talvez um tanto machista, já que entre tantos heróis em potencial recrutava apenas os marmanjos. As companheiras mulheres, “heroínas meninas”, somente foram introduzidas ao seu convívio, algum tempo depois, por insistência de Tristão e de Marciano.

Facundo era mais velho do que nossos heróis, fora aprovado em primeiro lugar no vestibular de 1968. Em 1969, durante o auge da repressão, passara meses na cadeia, comentava-se que fora torturado barbaramente. Havia controvérsia sobre seu comportamento na prisão. Alguns elogiavam sua postura estoica; segundo essa versão, resistira bravamente a todo sofrimento. Outros apresentavam uma história malévola de acordo com a qual ele haveria aberto a rede do trotskismo para os serviços de segurança. Seus defensores alegavam sua inocência com base na suposição de que foram outros prisioneiros quem haveriam dado com a língua nos dentes. Alguém, antes dele, delatara líderes estudantis, servidores



públicos e operários. Facundo, inclusive, estaria entre as vítimas. Quando foi libertado, prosseguiu em sua militância de um modo bem mais reservado e discreto do que no período anterior. Não participou mais de ações públicas, evitava expor-se. Nem sequer se dispunha a trabalhar com grupos, quatro pessoas pareciam-lhe uma multidão. Sob o pretexto de escapar da vigilância dos órgãos de segurança, especializou-se no artesanato revolucionário. Observava e selecionava, sempre à distância, jovens que lhe pareciam promissores para a luta política. Depois de analisá-los com cuidado, dedicava-se a politizá-los, ofertando-lhes, de início, revistas e jornais. Depois lhes brindava com filmes, músicas e textos revolucionários. Com o tempo, à medida que construía uma relação de confiança, emprestava livros marxistas aos futuros militantes. Tomava o cuidado de encapá-los em papel ou plástico neutro, de maneira a ocultar-lhes os títulos e os autores. Valia-se de manobras complexas para entregar suas encomendas. Certa feita, ofertou para Marciano uma cesta com bananas. O rapaz assustou-se, o que faria com aquela penca de frutas verdes.

— Tome — insistiu Facundo —, é um presente!

— Mas. . .

— Olhe no fundo — insistiu. — Seja discreto.

Embaixo das bananas notavam-se três livros.

Facundo era inteligente, culto e argumentava com a graça de um sofista manhoso ainda que sempre procedesse com o cuidado e a paciência de um experiente pescador. Jamais se precipitava ou demonstrava irritação. Era precavido, em várias ocasiões, quando discutia, interrompia a conversa quando se aproximava outra pessoa. Ainda que fosse alguém de confiança.

Pois bem, com o tempo, Facundo caiu nas boas graças de Tristão. Com o afastamento de Matias e com a fase caseira de Ícaro, Tristão perdera seus principais interlocutores. Facundo falava pelos cotovelos com seu novo “amigo”. Debatiam sobre a conjuntura, sobre política, filosofia e medicina. Facundo perdia a sua fleuma típica somente quando Tristão referia-se a Freud. Quase iam aos tapas. Facundo considerava a psicanálise um amontoado de besteiras:



— Tolices conservadoras, anticientíficas e absolutamente contrárias ao materialismo dialético —, bradava.

Tristão evitava polemizar com o rapaz, ele apreciava companhia inteligente, artigo raro naqueles tempos de pragmatismo exacerbado. Somente perdia as estribeiras, quando percebia Facundo tecendo intrigas contra Matias de Alcântara. Sempre quando debatiam sobre a Universidade ou sobre a situação política do país, temas concretos, Facundo encontrava alguma maneira para depreciar a ação e as opiniões de Matias. Tristão contra-argumentava defendendo as posições do amigo ausente. Como Facundo reiterasse sua crítica sistemática a Matias, um dia, Tristão perdeu a paciência, jogando-lhe na cara uma acusação malvada:

— Também pudera, não, Facundo? Falar é fácil, o difícil é fazer. Teorizar escondido nas catacumbas da Universidade é bem mais simples do que meter o pescoço na guilhotina. Você critica e critica tudo que fizemos. Bem. . . Infelizmente, não notei sua presença nas assembleias ou nas reuniões. E. . .

Tristão interrompeu-se com pena do rapaz. As feições de Facundo haviam se desmanchado e o seu rosto assumiu uma expressão trágica, como se fosse uma máscara de gesso imitando *O grito* de Munch.

— Bem, Tristão — retrucou, com ar ofendido, depois de um silêncio constrangedor —, minha presença prejudicaria o movimento, atrairia a repressão, você sabe disso, desde a minha prisão estou marcado. Se eu houvesse participado do movimento, muitos estariam presos agora, não se engane. Cada um atua como pode e eu. . .

— Sei, eu sei. Me desculpe, Facundo. Não pretendia. . .

Depois daquele entrevero, Facundo desapareceu da vista de Tristão por um mês inteiro. Depois retornou como se nada houvesse se passado.

Apesar destas divergências, a cada semana, Facundo trazia um pacote educativo para o amigo: recortes de notícias sobre a guerra no Vietnã, sempre referentes a vitórias das forças revolucionárias; entrevistas com intelectuais brasileiros ou latino-americanos



no exílio, material proibido, censurado pelo regime militar. Tristão lia o que lhe interessava e devolvia o resto ao misterioso personagem.

Marciano o tratava com reserva, sem, contudo, rechaçar o aliciamento com que o revolucionário também o distinguiu. No fundo, Marciano admirava-o pela inteligência, cultura e dedicação fanática à causa revolucionária. Somente era mais discreto, não confessando suas opiniões àquele estranho militante.

Pois bem, depois de um ano de sondagem, certo dia em outubro, Facundo convocou os dois amigos para uma reunião. Antes exigiu segredo absoluto, não deveriam contar a ninguém o que iriam presenciar:

— A ninguém, entenderam? — insistia com mania. — Nem a Lenira, nem a Juliana, seu Tristão; tampouco a Fátima, nem aos amigos, a ninguém. . .

Como dois noviços prestes a ingressar em algum clube secreto, os amigos concordaram com a condição sem solicitar maiores esclarecimentos, é que estavam morrendo de curiosidade. Há muito tinham certeza de que Facundo pertenceria a alguma poderosa organização secreta, provavelmente ao Partido Comunista, acreditavam. Imaginaram que Facundo os convidava para alguma reunião clandestina, talvez um encontro entre militantes de vários agrupamentos, objetivando reorganizar a luta contra a ditadura.

— Participaremos como independentes — comentou Marciano.

— Como assim? — espantou-se o revolucionário um tanto desentendido.

De qualquer modo, combinaram um ponto onde encontrar-se às quatro horas da tarde. Conforme seu protocolo hermético, Facundo determinou avistarem-se na garagem da Universidade localizada no subterrâneo do Minhocão, local pouco frequentado por estudantes. Fazia calor, nuvens pesadas haviam se acumulado no céu desde a manhã. O mormaço era opressor. Os dois amigos deixaram o laboratório com discrição sem se despedirem dos colegas.

Facundo aguardava-os no sítio aprazado. Estava sério, cenho franzido e expressão preocupada. A cada minuto, olhava por cima



do próprio ombro, farejava espões e vigiava para que não fossem seguidos por policiais. Para diminuir a tensão, Marciano comentou brincalhão:

— Há um clima de golpe; algo no ar. . . Sei não. . .

— Como assim? — assustou-se Facundo. — Alguma notícia?

— Não seja idiota! Estou brincando, veja o céu carregado, nuvens sombrias, ar pesado e todo esse clima conspirativo, sei não?

— Como assim — insistiu Facundo desentendido e com expressão ainda mais preocupada.

— “Há um clima de golpe no ar”, é uma brincadeira que inventamos. Você conhece o Francisco, liderança na Química?

— Sim, é boa gente. Meu amigo, nosso companheiro — respondeu-lhe Facundo com ênfase.

— Sim, ótima pessoa — contestou Marciano risonho. — Pois bem, ele repete e repete essa frase à náusea: “Há um clima de golpe no ar”. Ele é um tanto paranoico, imagina ofensivas repressivas por parte do regime militar ou da reitoria somente em razão de alguma mudança climática: ameaça de tempestade, ventania, tudo lhe serve de pretexto para augúrios sombrios. Em realidade, acredito que o rapaz seja medroso, ou muito precavido, sei lá! Apesar dessa tendência para o pânico, ele insiste em participar do movimento. O problema é que, preso a este tipo de dilema, ele sempre opta pela suspensão de qualquer atividade arriscada. Ele inventou esse bordão para justificar seu cagaço, sempre haveria “um clima de golpe no ar”.

Facundo o olhou com ar de desaprovação, preferindo não prosseguir com a polêmica. Seu senso de humor era stalinista, isto é, não suportava brincadeiras com os dogmas ou com figuras de revolucionários. Ainda apreensivo conduziu os amigos até um ponto de ônibus. Embarcaram para descer cinco paradas à frente, em uma avenida fora do *campus* universitário. Cruzaram a avenida Norte e tomaram outro ônibus que fazia o trajeto de volta ao lugar de onde haviam partido. Desembarcaram, meia hora depois, no mesmo local onde haviam iniciado o périplo. Marciano impacientou-se:



— Facundo, pelo amor de Deus! Que palhaçada é essa?

Silêncio. O dirigente revolucionário não se dignou a responder-lhe. Girou a cabeça em todos os sentidos como se fosse uma agulha magnética de uma bússola enlouquecida, assegurou-se de que ninguém os seguia e, em um gesto furtivo, embrenhou-se por um caminho de terra que seguia entre a vegetação retorcida do cerrado. Tristão e Marciano seguiam-no perplexos, confusos sobre o sentido daquela manobra. Caminhavam em direção ao nada, não haveria onde reunir-se embaixo daquela soleira e àquela hora da tarde, comentaram atônitos, em voz baixa para que Facundo não os escutasse. Três quilômetros adiante chegaram a uma pequena clareira, Facundo examinou a retaguarda, esquadrinhou o espaço em todos os sentidos. Depois de confirmar que estavam sozinhos, levantou uma pedra embaixo da qual havia uma sacola de plástico.

Tristão observava aquele bailado contendo-se para não cair na gargalhada. Há quase uma hora haviam partido da garagem, tomado ônibus de ida e volta e depois caminhado, sob um sol escaldante, durante outra meia hora, pois bem, ele notara que haviam retornado quase ao ponto de partida, andaram em círculos: a clareira distava menos de cinco minutos da garagem de onde haviam partido! Por que Facundo montara toda aquela representação perguntava-se, recordando-se de um poema de TS Elliot:

*“We shall never cease from exploration,
And, in the end of all exploring,
We shall arrive were we started
And know de place for the first time.”*

Marciano, mais pragmático, duvidando entre saber se Facundo fazia-os de tolos para divertir-se ou se lhes testava a fidelidade, perguntou-lhe:

— Amigo, que palhaçada é essa?

Indiferente ao espanto dos seus discípulos, Facundo procedia com a unção de um sacerdote ao celebrar a missa. Com solenidade afetada, abaixou-se para recolher uma pasta escondida debaixo de duas pedras. Limpou-a do pó com sistema e, em gestos



lentos, trouxe à luz uma revista. Afagou-a como se tocasse a hóstia consagrada, depois com cuidado estudado, mostrou a capa aos dois rapazes estupefatos.

De longe, eles notaram a clássica figura da foice e do martelo desenhada em vermelho vivo. Porém, havia algo diferente, um número estilizado, um quatro, pareceu a Tristão, sobrepondo-se ao símbolo do comunismo. Acima em letras amarelas: Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT) — IV Internacional.

Facundo sorria extasiado, os heróis olharam-se desconsolados. Sentiam-se decepcionados, Facundo enlouquecera? Pior, percebiam-se traídos, vítimas de uma manobra sórdida perpetrada por algum grupelho insignificante que, com certeza, julgar-se-ia luz do mundo, caminho para a sabedoria e para a revolução, quando não passaria de outra organização sem importância, sem transcendência.

Facundo ainda sorria quando lhes disse:

— Toquem, leiam! Vocês mostraram-se dignos, combatentes valorosos. Nosso Comitê Central autorizou-me a apresentar-lhes o partido e nossa literatura, olhem! Mas, vejam bem, daqui em diante, vocês deverão respeitar todas as normas de segurança. Primeiro: não têm autorização para apresentar esse material a ninguém; segundo: a qualquer sinal de perigo destruam a revista, queimem sem dó, em nenhuma hipótese isto deverá cair em mãos de repressão; terceiro: transportem-na com a máxima segurança.

Tristão estava chocado. Caminharam em silêncio de volta à Universidade. Facundo, como hábito, desapareceu misteriosamente em umas das encruzilhadas sem revelar seu destino.

— Que droga, Marciano! Um partideco de merda — vociferou Tristão. — Revolucionário e trotskista e operário e que ainda tem um dono, este tal de J. Posadas, quem será esse cara? O homem assina quase todos os artigos da revista. Quantos adjetivos serão necessários para diferenciar um grupelho do outro?

— Calma, rapaz! Não se precipite. Confio no Facundo, ele não é nenhum tonto. Sabe o que faz. Ele havia nos antecipado que a única justificativa para uma organização revolucionária no Brasil



de hoje seria o empenho em unificar os socialistas em um grande partido de esquerda, independente do stalinismo e do controle da União Soviética. Veja o título do editorial da revista: “*Pela organização de um partido operário unificado*”. Às vezes é necessário dividir, separar o joio do trigo, para unir depois.

— É, mas veja o nome pomposo desse agrupamento! Partido disto, daquilo e não sei do que mais! Além do mais é do Trotsky, e os outros teóricos não caberão na organização? Estranho? Se vamos criar um novo partido democrático, socialista e revolucionário, por que nomear-se como sendo um partido com gênero, número e grau? É uma contradição ou não?

— Não sei, cara. Não sei. Sim, acredito, talvez, sei lá! Depois voltaremos ao assunto, preciso saltar.

— Espere, Marciano. Vamos conversar um pouco mais. Estou confuso.

— Não posso, homem, daqui a quarenta e cinco minutos me caso! E ainda tenho que buscar a Fátima no pensionato.

— O quê? — assustou-se Tristão.

— Sim, meu caro. Casamento civil, sem frescura, coisa simples. Resolvemos juntar os trapos. Aluguei um apartamento, uma casca de noz, no Guará. Bairro operário. Compramos mobília, cama de casal, mesa, cadeiras, fogão, geladeira e um berço.

— O quê? — perguntou Tristão ainda mais sobressaltado.

— O que o quê?

— Berço?

— Fátima está grávida, seis meses.

— Mas ninguém notou nada, você não nos avisou. Poderíamos ajudar com o enxoval, presentes de casamento, você é muito estranho, Marciano!

— Bem, preferimos assim. Depois, vocês não têm onde cair mortos, todos. Não se preocupe, Fátima e eu tínhamos economias, sem problema. E festa de casamento é um vício pequeno-burguês. Nada que ver com nada. Até mais, cara.

— Boa sorte, boa sorte, boa. . . — Tristão repetiu o sortilégio como se fosse um mantra. Repetiu-o e repetiu-o até quando



Marciano não mais o escutava correndo para pegar o ônibus que se aproximava.

Três meses depois do encontro secreto no cerrado, nasceu Vladimir, um bebê saudável e tranquilo. O parto foi normal, sem complicação. Marciano estava no banco quando rompeu a bolsa amniótica de Fátima. Ela esperava-o no novo apartamento, quase chamou um táxi pela intensidade das contrações. Suportou tudo com estoicismo. Meia hora antes de o marido chegar, telefonou ao obstetra, um simpatizante do partido comunista, antigo companheiro de Cornélio, avisando-o que estavam a caminho do hospital. Quando Marciano chegou, à meia-noite, tomaram um táxi e, de mãos dadas, viajaram até o hospital da Universidade. Em uma reedição do seu próprio nascimento, novamente, Marciano não celebrou o evento. Nem sequer comunicou aos amigos a chegada de seu primogênito. Dois dias depois, o trio estava de volta para casa. Concederam em contratar uma faxineira para ajudar Fátima com a limpeza pesada durante o primeiro trimestre.





MOVIMENTO EM ADÁGIO
a juventude do herói: uma epopeia?

Sim.

Eu disse a uma amiga:

— A vida sempre superexigiu de mim.

Ela disse:

— Mas lembre-se de que você também superexigiu da vida.

— Sim.

Clarice Lispector, em *A descoberta do mundo*







Apesar da vitalidade aparente, Dedalus tendia para a melancolia. Havia algum tempo andava ensimesmado, comunicando-se pouco com a família. Amabilis atribuía a tristeza do marido a reveses profissionais e financeiros. O escritório de arquitetura e engenharia civil de Dedalus crescera nos últimos anos. Dos projetos de mansões suntuosas para fazendeiros que se mudavam da roça para a cidade, ele conseguira contratos com o governo para construção de pontes e de edifícios públicos.

No último dezembro chovera como há muito não acontecia. Tanto que houve inundações ao longo de todos os córregos, riachos e rios da região. Dedalus havia construído uma ponte ligando dois bairros de Nova Barcelona. No auge da chuvarada, o riacho Pirapitinga, que divide a cidade ao meio, transbordou. Quando as águas abaixaram, metade da nova ponte, recém-inaugurada, havia rodado. A linda obra ficou reduzida a uma ruína. O trânsito foi interrompido, os escombros preservados pelo cataclismo não ofereciam segurança para os transeuntes. Dedalus correu para o local antes que todo o mundo. Passou três horas estudando o cenário de catástrofe. Procurou o prefeito e comprometeu-se em arcar com as despesas para reparação do estrago. Apesar do gesto nobre, a opinião pública não o perdoou. Bisbilhotavam sobre sua incompetência profissional. Alguns perversos asseveravam que o acidente fora provocado pela desonestidade do arquiteto, economizara no cimento para aumentar seus lucros.

A rádio local noticiou o evento. O comentarista político, com tato, mas sem meias-palavras, divulgou acusações contra o



arquiteto. Ainda que considerasse hipotética a culpa de Dedalus, exigiu que o prefeito abrisse um inquérito para apurar responsabilidades. Dedalus deprimiu-se, trancou-se em casa e durante um mês não recebeu amigos nem saiu para o ateliê. Recusava-se a atender telefonemas e não aceitou qualquer visita ou consolo. Depois, voltou a trabalhar; entretanto, continuou fechado em si mesmo. Comunicava-se por monossílabos, comia pouco e até deixou de beber seu uísque regular. Aparentemente, ele recuperava-se do trauma.

Certo sábado, pela manhã, mais ou menos três meses após a catástrofe, ele convidou Ícaro para acompanhá-lo até o barbeiro. Aquele convite surpreendeu o filho, primeiro porque raramente o pai chamava-o para saírem juntos; segundo, porque há menos de uma semana ele havia brigado com metade da Escola para defender a honra do pai, difamado exatamente pela convivência que mantinha com Lenildo Curvelo, um dos sócios da barbearia Colônia do Cerrado.

Fugindo do habitual, o pai não tirou o carro da garagem. Explicou-se com o filho:

— Nada como uma estirada a pé para recompor o ânimo. Vamos andando, precisamos conversar algumas coisas pelo caminho. Enquanto eu faço a barba, você corta esta sua juba, tudo bem?

O arquiteto tinha hábitos sofisticados, barbeava-se, dia sim, dia não, no salão Colônia do Cerrado. Considerava indigno de um cavalheiro o hábito de barbear-se em casa. O negócio pertencia a dois irmãos. Haviam herdado o ofício do pai e funcionavam como dupla complementar. Álvaro era sorumbático; Lenildo, a alegria em cristal puro. A Colônia do Cerrado fora obra de Álvaro, pois, apesar de triste, era pragmático conforme a maioria dos entristecidos. Foi aluno exemplar e filho extremoso, depois cidadão correto sem mácula que o denegrise. Ajuizado, aprendeu o ofício de barbeiro com o pai João Curvelo. Expandiu e modernizou o salão acanhado que o velho deixara-lhe de herança. Álvaro era um geômetra. Cuidava da cabeça dos homens com régua e compasso. Cortes tradicionais, limites marcados, tudo bem defi-



nido. Com o tempo, atraiu para a profissão o irmão desajuizado, que gastava sua mocidade bebendo, jogando e farreando como um desvairado. Como sói acontecer, o quanto Lenildo tinha de boêmio, tinha de jeito para lidar com a beleza. Era um esteta nato. Antes de fixar-se no salão, viajara ao Rio de Janeiro para fugir à boataria que circulava sobre sua conduta sexual invertida. Lá aprendeu novas tinturas, penteados desconhecidos e trouxe aquelas novidades para Nova Barcelona. Esta diversidade de estilos assegurava sucesso ao salão Colônia do Cerrado. Álvaro atraía os conservadores — cabelo e barba bem aparados —; Lenildo captou outra freguesia: jovens rebeldes, afrodescendentes, malandros, viajantes, gente que queria cabelos longos, novos arranjos. A princípio, quando retornou do Rio, a metade séria da clientela ameaçou ir-se. O irmão circunspecto não fez concessão ao falso moralismo daquela parte da freguesia. Álvaro era homem de convicção e, apesar do risco, protegeu o irmão delicado da gana de seus concidadãos em vê-lo destruído.

Dedalus era freguês cativo de Lenildo. As más-línguas de Nova Barcelona murmuravam que na relação entre o arquiteto e o barbeiro haveria algo mais do que somente vínculo profissional. Lenildo era um ser afável, uma figura sem culpa ou ressentimento. Simpático e gentil com quase todo mundo, somente não tolerava os hipócritas. Era de uma delicadeza feminina quando trabalhava. Para cortar uma barba, ele massageava o rosto do sujeito antes e depois do corte. Aplicava cremes e loções com suavidade, enfim, a maioria dos seus clientes entrava em catalepsia quando entregues às suas mãos mágicas. Lenildo era uma figura rara, um ser estranho ao hábito daquela cidade interiorana. Este modo singular de existir, não fazia de sua vida um mar de rosas. Nada disto. Ao contrário. Lenildo era considerado pervertido por não gostar de mulheres e por apreciar fazer sexo com outros homens. Sobreviver com essa diferença custava-lhe cálculo e precaução. Era obrigado a conter-se, a ocultar-se, porque, caso expusesse abertamente sua verdadeira natureza, seria empurrado para uma dolorosa via-crúcis. Seria condenado e crucificado sem tribunal a que



apelar. A opinião pública de Nova Barcelona não tinha complacência com os desviados.

Particularmente depois da queda da ponte, os fofoqueiros deram para condenar a estreita amizade entre o barbeiro delicado e o arquiteto sensível. De fato, Dedalus incluíra Lenildo na turma do “sobrado caixote”, conforme era denominada sua casa modernista entre aquela gente preconceituosa. Quase toda noite reuniam-se para beber, cantar e prostrar, o dono da casa e mais o punhado de intelectuais e artistas da região. Lenildo tocava violão e seu repertório musical era imenso: samba-canção, Noel Rosa, Pixinguinha, não havia chorinho ou bossa nova que ele não reproduzisse com graça e sensibilidade. Algumas senhoras madrugadoras deram testemunho sobre o barbeiro adorado saindo, de modo furtivo, ao nascer do sol, do sobrado do arquiteto. Isto bastou para que murmurassem:

— Coitada de dona Amabilis, além de pândego, um marido marica. Pobre mulher!

Este rumor chegara até a Escola Paroquial onde Ícaro estudava. Pedro Murad foi quem divulgou a fofoca. A notícia espalhou-se com velocidade, este tipo de escândalo não era frequente entre os nova barceloneses. Tanto circulou que chegou a Ícaro. Ele perdeu completamente o controle sobre si mesmo. Virou bicho. Segurou a menina que lhe passara o comentário pelo cabelo, obrigou-a a ajoelhar-se a seus pés, fazendo-a sofrer com a força com que quase lhe arrancou o couro cabeludo. Sojigou-a até quando confessou quem lhe havia passado a informação. Repetiu a intimidação com o fulano citado, que lhe indicou um sicrano, que foi também agredido, até quando Ícaro chegou à fonte: Pedro Murad, aluno do último ano do ginásio e, portanto, mais velho. Apesar da diferença de idade, os dois contendores tinham o mesmo porte. Ícaro esperou o difamador à saída da Escola, atacou-o sem aviso e contemplação. Em cinco minutos, Pedro teve o nariz amassado, rasgada a camisa de uniforme e ainda um olho roxo. Ninguém prestou queixa contra o agressor aos pais. Defender a honra da família era considerado sinal de valentia e de responsabilidade.





Naquela manhã de sábado, durante todo o trajeto até a barbearia, apesar da promessa, Dedalus permaneceu absorto sem dirigir a palavra ao filho. Ícaro não se animou a interpelá-lo, percebera o sofrimento do pai e remoía a cabeça tentando descobrir um modo para consolá-lo. Uma ou duas vezes, o pai desmanchou-lhe o penteado em um gesto envergonhado de carinho.

No salão, Álvaro encarregou-se de aparar o cabelo do filho e Dedalus reclinou-se na poltrona de Lenildo. Ícaro não prestou atenção ao corte do seu próprio cabelo, estava concentrado em observar a relação entre o pai e o barbeiro. Saudaram-se friamente, sem entusiasmo. O pai não disse nada, simplesmente assentou-se e o homem começou o complexo ritual de raspar-lhe a barba: primeiro envolveu-o em um avental branco, imaculado; depois lhe cobriu o rosto com toalhas aquecidas em vapor, enquanto afiava a navalha em um amolador de couro; em seguida, depois de retirar as compressas, veio o trabalho de espalhar creme com um pincel nas mandíbulas e queixo do homem que parecia dormir.

Álvaro terminara seu serviço, Ícaro fingia ler algumas revistas antigas e Lenildo ainda raspava a primeira metade do rosto do arquiteto. O barbeiro saltitava espreitado ao redor do freguês. Manejava a navalha com exagero maneiroso de movimentos. Era quase um bailado, pensou Ícaro. Parecia um beija-flor esvoaçando ao redor do seu pai, incomodou-se. Aborrecido com o espetáculo, afastou-se até uma pequena mesa de sinuca em um canto do salão, posta ali para entretenimento dos que aguardavam a vez. Enquanto tentava, em vão, encaçar uma ou outra bola de bilhar, percebeu Antônio Arcanjo chegando ao salão. O homem entrou desconfiado, olhando cada um dos presentes com seus olhos de urubu. Ele era chefe da Congregação Mariana, famoso pela crueldade e capacidade de envenenar tudo quanto tocava. Dedalus havia publicado uma caricatura dele no jornal local: um retrato distorcido do personagem escondendo-se debaixo da batina de um bispo gordo. Arcanjo nunca perdoara o arquiteto. O homem de terno escuro comentou:

— Bons dias a todos. Álvaro, alguém na minha frente?





— Não, seu Antônio. Terminarei a lavagem do material e atenderei o senhor.

— Muito bem, muito bem.

Fingiu interesse por um número da revista *Cruzeiro*, mas logo voltou a espalhar seu fel:

— E o senhor — exclamou, dirigindo-se a Lenildo ainda envolvido com a barba de Dedalus —, resolveu emendar-se em respeito à memória do senhor seu pai?

Lenildo usava a estratégia da extinção quando provocado quanto a seu comportamento. Sempre que retrucava, terminava perdendo a contenda. Revelava muito de si mesmo e nunca convencia ninguém sobre a lisura de sua conduta. De tanto apanhar, aprendera que a maldade esvaziava-se quando não encontrava oposição indignada. Assim ignorou, com soberba, o interlocutor intrometido. O velho voltou a golpeá-lo:

— Gostaria de lembrá-lo que o senhor está raspando uma barba e não massageando algum amante. Tenha compostura, pare de rebolar, parece uma mulata desavergonhada.

Lenildo sentiu o golpe. Corou-se todo, suspendeu a navalha no ar e olhou o senhor Arcanjo com ódio absoluto. Pensou em retrucar, em correr com aquela escória ameaçando-o com a navalha, mas preferiu a técnica da não violência, da resistência passiva. Deu-lhe um sorriso amarelo e voltou-se para continuar o trabalho. O esforço para se conter tingira-lhe o rosto de roxo. Parecia um peru. Aproximou a mão do queixo de Dedalus e observou que ele olhava-o assustado. Somente então percebeu como suas mãos tremiam. Se continuasse com a raspagem, cortaria a carótida do amigo. Disfarçou a comoção, valendo-se das toalhas úmidas. Com elas voltou a esfregar a metade escanhoadada da face do arquiteto.

O velho voltou à carga:

— Dois sátiros: o barbeiro marica e o outro se aproveitando do dinheiro público. Não foi isto, senhor Dedalus? Foi incompetência ou roubo o assunto da ponte que a água levou?

Não se sabe se o acusador continuaria com sua catilinária,



pois logo depois que pronunciou “água levou” foi atingido na cabeça por um taco de bilhar.

Ícaro indignara-se contra aquele abusado, virara o taco ao contrário e o golpeara com toda a energia produzida pela raiva que aquele estrupício provocara-lhe. O homem levantou-se sem compreender, tinha o olhar estatelado e sangue escuro escorria-lhe aos borbotoes pelo rosto. Deu dois passos na direção do moleque e, simplesmente, desmaiou. Corre-corre.

— Socorram o desgraçado — alguém gritou.

— Bem que ele mereceu! — outro exclamou.

Ninguém, entretanto, tomou iniciativa de examinar o ferido. Dedalus havia saltado da cadeira. Livrou-se do avental e das tolhas e foi o primeiro a debruçar-se sobre a vítima.

— Ícaro do céu, você abriu a cabeça do velho — gritou enquanto tentava aplicar-lhe uma bandagem com uma das toalhas úmidas. — Um carro, um carro. . . Precisamos levar este homem pra Santa-Casa. Rápido, pelo amor de Deus? Liguem pro doutor Generoso.

O ferimento sangrava bastante, mas não fora profundo. Antônio Arcanjo desfalecera mais em função do susto do que da gravidade do golpe. Logo voluntários o meteram em um automóvel; antes, porém, recuperado, ele invectivou contra o homem que se esforçava para lhe estancar o sangramento:

— Tire estas mãos de mim, seu sodomita imundo!

Dedalus permaneceu inerte, parado, até quando Ícaro tomou-o pela mão e disse-lhe com suavidade:

— Vamos pra casa, pai. O senhor precisa descansar. Repousar.

Caminharam em silêncio, com as mãos dadas. Como se o filho zelasse para orientar o pai pelos tortuosos caminhos de sua cidade natal.

Domingo, quando Ícaro se levantou, Rosália e dona Divina estavam de folga, ele deparou com o corpo inerte do pai pendurado em uma corda pendente do lustre da sala de estar do sobrado.



Ícaro notou preocupado que o pai tinha metade do rosto escanhado e a outra metade com a barba por fazer, o que lhe dava um ar desconsolado, um aspecto muito triste de alguém incapaz de cuidar de si mesmo.

Hesitou um décimo de segundo e logo tentou segurá-lo pelas pernas. No esforço tocou a pele do pai, fria como mármore. Então, ele caiu de joelhos e aguardou.

O funeral do arquiteto realizou-se com a maior discrição. Nem sequer publicou-se anúncio do infausto com cruz e tarja negra, na *Gazeta de Nova Barcelona*, conforme costume local arraigado. O velório realizou-se na sala branca do sobrado de concreto. As pessoas que passavam pela rua espiavam com olho comprido pela imensa porta de vidro instalada para assegurar transparência ao ambiente do lar, segundo explicara Dedalus à dona Amabilis quando a proibiu de instalar pesadas cortinas de veludo que assegurassem privacidade à família. Com a ausência de proteção, o que se pretendia reservado acabou reportado para toda a cidade. Não houve padres nem encomendação do corpo. Tampouco havia cruces ou velas e o féretro não passou pela igreja antes de dirigir-se ao cemitério, destino final comum aos novabarceloneses de todas as classes sociais. O defunto fora classificado como suicida, o que azedara ainda mais a relação com a paróquia, que já não tinha Dedalus em boa conta pela sua fama de ateu e boêmio.

Apareceram os amigos de costume: o poeta municipal, o maestro regional, Lenildo e meia dúzia de outros amigos. Os avôs de Ícaro, apesar de idosos, cruzaram impávidos aquela via-crúcis, permaneceram tesos e silenciosos em circunspeção tristonha.

Ícaro, em um impulso, vestiu-se de branco. Camisa, calça, meia, somente o sapato destoava, todos seus calçados eram escuros, pretos ou em vários tons de castanho. Escolheu um marrom claro, penteou os cabelos com simetria compulsiva, jogando-os para trás conforme era hábito e estilo de seu pai defunto. Havia algum tempo, Ícaro adotara moda dos *Beatles*, causando escândalo na Escola Paroquial pelo cumprimento dos cabelos que lhe tapavam as orelhas e pelo corte de uma franja que lhe escondia a



testa imensa. Nessa tarde, a do enterro, sentiu-se obrigado a expor as entradas que já lhe apareciam em dois grandes vês. Ícaro crescera bastante, aos quinze anos alcançara um metro e oitenta, era o maior de sua turma, tinha um corpo magro ainda que rijo em virtude da prática quase diária de natação no clube e de seu gosto por exercícios na barra. Permaneceu todo o velório ao lado da mãe, que olhava tudo com um ar tão triste e distante que parecia velar o corpo do marido somente com o corpo presente. Seu espírito pairava em alguma outra estratosfera. Rosália e as empregadas da casa cuidaram do café, biscoitos e conforto dos visitantes.

Dona Amabilis chorara compulsivamente quando Ícaro acordou-a naquela manhã com a notícia trágica. Ele fora direto ao ponto:

— Mãe! O pai se enforcou no lustre da sala.

— Oh, meu Deus! — respondeu a viúva como se esperasse pela notícia há tempo.

O suicídio de Dedalus marcou uma reviravolta na vida daquela família tão prosaica, mas, ao mesmo tempo, tão estranha aos costumes de Nova Barcelona. A viúva permaneceu lacrimosa e incapaz de qualquer postura prática até quando saiu o féretro com o corpo de seu ex-marido.

Fora Ícaro quem telefonara ao doutor Generoso, logo após abaixar o pai do lustre. O médico apareceu esbaforido em menos de dez minutos. Constatou o óbito e registrou-o como suicídio. Pretendia evitar complicações com a polícia. Ele tinha certeza quanto ao gesto tresloucado do arquiteto. Dedalus consultara-o em duas ocasiões sobre o agravamento de sua disposição melancólica. O clínico aconselhara-o a reduzir o álcool e também a abandonar outros estupeficientes. Recusara-se a medicá-lo com tranquilizantes, estava seguro de que seu paciente ingeri-los-ia junto com generosas doses de uísque. Doutor Generoso tomou a iniciativa de comunicar o incidente ao delegado, tendo em vista a obrigatoriedade em elaborar-se um Boletim de Ocorrência. Mentiu que encontrara o corpo inerte ainda dependurado pela corda, enquanto piscava cúmplice para o menino que o contemplava estupefato,



admirado com a facilidade com que aquele homem assumia riscos somente para protegê-lo. Em seguida, doutor Generoso telefonou à funerária, ordenando que preparassem o defunto conforme o protocolo e ainda assumiu a difícil tarefa de anunciar a tragédia aos pais do arquiteto. Ícaro teve ímpeto de beijar-lhe as bochechas rosadas e já salpicadas pelas marcas marrons da velhice. Entretanto, somente conseguiu dar-lhe um abraço de urso, forte e envolvente. Quando o adolescente robusto liberou o médico franzino, pareceu ao menino perceber lágrimas nos olhos do velho.

Por determinação de doutor Generoso, enterraram Dedalus ao final daquela tarde. O médico não via sentido em passarem a noite velando o suicida. Era muita tristeza, além do mais o homem se matara em torno da meia-noite e fazia calor. Pouco antes de fecharem o caixão, Lenildo solicitou que Ícaro o acompanhasse até o quintal, necessitava comunicar-lhe uma coisa importante.

Ícaro seguiu-o com má vontade. Ainda se ressentia do boato sobre a homossexualidade de seu pai. Lenildo seria o companheiro de veadagem do falecido, pensava irritado. Debaixo de uma velha mangueira, o barbeiro segurou-o pelo braço e murmurou em tom de conspiração, quase sussurrando como se temesse que algum inimigo ouvisse os segredos de estado que reportava:

— Veja, bem. . .

— Sim — contestou Ícaro aborrecido e cada vez mais convencido de que cometera um erro ao dar ouvidos àquele louco. Ademais se sentia nauseado em virtude do odor adocicado que exalava do corpo do barbeiro.

— Veja bem. . .

— Desembuche, cara! — impacientou-se o rapaz. Como o outro não conseguia falar nada, Ícaro encarou-o com a intenção de dizer-lhe algum desaforo. Contudo, o aspecto do seu interlocutor o desarmou. O homem estava rubro, sanguíneo, explodiria a qualquer momento, acreditou; a calota do seu crânio não resistiria àquela pressão, além do mais, lágrimas caudalosas escorriam-lhe rosto abaixo. Teve pena do coitado, resolveu não dirigir seu ódio contra aquela figura que, de um modo ou de outro, amava



seu pai. Tampouco estava disposto a consolá-lo, assim virou-se de costas, pretendo retornar ao velório.

— Um momento, Ícaro. Ainda não o informei sobre o resultado de minha investigação. Um momento, por favor!

— Que investigação? Do que você está falando?

— Sente-se, sente-se e me escute um minuto — disse o barbeiro, agora calmo. — Não acredito que seu pai, Dedalus, tenha se suicidado!

— Pelo amor de Deus, homem! Pensa que ele escorregou e caiu pendurado em uma corda no lustre da sala? E quem fez aquele nó de correr na forca? Quem? Um diabo de nó complicado pra caralho. Um nó que ele me ensinou, mas que eu nunca aprendi. . . Quem?

— Não seja estúpido, moleque — reagiu o barbeiro investigador. — Ele foi assassinado e os criminosos montaram o cenário do crime conforme lhes aprouvesse. Você me compreende?

— Não. Não e não — reagiu ainda mais impaciente o rapaz. Sim, incomodava-o muito aquela história policial, ainda quando a denúncia, apresentada em tom conspirativo pelo barbeiro, correspondesse a seu sentimento interno de filho condoído. Desde que socorrera o pai enforcado, como uma obsessão irreprimível, como um mantra que retornava e retornava, ele acusava a sociedade asquerosa de Nova Barcelona pela morte do pai. Entretanto, sabia tratar-se de um condicionamento indireto. A elite de Nova Barcelona não enforcara Dedalus no sentido literal, apenas o linchara de uma maneira metafórica. Eles levaram-no ao suicídio pela estreiteza de seus valores, pela perversidade com que julgaram a competência do arquiteto quando a ponte ruíra, pela maldade com que condenavam o comportamento livre e libertino do velho, por todas estas mesquinhas, eles o haviam assassinado. Um crime coletivo em que o agente executor fora a mente debilitada de seu próprio pai. E agora vinha Lenildo a atíçar-lhe seus demônios internos, justo quando ele se sentia capaz de controlá-los. Ao longo daquele longo dia, em várias ocasiões, estivera a pique de sair gritando desaforos para um monte de figurões, quisera quebrar-lhes as vidraças, pintar a palavra “infame” na fachada da casa de várias



famílias, escrever “miseráveis” com merda na calçada de um montão de putos, mas não, ele se contivera e, agora, aparecia aquele histérico estimulando-o à vingança, provocando-o para que realizasse façanhas que o barbeiro covarde não teria coragem para executar, “não”, pensou, e “não”.

— Não seja teimoso, idiota. Eu sei do que estou falando. Preste atenção: o prefeito mandou assassinar o seu pai.

— O quê? Ficou louco, Lenildo?

— Não, escute. Tenho investigado, eu já havia informado Dedalus sobre a má intenção do coronel Nhonhô de Castro e do prefeito contra ele. Eles precisavam calar a boca do Dedalus. O prefeito é um pau-mandado do coronel. Todo mundo sabe disso, é um preposto, faz o que seu Nhonhô ordenar. Pois bem, a ponte. . .

— O que tem essa história a ver?

— A ponte rodou porque faltou cimento, areia, material, não pela imperícia do Dedalus. Ele foi um grande arquiteto, um profissional responsável.

— Não me enrole, explique esse negócio tintim por tintim.

— Bem, o projeto do seu pai esteve sempre adequado, correto. O problema originou-se quando o prefeito, a mando do coronel Nhonhô, resolveu roubar parte da verba para a construção. E eles fizeram isto em conluio com o Nelsinho da construtora, encomendavam e pagavam cem sacos de cimento e recebiam somente cinquenta. A diferença era dividida entre o negociante, o prefeito e o coronel.

— Como meu pai aceitou um negócio desses?

— Ele não era engenheiro, era arquiteto. Ademais ele nunca foi bom para administrar nada. O forte dele era o projeto, o desenho, depois de concebida a arte, o cotidiano, tocar a obra, isto tudo ele delegava para algum administrador. E os funcionários esconderam do seu pai que o concreto da ponte era feito de uma massa com mais areia do que cimento.

— Não acredito, que estupidez! — Ícaro não concebia como seu pai se envolvera em uma armadilha tão banal, tão previsível, como fora tão descuidado, perguntava-se inconformado.



— O mais grave, menino, foi que para descobrir essa trama, fui obrigado a conversar com meio mundo, dei gorjeta para um ou dois burocratas, queria ver o processo, a prestação de contas, os recibos, documentos oficiais da prefeitura. Pois bem, alguém deu com a língua nos dentes e o prefeito e o coronel reagiram conforme a lei da selva.

— Como assim?

— Seu pai e eu fomos ameaçados. Um capanga do coronel nos trouxe o recado: para o nosso bem-estar e de nossa família, melhor seria esquecermos o contrato de construção da ponte do Pirapitinga. Senão. . .

— O quê?

— Não seja besta, cara! Você não é ingênuo, sabe como as coisas funcionam aqui em Nova Barcelona, no Brasil. Essa cidade é uma continuação da fazenda do coronel Nhonhô! Eu me fiz de desentendido, prometi cuidar do cabelo e da barba dos meus clientes. Mas seu pai era desaforado, você sabe! Mandou o jagunço para a puta-que-o-pariu, que o bandido dissesse ao coronel que ameaça não funcionava com ele. Como se não fosse bastante tanta valentia inútil, Dedalus procurou o prefeito. No gabinete, aos berros, ele ameaçou Deus e o mundo, acusou o prefeito de, por ganância ou incompetência, haver comprometido a sua honra profissional, de que aquilo não ficaria assim, de que ele reunira provas suficientes para comprovar desvio de verba na construção da ponte. Em realidade, o Dedalus blefava, jamais conseguiríamos comprovar o roubo, menino. Eu havia investigado, me certifiquei da fraude, houve corrupção, sem dúvida, mas prova, aceitável para juiz, tínhamos nenhuma. E o seu pai blefando contra o demo em pessoa. Não contra o prefeito, que é um cagão; mas contra o coronel Nhonhô Alencar de Castro, que é a própria encarnação de Belzebu. Ele manda em Nova Barcelona desde o Estado Novo, desde Getúlio Vargas. Entra prefeito, sai prefeito e o homem sempre por trás, comandando o espetáculo.

— Pode ser, Lenildo. Tudo bem. . . Agradeço a sua confiança, compartilhar comigo toda essa bandalheira. Mas eu socorri o



pai, ele não foi morto por outra pessoa, ele se matou. Ainda que a pressão em cima dele e de nossa família, com certeza, tenha contribuído para. . . para. . . Então, por que você me conta tudo isto agora? Planeja alguma coisa contra o coronel Nhonhô? Quer que eu pegue um revólver e encha o homem de chumbo? Hein?

— Não, Ícaro. Nem eu nem seu pai gostaríamos de vê-lo transformado em um criminoso. Somos contra a violência. Não sei bem por que lhe conto esta história. Talvez, com o tempo, a gente descubra uma maneira política para nos vingarmos do coronel. A cidade não aguenta mais os desmandos dele.

— Se meu pai era contra a violência, por que haveria se enforcado? Droga! Por que, já que queria morrer, não meteu bala no coronel? Com certeza, morreria em seguida com cem tiros. O coronel Nhonhô nunca anda sem seus guarda-costas. Velho nojento!

— Eu conheci o Rio de Janeiro. . . É um lugar diferente. Quem sabe, um dia, chegaremos ao nível de civilização deles. O carioca é um povo livre, alegre e sem preconceitos, foram educados para respeitar os outros: velhos, malandros, músicos, veados, todo mundo lá tem seu lugar. Parece outro planeta, rapaz. Temos muito que fazer aqui em Nova Barcelona.

— Parece discurso de vereador, Lenildo! O problema é que sou menor de idade, nem votar posso ainda, quanto mais me meter em política. O senhor me desculpe, mas quero voltar pra junto da mãe.

Aquela conversa com o barbeiro grudou um desejo de vingança na mente de Ícaro. Todo o restante do velório e durante o féretro e o enterramento no cemitério, ele desligou-se do mundo. Beijou o pai distraído antes que o funcionário da funerária fechasse o caixão; deu o braço à mãe debilitada e conduziu-a ao carro; no cemitério, ajudou-a a descer e a encontrar a sepultura reservada a seu pai, fez tudo de modo mecânico, remoendo mil maneiras para vingar-se do prefeito e do coronel. Imaginou uma emboscada, ele treinaria tiro com uma arma de longo alcance, pegaria o coronel Nhonhô, imaginou emboscá-lo na saída do cinema, o velho não



perdia estreia. Quem sabe fora da cidade, no caminho para o latifúndio do bode. Depois desistiu dessa linha de revanche, seria complicar-se para o resto da vida em função de um mequetrefe. Não, ademais seria assassinado em seguida, isto caso lograsse acertá-lo em algum sítio fatal. Não valia a pena. Pensou em escrever reportagem denúncia e publicar na *Gazeta*. “Mas como — perguntou-se —, se o jornal era financiado pela gente do coronel?”. Pichar os muros da cidade com denúncias contra o coronel, isto seria perigoso, mas possível, talvez encontrasse algum cúmplice, o barbeiro delicado, talvez.

Não houve discurso de despedida, tampouco alguém murmurou alguma oração. Somente o encarregado da funerária estendeu a pá para que o filho jogasse a primeira porção de terra sobre o caixão do pai. Ícaro olhou-o atônito, sem compreender o que esperavam dele. Para sua surpresa, a mãe orientou-o:

— Filho, seu dever. . .

Após a exortação materna, realizou o esperado.

Ainda ensimesmado em imaginar estratégias contra seus inimigos, chocou-se com a inesperada ordem que sua mãe dirigiu-lhe:

— Ícaro, vamos caminhando. Precisamos conversar os dois, acertar alguns detalhes.

Dona Amabilis não usava luto, vestira um vestido leve, cores claras, creme e branco. Percebendo a atenção do filho, ela sorriu-lhe e, em uma tonalidade suave, típica dela, ainda que houvesse alguma coisa diferente no modo dela expressar-se, notou o rapaz, um acento decidido, determinado, embora conservasse a delicadeza habitual, pois bem, com solenidade, em murmúrios que lembravam o roçar de uma seda meiga contra alguma pele terna, ela disse-lhe:

— Filho, eu resolvi algumas coisas sobre nosso futuro. Temos que sobreviver por nossa própria conta. Pensei em conservarmos o sobrado, seu pai punha tanta estima nele, foi a grande obra de sua vida.

— Isto será possível, o pai não tinha dívidas?



— Coisa pouca. Liquidando o escritório, vendendo um ou dois dos terrenos que ele nos deixou, quitaremos todas as contas pendentes. Verifiquei tudo isto com seu Joãozinho, nosso contador. De qualquer modo, teremos que trabalhar. Resolvi montar uma loja de roupas, uma espécie de boutique, em Nova Barcelona já cabe um negócio de modas, bom gosto. Irei a Brazlândia a cada mês para escolher a mercadoria. Já temos o local, seu pai vinha aplicando suas economias no ramo imobiliário, ele comprou duas casas e quatro terrenos. Uma delas é no centro, em frente ao Jardim. Ótima localização.

— Mas, mãe, a senhora não tem experiência com comércio, é um mundo bruto, competitivo, a senhora. . .

— Estou decidida, Ícaro. Não há volta atrás. Combinei com meu pai, ele me ajudará com o capital, dinheiro suficiente para reformar a casa, divulgar o negócio e comprar o primeiro estoque.

— Mãe, e o que a senhora entende de moda? A juventude mudou muito, há anos a senhora, praticamente, não sai de casa e. . .

— A vontade é a mãe da iniciativa, meu filho! Eu preciso, eu quero ser uma mulher independente. Eu confiava muito em seu pai, muito. Não no sentido tradicional, sei que tinha amantes às pencas. Eu acreditava na lealdade dele em outro sentido. Ele jamais me explorou, ao contrário, ele permitiu, durante todos estes anos, desde que nos casamos, que eu vivesse em uma redoma de tranquilidade, lendo, meditando, cultivando flores, meu jardim. . . Bem, isto acabou, o mundo é cruel! Dedalus foi um caso à parte, doido de varrer, mas generoso. Pois bem, filho, eu não quero depender de ninguém, necessito ganhar dinheiro para manter o sobrado e assegurar sua educação, você irá à Universidade, estudará fora. O que a gente não sabe fazer, a necessidade nos obriga a aprender. Prestei tanta atenção na conversa com seu Joãozinho que já estou entendendo algo de contabilidade. Meu pai me orientará com os bancos, lidar com dinheiro. E quanto à moda, já consegui um assessor, o Lenildo é o maior entendido em alta moda do estado, ele sabe sobre todos os lançamentos, tendências de cada gera-



ção, marcas de prestígio, ele não somente apoiou minha ideia, como se dispôs a me ajudar.

Ícaro estava surpreso, talvez “estupefato” descrevesse melhor o espanto com que ele ouvia sua doce e suave mãe declarar-se doravante provedora do lar. Aquela disposição assustava-o, mas também lhe infundia ânimo, como se, de repente, houvesse sentido em sobreviver ao pai, em resistir aos percalços da vida. Restava-lhe, contudo, um travo amargo: como a mãe ousava associar-se ao caso amoroso do seu pai? Em virtude do pragmatismo necessário a qualquer negociante, estaria ela obrigada à convivência com um dos responsáveis pela desgraça do seu pai? Ícaro era impetuoso, não guardava para amanhã o que houvesse que despejar no momento, assim, quase que automaticamente, interpe-
lou a mãe:

— Mas, dona Amabilis, pelo amor de Deus! Esse Lenildo. . .

— O que tem o Lenildo? — atalhou a mãe em um tom ríspido, estranho ao seu feitio.

— Ora, mãe, não dê uma de ingênuas, principalmente agora que resolveu voltar ao mundo dos vivos, todo mundo, em Nova Barcelona, todo mundo sabe do caso do Lenildo com o pai, ainda semana passada quase arrebento o Pedro Murad de pancada. . .

— Em defesa da honra da família? Tolo tem sido você, seu pai nunca transou com homens, Ícaro. Não seja besta! Nem todo arquiteto é homossexual, isto é preconceito dessa cidade arcaica. Seu pai era amigo do Lenildo, ele defendia-o, gostava muito da companhia de gente sensível, artística, coisas assim. O seu pai, Ícaro, foi um mulherengo de marca maior. Sempre dividiu sua cama com duas ou três ao mesmo tempo, casei com ele sabendo disto e, juro, que não foi difícil suportar o ciúme. Eu sabia que nossa relação era diferente, pra além do sexo. Seu pai conversava comigo todo dia, abria seu coração, eu sabia sobre seus medos, esperanças e frustrações. Essa era nossa aliança verdadeira, o cimento do nosso. . . Bem, aproveitando o ensejo, conforme diria seu avô, anuncio que o senhor terá um irmãozinho em breve.



— O quê? — perguntou o rapaz agora absolutamente estupefato e olhando a barriga em tábua de sua mãe. — A senhora está grávida?

— Não, tolinho, não! Seu papai, garanhão, emprenhou a Rosália, ela está barriguda de quatro meses! Enfim, você terá um irmão ou irmã, ainda não sabemos. E está é minha terceira resolução, vamos registrar o menino, reconhecê-lo como filho de Dedalus. Rosália e ele farão parte da família. Não sei por que digo “ele”, poderá ser “ela”, que lindinha, não? Você não estará sozinho no mundo, terá uma irmã ou um irmão, parente de sangue.

Ícaro interrompera a caminhada e olhava para a mãe com uma expressão de pânico estampada no rosto. Tentou em vão articular algum comentário. Ele duvidava da notícia; em realidade, queria muito que Rosália não estivesse esperando uma criança, desejava tanto que preferiu negar a dura realidade que lhe era comunicada, com toda singeleza do mundo, por sua mãe. Olhava para o horizonte com ar abestalhado, buscando refúgio em algum possível engano.

— O que houve? Engoliu a língua, menino?

— Não é que. . . — balbuciu, não conseguindo mais do que murmúrios desarticulados.

— Não ficou contente com a notícia? Houve a morte e haverá uma nova vida. Assim “*caminha a humanidade*” como dizia o outro, pobre Dedalus, não conhecerá o novo filho.

— Não, sim, é que. . .

Ícaro mal suportava ouvir aquela notícia. Afinal, talvez a futura criança fosse seu filho. Filho e não seu irmão; sofria, remoendo sua dúvida, sua certeza, sem poder confessar nada à mãe. Sentia-se desesperado, em pânico. Ele sempre soubera que Rosália servia ao pai e a ele. Havia meses que Rosália e ele faziam amor duas, três vezes por semana. Ela lhe ensinava modos para lidar com as mulheres, e ele, em troca, lhe fornecia cultura erótica, que, pacientemente, viera recolhendo em filmes, livros e, até mesmo, na leitura sistemática do *Kama Sutra*. Ele aprendia em teoria e corria para experimentar as novas posições com a gentil Rosália. Foram tan-



tos os intercursos praticados, que ele duvidava da certeza da mãe sobre a paternidade do futuro rebento. Nunca se preocupara em discutir com a mulher sobre anticoncepção, sempre lhe pareceram que aquele problema não lhe dizia respeito, seria uma coisa dela, um cuidado e precaução, tipicamente, femininos. Ouvindo a mãe arrependeu-se do seu descuido, de sua inocência e temeu pelo preço que pagaria por aquele pecado. Reagiu contra seu pessimismo quando se percebeu pensando o conceito “pecado” pela segunda vez. . . Estava transformando-se em um carola, em um idiota, percebeu: “Que pecado nada” — repensou —, “a vida é essa e não outra, que diferença fará se. . . Afinal, se minha mãe e Rosália consideram o filho como sendo do pai, do defunto Dedalus, então, assim será. . . Assim será e pronto!” —, concluiu, já sorrindo com suavidade.

— Não se assuste, bobinho, será ótimo para mim também, em pouco tempo você se mudará para a Capital, Universidade e nós, Rosália e eu, as mulheres, teremos com quem nos entreter.

Apesar de conformado, Ícaro continuou mudo, faltavam-lhe palavras para ocultar da mãe sua angústia. De qualquer maneira, resolveu levar aquele segredo para o túmulo: todos esperavam um irmãozinho e todos teriam o esperado, resolveu com firmeza. Limitou-se a retomar a caminhada enquanto acariciava o braço da mãe com máxima gentileza.

Mal haviam transcorridos alguns minutos daquela quase tragédia anunciada, ainda enquanto caminhavam pelo suave crepúsculo daquele dia infausto, quando, de repente, Ícaro descobriu um modo para vingar-se do coronel Nhonhô.

Escrevi esse episódio de supetão, quase sem interrupções. Esperei que meu Espírito de Época comentasse aquela sucessão louca de reviravoltas inesperadas. Mas ele desaparecera outra vez. Conclamei-o e nada. Já quando apagava o computador dando por encerrada aquela jornada, ele murmurou:

— A morte é o absoluto! Ao contrário do que imaginam os adeptos do relativismo, a morte é o absoluto total!



Aguardei paciente que ele continuasse com seu sermão profético, mas nada, ele permaneceu calado. Já quando me levantava, estirando as costas doloridas, perguntei-lhe:

— Como assim, absoluto?

— Não há pensamento possível sobre a morte. A morte é a podridão, qualquer filosofia sobre a morte termina em nazismo ou fascismo.

Aguardei que prosseguisse conforme seu hábito com uma sucessão de considerações empoladas, mas somente ouvi o silêncio.

Quando fechava a porta do escritório, dei-me conta de que lidava com um Espírito traumatizado. Meu Espírito não suportava comentar sobre a morte. Os espíritos tendem ao eterno ainda que sejam finitos, deduzi. Daí seu pânico, percebi. A época em que meu Espírito reinara sobre grande parte da juventude havia terminado e ele pressentia seu fim próximo. Ele pouco ouvira do enredo do capítulo que eu havia redigido com tanta paixão, atentara apenas para o suicídio de Dedalus. Um pouco para consolá-lo, outra tanto para distraí-lo ou talvez, quem sabe, para provocá-lo, perguntei-lhe à queima-roupa:

— E sobre o suicídio, o senhor teria algum comentário? Camus. . .

— O suicídio é o indizível absoluto e Camus foi um idiota presunçoso. Um chato de galocha. Um. . .

Fiquei com pena do coitado e, somente por piedade, inventei uma pergunta metafísica das brabas, algo que o distraísse daquele assunto:

— Qual a diferença entre o eterno e o absoluto?

Nada. Silêncio.

Maria do Pilar era morena, bem torneada e sorria com a boca rasgada de uma maneira tão vital que encantou Tristão desde a primeira vez que a avistou. Apesar de desejá-la, ele nunca se animara a abordá-la. Olhava-a de longe, com olhos compridos e evidente timidez. Pilar, contudo, percebeu o interesse e a indecisão do rapaz. Em várias ocasiões, a mulher tentou estimulá-lo, retri-



buindo cada raro aceno que o rapaz fazia-lhe com gestos de simpatia. Mas, nada. A moça não lograva mais do que algum cumprimento seco daquele homem lacônico.

Certa tarde de verão, pretextando visitar Santina, a irmã de Tristão, Pilar e algumas amigas apareceram em sua casa. Ele estava assentado embaixo de uma árvore, lendo *Saga*, um romance de Érico Veríssimo, quando as visitantes bateram palmas no portão do jardim. Quando as percebeu, Tristão empalideceu, seu coração acelerou e ele conseguiu apenas acenar-lhes de longe. Como tardasse a decidir se devia ou não atendê-las, sua irmã recebeu-as. Antes que entrassem em casa, Pilar desviou o trajeto para o jardim de modo a aproximar-se do rapaz. Desajeitado, ele levantou-se para saudá-la. Pilar percebeu que o jovem não desgrudava o olho dela. Mesmo sem graça, ele demonstrava com o olhar, a intensidade do seu encantamento, ainda que sua atitude passiva apontasse em outra direção. Pilar assentou-se no banco de cimento, determinada em abalar a dureza daquele medroso. As amigas entraram para ouvir música conforme o programado. Maria do Pilar, toda risonha, tratou de seduzir nosso herói. O que pouco lhe custou. Pilar tinha experiência. Fazia o estilo mulher submissa, ainda quando fosse independente e pragmática. Tristão, até aquela data, somente se apaixonara à distância e ainda não ousara confessar-se a nenhuma de suas paixões. Quando terminou a visita, por iniciativa de Pilar, haviam marcado um encontro para o cinema de Nova Barcelona.

Tristão foi tão meticuloso em sua toalete quanto o seria para o próprio casamento. Tanto se arrumava, quanto desgostava do resultado. Ora desagradava-lhe o penteado, não encontrava forma para ocultar sua testa pronunciada; ora, a combinação de cores de sua roupa parecia-lhe exagerada; ora, careta. Mal dava por terminada a arrumação e já se enojava com sua aparência. Por fim, abaixou a cabeça para não se enxergar no espelho e, somente assim, conseguiu sair em busca de sua primeira conquista. Tristão nunca se identificara com sua própria imagem. Em consequência, evitava espelhos como se fosse um vampiro.





Chegou ao encontro com quarenta minutos de antecedência. Pilar apareceu cinco minutos depois de iniciada a sessão. Usava um vestido branco que lhe ressaltava o moreno da pele e o negro do cabelo escorrido. O tubinho estava bem ajustado e provocou arrepio erótico no noviço. Na obscuridade do corredor iluminado pelo projetor, Tristão parou indeciso. Pilar empurrou-o para longe das irmãs que a acompanhavam. Assentaram-se em um canto isolado, sem ninguém por perto. A intenção da garota não passou despercebida ao rapaz tímido, mas que nada tinha de estúpido.

Tristão sentia um prazer indescritível em estar acompanhado por aquela mulher exuberante. Estava orgulhoso, finalmente fora capaz de estabelecer uma relação amorosa. Tinha consciência de que deveria tocar em sua namorada, apertar-lhe a mão, dar-lhe um abraço, sabia que estava obrigado a tomar a iniciativa, buscando alguma forma de contato físico com a garota. Apesar de conhecer sua obrigação, não se animava a passar ao ato. Algo o impedia. Suando observou que o filme começara, acabara o jornal, os *trailers* e ele inerte. Concentrou-se tanto em observar sua companheira que se esqueceu da película. Não acompanhou o enredo, percebia somente a sucessão de imagens luminosas e de sons sem sentido. Em um surto inesperado de coragem, esticou o braço e segurou a mão da moça do lado contrário ao seu. Pilar voltou o rosto para ele. Temeu ser desaprovado, mas, para sua surpresa, ela contemplava-o com um sorriso plácido e cordato. Quando relaxava deu-se conta de que transpirara em excesso e inquietou-se com seu odor. “Estarei fedendo?” — perguntou-se apavorado. Disfarçando o gesto, abaixou o rosto para aspirar o próprio so-vaco. “Tudo sob controle” — constatou. Gozou alguns segundos de calma. Entretanto, logo se seguiu novo sobressalto. Sua mão estava úmida, excessivamente molhada. Resolveu enxugá-la, para isto pensou em recolhê-la com cuidado, ao primeiro movimento, contudo, Pilar interrompeu-lhe o gesto com um beijo na boca.

Tristão não poderia ter conseguido companheira mais adequada ao seu estado de espírito. Encontravam-se todos os dias,



sempre pelos cantos da cidade. Tudo muito respeitoso, pegar na mão, esfregar narizes, beijo na boca e, o máximo da ousadia, colar o corpo contra o do outro. Pilar tinha outras irmãs adolescentes, era uma festa conviver com elas.

Um domingo de muito calor, pleno dezembro, a canícula somente não incomodava os apaixonados, o restante dos novobarceloneses sufocava-se, a turma de Pilar organizou um piquenique somente para jovens. Uma kombi e vários carros transportaram um bando alegre até a beira de uma lagoa. Haviam ludibriado a pais e responsáveis de modo que não houvesse ninguém com mais de trinta anos no passeio. Já durante a viagem, Pilar e Tristão viram-se apertados um contra o outro, tanto que, ao meio do caminho, Pilar, em busca de uma posição mais confortável, assentou-se no colo do rapaz extasiado. Ninguém prestava atenção ao que faziam, estavam todos ocupados em se divertir, cantar e em seduzir seus respectivos parceiros. Tristão e Pilar concentraram-se tanto em seus próprios corpos que perderam qualquer contato com o ambiente e com o tempo. De repente, alguém os cutucou, convocando-os para que descessem do carro, haviam chegado ao destino.

Desceram atordoados, como se houvessem saído de uma sessão de cinema ao meio-dia. Os convivas haviam escolhido acampar em um lugar aprazível, próximo ao lago e debaixo de árvores frondosas. Toalhas xadrezes foram estendidas e sobre elas distribuíram-se refrigerantes, cerveja e iguarias para petiscarem. Formou-se uma roda, rapazes empunharam violões, instrumentos de percussão. Ainda atordoado, Tristão caminhou aborrecido para se juntar ao grupo. Oscilava trôpego quando Pilar arrastou-o em sentido contrário. Perto havia um ficus antigo, majestoso e com raízes altas como paredes que os protegeriam, como um cortinado, da vista de curiosos. Tristão atendeu ao comando de sua amada sem tugar nem mugir. Bendita iniciativa de Pilar, exclamaria pelo restante de sua vida. Não assistiram à festa, tampouco comeram. Não trocaram palavra com ninguém.

Durante horas, Tristão sentiu-se flutuar, seus pés não estavam mais no chão e o tempo transformou-se em um novo conceito: um



fluxo contínuo de prazer e encantamento, sem intervalos, sem que Tristão se lembrasse de si mesmo ou de convenções sociais. Pela primeira vez em sua vida, não se preocupou com seu desempenho. Esqueceu-se de que poderia ser avaliado por Pilar, de que seria julgado com severidade pelas irmãs e parentes de sua companheira. Não havia mundo exterior, apenas percebia os corpos grudados, as carícias, beijos, a fantástica experiência de fundir-se com outra pessoa e de escapar do invólucro de seu ego sem se sentir ameaçado.


Ao final da tarde, a irmã mais velha de Pilar interrompeu-os raivosa e preocupada:

— Maria, pelo amor de Deus, vocês dois parecem gatos no cio, perderam a festa. Que vexame! Você não deixou que ele. . .? Virgem Maria Santíssima!

Não resisti à tentação e voltei a provocar meu Espírito:

— *Cada herói que o senhor selecionou, não? Um caso banal de amor juvenil. . . Não? Nada de drama, Romeu e Julieta? Não, apenas um prosaico episódio erótico entre adolescentes; onde há heroísmo em tudo isto?*

— *Cego é o senhor, cego e burro — respondeu-me irritado o Espírito com uma voz rimbombante. — Um escritor deve enxergar para além da aparência, não me diga que não se comoveu com a relação entre Maria do Pilar e Tristão! Além do mais, o impaciente come cru e ainda queima a boca, sim, pois foi por essa mesma época, enquanto bancava o namorado romântico, que o espírito heroico, definitivamente, baixou em Tristão. Antes houvera apenas pródromos de heroísmo. De qualquer modo, é difícil precisar a partir de que idade Tristão incorporou, definitivamente, a sina do militante, obrigando-se a inventar peripécias épicas concretas. Apesar de apreciar a literatura, ele não se conformava em apenas compartilhar aventuras relatadas pela imaginação de grandes escritores. Difícil estabelecer em que momento a suavidade harmoniosa de sua infância passou a sufocar-lhe. Não julgue com precipitação e prossiga com a história, por favor.*



Doutor Augusto de Oliveira, um grande contador de causos, narrava uma anedota que indicaria a precoce opção do filho pelas causas sociais. Tristão teria cinco ou seis anos, quando passeavam, pai e filho, pela praça do Jardim Público de Nova Barcelona. Haveria eleições para prefeito e a campanha eleitoral ocupava o cotidiano da cidade. Tristão queria saber sobre cada panfleto que encontrava atirado ao chão, prestava atenções às músicas, do tipo *jingle*, reproduzidas pelos alto-falantes e ouvia, paciente, a cada cabo eleitoral que os abordava. O pai divertia-se com o espírito cívico daquele pequeno cidadão. Perto do Coreto encontraram figuras do mundo jurídico e colegas de trabalho de doutor Augusto. O pai tinha muito orgulho das tiradas do filho, sempre que possível estimulava-o a demonstrar suas habilidades diante de adultos. Ora instigava-o a recitar alguma poesia que soubesse de cor; ora, a reproduzir algum trecho da mitologia grega ou a contar qualquer episódio da história brasileira. Como de hábito, comentou com os amigos sobre o interesse do filho pela política. Depois, afaçando-lhe a cabeça, perguntou-lhe num arroubo de entusiasmo paternal:




— De quem é esse menino aqui? De quem?

Esperava ouvir algo tradicional, como “do papai e da mãe”, mas a criança respondeu-lhe solene:

— Do povo.

— *Caro Espírito — exclamei cínico —, parece-lhe, então, que os infantes teriam o dom da profecia? Tristão haveria antecipado sua vocação para as lides sociais aos cinco anos de idade?*

— *Não fui eu quem inventou esse episódio! E, afinal, quem é o maníaco racional aqui? Quem se classifica de artista, mas não suporta a fantasia, o maravilhoso? — retrucou-me. — Tenha um pouco de sensibilidade, meu caro! Cada pessoa é resultado de um encadeamento quase infinito de eventos. Com certeza, essa declaração inocente repercutiu sobre toda a vida de nosso personagem, ou não? Prossiga,*



continue com a narrativa, por favor. Mais tarde veremos quem terá a palavra final sobre cada uma de nossas contendidas. Aliás, se o senhor me permite, gostaria de substituí-lo. Deixe comigo, eu mesmo terminarei esse capítulo.

— Não foi esse o nosso trato — protestei.

O Espírito de Época não me escutou e, durante hora e meia, assumiu controle completo sobre minha vontade. Passei a datilografar totalmente submetido a seu estilo e caprichos.

— Apesar desse precedente — prosseguiu o Espírito —, Tristão, inicialmente, imaginou outro caminho, que não a política, para concretizar sua vocação de herói. A caverna mágica onde forjou sua utopia foi a biblioteca de seu pai. Um cômodo pequeno, coberto de livros do piso ao teto. Metade das estantes estava ocupada com obras jurídicas. O outro lado, contudo, era o universo. Ali o menino conheceu o mundo para além de Nova Barcelona. Devorou vários tomos de ficção científica, Júlio Verne e companhia; leu a *Guerra dos botões ou Os meninos da rua Paulo*, uma história dramática passada na Europa Central; deliciou-se com o romantismo sensual de José de Alencar em *Iracema* e *O guarani*; extasiou-se com as intrigas de Sherlock Holmes. Daí em diante, nunca mais parou de ler. Literatura de todos os países e escolas. Além dos romances, gastava horas, debruçado sobre grossos volumes da *Enciclopédia Britânica*. Adorava histórias em quadrinhos, transformara-se em um leitor compulsivo. Entre os doze e quinze anos, Tristão leu uma quantidade astronômica de livros. Monteiro Lobato infantil e adulto, Érico Veríssimo completo, Machado de Assis. Sua mãe emprestou-lhe uma antiga tradução de *O idiota*, de Dostoiévski. Na biblioteca municipal buscou *O jogador e Irmãos Karamázovi*, livros que lhe esclareceram sobre a variedade humana; compreendeu melhor sua família ao comparar traços dos Karamázovi com a personalidade de seus parentes. Descobriu a coleção completa de Paulo Setúbal na biblioteca de seu avô. *As loucuras do imperador*, *O caminho das esmeraldas*, com estes livros



aprendeu história do Brasil de uma forma leve e divertida. A literatura compensava-lhe a falta de aventuras em sua vida pacata e previsível. Lia por divertimento, mas também como exercício. Imaginava-se constrangido a escrever. Um dia seria romancista, ou ensaísta, escritor enfim. E o tempo que despendia com leitura justificava-se tanto pelo prazer como por ser um treinamento prolongado para o ofício. Entretanto, mesmo assim, se angustiava culpado, pois lhe parecia que a prática do heroísmo exigia alguma atividade adicional. Algo mais concreto do que a escrita, algo que incidisse diretamente sobre as desgraças do mundo.

A futura profissão de artista provocava-lhe um sentimento de incompletude e foi somente quando começou a namorar Pilar que Tristão descobriu sua suposta vocação complementar. Da noite para o dia, resolveu que medicina combinava com heroísmo. Medicina Tropical para maior exatidão. De uma tacada, planejou o rumo de toda sua vida. Uma vez formado em medicina, ele se mudaria para Cruzeiro do Sul, uma cidade do interior do Acre, para trabalhar com leprosos. Ele lera, em algum suplemento científico divulgado em um dos jornais que seu pai assinava, uma reportagem sobre a grande incidência dessa moléstia naquele estado. Tomou conhecimento da existência de uma colônia de hansenianos naquela cidade acriana. A reportagem descrevia, em detalhes, as dificuldades para manutenção da instituição de tratamento para lepra. Faltava de tudo: médicos, medicamentos e dinheiro. Havia fotos, Tristão recortou-as. A clínica era um casarão colonial com uma dezena de janelas de madeira, o frontão do edifício era dividido ao meio por uma porta imensa. Na escadaria, que dava acesso ao edifício, uma centena de pacientes com feições indígenas e alguns poucos funcionários, destacados pelas batas brancas, posavam para uma fotografia clássica. Influenciado pela foto e pela reportagem, Tristão fantasiava cenas, até sentiu a exuberância dos trópicos, imaginava árvores gigantescas e uma vegetação viçosa formando como que uma moldura a encerrar o hospital e figurantes. Pareceu-lhe perceber, inclusive, o bafio úmido do mormaço amazônico.



Aquilo se transformou em uma espécie de sonho concreto para o jovem idealista, uma obsessão que foi se transformando em um plano sistemático ainda que um tanto delirante. Tristão não somente elegera uma profissão, como escolhera, com antecipação calculada, a cidade e o hospital onde trabalharia.

Corria uma época de giros e reviravoltas. Tristão também se contaminou pelo espírito revolucionário que se encarnava em milhares de jovens. Aproveitou-se da movimentação típica daquele período para sacudir a rigidez estruturada que conformara sua infância. Apesar da eleição de um futuro, de um rumo profissional, não sabia ainda como reordenar seu dia a dia. Esses sonhos animavam-no apesar da monotonia que era se preparar para o vestibular e, enquanto estudava física, geometria, português, ele antevia a plenitude existencial ao alcance da mão.

Tristão não se classificava como comunista ou socialista, ainda que fosse simpático e se inclinasse em favor aos humilhados e deserdados da Terra. Ernesto Che Guevara morrera na Bolívia. Ele lera uma dezena de versões diferentes de sua biografia. Apesar das discrepâncias, em todas encontrou que o herói cursara medicina e estagiara, algum tempo depois de graduado, em um hospital para leprosos na Venezuela ou na Colômbia. Ele se confundia quanto aos detalhes daquela saga: Guevara fora um guerreiro, ordenara o fuzilamento de adversários, não suportara durante muitos anos o paraíso socialista, fugira para a África e terminara assassinado no meio da selva boliviana. Tampouco se preocupava com a discrepância entre seu exacerbado pacifismo e a luta armada recomendada pelo guerrilheiro como caminho para a revolução na América Latina. Enfim, esquecidos esses detalhes irrelevantes, o médico revolucionário servia-lhe de inspiração. Tristão atentava somente para o dado de que a vida venturosa em favor da salvação da humanidade seria possível.

Ainda que não admitisse para amigos, sua escolha fora também influenciada por outro personagem. Ao mesmo tempo em que soubera sobre Cuba e guerrilha, Tristão também lera a hagiografia de um padre belga, Joseph de Veuster. Um santo homem,



missionário, mártir ao velho estilo da renúncia abnegada de si mesmo. Ao ordenar-se sacerdote adotara o nome de padre Demien, denominação sob a qual foi alçado à categoria de santo da Igreja Católica Apostólica Romana. Ainda jovem, em 1863, o sacerdote viajou para a Oceania, indo praticar seu apostolado cristão em uma imensa colônia de leprosos localizada na ilha de Molokai. A biografia fora-lhe presenteada pela mãe de Maria Pilar. A senhora era uma católica fervorosa e Tristão brincara com Maria:

— Sua mãe conspira contra nosso namoro.

— Não seja tonto — respondeu-lhe a moça —, ela o adora. Confia até que nossa convivência me colocará nos eixos. O seu exemplo pio me converterá ao estudo e à disciplina.

— Não sei. O livro, que ela me presenteou, sobre o padre Demien faz apologia, sem subterfúgio, do sacerdócio. Voto de obediência, pobreza e castidade. Castidade, minha querida! Minha sogra prefere me ver longe de você. E ainda transformado em um padre. Padre missionário e, ainda por cima, bem distante. Da África pra diante.

De fato, o texto era conservador, literatura confessional, quase uma propaganda piegas da carreira eclesiástica. O livro fora publicado por uma editora ultramontana, a abordagem dos fatos era maniqueísta e simplificadora. Apesar de todos estes senões, Tristão comovera-se com o relato. O padre entregara-se com tal zelo e dedicação à sua missão, compenetrara-se tanto sobre a importância de não discriminar os leprosos, que terminou doente, contaminado pelo modo como cuidara e convivera com pacientes. Morreu em decorrência de sequelas da lepra em 1889.

Observe-se que esta história pia e edificante, fundada no valor da caridade e da renúncia pessoal, era estranha ao espírito rebelde daquele tempo. O que obrigou Tristão a realizar piruetas filosóficas para descobrir analogias entre a biografia daqueles dois santos. Um da igreja e outro da revolução. Essa fusão de trajetórias e de valores díspares aplacava a má consciência de Tristão ao identificar-se também com o carola. Na verdade, encantara-se com a coerência existencial do padre Demien.



Contou a sua decisão de mudar-se para Cruzeiro do Sul, e dedicar-se ao tratamento de leprosos, ao seu professor de biologia. O velho nem sequer interrompeu a meticolosa classificação de amostras de plantas do cerrado enquanto ouvia o relato entusiasmado de seu aluno predileto. Em certo momento da narrativa, mirou-o por cima das lentes grossas dos óculos, dependurado na ponta do nariz, e estimulou-o, confirmando que Tristão levava jeito para aquele tipo de coisa, seria somente uma questão de perseverança: — Quem poderá prever o futuro de um jovem tão inquieto e crítico? — perguntou o mestre em uma interrogação retórica dirigida ao teto.

Reação distinta teve Maria do Pilar, sua namorada. Achou a ideia estapafúrdia:

— Credo, Tristão! Parece conversa-fiada dos santarrões de araque amigos de mamãe — retrucou irritada.

— Nada que ver, Pilar. Nada que ver! É um projeto interessante, convidaremos amigos, montaremos uma companhia amazônica, a Cruz Verde ou algo pelo estilo — argumentou, buscando demonstrar a diferença entre aquela aventura e a militância de sua sogra na Congregação Mariana.

Tudo inútil, ao final a moça concluiu:

— Você é doido, tenha dó, gosto de você, mas. . . Não sei.

— Não sei o quê?

— Não sei.

Assustada com aquele namorado — ora dado a arroubo sexual descontrolado, ora tendente a imolar-se heroico em alguma pira —, Maria do Pilar aproveitou-se de quando Tristão voltou para a Capital, onde cursava o colegial, e trocou-o por um rapaz alto, louro e filho de um comerciante bem-estabelecido de Nova Barcelona. Seu novo namorado era mais ajuizado do que Tristão, ainda que não a induzisse a êxtases terrenos. Em compensação estava sempre à mão: ele abandonara a Universidade para ajudar o pai na gerência dos negócios familiares.

Tristão mal teve tempo para deprimir-se com a perda. Mais ou menos por esta mesma época conheceu Juliana, finalmente o grande amor de sua vida, acreditou.





— Então? Que tal lhe pareceu minha contribuição? — perguntou-me o Espírito com um inconfundível tom de contentamento.

Ele esperava minha aprovação irrestrita, mas escolhi a sinceridade. Ou haveria sido o ciúme que falou por mim?

— Pronto? — perguntei provocador. — Que merda de história é essa? Mais parece um relatório docente sobre o comportamento de algum aluno! Por favor, ou Vossa Excelência me devolve o controle da pena ou acabou-se nosso contrato.

— Inveja, querido? Observou como intercalei trechos sobre a vida do Padre Demien com a biografia de Tristão. Cultura, meu caro. Sabedoria e experiência.

— Quanto convencimento fátuo, quanta vaidade!

— Não tive escolha senão dar-lhe um exemplo prático sobre a arte de escrever um romance de formação. Nenhuma obra literária prospera se o autor perde confiança nos personagens. O verdadeiro escritor apaixonava-se pelas figuras que inventa, elas superam-no, dizem o que ele jamais imaginaria saber, fazem o que ele jamais ousaria praticar. É um processo mágico, que um técnico obsessivo como você jamais entenderá.

— Escolha outra pessoa para aborrecer, então! Cansei-me de funcionar como “cavalo” de um espírito tão cheio de si. Valha-me Deus!

— Impossível retroceder a essa altura do campeonato, já lhe transmiti todo o enredo. Isto não tem volta, ou o senhor descarrega tudo em palavras ou sofrerá de ansiedade para sempre. Ademais, no fundo, eu sei, tenho exagerado nas críticas. Há algum talento no modo como você vem armando a história. Ademais, tenho livre trânsito em seu cérebro, e por isso sei que o senhor já se encantou com a história. O problema é que você, como Tristão e Marciano, têm uma noção de ridículo exacerbada. São severos ao julgar-se, temem a própria opinião mais do que a maledicência alheia. Ícaro é diferente, ele considerava-se um ser livre de qualquer superego, nunca teve vergonha em expor-se. Não teme o ridículo ou a desaprovação alheia.

A logorreia de meu Espírito de Época agravava-se, constateei sem ânimo para interrompê-lo.





— *Tristão e Ícaro foram grandes leitores — ele prosseguiu, indiferente ao meu desacordo com o rumo que a narrativa que elaborávamos tomava —, eles consideravam-se humanistas, um humanismo reformulado, de última geração. Julgavam adotar um racionalismo reciclado após a sequência exagerada de monstros produzidos pelo Espírito Iluminista, outro de meus apelidos! De qualquer modo, foram meus filhos diletos! Desde a juventude habituaram-se a cruzar noites discutindo filosofia na praça da Matriz, em Nova Barcelona. Tristão deixou-se influenciar pelos arroubos otimistas de autores marxistas. Aderiu aos exageros revolucionários de Sartre. Ícaro extasiou-se com toda a coorte de pensadores freudianos. Inquieto, leu toda uma corja de autores românticos e místicos, acrescidos com um condimento picante de Nietzsche e de outros teóricos da desrazão humana. Os dois somente concordavam quanto ao gosto musical.*

— *Poderemos voltar ao romance?*


O Espírito me ignorou e prosseguiu como se falasse para um auditório:

— *Marciano também faz parte de minha família, ainda que seja diferente. Nunca foi chegado a leitura; contentou-se em folhear manuais políticos de onde absorveu rudimentos sobre a luta de classe, sobre a arte de fazer política e de viver. Ele aprendia mais com a experiência e com sua acurada capacidade de escuta e de observação do que com livros. Entretanto, veja você, meu caro escrevinhador, nem toda a cultura livresca desses dois filósofos precoces, nem o bom senso de Marciano, protegeram-nos do engano.*

— *Por favor — interrompi-o irritado —, Vossa Excelência está bagunçando a narrativa. Por favor, não antecipe informações aos leitores! Assim, não haverá suspense. O imprevisto é um poderoso estímulo para assegurar o interesse dos leitores.*

O Espírito não me ouviu, estava empolgado em elogiar seus supostos heróis:

— *Nossos heróis nem sempre se mostraram esclarecidos. Ao contrário, cometeram, ao longo de suas perras vidas, um equívoco atrás do outro. Heróis fracassados? A ver, a conferir! Conto com o julgamento criterioso dos leitores. Somente espero que o escritor, você, não*



os trate com severidade excessiva. Reconheço, sem dúvida, não há como deixar de relatar erros e vacilações de nossos heróis, soaria falso. O ridículo, a fraqueza, o engano, tudo isto tornará a narrativa interessante, não há nada mais inverossímil do que um romance encomiástico à moda do realismo socialista ou do enredo hollywoodiano. Nada mais aborrecido do que um vencedor contumaz.

— Além do mais, meu caro Espírito — aproveitei-me de sua predisposição reflexiva para acrescentar algo sobre a comédia, o Espírito parecia-me excessivamente pomposo, avesso ao riso —, a ironia é um elemento essencial para uma obra literária. Sem humor, o poético é sufocado pela apologia e. . .

— Sim, com certeza. Entretanto o elemento essencial que justificou a escolha dos nossos personagens foi a firme convicção deles em sacrificar-se em benefício da humanidade ou em nome de algum ideal. Eram todos aventureiros e generosos. Desde sempre. Cruzaram a vida sendo magnânimos e valorosos. Jamais cederam aos encantos ou arroubos autoritários dos poderosos. Sempre foram destemidos, os três. Não desistiram de lutar por receio do martírio, ainda que fizessem tudo ao seu alcance para evitá-lo. Não eram suicidas, mas, mesmo assim, arriscaram-se em várias ocasiões. Cada um ao seu modo. Ícaro expunha-se em busca do prazer e da felicidade. Marciano preferiu o figurino tradicional do revolucionário, mergulhou na luta social por solidariedade, mas também como proteção contra o tédio. Ele nunca suportou olhar para dentro de sua vida particular. Tristão oscilou entre essas duas possibilidades existenciais. De qualquer modo, todos eles sabiam que o sacrifício pessoal costuma ser um acidente de percurso frequente na vida regular da maioria dos heróis. Somente nunca se prepararam para a possibilidade de serem desconsiderados. Tampouco imaginaram que, algum dia, alguém, tomá-los-ia por carreiristas vaidosos ou egocêntricos. Por mais sofressem haveria louro e aplauso; e, ao final, haveria reconhecimento pelo esforço empreendido em defesa da humanidade. Ainda quando fossem derrotados, ao final, restar-lhes-ia a aura heroica, acreditavam. Sabiam que grande número de heróis habitou tragédias. Histórias com desfecho trágico em que se pagou caro pela ousadia em aliar-se aos fracos e pela coragem em opor-se aos fortes.



— *Tudo bem — concordei com intenção de encerrar aquele arroubo hagiográfico do Espírito —, de acordo, felizmente para o romancista, insondáveis são os caminhos do heroísmo. O que gera uma infinidade de possibilidades narrativas.*

— *O problema para escrever-se a biografia de um herói — prosseguiu o Espírito em um tom professoral —, o problema é que, muitas vezes, a trajetória do herói é longa e tediosa. Não há como desconhecer que a carreira vital de um herói não são somente animação e suspense. Há o cotidiano e, se não sobrevém uma morte prematura — conforme os casos de Lorde Byron ou do Che —, e, em decorrência, o herói sobrevive a si mesmo, há, em geral, casamento, filhos, obrigações domésticas e trabalhistas. Uma série de acontecimentos nada épicos. Vários heróis se desmilinguem diante desse tipo prosaico de dificuldade.*

— *Se o senhor não se importar gostaria de encerrar essa conferência magna e resgatar o espaço para nossos personagens, poderia ser?*

O Espírito de Época nem sequer dignou-se a responder-me, talvez o esforço para ditar-me as últimas páginas o houvesse esgotado. Assim, logrei retomar o leme da narrativa mais uma vez.

Quando a família Villa mudou-se de Nova Barcelona para Brazlândia, Marciano percebeu que sua vida transformava-se em um deserto vazio e monótono.

Algum tempo antes, o velho Soares, o avô comerciante de Marciano, sofrera um derrame e falecera. Com isto, o negócio ficou a cargo de Vasco Villa. Apesar de trabalhar de sol a sol e da dedicação obsessiva à loja, Vasco não tinha tino para o comércio. Assim, em pouco tempo, levou a loja de tecidos do velho Soares à falência. Atarantado, sem ofício que pudesse exercer em Nova Barcelona, Vasco resolveu migrar para a cidade grande. Um amigo de farra era proprietário de um estacionamento no centro de Brazlândia e ofereceu-lhe a gerência do empreendimento. O salário era pequeno, mas melhor do que nada. Com o pouco dinheiro que sobrou após a liquidação do negócio de tecido, Vasco Villa pagou



a transportadora que levaria a mudança da família para Brazlândia e comprou uma pequena casa em um conjunto habitacional recém-construído denominando de Parque Jardim da Felicidade.

O novo bairro localizava-se no subúrbio de Brazlândia. Iniciara-se como um loteamento popular, financiado pelo Banco de Habitação. Tinha um traçado geométrico: um milhar de pequenos caixotes brancos, sem uma árvore, praça ou outro acidente que quebrasse a monotonia da terraplanagem vermelha e das residências brancas em fileiras homogêneas.

Na nova moradia havia apenas dois quartos, um ficou para o casal Villa; outro, para as meninas; Marciano passou a dormir no sofá da sala e a estudar na mesa de fórmica da cozinha. A exiguidade do espaço obrigou-os a uma convivência a que não estavam habituados. Em Nova Barcelona viviam no espaçoso casarão do velho Soares, Vasco passava os dias na loja e as noites no bordel, a família mal se encontrava; as crianças viviam perdidas, duas no universo feminino da sala de costura, cozinha e casinha de bonecas e, o outro, no mundo masculino dos quintais e terrenos baldios. Naquele novo lar, principalmente às tardes, amontoavam-se em cubículos exíguos, projetados daquela forma pela mesquinha-ria da empreitara, acumpliciada com a perversidade de arquitetos esquecidos do conforto alheio.

Marciano e as meninas estudavam em uma escola pública estadual pela manhã, à tarde se dedicavam a tarefas escolares e domésticas. O menino nunca observara suas irmãs com atenção. Dolores e Piedade faziam parte de uma paisagem natural e inevitável em Nova Barcelona, entretanto, ele descobriu, não sabia nada sobre elas. Com a proximidade corporal, Marciano, pela primeira vez, reconheceu-as como seres autônomos, com singularidades e características próprias. Dolores, filha do meio, era parecida com ele, despachada, enfrentava as dificuldades sem pedir ajuda a ninguém. Estava sempre sisuda, com o cenho franzido e raramente sorria. Piedade, a caçula, era alegre, gargalhava fácil e dependia da mãe ou da irmã para quase tudo. Logo nas primeiras vezes que estudaram juntos na mesa de fórmica da cozinha, a cada instante,





Piedade solicitava algum esclarecimento ao irmão:

— Mano, como resolverei esse problema de matemática?

— Mano, poderia revisar a redação encomendada pela professora de português?

Marciano atendia-a com rispidez, como se aquilo o incomodasse. Quando descobria algum erro, encontrava uma maneira para orientá-la misturando a sugestão com alguma reprimenda. Ele se aproveitava de qualquer pretexto para criticar-lhe o descuido e a preguiça. Dolores nunca lhe pedia ajuda e, quando Marciano maltratava Piedade em excesso, a irmã mais velha dirigia-lhe um olhar explícito de censura. Essa crítica muda da irmã ajuizada, obrigou-o a refletir sobre sua conduta. Nem ele mesmo compreendia por que atendia aos pedidos da irmã com tamanho mau humor. Afinal, percebera, no fundo, agradavam-lhe aquelas horas que passavam juntos, além disso, sentia-se útil ao ajudar a caçula com os deveres. Com o tempo, mudou de atitude e, sem combinação prévia, passou a examinar as tarefas das duas irmãs. Dolores acedeu ao seu desejo sem manifestar o quanto lhe era agradável aquela demonstração de cuidado do irmão mais velho. Os cadernos e deveres dela estavam sempre corretos e bem elaborados. Marciano pouco tinha a observar. Em compensação, os de Piedade deixavam a desejar. Certa feita, Marciano repreendeu-a com calma, mas disposto a obrigá-la a ser mais responsável.

— Menina — ele exortou-a —, somos pobres. Você quer repetir a via-sacra da mãe? Passar a vida trancada em casa, sofrendo necessidade e . . .

— Não, claro que não.

— Então trate de estudar, fazer carreira, escolher uma profissão, ser uma mulher independente. A vida mudou, Piedade. Veja a Dolores, ela já compreendeu que a mulher moderna precisa trabalhar: medicina, advocacia, odontologia, até o magistério vale a pena, entendeu?

— Marciano, eu não sou a Dolores nem a mãe. Cada um tem seu destino. O meu é casar com um homem bonito, rico e, ainda por cima, bondoso. Entendeu, mano?





— Que romântica! Que ingênua!

— Marciano, eu sou uma mulher linda, cheia de charme, não faltarão pretendentes, não se preocupe, bobão!

Depois dessa declaração explícita de autoestima, os três caíram na gargalhada. A segurança exagerada da menina era cômica, mas também os confortou. Apesar de toda dificuldade e da pobreza, a mais jovem dos Villa reconhecia-se capaz de inventar uma vida confortável. Dolores tinha dezesseis anos e Piedade apenas treze, mas, de fato, as duas moças estavam se transformando em mulheres formosas. Eram altas, metro e setenta, cabelos fartos e escuros, olhos negros e boca sensual, tinham o sorriso rasgado e corpo bem proporcionado. Apesar do clima ameno, Marciano voltou ao ataque:

— E como minha irmã querida e esperta conseguirá distinguir entre a enxurrada de pretendentes? Como evitar casar-se com um malandro, bêbado, jogador e doidivanas, sei lá?

— É simples. Já lhe disse: bastará escolher um cara lindo, charmoso e rico.

— Ah! E onde a senhora encontrará um rapaz endinheirado? Pobre somente convive com outros pobres. Os milionários vivem em outro universo, outros colégios, outros bairros, outros circuitos, outro mundo, minha cara!


— Bem, nesse caso, bastará alguém lindo, charmoso e trabalhador.

— Trabalhar como jumento não é suficiente para garantir uma vida razoável. Veja o pai! Se mourejar dia e noite gerasse riqueza estaríamos bem de vida, entretanto. . .

— Bem, nesse caso, escolherei alguém como você, mano; alguém esperto, bonitão e trabalhador.


Com essa tirada, Marciano desistiu de convencer a irmã sobre a importância da dedicação sistemática e obsessiva aos estudos e a alguma carreira futura. Ao contrário, pela primeira vez em sua vida, ousou praticar um gesto de carinho: levantou-se da cadeira e deu um beijo na testa de Piedade. Em seguida, os três caíram outra vez na risada. Dona Aparecida, a mãe, contemplava-os com um ar bovino de felicidade mansa.



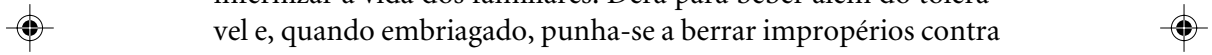


Em Brazlândia, eles viviam bastante isolados, não tinham parentes, amigos nem conhecidos. Ademais estranharam a vizinhança: em geral, migrantes com costumes distintos daqueles a que se haviam habituados os Villas em sua vida interiorana. Apesar do estranhamento, o único membro da família que imprecava contra o bairro e seus moradores era o pai. Marciano, irmãs e a mãe adotavam um comportamento reservado, jamais se queixavam ou emitiam qualquer comentário depreciativo sobre a sua nova realidade social. Esforçavam-se para manter a higiene, cuidar da casa, do jardim, do quintal e recolher o lixo em lugares apropriados. Entretanto, esse esforço era contraditado pelo contexto do bairro, na seca havia nuvens de poeira que tingia tudo com uma páti-na acastanhada, na época de chuva era a lama, quase como um componente universal da ambiência. Para agravar, a coleta de lixo era irregular e imprevisível. Com isso, as pessoas habituaram-se a atirar restos, ao acaso, pela rua e terrenos desocupados. A região parecia um acampamento abandonado. Havia dúzia de cachorros, gatos e ratos sem que ninguém os cuidasse. Para complicar o contexto, nem havia se passado um ano da inauguração do conjunto popular e organizara-se uma imensa ocupação em um espaço vizinho. Em dois meses, outras trezentas famílias haviam se assentado em barracos de madeira, papelão, zinco, alvenaria — uma favela.

Ainda quando carregavam o caminhão que levaria os cacarecos da família de Nova Barcelona para Brazlândia, Marciano intuiu que deveria se livrar de sua coleção de revistas eróticas. Tanto porque caíam sob a vista de alguém da família, todos os recessos do antigo lar estavam sendo devassados pelo olhar arguto da mãe e dos homens da transportadora, como também porque precisava de dinheiro. Poderia arrecadar uma boa grana caso vendesse sua coletânea pornográfica, acumulara desde brochuras em bico de pena, até números antigos da revista *Playboy*. Não hesitou, procurou amigos de infância e vendeu, ao varejo, tudo que acumulara. De alguma forma, aquele gesto simbólico de livrar-se daquele tipo de literatura, antecipou o que lhe aconteceria em



Brazlândia: o sexo apagou-se de sua vida. No exíguo espaço da casa popular, desapareceu-lhe o tesão. Não voltara a masturbar-se, não mais comprou nem leu histórias de sacanagem, nem sequer foi atormentado por sonhos lascivos. Acordava com a sensação de que dormira como uma pedra. Atingira a castidade sem premeditação ou vontade deliberada. Talvez esta abstinência fosse consequência do trauma provocado pela mudança, pela simples troca de cidade. Em realidade, houvera um giro violento em quase toda sua existência: perdera *status* social e amigos, perdera o contato com a família ampliada dos Soares e dos Villas e ainda com todo o aconchego e generosidade da convivência habitual em sua cidade interiorana, um lugar bem mais acolhedor e tranquilo do que a metrópole. O mais dramático, contudo, o que mais o afetava, era o dinheiro mingüado.



O velho Vasco conseguira um emprego como gerente e guarda-noturno em um estacionamento do centro que servia a boates e restaurantes. Levantava-se ao meio-dia e tinha toda a tarde para infernizar a vida dos familiares. Dera para beber além do tolerável e, quando embriagado, punha-se a berrar impropérios contra favelados, nordestinos e pobres em geral. Dona Aparecida apenas rezava esperançosa, rogando para que alguma divindade compadecida acalmasse a fúria de seu marido. As meninas calavam-se a exemplo da mãe. Somente Marciano enfrentava-o. Discutiam aos gritos e esgoelavam desaforos até a rouquidão. Em duas ou três ocasiões, Marciano abandonou a retórica enfática e golpeou o pai. A primeira vez deu-lhe um pescoção e, quando o velho se desequilibrou, tratou de tapar-lhe a boca. Vasco reagiu, ainda era um homem forte, derrubou o filho ao solo e saiu de casa batendo a porta. Passaram dois meses sem se falarem. Com a esfrega, Vasco moderou seu comportamento agressivo. Não bebeu em casa, dormia até as quatro horas e saía direto ao emprego. Com o tempo, porém, voltou ao costume antigo. Retornaram os conflitos, até que, um dia, Marciano aplicou-lhe um murro no rosto, tão forte que o velho se desequilibrou. Para surpresa da família, Vasco não revidou. Levantou-se do chão da cozinha, encarou o filho com um



olhar desvairado, mirou cada um dos presentes e pôs-se a chorar convulsivamente. Desta feita, foi Marciano quem saiu de casa batendo a porta com violência.

Por essa ocasião, Dolores apareceu com um namorado. Teodoro era um rapaz simpático. Alto, espigado, tinha traços finos e muito jeito para lidar com mulheres. Logo caiu nas graças da sogra e da cunhadinha. Para sua infelicidade, contudo, Marciano não foi com a sua cara. Pareceu-lhe tratar-se de um aproveitador; um parasita, em suma. Na primeira vez que se encontraram, sem preâmbulos, Marciano fez-lhe um interrogatório minucioso: o que fazia, onde estudava, trabalhava em algum local, seus planos, família e outros detalhes. O moço assustou-se com a fúria investigativa do cunhado e queixou-se com Dolores. Esta, por sua vez, foi logo tirar satisfação com o irmão. Interpelando-o com dureza:

— Qual é a sua, mano? Ciúme? Por que tanta má vontade contra o Teodoro? Sem quê nem porquê?

— Ah! Dolores, mãe — Marciano apelou à dona Aparecida para que o apoiasse —, mana, tenha piedade, não exagere, não fui nada grosseiro. . . ainda! O rapaz é um imbecil, um. . .

Esse diálogo áspero entre os irmãos passava-se à noite, na sala comum da cozinha familiar, dona Aparecida os observava e assustou-se quando Marciano convocou-a para a roda, a velha não era de interferir diretamente na vida dos filhos.

— Veja, mãe! — protestou a irmã, também apelando ao juízo de dona Aparecida — O desgraçado disse “ainda”, ou seja, o doutor Marciano acredita que é meu pai. Sossegue, mano! Qual é?

— Dolores, eu investiguei a vida do seu namorado. Falei com colegas da Escola Estadual, com pessoas que conhecem o seu Teodoro há anos, séculos, todos foram unânimes em confirmar a minha primeira impressão. O homem é vagabundo, aproveitador, um *hippie* covarde, não tem coragem nem para assumir a vida de desbundado. *Hippie* de butique, coerente somente com o estilo da roupa ridícula que usa e com a preguiça que cultivava com radicalismo. Passa o dia inteiro dormindo, queima fumo, não vai à escola e nem trabalha. E o pior: é mulherengo.



— Ah! Não. . . Intriga, boatos. Nem todo mundo tem sua energia, Marciano. Você é uma fera, tem uma resistência fora do comum. O Teodoro sofreu muito, teve hepatite, ficou um ano de cama, coitado. Mas tem planos, estudará engenharia, é discreto, tranquilo, se parece comigo. E, o mais importante, ele me ama, Marciano. Está completamente apaixonado.

— Paquerador, vagabundo e covarde! Dolores, minha querida irmã, você é uma tola. Mãe — continuou dirigindo-se à figura muda que os observava indecisa —, também pudera, é o primeiro namorado dela, não sabe nada de nada. Uma mulherona, linda e dando sopa, o que não faltará é gavião, olho vivo, minha filha! Interessado em você, ele está; sobre isso, não há dúvida! O que eu me pergunto é sobre a qualidade desse interesse; assim que você conceder, ele puxará o carro.

— Credo, Marciano. Não. . .

— Façamos um trato, proponho um teste, vamos medir o grau de paixonite do seu Romeu: como irmão, mais velho, terei uma conversa com ele, para averiguar a seriedade do compromisso do moço. Caso exista paixão e se ele for um homem de valor, o herói me enfrentará, assumirá o namoro, noivado, o diabo! Me comprometo a baixar a guarda, depois, tudo bem?

Marciano encontrou tempo e disposição para acertar um encontro com Teodoro. Não hesitava em interferir na vida sentimental da irmã, dava como certo que seria sua obrigação. Preferiu conhecer a casa do rapaz. Meteu-se em seu quarto, aprendera com a mãe que a maneira como cada um cuida do lugar onde dorme é como um espelho da alma. Revela mais do que esconde sobre o sujeito. Pois bem, o quarto do rapaz parecia um ninho de rato. Roupas e restos de comida pelo chão e sobre toda e qualquer superfície. Nenhum livro à vista, cartazes psicodélicos nas paredes e um inconfundível cheiro de maconha impregnava o ar.

“*Hippie*” —, Marciano confirmou seu diagnóstico prévio. O rapaz olhava-o assustado. O irmão zeloso foi direto ao ponto, ameaçou o moço com uma surra caso abusasse da inocência de sua irmã. Em seguida, perguntou-lhe sobre seus projetos para o



futuro, mas Teodoro estava tão amedrontado, que somente gaguejou frases sem sentido. Impaciente, Marciano levantou-o pelo colarinho, avisando para que tomasse cuidado.

Não ocorreu outra: Don Juan fraquejou e desapareceu da vida de Dolores. Quando ocorria de encontrarem-se pelo bairro, ele mudava de calçada ou dava volta para retornar por onde viera. Dolores admirou mais ainda a clarividência e sabedoria do irmão, felizmente ele a protegera de semelhante malandro, confessou, depois, aliviada, para a mãe.

Apesar da convivência agradável, Marciano entrevia um futuro sombrio. O salário do pai era insuficiente e a provisão de roupa, material escolar e comida, acumulada durante a bonança em Nova Barcelona, acabara-se. Experimentavam a carestia, houve dias em que comeram pão e leite; em outros, arroz e feijão. A mãe começou a remendar a roupa dos filhos. Adquiriram o hábito de caminhar pela casa minúscula sem se olharem diretamente, viviam cabisbaixos, receosos de descobrir censura no olhar do outro. Depois de meses nessa agonia, Marciano resolveu procurar emprego. A vida chegara a um limite insustentável. Haveria que se encontrar uma saída, algo novo, ou seria a loucura, intuiu. Além de conseguir mais dinheiro para a família, pensou, trabalhar proteger-lhe-ia do convívio com o velho.

“Como um caipira, menor de idade, conseguirá emprego nessa maldita cidade de um milhão de habitantes?” — interrogava-se desesperado o adolescente. Vagou pelo centro durante uma semana buscando cartazes com oferta de trabalho. Em vão. Orientou-se pelos jornais, leu as páginas de anúncios, visitou lojas, restaurantes, ninguém contratava um moleque sem experiência. Não conseguia concentrar-se nos estudos, distraía-se nas aulas e tampouco se preparou para os exames, já que passava as tardes batendo perna à procura de emprego. Em decorrência, teve aproveitamento escolar ruim. Durante todo o ano, fora o melhor aluno do segundo colegial. Conseguiu dez ou nove em todas as provas. Os professores respeitavam-no, mas os colegas olhavam-no com desconfiança:



— Como aquele moleque, com sotaque de gente da roça, consegue o melhor aproveitamento de todo o colégio? — murmuravam despeitados.

No boletim, em outubro, obteve resultados medíocres em quase todas as disciplinas: “O fundo do poço não tem fim” —, concluiu desanimado. Estava desesperando-se, quando seu professor de história convidou-o para uma entrevista. Até aquele mês, Marciano havia obtido nota máxima em todas as provas e trabalhos de história. Ele encantara-se tanto com o tema, quanto com o professor Tibúrcio. Aquele homem cativara-o com sua inteligência e seriedade. Era um mestre que gostava do que fazia: adorava ensinar, entusiasmava-se quando algum aluno demonstrava progresso, mas, sobretudo, transmitira para Marciano uma nova compreensão sobre o ser humano. Não valorizava datas e efemérides, apresentava aos alunos uma história viva, em que pessoas, grupos, movimentos, povos debatiam-se entre momentos de glória, desencanto e sofrimento. Marciano aprendeu sobre a luta de classes, sobre o modo inequívoco como os poderosos exploravam os fracos, mas também soube da capacidade de reação dos oprimidos, de como a razão e o esforço humano produziam luz e sombras.

Na Escola Estadual João Pedro não havia um lugar apropriado para entrevistas. Havia somente espaços coletivos: várias salas de aula e uma copa usada para café pelos professores. Assim, professor Tibúrcio, certa manhã, convidou Marciano para uma caminhada ao final do expediente, queria uma entrevista em particular, esclareceu ao aluno.

— Então, Marciano, me desculpe a intromissão. Não sou sequer seu orientador pedagógico. A responsável pelo acompanhamento dos estudantes do segundo colegial é a Mariana, sua professora de matemática, mas são tantos alunos e tantos os problemas, que ela não consegue atender a todos, assim eu a ajudo de vez em quando. Conversamos sobre você e estamos preocupados. O que aconteceu?

— Nada — respondeu Marciano com desconfiança. “Nada de sua conta, intrometido” —, pensou. Não admitia estranhos se



metendo em sua intimidade. No caso, por prudência, afinal tratava-se de um professor, uma autoridade, conteve sua indignação. Marciano, em geral, adotava uma postura defensiva e, frequentemente, reagia de modo intempestivo quando se sentia invadido; contudo, daquela feita, saíra-lhe natural manter-se discreto e, até mesmo, afável com aquele homem. O sujeito era-lhe simpático, gostava do que aprendera com ele, sentia que o professor havia mudado a maneira como encarava o mundo. Pela primeira vez, reconheceu necessário analisar o mundo de alguma forma, antes ele pensava que coragem e disciplina bastariam para assegurar uma vida confortável e honesta. Com Tibúrcio, ele aprendera que a vida era muito mais complicada do que imaginara e que saber sobre a história era um caminho seguro para se orientar no presente e no futuro. Aquele estranho, admitia para si mesmo, ainda que a contragosto, sim, reconhecia, aquele seu professor, era muito inteligente. Marciano resistia a reconhecer mérito em outros homens. Pois bem, apesar desse hábito, admitiu, encontrara um professor sábio, ele sabia sobre os segredos da existência e poderia ajudá-lo. Flagrou-se até mesmo desejando que ele houvesse sido seu pai e não, quem dera, o estrupício bêbado com quem convivia todo santo dia.

— Marciano, por favor, confie em mim, estou preocupado. Você é o melhor aluno da Escola, de longe! E, de repente, de setembro pra cá, tudo desandou. Desatenção, você anda avoado, não estudou mais, não entregou os trabalhos; enfim, me diga: o que aconteceu? Qual o seu problema? Talvez possamos ajudá-lo, quem sabe?

— Bem, professor. Obrigado. Sou de queixar não.

— Olhe cara, não se trata de chororô, muro de lamentações, nada disso! Deixe de ser orgulhoso, eu também fui como você até quando descobri que precisamos de ajuda. A solidariedade é o que torna a vida suportável, ninguém é autossuficiente, ninguém! O segredo é saber a quem se ligar, a quem pedir ajuda, com quem se abrir. Sou seu professor, o que conversarmos aqui, morre aqui mesmo, essa é nossa ética, entendeu?

— Bem, professor, obrigado. É que moro no Jardim da Felicidade e . . .



— Ora, Marciano! A maioria dos seus colegas vive no Parque Jardim da Felicidade e você já morava no bairro durante todo o ano e, mesmo assim, foi um ótimo aluno e. . . Isso não explica nada. Qual o problema novo? Além da pobreza do povo do bairro, além do descuido com que a merda desse prefeito e o idiota do governador administram nossa Escola e nosso bairro? Isto são desgraças velhas, qual a novidade ruim em sua vida?

— Bem, nenhuma.

— Desembucha, menino!

— Nada de novo, é que, com a mudança. . . Meu pai. . .

— Sim.

— Meu pai andou desempregado.

— E?

— Não, agora ele trabalha em um estacionamento, como guarda-noturno, mas o dinheiro é insuficiente, tenho duas irmãs e a mãe e. . .

— E?

— Droga! E eu preciso encontrar algo para fazer, ganhar dinheiro, algum e já! Procurei e nada. Toda tarde, há dois meses, não faço outra coisa que bater de porta em porta e nada. Ninguém quer um menor sem ofício.

— E o estudo?

— O que tem o estudo? Ando sem tempo, sem. . .

— Digo em geral. Você não sonha com a Universidade? Por que se dedica tanto?

— Sim. Medicina. Serei médico. Estou resolvido. A questão, professor, é como sobreviver até o canudo. Dois anos de colegial ainda, seis de curso e sei lá o que mais?

— Muito bem, médico. Boa escolha. É uma linda carreira, além disso, trata-se de uma profissão fundada na solidariedade, no respeito ao ser humano e na ética.

— Sim, eu sei.

— Mas exige muita dedicação. O vestibular é muito concorrido, pouca gente da escola pública chega lá, os filhinhos de papai têm melhores oportunidades, cursinho, o diabo. Depois, a



faculdade é em tempo integral, aluno pobre terá que trabalhar à noite, dezoito horas dando duro, de dia na Universidade, à noite trabalho, em geral, dando aula ou mourejando em algum banco, na compensação em turnos noturnos.

— Não sou de refugar trabalho, ao contrário.

— Sei, sei. Marciano, tenho uma proposta, ou melhor, um trato. Um contrato, tudo bem?

— Desembuche.

— Tenho um amigo, grande amigo, meu mestre, o companheiro Cornélio. Ele é bancário, sindicalista experiente, foi perseguido pela ditadura, mas escapou. Hoje, ele é gerente de uma agência do Banco Brasileiro. Ele poderá empregá-lo como contínuo, essa coisa de levar e trazer papéis, correspondência, *et cetera*, já que você é menor de idade. Salário mínimo, acredito, você receberia, no máximo. Seis horas, a jornada, pela tarde, da uma às sete horas. Assim, você poderá continuar no colegial, sem problema. Quando completar dezoito anos poderá fazer concurso para bancário. Estudar à noite, vencer o sono, é isto mesmo que você quer?

— É disto que eu preciso professor. Não tenho alternativa.

Ainda caminhando, Marciano desconfiou do excesso de generosidade daquele quase desconhecido. Com certeza, estaria obrigado a oferecer algo em troca, raciocinou:

— Professor Tibúrcio e a outra parte do trato?

— Que outra parte, Marciano? — surpreendeu-se o mestre, esquecido do que havia ofertado a seu aluno.

— Minha contrapartida, qual será? O senhor me conseguirá o emprego de contínuo, falará com o gerente seu amigo e, em contrapartida. . . Em retribuição deverei fazer o quê?

— Com o Cornélio, sim.

— Bem. . . E o que deverei em pagamento pelo favor?

— Ah! Duas coisas: ler um livro, *História da riqueza do homem*. Tenho um exemplar aqui comigo na pasta, veja — o professor entregou-lhe um volume velho e ensebado, com sinais evidentes de que já fora bastante manuseado.

Marciano folheou o volume, leu a contracapa e perguntou:



— O senhor acredita que meus conhecimentos em história deixam a desejar? Precisarei de reforço? Não sei, mas o ginásio de Nova Barcelona é bom, sempre gostei de história e. . .

— Não, de fato, sua formação é boa. Sugiro a leitura desses autores com outros propósitos. Aliás, a ideia é estudar cada capítulo para discutirmos em seguida. Esse livro está proibido, nunca poderei adotá-lo na Escola.

Por quê?

— A ditadura, os milicos colocaram-no no índice, trata-se de um texto crítico, marxista.

— Comunista?

— Psiu! Essa é uma palavra proibida.

— Por quem?

— Pelo governo militar, Marciano. Estou lhe propondo um trabalho extracurricular. Como companheiros; entende? Você me pareceu corajoso; revoltado contra as injustiças e a favor do socialismo, ou me engano?

— Não. E se eu não aceitar o trato, perco a oportunidade do emprego?

— Não, Marciano. Essa coisa de contrato foi uma brincadeira de mau gosto, esqueça. Na prática, o trabalho no banco já está assegurado, consultei meu amigo Cornélio antes de falar com você. Eu imaginava que seu problema fosse dinheiro, trabalhar. O gerente, o meu amigo, tem uma vaga para contínuo reservada pra você. Faço isso por um aluno com futuro e que precisa de ajuda no momento. Sem nenhuma condição, perdão?

— Não há o que desculpar. É que não sou de aceitar imposição e. . .

— Esqueça, então. Com o emprego, ficamos assim: amanhã, à uma hora você se apresente na agência central do Banco Brasileiro, aquela da avenida Getúlio Vargas e procure o Cornélio. Tudo bem, tudo claro? Além disso, outro assunto, virando a página, uma sugestão e um convite. A sugestão é para que leia esse livro, valerá a pena. O convite é para que você participe de um grupo de discussão clandestino, estudaremos livros e jornais proibidos pela

ditadura, literatura marxista, notícias censuradas, conhecer a luta de classes no Brasil, na América Latina e no mundo. Coisa secreta; não comentaremos com ninguém, pela segurança, entende?

Marciano sentiu-se orgulhoso pela confiança, o professor deveria ser militante comunista, com certeza. E confiava nele, colocava sua segurança nas mãos de um moleque quase desconhecido. Ele o avaliara somente em sala de aula, não haviam convivido em nenhum outro lugar.

Na semana seguinte, Marciano foi contratado como *office-boy*.

Com uma voz cava, em um lamento solidário, como se consolasse uma viúva, o Espírito de Época comentou:

— *Observe com atenção, meu caro romancista, Shakespeare, a partir de um conflito entre pai e filho, legou-nos o Rei Lear. Dostoiévski, os Irmãos Karamázovi. No nosso caso. . .*

A observação mordaz de meu Espírito de Época nocauteou-me. Eu me preparava para rever o capítulo e quedei-me atônito, sem reação. A comparação de meus rabiscos com obras de dois gênios da literatura desanimou-me profundamente. Em virtude de minha inação, ele tardou alguns segundos antes de continuar com a crítica impiedosa.

— *Por favor, seja maduro! Não há motivo para essa sua cara de funeral. Ânimo, meu amigo! Viver é aprender. Veja, não gostei da maneira superficial com que você relatou o embate entre Marciano e Vasco. Meu Deus! O filho meteu um soco no rosto do pai! E, em seu relato, esse evento trágico é diluído em bobagens da vida corriqueira. Namorico da irmã, problemas com os estudos, não! O centro da história de Marciano revelou-se e você o desprezou. Ressaltou suas preocupações financeiras, a felicidade em trabalhar em um banco, em vez de enfatizar a agonia que assalta um vivente quando o destino o obriga a enfrentar-se com seu criador!*

O falatório injusto do Espírito teve o dom de acalmar-me. Recuperei parte de meus brios e o enfrentei:

— *Grande ajuda, a sua! Desqualificar-me, julgar-me segundo um padrão de ouro. Não podemos continuar repetindo os grandes es-*



critores. Ademais, estamos em outra época, se o senhor não percebeu. No tempo de Marciano ainda acontecem eventos desastrosos, trágicos. Lógico! Como antigamente. Mas a tragédia não toma mais todo o enredo de uma peça ou de uma novela, como nos textos antigos, isto não é mais possível. Os modernos somos obrigados a prosseguir vivendo apesar do sofrimento. Não podemos mais cegar-nos após algum acontecimento dramático, como Édipo o fez. Não é possível existir em função de uma culpa, do ressentimento ou da tristeza decorrentes de algum equívoco dilacerante. Ainda quando a mancha moral e a dor nunca se apaguem, o herói moderno é obrigado a sobreviver como um homem comum, ordinário. Marciano terá para sempre o fantasma do seu pai ao seu lado. Continuará, eternamente, agindo para alcançar sua aprovação e, ao mesmo tempo, esforçando para livrar-se de seu espectro. Durante toda sua vida. Para sempre! Marciano nunca se livrará do pai. Agredi-lo significou carregá-lo para a eternidade. Entretanto, a tragédia moderna está contaminada pelo realismo pragmático da sobrevivência, como também pela comédia e por espasmos épicos que compensem o sentimento de culpa decorrente do fato de o herói não haver impedido a ocorrência de algum evento trágico.

— Nunca ouvi tanto disparate! Que autores sustentam essa sua tese sobre a impossibilidade da tragédia como gênero? Quem. . .

— Sei lá, cara! Não me interessa. A beleza do capítulo sobre a vida dos Villas em Brazlândia está exatamente nessa mescla de drama e banalidade. Esse capítulo comprova que Marciano é um ser determinado. Apesar do incômodo, apesar do desgosto com o pai, apesar disso tudo, ele tratou de sobreviver. Aproximou-se das irmãs, cismou em conseguir dinheiro e empregou-se e ainda, observe, iniciou um movimento para arrancar-se da pasmaceira que é a vida no Jardim Parque da Felicidade. Não se conformou aos condicionamentos de sua classe social. Ao contrário, escolheu ser médico. Ascensão social, respeitabilidade e ainda a possibilidade de sentir-se digno, ajudar os humilhados e sofredores com seu trabalho. De quebra, ainda conseguiu um amigo generoso, culto e comunista. Trata-se de um verdadeiro herói da modernidade ou da pós-modernidade, este nosso personagem. Não sei bem. . .





— *Desculpa esfarrapada, não oculte a sua indisposição e sua incapacidade para lidar com as possibilidades trágicas da relação entre Vasco e Marciano!*

— *Meu Deus! Não está fácil suportá-lo! Quanta exigência, que espírito de porco o senhor me saiu! Um crítico exacerbado e irracional! Tenho saudade da intransigência de meu antigo superego. Deverei escrever nada mais e nada menos do que uma obra-prima?*

— *Não. Espero simplesmente uma obra autêntica.*

— *E o que significaria “autêntico” para Vossa Senhoria?*

— *Simple: nenhum compromisso!*

— *Compromisso com o quê?*

— *Nenhuma concessão ao sistema ou às estruturas.*

— *Puro espírito de meia-oito! Falta um Bob Dylan de fundo musical. Nesse caso, deverei desconsiderar tudo que foi instituído? A gramática, as regras do bem escrever e. . .*

— *Não seja simplório. Retome a joça desse seu romance, iremos acertando os conceitos ao longo da narrativa.*

— *Meditarei sobre suas considerações. Voltemos à vaca-fria, então!*



MOVIMENTO ALEGRÍSSIMO
heróis noviços: revolução e política; amor e sexo

*Em Brasília, admirei
Não a Niemeyer lei. . .*

*Em Brasília admirei.
O pequeno restaurante clandestino,
criminoso por estar
fora da quadra permitida.
Sim, Brasília.
Admirei o tempo
que já cobre de anos
tuas impecáveis matemáticas.*

*Adeus, Cidade.
O erro, claro, não a lei.
Muito me admirastes,
Muito te admirei.*

Paulo Leminski, *Distraído venceremos*





Fátima Castro habituara-se a uma vida regrada. Seu pai era servidor municipal e a mãe dona de casa; gente simples. Teve uma infância restrita, tinham o suficiente para escapar à miséria e nenhum tostão de sobra para esbanjar. Coursou escola pública em Nova Barcelona, em seu guarda-roupa havia apenas uma peça de uniforme, aproveitava os cadernos e sapatos de um ano para outro. Nunca comemorou aniversário ou ganhou presente de Natal, Páscoa, nada. Depois do ginásio, ingressou na Escola Normal. Tudo fora planejado e acertado em sua vida. Concluídos os quatro anos para a formação como professora para o ensino primário, faria concurso público, assumiria um cargo em alguma das escolas da região, ajudaria os pais com a criação dos dois irmãos mais jovens e, em caso de sorte, encontraria um noivo sério com quem se casaria. Esta maquinaria automática funcionou conforme o previsto até pouco antes de Fátima receber o canudo com o título de normalista.




Tinha dezessete anos quando começou a conspirar contra seu destino traçado. Antes nunca reclamara, jamais demonstrara contrariedade ou repulsa diante de suas obrigações. Talvez fosse o poder do diploma, ou algum outro fator misterioso, o fato foi que, de repente, autorizou-se a pensar em sua vida segundo outra pauta, longe daquela pasmeira provinciana.

Em segredo, inscreveu-se para um concurso para professores na Capital. A diretora da Escola Normal, dona Aparecida de Oliveira, havia distribuído o edital entre as formandas; estimulava-lhes



a cobiça informando que o salário de professor, na Capital, era excelente, semelhante ao do Banco Brasileiro. Ademais havia uma carreira, o professor começava no primário, passava ao ginásio e colegial e, algumas, chegariam até a função de supervisor, caso cursassem alguma Universidade. A velha senhora apostava na independência das meninas, doía-lhe a alma preparar aquelas moças, treinar-lhes a sensibilidade, para depois vê-las escravizadas a algum fauno caipira. Fátima consultou-a sobre procedimentos e documentos necessários. Dona Aparecidinha ajudou-a com os trâmites, conseguindo que um parente seu, frei Tiago, um sacerdote que vivia na Capital, inscrevesse Fátima por procuração. Manteve segredo absoluto sobre a operação, conhecia de sobra o conservadorismo perverso das melhores famílias de Nova Barcelona. Se a notícia corresse, algum parente — pai, tio ou avô —, seguraria mais uma alma penada no inferno machista que era aquela cidade. A diretora, de maneira reservada, ainda se ofereceu como professora particular para Fátima. Juntas, estudaram português e matemática, inglês e francês, história e geografia, conforme descrito no edital de concurso. Por segurança, Fátima concorreu também a uma vaga para Nova Barcelona, o pagamento, nesse caso, seria cinco vezes menor que o da Capital.

Foi aprovada nos primeiros lugares em ambos os certames. Sua alegria foi o desespero para seus pais. Os velhos não admitiam uma moça solteira vivendo sozinha, em pensões, pela cidade grande selvagem. Estaria condenada a nunca se casar, ficaria mal-afamada, seria inevitável. Portanto, simplesmente, em consonância a costume arraigado, resolveram que a filha assumiria o emprego em Nova Barcelona. Mas ela decidira diferente havia tempo. Novamente, graças ao apoio de dona Aparecida, alugou quarto no pensionato do Divino Espírito Santo, na Capital, dirigido pelo sobrinho sacerdote da velha mestra, o incansável frei Tiago. Viveria folgada com o soldo de professora, poderia inclusive enviar ajuda para os irmãos. Enquanto trabalhasse no magistério, faria um cursinho preparatório para o vestibular. Um, dois, três, não importavam quantos anos, quanto tempo tardasse, ela insistiria, termi-



naria ingressando no curso de Pedagogia na Universidade. Depois de diplomada, mais quatro ou cinco anos, seria promovida e, então, dedicar-se-ia à educação de crianças com dificuldade escolar.

Apesar da oposição dos pais, Fátima terminou mudando-se para a Capital. Levou uma pequena mala, era tudo que acumulara até então. O pai não lhe dirigiu mais a palavra, ela saiu de casa sem se despedir dele, a mãe abraçou-a emocionada, recomendando que não passasse frio, havia tricotado um casaco vermelho para a filha querida, os dois irmãos menores compraram-lhe um caderno de presente, para que se preparasse para o vestibular, disseram orgulhosos com a coragem da irmã. Foi sozinha para a rodoviária. Fazia um sol de rachar, era fevereiro. Confundiu-se com o local de onde sairia seu ônibus, nunca viajara para além das cercanias de Nova Barcelona. Estava nervosa, conferiu várias vezes se levava o endereço do pensionato. Tinha pouquíssimo dinheiro, começaria a trabalhar logo, mas o salário demoraria, talvez três meses, para ser pago com regularidade. Imaginava negociar um adiamento do aluguel com o pároco e diretor do pensionato do Divino Espírito Santo, o problema seria alimentar-se. Sacudiu a cabeça, preocupada; de qualquer modo, pensou, descobriria alguma maneira para arranjar tudo. De repente, alguém a abraçou. Era dona Aparecida.

— Cadê o chauvinista do senhor teu pai? Não apareceu, ele te atormentou muito? Temi por tua coragem; graças a Deus, tens espírito forte, minha filha!

Fátima abraçou-a, emocionada, seus olhos se umedeceram, mas ela controlou-se, não pretendia dar um espetáculo em público. A professora continuou:

— Fátima, vim me despedir; farei questão de comparecer à tua formatura como Pedagoga; não te esqueças do meu convite, quero um especial.

Apesar da gravidade do momento, Fátima sorriu. Dona Aparecida estava próxima dos setenta e demonstrava tanto devotamento à educação das novas gerações como se ainda fosse a jovem entusiasta que começara a lecionar logo depois da segunda gran-



de guerra.

— Ah, dona Aparecidinha! Eu não poderia ganhar presente melhor. Muito obrigada pela atenção. Estou com as pernas bambas, nunca viajei para longe. A senhora me fortaleceu o ânimo, muito obrigada, viu!

— Pois não faço mais que a obrigação! Dona Fátima, tu fostes uma das melhores alunas da Escola Normal Auguste Comte, poucas meninas tiveram a tua inteligência e, por certo, nenhuma, ninguém, te superou em disciplina, seriedade e ética, eu. . . — a velha dama engasgou-se, faltaram-lhe as palavras e, pela primeira vez em anos, dona Aparecida demonstrava emoção. Era famosa sua capacidade em ocultar sentimentos; fosse raiva, tristeza ou alegria, mantinha sempre a mesma aparência circunspecta, ela admirava o espírito inglês, a habilidade deles para viver a vida no mesmo tom, no mesmo diapásão polido, ainda quando as circunstâncias fossem trágicas. Naquela rodoviária, diante de uma aluna, alguém que nem sequer pertencia à sua família, ainda quando ela a conhecesse há anos, desde o primeiro ano ginasial, de qualquer modo, ela perdera a compostura, “seria a velhice”, pensou preocupada, enquanto enxugava uma “lágrima furtiva” com um lençinho branco de linho bordado. Toda lágrima para dona Aparecida sempre estaria acompanhada pelo adjetivo “furtivo”, “que lhe perdoassem o clichê”, justificava-se conformada com seu romantismo entranhado. Tomando Fátima pelas mãos, disse-lhe:

— Minha filha, tenho muito orgulho em te haver sido útil. Ainda que com um grão de areia em teu mar de determinação. Tenho outro presente, e não aceitarei recusa, seria ofensivo, me entendeste?

— Sim, não precisava, não. Eu. . .

Dona Aparecidinha abriu sua bolsa de onde retirou uma pequena sacola de camurça, abriu a mão direita da jovem e ali depositou a sua lembrança com a mesma unção de quem estivesse coroando o rei de Roma:

— Minha filha, é meu décimo terceiro salário, todinho. Cui-



dado para não perdê-lo, não confies em ninguém, em ninguém, principalmente em namorados ou galãs de fala mansa, em ninguém. Será suficiente para o aluguel e a comida nos primeiros meses. Não quero minha aluna morrendo tuberculosa ou desnutrida depois do bonito que fizemos.

— Dona Cidinha, pelo amor de Deus! — protestou Fátima, morrendo de vergonha. — Não posso aceitar de jeito nenhum, a senhora me perdoe, eu. . .

— Fátima, não me ofendas, não sejas tola, saiba reconhecer uma amiga. O prazer em compartilhar essa aventura contigo é todo meu. Nos últimos seis meses, foi como se houvesse rejuvenescido. Os serões de estudo, nossos segredos. . . Não tive filhos, como tu sabes, meus sobrinhos têm tudo do bom e do melhor, têm até em excesso, Deus me perdoe, um bando de mal-educados, assim, posso dispor de meu dinheiro como quiser. Alguns querem Europa; outros, Bahia, Rio de Janeiro, joias, carros; eu quero demonstrar meu carinho por ti, quero diminuir teu sofrimento, quero que sejamos amigas para sempre; de uma colega para outra, um dia tu me pagarás em outra moeda, se não a mim, à juventude brasileira a quem dediquei minha existência, por favor!

As duas abraçaram-se, olhos secos (houve uma ou outra lágrima furtiva admita-se para maior precisão do texto), prometeram-se escrever e a menina do interior mudou-se para a Capital.

Ao final daquele ano, dez meses depois de instalar-se na Capital, em uma manhã de dezembro, Fátima chegou ao *campus* da Universidade para concorrer ao vestibular. Havia milhares de jovens espalhados pelos gramados, uma multidão colorida e silenciosa. O clima era de apreensão. Ninguém sorria, poucos falavam e, a maioria, buscava orientar-se pelos cartazes que indicavam o edifício e a sala em que fariam as provas. Havia treze mil concorrentes, distribuídos conforme o número de inscrição. Fátima dirigiu-se para o Instituto Central de Ciências, o Minhocão.

Aquele fora um ano cinzento para nossa heroína. Fora designada para uma escola em Sobradinho, uma das cidades-satélites, onde o povo pobre — burocratas menores, bombeiros, policiais e



operários — vivia afastado da elite governante. Os ricos moravam no Plano Piloto e em torno do lago, protegidos de conviver com as outras classes sociais. Intrigava à menina como comunistas haviam planejado aquele *apartheid* brasileiro. Niemeyer era comuna, disso ela tinha certeza; seria Lúcio Costa do mesmo grupo? — perguntava-se enojada com a insensibilidade social daqueles artistas.

O pensionato onde vivia era uma obra religiosa em apoio a estudantes carentes. O edifício de dois andares, com dezenas de pequenos apartamentos para dois moradores, ficava na Asa Norte, perto da Universidade. Ela viajava meia hora para chegar ao seu local de trabalho. Na Capital, os professores trabalhavam seis horas corridas, tocara-lhe o turno da tarde. Além do trabalho docente, Fátima matriculou-se como aluna em um curso preparatório para o vestibular. Frequentava-o pela manhã. À noite, toda noite, estudava cinco ou seis horas. Deprimiu-se quando constatou quão pouco lhe fora ensinado sobre física, química e matemática na Escola Normal. Quase todos os temas apresentados pelos professores eram novidade para a normalista. Sentia-se burra, jamais seria aprovada, lastimava-se. Não tinha quem a ajudasse em casa. Queixou-se, por carta, de suas dificuldades com dona Aparecida. A resposta da velha mestra recompôs seu ânimo. Lembrou-lhe que o perfil das candidatas ao curso de Pedagogia seria semelhante ao dela: pessoas com formação deficiente em ciências exatas; em compensação, recordou-lhe a velha senhora, Fátima era sabida em português, inglês, geografia e história. De fato, somente depois da carta, Fátima constatou que conhecia tanto sobre estas disciplinas quanto os professores do cursinho. Antecipava suas exposições e percebia falhas quando tratavam de ciências humanas, ela poderia dar aula no lugar daquelas figuras, não se sairia pior, reconheceu. De qualquer modo, aprendia com aqueles docentes como responder às questões de múltipla escolha. Havia se habituado a provas descritivas, em que contestava as perguntas com textos reflexivos e sintéticos. Aquela moda norte-americana a desconcertava, fazia-se o exame sem que o aluno escrevesse uma única palavra, deveria simplesmente marcar um xis na alternativa correta. Pare-



cia mais um jogo do que uma avaliação de conhecimentos, acreditava.

Fátima não havia retornado a Nova Barcelona durante todos aqueles meses, em parte para economizar, mas, principalmente, porque não fora convidada por ninguém da família. Falara com a mãe por telefone, inclusive para combinar uma forma para enviar-lhe um terço do seu salário. Todo mês religiosamente, durante todo o ano, mandou dinheiro para a família. O velho nunca a procurou e a mãe tampouco tomou iniciativa de convidá-la para visitá-los. Por ocasião do aniversário dos irmãos, em setembro, comprou-lhes brinquedos, jogos, e enviou o presente por intermédio de frei Tiago. O padre tinha parentes em Nova Barcelona e os visitaria em outubro. Procurou sua conterrânea, oferecendo-se para levar ou trazer-lhe alguma encomenda. Fátima aceitou a gentileza do sacerdote, contente de poder assegurar aquela alegria aos manos. O frei a convidara para participar de um grupo de jovens que se reunia na Paróquia. Fátima desculpou-se alegando falta de tempo. E, de fato, durante todo aquele ano, ela viveu para trabalhar e para estudar. Não foi ao cinema, não fez qualquer passeio e não travou nenhuma amizade. Vivia solitária, perseguindo seu projeto.

Haveria dois dias de provas do vestibular, seriam oito exames, quatro de cada vez. No primeiro dia, para infelicidade de Fátima, concentraram-se os temas de ciências exatas e biologia. Com segurança, conseguiu responder a apenas um terço das questões. De outro terço não conseguiu sequer compreender o que lhe era solicitado. Resolveu arriscar-se com o terço restante, tinha dúvidas, mas havia estudado o assunto. Acostumada a resolver oitenta, noventa ou cem por cento do que lhe era cobrado, Fátima depressiu-se, seria reprovada, o que fazer? Mais um ano em que se dedicaria à mesma labuta, vaticinou: voltaria ao cursinho, reveria tudo aquilo outra vez; no ano seguinte conseguiria; persistir, insistir, estimulava-se.

Quando terminou as provas, pensou em revisá-las, quem sabe resolveria algumas das questões em branco. Para espaiar, suspendeu a cabeça, pretendia desconcentrar-se durante cinco minutos





antes da revisão. Foi quando percebeu um rapaz que a impressionou. Estava debruçado, completamente concentrado, como se não existisse nada além do maço de papéis em que trabalhava. Era diferente da maioria, não estava fantasiado de *hippie*. Ao contrário, era normal; ainda que fosse impressionante e lindo, constatou Fátima. Tinha ombros largos, braços com as veias desenhadas, mãos de alguém seguro, forte, mas gentil, fantasiou. A boca bem desenhada, lábios pálidos que combinavam com a testa franzida. Apesar do corpo contraído, o moço pareceu-lhe sereno, como se soubesse o que fazia. Vestia-se com simplicidade, camisa social branca, calça cinza e sapato de verniz preto. Relógio de pulso, cabelo curto jogado para trás, não usava óculos. Fátima distraiu-se em sua contemplação. “Um marido ideal”, pensou, rindo; “quanta fantasia”, reprimiu-se; “de qualquer forma, é um doce”, soltou-se; “um dia me casarei com alguém exatamente como ele”, declarou para animar-se.

Com dificuldade, voltou à sua prova. Depois de ler e reler os testes, concluiu que fizera o possível, não havia como espremer suco que não tinha acumulado antes. Estava para entregar o exame ao fiscal, quando seus olhos deram com o rapaz ainda envolvido com as questões. Resolveu esperá-lo, sairia junto. Ao meio se arrependeu, passara-se meia hora e o homem não dava sinal de terminar, “ficará até o último instante”, concluiu, e ainda faltavam quinze minutos para o término, constatou, disposta a partir. Ao ar livre, ficou-lhe a impressão de que conhecia aquele moço de algum lugar. “Seria professor?”. “Não”, a aparência não condizia com a dos seus colegas de magistério, todos com um toque de “bicho grilo”, conforme eles mesmos se referiam ao estilo descuidado com que se vestiam. O rapaz não lhe saía da cabeça, “seria de Nova Barcelona?”, perguntou-se, para concluir que talvez. Quem sabe o estivesse confundindo com a figura de algum artista do cinema ou da televisão. Que o homem era simpático, lindo, sobre isso ela não tinha dúvida. Então, sonhou acordada, talvez no dia seguinte tomasse coragem para abordá-lo ao final do exame.




Na segunda manhã, houve o bloco de provas em que Fátima era forte: português, história, inglês e geografia. Dessa feita, ela



saiu-se bem. Passou a manhã absorvida com os enigmas e problemas que lhe eram apresentados. Antes de assentar-se conferira e se assegurara de que o moço voltara. Viu-o em pé, o que melhorou sua avaliação: o sujeito era imponente, alto e transpirava segurança. Ao final, quando terminou de responder a todos as questões, levantou a cabeça e descobriu que o homem já se fora. Provavelmente, sendo engenheiro, aquele fora seu dia de sofrimento. Reviu todas as provas e entregou a papelada ao monitor. Pelos corredores, saiu à procura do homem lindo. Havia centenas de pessoas e Fátima não o encontrou.

Fátima foi aprovada em Pedagogia. Havia quarenta vagas e ela passou em trigésimo quinto lugar. Sua alegria foi imensa, tentou falar com a mãe, como não havia telefone em sua casa em Nova Barcelona, chamou a um vizinho e pediu-lhe o favor de avisar que voltaria a ligar em meia hora. A mãe chorou e gritou alegre; quando Fátima perguntou se poderia viajar para Natal e Ano-Novo, desejava muito rever a todos, a senhora emudeceu. A filha insistiu e a mãe foi obrigada a confessar-lhe que o pai não a desculpara, jamais perdoaria a humilhação a que fora submetido. A filha indignou-se, não houvera humilhação; sim, houve, contestou a mãe, toda a cidade soubera que o velho fora desobedecido por uma filha mulher, desde então, ele andava com a cabeça baixa, envergonhado por não haver sustentado sua autoridade paterna. Assim, Fátima passou Natal e Ano-Novo, sozinha, no quarto do pensionato. Escreveu e recebeu várias cartas de dona Aparecidinha. Fátima flutuava quando lia os elogios derramados escritos pela velha senhora.

Em fevereiro, houve a matrícula dos calouros. Fátima intuiu que o moço bonito, seu “Rock Hudson” (ainda não se sabia sobre a homossexualidade do ator), fora aprovado. Era um vencedor, não tinha ar de derrotado, portanto, estaria obrigado a matricular-se. Ela planejou encontrá-lo outra vez. Compareceu no primeiro horário, esperou horas em uma fila, preencheu dezena de formulários, somente não avistou o seu lindo engenheiro. Mesmo tendo concluído a inscrição, ficou toda a tarde observando as pessoas que se matriculavam; e nada do moço. No dia seguinte,



apareceu na Universidade pela manhã; em vão. À tarde foi obrigada a trabalhar, haveria reunião para planejamento pedagógico. Desistiu. O destino quisera o contrário, aquele lindo desconhecido não era seu par perdido, concluiu inconformada. Também, sendo prática, pensou, caso o houvesse encontrado, mesmo assim, continuariam dois estranhos, já que ela jamais teria coragem para abordá-lo, seria escandaloso e o homem a tomaria por uma doidivanas. Melhor conformar-se, seria uma nova dona Aparecida, uma mulher solitária, totalmente dedicada ao magistério.

Em março, Fátima começou na Universidade. Substituiu as aulas da manhã do cursinho preparatório pelas classes na Faculdade de Educação. À tarde, viajava para Sobradinho, os alunos ajudavam-na a esquecer-se de suas agruras, percebê-los aprendendo compensava sua solidão. Entretanto, não suportava mais isolar-se nos trinta metros quadrados do seu quarto no pensionato. Dividia o dormitório com outra professora que nunca estava: durante a semana sua colega trabalhava, à noite dormia com o namorado e, nos fins de semana, viajava para estar com a família; mantinha o quarto para enganar familiares, para que não descobrissem que ela se amasiara com o noivo.

Para movimentar-se e fugir da clausura, Fátima inscreveu-se como professora em um programa para alfabetização de adultos. Um pretexto para sair também às noites e ainda ganharia alguma grana extra, economizaria para o futuro. Designaram-lhe uma turma de servidores encarregados da limpeza dos ministérios. As classes seriam ministradas em um salão emprestado pela Câmara Federal, na Esplanada.

No primeiro dia, quando começaria o curso noturno, esperava o ônibus, quando, de repente, para sua surpresa, ao seu lado, estava o seu “Rock Hudson”, o seu herói incógnito. Embarcaram no mesmo carro, o rapaz continuava distraído, desligado do contexto. “Metido com seus interiores”, pensou a moça caçadora. Ele não a notou enquanto pagava a passagem, ela assentou-se ao seu lado. O ônibus já percorrerá duas quadras e Fátima não imaginava uma maneira razoável para abordá-lo. Temia perdê-lo outra vez.



Percebeu algo diferente no rapaz, a sua cabeleira fora raspada, o cabelo curto indicava que ele era calouro e que sofrera trote. Ele ingressara na Universidade. Confiante em seu poder de observação, arriscou-se, com uma voz tímida, que lhe saiu quase chorosa:

— Boa noite, você entrou na Universidade também?

Somente então o rapaz atentou para sua companhia. Primeiro, olhou-a com evidente surpresa. Sorriu com o canto da boca, um misto de escárnio e aprovação, analisou com vagar a mulher que o mirava assustada e contestou:

— Muito boa-noite! Me perdoe a distração, estava aqui tentando resolver os problemas do mundo. Mas, deixe-me adivinhar: você é caloura também, ainda que não lhe tenham raspado o cabelo — brincou gracioso —, sociologia ou pedagogia, acertei?

— Pedagogia — respondeu Fátima resplandecente.

— Ah! Que falta de educação, Marciano Villa, e a sua graça?

— Fátima Castro, Fátima.

— Olhando pra mim, qual seria minha profissão, Fátima? Tente adivinhar.

— Engenharia.

— Por quê? Tenho uma aparência conservadora, cara de quadrado?

— Engenharia é uma profissão legal e . . .

— Brincadeira, eu já a conheço, até me informei sobre sua pessoa com frei Tiago, também estou no pensionato, ala masculina. Sei que é de Nova Barcelona, eu também nasci naquela maldita cidade. Há tempo me mudei com minha família para Brazlândia. Sou bancário, Banco Brasileiro, trabalho à noite, na compensação. Passei em medicina. . . Medicina.

Fátima contemplava-o, despreocupada em responder. Ela encarava-o com fixidez, incapaz de prosseguir com qualquer conversa racional, era tamanha sua felicidade que duvidava da realidade daquela cena. Marciano vigiava-a com os olhos brilhantes, com ar de quem não a deixaria escapar com facilidade:

— Terei que descer daqui a dois pontos, entretanto, não pretendo perder a oportunidade. . . Digo. . . Fátima, quem sabe,



poderíamos. . . Sábado. . . Dar uma volta. . . Cinema, algum lanche, pastel com garapa na rodoviária?

— Pastel com refrigerante, pois detesto garapa — respondeu acolhedora a moça que babava para o rapaz que a olhava com olho gordo e carinhoso.

Saíram no sábado seguinte, encontraram-se domingo para o almoço e não se desgrudaram mais. Almoçavam juntos no restaurante universitário, estudavam na biblioteca e tornaram-se namorados, caminhavam de mãos dadas e trocavam beijos discretos quando protegidos da curiosidade alheia. Procediam como era de uso e costume em Nova Barcelona. A diferença, contudo, estava em que eram dois seres solitários, não tinham família por perto, nem havia “vela” para limitar a velocidade com que, em geral, alguém apaixonado costuma meter-se no corpo do outro. Em uma semana, Marciano havia contado sua história para Fátima, o conflito com o pai, a descoberta de Cornélio, seu pai substituto e mentor intelectual, a importância da política, sua crença de que somente uma revolução daria jeito no Brasil. Fátima ouvia-o extasiada, disposta a apoiá-lo em tudo, a servi-lo sem restrições, sem limites, estava para o que desse e viesse.

Com o tempo, cansaram de esfregar-se ao ar livre, necessitavam um espaço protegido. Fátima sugeriu seu quarto, sua companheira nunca estava, explicou ao namorado. Assim, depois do banco, onze da noite, Marciano esgueirava-se pelos corredores e metia-se na ala feminina. O regulamento do pensionato proibia mistura de sexos, nada de mulheres nos alojamentos dos homens e vice-versa. Os infratores seriam expulsos sem apelação. Entretanto, frei Tiago fazia-se de cego e surdo, compreendia o ardor daqueles jovens. Somente encenava alguma figuração vigilante para evitar que a esculhambação fosse a ordem dominante. A fiscalização tolerante e a regra intransigente limitavam os abusos, acreditava. Os candidatos a Romeu obrigavam-se a agir com discrição e, assim, paroquianos, familiares e jovens conseguiam um modo de vida tolerável para todos, acreditava o sábio frei.





Marciano e Fátima eram apenas mais um casal que se aproveitava da liberalidade da Igreja. A primeira vez que estiveram sozinhos, a privacidade pareceu-lhes um presente do céu. Passaram hora beijando-se e apertando-se em pé, Fátima pressionada contra a parede e Marciano apoiado sobre seu corpo. Na segunda vez, autorizaram-se a usar a cama de Fátima. Entretanto nunca se desnudavam. Abriam uma peça do vestuário ou outra conforme a área a ser acariciada, mas não ousavam arrancar as roupas. Temiam algum intruso, algum acontecimento inesperado que os comprometesse.

Passaram-se um, dois, três meses e não ultrapassaram a fronteira do afago mútuo. Mesmo assim, apreciavam muito aquelas sessões. Abraçavam-se com todas as roupas postas, deitavam-se na cama e faziam carícias em um silêncio impressionante. Se alguém colasse o ouvido à porta imaginária o aposento vazio. Até que um dia, Marciano suspendeu a saia da Fátima e retirou sua calcinha, sua própria braguilha já estava aberta, deitou-se sobre o corpo dela e perguntou-lhe:

— Em que fase do ciclo você está, não tenho camisinha e . . .

— Comecei a tomar pílula há dois meses, não há risco de gravidez.

— O quê?

— Anticoncepcional, comprei, estou usando.

Tranquilizado pela informação, Marciano prosseguiu com a penetração, os dois mantiveram a discrição costumeira, quando tanto, murmuravam “ais” e “huns” em sussurro suave. Ao final, Marciano levantou-se, para recompor-se segurou o próprio pinto e notou a mão escurecida. Aproximou-a do abajur e exclamou:

— Sangue, sangue? Você está menstruada, Fátima?

— Não, por quê?

— Esse sangue, então?

— Bem, se não me engano, é do meu hímen.

— O quê?

— O hímen costuma sangrar quando rompido, nem sempre, mas em alguns casos. No meu, com certeza, houve. . .



— Mas, Fátima, então você é virgem? Arrebentei o seu cabaço, agora?

— Claro, seu bobo! O que você esperava? Que sua namorada fosse uma mulher vadia, somente porque vivo sozinho em uma cidade grande? Quando você finalmente sairá de Nova Barcelona? Continua tão preconceituoso quantos os idiotas de lá?

— Não, meu bem — disse Marciano carinhoso, inclinando-se outra vez sobre Fátima, que se mantivera deitada durante todo aquele curioso diálogo. — É que eu imaginava uma lua de mel, um troço romântico, perdi o controle. Meu bem, querida! — exclamou enquanto acariciava o rosto da mulher.

— Para mim foi ótimo. Tivemos uma noite romântica, penumbra, juntinhos e apaixonados, o que mais queria um cristão?

— Você é demais, Fátima! Nesse momento solene, eu lhe peço a mão. Minha querida, deseja ser minha esposa para todo o sempre enquanto existirmos?

— Senhor Marciano, eu o aceito como meu legítimo e único esposo e prometo amar-lhe acima de tudo e de todos.

— Que graça, Fátima, o seu rosto está pintado de vermelho, meu dedo, o seu sangue, como uma guerreira apache, minha guerreira!

Desde então, a cada noite, faziam amor de modo discreto e regular. Mantiveram o hábito até quando se casaram e alugaram um apartamento três anos mais tarde.

— *Então? Que lhe pareceu a experiência? Um capítulo narrado a partir da perspectiva de Fátima! — perguntei a meu Espírito, curioso sobre sua opinião.*

— *Que infantil, meu caro! O querido artista não funciona sem o combustível do elogio? Bola pra frente.*

Aquela insensibilidade irritou-me, somente para magoá-lo passei ao ataque:




— *A propósito, não está sendo fácil sustentar um clima de suspense, algo forte que desperte o interesse e prenda a atenção do leitor. Com*



todo respeito, sem preconceitos, mas que gente mais comum, mais classe média, todos os personagens que me foram indicados! Quanta boçalidade, quanto senso comum, quanto espírito pequeno-burguês!

— Insensível é quem me acusa — o Espírito antecipava meu pensamento, impossível argumentar contra tal vantagem. Implacável, ele prosseguiu: — Acreditei que o senhor houvesse captado a beleza dessa saga moderna. Os anos sessenta e setenta foram uma época singular, um tempo quando milhões lutaram por uma nova sociabilidade, um tempo de muita esperança. Estamos narrando a biografia de pessoas que viveram de maneira desabrida e corajosa, que apostaram em uma utopia. Se a coisa funcionou ou não, isso é outra história. Interessa-me o caminho, não o resultado. Depois veremos se foram ou não derrotados. Não sei como o senhor considera ordinárias pessoas com tanta generosidade, eles agiam como se fosse possível inventar um novo mundo, um novo homem! Heróis, eles. Talvez lhe desagrade o fato de que, apesar de aventureiros, eles sobreviveram à sua própria ousadia. Nem todo herói é mártir. É óbvio que sofreram decepções. Sim, reconheço, eram pessoas comuns, de classe média, sim! Havia milhares como eles. Esses jovens, meu caro, lenta e penosamente, alteraram com radicalismo a trajetória previsível de suas vidas. O romance careceria de apelo se os seus percursos existenciais fossem estruturados e previsíveis. Mas, não. Eles ousaram dissentir do senso comum, ainda quando boa parte de seus projetos “desmancharam-se no ar”. Essa é a tragédia, o eixo do nosso enredo! Em função de suas escolhas, nossos heróis viram-se atirados “no olho de um furacão”, em um redemoinho destrambelhado, diferente do modo regular em que vivia a maioria da população brasileira. Não foram acontecimentos inesperados ou apocalípticos que impossibilitaram a manutenção de seus hábitos e de uma vidinha segura. Não. Os próprios heróis armaram os principais lances de sua tragédia, a aspereza habitual da existência encarregou-se apenas de assegurar certa dose de imprevisibilidade ao desfecho. Tragédia, comédia e aventura, meu caro, tudo misturado!

— Perdão. O seu discurso pretensioso não esconde a mediocridade da vida destas pessoas. Não nego haver grandeza poética na






história banal de Fátima, comoveu-me sua singeleza, a determinação de livrar-se da crueza da vida comum em Nova Barcelona da qual ela fugiu, para reencontrá-la depois, trancada em um quarto de pensionato na Capital. Eu. . .

— Não conclua antes da hora, querido! Nossos heróis não eram alienados, desavisados e desatentos. Não, eles sabiam sobre os perigos inerentes ao inconformismo. Tinham noção de que pagariam um preço pela rebeldia contra a ordem burguesa. Identificavam, inclusive, as tentações que poderiam distraí-los ou desviá-los durante o percurso. Eram perseverantes e perceberam que, de concessão em concessão, muitos renunciaram à coerência revolucionária e aos ideais reformistas. Eles sabiam sobre a tendência a acomodar-se, uma vicissitude comum à vida da maioria dos mortais. O problema foi que, mesmo de posse de toda essa sabedoria prudente, eles não a aplicaram a si mesmos, já que se julgavam diferentes dos demais. Eram orgulhosos, supunham-se feitos de algum estofado especial que lhes asseguraria cruzar incólume entre todas as ameaças e armadilhas. Acreditavam nessa mitologia. No fundo, subestimavam o poder de contaminação das regras corriqueiras e do mercado. Imaginavam-se vivendo e fazendo política como se fossem anjos caídos, mas que, apesar da queda, ainda conservassem a dureza da inocência original.



— Quem sou seu, um simples escrivão, para afirmar o contrário?

Apesar do ambiente favorável ao acasalamento e ao sexo livre existente na Universidade, Tristão não encontrou logo uma parceira. A rejeição de Juliana abalara-o tanto que se sentiu proibido de aproximar-se de outras mulheres. A ebulição daquela época ajudou-o a viver abstinente de sexo, serviu-lhe de lenitivo para a dor de cotovelo. Ele contagiou-se pelo entusiasmo difuso. O espírito de rebeldia daquele tempo funcionava como uma panela de pressão fumegante que derretia o senso comum da juventude. Resumindo: apesar da facilidade com que se transava, Tristão foi incapaz de extravasar sua energia em sexo. Para não explo-



dir, dirigiu para a política e para os livros a energia que quase o sufocava.

Na Universidade da Capital, Tristão encontrou a maior biblioteca realmente existente que ele jamais sonhara: estantes e mais estantes com romance, poesia, filosofia, psicanálise, política, história e, até mesmo, um canto dedicado à medicina, graças ao qual podia economizar evitando comprar livros exigidos no curso. Ele descobrira locais protegidos, sombreados, mesas onde se escondia durante horas, entretido com os novos autores que ia descobrindo meio ao acaso, meio que seguindo a trilha que cada escritor indicava como sendo o caminho para a sabedoria ou para o descortino da beleza.



Tristão organizara sua vida como um relógio. Durante o dia a medicina o ocupava; à noite, conseguiu ser contratado como professor de história e de inglês em um cursinho. Com a grana dispensou a mesada que seu pai lhe enviava com alguma dificuldade. Doutor Augusto não era rico. Todo tempo de folga, Tristão o dedicava à leitura e ao estudo. Sentir-se autônomo elevou-lhe o ânimo. Foi com esse estado de espírito que, em uma esplendorosa manhã de maio, entrou na Universidade pelo imenso saguão do Instituto Central de Ciências. O ICC era um edifício de concreto e tijolo à vista com três pavimentos e que recebera o apelido carinhoso de Minhocão por assemelhar-se a uma lombriga parida pela imaginação futurista de Niemeyer. Como era simples e imponente aquela entrada, o vão aberto como o de uma catedral que não temesse a luz da razão, deslumbrou-se nosso herói. Era como estar dentro de uma escultura, uma espécie de laço de Moebius gigante, esticado, tentando concorrer com o horizonte aberto do planalto central. Tristão sentiu-se importante, compartilhava com o prédio a sensação de profundidade produzida pelos corredores vazados, cujas paredes aproximavam-se como paralelas que se perdessem no infinito. Encantou-se com a estranha fusão entre elementos naturais — o canteiro com grama, buganvílias floridas em vermelho, palmeiras verdes, o céu azul entrevisto entre a ala esquerda e direita do edifício — e a dureza cinza do concreto. As colunas retangulares



enfileiradas como dominós sugeriam uma frágil solidez matematicamente calculada, algo efêmero, passível de queda ao menor toque. “Ah” — confirmou Tristão para si mesmo —, “haveria como construir-se uma utopia concreta, o paraíso terrestre; havia meios, caminhos; haveria ciência, o futuro seria um mundo melhor. Ah, bastaria arriscar-se, aventurar-se.” Pensava inebriado sem a necessidade de álcool ou de drogas, intoxicado com a esperança e o prazer de simplesmente existir naquele lugar e naquele tempo.

O jovem estudante cruzou aquele portal absolutamente aberto à felicidade e à vida! Entretanto, sua euforia existencial fazia-o sentir-se culpado. A sua casca ideológica esquerdista recomendava-lhe circunspeção, afinal havia que se preocupar com as injustiças e com a dureza e crueldade do regime militar.

— *Um momento, um momento — interrompeu-me o Espírito de Época com um berro. — Por acaso, o senhor está insinuando que a ideologia esquerdista de Tristão era resultado de minha influência?*

— *Eu? — exclamei com ar de inocência absoluta.*

— *Por favor! Não me responsabilize por um comportamento decorrente de características pessoais do personagem! Não seja injusto com minha história, com. . .*

— *Tudo bem — concordei com receio de que o danado do Espírito retomasse a condução da escrita. — Tudo bem! Redigo o anteriormente dito. Ou melhor: reescrevo o antes escrito.*

Apesar da euforia, Tristão sentia uma difusa sensação de culpa, o que, todavia, não alterava o seu estado de quase completo bem-estar. Como soía lhe acontecer, Tristão punha-se ambivalente sempre que experimentava prazer, bastava sentir-se alegre para que alguma sombra maculasse sua felicidade. Na noite anterior, sonhara uma história tenebrosa, uma denúncia alegórica do autoritarismo daquele período e também, quem sabe, vestígios de sua própria sufocante história pessoal. Em seu pesadelo os universitários





eram obrigados por policiais a disporem-se, disciplinados, em longas filas em frente ao Minhocão. Todos atentos e ouvindo um longo discurso do capitão de mar e guerra, interventor militar na Universidade, em um arremedo tropical da cena famosa em que Hitler, empoleirado em um palco, exortava milhares de nazistas em Nuremberg. Durante toda sua escola primária, Tristão também se enfileirara em pátios da Escola Paroquial de Nova Barcelona e ouviu centenas de arengas moralistas de padres e freiras. O seu sonho indicava receio inconsciente de que aquele mundo maravilhoso regressasse a algum daqueles passados tormentosos. Era, portanto, com justificado alívio que ele constatava uma realidade bem mais descontraída do que a que sonhara.

Com uma dorzinha no coração por interromper a apreciação daquela manhã radiosa, iniciou a descida para o subsolo, onde ficava o laboratório destinado a alunos de medicina. Ao meio da escada, encontrou Matias de Alcântara subindo em sentido contrário.

— Vamos tomar um pingado com pão na chapa, estou morto de fome — convidou-o o colega com uma voz cavernosa de quem se levantara há pouco.

— Estamos em cima da hora.

— Não seja caxias, quinze minutos!

Já assentados na cantina, comendo pão besuntado na manteiga, acompanhado por leite e café servidos em um copo apropriado para cerveja, Matias convidou o colega para uma festa, uma quermesse, organizada pelo Diretório Central para arrecadar fundos para o movimento estudantil e, como ninguém era de ferro, para o povo festejar, explicou animado.

— Haverá um mutirão daqui a pouco para armar barracas, preparar comida e bebida e outros detalhes. As rodas estão girando, amigo: “*the times, they are changing*”. A sede itinerante do DCE está na arquitetura agora, vamos pra lá?

— Não, estou ocupado o dia todo e . . .

— E eu? Não? Se somos da mesma classe? A coisa é segura, a Paróquia, Frei Tiago, forneceu a cobertura legal, metade da renda vai pros pobres e a outra pro movimento.



— Não seja idiota, não estou com medo, é que não pretendo matar aula. Nem sei nem se aparecerei no baile, semana de provas.


— Santa paciência, meu caro, hora de diversão! Por favor, não seja careta.

Ante a expressão amuada do aluno compenetrado de seu dever, Matias continuou:

— Então, pelo menos assine a lista de presença pra mim, depois vejo o seu caderno.

Matias da Alcântara era mais velho do que seus colegas, antes havia sido aluno de sociologia na Universidade de Brazlândia, abandonara o curso pelo meio. Durante cinco anos trabalhara em jornais e editoras. Sua decisão de fazer medicina fora tardia: de repente, no dia de seu aniversário de vinte e cinco anos, resolveu mudar de vida e inscreveu-se no concurso vestibular. Foi aprovado e transferiu-se para a Capital, rompendo sem vacilar com sua antiga rede social no sofisticado bairro da Vila, onde sempre morara. Matias de Alcântara encarnava o intelectual existencialista típico: tinha aspecto sombrio e lúgubre, era inimigo do sol, de esportes e de qualquer atividade corporal que não o esforço para copular. Aparentava a idade que de fato tinha, ou seja, fazia questão de parecer maduro. Não cuidava de si mesmo com desvelo, não se preocupava com a moda e ostentava, inclusive, uma corcunda precoce. Personagem noturno, não se sentia confortável à luz do dia, era pálido, pálido, de um branco leitoso, acentuado pelo negrume da barba e dos cabelos longos e grudados à pele, como se estivessem sempre molhados. Aparentava inteligência e seriedade. Essa sisudez era suavizada pelo seu ar de escárnio e aspecto boêmio. Usava óculos em fundo de garrafa em uma tradicional armação negra, sua testa era ampla e ostentava início de calvície, conjunto que ornava com a sua voz, suave e compassada, de baixo profundo. A qualquer hora passava a impressão de que acabara de levantar-se após algum sono reparador. Sua preguiça era proverbial, fazia tudo com a lentidão dos bichos dessa espécie.

Matias alugara quarto no pensionato pertencente à Paróquia do Divino Espírito Santo. Frei Tiago era a alma desse empreendi-



mento, bem como de outras iniciativas em apoio aos jovens. O padre era adepto da teologia da libertação, opositor ao regime e um dos ativos organizadores da Juventude Universitária Católica. Comentava-se que seria filiado à Ação Popular, à clandestina AP. Matias ligara-se ao frei, os dois viviam conspirando, trocavam livros e mantinham longos papos em que o tema único era a política.

Tristão, mais arisco, mantinha uma distância precavida do padre e de outras lideranças, ainda que os admirasse de longe. Em geral, adotava um comportamento discreto, quase acanhado, tinha dificuldade em sustentar uma conversação sem propósito imediato e somente engatava uma prosa quando perseguia alguma razão prática. Atrapalhava-se em situações sociais frívolas, armadas para entretenimento ou simples convivência. Não compreendia como outras pessoas, Ícaro, Matias, passavam horas, sentadas em um boteco ou em festas, conversando sobre o que lhes desse na telha enquanto tomavam café ou cerveja. Quando era constrangido a esse tipo de relacionamento, punha-se a gaguejar mal conseguindo entabular diálogo.

Tristão era magro, longilíneo e de tão delgado aparentava maior altura do que seu um metro e setenta e poucos centímetros. Míope, usava óculos de aros redondos imitando seus heróis míticos mais queridos: Freud, Trotsky e John Lennon. Em virtude do comportamento reservado, Tristão não contava com um círculo social amplo. Morava em uma casa alugada com Ícaro, restabelecera relação com Marciano, seu conterrâneo, com quem havia perdido contato. Havia também se aproximado de Matias de Alcântara logo nas primeiras semanas de aula.

A Universidade não organizara nenhuma apresentação formal entre os alunos, professores e funcionários. Ninguém lhes explicara o funcionamento da instituição, sequer um folheto de orientação foi-lhes entregue. Os professores entravam nos laboratórios e salas de aula davam seu recado e saíam sem preocupação em estabelecer vínculo com os alunos. Com o tempo, os estudantes iam se conhecendo por conta própria. Trocando favores e



informações sobre o funcionamento da Universidade, indicando locais disponíveis para aluguel, com isso tratavam de compensar a falta de apoio com que Universidade e professores os recebiam.

Certo dia, ainda durante a primeira semana de aula, na disciplina de histologia, sem nenhuma apresentação formal, Matias dirigiu a palavra a Tristão:

— Começamos pela pele, de fora para dentro, da aparência para a essência. Imagino se, em alguma oportunidade, chegaremos a estudar a alma? É possível existir um médico que não saiba sobre o espírito humano? A mente. . .

— Sim — respondeu Tristão, distraído. — Sim, te. . . te. . . tecido epitelial. Não sei. O pro. . . pro. . . programa. . . Bem. . .

Surpreso com o comentário estrambótico daquele aluno, Tristão levantou os olhos da lente binocular para prestar atenção ao interlocutor, que lhe pareceu inteligente e irônico, quem sabe seria uma companhia agradável, alguém que diminuísse seu isolamento. Quis prosseguir com a conversa, mas se calou bloqueado, sem saber o que acrescentar; ademais, percebeu, o colega voltara ao exame de tecidos humanos no microscópio. Tristão balançou a cabeça, resignado, e logo se distraiu do ambiente. Dez ou quinze minutos depois, Matias o arguiu abruptamente:

— Você conhece o Rubem Fonseca?

Tristão atrapalhou-se outra vez, havia encontrado uma célula em mitose, um espetáculo comovedor, um sinal de que aquelas figuras, quimicamente fixadas em lâminas de vidro, referiam-se a um ser vivo; sim, ele descobrira um sinal de vida: a reprodução celular. O núcleo se dividia em um movimento gracioso, como se fosse uma gota de sangue escuro partindo-se, e ele temia perdê-lo de vista e, com esse receio, hesitou em despregar o olho da lente, resmungando apenas um “hã, hã”.

— O Rubem Fonseca, eu o conheci quando trabalhava em um jornal em Brazlândia — continuou Matias.

Ainda colado ao microscópio, Tristão gaguejou:

— Crê. . ., crê. . ., crê. . ., creio que não fomos apresentados ainda. A qual turma ele pertence?



— Não — contestou Matias risonho —, me refiro a um escritor, não a algum colega. Você pensa em especializar-se em psiquiatria? Pergunto por que você me parece uma pessoa sensível, interessada em compreender o ser humano. Por isso falei sobre Rubem Fonseca, ele é um grande escritor, tenho um livro dele aqui, *Coleira do cão*, incrível, você já o leu? É uma porrada muito bem dada no bom gosto burguês, um direto no olho dos acomodados, um relato poético sobre a vida urbana nos dias de hoje, feito com arte, estilo seco, maravilhoso, acredito que ele inaugurou uma nova escola, uma espécie de romance sujo. Tenho um exemplar autografado, posso lhe emprestar desde que cuide dele. Notei que você é um aficionado e, portanto, saberá valorizar essa preciosidade, já o li umas dez vezes.

Tristão avaliou-o indeciso, gostara de descobrir alguém versado em literatura com quem pudesse conversar, porém, causou-lhe má impressão perceber que o tipo jactava-se com citações cultas e gabava-se de amizades importantes, estaria diante de um vaidoso preocupado em exhibir-se? Ainda em dúvida, respondeu:

— Ah! Não. . . Nunca ouvi nada so. . . so. . . sooo. . . sobre o tal. . . es. . . ess. . . escritor. Afic. . . afic. . . cionado a quê, eu?

— Literatura, ora!

— Como você soube? — perguntou Tristão espantado.

— Simples, meu caro — respondeu Matias apontando a pilha de livros em que Tristão apoiava o braço. — *Grande sertão: veredas*, muito bem, não é qualquer songamonga que se arrisca a lê-lo. E o seu exemplar está ensebado, manuseado, há papéis com anotação entre as páginas, ou muita gente já o leu ou o romance lhe agrada muito. Outro dia, um idiota invejoso teve a desfaçatez de dizer-me que Guimarães Rosa foi um intelectual pretensioso, inventaria palavras somente para impressionar os leitores com sua erudição! Uma mula, não, esse comentador de araque?

— Ah! — resmungou Tristão atordoado pela verborragia literária do colega.

Matias, sem pedir licença, examinou os outros livros de Tristão:



— Rabindranah Tagore! — exclamou com um muxoxo. — Há quem goste. Meio piegas pro meu gosto, água com açúcar! De qualquer modo, ele soube valorizar a poesia das pequenas coisas, o encantamento desvelado no comum da vida, ainda que Clarice Lispector seja infinitamente melhor do que ele nisso, a beleza de uma voz familiar escutada à distância, a confirmação do efêmero, da fragilidade e da delicadeza da existência, me recordo de um conto de Tagore: um poeta, trancado em seu escritório, tentando escrever, distraía-se com o ruído distante da filha brincando no quintal, banal? Um fato corriqueiro? Não para uma alma sensível! Esse simples acontecimento despertou o poeta para a beleza dolorida daquele instante e para o reconhecimento de que tudo passa, tudo acaba. Legal, não? Tagore agrada ao espírito *hippie*, voltou à moda. Ele é metido a santo ou a profeta, não sei bem; como todo indiano, não? É uma mania nacional deles; lá, naquele país, todo mundo é meio guru, meio filósofo, sei não.

— Foi o Ícaro, meu colega de re. . . re. . . ree. . . república, quem me re. . . ree. . . recomendou a leitura do Tagore, gos. . . goss. . . gostei. É um grande poeta.

— O Ícaro é da tribo boêmia, doidão, se continuar nessa linha, em menos de ano, o encontraremos flutuando no ar vestido com uma túnica branca!

— Moramos juntos, eu não. . . Exa. . . xa. . . xagero de sua parte!

— Estou brincando. Não se preocupe, não sou fofoqueiro e também gosto do Ícaro. Como não amar aquela figura? O homem é um cristal de pura alegria. Não o censuro, apenas comento. . . Vejamos o que temos ainda nessa sua pilha de alfarrábios. Ah! Campos de Carvalho — continuou Matias, levantando outro livro que Tristão descobrira na biblioteca —, esse fulano é um louco, totalmente desvairado. *O púcaro búlgaro*, genial. “*Só há uma verdade absoluta: todo racista é um filho da puta*” — citou de memória uma frase do autor, sorrindo. — É o segundo maior escritor brasileiro vivo!

— E o primeiro, quem seria?



— Rubem Fonseca, lógico. Campos de Carvalho é genial, mas desistiu de escrever romances desde 1964. Trabalha em jornais para sobreviver; literatura, ele disse, nunca mais. Eu o conheci quando trabalhei como revisor. Dele, tenho também *A chuva imóvel*, lhe empresto, caso você tome cuidado, são preciosidades, primeira edição, meu caro! No futuro valerão uma fortuna, serão os van Goghs lá pelo ano 2000, quando esses artistas terão o devido reconhecimento dos pósteros.

Matias tinha ar decadente e envelhecido. Seus livros, cadernos e papéis estavam desarrumados, não usava pasta. Tinha os dedos sujos de tinta e seus óculos estavam reparados com um esparadrapo branco. Ele notou o exame crítico a que Tristão o submetia e retrucou:

— Essas apostilas de histologia, bioquímica são efêmeras e descartáveis. Daqui a dois meses não precisarei mais delas. Elas passarão; meu Rubem Fonseca, Campos de Carvalho, Sartre, Heidegger, não! Serão pra toda vida.

— Eu não disse nada — defendeu-se Tristão, sem graça.

— Não disse, mas pensou, meu caro! Não somente pensou mal de mim como observou meu desleixo. Não ligo pra minha aparência, não cuido bem de minhas coisas, mas estou a lhe cobrar zelo com livros que sequer lhe emprestei ainda. Bem. . .

— Não. . . Lerei com pr. . . pr. . . prazer a *Coleira do cão* des. . . dess. . . desse seu novo escritor. Obrigado, aceito o empré. . . prés. . . préstimo. Li o *Grande sertão* durante o período do vestibular, agora o estou relendo com menos culpa e com mais calma, não sei como fui apr. . . prrr. . . provado, em vez de estudar gastava tempo com romances, a *Montanha mágica*, e mais. . .

— Talvez por isso você tenha sido bem-sucedido; cultura, sabedoria, meu caro!

— Sei lá! Culto, eu? Sou pr. . . prr. . . prrr. . . pro. . . provinciano, de uma ci. . . ci. . . ciii. . . cidade pequena, Nova Barcelona, minha cultura é limitada. O interior é atrasado. Vi televisão pela primeira vez aos quatorze anos! Bem. . . Estou aqui a criticar meu torrão natal, mas amo a ro. . . ro. . . roça. Até lamento que



aquele estilo de vida esteja desaparecendo: o pr. . . prr. . . prrr. . . progresso, JK, Brasília, as estradas, o asfalto, há uma diáspora do povo ro. . . rooo. . . roceiro, agricultura mecanizada. Eu achava que a vida no campo era simples, com Guimarães Rosa descobri minha miopia, estava cego, enganado, não me dei conta do complicado que é tudo aquilo, debaixo daquele quieto há uma tr. . . trr. . . tradição muito rica.

— Você é contra o progresso? É filho de fazendeiro?

— Não. Cr. . . cre. . . cresss. . . cresci na cidade, Nova Barcelona é um vilarejo, mas tem um bom cinema, sofri influência norte-americana, europeia, meu pai é ad. . . ad. . . advogado, udenista, sempre de olho na civilização, Rio de Janeiro, coisa e tal. É que gosto da ro. . . rooo. . . roça, Monteiro Lobato, o sítio do Pica-Pau Amarelo, passava férias na fazenda de tios, parentes, andar a cavalo, lidar com o gado, banho no córrego, jogar truque, o silêncio à noite, caminhar pelo mato, ruídos que desconhecemos, “viver é muito perigoso”, há muitas veredas, es. . . esss. . . escolhas, talvez a minha primeira tenha sido essa, fugi da roça e es. . . esss. . . colhi a cidade, mas deixei o campo entocado em um canto de meu coração; encruzilhadas, quem saberá o porquê?

— Sabe Tristão, de fato, o *Grande sertão* é um livro sobre escolhas, o destino. No fundo, o grande tema é a homossexualidade latente do. . .

— Que é isso? – escandalizou-se Tristão que jamais imaginara alguém descobrindo tal assunto naquela trama.

- Lógico, meu caro! A paixão de Riobaldo por Diadorim é o fio condutor da história, todas as decisões e indecisões do narrador se explicam se nos valermos dessa chave interpretativa, amor recalcado de um homem por outro. Ao final, pra apaziguar os bons sentimentos da burguesia, o Guimarães inventou um Diadorim mulher, disfarçada de homem pra vingar sei lá o quê. Por mim, o fim seria outro: os dois fugiriam e iriam viver juntos no cafundó do mundo: homem com homem!

— Você é louco, um cara da ci. . . ci. . . ciii. . . ciidaa. . . cidade, logo se vê! Não há nada di. . . dis. . . diss. . . disso no livro,



é uma história sobre a crrr. . . cruu. . . crueldade do destino, sobre a força de um contexto selvagem, guerras que ninguém es. . . ess. . . esss. . . escolheu, mas que estavam obrigados a guerrear; sexo não é o centro da trama.

— Ai, você é um caipira mesmo, o Guimarães é ambíguo, ambivalente, polivalente, sei lá! Um punheteiro: um médico que virou diplomata, que virou escritor, que entrou na Academia e teve um ataque de histeria tão bem representado que morreu vitimado pelo seu próprio teatro. Somente não teve coragem foi de, sendo homem, virar mulher; isso nunca pôde fazer, a não ser no papel, no livro; o cara era uma bicha, Tristão!

— Me des. . . desss. . . desculpe Matias, mas essa sua interpretação é muito forçada. Ps. . . psi. . . psssi. . . psicanálise selvagem. Os personagens são jagunços, cabras-machos; o livro é sobre um povo que entrou em e. . . eee. . . exxx. . . extinção, gente que morria e matava em nome da honra, da família, da palavra empenhada. Essa é a tragédia e a beleza do *Grande sertão*. Isso. . .

— Por favor, querem parar com essa conversa de comadre — interrompeu-os o professor. — Se as madames já terminaram a tertúlia poderiam voltar às lâminas e depois rua, vocês estão tumultuando o ambiente com esse sussurro de igreja.

Pois bem, na noite da quermesse, Tristão trancara-se em casa para estudar. Ícaro saíra com uma nova companheira. De repente, bateram à porta da república; era Matias.

— Saque fora o pijama, festa e baile, vamos — ordenou peremptório.

Em uma Praça do Centro Comercial Norte, a quinze minutos do *campus*, havia barracas vendendo comidas típicas do Nordeste e de Minas Gerais, além de artesanato, livros, discos, cartazes, roupas e objetos para decoração. Ao centro, em cima de um tablado, uma banda tocava música jovem. O vocalista, em um tom desesperado, esgoelava “*I can’t get no satisfaction*”; um bатуque lento, forte e sincopado provocava as pessoas. Tristão chegou com vontade de mexer-se, saltar e dançar. Matias arrastou-o para a barraca central onde se reuniam os chefões do movimento

estudantil, pediu duas pingas e passou uma dose ao amigo. Este hesitou:

— Pinga! Pelo amor de Deus!

— Deixe de frescura, meu caro! É de alambique, da boa. Uma dose, pra elevar o espírito — disse, levantando seu pequeno copo de plástico à espera que o amigo fizesse o mesmo. — Um brinde à nossa felicidade!

Tristão correspondeu ao gesto e confraternizou-se com Matias:

— À felicidade — exclamou antes de engolir, em um único trago, o aguardente.

— Isso, meu caro. Muito bem! — incentivou Matias, limpando os bigodes molhados.

Matias distraiu-se do amigo proseando com outras figuras. Tristão encantava-se com a variedade de roupas exóticas — batas bordadas, calças boca de sino, vestidos indianos —, com o exotismo dos penteados — cabeleiras afro, cacheadas ou lisas, costeletas e bigodes, barbas, algumas descuidadas, outras recortados com obsessão e sistema. Súbito, alguém o cutucou por trás.

— Olá! Você é o Tristão, não? — foi logo dizendo uma moça miúda e graciosa.

Tristão a conhecia de longe. Lenira, cabelo curto; outra Jean Seberg, recordou-se, com uma dorzinha no peito, de Juliana. A moça encarava-o sem esconder que o avaliava, Tristão julgou conveniente retribuir-lhe a atenção concentrada. Impressionou-se com suas feições: lábios carnudos, nariz pequeno e afilado, sobrancelhas arqueadas, olhos escuros e expressivos. A testa longa indicava heroísmo, observou, recordando-se de Joana d'Arc: "*Santa Joana*", pensou.

Perdido em seus devaneios literários, Tristão a contemplava boquiaberto. Lenira não se intimidou com a imobilidade do rapaz. Ao contrário, pôs-se na ponta dos pés e pespegou-lhe um beijo ambíguo. Um beijo de difícil interpretação, já que embutia mensagens superpostas, algo entre um cumprimento formal e uma abertura sexual. O surpreendente beijo abarcara meia boca e um pouco



da bochecha do rapaz estupefato; fora longo para uma simples saudação, mas curto o suficiente para desaconselhar qualquer avanço caloroso. Tristão teve ganas de agarrá-la, mas conteve-se, não estava habituado ao contato físico e tinha dificuldade em interpretar o sentido de qualquer troca de afagos. Em Nova Barcelona, seus parentes mal se tocavam. A cortesia, ao encontrarem-se dois novabarceloneses, resumia-se a um aperto de mão seco e breve.

Com o rosto ainda colado ao dele, ela exclamou:

— Que gracinha, você corou. Ficou vermelho, ah, que lindo! Venha, vamos tomar uma cerveja. Levar um lero. Hoje quero a leveza de uma noite sem papo sério, basta de politicagem e de conspiração, o capitão de mar e guerra, a intervenção, o movimento estudantil. . . — concluiu, arrastando-o pelo braço, antes que o rapaz aceitasse o convite.

“Alfazema?” — aspirou Tristão interrogando o cheiro dela. “Ou seria lavanda? Agradável, independente da essência”, reconheceu, encantado, observando que o acometera uma ereção insistente. Persistente. Os estímulos eram múltiplos: o contato físico, o corpo dela roçando contra o dele enquanto caminhavam; o perfume envolvente; mas, com certeza, acima de tudo percebeu-se deslumbrado pela silhueta “Sininho” da menina. A fada Sininho do desenho *Peter Pan* de Walt Disney preencheria grande parte das fantasias eróticas de nosso herói na adolescência. Sonhara descobrir uma mulher com o corpo tão delgado, escultural e bem proporcionado quanto o daquela fada personagem e, sem aviso prévio, fora atropelado por uma encarnação da sensual figura feminina que inspirara o desenhista. Peitos grandes, cintura de vespa, bunda arredondada, mãos e pés afilados apesar da pequena estatura, faltavam-lhe apenas as asas transparentes, pensou. Lenira era um doce de coco, reconheceu Tristão, contente. Pequena e longilínea.

Pelo caminho, Lenira agarrou um loiro alto.

— Olavo, Olavo, querido. Tudo bem! Que saudade — falou desprendendo-se de Tristão para abraçar o homem vestido de negro. Blusa de gola rulê, cabelos longos e um ar de quem acabara de regressar das barricadas de maio de sessenta e oito em Paris.



Uma onda de ciúme percorreu Tristão de cima abaixo. Ele percebeu o interesse de sua acompanhante por aquele exemplar arquetípico de macho sofisticado, e sentiu-se incomodado, ofendido mesmo. Aquele homem que despertava o interesse de Lenira tinha muito do que invejava: era alto e Tristão de média estatura, isto considerando os padrões brasileiros — metro e setenta e dois quando sustentava uma postura ereta, e o problema era que ele vivia encurvado, dobrado sobre si mesmo, o que lhe diminuía a altura em três ou quatro centímetros. O tal de Olavo parecia confiante e seguro de si. Tristão era tímido e inseguro sobre seus méritos. O outro se vestia conforme um europeu, com descuido sistemático e bem-posto. Usava cabelos escorridos que lhe caíam naturalmente sobre os ombros, reforçando o figurino de revolucionário que adotara. Ao seu lado, em pé, havia dois outros sujeitos também fantasiados de militantes: um fazia o estilo latino-americano rebelde, marcado pela boina Guevara; o outro se orientava pela tradição soviética e, em uma vaga imitação a Lenine, usava um blusão de couro e um boné redondo com uma pala em semicírculo. Tristão ainda trajava-se como a pequena burguesia interiorana: calça de tergal de corte tradicional, camisa modelo social e sapatos do tipo escolar, *vulcabrás*, que lhe duravam há dois ou três anos.

Lenira lambia o loiro com os olhos melados e tocava-o sem propósito. Ressentido, Tristão prejudgou com maldade: “Revolucionários de figuração, o que lhes falta em coerência, sobra em aparência”. Lenira apresentou-o ao agitador estudantil:

— Olavo, esse aqui é o Tristão. Ele é da medicina. Olavo é presidente do conselho provisório do DCE.

— Prazer, muito prazer — apressou-se o militante em cumprimentá-lo. — Combinei com o Matias uma reunião, contamos com sua presença. Bem, nos veremos. Lenira, um beijo.

— Não é um gato? — comentou ela, insensível ao sofrimento de Tristão, que não havia murmurado uma palavra durante toda a cena. — Venha, vamos à nossa cerveja — abraçou-o Lenira outra vez carinhosa e já esquecida do galã.



Enquanto andavam, Tristão sentiu-se impelido a vocalizar alguma crítica contra o intrometido que interrompera o clima erótico que havia se produzido entre eles. Enchendo-se de coragem, comentou sobre a arrogância do rapaz, mas Lenira não o ouviu em razão da proximidade dos alto-falantes que reproduziam música de forró executada por um quinteto de alunos da escola de música. Em virtude do ruído e da urgência em comunicar-se com Lenira, ele viu-se obrigado a gritar o que pretendia bem próximo a orelha dela:

— Lenira — disse.

E mais não falou porque ela tomou o gesto como esboço de alguma carícia e retribuiu esfregando seu rosto contra o dele. Os cabelos dela recendiam a patchuli e provocaram arrepios no rapaz desconcertado. De repente, ela segurou-lhe o queixo com a mão coberta por uma penca de anéis e beijou-o com lentidão. Um beijo molhado, com a boca apenas entreaberta, um beijo impreciso, ainda que menos ambíguo do que o anterior: língua ausente, porém, apesar disso, havia alguma declaração amorosa naquele modo de beijar, quis acreditar Tristão.

— Venha, bobinho. Vamos tomar cerveja. Vamos.

Tristão comprou duas canecas. Lenira arrastou-o para assentarem-se na grama atrás das barracas. Penumbra romântica. Sua companheira esvaziou o copo em dois goles sedentos, enquanto ele bebericava como se tivesse nojo, é que não estava habituado ao álcool. Ela encostara seu corpo contra o dele e, sem cerimônia, tomou-lhe a mão e a acariciou. Pasma, ele percebeu as unhas dela pintadas em esmalte com cores diferentes: havia vermelho, amarelo, preto, branco e verde. Um arco-íris.

— Gostou? — perguntou, apoiando as mãos sobre as coxas trêmulas de Tristão. — Minha irmã trouxe dos Estados Unidos, São Francisco; psicodélico, não? É uma caretice usar esmalte, permanente no cabelo, rolinhos, mas eu gosto. Veja meu pé — disse, enquanto desamarrava suas botinas estilo militar, também compradas na Califórnia, imaginou com ironia Tristão.

As suas meias eram ainda mais coloridas, todo o espectro luminoso disposto em faixas irregulares. Tristão observou, ex-



tasiado, a tez leitosa e mágica de suas pernas delgadas e bem torneadas.

— Olhe, veja — ordenou a moça, apoiando o pé, ao estilo El Greco, longilíneo, sobre o colo do jovem boquiaberto. Para agonia de Tristão, ela posicionou-o exatamente sobre o membro ereto e tenso dele. Estático, não sabia como proceder: o que fazer com aquele pé delicado com dedos minúsculos e que se moviam como se estivessem dedilhando as teclas de um piano invisível? — pensou extasiado. Teve ganas de abraçá-la, mas receou ultrapassar o limite da conveniência e ser tomado por um macho grosseiro.

— Veja — comandou outra vez a mulher ao rapaz imóvel. E Tristão segurou-lhe o pé com unção sagrada, como se tocasse algum objeto frágil, e, com lentidão estudada, pôs-se a massageá-lo com o máximo de cuidado que sua ansiedade permitia.

— Ah! Que gostoso — exclamou ela.

Logo em seguida, Lenira abriu sua bolsa de retalhos trançados em losangos simétricos, pegou um maço de papéis de seda e uma pequena sacola de algodão. Destacou uma folha transparente e distribuiu com método o fumo que caía do seu pequeno embornal. Enrolou o baseado com método e paciência, molhou o cigarro com saliva e contemplou satisfeita sua obra. Pediu fogo a Tristão que prosseguia agarrado ao seu pé. Não havendo resposta, ela se pôs a procurar um isqueiro, esvaziando todo o conteúdo de sua bolsa. Acendeu o artefato e deu uma longa baforada, prendeu a respiração com maestria e, depois de alguns segundos, expirou a fumaça pela boca, com volúpia e preciosismo, tentando formar círculos no ar. Sem dizer nada, fez um gesto passando o cigarro para Tristão.

Outra vez, ele não soube o que fazer. Estava inerte e sem atitude. Não pretendia fumar maconha. Fingiu tragar o cigarro.

Lenira sacou o casaco de corte militar, sua blusa desabotoada permitiu que Tristão observasse seus seios. Ele não conseguia despregar o olho de sua inesperada parceira: o pescoço alongado, o nariz de boneca de louça, o sorriso com imensos dentes brancos, brilhantes, os olhos ternos e grandes em branco e

negro, não, não, ele não queria desconcentrar-se daquela fada Sininho, não.

— Hein! Acorde!

— O quê?

— Querido, me passe o baseado, nunca viu um fuminho? *Marijuana*, maconha, erva, não?

Tristão não costumava experimentar drogas. Mas, naquele momento, delirava mais à força de seu desejo que da maconha que ele não tragara. Realizara o gesto de fumar mais para agradá-la. Após devolver-lhe o cigarro, simulou tragar-lhe o dedo do pé.

— Uau! Que gentil! Captei a mensagem, querido. O problema é que hoje não posso, entendeu?

Tristão somente se deu conta de que ela entendera seu gesto faceiro como um convite para fazerem sexo, mais tarde, em seu quarto, quando rememorava, quase dormindo, os eventos daquela noite. Ele não tivera tal intenção, ainda que desejasse deitar-se com Lenira. De qualquer modo, ela o recusara com polidez, concluiu pesaroso. Seria por desconfiar dele? Não sabia responder com segurança, concluiu.

Enquanto estiveram juntos, Tristão não se irritara com a recusa a seu avanço, principalmente porque Lenira continuou com os pés sobre seu colo, e aquilo o excitava, é que ela, talvez distraída, ou não, com a planta dos pés, massageava-lhe o pinto duro, que, debaixo da calça e da cueca de algodão, em espasmos interrompidos, secretava gotas de líquido morno, tão suave aquilo, sentia Tristão embevecido. Adorou estar com ela, ele a sentia familiar, como se sua companhia o protegesse da aspereza do mundo. Em uma ocasião, abraçaram-se e Tristão acariciou-lhe os cabelos, o rosto e braços. Ousado, afagou-lhe o seio ainda que temesse uma reação negativa. Lenira segurou-lhe a mão, não para afastá-la, mas para guiá-la por debaixo de sua roupa. Tristão se desmanchava de prazer, desde Pilar, aquele era o primeiro peito que tocava com propósito libidinoso. Entusiasmados, estiveram acariciando-se longo tempo. A certa altura, Tristão, tentou soltar-lhe o cinto. Delicada, Lenira repetiu:



— Não, querido, hoje não.

De madrugada, caminharam entre prédios até o apartamento em que Lenira vivia. Despediram-se com outra série de beijos. Tristão voltou para casa saltitante, incomodava-o uma pontinha de culpa, percebia-se traindo o seu amor impossível por Juliana. Consolou-se ao admitir que sua antiga paixão transmutara-se em algo inefável, afinal Juliana o recusara. E Lenira despertara sua sexualidade adormecida: “sou um homem casto, mas não sou feito de gelo” —, consolou-se antes que o sono viesse.

Mas o destino conspirava para assegurar castidade ao jovem afoito. Talvez, com isto, cuidasse de destiná-lo às lides da política ou da ciência, quem saberia com certeza? O fato era que Lenira também tinha seus amores secretos: há meses mantinha uma relação, estilo amor-livre, com Matias de Alcântara. Quando lhes davam ganas dormiam juntos. Em teoria, seria algo sem futuro, nenhum compromisso. Entretanto, ela deixara-se aprisionar. Desde que o conheceu, desinteressou-se por procurar outros parceiros. Além do mais, Matias transformara-se em seu guia e guru. Ele orientava-a tanto no mundo da política, quanto no da vida em geral. Quando Lenira percebeu que seu amado amava outra pessoa, a linda Carmem Rosada da Cruz, que, por sua vez, o recusava, pois se apaixonara por um estudante de jornalismo, chamado Gilberto Alencar, Lenira entristeceu-se. Era tão generosa, que se apiedou dela mesma e de seu bem-amado. A tristeza e o vazio produzidos pela descoberta de que seu objeto de paixão, o estranho Matias, amava outra mulher, não a impediu de garimpar novos admiradores. Descobriu um rapaz mais velho, cursando pós-graduação em Física, que a amava com paixão. O homem era um cientista, um ser avoadado, que vivia para a ciência. Era paciente com ela, haviam saído algumas vezes. Nessas ocasiões, o que seria uma ida ao cinema, eventualmente uma trepada ligeira, transformava-se em quatro ou cinco dias de pouso no apartamento dele. Contudo, quando permanecia muito tempo em companhia do físico, uma sensação de sufoco e uma agonia inexplicável obrigavam-na a interromper o interlúdio. O físico e ela jamais brigavam, não



havia desavenças entre eles, assim, ela pretextava razões práticas para voltar ao seu apartamento. Em realidade, amava a Matias e não suportava viver longe dele. Para ordenar seu interior, acostumou-se a dormir alguns dias com o físico e outros com o intelectual decadente Matias.

Matias e Lenira transitavam entre as comunidades *hippies* e os coletivos militantes do movimento estudantil. Matias era circunspecto e respeitoso onde estivesse, sabia diferenciar os dois mundos, adotando posturas e procedimentos apropriados a cada um daqueles contextos tão próximos ainda que tão diversos. Entre os alternativos relaxava, deixava o barco correr, era tolerante e não se animava a contestar as opiniões mais descabeladas. Entre os políticos sabia posicionar-se como líder, representava os independentes, uma facção que se opunha ao facciosismo dos agrupamentos e partidos de esquerda. Em função de sua independência era cortejado por todos, ainda que nenhuma tendência confiasse nele absolutamente. Lenira postava-se ao seu lado, era sua discípula. Uma seguidora que o apoiava nas lides do cotidiano e, à noite, eventualmente, dormia com o chefe.

Conhecer Tristão complicou-lhe a equação amorosa, ainda apenas com duas variáveis, e que, mesmo assim, ela não sabia como resolver. Tristão apresentou-lhe um enigma de terceiro grau. Ficaria com o cientista apaixonado, por quem desenvolvera uma simpatia maternal? Ou com Matias, por quem era atraída sem controle explícito de sua vontade? Ou com Tristão, a quem tendia a afeiçoar-se, bastaria soltar o corpo? Entretanto, precavia-se porque o calouro não a amava ainda, quando muito, ela lhe despertara um expressivo entusiasmo sexual, pensava.

No dia seguinte à quermesse, pela tarde, Tristão procurou-a em seu apartamento. Pretendia convidá-la para um cinema. Ele refletira sobre sua situação amorosa. O que sentia por Lenira era forte, reconhecia. Nada semelhante à agonia que o inundara quando se apaixonara por Maria do Pilar ou pela conterrânea que o esnobara. Não, admitia. Não estava apaixonado por Lenira, contudo, algo consistente o impelia para junto daquela mulher. Valeria



a pena tentar, necessitava de companhia feminina. O habitual na existência não seriam paixões avassaladoras, consolou-se, o que sentira antes ocorria raramente, “a cada alinhamento de planetas, uma vez na vida de cada cristão, e, quase nunca, como um sentimento recíproco”, repetia e repetia para si mesmo, a maioria dos casais experimentava, no máximo, uma atração forte, exatamente igual a que Lenira lhe provocara. “A partir dessa plataforma poderei construir um relacionamento? O normal da vida não será isto?” — perguntou-se, enquanto se resolvia a aparecer no apartamento da fada sem ser convidado. Ele costumava examinar um problema segundo vários ângulos. Quando agarrava um tema, dedicava-se ao assunto com obsessão, esquecendo-se da vida rotineira. Parecia-lhe, avaliou, que também interessara à menina. Lenira o acolhera com ternura; ao final, quando se despediram, havia promessa em cada gesto que cometera, ele se recordava. “Não corro o risco de rejeição” — ponderou —; algo mágico produzira-se entre ele e a fada Sininho. Apesar das evidências favoráveis, ele ainda hesitava: “Lenira era uma mulher da vida. . . Não no sentido vulgar da expressão” — corrigiu-se, preocupado com o ato falho “mulher da vida” —, “quis. . . quis dizer”, pensou, “uma mulher do mundo, experiente, livre-pensadora, meio *hippie*, meio esquerdista, com certeza, feminista. Conhecia os Estados Unidos, Europa, já estivera com outros homens. Queria namorar, ter um caso com um moleque inexperiente?”, duvidou, ainda que resolvido, ao considerar prós e contras, a não deixar passar aquela ocasião. “Sim”, ele tentaria. Encheu-se de coragem, tomou um banho, vestiu uma roupa domingueira e saiu para encontrá-la.

Apertou o interfone na portaria do prédio onde a deixara na noite anterior e quase desfaleceu quando escutou a voz da fada distorcida pela máquina:

— Quem é?

— Lenira, sou eu. Tris. . . Tris. . . Tristão.

Ouviu o clique que abria a porta automática. Subiu as escadas com as pernas bambas, sentia-se empalidecer, mesmo assim venceu os três lances. No corredor, esperava-o uma réplica gros-



seira de Lenira. A voz era idêntica, o nariz de boneca de louça e os olhos grandes, idem; mas o corpo era outro: no lugar da fada Sininho, havia uma mulher de constituição sólida, sem dúvida gostosa, mas distante do objeto ansiado. Era a irmã da fada: Lenaura.

— Oi, bonitão! Entre, por favor.

— Oi, boa-tarde, sou o Tris. . . Tris. . . Tristão, amigo, colega de Lenira, ela está?

— Não, saiu para compras, não quer entrar um pouquinho?

— Ela voltará logo?

— Quem sabe, querido? Não disse nada.

— Bem, fica pra outra ocasião. Posso deixar um bilhete?

— Por favor.

Sem destino, Tristão bateu perna pelo cerrado, pensou em pegar um cinema, algo que o distraísse. Todavia ainda era cedo, nem quatro horas da tarde. Resolveu trocar algumas ideias com Matias, preparar a reunião de segunda-feira. Marciano, Matias e Tristão haviam sido eleitos representantes da medicina para o Conselho Universitário. Em função da proeminência alcançada, as lideranças de outras faculdades os haviam convidado para integrar-se à cúpula do movimento estudantil da Capital. Marciano argumentava a favor de um engajamento direto contra a ditadura, sem subterfúgios. Matias opinava de outra forma, para ele o prioritário seria a luta em torno de temas universitários e, na medida do possível, também protestar-se contra a intervenção militar, a falta de verbas e a decadência do ensino. A dimensão política seria um desdobramento posterior desse esforço. Tristão ouvia a cada um dos lados sem se resolver. Tendia a concordar com Matias por prudência, temia serem conduzidos ao enfrentamento armado contra o governo caso se misturasse às lideranças antigas, no caso, a antiguidade era atributo daqueles que estiveram nas jornadas de sessenta e oito, dois anos antes. Refletir sobre esses dilemas estratégicos, o distraiu da paixão amorosa. Pensando melhor, se houvesse oportunidade, comentaria com Matias sobre sua simpatia por Lenira. Ele a conhecia há mais tempo e poderia aconselhá-lo, acreditou.



Em meia hora, chegou à Paróquia do Divino Espírito Santo, estava para subir a escada, que conduzia ao alojamento do amigo, quando se encontrou com frei Tiago. O padre saudou-o com entusiasmo:

— E aí, Tristão? Como andam as coisas? Como vai o curso de medicina?

— Bem. Tudo bem. E o se. . . se. . . sese. . . senhor? Estou à procura do Matias, o senhor. . .

— Me chame de você, ou de Tiago, ou padre, frei, qualquer coisa menos de senhor, por favor.

— Tudo bem, me desculpe. É o costume, não consi. . . siii. . . go me despre. . . pre. . . gar da tradição de nossa terra.

— Sem problema. O Matias? Acredito. . . Ainda não se levantou. Também com a festança de ontem, que sucesso, não? Mais de mil pessoas passaram pela praça. A propósito, o Matias, eu e outros companheiros organizamos um grupo de estudo, sobre política, essas coisas; havíamos resolvido convidá-lo, o Matias foi designado como mensageiro, o recado chegou até você?

— Não.

— Ah, esse cara é genial, mas é tão desorganizado. Bem, teremos uma reunião hoje, às cinco horas, você não gostaria de participar?

— Sim, bem. . .

— Você poderia subir e acordar o Matias, se o conheço ainda está no segundo sono. Não o espere, estaremos na sala de reunião no primeiro andar. Haverá colegas da Universidade, da comunidade, gente boa.

— Certo, subo e já voltarei.

Tristão galgou a escada, animado, “as rodas giram em alta velocidade”, pensou, “amor e revolução, o que mais poderei desejar?”.

O quarto de Matias era o último à esquerda, ao final de um corredor estreito. Tristão percorreu-o aos saltos, imitando os pulos de Ícaro. Encontrou a porta entreaberta. Meteu o rosto, penumbra, escutou o ronronar de algum dorminhoco, ainda que a cama estivesse vazia, lençóis estendidos, ninguém a utilizara. Meteu



meio corpo para dentro. E avistou uma rede pendurada no lado oposto. Entrou e quando estava para gritar — “levante-se, a revolução nos convoca”, havia imaginado aquela frase de efeito para impressionar o amigo —, conteve-se ante o estranho espetáculo que descortinava: uma centopeia humana, um ser com várias pernas e braços. Deu um passo adiante, em silêncio, preocupado em esclarecer o que via. Focou melhor e identificou o costado branco leitoso de Matias e suas pernas pendendo inertes para fora da rede e. . . e. . . acima, abaixo, havia outras pernas, uma de cada lado da rede, e, ironia, surpresa, pendentes, os inconfundíveis e delicados pés de Lenira, as unhas pintadas, uma de cada cor, a marca.

Tristão recuou pé ante pé, encostou a porta com vagar e dirigiu-se para a reunião. Enquanto descia as escadas com lentidão estudada, sentenciou com convicção inabalável: “se o amor falha outra vez, o amor. . . o acertado, o conveniente, o possível, será concentrar-me na revolução”.

Antes que eu pudesse levantar-me para espairecer, meu Espírito de Época invadiu-me o cérebro com mais uma de suas elucubrações autorreferentes:

— Há casos de dissociação entre o modo de ser de algumas figuras e o espírito predominante na época.

— Como assim, personalidades fortes? Pessoas resistentes a deixar-se influenciar? Preciso descobrir a receita, quem sabe, com isto, eu conseguirei, um dia, libertar-me do seu jugo!

O Espírito ignorou meu desabafo e prosseguiu como se eu não o houvesse interrompido:

— No início dos anos setenta a maioria da população brasileira adaptara-se aos desmandos praticados pelo regime militar, talvez, em virtude desse excesso de conformismo, muitos se deprimiram. Tristão, Juliana, Marciano, Fátima, Ícaro, Ângela, Lenira, Matias, boa parte da juventude brasileira, ao contrário, graças à minha influência benéfica, viviam felizes e lampeiros. Não se conformaram à ditadura e, tampouco, encontraram motivo para entristecer-se.



— Ah! Então o senhor, nobre Espírito de Época, seria uma espécie de antidepressivo? O senhor também provocava efeitos alucinógenos? Garantia euforia a quem o respirava?

— Não seja besta! Esses moleques viviam em estado de permanente exaltação porque acreditavam naquilo que represento. Entusiasmavam-se com o cotidiano, com fatos corriqueiros, deslumbravam-se com possibilidades que somente eles pareciam enxergar. A alegria exuberante deles e de muitos outros destoava da sisudez predominante naqueles anos cinzentos. Depois da erupção vulcânica de sessenta e oito, um período em que milhares se engajaram na oposição ao regime militar, seguiu-se um tempo de pasmaceira. Parecia que as pessoas de bom senso colaboravam ativamente com a ditadura e procuravam, de modo pertinaz, integrar-se ao novo sistema de vida criado pelo milagre econômico. O medo associado à ambição era um forte estímulo para que cada um cuidasse principalmente da própria carreira e de seus interesses particulares. Henfil, um dos caricaturistas mais irônicos daquele período, cunhou a expressão “tenho que sobreviver”, segundo ele, o principal argumento utilizado pelos covardes para justificar a indiferença ante os desmandos e injustiças praticados naquela época.

— De fato, confirmo: meu Espírito de Época é a verdade e a luz, fora dele não há salvação, fora de sua aura haverá somente tristeza e caos! Henfil também fazia parte do seu rebanho?

— Você é um provocador! Não sei por que o elegi como escrevinhador. Nem todo comportamento de nossos heróis dependeu de mim, a animação deles se devia também ao ambiente universitário. A Universidade da Capital funcionava como uma droga potente, cujo efeito operava um milagre existencial naquela moçada privilegiada. A Universidade abriu novas perspectivas para Tristão, reforçando tendências que estavam sufocadas pela sua história familiar muito presa às tradições e ao conservadorismo. Ele sentia-se como Cristóvão Colombo descobrindo um novo mundo, havia promessa em cada detalhe com que deparava na vida universitária daquele tempo. De repente, passou a conviver com gente de todo tipo: pessoas compenetradas, conservadoras, hippies, revolucionários, drogados, cientistas abnegados, boêmios. Deslumbrou-se com a variedade de roupas e de cortes de ca-





belo com que cada um enfeitava o próprio corpo, “produzindo-se”, conforme se dizia naquela época. A Universidade parecia-lhe um calidoscópio extrovertido, havia cores para todos os gostos e cheiros por todos os lados: lavanda, cânhamo, patchuli e incenso.

— *Você é o Espírito da revolução ou do hedonismo?*

— *Não me aborreça, estas duas possibilidades existenciais não estão separadas conforme imagina o vulgo. Os burocratas da revolução fizeram essa cisão, meu caro! Sim, eles sentiam-se envoltos em uma sensualidade difusa: peitos e pernas e dentes e rostos sorridentes que deslizavam possibilidades de meiguice infinita e ainda, de quebra, com um ar de permanente revolta indignada e de gestos solidários e suaves e gentis, uma gente sem pressa em ir-se. Era um novo modo de existir, novas possibilidades de convivência, e meu pessoal gostava e desfrutava de tudo aquilo com a sofreguidão de quem jamais havia experimentado nada semelhante.*

— *Poderei retomar a narrativa ou teremos um tratado psicológico sobre o conflito entre formação familiar repressiva e ambientes libertários?*

— *Faça o que lhe aprouver, meu caro! Não sou eu quem o limita. Procure suas fronteiras dentro de você mesmo.*

— *Uau! Que profundo!*

— *Não sei de que vale toda a cultura ocidental, tantas palavras e tantas frases vazias! — exclamou Ícaro, apontando para a estante carregada de livros que ficava bem na entrada da casa que Tristão e ele haviam alugado na Capital.*

— *Que pessimismo! Que exagero! Há muita merda, mas. . . — retorquiu Matias de Alcântara com sua voz de tenor profundo.*

— *Não, digo sério! Poderíamos jogar toda essa parafernália no fogo e ficarmos apenas com o budismo, por exemplo. A humanidade não perderia nada, nadica de nada!*

— *Que ingenuidade, meu caro! — retrucou Matias, servindo-se de outra dose da pinga de alambique que haviam importado de Nova Barcelona.*





— Estudei a doutrina de Buda e descobri um tesouro. O Buda não é somente uma pessoa, é também um estado e uma possibilidade em aberto para todo ser. O Buda mais famoso foi o Gautama, o Sidarta. Mas houve outros e haverá outros milhões, eu, por exemplo, com um pouco de esforço. . .

— Ah! Convencido — brincou Lenira, levantando a cabeça que apoiara no ombro de Matias.

— Brincadeira — admitiu Ícaro, sorridente —, é muito difícil o despertar nos dias de hoje, o capitalismo nos obriga a estar todo o tempo competindo, ansiosos, desconfiando do vizinho. Não sou diferente da maioria e. . .

— Não se ofenda — respondeu Lenira preocupada —, não quis diminuí-lo, estava zoando.

— Relaxe, menina! O Buda é pura filosofia. Ele tem forma e atributos. Como qualquer ser. Seus atributos seriam três: essência, potencialidade e manifestação. Três em um! Isto muito antes da Santíssima Trindade, muito antes, hein!

— Não foi o cristianismo, então, que inventou o mistério dos três em um? — perguntou Tristão.

— Não. Cristo e seus apóstolos. . . Não sei ao certo quem criou a história do Pai, Filho e Espírito Santo, mas, com certeza, os apóstolos foram influenciados por rumores que vieram da Índia, do Oriente, e chegaram distorcidos até a Palestina. O cristianismo aproveitou muito do judaísmo e de outras religiões da Antiguidade, o Novo Testamento não era somente novidade — explicou-lhes Matias em um tom professoral.

— Sim — retomou Ícaro, entusiasmado com sua tese sobre a superioridade do budismo —, é incrível, Buda alcançou o nirvana, a perfeição, mas ele não é considerado um Deus eterno e absolutamente perfeito. Toda a natureza, todo ser vivo, toda pessoa, qualquer um poderá atingir a iluminação. É muito democrático, não?

— Como assim? — perguntou Tristão desconfiado. — O nirvana não é o vazio? A per. . . per. . . feição segundo a tradi. . . di. . . tradição, do hinduísmo, do budismo e com. . . com. . . companhia, não seria o equivalente da morte?



— Preconceito e ignorância, cara? O universo todo teria os mesmos três atributos que Buda. O primeiro, a manifestação, é aquilo que os seres humanos percebem de Buda e da realidade. Observem com eram sábios os orientais. Por sua manifestação, Buda apresenta-se diferente para cada pessoa. Cada sujeito enxerga Buda como pode ou necessita.

— Trata-se do velho conceito filosófico de aparência, os gregos já haviam escrito sobre isto antes dos budistas, toda a cultura ocidental é baseada na ideia de que percebemos somente parte das coisas — atalhou Matias com um sorriso cínico estampado no seu rosto magro.

— Engano, meu amigo — corrigiu-lhe Tristão —, nesse pormenor, estou com Ícaro. Sei nada sobre re. . . re. . . re. . . religião, mas Buda viveu no século VI antes de Cris. . . Cris. . . Cristo. Portanto, é con. . . con. . . contemporâneo de Atenas e da filosofia clássica. De Só. . . Só. . . Sooo. . . Sócrates e companhia.

— Vocês etnocêntricos são foda! Não têm paciência — irritou-se Ícaro, elevando sua voz além do conveniente —, estão cegos para toda sabedoria produzida fora do sistema científico ocidental. Deixem-me concluir. Interessante como o budismo é um sistema de pensamento sintético, coerente, mas aberto. Vejam: a manifestação é a face humana de Buda; entretanto, ele tem uma essência, o segundo atributo. Não é um ser com mil caras simplesmente porque o enxergamos de mil maneiras diferentes. O problema é que a natureza essencial de Buda é inacessível aos mortais comuns, somente quem for iluminado conseguirá captá-la. Somente um Buda poderá enxergar a essência de Buda. A terceira qualidade do Buda é a potência, a possibilidade do devir. Em tese, toda pessoa, todo ser vivo, poderá chegar a Buda. Observem, apesar das castas, da miséria existente por aquelas bandas, para o budismo não há seres privilegiados, todos poderão trilhar o caminho para a sabedoria. Essa possibilidade de despertar para a vida, de enxergar para além da aparência é o seu terceiro atributo, a potencialidade. Grande sacada, não? O Buda, e todo ser, sempre terão um potencial de mudança, de aperfeiçoar-se. Demais, não?



Ninguém se animou a contestá-lo. Tristão olhava o seu copo de cerveja como se pretendesse encontrar a explicação para a existência através do líquido dourado; Matias estralava a língua mastigando um rabanete; Lenira o encarava com encantamento, distraída da polêmica teológica; e Ângela cochilava no sofá. Ícaro não se fez de rogado e continuou com sua peroração:

— Um Deus com mil caras, mas que tem uma essência perfeita e que, ao mesmo tempo, nunca é o mesmo. Todas as religiões, todas, macacada, o cristianismo, o islamismo, o judaísmo, na prática, ressaltam e valorizam a condição de estado e de fixidez da essência. Seus dogmas e seus deuses são imutáveis e eternos.




— Ora, Ícaro! — contestou Matias sem alterar em nada sua postura tranquila e cínica. — Tudo bem. Admito. É interessante esse negócio de potência, essência e manifestação. O que não sei é por que está na moda buscar sabedoria, paz, explicação para as coisas, os cambau, somente no Oriente? Como se tudo que fizemos em dois mil e cacetada de anos não valessem nada. Há várias escolas filosóficas que operam com a ideia de potência, de mudança. O centro do pensamento ocidental é a dúvida, o estranhamento, a noção de que o ser humano tem um fator produtivo, uma força que o estimula a compreender-se e a compreender o mundo. A dúvida nasce da constatação de que o que se manifesta aos olhos não corresponde a todo o ser. A caverna de Platão.

— Um barato essa história da caverna, você tem esse livro, Matias? — perguntou Ícaro.

— O mito da caverna está no livro *A república*, a Biblioteca Central tem vários exem. . . exem. . . exemplares — informou Tristão.

— Heráclito, Nietzsche e vários outros filósofos valorizaram a potência, o devir. Freud e Marx, cada um ao seu modo, trabalhavam com a polaridade entre o fenômeno em si e sua expressão. Freud com o sentido oculto e manifesto dos sonhos e a tarefa da interpretação, que seria a de estabelecer pontes entre o manifesto e o oculto.



— Como é essa his. . . hiss. . . hisss. . . história da interpretação dos sonhos? — perguntou Tristão.



— A psicanálise apoia-se na associação de ideias para esclarecer o sentido do manifesto. O manifesto é aquilo que percebemos, o que lembramos sobre o enredo de um sonho ao acordar, ou o que recordamos sobre a infância, o que imaginamos que foi nossa relação com os pais, com as autoridades, etc. Bem, por meio de uma investigação sistemática, um negócio de Sherlock Holmes das ideias, ligando um fato a outro, busca-se compreender o que de fato há por debaixo do manifesto na memória. Para Freud a memória sempre mente, oculta pedaços segundo nosso interesse, aspectos que nos magoariam, coisas desagradáveis vão pra debaixo do tapete. Os analistas usam um método construtivo para ajudar o sujeito a escavar: a ajuda deles para o analisando é a possibilidade de conhecer-se a si mesmo, conforme sugerido por Sócrates.

— E, antes, por Buda — contra-atacou Ícaro.

— Marx também apostava na cons. . . consss. . . consciência, ele criticava a alienação — falou Tristão parado à porta do banheiro.



— Sim, a ciência, Freud, Marx, os pensadores modernos — acrescentou Matias —, de alguma forma, todos apostaram na razão, na capacidade de reflexão do ser humano. Na psicanálise há um negócio interessante: as categorias de interpretação dependem do sujeito. Não seriam transcendentais, as mesmas para todas as situações ou para todas as pessoas, o significado do símbolo depende da pessoa e do contexto, são singulares. Por exemplo, sonhar com uma águia para alguns indicaria desejo de poder e glória; para outros, medo de serem atacados por algum inimigo real ou imaginário, assim por diante. O marxismo nesse aspecto é mais positivista. Para Marx também ninguém teria acesso direto à realidade, isto pela falsa consciência, a consciência de classe e as ideologias. A possibilidade de desvendar os processos históricos ocorreria por meio da reflexão materialista. O desvelamento do oculto, para o velho barbudo, depende de uma ultrapassagem dos limites do sujeito por meio de uma teoria científica; o esclarecimento estaria na história, na compreensão da totalidade da formação econômica e social, no método materialista, em categorias



preestabelecidas que ampliariam as explicações do sujeito. No limite, uma vanguarda esclarecida (armada com a teoria perfeita) poderia desvendar as manifestações e estimular ou até despertar potências em outros sujeitos e na sociedade. Daí para o abuso stalinista foi um pulo.

— Tudo bem, Matias. Mas no budismo há as três dimensões!

— Em Marx também — contestou Matias —, ainda que não na religião marxista.

— As religiões e todos os caretas ficam sempre com a essência — berrou Ícaro, levantando-se de um salto da almofada onde se encostara. — Não suportam nem o devir potência, nem o inevitável limite expressivo daquilo que se manifesta.

— Que assunto mais cabeça esse de vocês — comentou Lenira, extasiada com a sabedoria de Matias. Ela já tomara três copos de cerveja e não se sentia segura para escolher um lado naquela discussão entre Oriente e Ocidente. Na dúvida, preferiu aconchegar a cabeça no colo de Matias.

O intelectual afagou-lhe os cabelos alguns minutos e Tristão, finalmente, autorizou-se a abrir a porta do banheiro para aliviar-se.

Era sábado e os amigos faziam hora antes do *show* do guitarrista Santana, para o qual haviam comprado ingresso. Eram todos estudantes na Universidade da Capital. Tristão e Ícaro haviam alugado uma casa pequena com um quintal imenso. Em menos de um ano, essa república se transformara em ponto de encontro para uma dezena de amigos.

Viviam em um mundo mágico, haviam conquistado um grau de liberdade inimaginável. Davam livre curso às suas inclinações básicas e a vida lhes parecia encantada. Como se habitassem uma redoma idílica que os protegia da aspereza do mundo.

Ícaro plantara um jardim exótico: legumes e flores misturavam-se nos mesmos canteiros, compondo uma estranha sinfonia de cores, sabores e odores. Tinha uma preferência especial pela cultura de rabanetes, alegava motivação estética e gastronômica, adorava o ácido forte daquele vegetal vermelho e branco, particular-



mente quando o mordia para quebrar o travo da cachaça. Levantava-se cedo, animado, alegre, acendia um baseado e fumava-o enquanto trabalhava, em ritmo frenético, com a enxada e outros instrumentos de jardinagem. Amava música e fazia tudo com fundo musical. Tinha seus discos preferidos em todos os estilos. Entre os clássicos encantava-lhe Mozart. Ouvia tantas vezes o segundo movimento — *andante* —, do *Concerto para piano número 21*, que assobiava a melodia de memória. Foi ele quem apresentou a Tristão o ritmo sincopado e a poesia agressiva de *The Doors*. Sua máxima paixão. Em segundo plano, vinha Ray Charles:


— Somente um negro drogado, mas sobrevivente, veja bem, um batalhador, cego, pobre, fodido. . . Somente um guerreiro poeta seria capaz de expressar tal intensidade emotiva — declarava, justificando sua crença na estreita relação entre sensibilidade artística e “drogar-se sem perecer”. *Vulcanic action of my soul* fora tocado tantas vezes na vitrola portátil, que se transformara no tema musical daquela república.

Tristão discordara da visão determinista do amigo:

— Tenha paciência, cara! Cri. . . criiii. . . criatividade e arte não dependem do uso de drogas, a obra artís. . . artiss. . . artística não é um su. . . su. . . subproduto do funcionamento cerebral estimulado por produtos químicos.

— Não, nunca disse isso, tonto! Ray Charles, Janis Joplin, Elis Regina, Tim Maia são energia pura, tanto que, para eles, viver careta tornou-se insuportável, é que quando interpretam uma canção transcendem a condição humana! Depois, não toleram a vida comum, entende? Daí o uso de drogas ou a procura inconsciente pelo fim; a morte como alívio, como um pedido de ajuda desesperado. A morte ou uma viagem psicodélica sem fim, sacou?

— Bobagem, Ícaro. Não seria o con. . . con. . . contrário? Porque têm. . . ou tinham uma alma poética é que lo. . . lo. . . lograram repre. . . pre. . . apresentar a emoção em cris. . . criss. . . cristal puro. Lógico! Graças a essa constituição especial têm dificuldade em su. . . suu. . . suuportar o tédio inerente ao viver cotidiano. Drogam-se porque são delicados e frágeis; e não o con. . .



contr. . . contrário! Tornaram-se depen. . . depen. . . dependentes de estímulo químico, ou seja, das drogas, exatamente porque perceberam, ou melhor, sentiram, na pele e no espírito, a fragilidade gran. . . grannn. . . grandiosa da exis. . . exiss. . . tência.

— Cara, você é muito racional. Cabeça demais, o tempo todo pensando ao revés, enviesado, tenha santa paciência e escute o rei!

Ícaro ouvia música saltando desengonçado pelos corredores e pela cozinha, imaginando que dançava. Tristão não se lembra de vê-lo assentado ou quieto durante aqueles concertos caseiros.

Faltava-lhe energia somente para a medicina, sua suposta futura ocupação. Disto cuidava no limite do aceitável. Em compensação, lia tudo sobre literatura esotérica. Por aonde fosse levava algum livro de Hermann Hesse: *Sidarta*, *Demian* e *Jogo das contas de vidro* eram seus preferidos. Comprava todos os números da revista *Planeta* e insistia em compartilhar com Tristão cada trecho que considerasse interessante. Durante o primeiro ano de Faculdade, ele ainda dedicou-se a estudar. Era inteligente, tinha boa memória e acompanhava com interesse o ensinamento dos professores. De vez em quando, à noite, quando estimulado pelos colegas, lia algum dos imensos compêndios sobre anatomia, fisiologia ou patologia. Com o tempo, deixou a medicina em último plano. No segundo ano, raramente aparecia na escola, sendo reprovado em duas disciplinas. Perdeu um semestre, com o susto, durante os anos seguintes, tratou de recompor equilíbrio suficiente para alcançar o título de médico ao final. Seu objetivo era a psiquiatria e o pouco de cirurgia ou de clínica que era obrigado a assimilar, fazia-o em nome desse futuro provável.

Em pouco tempo, Ícaro já conhecia metade dos colegas da Faculdade. Era simpático e brincalhão, ainda que preferisse conviver com meninas lindas e com aqueles de sua tribo; ou seja, tinha um talento especial para descobrir e para associar-se às mulheres formosas e à rede boêmia da Universidade. Participava de duas ou três festas diferentes a cada semana, dormia três ou quatro noites fora de casa e circulava sempre acompanhado por um




bando conhecido como “turma da fumaça”. Os homens ostentavam cabelos longos, calças largas e camisas indianas. As meninas usavam desde as minissaias mais ousadas da Universidade, até imensas batas orientais, que lhes davam um aspecto santificado. Alguns dias travestiam-se de místicas; outros, de máquinas sexuais.

Tristão admirava-se com a facilidade com que Ícaro trocava de “companheira”, conforme denominava a cada uma de suas amantes eventuais. Primeiro, esteve com uma linda morena da arquitetura, uma negra escultural de porte esguio e olhar doce. Logo a substituiu por uma das figuras mais exóticas da Universidade, uma estudante de comunicação que usava o próprio corpo para suas *performances* artísticas. Parecia uma exposição ambulante de Andy Warhol. Amarrava uma cinta de couro na testa, usava dezenas de pulseiras e colares dos mais variados estilos e vestia-se sempre em cores berrantes. Depois ele substituiu-a por uma filósofa com ar de menina abandonada, magra, cabelos escorridos, tímida, quase sem capacidade para exprimir-se. Chamava-se Maria Madalena, “a arrependida” conforme Tristão a apelidara. Estiveram juntos um período longuíssimo para o padrão de durabilidade dos casos amorosos de Ícaro, conviveram por mais de cinco meses!

Com o tempo, Ícaro habituou-se a estar com mais de uma companheira. Cada dia da semana saía com uma mulher diferente, segundo lhe desse na telha e conforme sua capacidade de sedução. Tristão desistiu de interessar-se em descobrir nome e história de cada uma de suas acompanhantes, era fastidioso e inútil.




Ícaro não era obrigado a trabalhar regularmente para sobreviver, dedicava-se, sobretudo, aos estudos e à boa vida. Sua mãe ajudava-o com uma mesada, seus avôs também lhe davam apoio financeiro, entretanto, completava sua renda com a venda de calçados que importava de Nova Barcelona. Sapatos, botinas e sandálias rústicas que logo caíram no gosto dos estudantes daquela época. Com o sucesso comercial, foi obrigado a renovar seu estoque a cada dois meses. Com essa finalidade, tomava ônibus até Nova Barcelona, Rosália e sua mãe faziam as encomendas e esperavam-no na Rodoviária com cem, duzentos e, finalmente, trezentos



pares de sapatos que ele revenderia na Capital com um lucro substancial. Evitava zanzar por Nova Barcelona, tanto porque temia represália do coronel Nhonhô, como porque não se sentia preparado para reencontrar Cristina. Sonhava com ela quase toda noite, eram sonhos dantescos, episódios escabrosos, em que os dois perdiam-se pelas ruas da Capital, ou eram assaltados por bandidos e alguém terminava baleado. Ícaro acordava esgotado, com o corpo molhado de suor. Mesmo quando cochilava depois do almoço, ele a revia em algum pesadelo.

Tristão e Ícaro mantinham longas discussões sobre o amor: haveria ou não o par complementar perfeito; caso houvesse, como reconhecê-lo? — debatiam. E, na eventualidade desse improvável encontro entre duas criaturas destinadas à simbiose absoluta, como não perder o parceiro tendo em vista a dificuldade da monogamia? — perguntavam-se, sem encontrar respostas satisfatórias. Em realidade, tanto Ícaro quanto o amigo curtiavam uma dolorida dor de cotovelo. Tristão apaixonara-se e fora desconsiderado por Juliana, sua conterrânea. Não aceitara a condição de amigo que lhe fora ofertada e nunca mais a procurara. Evitava encontrá-la, deixando de frequentar o círculo de convivência dos originários de Nova Barcelona que se haviam mudado para a Capital. Estavam de acordo quanto à “digna atitude” de nunca implorar amor: na impossibilidade de fundir-se ao objeto da paixão, melhor afastar-se dele ao máximo, concordavam. Ícaro também evitava Cristina. Nem sequer respondera a dezena cartas e de telefonemas que a menina fizera-lhe.

Ícaro buscou filiar-se à Ordem Juvenil da organização Rosacruz. O pai fora maçom e um tio paterno indicou-o como neófito. Para ingressar na confraria foi obrigado a estudar calhamaços de material histórico e espiritual. Devorou pilhas e pilhas de relatos medievais, contudo, depois da terceira ou quarta entrevista, parte do longo ritual de iniciação, quando estava para ser admitido na confraria, desinteressou-se do assunto, atirando a pilha de revistas e folhetos em uma fogueira que costumavam acender nas noites de maio e junho. Por essa época, meteu-se com alquimia,



passou à astrologia, ao zen-budismo e, finalmente, entusiasmou-se com a teoria de Jung e com vários outros ramos da psicanálise.

Praticou ioga durante meses, depois se aborreceu. Entusiasmou-se com dois gurus que o decepcionaram em um piscar de olhos. O primeiro quando, a pretexto de orientá-lo sobre os sete caminhos para o sublime, trancou-se com ele em um quarto escuro para agarrar-lhe o pinto, e isto antes que Ícaro houvesse transposto o segundo patamar do encantamento. Fugiu chocado. Durante uma semana atormentou Tristão, argumentando que o equívoco estaria no homem e não no corpo doutrinário. Apesar da decepção com o ermitão que o assediara, Ícaro procurou um segundo monge, dessa feita um sacerdote especializado em uma vertente exótica do hinduísmo, experimentou semanas de deslumbramento e somente descreu quando o “iluminado”, sem subterfúgio e sem meio gesto, tentou transar com Madalena, ingênua estudante de filosofia, então sua namorada, que, segundo um Ícaro exasperado, “nem sequer deu-se conta da baixaria machista” que a vitimava.

Ícaro preocupava-se em alcançar paz interior. Talvez porque carecesse desse atributo. Era sanguíneo e emotivo, porém obcecava-o descobrir mecanismos para lograr harmonia e equilíbrio. Sempre que farejava alguma teoria de salvação tornava-se presa fácil de seus divulgadores e funcionários. Vivía agitado, entusiasmado-se com facilidade, e isto o cansava e preocupava-lhe o espírito. Temia consumir-se rápido e, em consequência, morrer cedo. Em virtude dessa agonia, adería a quanta seita lhe cruzasse o caminho. Não que fosse religioso, mas deixava-se seduzir por quanto mestre promettesse-lhe autocontrole. Experimentou centenas de exercícios espirituais. Lia tudo a respeito de maneiras para lidar com fluxos de energia psíquica. Psicanálise, astrologia, ocultismo, ascetismo, tinha ouvidos abertos para quanto profeta promettesse mapas indicando o caminho para o nirvana ou para algum outro estado assemelhado. Preferia aqueles que acenassem com alguma possibilidade de paraíso em vida e não depois da morte conforme o cristianismo. Desprezava os crentes que aceitassem viver uma



vida miserável em função de alguma recompensa prometida para depois da morte. Essa sua tendência incompatibilizava-o com os cristãos, julgava-os despreocupados com o cuidado de si mesmo em função da promessa divina do céu. Aceitava, contudo, com bonomia, a possibilidade de haver reencarnação e aperfeiçoamento progressivo do ser ao longo de múltiplas vidas.

Tristão pouco se interessava por toda essa parafernália mística. Era obcecado por outra literatura. Também buscava a sabedoria, iluminar-se, contudo esperava encontrar o esclarecimento na ciência e na filosofia materialista. Apesar da diferença, tinham afinidades pessoais e conservaram o costume de passar horas debatendo sobre tudo um pouco. Ícaro adquirira o hábito da meditação. Aprendera com o hinduísmo a arte de esvaziar a mente de qualquer preocupação mundana. Tristão revoltava-se contra essa concepção, para ele meditar era sinônimo de exame de consciência, de autoanálise. Gritava exasperado ao perceber o entusiasmo de Ícaro com estes exercícios espirituais, lembrando-lhe que o Ocidente levava séculos para inventar a filosofia e que denominar de meditação o esforço para esvaziar o cérebro era uma abominação. Apesar dos protestos do amigo, Ícaro manteve o costume de dedicar, uma ou até duas horas de cada dia de sua vida, à meditação segundo a tradição oriental.

Talvez o que mais os aproximasse era a convicção de que a vida deveria ser venturosa, diferente da pasmaceira pequeno-burguesa em que a maioria se atolava. Não sabiam ao certo como fugir a esse destino anunciado; em função disso mantinham o espírito aberto. Além do mais, sabiam que necessitariam de coragem: escapar da monotonia da vida sem sentido implicava correr riscos, expor-se a perigos. Em comum, esforçavam-se para inventar uma vida de aventuras: Tristão tendia ao espírito revolucionário, aproximava-se da política, ou seja, da luta contra a ditadura; Ícaro, ao contrário, ainda que também influenciado pelo contexto, dedicava-se a reinventar o hedonismo, em torná-lo moderno. No caso, aplicava-se em drogar-se, fazer amor e gozar cada instante ao grau máximo. De quebra, sempre que possível, ainda cuidava



para que cada um destes momentos fosse acompanhado pelo som de alguma banda de *rock*. Não concebia a vida concreta sem alguma trilha musical.

A primeira desavença séria entre os dois amigos deveu-se exatamente ao assunto mulheres. Discordavam sobre a relação entre amor e sexo, respeito ao parceiro, direito ao prazer *et cetera*. Enquanto Ícaro escolheu parceiras com carreira de libertinagem, Tristão não teve objeções morais ao modo superficial como o amigo lidava com seus casos. Entretanto, indignou-se quando Ícaro dirigiu sua língua para inocentes jovens sem malícia ou experiência sexual anterior.

— Mulheres in. . . innn. . . ingênuas e in. . . innn. . . in. . . indefesas vitimadas por um fauno insaciável —, protestava Tristão.

— Falou o moralista de Nova Barcelona — contestava Ícaro.

Quase foram as via de fato com o caso Ângela, a menina que cochilava durante a discussão sobre budismo e filosofia ocidental. Ângela Krombonsky era estudante de medicina, pertencia à mesma equipe que Ícaro. Era de ascendência polonesa, as curvas de seu corpo obedeciam a algum caprichoso modelo estético rococó. Em consonância com o nome, ela lembrava um anjo barroco nórdico. Isto porque era inteiramente branca — ou talvez dourada, melhor a definiria algum observador cuidadoso. Tinha os cabelos encaracolados e quase brancos de tão loiros, suas sobrancelhas claras contornavam dois imensos olhos azuis. Ela brilhava fulgurante em sua simplicidade natural. Era simpática, suave no trato e deixou-se cativar pelo charme de Ícaro. Em pouco tempo de convivência, passou a segui-lo por onde ele andasse. Há cada tanto, quando queria liberar-se da companhia daquela mulher dourada, Ícaro dispensava-a com brusquidão.

Tristão incomodava-se com a submissão passiva da moça diante de seu príncipe encantado e criticava o amigo por valer-se daquela fraqueza feminina em interesse próprio. Ângela havia se encarregado de boa parte das tarefas escolares de Ícaro, elaborava trabalhos para ele, conseguia-lhe livros e cópias dos textos que devessem estudar, e ele mal lhe agradecia os favores, o homem



naturalizara a exploração do afeto que aquela mulher lhe dedicava, analisava Tristão com irritação. Ícaro ria-se dos pruridos morais do amigo, dizendo-lhe:

— Tristão, Tristão, que grande moralista você me saiu! Não seja idiota, em toda relação amorosa ou de amizade acontece o mesmo, há benefícios mútuos. Um ser complementa o outro: eu sou desorganizado, Ângela me protege dos professores e que tais; em compensação, sou alegre, divertido, um produtor de felicidade e ela ganha, portanto, uma vida bem mais animada do que aquela que tinha antes. Ela vem de uma família de chatos, gente muito aborrecida, todos carolas e aficionados absolutos ao trabalho. Entende?

Tristão discordava e, às vezes, contra-argumentava com aspereza, irritado com a levandade com que Ícaro encarava as relações humanas. Apesar da tensão, a discussão entre os dois, em geral, tendia para um alto grau de abstração. Porém, essa curiosa tertúlia filosófica, desandou em uma ordinária segunda-feira pela manhã. Ícaro queimara seu primeiro baseado enquanto caminhava pela cozinha entre um salto ornamental e outro. Tristão esquentava um pão com manteiga na chapa, quando Ícaro, com uma expressão diabólica, contou ao amigo, entre exultante e provocador, sua aventura de fim de semana:

— Tivemos um domingo esplendoroso, curtimos muito Ângela e eu! Cara, que doçura de menina! Maravilhoso, sexo suave. A Ângela é carinhosa, um desbunde, cara!

— O quê? — perguntou Tristão interrompendo a preparação de seu café.

Cara, um anjo, a Ângela, claro! Passamos o fim de semana na chácara do Gilberto de Alencar, sozinhos! Comprei champanhe, cozinhamos juntos, tudo romântico, caminhamos pelas trilhas e, à noite, tchan, tchan, tchan! — terminou em um gesto teatral de maestro.

Tristão contemplava-o estupefato. Propenso a incriminá-lo, resolveu conter-se para escutar o resto da história. Caso protestasse, Ícaro não lhe revelaria os acontecimentos. Depois de haver imitado a abertura da nona sinfonia de Beethoven, Ícaro prosseguiu:





— Pois bem, transamos a noite inteira, inteirinha! Foi difícil no começo, a menina era virgem, cara! Cabaço inteiro, descobri quando já estávamos aquecidos, a mil por hora! Ela é tão carinhosa, tão sábia, sabia exatamente onde me tocar, incrível, nunca me senti tão confortável, tão. . .

— Então o namoro é sé. . . seee. . . se. . . sério agora? Pensei que o se. . . see. . . senhor quisesse manter sua liberdade!

— Bem, naturalmente. . . Sim, resolvi ir fundo, cara. A Ângela é demais, estávamos naquela esfregação, nos beijando, sem roupa, e eu. . . Sei lá. . . Bem, homem, eu disse: “Ângela chega de preâmbulos vamos aos finalmente”. E ela: “Nem pensar, querido. Eu não posso, você sabe”. E eu vacilei, cara! Eu sabia. . . alguma hora, algum dia, aquela menina terminaria dando pra alguém, mas. . . Veja que merda, Tristão, a convivência com o senhor aumentou meu senso de responsabilidade! Pois bem, no auge da fissura, mesmo assim, eu ainda tive cabeça e perguntei: “Querida, a senhorita se preveniu, está tomando pílula direitinho?”. Pra minha surpresa, até perdi o tesão, ela me respondeu com seu ar puro de anjo: “Que comprimido, bem?”. E eu, já com o pinto mole, pensei, “desandou tudo”, ainda assim insisti: “Querida, anticoncepcional, vamos transar e não quero complicações, entendeu?”. Ela me olhou assustada, quase chorando, com lágrimas nos olhos, e me disse em uma voz sufocada: “Ícaro. . . Sou virgem. Nunca tomei pílula, não. Vamos brincar. Eu te beijo até você gozar, eu. . .”. Reagi com um salto, fiquei em pé, estava putto, Tristão, putto! “Ficou louca, mulher!”, eu disse com raiva, indignado. Com o susto ela começou a chorar, pranto, lágrimas. Aquele drama me irritou ainda mais. “Ângela, somos adultos”, disse, “Tenha santa paciência! O que a madame pensou? Dormir com um homem como se fosse com o irmãozinho. Não ponha essa cara de inocente, de mártir da igreja! Ajoelhou, agora, tem que rezar!”

Tristão o interrompeu com raiva:

— Que bes. . . besss. . . besta-quadrada o senhor me saiu! Machista até a raiz dos cabelos, não respeitou a senn. . . sennn. . . sensibilidade da guria e ainda. . . “Ajoelhou, agora tem que rezar”, que estupidez, que frase idiota!



— Coisa nenhuma, Tristão, não seja babaca! A moça estava louca pra foder comigo, entende? O que a paralisava era o medo! Cagaço, pavor do pecado, anos e anos de pregação careta. E você acha que esse tipo de covardia iria me impedir de ajudar a garota? Não! Àquela altura do campeonato, eu já havia perdido a vontade, mas resolvi ir até o fim. Juro, somente insisti pelo bem dela; pensei, “droga, é agora ou nunca, ou ajudo essa moça a escapar dessa tradição de merda, ou ela será uma. . .”. Sei lá, dondoca! Bem, ainda de pé, ela abraçada à minha perna, uma cena, cara, parecia filme do Bergman, eu lhe disse: “Dona Ângela, tenho camisinha na mochila, pego e vamos transar”. Disse e saí do quarto. Quando voltei a mulher chorava encolhida no canto da cama, estava enrolada, Tristão, regredida em uma posição fetal, aquilo abrandou minha ira, me aproximei carinhoso, enquanto a beijava e acariciava, tentei soltar-lhe o corpo, mas ela permanecia rígida, a certa altura, ela me disse, veja você, Tristão, a força dessa credice, a virgindade entendida como um atestado da pureza de uma mulher, pois bem, ainda tensa, com o rosto enfiado no colchão, ela me disse: “Ícaro, tudo bem, entre atrás, tudo bem”. Aquilo me paralisou, a menina preferia ser sodomizada a transar comigo, que bloqueio de merda, pensei, resolvido a terminar com aquela lengalenga. Então, eu a virei a pulso, ela resistiu, mas foi relaxando, se soltando e, de repente, conseguimos, sem grandes sofrimentos, ao contrário, um negócio suave, tranquilo, sem sangue, dor, não tive que forçar nada, e ela ainda gozou no fim, e. . .

— Não acr. . . acrrr. . . acredito, Ícaro! Você praticamente es. . . essa. . . ess. . . estuprou a mulher! Que coisa! Você não podia, não. . .

— Não seja tonto, Tristão! Ela queria o negócio. . . Tanto, que, nessa mesma noite, ainda transamos outras duas vezes. Sempre nessa onda de delicadeza, a Ângela é um doce, um. . .

— Ícaro, você gosta dela de verdade? Pretende manter um re. . . reee. . . reeelacionamento sério?

— Lógico que gosto dela! Não sou um monstro! Agora, o que seria um relacionamento sério para nosso cônego?



— Você sabe, não dê uma de inocente so. . . so. . . soamente para aplacar sua con. . . consss. . . consciência. A gente não pode sair enfiando o pau onde bem entende e. . .

— Monsenhor Tristão, nunca saí metendo meu pinto onde ele não fosse esperado com banda e festa. No fundo, quando o assunto é sexo, você é um conservador e Nova Barcelona ainda não saiu de sua pele, nem de sua alma. Segundo a Bíblia, a partir da qual o senhor está me julgando, eu somente poderia desvirginar uma donzela depois da igreja e do cartório, não?

— Não, não se trata desse for. . . for. . . formalismo ultrapassado. Falo de compromisso, engajamento um com o outro. Ela lhe se. . . serrr. . . serviu como um objeto de di. . . diverrr. . . diversão, nada mais, essa é a origem de minha in. . . ind. . . indignação, entende?

— Tristão, juro, Ângela e eu estivemos bastante engajados durante esse fim de semana.

— Vá à merda, cara!

— Não, tudo bem! Brincadeira! Preste atenção, podem me acusar de tudo menos de hipocrisia, em nenhum momento prometi me casar com a Ângela. Nem ela me propôs nada semelhante, nem sequer nos comprometemos como namorados, muito menos como noivos. Temos uma relação aberta, terei outras mulheres, ou não; depois veremos onde isso irá parar, é assim! E ela aceitou esse compromisso, contrato entre aspas, é assim que funcionaremos. Nada de papai e mamãe.

— Coitada, tão iludida! — insistiu o moralista.

— Espero que o senhor não procure a Liga das Senhoras Católicas para me denunciar, nem se junte à corja feminista para preparar minha crucificação.



Tristão evitou comunicar-se com Ícaro durante alguns dias, sentia-se enjoado cada vez que o encontrava. A antipatia durou pouco, em um mês haviam voltado ao habitual.

No concreto, Ícaro cedeu mais espaço para Ângela em sua vida do que pretendia. A menina era generosa, mas sabia defender-se; devagar, sem grandes frases, sem grandes gestos, foi se



transformando na terceira integrante da republica dos meninos de Nova Barcelona.

Ícaro e seus amigos da Universidade haviam fundado uma “comunidade”. Autodenominaram-se “filhos do nirvana”, mas ficaram conhecidos como “turma da fumaça”. A segunda denominação foi a que pegou. Formaram uma comunidade flexível, sem regras monásticas ou exigências rígidas. Ao contrário, seus membros mantiveram suas casas, apartamentos e quartos originais e, somente, juntavam-se em coletivos aos finais de semana. O importante seria a experiência de viver em grupo, ainda que de forma intermitente. Para sede conseguiram uma chácara localizada nas cercanias da Capital. Passavam os fins de semana juntos, cozinhavam, comiam, dormiam e se amavam em grupo. Às vezes, prolongavam a estadia pela semana afora, dois ou três dias, esquecendo-se de suas obrigações.



O sítio era de propriedade dos pais de Gilberto de Alencar, estudante de jornalismo e que se aproximara de Ícaro. Gilberto, em poucos meses de universidade, se metamorfoseara em um clichê ambulante de *hippie*. Seus cabelos encaracolados formavam um capacete castanho em torno do rosto com uma barba imensa e malcuidada. Vestia-se em algodão puro, batas e calças que lembravam pijamas e carregava, pendurado pelo corpo, inúmeros utensílios de couro: colares, pulseiras, bolsa a tiracolo e uma tira que lhe envolvia a testa. Os pais eram ricos e divorciados. Tinham várias propriedades, a mãe viajava pelo mundo e o pai, empresário e deputado federal, também raramente aparecia. Em consequência, o filho dispunha de ampla liberdade, ninguém o controlava e ainda tinha dinheiro suficiente para bancar suas extravagâncias. Apesar do gosto alternativo, Gilberto sabia cuidar-se. Tinha carro e vários equipamentos eletrônicos para assegurar conforto ao seu lar. Ele morava na sede da chácara, uma casa imensa, com quatro quartos e várias salas. Em seu entorno havia uma varanda com arcos, onde os jovens penduraram dezenas de redes. Ao lado da sede, havia uma moradia pequena para os caseiros, um casal com dois filhos. A mulher, dona Maria, e a filha, Mariana, cuidavam



da faxina e ainda preparavam comida trivial para a trupe que invadia a chácara a cada fim de semana. Juarez, o pai, e o filho, Rinaldo, faziam o trabalho pesado de manutenção e limpeza do sítio. Os estudantes tratavam-nos com respeito e carinho. Tinham-nos como representantes dos camponeses brasileiros e, portanto, merecedores de consideração. Apesar disso, dona Maria, sua filha e o senhor Juarez mantinham distância daquele bando, pareciam-lhes a encarnação do pecado. Cada encontro comunitário era uma orgia diferente da anterior, os pares se revezavam, nunca se sabia quem era parceiro estável de quem, gritavam à noite, armavam cerimônias místicas, alguns se diziam macumbeiros, um povo muito estranho. Mariana, com a timidez dos quatorze anos, preferia fazer-se de transparente. Fugia de qualquer contato com os novos ocupantes da chácara. Seu irmão, o jovem Rinaldo, ao contrário, apreciava aproximar-se da turma. Jogava futebol ao final da tarde, aceitava convite para a piscina aos domingos e para compartilhar alguma comida.

A “turma da fumaça” criara um estatuto informal de convivência. Suas celebrações cruzavam noite e seguiam pelo dia seguinte sem interrupção. Compravam cerveja, cachaça, frutas, massa, pães e muita maconha. Eventualmente, havia ácido, anfetaminas e, uma vez, conseguiram mescalina, a droga mexicana descrita por Aldous Huxley. Gilberto de Alencar era muito curioso e inquieto, assim, tratou de investigar e descobriu alguns produtos do cerrado com efeitos alucinógenos. No período de chuvas, organizavam excursões para coleta de certos cogumelos, com os quais cozinhavam um guisado. Faziam-no como se fora uma cerimônia tribal, com unção e pompa. Bailavam e cantavam enquanto bebiam a poção. Alguns passavam mal, vomitavam como se os líquidos corporais pretendessem fundir-se com o planeta; outros desfrutavam alucinações as mais variadas e coloridas. Quando não encontravam cogumelos, faziam chá com as flores brancas da beladona. Em mais de uma ocasião houve desmaios e alguns se sentiram mal, vários se punham com os olhos arregalados e sonolentos. Ninguém atentava muito para esses sintomas, até porque, mesmo antes desses



rituais, já costumavam estar zonzos com álcool e maconha, cuja utilização era mais informal e não dependia de cerimônia coletiva.

Ícaro era destemido. E como fosse também muito prestativo e bem mais pragmático do que a maioria dos componentes da “turma da fumaça”, encarregaram-no de comprar drogas para a “comunidade”. Funcionava como uma espécie de intermediário entre a turma e os traficantes. Seus amigos temiam esse tipo de contato considerado perigoso. Tinham receio tanto da polícia, quanto dos próprios negociantes da droga, gente pobre, da periferia da Capital, ou mercadores sofisticados, ainda que crápulas, originários da própria classe média. Ícaro era extremamente escrupuloso com o fundo financeiro organizado para a compra de droga. Certa feita comprou um ácido especial para o fim de semana, tabletes importados dos Estados Unidos, coisa potente e segura, assegurara-lhe o fornecedor. Realizaram o cerimonial de costume, e Ícaro repartiu a comunhão, como se fosse um sacerdote passando a hóstia aos fiéis. Colocou metade de cada tablete diretamente na língua de cada pedinte, organizados, em roda, em torno de uma fogueira. O sacerdote Ícaro serviu a todos, saltitando como era seu hábito e, por fim, meteu uma porção inteira em sua própria boca.

O efeito tardou a ocorrer. Ainda lúcidos, os bacantes jantaram um arroz com frango, feito por dona Maria. Emborcaram infinidade de cerveja, e, quase uma hora depois da aplicação, Ícaro percebeu que o mundo derretia-se. Primeiro foi o fogo, como se labaredas houvessem se adelgado e os objetos se movessem rumo ao infinito. Lembrou-se de El Greco, como se o pintor estivesse reescrevendo o universo, tudo se alongava e coloria-se em tonalidades intensas. Não havia pessoas em seu redor, nada. Em seguida, Ícaro viajou para Nova Barcelona. Encontrou o pai enforcado, o velho sorria-lhe com simpatia, explicando-lhe, com paciência, sobre a impossibilidade de qualquer comunicação entre eles. Logo depois, apareceram-lhe dois seios gigantes, eram os peitos de Rosália, reconheceu-os pela maciez. Em um passe de mágica eles transformaram-se na sua mamadeira; em seguida, enxergou seu próprio nascimento, escorregou na enxurrada de líquido amniótico e, ainda





navegando em retrospectiva, súbito, mergulhou no espaço exíguo de um útero, materno, pareceu-lhe, o que o obrigou à posição fetal, e assim esteve durante horas.

Despertou com o calor do sol queimando-lhe a face. Quase meio-dia, calculou. Passara a noite ao relento. Recordou-se da viagem fantástica que experimentara, fizera uma regressão ao estado de feto. Sentiu-se leve, recomposto e forte. Em torno das cinzas ainda fumegantes, havia quatro ou cinco amigos dormindo. No alpendre encontrou Lenira e Matias embolados em uma das redes.

Sorria em paz consigo mesmo, quando ouviu uma voz exaltada, alguém argumentando aos berros nos fundos da casa. Confusão, pensou, dirigindo-se para o quintal. Mal deu alguns passos e foi atropelado por Gilberto de Alencar esbravejando contra sua namorada, Carmem Rosada, que chorava desconsolada sem saber como conter a fúria do rapaz. Gilberto falava e falava, exprimia-se com ênfase, a moda de um pregador, para uma plateia imaginária. Em realidade, discursava para seus interiores. O homem endoidara, concluiu Ícaro. “Revertério”, pensou assustado, “*bad trip*, o cara pirou legal, e agora?”. Aproximou-se cauteloso:

— E aí, cara? Tudo bem?

Gilberto não o reconheceu, prosseguiu caminhando em volta da casa em ritmo frenético, como se tivesse pressa. Proferia uma arenga sem sentido, frases soltas em que vociferava contra seus pais, a ditadura militar, a Universidade e a pequena burguesia. Expressava-se em um fluxo desconexo.

— Ele está assim desde ontem de madrugada — lamentou-se Carmem. Ícaro, será que você comprou algum veneno?

— Não — explicou paciente —, cada pessoa tem uma reação diferente com o LSD. O Gilberto entrou numa de discurso livre, surrealismo, o ácido liberou sua mente, associações loucas, pena que ninguém gravou a obra de arte.

— Sei não, Ícaro, ele está tão estranho, não deixa que eu o toque, não posso nem encostar-me nele, é um horror!

Preocupado, Ícaro abraçou-o. Gilberto aceitou o gesto, mas prosseguiu em seu périplo agitado, correndo em torno da casa.





Durante as dez voltas seguintes, Ícaro acompanhou-o. Todo aquele exercício não alterou a disposição delirante do intoxicado.

— Gilberto, Giba, um café? Vamos tomar um café? Espere aqui, um minuto. Vou à cozinha em um pé e volto em outro. Um momento.

Na cozinha ninguém havia cuidado do café. Ícaro encheu um copo com refrigerante, “coca-cola”, resolveu-se, “ele necessita de glicose, cortar o efeito do ácido”, raciocinou, enquanto voltava correndo para socorrer o infeliz. Gilberto prosseguia em seu desatino, circulava em torno da casa, sem interrupção, comentando sobre tudo e sobre nada. Ícaro correu atrás do paciente:

— Giba, tome aqui, um pouco, por favor!

O rapaz não o enxergava, não via o copo, não o escutava. Desesperado, Ícaro acertou o seu passo com o dele, procurando oferecer-lhe o líquido diretamente na boca, como se fosse uma criança. Para seu alívio, ele bebeu o refrigerante em longos tragos. Derramou metade pelo peito, sempre em movimento, sempre falando, de modo ininterrupto. O cuidador voltou pressuroso à cozinha, encheu novamente o copo com a substância milagrosa e repetiu a operação. O resultado foi o mesmo. Gilberto prosseguia ensimesmado, ainda que aceitasse ser alimentado.

Depois de outras dez voltas, a situação ainda permanecia idêntica: a energia do homem que viajava em torno si mesmo não havia arrefecido. Desesperado, Ícaro resolveu despertar Matias de Alcântara. O amigo era experiente, tinha anos de janela, saberia como proceder diante de um caso estranho como aquele, pensou.

Matias demorou a levantar-se. Lenira, sua acompanhante, fugiu para o banheiro cobrindo-se com a camisa do homem, não havia roupa feminina no entorno da rede. Ícaro explicou-lhe a situação. Matias não acreditou no relato, pareceu-lhe exagero. Ícaro arrastou-o para o pátio. Esperaram porque naquele instante Gilberto estava em outra posição de sua órbita em torno do quintal. Em minutos retornou. Matias não o acompanhou, apenas interpelou-o com autoridade. Apesar do tom paternal, a voz de Matias de Alcântara impunha respeito à maior parte dos interlocutores,



desta feita, contudo, o feitiço não funcionou. Gilberto continuou com suas evoluções desvairadas. Ícaro impacientou-se:

— Não vai persegui-lo? Ele não para, não adianta conversa, teremos que sojigá-lo.

— Ficou louco, cara! E o sagrado direito de ir e vir? Ele é adulto. Se ele enanou de rodar e rodar, é melhor ficarmos na assistência, depois ele se cansará e. . .

— Sábio Matias! — ironizou Ícaro —, falou a voz da preguiça ou da sabedoria? Faz uma hora que estou seguindo essa assombração. Uma hora!

— Ele passou a noite assim, está desidratado, sem comer, terá um colapso, um. . . — choramingou Carmem.

— Acalme-se, minha cara.

— O que faremos, então?

— Nada. Ou melhor, vamos vigiá-lo. Fazer um rodízio, até que ele recupere a razão, esse rapaz sempre me pareceu um pouco exaltado. A propósito, Ícaro, elimine esse fornecedor de sua lista. Esse ácido ainda matará alguém. Aliás, em minha modesta opinião, ninguém deveria brincar com dinamite, heroína, cocaína, LSD — Matias era adepto do álcool, mas criticava o uso de outras drogas. — Descanse um pouco, Carmem; Ícaro e eu nos encarregaremos das próximas horas.

Gilberto de Alencar permaneceu em seu delírio peripatético o restante do domingo. Não sossegou um segundo, zanzando em círculos e esbravejando um discurso interminável e incompreensível. À noite, traçaram um plano: o intoxicado iria com Carmem para a casa de Ícaro, os amigos se revezariam em cuidar-lhe.

— Se ele não melhorar até amanhã, melhor levá-lo a um psiquiatra — opinou Ângela.

— Nem pensar — retrucou Ícaro —, sujar o pedaço será uma loucura.

— Não se preocupem — Matias tranquilizou o grupo —, há casos em que o efeito do ácido dura até três dias, teremos que esperar. Certamente, hoje ou amanhã, ele passará à fase do porco e. . .

— O quê?



— Da hiperatividade à sonolência, dormirá como um porco, haverá que cuidá-lo para que não se afogue no próprio vômito, como Jimi Hendrix.

— Ai, pelo amor de Deus, não seja malvado — escandalizou-se Carmem.

— Jimi Hendrix morreu em uma viagem — protestou Ícaro.

— Afogado em vômito como um bêbado qualquer, não houve heroísmo nenhum na história dele, apenas estupidez, dá grande. Vamos pro carro! Carmem encontre as chaves do carro do Gilberto, você dirigirá, vamos.

Tristão evitava comparecer às festas organizadas pela “comunidade”, arriscara-se uma vez e arrependera-se da experiência. Ícaro convencera-o a passar um fim de semana na chácara. Mal chegaram ao sítio, era sábado, meio-dia, e todos, depois de queimarem um monte maconha, trancaram-se na sede da fazenda, fecharam as janelas, simulando noite, para brincarem de “esconde-esconde”, “pegador”, um jogo lúdico que foi assumindo características de orgia à medida que, ao encontrarem-se, as pessoas se abraçavam e beijavam-se de uma maneira estranha àquela brincadeira infantil. Tristão, que permanecera sóbrio, preferiu uma retirada à francesa, discreta. Sentiu um alívio enorme quando saiu para o ar livre, sol. O problema foi encontrar uma maneira para voltar à cidade. Não havia ônibus e nosso herói foi obrigado a caminhar horas e horas até a civilização. Desde então, sempre buscava algum motivo fútil para escapar à insistência de Ícaro para que ele os acompanhasse.

Naquele final de domingo, ele lia, entediado, um romance de Hermann Hesse, *O lobo da estepe*, considerado, por Ícaro e pelos entendidos daquela época, um mapa seguro para iluminação. Apesar da aridez do texto, insistia com a leitura, deveria haver algum sentido oculto que lhe escapava, imaginava e quem sabe, caso prosseguisse, conseguiria, finalmente, entender a lógica do existencialismo alemão, insistia. Cochilava quando se assustou com um carro entrando no jardim. Era um pedaço da “comunidade” chegando, em caravana, com um “ferido”. Tristão inteirou-se do caso e propôs-se a participar do rodízio. Assumiu o primeiro turno.





Gilberto permaneceu toda a noite agitado. Zanzava pela casa, saía ao jardim e cruzava a horta sem dar-se conta de onde estava. Pela manhã, o seu movimento agitado havia reduzido a horta de Ícaro a uma massa informe de plantas pisoteadas, como se uma manada selvagem houvesse passado por ali. O paciente trabalho de jardinagem fora destruído.

Gilberto delirou durante toda a segunda-feira. Pela tarde, em seu plantão, Tristão levou-o para caminhar entre as casas e prédios da Capital. Andaram três horas sem destino e o moço falando e falando. Gilberto somente dormiu na terça-feira, praticamente desmaiou, o que preocupou a pobre da Carmem que lhe tomava o pulso e a respiração a cada cinco minutos, depois a cada meia hora e, finalmente, de hora em hora.

Tristão aproveitou-se do episódio para reforçar sua pregação contra as drogas pesadas. Heroína, cocaína e LSD deveriam ser banidas, no que teve apoio de Matias. Ícaro e companhia escutavam-nos sem argumentar, ainda que não tivessem a mínima intenção de realizar algum tipo de “redução de danos”, fixando-se na cerveja, pinga e maconha.






MOVIMENTO OSCILATÓRIO
afinal que existência não seria épica em 1968?

*prazer
da pura percepção
os sentidos
sejam a crítica da razão*

Paulo Leminski, *Distraído venceremos*







Com o trabalho regular no Banco Brasileiro o humor de Marciano melhorou. Perdeu convivência com as irmãs, acabaram-se as tardes de estudo e risadas; em compensação, passava dias sem avistar-se com o pai. Além disso, ao final do mês, entregava quase todo seu salário aos cuidados da mãe. Essa cerimônia era uma epifania para o jovem. Momento de júbilo e iluminação. Puro regozijo. Ao praticar esse gesto, Marciano sentia-se bem consigo mesmo e confortável com a vida. Logo, recuperou o bom aproveitamento escolar. Preparava-se para o vestibular à noite, suas mulheres cuidavam para que nada o perturbasse enquanto se debruçava sobre o monte de apostilas, fórmulas e listas de exercícios. Serviam-lhe a janta assim que retornava do banco, depois do banho sempre havia café, chá e biscoitos para ajudá-lo em suas vigílias. Suas tarefas de *office-boy* eram simples e Marciano as cumpria sem grande esforço. Estabelecera-se uma sintonia mágica entre seu chefe, Cornélio, e ele. O gerente teria quase cinquenta anos e Marciano tratava-o com respeito e consideração. Como se fosse um avô sábio, ouvia-lhe os conselhos e recomendações com atenção. Aprendera a consultá-lo sobre suas dificuldades laborais, acadêmicas e, até mesmo, existenciais. Armara-se uma forte cumplicidade entre os dois.

Quando completou dezoito anos, Cornélio e o professor Tibúrcio prepararam-no para o concurso para ingressar na carreira de bancário. Foi aprovado em um dos primeiros lugares. Logo em seguida, designaram-no como caixa para a mesma agência




central onde exercia a função de contínuo. O velho Cornélio havia trançado seus pauzinhos para assegurar um bom lugar ao seu protegido. O dinheiro de Marciano quadruplicou. Comprou roupa nova, livros e ainda pôde aumentar a parcela que repassava para as irmãs e sua mãe. Os Villas recuperaram parte do bem-estar a que estavam habituados. Máquina de lavar, novos vestidos e maquiagem para as meninas e ainda sobrava algo para que desfrutassem passeios pela cidade: Dolores e Piedade voltaram a frequentar cinema, bailes e compuseram uma rede de amizade que lhes permitia espriar-se segundo seu impulso juvenil. Iniciaram uma reforma na pequena casa, um puxado com um novo quarto, uma copa e ainda aumento da cozinha. As três mulheres adoravam Marciano. Era o herói incontestado de todas elas.

Na Escola Estadual do Parque Jardim da Felicidade, Marciano convivia com círculo mais amplo do que o familiar. O professor Tibúrcio apresentara-o a Dionaldo Silva, um negro alegre e politizado, vizinho dos Villas e que participava de uma Comunidade Eclesial de Base organizada pelo pároco local. Dionaldo saía com uma moça linda, Cecília, filha de um antigo militante do partido comunista. Pela primeira vez na vida, Marciano experimentou conviver com gente diferente da maioria do povo de Nova Barcelona. Encontrar-se com Dionaldo e seus amigos era como mergulhar no oceano. Seus novos amigos eram livres, irreverentes, questionavam autoridades civis e eclesiásticas e sonhavam com o advento de um novo mundo, uma versão juvenil do paraíso. Cecília e Dionaldo eram descendentes de escravos africanos e militavam em associações do poder negro, usavam imensas cabeleiras ao estilo afro, calças boca de sino e camisas em cores berrantes. Incomodava a Marciano, contudo, o hábito de fumarem maconha e ouvirem música estrangeira em volume altíssimo. Como não havia alternativa, eram aqueles companheiros ou a solidão, Marciano preferiu juntar-se àquela turma barulhenta durante fins de semana e algumas noites. Foram a bailes, reuniões de jovens e saraus musicais. Com a proximidade, Marciano assustou-se ainda mais com o comportamento de Dionaldo e Cecília. Agarravam-se



em público e mantinham relação sexual encostados em muros ou deitados em algum canto escuro do bairro. “Logo teremos barriga no pedaço”, pensou Marciano condoído pelo novo amigo. Dionaldo parecia-lhe o mais ajuizado do grupo, esforçava-se para tornar-se metalúrgico, inscrevera-se em cursos técnicos e aguardava sua convocação. Quando Dionaldo transferiu-se da Escola Estadual João Pedro para o Senai, afastou-se de Marciano e ele voltou a isolar-se das pessoas de sua geração.

No aperto, intensificou a convivência com o professor Tibúrcio e com seu chefe no Banco. Cornélio vivia com a esposa em um apartamento imenso no centro da cidade. Habitaram-se a compartilhar almoços aos sábados ou jantares na sexta-feira. Aproveitavam esses encontros para falar sobre política. Cornélio fora filiado ao Partido Comunista até o golpe militar. Depois, por prudência, afastara-se da militância. Marciano percebeu sua atitude ambígua em relação ao Partido. Por um lado, estava cultural e afetivamente vinculado ao comunismo; por outro, criticava a linha oficial do Partidão. Considerava seus dirigentes inertes e burocratas. Elogiava Cuba, Fidel Castro e Che Guevara, mas opunha-se à luta armada. De qualquer modo, Marciano estava sendo apresentado a um mundo novo. Ouviu falar em Trótsky, professor Tibúrcio emprestou-lhe a autobiografia do revolucionário. Marciano leu *Minha vida* em um fim de semana. A figura de Stálin pareceu-lhe a materialização objetiva do diabo. A revolta estudantil na Europa era considerada um movimento frívolo, sem grandes consequências: “traquinices de pequeno-burgueses” — opinavam. Os dois analistas eram condescendentes com os estudantes brasileiros, a ditadura justificaria sua impaciência. Guerra Fria, Ho Chi Minh, Estados Operários ou socialismo real, capitalismo de Estado ou burocratização, como explicar a degeneração dos países comunistas, gastavam horas discutindo sobre o socialismo. Carlos Marighella, conjuntura, estratégia, como e quando o Brasil retomaria o caminho democrático, resistência armada ou massiva: era um linguajar novo e um novo modo de pensar a vida mediada pela política que encantava o jovem neófito.



Por essa época, Marciano construiu uma explicação sobre o funcionamento do ser humano. Estava tudo claríssimo para ele: as sociedades e os indivíduos eram pela política. Na política se perdiam; pela política se salvariam.

Ao final do ano, Marciano não foi aprovado no vestibular. Por orientação de Cornélio inscrevera-se em dois concursos: um para a Universidade de Brazlândia, outro para a da Capital. Receberam o resultado em uma reunião no apartamento de Cornélio. Marciano deixou abater-se, tanto esforço em vão, lamentou-se, concluindo que a medicina estaria além de suas possibilidades. Deveria conformar-se com a carreira de bancário, conforme lhe sugerira Vasco, seu pai. Afinal teria uma vida razoável, pensou enquanto passava uma vista de olhos pelos bens acumulados pelo bancário que o recebia. Cornélio vivia com conforto, observou: apartamento espaçoso, carro novo, filho na Universidade, férias, o que mais queria ele da vida?


— É — comentou —, acho que medicina não é mesmo pro meu bico. Também, veja, professor — disse voltando-se para Tibúrcio —, por que não poderei traçar meu futuro como o mestre Cornélio? Banco e luta política, não?

— Não desanime, meu filho. A vida está mudando rapidamente, trabalhar em banco não é pra você, tome esse emprego como uma ponte pra alguma coisa maior. Certo, Cornélio?

— Correto — acrescentou o bancário experiente —, posso falar de cátedra. O tempo em que a carreira em bancos assegurava um futuro seguro acabou-se, Marciano. Não desista de sua vocação. Descanse um pouco, tire um mês de férias, depois faça cursinho, pague a mensalidade e frequente uma destas modernas máquinas de ensinar.

— De ensinar, não — corrigiu-o Marciano —, máquina de moer carne humana, máquina para adestrar vestibulando, droga!

— O que fazer — disse Tibúrcio para consolá-lo —, senão meter-se no esquema? Ano que vem você será aprovado, tenho certeza; não, Cornélio?



Marciano sabia que seus conselheiros tinham razão. Faria o que lhe recomendavam, mas dar o braço a torcer irritava-o, assim procurou um motivo para agredi-los. Sabia exatamente como poderia feri-los. Bastaria atacar a distância entre a fé revolucionária e a prática política concreta daqueles dois. Havia um abismo entre discurso e gesto naqueles militantes de araque. E Marciano, apesar de admirá-los, de ser-lhes agradecido, eles haviam ampliado seus horizontes, haviam lhe assegurado emprego e salário, mesmo assim, ele desaprovava aquela debilidade no espírito revolucionário dos seus mestres. Depois de um ano de esforço para conscientizá-lo, de dezenas de reuniões, sempre entre os três, em que falavam e falavam, comentavam sobre colonialismo, luta armada, União Soviética, imperialismo, passeatas, o diabo, nunca, nunca haviam sugerido ou programado qualquer ação prática, a oposição de seus amigos à ditadura era retórica, Marciano percebera. Não sabiam ou não queriam comprometer-se com qualquer iniciativa concreta. “Dois faladores” — pensou desgostoso —, “revolucionários da boca pra fora”, estava para jogar-lhes essa ofensa na cara, mas conteve-se para não ofendê-los, temia voltar à solidão de antes e receava perder o apoio daquelas figuras tão generosas e que o queriam tanto. Mesmo assim, queixou-se com aspereza:

— Certo. . . Cursinho, cursinho, vestibular. Enquanto isso, o mundo está vindo abaixo e a gente aqui parado, observando! Quem sabe, no próximo ano poderemos nos engajar em algum. . .

— Sim — interrompeu-o, Tibúrcio —, algum trabalho comunitário, com certeza, organizar um grupo, você e o Dionaldo, alguma coisa no bairro, trabalho comunitário.

— Que porra de comunitário?

— O quê?

— Por que o eufemismo, por que o senhor não constrói a frase correta com todas as palavras devidas: ação política, trabalho revolucionário, merda!

— Tudo bem, tudo bem — Tibúrcio apressou-se em concordar, intuía sobre a conveniência em colocar panos quentes no ressentimento do rapaz.



— Tudo bem, nada! E quem será meu parceiro, o desmiolado do Dionaldo? Aquele negrão com cabelo afro. Maconheiro de primeira, roqueiro sem eira nem beira?




— Credo! A coisa azedou! Não se preocupe, Marciano. Esse mal-estar é ressaca, dor pela derrota; aprenda, meu caro, ninguém vence todos os lances — respondeu Cornélio disposto a proteger-se da mágoa desagregadora daquele seu discípulo.

Durante o ano seguinte, tampouco houve engajamento comunitário e muito menos revolucionário! Além das tertúlias filosóficas e políticas com os dois companheiros, a vida de Marciano resumia-se ao banco e à preparação para o vestibular. Isso pelo menos até o mês de maio, porque nessa ocasião um evento inesperado deu novo sabor à existência pacata de nosso herói.



Marciano trabalhava no caixa, lidava com dinheiro e com o público, descontava cheques e recebia pagamento de faturas, sendo obrigado a conviver com gente nas mais variadas disposições de humor. As pessoas revidavam contra o funcionário abusos de toda ordem que houvessem sofrido, como se o pobre fosse responsável pela fila imensa, pela espera de meia hora para uma simples operação bancária; enfim, por qualquer desconforto pessoal, autorizavam-se a descarregar a raiva contra o servidor. Ele defendia-se dessas agressões aparentando frieza e desatenção aos clientes. O que não era simples, já que a função do caixa exigia concentração máxima, cada erro contábil era descontado de seu salário. Com o tempo, Marciano lograra um comportamento dissociado, mas que o protegia: aprendera a considerar todo cliente como se fosse sempre a mesma pessoa, a quem ele devia um tratamento padrão, polido. Conseguia não lhes observar o rosto ou as idiossincrasias, contudo, ao mesmo tempo, mantinha-se alerta aos detalhes de cada transação. Com isso sobrevivia ao tédio daquela rotina inexorável.

Era querido pelos colegas e já emprestara a *História da riqueza do homem* para outros bancários jovens. Com a confiança, passou a discutir política na agência, estimulava as pessoas a sindicalizarem-se e trazia-lhes o jornal da entidade. Enfim, procurava compor alguma coerência entre suas ideias e a vida cotidiana.





Em maio, apesar de seu método de despersonalização dos fregueses, observou que uma mulher aparecera em seu caixa vários dias consecutivos. Voltava para realizar operações banais: sacar trocados, pequenas importâncias; um dia pagou a conta de luz; em outro, a de água; em um terceiro, o imposto municipal. A figura teria trinta anos ou pouco mais. Não fazia o estilo físico preferido de Marciano. Agradavam-lhe as mulheres grandes e fortes. Bem proporcionadas, não gordas. Pois bem, a cliente era miúda, metro e sessenta e chamara a atenção de Marciano pela insistência com que aparecia no banco. A princípio, suspeitou que planejasse algum assalto. Depois observou que seus colegas cumprimentavam-na pelo nome: dona Amélia.



Amélia Carvalho de Almeida — leu no cheque que lhe foi apresentado, em uma sexta-feira. Era quase ao final do expediente e a agência se esvaziara, não havia fila, havia somente a mulher diante do seu caixa. Marciano atendeu-a com vagar, preocupando-se em observá-la melhor. Quando a encarou, reparou que piscava ostensivamente. Em uma série convulsiva de piscadelas, dona Amélia subia e abaixava os cílios dezena de vezes, como se pretendesse comunicar-lhe algo com aquele sinal. A beldade encarava-o sem desviar o olhar. De repente, outra vez, ela repetiu a manobra das piscadelas. Como Marciano não despregasse o olhar de seu rosto, repetiu o gesto outras duas vezes. Ou era um ataque epilético ou aquilo seria uma tentativa de seduzi-lo, deduziu o rapaz embaraçado. Marciano percebeu-lhe os olhos brilhantes, de um verde intenso, como um musgo fosforescente. Tinha traços finos e delicados, nariz arrebitado e pequeno, boca desenhada em vermelho vivo. E o cabelo, o cabelo, suspirou o caixa, tufos e tufos cacheados, ondas aveludadas que lhe escorriam no entorno do rosto até o ombro. Aquela aparência comoveu-o, tanto que se esqueceu da compostura e se pôs nas pontas dos pés para melhor avaliar-lhe o talhe. Quase teve um acesso de tosse. O corpo da moça fora torneado por algum artista clássico, proporção e harmonia, nada disforme ou deselegante. Mãos delicadas, o decote entremostrava suas almofadas acastanhadas e o traseiro. . . Nádegas firmes e



apoiadas em pernas grossas. Depois do exame despudorado, Marciano tornou a encará-la. Para sua alegria, recebeu novo pestanejar em série.

— Em que posso servi-la? — perguntou em um tom melado, ainda com o cheque na mão.

Novo bater de cílios e Marciano perdeu o controle. Saiu do caixa, contornou o balcão e abordou-a sem esconder a ereção despudorada que o acometia.

— Às suas ordens — disse, estendendo-lhe a mão.

Ao tocar-lhe sentiu a maciez e suavidade da pele. Permaneceu segurando-lhe a mão sem disposição de soltá-la. Os dois ficaram ali, ao meio da sala de espera, ligados por um aperto de mão interminável. Marciano, de tão atarantado, esquecer-se do ambiente e do olhar maldoso dos colegas, depois iriam debochar dele. Apesar do entusiasmo, não sabia como proceder diante de um caso daqueles. Diante da inércia do homem, Amélia assumiu o comando da situação:

— Marciano, poderia me acompanhar até meu carro, alguns minutos? Preciso muito de sua ajuda.

— Já sabe meu nome?

— Venha, bobinho; não vou mordê-lo!

O bancário não pediu autorização a ninguém, nem sequer lembrou-se de fechar o caixa, apenas seguiu aquela aparição celeste. Não tirava o olho da mulher, cada vez mais convencido sobre o acerto de sua decisão. Era linda, de cinema, seria fantástico se transassem e outro não parecia ser o propósito de sua parceira, acreditava o rapaz inexperiente.

— Não teremos muito tempo, tenho que voltar pra casa e você pro banco, uma hora no máximo. Vamos até meu carro, no estacionamento?

Amélia tinha um fusca azul celeste, novinho em folha. Mal se assentaram, Marciano tomou-lhe a mão, acariciando-a encantado. Assustou-se quando a mulher, em um gesto brusco, a recolheu.

— Aqui não, bobinho. Vamos a um motel.



Dona Amélia sem roupa era ainda mais linda do que quando vestida, constatou Marciano. Uma penugem dourada cobria-lhe braços e pernas. Mal entraram no quarto e já se agarraram como amantes antigos. Amélia marcou o ritmo daquele primeiro encontro. Marciano deixou-se levar. Ela despiu-o, cuidou de beijá-lo com sistema e depois o obrigou a deitar-se de barriga para cima para que ela o cavalgasse. Iniciou a cópula com movimentos lentos, para cima e para baixo e depois em círculo. A certa altura, Marciano sentiu como se os músculos da vagina de Amélia sugassem seu pênis, nunca imaginara que uma trepada pudesse despertar-lhe tanta emoção. Quando estava para gozar, ela interrompeu o ziguezague e acariciou-o maternalmente, recomendando:

— Ainda não, ainda não.

Depois de três ou quatro idas e vindas nesse negaceio, ela liberou-se e acelerou a movimentação, apoiando-se na cabeceira da cama com tanta força e ímpeto que Marciano escutou o bater da madeira contra a parede em um compasso sincopado. Gozaram ao final, e Amélia saltou recomposta:

— Marchando, querido. Que o tempo urge.

No caminho de volta ao banco, combinaram de encontrar-se outras vezes. Havia incompatibilidade de agendas. Amélia não poderia vê-lo aos fins de semana e nem durante a noite. Seria casada, concluiu Marciano. Por sua vez, o rapaz tinha as manhãs e as tardes ocupadas pela escola e banco. Já quando se despediam, Amélia encontrou uma solução: encontrar-se-iam entre onze horas da manhã e uma da tarde. Naquele mesmo local, combinaram. Aproveitariam o tempo de almoço para comerem um ao outro, brincou a sedutora.

Eram cinco e meia da tarde quando Marciano voltou ao banco. As portas estavam fechadas para o público, havia somente expediente interno. Os colegas de agência receberam-no com uma salva de palmas. O gerente, Cornélio, comandava a trupe. Deram-lhe tapas nas costas e exigiram detalhes. Marciano comoveu-se com a solidariedade, haviam fechado o seu caixa e ordenado tudo que ele deixara em aberto.



Na semana seguinte, na segunda e na quinta-feira, dona Amélia e Marciano repetiram a mesma cena. Não variou o cenário, foram ao motel Amor Legal; não mudaram as posições ou tampouco o prazer com que se entregaram. Não eram de muita conversa; nenhum dos dois. Marciano descobriu que Amélia era casada com um juiz de direito obcecado com o trabalho, o marido saía de casa às nove horas da manhã e somente retornava à noite. Ao contrário de outras amantes, Amélia não tinha críticas ao esposo. Ela respeitava-o, não teria do que se queixar, afiançava. Saía com Marciano por paixão, ela encantara-se ao observá-lo trabalhando no caixa, conversando com os amigos, seria simples assim. Em nenhum momento, ela demonstrou interesse em que o rapaz lhe fizesse alguma declaração romântica. Sexo era do que necessitava, pareceu ao moço.

Por várias semanas, os amantes reprisaram a encenação. Marciano fugia do cursinho uma hora antes do final das aulas e encontrava-se com Amélia no estacionamento. Dali, partiam direto ao motel. Depois, ele voltava ao banco correndo, sem almoçar e ela. . . Marciano a imaginava ocupando-se como dona de casa, fazendo sabia lá ele o quê. Dois meses depois, Amélia sugeriu uma mudança, estariam gastando uma fortuna com as diárias do motel, poderiam encontrar-se na casa dela na hora do almoço, o juiz jamais aparecera nesse horário. Seria seguro. Marciano acovardou-se, temia algum desastre.

— Caso o meu marido nos encontre, você, Marciano, fingirá ser um vendedor — sugeriu a amante —, um entregador de enciclopédia, compraremos uma coleção e a guardaremos, embrulhada, somente por segurança, caso houver algum imprevisto.

Assim, alteraram o hábito do motel. Marciano impressionou-se com o sobrado do juiz. Era uma residência imensa, quinhentos metros quadrados de construção, calculou. Ficava na Vila, um bairro com denominação semelhante ao seu sobrenome, comentou com Amélia. Havia árvores e árvores, casas com lindos jardins, várias praças, tudo bem diferente da pobreza do Parque Jardim da Felicidade com suas casas simples de alvenaria, poeira e



barro e mais nada, comparou o rapaz. Dona Amélia era precavida, antes de meterem-se no quarto de hóspedes — jamais usaria a cama do casal, desculpou-se com o amante —, mostrou-lhe todos os cômodos da casa, indicando-lhe, em caso de emergência, por onde deveria fugir. O marido sempre entrava pela porta da frente, ele poderia sair pelos fundos, ela deixaria o portão do quintal aberto, para alguma eventualidade, explicou. Havia um quarto mobiliado esperando por alguma criança, constatou Marciano. Ou quem sabe houvera alguma tragédia, ele não se aventurou a perguntar e, tampouco, Amélia o esclareceu. Apenas abriu a porta e fechou-a em seguida, dizendo “quarto de criança”. Nesse dia, Marciano não conseguiu uma ereção e, por mais que Amélia o acariciasse, seu pinto permaneceu esparramado e flácido. Para compensar o encontro, Marciano massageou a amante até que tivesse um orgasmo. Depois a mulher levou-o até o centro da cidade.

Com o tempo, voltaram ao habitual, Marciano acostumou-se ao ambiente e a perder-se no corpo plástico daquela amante tão generosa.

Com a proximidade do exame de vestibular, aumentou-lhe a ansiedade e fazer amor com dona Amélia servia-lhe de refrigerio. No dia em que transavam sentia-se relaxado e dormia bem. Haviam composto um hábito, duas ou três vezes por semana encontravam-se, sempre para fazer sexo. Jamais saíram para jantar, ver um filme ou caminhar pela cidade. A partir de outubro, contudo, ocorreram algumas mudanças sutis naquele relacionamento tão confortável para ambos. Certo dia, dona Amélia buscou-o no cursinho e, ainda a caminho da Vila, ela o provocou:

— Sabe, Marciano, o que eu gosto mesmo é de transar por trás. Vamos mudar, hoje?

O rapaz concordou. Há tempo desejava-a em outras posições que não a tradicional “papai e mamãe” ou a clássica da mulher assentada sobre seu colo. Depois dos preliminares, ele a virou de costas e penetrou-a enquanto lhe acariciava os seios. Gozou rápido e percebeu que sua companheira não o acompanhara. Tentou acariciá-la, mas ela recusou-se irritada. Na volta, ele comentou:



— Hoje, não foi bom pra você, não?

— Nada, é que poderíamos ampliar nossa experiência erótica.

No encontro seguinte, mal se trancaram no quarto, Amélia abriu uma gaveta. Mostrou, ao moço estupefato, uma série de fotos pornográficas, todas com penetração anal explícita. Marciano corou.

— Faremos assim hoje, meu bem.

Na semana seguinte, Amélia iniciou o encontro com uma cerimônia meticulosa em que despiu o amante, depois o obrigou a sentar-se na cama, orientando-o para que a aguardasse. Voltou em cinco minutos fantasiada de *femme fatale*. Vestia um corpinho vermelho-sangue de rendas, que lhe deixava o peito e bunda a descoberto, completava o traje uma meia de seda negra. Mal abriu a porta, atirou-se sobre Marciano, encenando uma simulação de estupro. Com gestos bruscos, fingia resistência, obrigando-o, ao final, à nova penetração anal.

Marciano preferiu não pensar no significado daquele estilo de encenação, ainda que ela o estimulasse a possuí-la com maior intensidade, a penetrá-la, a cada semana, com maior energia e brusquidão. Ele concentrava-se para as provas, tinha, portanto, preocupações mais urgentes do que analisar tendências masoquistas de sua amante. De maneira não premeditada, inconsciente, com o pretexto da proximidade dos exames, adiou avistar-se com dona Amélia em duas ocasiões. Na terceira escusa, ela foi taxativa, morria de saudades, queria encontrá-lo, naquele dia, sem falta, teria uma surpresa, um presente para seu querido. O rapaz também precisava desopilar-se e, ademais, sentia falta dos encontros amorosos. Dentro do pequeno automóvel azul, tudo lhe pareceu normal, confiável, o ambiente tomado pela aura perfumada da mulher acalmou Marciano. A proximidade daquele corpo acalmava-o, adorava o cheiro dela, suor e alfazema, sentia-se desarmado e quando se aproximava dela perdia o controle sobre si mesmo, parecia fundir-se com aquela figura, sentia-se bem, ainda quando não conseguisse explicar o efeito devastador de dona Amélia sobre ele mesmo. Assim, constrangido pelo desejo voltou ao sobrado da Vila.



Repetiu-se o mesmo episódio dos últimos encontros somente que com variações ainda mais escabrosas. Primeiro, ela o despiu simulando um bailado árabe, uma dança do ventre. Em seguida, escondeu-se para se fantasiar. Retornou com o corpete vermelho-sangue, as rendas negras e, para espanto do bancário singelo, trouxe um longo chicote estilizado na mão. Sorridente, ela entregou-o ao rapaz, ordenando-lhe:

— Me bata, me pegue pra valer.

Deitada de bruços na cama, ela incentivava-o ronronando com uma suavidade quase infantil. Marciano segurou a chibata pelo cabo e mirou-a desconcertado. A certa altura, ela levantou-se, segurou-lhe a mão e conduziu-a contra seu próprio corpo.

— Assim, querido — disse voltando a deitar-se de bruços.

Marciano ainda tentou pegar-lhe nas nádegas, mas as chicotadas saíram leves, como se temesse feri-la.

— Mais forte querido. Mais forte, por favor.

Ele insistiu outras vezes, porém foi como se manejasse um leque e estivesse a abaná-la. “Não”, pensou, “não e não”.

Súbito, Marciano atirou o relho para longe, vestiu-se apressado, como se houvesse um incêndio e, sem palavras, saiu correndo pela porta dos fundos. Amélia permaneceu deitada de bruços e não o encarou uma vez sequer.

Na rua, a caminho do ponto de ônibus, pareceu-lhe perceber o juiz que chegava em um carro imenso. Marciano conhecia-o somente das fotos esparramadas pelo sobrado, poderia ser que houvesse se enganado.

Nunca mais a procurou.

Apesar da desilusão amorosa, naquele final de ano, a família Villa comemorou um natal alegre: Marciano fora aprovado para medicina na Universidade da Capital. Cornélio arranhou para que fosse transferido para o Banco Brasileiro do Distrito Federal, para o setor de compensação que funcionava à noite. Seria médico e mudar-se-ia outra vez.





— *Sem comentários?* — perguntou-me o Espírito em tom debochado.

O capítulo recém-escrito era um desmentido concreto do meu suposto formalismo, conforme ele me acusara no dia anterior. Assim, senti-me seguro para desconsiderar sua provocação:

— *Não, nada* — respondi seco — *prossigamos com o andor!*

— *Sim, entretanto, como ainda não fui redimido de meu pecado de crueldade crítica, acredito que o senhor não se incomodará de que desenvolva algumas considerações sobre o comportamento sexual da juventude daquela época. Uma sexualidade exuberante que seu relato mal retratou.*

Sem esperar concordância de minha parte, ele prosseguiu com sua arenga habitual:

— *Não se esqueça meu caro escrevinhador de que estávamos em 1968, um dos períodos da história em que Dionísio comandou o espetáculo. No entanto, observe, nenhum dos nossos heróis rendeu-se completamente aos encantamentos delirantes desse anárquico deus do amor. Eles souberam negociar com sua época, esta capacidade atesta o caráter heroico de todos eles.*

— *Espírito, por favor! Não antecipe análise sobre fatos que ainda não foram narrados. Ainda não escrevi sobre Ícaro e Tristão no Meia-oito. Por favor. . .*

— *Você se recorda da trama em As bacantes?*

— *Não, nunca li essa peça. Eurípides, não?*

— *Dionísio, ao promover uma de suas orgias, enlouqueceu tanto as pessoas, que uma mãe, a rainha Agave, inebriada pelo vinho e pelo desejo, cortou a cabeça do próprio filho, julgando que ele fosse um leão! Pois bem, em sessenta e oito, milhões de jovens perderam o controle sobre si mesmo, como antes acontecera com a rainha Agave. A tragédia não termina com o assassinato do pobre filho, continua com a ressaca da mãe enlouquecida: uma vez fora do transe, reconhecendo seu crime, a vida torna-se inviável para ela. Algo pelo estilo passou-se com os jovens que viveram plenamente o desbunde dos anos sessenta e setenta. O conservadorismo dos oitenta e noventa, talvez,*

possa ser explicado como uma reação aos excessos cometidos. O estado de possessão das bacantes cegava-as, impedindo-as de respeitar ou de cuidar do interesse de outras pessoas, inclusive daquelas que lhes eram caras. O mesmo aconteceu no movimento de libertação dos anos sessenta, pais esqueceram-se de seus filhos, amigos traíram amigos, os possuídos pelo espírito libertário espezinharam, sem dar-se conta, o desejo e o direito de outros seres humanos.

— Tinha esperança de que continuaríamos com a narrativa sem maiores digressões, mas. . .

— Para Tristão — continuou o Espírito ignorando-me, como se eu não existisse, procedendo comigo com o mesmo descuido com que os malucos, que ele criticara um segundo antes, lidavam com as outras pessoas —, para ele, sexo e amor eram inseparáveis. Ele acreditava que a relação amorosa implicaria uma espécie de democracia plena, em que dois sujeitos, com importante grau de autonomia, escolheriam livremente a forma de entregar-se e de receber favores e agrados. Herdara essa concepção de sua mãe, dona Potestade, que fora uma das pioneiras do espírito feminista entre o machismo característico da cultura interiorana. Tristão reconhecia nas mulheres e nos homens igual potencial para o trabalho e para a política. Isso lhe era tão natural que se espantava quando descobria o mundo real funcionando em outra clave; em geral, desfavorável ao interesse feminino.

— Tristão era o anti-Dionísio, não?

— Sim, em alguma medida. Ainda que ninguém sobreviva sem algum grau de loucura, sem deixar-se levar pelo instinto. Ele tinha a mania da coerência, não admitia teorias que não pudessem ser imediatamente aplicadas ao cotidiano, tampouco aceitava o adiamento de mudanças para quando o carnaval chegasse. Apesar do espírito conciliador, era uma figura rígida. Essa maneira de ser impregnava-o de uma aura de fundamentalismo que intimidava as pessoas. Era considerado um tipo com princípios arraigados, muitos preferiam não desafiá-lo e poucos ousavam convencê-lo a praticar alguma transigência ética ou moral.

— Que carola, não? Nosso herói moralista! Vamos à suas aventuras em Meia-oito, então?

— *Nem tanto ao mar, nem tanto a terra! No concreto, Tristão era tolerante e suportava conviver com gente que não se comportava como ele. Juliana, muitos anos mais tarde, acusá-lo-ia, entre brincalhona e séria, de provocar um efeito superego por onde andasse. Sua simples presença despertaria obrigação disto ou daquilo entre os circunstantes.*

— *Perdão, mas o líder carola, em geral, é carismático. Essas figuras têm capacidade de influenciar, ainda quando sejam intransigentes, arrogantes e autoritários. Um perfil comum a vários dos ditadores do século XX. E também a muitos terroristas, pessoas que se julgavam donos da verdade e com autorização divina para corrigir a imperfeição de outros. Eu. . .*

— *Talvez tenha sido assim, mas não com Tristão, meu caro. Tristão foi um democrata radical. Repito, para ele, sexo seria um caso específico da relação humana em geral, porém, com a diferença de que deveria ocorrer em um patamar elevado de intimidade, respeito, afeto e de amor pelo outro. Era essa sua teoria, era nisso que ele acreditava e era com base nesse princípio que tratava de lidar com o imenso interesse que as mulheres lhe provocavam.*

— *Pois bem — retruquei — com tantos pressupostos, com tantos condicionantes, lhe era difícil passar ao ato; copular depende da iniciativa de algum dos parceiros, em geral, do masculino, mas não necessariamente dele, as mulheres têm, a cada dia, mais e mais iniciativa e capacidade de. . .*

— *Se o senhor souber esperar, se o senhor aprender a ouvir-me com paciência, nesse caso poderei completar meu raciocínio. Tristão completara dezessete anos, apenas. E toda essa gama de racionalizações sobre sexo pesava-lhe como uma carga negativa, ele começava a perceber que com aquele grau de exigência ele não comeria ninguém e, ainda menos, satisfaria seu desejo de envolver-se com alguma mulher.*

— *Caro Espírito de Época, por favor, ainda não expusemos os casos de Tristão e de Ícaro! Ademais, não estamos redigindo artigo científico para alguma revista de psicanálise. Vamos aos fatos.*

Silêncio. Eu já aprendera: o meu Espírito jamais dava o braço a torcer, quando perdia uma discussão preferia calar-se a admitir razão ao adversário. Assim, logrei voltar aos acontecimentos.



Maria do Pilar fora a única parceira de Tristão. Apesar de ansiar por companhia feminina, não tomava iniciativa explícita. Conjuguar-se carnalmente com alguém lhe parecia um compromisso para a eternidade. Tampouco aceitava o refúgio da masturbação, sentia-se perdendo tempo precioso. Não conseguia extravasar sua sensualidade com namoradas eventuais porque somente ousava gestos lúbricos com mulheres com quem tivera uma convivência próxima e longa. Àquela altura, a maioria de seus amigos, em Nova Barcelona, já eram garanhões experientes: alguns transavam regularmente com prostitutas; outros, com empregadas domésticas, comerciárias, moças pobres e ingênuas que se deixavam seduzir pelos rapazes de classe média em um vestígio da relação entre senhor e escravo. Nenhum desses caminhos servia-lhe, tinha excesso de escrúpulos.

Chegara a visitar prostíbulos em algumas oportunidades. Conversara com as meninas, aceitara e praticara um ou outro carinho, pagara-lhes cerveja, mas não se animara a trancar-se no quarto com elas. Certa ocasião, durante o terceiro colegial, sonhara sistematicamente com uma loira magricela e peituda que encontrara na casa de dona Maria Adelaide. A mulher sentara-se em seu colo, esfregando-se contra ele. A prostituta chamava-se Mirela, ele recordava-se. Ela o convencera a acompanhá-la ao quarto com um apelo a seu espírito solidário:

— Estou aqui gastando meu tempo precioso sem ganhar um tostão. Todas as meninas já estão acompanhadas, hoje morrerei de fome!

— Como assim, Mirela? — admirou-se o rapaz bem-intencionado.

— Se você não for pro quarto não poderei lhe cobrar nada e. . .

— Bem, então vamos, eu lhe pagarei a tarifa, vamos.

Quando se trancaram sozinhos, Mirela abraçou-o com lascívia, convencida de que aquele garoto passaria a noite com ela. Ele tremia de tesão e ainda gostava de conversar, teria uma maneira



lenta de fazer amor, imaginou animada. Estaria com a noite feita, acreditou.

Ledo engano. Tristão desvencilhou-se da moça com dificuldade. A menina o atraía, tinha lábios vermelhos em formato de coração e ele não despregava os olhos do corpo generoso que o vestido colante da jovem insinuava. Em vez de abraçá-la, partiu para o moralismo retórico:

— Mirela, me diga com sinceridade, por que motivo você trabalha aqui. . . na casa de dona Maria Adelaide?

— Ah, pelo amor de Deus, cara, você é crente?


— Não, eu. . .

— Marica? Você é bicha e. . .

— Não, ao contrário, estou muito interessado em transar com você, muito. É que eu a queria de outra forma, sem a obrigação de comprar seus favores, sem. . .

— Que complicado você é, meu! Se a vida é essa e não outra, se estamos os dois aqui agora, sozinhos! Juro, estou com tesão, esse seu jeito de santo me provocou uma vontade danada. Vamos!

Tristão escapuliu de seus carinhos e voltou a refugiar-se em um discurso supostamente racional. Com voz suave, quase sacerdotal, ele disse-lhe que não compreendia como alguém inteligente, com potencial, escolhia um trabalho tão degradante quanto aquele de entregar-se por dinheiro a quanto macho aparecesse. Tanto argumentou que Mirela emocionou-se e terminou contando-lhe a história de sua vida: ela fora estuprada pelo filho de um fazendeiro rico, na beirada do rio Pirapitinga, tinha quatorze anos; boba, tonta, ela contara o episódio para a mãe, que foi correndo enredar para o pai, que a expulsou de casa. Sem ter para onde ir, foi acolhida por dona Maria Adelaide, senão estaria morta. Mas ela tinha outros planos, não era avoadá como as outras meninas que gastavam tudo que ganhavam em roupa, perfume, bebida e homens, não, ela guardava dinheiro para o futuro e fazia um curso de datilografia à tarde e, quando completasse dezoito anos, descobriria um emprego de secretária; Tristão a ajudaria, perguntou-lhe confiante, poderia contar com ele, implorou. Resumindo: ter-



minaram amigos, abraçaram-se emocionados, Mirela chorou em duas ocasiões, Tristão pagou a tarifa, mas saiu sem conjugar-se carnalmente com a beldade.

A caminho de casa, amaldiçoou-se sem saber como conseguiria conciliar no sono tão perturbado ficara com a bruta vontade de mulher que aquela tertúlia filantrópica somente exacerbava. Parecia haver um curto-circuito entre a satisfação de seu espírito e a de sua carne, concluiu; o atendimento a um deles exacerbava a carência do outro.

De outra feita, certa noite, em um ônibus interurbano na Capital, paquerou explicitamente uma garota que o olhava com insistência e simpatia. Desceram juntos e logo a moça empurrou-o contra um poste com a lâmpada queimada e começou a beijá-lo e a apalpá-lo sem qualquer constrangimento ou preâmbulo. Era fornida e rechonchuda, gostosa, poder-se-ia dizer, tinha aspecto sadio, bochechas rosadas e lembrava uma camponesa da Europa Central. Do poste, passaram a um terreno baldio onde estiveram horas em mútua manipulação. No entanto, Tristão não se animou a penetrá-la, ela confessara-lhe, a certa altura, que era virgem, mas que estava disposta a dar pra ele desde que não ficasse grávida. Marcaram novo encontro, mas ele nunca apareceu.

— *Espírito — invoquei-o um tanto arrependido, era importante diminuir a interferência daquele Espírito de Porco na história, mas eu tinha uma dúvida que me impedia de prosseguir escrevendo —, talvez algum leitor criterioso venha a considerar nossos heróis excessivamente ingênuos. Como construir um enredo decente com a ingenuidade? Quem sabe essa virtude seja útil em uma comédia de costumes? Mas como lidar com esse tipo de personagem em um romance de formação, algo sério, ao estilo Thomas Mann?*

— *Não seja dramático — criticou-me. — E não seja tão pretensioso! Thomas Mann, Santo Deus! Sejam modestos, querido! E não subestime o potencial de nossos heróis. São seres complexos, são. . .*

— *Ah! Outro lugar-comum! Seres complexos!*



— *Sim, sei lá! Ambíguos, contraditórios, alguns poderão tê-los como egoístas, pragmáticos, aventureiros, talvez? Ou considerá-los imprudentes? Sujeitos ordinários, concluirão vários. Essa multiplicidade de interpretações, caro escritor, indica que estamos bem, que inventamos personagens reais, polifônicos. Mesmo lendo a história até o final não será simples opinar sobre o caráter de nossos heróis. Como todo herói, eles são exigentes consigo mesmo e com o mundo, não há heroísmo sem certa dose de revolta e de intransigência. Rebeldes em busca de causas, os heróis, sempre; o que varia, no fundo, são as causas pelas quais eles lutam; o que não se altera é sua capacidade de indignar-se e de desejar reformar o mundo. Tristão, Ícaro e Marciano eram desconfiados, tendentes à dúvida mais do que à fé. Uma característica que compartilhavam com grande parte da juventude daquela época. Em realidade, eles eram máquinas de criticar. Viviam interrogando-se sobre tudo e sobre todos. O curioso foi que, apesar do ceticismo, não deixaram de se apaixonar por tudo e por nada. Paradoxais, eles? Discorriam horas sobre falhas do sistema social capitalista e socialista, mas. . .*

— *Tudo bem, voltemos aos fatos. Creio que poderiam ser considerados idealistas e simplórios porque tiveram dificuldade em admitir os próprios limites, ainda que, diga-se em sua defesa, intuísem sobre os limites de sua época.*

— *A perfeita consciência sobre si mesmo, sobre limitações e possibilidades de cada um, não é condição absoluta para o heroísmo. Ao contrário, o heroísmo depende de importante grau de cegueira, meu caro!*

— *Voltemos à narrativa!*

Em 1968, dezembro, logo após a promulgação do Ato Institucional 5, Tristão se apaixonou por Juliana. Ele a conhecera quando criança, era sua conterrânea, depois haviam perdido contato, a família da moça mudara-se para a Capital. Tristão reencontrou-a em Nova Barcelona no verão de 1968. Hospedava-se na casa do avô, o velho organizara uma festa de aniversário em homenagem à neta. Nosso herói não se animou com o evento, coi-





sa de “meninas”, comentou com colegas, disposto a inventar outras aventuras para aquela noite de sábado. Os amigos demoveram-no com o argumento de que as “meninas” haviam se transformado em moças, Juliana faria quinze anos e a festa seria de arromba, baile, tudo. Ainda contrafeito, compareceu com a irmã.

O avô de Juliana era advogado, colega de doutor Augusto de Oliveira, pai de Tristão. Morava em uma casa antiga, construída nos anos quarenta, com duas entradas independentes: uma, ao rés do chão, era usada para seu escritório de advocacia e a outra era uma escada que terminava na porta da casa. Logo na entrada, havia um amplo salão, onde se realizava o baile. Tristão confiou no gosto da irmã para a escolha do presente da aniversariante. Nem sequer soube do que se tratava. Apesar do entusiasmo dos amigos, sua expectativa era baixa, concedera em comparecer ainda que ostentasse um ar de devido enfado desinteressado.

Mal pisou no primeiro degrau e seu humor mudou radicalmente. Juliana saíra para recebê-los, aguardando-os no topo da escada. Ele subiu os degraus como se flutuasse. Apesar da leveza tropeçou três vezes, é que não despregava os olhos da anfitriã, que se ria do convidado desajeitado. Ele a percebeu deslumbrante em um vestido claro que contrastava com a tez morena. A mulher era um imenso sorriso branco, tinha cabelos curtos, Jean Seberg, comparou embevecido. Pele suave, pescoço longo que continuava em seios generosos que o decote realçava, corpo em violão assentado sobre pernas grossas e bem formadas, e o sorriso, o sorriso, os olhos brilhantes, foi paixão instantânea, da brava. Tristão sentiu a tristeza, que ainda experimentava pela perda de Pilar, esvaindo-se com suavidade, seu vazio existencial estava sendo ocupado por Juliana, a menina alegre, que ria à toa, e sabia histórias, descobriria depois, e que gostava de escutá-lo, muito, e tocava piano, Chopin, Beethoven, Bach, Tom Jobim, e ria fácil, e cantava música popular e canções revolucionárias, e era filiada à Juventude Estudantil Católica, a famosa JEC, que ele observava de longe, sem coragem para se aproximar, aquela mulher era a encarnação material da vida que ele sonhava, pareceu-lhe.



Juliana demonstrou agrado com o interesse do rapaz. Elogiou-o com franqueza:

— Como você cresceu, Tristão! A última vez que o vi, éramos criança. Ainda me lembro, você brincava com um jogo de armar, parei interessada e você mal me cumprimentou. Um menino calado, mal-humorado, eu queria ser convidada para jogar, mas você nem ligou para minha presença.

— Não. . . Eu. . . — Tristão não compreendia como fora tão estúpido, pensou em dizer algo inteligente e charmoso, mas um sentimento de pânico impedia-o de elaborar qualquer frase, gaguejou meias palavras sem sentido.

— Esses óculos lhe caíram muito bem — continuou Juliana. — Onde você os encontrou?

Juliana e Tristão eram míopes. A moça encontrara um modelo inspirado em Janis Joplin com imensos aros de metal. Tristão usava uma armação escura e pesada, ao estilo anos trinta, semelhante às que apareciam nas fotos de Guimarães Rosa. Ele a encontrara em uma ótica do interior. Descobrira-a perdida entre estoques antigos dados como inúteis pelo comerciante. Havia duas de resto, Tristão tratou de comprá-las por uma pechincha, ninguém se interessava mais por aquele desenho. Sentiu-se contente com o elogio de Juliana, era como se ela o estivesse aprovando em bloco, declarando concordância com seu modo de ser. Estava para devolver-lhe alguma frase de louvor, quando a aniversariante foi requisitada por outros convidados. Tristão permaneceu onde estava observando-a.

Realmente, era linda, pensava o rapaz encantado, nariz grego, delicado, o contrário do seu próprio narigão, como não a percebera antes, que insensibilidade, que distração! Meia dúzia de rapazes cortejavam-na, rodopiando em torno dela, cada um mais gracioso do que o outro. Depois de cumprida a função de anfitriã, Juliana voltou para junto de Tristão. Aquela preferência comoveu-o, ele não cabia em si de contente. Não se recordava de haver experimentado sensação de plenitude semelhante.

Tocavam os *Beatles*, pares dançavam na sala à meia-luz. Os adultos haviam desaparecido. Juliana ofereceu-lhe um pedaço de



melancia em um prato branco. A fruta vermelha e succulenta es-
corria água pelas bordas. Tristão ainda não entrara no salão, es-
tacionara no patamar da escada. Agradecido, segurou a melan-
cia, derretia-se todo com a gentileza de Juliana. Lembrou-se de
uma cena em *Mulheres apaixonadas*, quando D. H. Lawrence trans-
formara a deglutição de um simples figo em um lance carregado
de erotismo. Tristão tinha esse hábito, qualquer acontecimento ser-
via-lhe de pretexto para alguma referência literária, que ele, em
geral, por tímido, guardava consigo mesmo. A analogia o fez corar,
embaraçado, levou a melancia à boca com a unção de quem beijasse
a mulher amada. Tremia-lhe a mão, ademais a sua boca era peque-
na, um traço familiar dos Oliveiras, bem pequena, tão pequena
que foi obrigado e enfiar a cara na fruta, molhando-se todo. Preo-
cupado em recompor-se e em mastigar o pedaço excessivo que
abocanhara, maior do que podia deglutir, engasgou-se e tossiu com
o que retrocedeu um passo e se desequilibrou em um degrau trai-
çoeiro. Com o esforço, a melancia partiu-se e uma metade escapou-
l-he da mão, desesperado em segurá-la, terminou por lançá-la como
uma projétil contra o vestido branco da aniversariante, que o
olhou pasma, aflita. Uma mancha vermelha se desenhara em sua
roupa imaculada, um traje composto para a festa de quinze anos.

Logo acudiram amigas:

— Meu Deus, que tragédia! —, exclamavam. — Juliana cor-
ra aqui, na cozinha, limparemos o desastre — diziam enquanto a
afastavam do rapaz. Tristão e Juliana não disseram nada um ao
outro, a menina deixou-se levar atarantada e o moço tampouco
esboçou qualquer desculpa, sua única reação foi arregalar os olhos
em tal envergadura que tudo lhe pareceu turvo. Não enxergava
nada e não disse nada, não pediu perdão, nenhum gesto além dos
olhos estatelados que ninguém percebeu em razão das grossas len-
tes que os faziam minúsculos ainda quando estivessem saltando das
órbitas. Ouvia, desconsolado, os comentários desabonadores do
círculo de admiradores de Juliana:

— Desajeitado, trapalhão, roceiro, caipira, desengonçado,
que vexame!





Sem ânimo, Tristão permaneceu em seu canto. Pares bailavam, ora em ritmo frenético acompanhando algum rock, ora, agarradinhos quando era vez de alguma canção romântica. Juliana não dançava, observou Tristão. Uma vez rodopiara nos braços do avô ao som de uma valsa. Em seguida, bailara com Salviano, o queridinho das meninas de Nova Barcelona. Mal terminou a melodia italiana, ela desvencilhou-se do rapaz.

Tristão resolveu ir-se, já caminhava rumo à saída quando Juliana o abordou:

— Afinal não precisei trocar o vestido. Não foi nada, acontece! Um pouco de água faz milagres!

— Bem, Sin. . . sin. . . sin. . . sinto muito, perdão, sou um des. . . dess. . . desajeitado — votara-lhe a gagueira percebeu desesperado, quando criança havia gaguejado entre os cinco e sete anos. Não. . . eu. . . Ana. . .

— Ana? Que engraçado, você é a primeira pessoa a me chamar assim. Meus amigos dizem Juli; meus pais, meu avô, toda a família, usa o Juliana por inteiro. Nunca gostei do meu nome, uma mistura feia, meu avô se chama Júlio Saboia e minha avó Ana. Sobrou para mim essa coisa de Juliana, argh! Prefiro simplesmente Ana. Legal.

— Sa. . . sas. . . sabe Ana, es. . . ess. . . estava de saída e. . .

— Que nada, nem pensar. Sequer houve os parabéns. Fique mais um pouco.

— Sim.

Ela o encarou sorridente e ele não soube o que responder. Olharam-se em silêncio durante vários minutos, até quando Tristão, não suportando a tensão, resolveu convidá-la para dançar.

— Eu não danço — respondeu-lhe Juliana com um sorriso deslumbrante. — Não leve a mal, considero uma estupidez dois marmanjos se sacudindo sem quê nem porquê.

— Mas en. . . en. . . então por que vo. . . vo. . . vo. . . cê e o Salviano? — perguntou-lhe Tristão em tom brusco, falando rápido para evitar a gagueira.



— Porque ele insistiu muito. É um tonto, ameaçou ofender-se com minha recusa; machismo, não? Espere aí! Um momento! E o senhor andou me espionando, então?

— Bem. . . Sim. Não. Vamos dan. . . dan. . . dançar um pouco, eu gos. . . gos. . . gos. . . gostaria muito, por favor!

— Sua alma, sua palma — anuiu Juliana enquanto o tomava da mão, conduzindo-o para o meio da sala.

Tristão tremeu ao simples toque de sua pele. Quando Juliana colou seu corpo contra o dele, sentiu-se transportado para alguma outra dimensão. Perdeu o controle racional sobre si mesmo e teve dificuldade em coordenar os passos com sua parceira. Felizmente rodava uma música lenta e eles mal se moviam do lugar onde haviam se abraçado. Permaneceram em silêncio ao longo de duas músicas; quando iniciava a terceira, Juliana soltou-se e perguntou-lhe em tom brusco:

— Satisfeito? Diminuiu o ciúme?

— Não. . . É que. . .

— Venha, vamos sair desse aperto.

Resoluta, ela conduziu-o novamente para a escada. Aproximou-se tanto dele que Tristão imaginou que seria beijado. Mas não, ela apenas desejava lhe falar. Segurou-lhe um botão da camisa, colou uma de suas pernas à do rapaz e convidou-o:

— Sabe, eu pensava, quem sabe poderíamos viajar juntos para a Capital? Sábado voltarei para casa pelo expresso noturno, venha conosco, seria ótimo.

O rapaz não cabia em si de contentamento e aceitou a oferta sem vacilar. O trem noturno saía de Nova Barcelona ao entardecer e somente chegava à Capital pela manhã. Passar toda a noite com Ana, o que mais ele poderia desejar? Separaram-se com um aperto de mão, prometendo-se encontrar na estação ferroviária.

Naquela noite o humor de Tristão oscilou do deslumbramento à depressão. A festa acontecera na chácara onde morava o doutor Júlio Saboia, avô paterno de Juliana. A casa distava uns três quilômetros da cidade. Tristão caminhou apressado pela estrada de terra, a cada momento saltava, esmurrando o ar e exclamando



gritos exultantes, com os braços abertos, como se a noite escura o pudesse escutar. A cada minuto ele cheirava o braço que ficara impregnado com o perfume de Juliana, uma lavanda ácida. Sentia como se ela estivesse presente.

Não conseguiu dormir caminhando pelo quarto imenso de sua casa. Assaltou-o uma determinação férrea: ele se casaria com aquela mulher, não a deixaria ir-se, com certeza! Em seguida, voltou-lhe o senso de realidade: era cedo para esse tipo de plano, eram jovens, ela completara quinze anos e ele estava a caminho dos dezessete. E o que diria a seus pais? Como conseguiria autorização para viajar a Capital. Confessar sua motivação secreta era impensável, não tinha essa liberdade com sua família. Era dezembro e aproximavam-se as festas de fim de ano, seus pais jamais dispensariam sua presença no Natal. Poderia regressar antes, consolou-se, permanecer apenas uma semana na Capital. Visitar sua tia, ele e o primo eram próximos, seria um pretexto aceitável para justificar aquela viagem súbita, alegrou-se. Ademais seus pais não aprovariam sua escolha, os Saboias eram tidos como gente sem eira nem beira; afinal, havia somente trinta anos que viviam em Nova Barcelona e muitos ainda os consideravam forasteiros. Dinheiro para passagem não seria problema, não era gastador e sempre lhe sobrava algo da mesada que recebia. A única saída seria enfrentar a teimosia e rigidez de seus pais com sua própria determinação. Cabeça dura contra cabeça dura. A mãe cedendo, o pai não se oporia. Inventar alguma história, sim, levaria algum amigo junto, Tristão pagar-lhe-ia a passagem, passariam o fim de semana na Capital e voltariam no comboio de segunda-feira. Convidaria Ícaro, ele aceitaria, adorava uma farrá, era animado e viajar no noturno em turma seria a glória. Somente não desistiria, resolveu, com ou sem autorização paterna, ele iria, estava resolvido, aquela viagem transformara-se em uma questão vital, sentia como se seu futuro e sua felicidade estivessem em jogo. Conformer-se seria escolher a mediocridade e o tédio, a aceitação passiva da infelicidade. Partir significaria abrir-se para a vida.



Tristão comparava-se ao seu amigo Ícaro com inveja: tinham quase que a mesma idade e Ícaro já era dono de seu próprio nariz. Quem sabe, um dia, ele escaparia do controle de sua família voando pelas asas do sorriso branco e dos imensos olhos tristes de Juliana, sonhava.

A semana foi de guerra civil: Tristão contra sua família. Dona Potestade, a mãe, considerou a viagem um despropósito, opôs-se terminantemente, previa bebedeira, maconha, farra, acidente, queda no vagão, desgraças em geral. Tristão insistia, argumentava, ele iria, porque sim, usaria seu dinheiro, Ícaro o acompanharia, Dona Rosenda, mãe de Juliana, viajaria com eles, e essa era sua principal linha de defesa, haveria um adulto, depois, ele voltaria com Ícaro, o seu amigo fazia o tipo agradável, os adultos confiavam nele ainda quando fosse um tanto mais doidivanas do que Tristão. Ícaro conquistava os mais velhos com sua postura bem-humorada e brincalhona. Tristão ponderara com sua mãe, insistira com o pai, em vão. Dona Potestade inflexível conquistara o apoio de suas irmãs contra aquela viagem. Maria Angélica e Santina entraram na peleja valendo-se de armas que o irritaram ainda mais, tanto que esmurrou a mesa da cozinha e saiu de casa batendo, com força excessiva, a porta da sala. Maria Angélica, maliciosa, afirmara, sem meias palavras, que a bunda de Juliana era o fator desencadeante daquele comportamento irracional no irmão:

— A bunda, mãe! —, repetia com ênfase.

Na ausência de contra-argumento, Tristão preferiu golpear a mesa e fugir enojado da arena em que pelejavam sem trégua. Zanzando pela cidade, sentiu ódio de sua irmã, a frase dela reverberava em sua cabeça como se ainda estivesse sendo pronunciada, “a bunda, é a bunda dela, mãe, a bunda”, repetia, procurando convencer-se de que não haveria nenhum pecado em gostar da bunda de Juliana, ou haveria? De fato, reconheceu, aquele detalhe anatômico era um dos ingredientes da poção que o enfeitiçara; admitir isso o acalmou e deprimiu-o. Desgraça, pensou: seria tão somente mais um macho grosseiro e insensível? Ele crescera ouvindo




a mãe recriminar o passado femeeiro de seus ascendentes, avôs, tios, bisavôs, todos haveriam provocado dor às matriarcas dos Oliveiras, dos Camargos e dos Albuquerque, tanto porque as traíam sistematicamente, como também porque malbarataram os bens da família em putaria, jogatina e maus negócios e, agora, a irmã e a mãe atiravam-lhe no rosto a mesma acusação, ele precisava sentir-se diferente, distinto, saber-se liberto daquele destino, daquela sina de machismo e de crueldade e aquela palavra redonda, suave, “a bunda”, lançava-o na mesma lama genética e histórica dos Oliveiras e dos Camargos. Aquilo havia sujado sua alegria, sua família havia cortado o seu barato, as mulheres de sua casa haviam complicado uma coisa que poderia haver sido simples, um passeio, um namoro, um simples desejo, merda, mas ele iria assim mesmo, viajaria, cumpriria seu carma, ainda que o impressionassem mais os peitos do que a bunda de Juliana, reconheceu, já quase sorrindo ante a inevitabilidade de que as coisas mais singelas se transformassem em grandes batalhas em sua família, era uma tradição!

De fato, há gerações seus ancestrais tentavam, em geral sem sucesso, moldar o futuro dos mais novos. O que fazer quando aquela tradição se repetia contra ele? — perguntava-se, sabendo de antemão haver apenas uma única resposta, uma que fora descobrindo: caberia a ele impor limite à intransigência de seus parentes, somente a ele.

Assim, resolveu ir e foi. Seu pai, doutor Augusto, não lhe dirigiu a palavra durante o conflito. O velho era sistemático, sisudo e expressava seu desacordo pelo silêncio. Não se dirigiu ao filho para aprovar ou desaprovar sua conduta. Apenas fazia um muxoxo e balançava a cabeça em uma negativa muda e categórica cada vez que cruzava com o infante rebelde. Esse gesto, repetido dia após dia, dezenas de vezes, machucava Tristão mais do que se seu pai o houvesse sojigado sem dó nem pena. Mesmo assim, Tristão foi. O que poderia contra um caso tão forte de amor? Daqueles que agarram o sujeito por muitos lados?

De fato, Tristão inclinou-se diante desse amor sob a pressão de uma multiplicidade de forças e de atrativos: o sexual, o estético



e ainda o social, isto é, o prazer de conviver e de falar com aquela criatura e com a rede social na qual ela circulava com absoluta naturalidade. Fora assaltado por uma ansiedade e por uma certeza de que somente com aquela mulher poderia compartilhar coisas banais e a sucessão de horas e dias de sua vida que esperava fosse longa. O diagrama de forças do amor-paixão subjugou-o para além de toda sua timidez e de todos os bloqueios e preconceitos e do costume de obedecer e de honrar sua família e sua história antes de tudo e antes de todos.


— *Que graça! — intrometeu-se meu Espírito. — Acabamos de ler um verdadeiro tratado de psicanálise selvagem. Então, parece que o senhor conseguiu aprender alguma coisa comigo.*

Resolvi ignorá-lo, comentar a dinâmica familiar de Tristão, simplesmente, me pareceu necessário à trama. Assim, tentei voltar à redação do texto, mas o Espírito não se conformou, queria humilhar-me:

— *Essa talvez tenha sido a primeira expressão da capacidade de rebelar-se de Tristão, característica comum a heróis de vários matizes e de distintas conformações. Pareceu-me que senhor conseguiu caracterizar bem esse momento crucial. Apesar de sua teimosia, de sua cabeça-dura, definitivamente, o senhor acatou meus conselhos e autorizou-se a meter-se pela veia analítica, quem diria! Por que não volta ao padrão Hemingway, seu idiota?*



— *Um ou outro comentário não destrói a elegância da escrita!*
— *respondi-lhe seco, voltando a digitar o capítulo.*

Diante do inevitável, dona Potestade e seu exército aliado bateram em retirada. A mãe extremosa perdera a batalha, mas não a pose e a consciência do seu papel de controle. Assim, orientou Tristão sobre como compor sua bagagem: roupas, dinheiro e toalete, a tudo inspecionou com meticulosa reprovação. Doutor Augusto manteve seu mutismo renitente. Ao despedir-se do filho, pouco antes do embarque, limitou-se a sacudir a cabeça em uma



desaprovação muda, uma censura que abrangia todo o comportamento do rapaz. Ícaro apanhou-o com o carro da mãe, embora não tivesse ainda licença de motorista. Em Nova Barcelona a aplicação da lei era relativa.

Na estação encontrou-se com Juliana e sua mãe, dona Rosenda, que convidara Cristina Alencar de Castro, namorada de Ícaro, e ainda uma penca de sobrinhos. Durante a semana, Ícaro havia armado o complô para que Cristina, neta do coronel Nho-nhô, viajasse junto. Juliana e Cristina eram colegas de Colégio. Ícaro pedira à mãe de Juliana que a convidasse. Assim dona Ernestina, mãe de Cristina, daria seu consentimento. Aconteceu tal e qual o previsto, sem sofrimento e angústia o jovem casal de namorados havia articulado uma aventura. Tristão observava aquela habilidade social com inveja, abismado como cada movimento autônomo que tentava realizar era complicado e doloroso em sua família!



Na estação, sua quase futura sogra, a mãe de Juliana, recebeu-o com alegria. Que diferença com o costume de sua própria gente, pensou novamente o rapaz. Juliana vestia-se com simplicidade: calça *jeans*, blusa colorida com decote pronunciado, os cabelos cortados rentes e o sorriso. . . Aquele sorriso que o deixava abestalhado, completamente encantado e escravizado ao que aquela mulher quisesse dele. Estiveram juntos enquanto aguardavam a chegada do expresso, embarcaram em um vagão da primeira classe e assentaram-se na mesma poltrona. Tristão não acreditava que aquilo estivesse realmente acontecendo: passaria a noite com Juliana em uma romântica viagem de trem!

Mal partiu a composição, embalados pelo sacolejar sistemático do trem de ferro, puseram-se a conversar sobre tudo e sobre todos. Política, ditadura, movimento estudantil, juventude; depois, passaram à música, Juliana era fã incondicional de Elis Regina e de Chico Buarque, Tristão fingiu concordância, ele preferia Caetano Veloso e os *Beatles*. Depois foi cinema, Juliana dominava o tema e Tristão envergonhou-se de sua ignorância, ainda não assistira nenhum Gláuber Rocha, Bergman aborrecia-o, enquanto



Juliana encantava-se com a arte do sueco e sabia muito sobre o cinema novo. Do realismo italiano, então, Tristão pouco conhecia, não assistira aos épicos revolucionários do neorrealismo e conhecia pouco da delicadeza de Fellini. Em geral, a evidência de sua ignorância envergonhava-o; não obstante, abria-se sem receio com aquela criatura, sem medo de parecer ridículo, contente em poder aprender tanto com uma pessoa dois anos mais jovem que ele. Nisto estiveram horas, horas. Tristão desligara-se do contexto. Os primos, a sogra, Ícaro, o que faziam? Em um dado momento, convidados ao vagão-restaurante, Juliana e Tristão, em dueto perfeito, recusaram a mover-se. Algo os prendia àquele banco, como se temessem quebrar o encanto, como se soubessem que contaminar-se com o mundo circundante macularia o universo frágil que haviam armado. Trouxeram refrigerantes e sanduíches para os dois distraídos.

Nisso estiveram até a meia-noite, quando Juliana demonstrou sinal de cansaço. Entretanto, não pretendiam deixar que o sono lhes roubasse tempo daquele interlúdio. Assim, Juliana convidou-o para a plataforma, quem sabe um pouco de ar os despertaria, argumentou. Enquanto se dirigiam para o final do vagão, Juliana apoiou-se no braço de Tristão. Ao ar livre manteve o gesto, como um casal, como um par amoroso, pensou o rapaz. Seguiram falando do mundo e da vida, somente não haviam comentado sobre eles mesmos. Nada, nadinha, como se fosse um assunto tabu. Um pacto que Tristão resolveu quebrar, já que escolheu declarar seu amor, naquele momento, naquela viagem, debaixo daquele céu estrelado. O vento os obrigara ao aconchego para proteger-se contra o frio. Tinham os braços entrelaçados e o corpo colado. Tristão vacilava, na indecisão distraiu-se, Juliana contava-lhe alguma coisa sobre seu pai, como era autoritário, mal-humorado e ausente, sem. . . A mágoa de Juliana, ante o comportamento difícil do pai, quebrou o clima romântico, ainda assim, Tristão resolveu confessar seu amor, terminariam aquela noite como namorados, ele resolvera, disposto a explicitar o afeto que o assaltava. De repente, sem preâmbulos, disparou:



— Ana, querida, sa. . . sa. . . sa. . . sabe, eu a amo mu. . . mu. . . muito, muito, muito.

— O quê? — espantou-se Juliana.

— Pensei. . . Acredito que formaremos um par per. . . per. . . perfeito. Que tal se nos to. . . to. . . tor. . . tornássemos namorados? Eu. . .

— Mas você é meu amigo, meu melhor amigo! Nunca encontrei alguém em quem confiasse tanto. Estamos dando tão certo um com o outro e. . .

— En. . . en. . . então, is. . . iss. . . iss. . . isso mesmo! O segredo do nosso re. . . re. . . re. . . relacionamento é o amor, o amor que sentimos um pelo outro.

— Não sei, Tristão. Você é tão sério. Nunca imaginei que fosse me cantar assim, sem mais! Acreditei que não fosse disso. Gosto de muitas outras pessoas, sou sociável, tenho apenas quinze anos, mal conheço o mundo.

— Eu gosto de vo. . . vo. . . vo. . . cê de um modo di. . . di. . . dife. . . diferen. . . rente de todo o res. . . res. . . resto da humanidade. Tenho certeza. Nenhuma dúvida, Ana. E você?

— Sei lá, Tristão! Nunca pensei no assunto. Depois da festa, durante a semana, você desapareceu, não deu as caras. Bem. . . Salviano e eu começamos a namorar, ele irá passar o Natal comigo.

— O quê?

— Uma bobagem que não atrapalha em nada nossa convivência. Nunca me abri tanto com ninguém durante toda minha vida, com ninguém. Você é meu melhor amigo e acabou. Vamos entrar, o escuro, o vento, a lua, tudo isto confundiu a sua cabeça e está afetando a minha também, vamos dormir um pouco.

Juliana levantou-se de um salto, arrastou Tristão pela mão e conduziu-o novamente ao banco, repousou a cabeça sobre seu ombro e dormiu até quando o comboio parou na estação da Capital.

Tristão observou-a encantado durante toda a noite. Não preguiçou o olho, buscou a imobilidade da madeira, não pretendia incomodar Juliana, tampouco queria o fim daquele tempo em que a



mulher de sua vida dormia repousando em seu ombro dormente, àquela altura já completamente insensível. Insone percebeu Ícaro e Cristina Castro, agarrados, aos beijos e abraços em um banco, ocultos do olhar paciente da mãe de Juliana, único adulto responsável por manter a lei e a ordem entre aquela trupe de adolescentes.

Na estação despediu-se de Juliana. Nenhum dos dois tomou a iniciativa para assegurar novo encontro. Três dias depois Tristão regressou a Nova Barcelona. Não mais avistou a mulher de seus sonhos. Uma tristeza serena o abatia, apesar disso, durante a viagem de volta, divertiu-se com as diabruras do seu amigo Ícaro. O rapaz estava solteiro também, sua namorada, Cristina, ficara na Capital à espera de dona Ernestina. Ao meio da noite, Ícaro convidou-o para a plataforma do último vagão. Lá acendeu um cigarro manufaturado e ofereceu “um tapa” ao amigo. Antes, ele dera uma grande tragada e, com a respiração presa, repetiu:

— Tome! Isso alivia a pressão, é um antídoto contra dor de cotovelo.

— À merda! — respondeu o jovem magoado, já segurando o baseado.

Tristão nunca experimentara maconha, tragou e tossiu.

Ícaro advertiu-o:

— Segure à fumaça, inale até uma doçura bater no sangue.

O novato seguiu as instruções, duas, três vezes repetiu o cerimonial. Não sentiu nada, acreditou. Apenas assaltou-o um sentimento de que, apesar dos pesares, a vida fazia sentido. Foi tomado por uma euforia leve e discreta, Nova Barcelona era o universo, pareceu-lhe, e ele trafegava no Expresso Oriente e não pelo interior do Brasil, sonhou.

— *Tristão de Oliveira, Ícaro D’Lírio e Marciano Villa são personagens fortes, interessantes, seres complexos — comentou o Espírito preventivamente. Ele lera meu pensamento e sabia quão ridículo me parecera incluir aquele interlúdio entre adolescentes em nosso romance de formação.*



— Grande merda! — comentei com evidente deboche. — “Seres complexos”? Os três! E quem não o seria, meu caro? O conceito de complexidade não quer dizer mais nada. Tornou-se lugar-comum e perdeu força. Foi sangrado sem piedade pela grandiloquência dos acadêmicos falsamente rebeldes. Abusaram tanto de seu uso que ele esvaziou-se. De repente, quase todo mundo tornou-se discípulo de alguma versão da teoria da complexidade. Para essa gente, qualquer coisa seria tudo e quase tudo, absolutamente nada. Caos e indeterminação; conectar-se em redes, em sistemas; a morte do sujeito e o esvaziamento da razão: a suposta pós-modernidade chegando avassaladora. A pós-modernidade, um novo tempo?

— Caro Escrevinhador, por que o senhor não prossegue com a narrativa, estamos em um romance e não em um tratado filosófico!

Não dei bola para aquela ponderação irônica e prossegui com mi-nha toada sofisticada; no fundo, eu também queria demonstrar erudição:

— Em 1905, há mais de um século, Oscar Wilde, no *De profundis*, escreveu: “As duas principais características da vida moderna são a complexidade e a relatividade” — citei de memória. — Há mais de cem anos, esse inglês irreverente já havia qualificado nosso tempo de complexo! Haverá, de fato, uma nova era a que todo sobrevivente ao século XX deverá adaptar-se? Mentira! Não creio. Os tais de pós-modernos são usurpadores, plagiaram os grandes pensadores do século XIX e XX, eles somente repisaram e enfatizaram os velhos traços da modernidade. Talvez seja a náusea decorrente dos excessos de nossa época que explique a necessidade de inventar-se uma nova era antes que ela exista. A dificuldade talvez esteja em que muitos, eu entre eles, ainda nos sentimos como Carlos Drummond de Andrade: “me cansei de ser moderno, agora quero ser eterno”. Não é simples acostumar-se a uma época efêmera para quem veio de outro ritmo. Os humanos, a tradição, a cultura: objetos descartáveis? Vidas despercebidas? Banal, a existência? Tudo passando rápido e sem cerimônia de passagem? A morte um evento trivial? E, pior, a sociabilidade reduzida a fluxos que escorrem?

— Droga! — protestou o Espírito. — Com perdão do termo, mas sua verborragia é insuportável, afugentará nossos leitores!



Quantos ainda continuarão com a leitura depois dessa sua prédica? Além do mais, sua retórica o desvia de sua tarefa. Por favor. . .

— Sim, com certeza. Há que se preocupar com o leitor.


— Sim. Todavia, antes, confirmemos o caminho por onde trafegaremos. Seu Espírito de Época, esse que vos fala, delegou-lhe um encargo simples, não complique as coisas sem necessidade: conte uma história encantadora. E pronto! Algo que confirme a volta do sujeito, a volta de quem nunca partiu! Escreva uma trama que reconheça que as estruturas existem e até conformam as pessoas. Mas, que, apesar disso, há rebeldia ainda. Há heróis. O sujeito não estaria morto, portanto. Nem tampouco completamente esmagado. Escreva uma saga sobre eventos que formaram e deformaram pessoas com vocação para herói.

— Tudo bem. Compreendi perfeitamente minha missão. Posso retornar ao teclado então?

— Por favor, não se faça de rogado!

A vida sexual de Ícaro complicou-se após a gravidez de Rosália. O jovem passou a encarar sua ex-amante sobre outro prisma. Foi como se um interdito divino houvesse se estabelecido na cabeça do rapaz. Nunca mais ele a contemplou com desejo. Em sua imaginação, Rosália assumiu, outra vez, o lugar de sua segunda mãe. Tratava-a com carinho e consideração; a cada dia, buscava notícias sobre o rebento; tomava-lhe a mão com desvelo, acariciava-lhe a barriga, gestos afetuosos, mas absolutamente assexuados.

Dali em diante, buscaria consolo dormindo com outras mulheres, resolvera inconsciente, sem grande reflexão. Até então satisfizera seu apetite sexual em casa, tivera uma namorada ou outra, mas não passara dos carinhos ousados. Rosália acalmava-o e satisfazia-o. Assim, durante um mês ou dois, fez-se discípulo de Onã. Todavia, aquela autossatisfação solitária não ornava com seu caráter. Havia que cair no mundo, conformou-se. Sôfrego, resolveu investir em mais de uma direção. Ícaro classificava as mulheres de Nova Barcelona segundo três categorias: havia as casadoiras,



que somente admitiam ser tocadas por quem se comprometesse com noivado ou namoro explícito, eram as mais contraditórias; havia as donzelas de vida fácil, putas, biscates, mulheres da vida que davam em troca de dinheiro, eram poucas e viviam em guetos; mas havia também moças favoráveis ao amor livre, que assumiam um comportamento considerado típico dos homens — isto é, dormiam com quem lhes desse na telha, com quem lhes despertasse o desejo e algum grau de confiança. Resolveu concentrar-se nessa terceira variedade, nesse grupo encontraria companhia leve e suficiente para dar vazão a seu furor sexual. Tinha um mapa razoável que lhe permitia identificar os exemplares dessa categoria sem possibilidade de equivocar-se. Além da própria observação, tivera acesso a relatórios detalhados sobre o comportamento do mulhério da cidade, os machos faziam questão de divulgar cada uma de suas conquistas amorosas. Em pouco tempo, logrou um acordo interessante com uma vizinha. Eliana era sociável, sua família vivera uns tempos no Rio de Janeiro e ele voltara, para o interior, feminista e libertária. Torcia o nariz para as regras morais de Nova Barcelona. A menina era muito dada, considerava a virgindade um preconceito estúpido e não se guardava para nenhum príncipe. Ela já havia flertado com Ícaro em mais de uma ocasião, assim, ele tratou de reatar relações com a beldade. Já no segundo encontro, trancaram-se no fundo do sobrado moderno dos D’Lírio para fazer amor. Repetiam a dose duas ou três vezes por semana. Nenhum dos parceiros falou em namoro ou jamais se imaginaram caminhando de mãos dadas pelas praças de Nova Barcelona.

Em alguma medida, Ícaro encontrara uma forma para aplacar sua libido. Entretanto, ele descobriu que o sexo tanto dava sentido à sua existência, quanto o aguilhoava impiedosamente todo dia, toda noite e toda madrugada; apesar da relação confortável com a vizinha, sentia-se sufocar por um desejo vago e impalpável, um incômodo que nenhuma trepada ocasional conseguia apaziguar. Atribuiu esse mal-estar à compulsão em vingar a morte de seu pai. Pretendia infligir algum sofrimento ao coronel Nhonhô Alencar de Castro. Ao sair do cemitério, logo após o enterro de



Dedalus, ele intuía um plano. Atingiria o filho da puta do coronel por meio da neta. Ícaro atacaria o tirano impondo alguma humilhação à Cristina Alencar de Castro, resolvera. Cristina era filha de dona Ernestina que se casara viúva com o cordato Castrinho, filho único do coronel Nhonhô. O seu primeiro marido fora assassinado em uma emboscada, um crime nunca esclarecido.

Na verdade, havia certo grau de indecisão na suposta decisão férrea de Ícaro. É que, apesar de pertencer à mesma família que o capeta, a moça Cristina atraía-o: era linda, meiga, fantástica, admitia contrariado. Olhos verdes e brilhantes em um fundo moreno. Seus cabelos negros e abundantes caíam-lhe naturais sobre o rosto oval, ressaltando a boca carnuda e sorridente. Era bem proporcionada, magra com pernas esbeltas e seios promissores. A menina também se interessava por ele. Em um ou dois bailes, haviam dançado juntos. Trocaram beijos furtivos, mas o rapaz se esquivara de qualquer compromisso. Era seu estilo, namorar com várias, sem fixar-se em ninguém. Contudo, desde que a transformara em provável vítima, Cristina invadiu sua tranquilidade. Passou a sonhar com ela. Sonhos românticos. Haviam se beijado deitados em uma gôndola. De outra feita, passeavam de mãos dadas pela praia em Ipanema. Talvez ela fosse a mulher mais charmosa de Nova Barcelona, avaliava Ícaro, contente em poder praticar uma doce vingança: uniria o útil ao agradável, ruminava mil vezes; algumas vezes com convicção, outras nem tanto, durante a agonia de suas noites insone. Na cidade, sua rival em beleza era a sua própria mãe. Dona Ernestina, apesar de já entrada nos quarenta, era considerada um mulherão, tinha um par de pernas que deixava a garotada louca. Bem, Cristina Alencar de Castro era o xodó do coronel, primeira neta, o velho se derretia todo por aquela herdeira, filha única do seu único filho, o Castrinho.


Inventar um namoro com a menina foi mais difícil do que Ícaro imaginara a princípio. Cristina era vigiada, quase nunca saía sozinha e, em sua casa, dona Ernestina estava sempre por perto. Além disso, no fundo, ele hesitava dividido entre a compulsão em vingar seu pai e o encanto que aquela morena despertava-lhe. Os



primeiros meses de namoro foram de convivência pacífica, sem que nenhuma maldade fosse perpetrada contra aquele cordeiro de Deus. Ícaro não se animava a levá-la ao altar do sacrifício; ao contrário, procedia como todos os namoradinhos caretas e babões daquele tempo.

Em realidade, foram tempos de provação para o rapaz. Enquanto representava o moço comportado junto à família dos Alencares de Castro, ele dava vazão ao tormento que lhe ia pela alma em outras plagas. Perdera a alegria espontânea e contínua com que vivera até então. Depois da morte de Dedalus, passou a um estado sorumbático de ser. Nem alegre, nem triste, vivia automático. Tardava a pegar no sono, caminhava pelo quarto durante horas esperando que o cansaço chegasse. Depois pela manhã era uma labuta despertar-se.

Desde essa época resolveu rebelar-se contra tudo e contra todos. Inventaria outro modo suave e autêntico de existir, resolveu. Somente não sabia maneira para conduzir essa sua empreitada contra o estabelecido, contra a maneira normal como a vida escorria monótona e sem sabor. Desconfiava da política; aliás, os políticos eram um de seus alvos prioritários: ambiciosos, falsos e hipócritas — julgava com severidade. Ícaro sentia-se desorientado e sem ânimo para aconselhar-se com outra pessoa. Tristão, seu confidente de confiança, fora estudar na Capital e raramente aparecia em Nova Barcelona. Buscou auxílio na reduzida biblioteca do pai. Dedalus era maçom e, além de livros sobre arquitetura e arte, acumulara uma razoável coleção de obras místicas e esotéricas, além de alguma filosofia e literatura. O primeiro livro que escolheu foi *A doutrina de Buda*, desde então se considerou budista. Depois, leu o *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Devorou-o em uma semana, foi como se houvesse se livrado de uma cegueira crônica: finalmente, enxergava a verdadeira urdidura do mundo, acreditou. Liberdade! — descobriu, deveria ser o objetivo máximo de qualquer vivente. Nada deveria atar o projeto existencial de cada ser humano, passou a advogar. Em seguida, meteu-se com *The doors of perception (As portas da percepção)*, não passou da décima



página, o ensaio aborreceu-o, mas o estimulou a conhecer a banda de rock denominada *The Doors*. Desde então, tornou-se fanático por música, onde estivesse procurava ligar a vitrola ou algum gravador. Apaixonou-se por Ray Charles, Jimi Hendrix e Janis Joplin. De música popular brasileira ouvia apenas Elis Regina e Os Mutantes. Em comum, considerava que todos estes artistas cantavam com a alma, era como se estivessem interpretando o último número antes do fim do mundo, destilavam puro desespero cristalizado em poesia. Exatamente como ele sentia a vida: acoitava-o uma urgência incontrolável em gastá-la, como se estivesse obrigado a sorver cada instante em grandes goles, sempre, e até o final do trago.

— *A ansiedade de Ícaro decorria de sua insegurança, um sentimento inconsciente originado com o suicídio do pai — interferiu meu Espírito com uma voz adocicada de psicanalista famoso. — A morte prematura de Dadalus provocou-lhe medo de viver e, ao mesmo tempo, de desperdiçar a vida, receio de perdê-la caso não vivesse com intensidade máxima cada episódio de sua existência.*

— *Tudo bem — concordei cordato, ansioso por retomar o relato.*

Para sustentar este dinamismo psíquico somente com apoio químico, compreendeu Ícaro. Interessou-se pelas drogas, experimentou maconha, estimulantes, álcool, cerveja, cachaça, caipirinha; contudo, era bastante resistente, jamais se embebedava e quando bebia ficava apenas alegre, falante, dançava solto, porém nunca perdia a consciência ou o controle sobre si mesmo, até porque sabia parar quando se sentia suficientemente energizado, bebia para aumentar a paixão habitual com que vivia e não para anestesiá-lo. Aos dezesseis anos, começou a usar maconha regularmente, toda noite, antes de sair para o namoro regular com Cristina, queimava um baseado. Depois escovava os dentes, bochechava com algum antisséptico, trocava de roupa e saía saltitante




para encontrar-se com o objeto de sua paixão e de seu ódio. Entre seus colegas de colegial, descobriu um esquema de venda de anfetaminas, passou a comprar umas pílulas amarelas, com as quais se animava quando baixava a preguiça de viver ou a depressão.

Quanto mais afundava no álcool e nas drogas, mais fácil parecia-lhe dar continuidade ao seu projeto de vingança. Humilharia o coronel por meio da neta. Pensou em destratá-la em público, abandoná-la no baile de formatura, durante a valsa. Quem sabe, algo ainda mais radical: obrigá-la a fazer sexo e anunciar que Cristina perdera sua virgindade. Talvez até engravidá-la, deixá-la com uma pança, mãe solteira, uma Alencar de Castro atirada às hienas fofoqueiras de Nova Barcelona, seria o máximo. O velho entraria em desespero. Entretanto, o plano da barriga preocupava-o, poderia ser processado, o delegado poderia obrigá-lo a um casamento policial, contra sua vontade. Na prática, todas essas suas ideias malévolas desmanchavam-se quando encontrava Cristina sorridente, simpática e acolhedora, sempre o esperando na penumbra do alpendre. Em sua companhia, Ícaro relaxava, perdia-se de seus fantasmas, vacilava em sua agressividade e deixava-se levar pela mágica que descobria naquela mulher. Contra sua vontade, ele confidenciava-lhe segredos como nunca conseguira com qualquer outra pessoa. Conversavam sobre seu futuro. Faria medicina na Capital, lá havia uma Universidade aberta, inovadora, fundada por um maluco, um cara velho, mas psicodélico, Darci Ribeiro, explicava-lhe entusiasmado. Cursaria medicina, sim, por isso estudava tanto, toda tarde, seis horas por dia, todo dia da semana. A medicina era somente um caminho para a psiquiatria, queria compreender o ser humano. Ajudar as pessoas a descobrirem a si mesmos, a superarem o egoísmo que o regime capitalista impunha a todos, inventar a comunidade dos humanos. Sim, Cristina iria com ele para a Capital? — incentivava-a carente. Ela respondia que o seguiria até o inferno, seria sua escudeira, o Sancho Pança daquele seu Quixote caipira, brincava.

Encontrá-la era uma viagem, melhor ainda que o efeito do fumo ou da zonzeira do álcool. Ele esquecia-se do ódio, sentia-se





em casa, protegido, incapaz de levantar a mão contra ela, quanto menos de fazer-lhe algum mal ou de praticar qualquer ato que a magoasse. Toda noite, quando regressava para casa, voltava-lhe a mania de vendeta e ele esquecia-se do efeito alucinógeno que Cristina lhe provocava. Para dormir, tomava uma ou duas doses de pinga, mesmo assim, somente conciliava o sono pela madrugada.

Cristina nunca soube do plano maligno de Ícaro. Tampouco era inocente quanto à ambiguidade do relacionamento entre eles. Ela sabia que o rapaz atribuía o suicídio do pai à perseguição movida contra ele pela elite de Nova Barcelona. Tinha consciência de que seu avô era o comandante máximo da cidade, nada acontecia sem seu beneplácito. Intuíra a antipatia mútua entre seu namorado e o coronel Nhonhô. Ícaro nunca dissera nada contra o avô, mas evitava encontrá-lo. Sempre que o carro do coronel estava à porta da casa de Cristina, ele chamava-a da rua. Certa feita, estavam sentados no alpendre, juntinhos, de mãos dadas, trocando confiança, quando o coronel apareceu abruptamente subindo os degraus da escada. Ícaro, imediatamente, saltou, pelo parapeito, para a rua, fugindo do velho como o vampiro da cruz. O coronel entrou sem cumprimentar a neta, batendo a porta com violência. Quinze minutos depois, o velho convocou-a aos berros para uma reunião de família. Na sala estavam seus pais. Sua mãe, dona Ernestina, não ocultava o aborrecimento; o pai, Castrinho, mantinha a mesma expressão anódina costumeira. O velho caudilho tomou a palavra:

— Cristina sente-se, queremos ter uma conversa muito séria com a senhorita.

— O que foi agora? Prefiro ficar em pé mesmo.

— Pois bem, com tanto rapaz em Nova Barcelona, e a senhora me acha de namorar um estroina, um. . .

— Um o quê, vô? Tenha santa paciência!

— Um doidivanas, extravagante e boêmio. Um perdulário, um. . .

— O senhor não sabe nada sobre o Ícaro, vô. Ele é um ótimo aluno, será médico e eu pretendo me casar com ele, já resolvi.



Cristina era decidida e não se intimidava diante da dureza do coronel, até porque ele sempre atendera a todos os caprichos da neta. Aquela era a primeira ocasião em que se confrontavam.

— E uma menina com quinze anos tem maturidade para decidir alguma coisa sozinha? Castrinho, Ernestina, pelo amor de Deus!

— Dezesseis, vô. Dezesseis!

Os pais não saíram em defesa da filha nem concordaram com o velho, mantiveram-se em silêncio.

— Minha filha — retomou o coronel —, conheço essa gente D’Lírio como a palma de minha mão. Não são de confiança, bêbados, nascidos para perder, diferente de nossa família. Já mandei investigar, o seu namoradinho usa drogas, a polícia anda de olho nele, mais dia, menos dia. . .

— Vô, deixe o Ícaro em paz. Mãe! — aflita, a filha apelou, quase chorando, esperando que os pais a socorressem. Cristina sabia sobre os métodos empregados pelo avô para tornar seus planos em realidade. Ele controlava a polícia de Nova Barcelona e não hesitava em ordenar que prendessem, espancassem — e sabia-se lá o que mais — a seus desafetos.

— Coronel — finalmente Ernestina meteu-se na discussão —, o senhor cuide de sua casa, que nós, Castrinho e eu, zelaremos pela nossa. Trata-se de um namorico, não há nenhum noivado, tudo está sob controle. Ninguém saiu da linha, nada, nada de nada! Insisto, por favor, deixe o rapaz em paz. Não envolva a polícia nisso. Senão, de um flerte à toa, teremos Romeu e Julieta reeditado. O senhor está me compreendendo, não ultrapasse os limites da conveniência, os tempos são outros, o mundo mudou e sabemos cuidar de nossa casa, não é Castrinho?

O filho do coronel e pai de Cristina, conforme hábito antigo, não conseguia mugir nem tugar em frente ao seu poderoso progenitor. Mais uma vez ele se absteve, embora estivesse roxo de indignação.

— Sua alma, sua palma — retorquiu o coronel com um dar de ombros. Confio em você, Ernestina. De qualquer modo, querida neta, seu namoradinho é um mulherengo. Vive na zona. . .




— Mentira, vô. Por que essa implicância?

— Bem, não sei se na zona. Mas bem que ele anda dando em cima da filha do gerente do Banco Brasileiro, isso enquanto te namora, olho vivo, menina! Você merece coisa melhor.

Depois do sermão o coronel pegou o chapéu, fulminou cada um dos circunstantes com seu famoso olhar de malvado e abandonou a sala com a circunstância de um juiz togado. Cristina abraçou a mãe, agradeceu-lhe o apoio e trancou-se em seu quarto. Não confiava no coronel, com certeza, ele armaria alguma armadilha contra Ícaro. Apesar de amar o avô, a neta conhecia seu sangue e sabia com quem estavam lidando. Não conseguiu adormecer torturada pela dúvida: não se decidia sobre a conveniência em informar Ícaro sobre as ameaças do avô. Afinal aquilo somente aumentaria a indisposição do namorado contra o velho. Além disso, era impossível defender-se do coronel Nhonhô quando determinado, seus adversários eram sérios candidatos a vítima, todos. Quem sabe devesse afastar-se de Ícaro, assim o protegeria, mas talvez também o perdesse caso praticasse esse tipo de renúncia. A maledicência do coronel calara fundo em sua alma, a informação sobre o namoro de Ícaro com Eliana ribombava em sua cabeça como uma tragédia anunciada, sentia ciúme, a moça era sapeca, com certeza, haveriam ido às vias de fato, pensou culpada, ela ainda não permitira que Ícaro a tocasse em nenhuma parte íntima. Insona, prosseguiu recriminando-se indecisa quanto ao comportamento a adotar. Ela pensava, Ícaro era homem, quem sabe devesse usar pílula anticoncepcional e. . . Era um absurdo permanecer virgem aos dezesseis anos. Afinal, já se resolvera, não havia dúvida, Ícaro era o homem de sua vida, por que vacilava então? Cristina excitou-se tanto que saltou da cama e pôs-se a caminhar pelo quarto. O frio da noite, algo, roubou-lhe o arroubo amoroso, deprimiu-se. Talvez o mais seguro fosse estimulá-lo a antecipar a mudança para a Capital, lá, distante do território controlado pelo avô, pelo menos, Ícaro estaria protegido das garras do coronel. Talvez as duas coisas, transar com Ícaro e escondê-lo na Capital, pensou reconfortada, antes de dormir ainda sobressaltada.





Se o coronel tramava contra o macho que ousava aproximar-se de sua neta, o barbeiro Lenildo Curvelo tampouco desistira de sua investigação contra o caudilho. Álvaro Curvelo, seu irmão ponderado e calculista, apoiava-o naquela empreitada. Resolveu-se a comprar aquela briga mais para proteger o irmão descuidado, do que preocupado em esclarecer o crime. Temia que Lenildo se expusesse em demasia e fosse eliminado, o que não seria difícil, pois o barbeiro alegre vivia se metendo em aventuras.

Usavam a barbearia como sala de interrogatório. Relaxados na cadeira, os clientes entregavam-se a confidências que jamais fariam no cotidiano. Talvez fosse o torpor induzido quando lhes raspavam a barba ou, quem sabe, tomassem a tesoura cortando-lhe o cabelo por algum sinal ancestral de confiança, fosse lá por que fosse, o simples sentar-se na confortável cadeira facilitava a coleta de informações. Lenildo e Álvaro dirigiam a conversa conforme o interesse do momento. A maioria dos fregueses rendia-se ao interrogatório suave que praticavam. Contudo, essa estratégia não funcionava quando buscavam fatos que comprometessem o prefeito ou o coronel Nhonhô. Quando os dois barbeiros cruzavam essa fronteira, as vítimas punham-se alerta e trancavam-se, recusando-se a falar inclusive sobre o clima.

A cada tanto, reuniam-se com Ícaro, para analisar os dados descobertos. Dona Amabilis preferira não tomar conhecimento daquela trama, pretendia permanecer em Nova Barcelona, não se sentia com forças para retomar a vida em outra localidade e, como antiga moradora da cidade, sabia que pelear contra o coronel era derrota na certa. O que significaria morte, cadeia ou, na melhor hipótese, exílio para o perdedor. Apesar do esforço, o trio de investigadores, Lenildo, Álvaro e Ícaro, não haviam conseguido nenhum documento ou testemunho que ligasse o prefeito e o coronel às malfetorias perpetradas durante a construção da ponte sobre o riacho Pirapitinga.

Um acaso, contudo, possibilitou-lhes uma nova estratégia de ataque à fortaleza do coronel.




— *Um evento inesperado somente tem utilidade quando as pessoas, ainda que fiéis ao plano previamente estabelecido, conseguem utilizá-lo alterando o inicialmente planejado* — comentou o Espírito em um tom de professor francês de filosofia. — *Não é comum a habilidade de integrar alguma novidade ao anteriormente planejado para modificá-lo; de qualquer modo, somente quem tem um objetivo determinado consegue aproveitar o fortuito de modo produtivo.*

— *Com certeza* — comentei disposto a não contestá-lo sob nenhuma hipótese, eu aprendia a lidar com aquele Espírito palavroso! *O segredo era não alimentar o ego dele com contestação às suas certezas.* — *Com certeza* — respondi cordato.

O coronel Nhonhô havia cometido muitas transgressões, e por mais cuidasse em apagar qualquer ligação desses crimes com sua pessoa, eram tantas as mutretas que, por mais meticulosos fossem seus planos, sempre sobravam alguns fios soltos. Indícios que poderiam incriminá-lo caso houvesse alguém com recursos, coragem e inteligência para descobri-los e para denunciá-los. O que nunca acontecera em Nova Barcelona. Entretanto, foi a uma destas pontas perdidas que o trio de detetives agarrou-se para constranger o coronel.



Lenildo gostava de homens e apreciava-os mais ainda quando jovens: “carne dura”, dizia de seus efebos. Entretanto, não era empresa fácil reconhecê-los em Nova Barcelona, uma cidade com cultura machista em que o principal defeito de um ser masculino era qualquer traço feminino, o que levava a maioria dos homossexuais a ocultar-se sob disfarces de macho comum. Todavia mais delicado ainda era recrutá-los para algum programa. Lenildo desenvolvera uma sofisticada metodologia de caça, preenche em insinuações, recuos, testes e confirmações. Procedia com cuidado obsessivo antes de abrir seu jogo. Apesar da prudência, sofrera inúmeras esfregas ao equivocar-se durante a sedução de alguns supostos parceiros. A cada mês voltava para casa com o nariz quebrado,



esfaqueado, roupas rasgadas e, quase sempre, sem a carteira, relógio ou qualquer objeto de valor que estivesse ao alcance dos machos indignados com a veadagem dele. Suas incursões à cata de companhia complicavam-se ainda mais porque não havia boates para *gays* em Nova Barcelona. Lenildo caçava no mesmo território em que outros homens procuravam companhia feminina. Todo cuidado era pouco, repetia para si mesmo mil vezes, ainda que, em geral, perdesse a compostura depois do segundo uísque ou da terceira cerveja.

Certa noite, Lenildo, como costume, foi jantar no puteiro de dona Maria Adelaide. Com pouco dinheiro no bolso, depois da segunda pinga e ainda na primeira garrafa de cerveja, estava quase para conformar-se com mais uma noite solitária, quando avistou um Elvis Presley entrando no salão.

“Bicha disfarçada” —, avaliou.



Era um moço jovem, vinte anos quando muito. Ostentava um topete monumental, para sustentar aquela armação capilar com certeza fora necessário meio pote de fixador, pensou Lenildo, já excitado com a presa provável. Apesar da fantasia em motivo varonil, imitação de um símbolo sexual masculino, o caçador reconheceu um congênere pela voz aflautada com que o rapaz cumprimentara dona Adelaide. Além do mais, vestia uma calça branca ajustada a cada curva e que lhe ressaltava o traseiro redondo e aquilo era, sem dúvida, um sintoma seguro de veadagem, acreditou o caçador. A camisa, quadriculada de vermelho e branco, estava igualmente apertada. A gola levantada ao estilo James Dean. Lenildo confirmou o diagnóstico quando percebeu os gestos adamados da figura. Ele bailava delicado, revirando a munheca sem propósito prático que não o simples gosto pelo maneirismo. “É uma bicha louca”, atestou o sodomita experiente. A cafetina tratou o intruso com deferência e aquilo assustou Lenildo: “a donzela tem berço, é filho de alguma família importante, dinheiro não será motivo suficiente para atraí-lo”, pensou sobressaltado.

O barbeiro encheu-se de coragem e aproximou-se:



— Dona Maria Adelaide, poderia me apresentar esse jovem ídolo, esse maravilhoso Elvis de Nova Barcelona!

— Pois não, Netinho, esse é o Lenildo, flor agreste de nosso cerrado; Lenildo, querido, apresento-lhe o Netinho, acredito que vocês terão muito que conversar — disse a velha dama, enquanto fazia uma reverência exagerada.

Acostumada a antecipar a preferência sexual de sua cliente-la, também dessa vez, Dona Maria Adelaide acertou em cheio. Em cinco minutos, os dois estavam sussurrando confidências em torno de uma cerveja. Em meia hora, Lenildo pediu um quarto à dona Adelaide.

O barbeiro surpreendeu-se com a doçura do seu acompanhante, jamais encontrara um parceiro tão gentil e cordato. Depois do amor, ordenaram mais cerveja e cruzaram a noite trocando histórias e impressões. Já pela madrugada, Lenildo quase teve uma síncope ao descobrir a árvore genealógica de sua paixão. A certa altura, como já houvessem transado três vezes naquele pedaço de noite, não lhes restando energia para novos exercícios que os distraíssem da aridez que era a vida cotidiana sem sexo, e também porque lhes faltasse assunto, os dois eram dados a tagarelar e deprimiam-se quando havia mais de cinco minutos de silêncio, então, somente para preencher o vazio que os incomodava, Lenildo perguntou:


— Elvis, querido, qual o seu nome verdadeiro?

— Netinho, Lê, pois você já me chamou assim mil vezes!

— Neto de quem, querido? Todo mundo é neto de alguém. O restante do seu nome, qual?

— Sou neto do velho Mariano Camargo. Mariano Camargo Neto é meu nome verdadeiro, mas pode me chamar de Netinho ou de Elvis, adorei.

— O quê? — assustou-se o barbeiro ao constatar que fazia sexo com um dos famigerados Camargos, uma família famosa pela variedade de crimes que haviam cometido. Isso sem contar a perseguição que a outra metade de fanáticos religiosos movia contra todo e qualquer pecador que caísse em desgraça.



— Isso mesmo, querido. Não se assuste comigo. Sou do ramo pobre, não tenho um puto; aliás, moro debaixo do chapéu. Meu pai perdeu tudo; fugiu de Nova Barcelona há anos, eu era moleque, zanzamos sem eira nem beira, o pai gastou a bolada que havia ganho com um trabalho para o coronel Nhonhô e a mãe fugiu com um galego, meus irmãos e eu ficamos à míngua. Não se preocupe, querido, sou uma pessoa livre, sem pai, nem mãe, nem irmão pra me encher o saco, ninguém liga pra mim, ninguém me quer.

— Ah, Netinho! Você tem a mim agora, eu lhe quero muito, muito. Daremos um jeito. Pra casa não posso lhe levar, vivo com minha mãe e meu irmão Álvaro me matará se eu chegar com algum amante. Nem pensar.

— Credo em cruz! Que careta!

— Não, Álvaro é um santo. Não tem preconceito, sempre me apoiou, somente é uma pessoa sensata, preocupa-se com os outros, não quer que a mãe descubra que tem um filho veado, entende? Mas, não vou lhe deixar na rua, não! Alugarei esse quarto, combinarei com dona Maria Adelaide. Pelo menos até encontrarmos uma casinha aqui por perto, você aceita viver comigo?

A resposta de Netinho foi um longo beijo que impediu Lenildo de continuar com sua tagarelice.

Antes que a noite terminasse, Lenildo teve outro abalo. Naturalmente, sem rodeios, como se aquela informação não tivesse a menor importância para a segurança do barbeiro, Netinho confidenciou-lhe que seu pai era o famigerado jagunço Cabeleira, filho bastardo do coronel Mariano Camargo. Lenildo anteviu o fim, o bandido o sangraria, jamais perdoaria o homem que desencaminhara seu filho jovem e inocente; quase chorando, lamentando-se como se já pranteasse a um defunto, cobriu o rosto com as mãos e pôs-se de joelhos em uma genuflexão piedosa:

— Ah! Meu Deus! Agora me acabo. Logo quando encontro o amor, é castigo, meu Deus!

Netinho voltou a tranquilizá-lo. Seu pai não era o mesmo de antigamente, havia envelhecido. Fugira de Nova Barcelona ao final dos anos cinquenta, alguma pendenga com o coronel Nhonhô.



Desde então, entrara em decadência. Dera para beber, perdera todo dinheiro, fora abandonado pela esposa, a mãe de Netinho fugira com outro, repetiu-se, deixando a filharada para trás, também todos já eram criados, ele era o caçula. Cabeleira voltou para Nova Barcelona doente, quase cego e sem dinheiro. Ele fora salvo pela irmã, dona Santa Camargo de Albuquerque. Ela cuidou do bandoleiro desempregado, encontrou-lhe um abrigo seguro, uma chácara da família Albuquerque, do marido dela, onde nem a lei, nem o coronel o encontrariam.

— Em compensação — explicou Netinho, em uma voz estridente e contorcendo as feições, o que revelava o quanto aquele assunto o emocionava —, o diabo agora virou crente! A tia Santa o converteu, passa o dia lendo a Bíblia, nunca mais experimentou uma gota de álcool e, acredite, querido, abandonou a profissão de matador.

— Graças a Deus! — desabafou o barbeiro, aliviado. Ele já se imaginava espetado pela famosa faca peixeira do Cabeleira, segundo a lenda ele haveria estripado dúzias de infelizes, alguns por encomenda, outros por desafeto e outros ainda somente por tédio.

— Também pudera, Lê! Não sei se Deus vai acatar o arrendimento dele, o homem cometeu muita atrocidade.




— Por quê? Deus é grande — comentou Lenildo, admirado com a crueza daquele filho com seu velho pai.

— O homem está gagá. Não enxerga um palmo adiante do nariz. Não tem alternativa senão choramingar na barra da saia da irmã caridosa. Cego como um morcego, como iria meter chumbo na testa de alguém? E jagunço não tem aposentadoria, não. Meu pai somente sobreviveu porque tem uma irmã santa, minha tia Santa.

A descrição da decrepitude do bandido aplacou a angústia de Lenildo. Não acreditava naquela súbita conversão, de qualquer forma o homem estaria impedido de praticar maldades contra ele.

De fato, como prometido, Lenildo, durante todo o mês, manteve alugado o quarto na pensão de Dona Maria Adelaide para o amante. Enquanto isso encontrou um chalé em recanto afastado






da cidade, longe do olhar dos maledicentes, imaginou. Para viabilizar esses trâmites foi obrigado a apresentar sua teúda e manteúda ao irmão Álvaro. Precisou sangrar as finanças do Salão Colônia do Cerrado para assegurar o aluguel e a compra de móveis, panelas e eletrodomésticos e o mais necessário para tornar seu novo ninho habitável. A princípio, Álvaro opôs-e com tenacidade à vontade do irmão. Pareceu-lhe um desatino absoluto. Jamais houvera algo assemelhado em toda província, quiçá em todo Brasil, exclamou furibundo com a leviandade do irmão invertido. Lenildo suportou as reprimendas com paciência, necessitaria do apoio do irmão. Argumentou, ponderou, defendeu Netinho, seu companheiro era um ser carente, órfão, sensível, os dois davam-se bem, comporiam uma nova espécie de casal, por que não? Entretanto, o arrazoado que ganhou Álvaro para sua causa foi bem outro. O irmão somente cedeu quando Lenildo demonstrou-lhe que se assentar como casal o protegeria das constantes agressões que sofria quando saía a paquerar. Álvaro temia pela vida do irmão, a continuar naquela toada seria assassinado ou sofreria algum ferimento grave, acreditava, e imaginar o irmão estabelecido com um parceiro fixo pareceu-lhe uma dádiva do céu. Assim, juntou-se a Lenildo na empreitada, foi apresentado a Netinho, deram-se bem, e, em menos de um mês, o jovem já fora incorporado à família Curvelo, ainda que sempre fosse apresentado como amigo dos barbeiros e não como companheiro de Lenildo. Sobre isso ninguém dizia nada, ainda que fosse do conhecimento de todos, da mãe, primos, tios, a estranha relação de parentesco que guardavam com Netinho.

A doçura desse interlúdio fez Lenildo esquecer-se da investigação. Concentrara todo seu estoque de afetos na construção do novo lar. Ícaro tampouco trabalhava em algum projeto de vingança concreto, seguia imaginando atingir ao coronel Nhonhô por meio da neta a quem ele amava e a quem, portanto, não lograva ferir nem com uma pena de beija-flor.

Seis meses de lua de mel e, súbito, fez-se a luz. Em uma monótona tarde de domingo, enquanto dormitavam sem outra coisa



que fazer, entre um cochilo e outro, proseando sem exigir atenção do parceiro, conversando para escapar de dentro de si mesmo, de repente, Netinho contou a Lenildo que visitara o pai e encontrara-o decadente, babão, arrependido, choroso, lamuriando contrito durante todo o tempo sobre cada um dos seus crimes, era cada história de arrepiar, relatou com uma expressão de asco:

— O homem foi um demônio, conhecia piedade, não — dizia o filho, assustado. — Como nasci de um monstro daquele? Como pôde existir uma coisa daquela, Lê? Ainda que o pai seja gente também, tenho pena dele, agora, depois de tanta maldade, morre de medo da morte, ele que já despachou tanta gente, logo ele, Lê! Veja, o pai acredita que Deus o condenou em definitivo, à cegueira, à diabetes, somente depois que matou o velho Antônio Mariano. Um fazendeiro riquíssimo! Primeiro marido de dona Ernestina, dizem que seu Antônio Mariano comprou dona Ernestina da mãe costureira, também o velho tinha cinquenta e caquerada de anos e ela dezoito ou menos, era linda, todo mundo falou mal dela, coitada, gente malvada, não? Você se lembra desse caso, não? Seu Antônio Mariano levou um tiro no meio da testa, pimba! De longe. O crime nunca foi esclarecido. Pois descobri o segredo, acabou-se o mistério: foi o pai quem o pegou. Era danado, certo, não desperdiçava bala, dizem que tinha um pacto com o diabo para não perder a pontaria nunca, nunca! Você se lembra da desgraça, Lê?

Antes que Lenildo respondesse, Netinho continuou:

— Não, querido, como poderia saber fofocas dessa província? Você estava no Rio de Janeiro, no bem-bom, malandrinho, aprendendo sacanagem com os cariocas. Nova Barcelona estava longe, não? Eu era moleque naquele tempo. Ontem, o pai me contou, chorando, babando, o coronel Nhonhô o ajustou para liquidar o velho fazendeiro, o idiota do seu Antônio Mariano havia passado para a oposição, incensava o doutor Aristóteles, candidato a prefeito pela oposição, aquele médico chique, o do hospital novo, sabe? Bem, o médico acreditou que podia desbancar o coronel Nhonhô, o que não me admira, afinal o doutor Aristóteles

sempre quis ser dono de tudo, mandar em tudo, é vaidoso e lindo, até hoje. . .

Lenildo esboçou reação, ameaçando levantar-se, algo naquela história despertara-lhe o instinto do detetive, mas não disse nada.

— Ah, querido, adoro essa sua fuça de ciúme, esse biquinho lindo, pois bem, o velho Antônio Mariano. . .

— Era seu parente, seu pai assassinou um irmão, alguém da família?

— Parente da gente não, o nosso Mariano é nome, como o meu, o Mariano dele era sobrenome, nada que ver com Camargo, outra família a nossa. Não. Pois sim, o coronel Nhonhô fez um trato com o pai, ele apagaria o fazendeiro e receberia uma grana preta. Em compensação deveria desaparecer do mapa. Sair de Nova Barcelona e nunca mais voltar. Nunca mais! O pai topou. O coronel cumpriu a parte dele, entregou uma parte da grana antes e o resto depois do homem morto. Meu pai não deixou rastro, sestroso como o coisa-ruim! Culparam os filhos do velho pelo crime. Havia dois, o Júnior e outro do qual não me lembro o nome, gente malvada, ruim, enfim, como eram de família importante, a responsabilidade pelo assassinato coube ao Dionísio, um pobre viajante sem ter onde cair, você se lembra dele, não? Um italiano de Brazlândia, que estava por aqui de passagem. Ah, você iria adorar o cara, ele era lindo, gente boa, um dia ele me defendeu. Esparramou um bando de moleques que me espancava, por nada, somente porque eu tinha onze, doze anos e não quis dar o cu pra algum idiota, algum babaca, bem, o Dionísio me defendeu legal. Depois, me levou até a porta da minha casa segurando minha mão, muito gentil o italianinho, aquele pobre.

— Quer voltar ao crime — pediu-lhe Lenildo já totalmente desperto.

— Não, digo isso, porque fizeram Dionísio de Cristo. Houve um linchamento, vai me dizer que você não conhece esse caso? A nódoa de Nova Barcelona. O dia em que a cidade se dividiu ao meio: metade trucidando um inocente e a outra escondida, borrando-se de medo.



— Mais ou menos, Netinho. Quem aqui não sabe sobre esse caso do Dionísio? O que ninguém nunca soube é sobre o verdadeiro assassino. Até hoje há dúvida, alguns culpam o estrangeiro, o tal de Dionísio; outros, os filhos do velho, ninguém. . .

— Pois é. . . Não foi o que o pai me contou. Trata-se de um segredo: ele, em pessoa, ajustado pelo coronel, ele mesmo, papai, o Cabeleira, foi o homem quem abateu o velho Antônio Mariano. O Dionísio era inocente, os irmãos Mariano também. Uma desgraça! Pois bem, o pai agora está arrependido, acredita que Deus nunca o perdoou por causa desse crime específico e não pelo massacre que o desgraçado perpetrou durante toda sua vida, é pecador por haver liquidado a um latifundiário, não pelo descuido com os filhos, com a esposa, não pelas viúvas que esparramou pelo mundo, não! Agora o homem virou santo, crente! No fundo, ele também foi enganado pelo coronel Nhonhô, havia política no motivo do assassinato, o coronel tinha o hábito de eliminar a oposição, você sabe como procedia com adversários, o velho não dava ponto sem nó e não perdoava dissidência, bem, no caso, o Belzebu queria outro benefício além da vantagem política. Ademais de liquidar o inimigo, o coronel matreiro se aproveitou da fuzarca para meter a mão na fortuna do velho Antônio Mariano. Uma história de amor e sangue, eu adoro essa coisa, novela mexicana, Romeu e Julieta, romantismo. . .

— Desembucha Netinho, pelo amor de Deus! — impacientou-se o investigador.

— Ah! Que grosseria! Pena que o seu pinto não tenha a mesma grossura de sua má educação — respondeu o narrador brincalhão, enquanto acariciava o membro adormecido debaixo da cueca samba-canção do barbeiro.

— Netinho, pare! Não vê que estou interessado na história, tudo isso é importantíssimo, munição contra o coronel.

— Ih, querido, se eu fosse você ficava longe dessa fera, se nem meu pai, que tinha trato com o capeta, pôde com o velho, quem dirá você, uma bicha doce e delicada, nem pensar, meu bem! Quando os mortais comuns pensam que o coronel Nhonhô está indo,



ele já voltou há tempo. Ele sabe mais que o diabo, Lê! Veja, romance e sangue, observe como esse coronel enxergava longe: a primeira mulher do velho Antônio Mariano falecera, o homem, viúvo da mãe das duas feras que eram os filhos dele, guardou o luto devido, até que conheceu dona Ernestina, moça modesta, filha de costureira, sei lá, mãe de pobre sempre é costureira, não?

— Ai, meu Deus! — exclamou o barbeiro impaciente. — Seja objetivo, por favor.

— Pois sim, o velho Antônio Mariano propôs casamento à jovem Ernestina! Paixão da brava, coisa séria. O homem tinha terra em perder de vista, tanta que nem ele nunca pisou todo o chão de suas fazendas, nunca, um mundaréu. Bem, drama, sangue. . . Castrinho, o filho castrado do coronel Nhonhô, você conhece, dono da concessionária da *Chevrolet*, aquele covarde sem-sal, não sei, Lê, acredito que o homem é uma bicha enrustida, o que você acha?

— Pelo amor de Deus, Netinho, que importância tem isto, sei lá sobre a vida sexual do Castrinho!

— Bem, voltando ao drama: Castrinho, apesar de veado, talvez fosse bissexual, bem. . . O Castrinho também arrastava asa para a formosa santa-do-pau-oco, a linda e formosa virgem Ernestina. Mas o coronel Nhonhô tinha outro plano pro filho, pretendia casá-lo com alguma herdeira e não com uma mulher peituda e bunduda, mas sem ter onde cair morta. Como o coronel comandava a tudo e a todos, ele interferiu no namorico, separou o casalzinho, mandou o filho estudar no Rio de Janeiro. Você se encontrou com Castrinho por lá, querido? Tiveram algum caso, hein?

— Santa Dolores do Perpétuo Socorro! Desembuche, homem.

— Não me ofenda, sou uma dama sensível. Não gosto de ser chamada com palavrões: não sou homem!

Lenildo deu-lhe um beijo na boca e acariciou-lhe o braço, como que pedindo trégua, não queria escaramuça que desviasse o desfecho daquela novela.

— Bem, resumindo, com o namoradinho longe, a filha da costureira aceitou casar-se com o viúvo endinheirado, também




pundera, o seu Antônio Mariano era muito rico! Esse Castrinho sempre foi um banana, nunca enfrentou o pai, pau-mandado! Voltando à trama, o coronel Nhonhô resolveu, em uma tacada só, eliminar um adversário político e ainda tomar-lhe metade da fortuna. Essa parte, Lê, o pai não me contou, ele ficou repetindo e repetindo como armou a emboscada, limpou e engraxou a carabina duzentas vezes, premeditou cada lance com antecedência. Chovia muito, dia cinzento, o pai se atocaiou no pontilhão na saída da fazenda do seu Antônio Mariano. Passou duas noites esperando. Havia cortado um ramo de angico, deixou o galho na estrada, perto do mata-burro, para obrigar o velho a descer da camionete, acabou a comida, a pinga, a água e ele firme e o fazendeiro entocado em casa, também com o mulherão que era a Ernestina, quem. . .

— Netinho, por favor. Volte aos fatos, por favor, não compreendi a intriga toda, como. . .

— Ah! Que insensível o senhor me saiu! Bem, o coronel proibiu o menino Castrinho de vir em férias a Nova Barcelona, ordenou ao funcionário do correio que retivesse toda carta da beldade para o filho no Rio de Janeiro e vice-versa. . .

— Como, caralho, você sabe desse detalhe? Seu pai não poderia. . .

— Aí, cara! Estou floreando um pouco, um toque romântico. Não seja chato! Bem, na ausência do castrado, com o namorado a mil quilômetros, expulso pelo próprio pai, o velho Antônio Mariano deu em cima da jovem Ernestina. Insistiu com a mãe, a costureira, e acabou se casando com a donzela, a filha. Acredito que isso foi a desgraça do velho apaixonado, pois assinou sua sentença de morte na inocência, o safado! O coronel Nhonhô, em sua sabedoria, eliminou um inimigo e ganhou mais terras para a família. O tonto do seu Antônio Mariano, apesar de latifundiário, juntara-se aos comunistas, apoiava Getúlio Vargas, depois o PTB do João Goulart, e isso o coronel nunca perdoou, pois bem, o Mefistófeles de Nova Barcelona resolveu varrer mais um comunista do Brasil e de quebra ainda ficar com metade das fazendas dele.



Para isso, bastava fazer duas coisas: matar o homem e trazer Castrinho de volta, autorizando-o, agora sim, a que se casasse com a viúva Ernestina, sua antiga paixão, e, doravante, herdeira de exatamente metade dos bens do futuro defunto. Simples. A mulher já fora usada pelo fazendeiro durante ano e meio, não era mais virgem, mas que importância isto teria para um adolescente apaixonado e submisso à vontade do pai.

— Sua imaginação é delirante, é uma teoria sem pé nem cabeça, muita premeditação, como se o coronel Nhonhô pudesse. . .

— Pois foi o que aconteceu na realidade, ou não? Meu pai, o idiota do Cabeleira, matou o fazendeiro, arrepiou carreira, senão o coronel o mataria também. Em seguida, o capeta deve ter chantageado a viúva com algum fato que não sei qual foi e jogou o Castrinho, seu filho apaixonado, para cima dela. Deu certo, o golpe colou, estão casados até hoje e pergunto-lhe: quem administra as fazendas que a viúva herdou? O fracote do Castrinho? Dona Ernestina? Não, o coronel Nhonhô. E a oposição? Bem, depois o coronel teve ajuda da ditadura, os milicos sumiram com os comunistas, todo o bando deles preso ou esparramado pelo mundo; e doutor Aristóteles, o valente adversário do coronel? Virou prefeito apoiado pelo povo do coronel, aderiu aos adversários de antes. E meu pai? Virou um babão gagá.

Ao final da narrativa, Lenildo pôs-se a dançar em volta da cama. Finalmente descobrira uma maneira para vingar o amigo Dedalus. Vestiu-se às pressas, Netinho perguntou-lhe estupefato:

— Você é maluco de pedra? Como uma história triste, deixou-o eufórico? Posso saber aonde o senhor vai com toda essa pressa?

— Procurar meu amigo Ícaro D’Lírio. Netinho, querido, um anjo falou por sua boca, como sempre, meu amor!

Ícaro deprimia-se nas tardes de domingo. A inatividade, talvez, ou, quem sabe, a perspectiva de retomada da atividade normal na segunda-feira, algo naquela monotonia dominical fazia-lhe mal. Para compensar o mal-estar, queimara um baseado. A



erva não lhe caíra bem, excitou-o em demasia e, há meia hora, ele caminhava, sem propósito, pelos corredores e salas do sobrado de concreto e vidro. Estava zumbizando sem rumo, quando tocaram a campainha em desespero. Era Lenildo com a novidade. Nem esperou convite para entrar casa adentro, exclamando:

— Menino, eu vi! Descobri a arma contra o coronel Nhonhô. Finalmente!

Ícaro olhava-o estupefato, sem reação. Lenildo trancou a porta, conspirativo e sussurrou para o rapaz:

— Um lugar seguro. O escritório de Dedalus, vamos! Temos muito que conversar.

Ícaro respondeu-lhe com alguns resmungos, como se estivesse contendo a respiração e não pudesse falar. Quando sob efeito da maconha, mesmo depois de fumá-la, continuava prendendo o fôlego. Era um hábito, como se retendo o ar, retivesse o bem-estar para a eternidade. Lenildo percebeu os sinais da intoxicação e reclamou:

— Pelo amor de Deus, menino! Queimando fumo domingo, sem quê nem porquê!

— Não se preocupe — respondeu-lhe Ícaro, com a voz abafada —, foi só um tapinha, coisa leve.

No escritório, Lenildo fez-lhe um resumo do envolvimento do coronel Nhonhô com o assassinato do fazendeiro Antônio Mariano e, ainda mais, contou-lhe sobre como incentivara, e talvez até mesmo houvesse planejado, o linchamento de Dionísio, afinal a polícia, o delegado, todos haviam feito corpo mole ante a pressão popular, entregando a vítima à turba. O barbeiro estava exaltado e caminhava agitado enquanto relatava o caso. Ícaro tampouco estava calmo, de modo que o diálogo foi peripatético, dois maratonistas caminhando apressados em círculo e comunicando-se em cochichos, como se conspirassem.

— Lenildo, tudo bem. . . História interessante. Aqui em casa, meu pai, todo mundo sempre teve essa opinião sobre a tragédia do Dionísio, o coronel Nhonhô haveria contratado algum jagunço para eliminar seu inimigo político. Essa história do Castrinho

e de dona Ernestina é a novidade, uma notícia do peru, demais! Pobre da Cristina, que antecedentes, hein? Mas, que diabos, como um crime cometido há anos vai nos ajudar a comprovar a participação do coronel na safadeza da ponte do Pirapitinga?

— Al Capone, menino! Al Capone.

— Máfia? Intocáveis? Ficou louco, homem?

— Não, siga meu raciocínio: se não podemos pegar o homem pelo roubo do orçamento da ponte, poderemos condená-lo pela morte de Antônio Mariano, mandante e sei lá o que mais. Al Capone não caiu pelo imposto de renda? Apesar. . .

Ícaro caiu na gargalhada. Tanto riu que teve um acesso de tosse, ao final explicou-se:

— Lenildo, legal a sua preocupação com meu pai, comovente! Você colocará o Netinho para fazer a denúncia, testemunhar contra o coronel? Ficou louco, cara?

— Não. Seria perigoso, de fato; e a história dele não valeria nada mesmo. Nosso trunfo será a confissão do próprio Cabeleira. Mariano Camargo Filho, vulgo Cabeleira, declara, por sua livre e espontânea vontade. . . Certo, talvez o medo do inferno o esteja pressionando e sua declaração de culpa não seja tão espontânea assim. . . Mas empurrão divino a justiça aceita, não considera é constrangimento humano contra a testemunha; bem, nosso informante confirmará que atirou a sangue frio no fazendeiro e que o mandante foi o coronel Nhonhô. A confissão dele será nosso tesouro, sacou cara?

Ícaro jogou-se na poltrona de couro em que o pai costumava dormir a sesta. Durante vários segundos não disse nada, não havia pensado na história sob aquele ângulo, o barbeiro tinha razão em seu entusiasmo. O problema seria como transformar uma declaração de arrependimento de fundo religioso em uma peça jurídica, raciocinou, pensando já com a mesma sintonia que o detetive Lenildo. Em seguida, refletiu alto, compartilhando suas dúvidas com o parceiro:

— Será que conseguiríamos um depoimento do Cabeleira para a polícia?



— Duvido, moleque. O homem está arrependido, mas não é suicida. Seria condenar-se a si mesmo, e não adiantaria nada, o delegado é cupincha do coronel.

— Então, não há saída, cara — contestou Ícaro com irritação. — Se o homem controla tudo, tudo, o melhor é meter o rabo entre as pernas e se conformar, merda!

— Devagar com o andar, rapaz! E se conseguíssemos um advogado honesto? Aqui em Nova Barcelona, independente, somente o doutor Augusto de Oliveira.

— O pai de Tristão? Bem, ele é meu amigo. Poderia falar com Tristão antes de procurarmos o doutor Augusto, quem sabe?

— Hum, droga, havia me esquecido destas ligações familiares: doutor Augusto é pai de Tristão, mas é também o marido de dona Potestade Albuquerque de Oliveira.

— Sim. E daí?

— Ora, meu caro, dona Potestade é sobrinha do Cabeleira, o homem é tio dela!

Como assim?

— O Cabeleira é irmão bastardo da dona Santa, a avó do Tristão seu amigo. Sogra do doutor Augusto. Além disso, o Cabeleira está escondido na chácara da dona Santa, a velha é quem cuida dele, entendeu?

— Merda de cidade essa! Todo mundo é parente de todo mundo. Ou seja, pediremos ao doutor Augusto que entregue um parente à polícia. Depois, tem outra: se o Cabeleira confessar o crime, será processado, não? Ou haveria ocorrido algum tipo de prescrição? Pelo tempo?

— Sei lá, cara! Por que não discutirmos tudo isso com quem entende, com um advogado, com o doutor Augusto, ou. . .

— Lenildo, há outra complicação, grande, imensa. . . Não sei. Cristina, dona Ernestina, eu gosto muito delas, entende? Se toda essa trama vier à tona. . . Dona Ernestina foi um brinquete, certo, entretanto, não teve um comportamento heroico, digno, não sei. . . Tenho muito carinho pelas duas e não pretendo. . . Não sei mais nada, nada de nada!



— Cara! Assim não iremos a lugar nenhum. Também, com tanta mulher no mundo, por que, diabos, você achou de se apaixonar pela filha do coronel Nhonhô?

— Neta, idiota. Neta.

— Que diferença faz?

Um silêncio constrangedor interrompeu a discussão bélica. Lenildo jogou-se, desanimado, sobre o sofá. Escutavam, ao longe, um locutor transmitindo alguma partida de futebol. Um galo cantou fora de hora. Uma mulher ralhava com crianças. De repente, Ícaro saltou da espreguiçadeira berrando:

— Super-8. Super-8!

Lenildo olhava-o estupefato: “maconha em excesso”, pensou, Ícaro alucinava. Entusiasmado, Ícaro puxou o barbeiro, obrigando-o a um bailado desajeitado:

— Super-8, cara! — repetia enquanto valsava abraçado ao detetive que não atinava com o motivo para tanta alegria. Tão subitamente quanto iniciara o bailado, de golpe, Ícaro abandonou-o no meio do salão, buscou uma cadeira e trepou para vasculhar a última prateleira das imensas estantes que cobriam todas as paredes do escritório do arquiteto.

— O senhor, por favor, quer me colocar a par da brilhante ideia que o assaltou — reclamou o barbeiro com ar ressentido.

O moço não se fez de rogado e explicou seu plano, já havia se esquecido da mania de conter a respiração enquanto falava:

— Caro amigo, poderíamos filmar um depoimento com o Cabeleira. Meu pai tem um equipamento Super-8, novinho em folha, usou uma ou duas vezes: a primeira, para filmar a construção e a inauguração da ponte, a segunda, as ruínas, o que sobrou do desastre. Depois, durante um mês inteiro, trancado aqui no escritório, ele assistiu e assistiu a mesma película, coitado. Bem, eu aprendi a manejar o equipamento, sei revelar e editar o filme, tudo cara. “*Uma ideia na cabeça e uma câmara na mão*”, meu pai citava Gláuber Rocha, ou sei lá quem, cinema novo, essas coisas.

— Como assim, Ícaro? — perguntou o barbeiro ainda desentendido.



— Uma entrevista com ele. . . Gravaremos quantas horas for necessário, ao estilo história de vida, em algum momento Cabeleira relatará sua relação com o coronel. Uma confissão filmada, em que o Cabeleira explicita o envolvimento do coronel Nhonhô com toda essa sujeira! Com isso protegeremos o velho arrependido, não precisará entregar-se para a polícia; filmaremos o depoimento na casa dele, depois mandaremos o filme para a imprensa, polícia federal, sei lá! Vamos foder com a vida do filho da puta do coronel.

— Ainda acredito que seria melhor consultar o doutor Augusto. Depoimento filmado terá valor legal? Não sei. E depois? Poderemos ser processados por ocultar um criminoso, obstrução de justiça, sei lá!

— Bobagem! Faremos uma distribuição anônima, ocultando o remetente. Não me preocupo com a justiça formal, me importo com destruir o poder do coronel maldito! Esse filme será uma bomba de efeito moral, acabará com o homem, depois disso terá que cuidar somente da vida particular, acabaremos com a vida pública dele, entende? O negócio é filmar logo, antes que Cabeleira bata as botas, parece que não anda bem de saúde, pelo que Netinho contou. Depois veremos como usar o filme da melhor forma possível.

— E como o queridinho convencerá o Cabeleira a gravar uma entrevista em que ele se incriminará? Dois ilustres desconhecidos, o homem é desconfiado, tem janela de perseguição. O senhor não está pensando em envolver o Netinho nisso? Nem pensar. Tadinho! Se Sua Excelência se preocupa com a doce Cristina, eu também pretendo zelar pelo meu amoreco, nem pensar: quero o Netinho fora dessa meleca, entendeu?

Ícaro olhou-o surpreso, não planejava envolver o filho em uma ação contra o pai, entretanto, admirou-se com a intensidade do afeto do barbeiro. Necessitaria rever seus preconceitos sobre a homossexualidade, já que acreditava, até então, que as pessoas desse gênero nunca se apaixonassem, imaginava-os borboleteando entre infundáveis parceiros, sempre; e agora ali estava





Lenildo caído pelo filho do bandido! Sorrindo, abraçou o detetive delicado:

— Não, Lenildo, somos parceiros, não tomarei nenhuma atitude sem consultá-lo, longe de mim. Quem sabe, oferecer algum dinheiro ao homem. Poderei sacar alguma coisa da poupança que minha mãe abriu para financiar meu curso. Sei lá, o velho está na miséria.

— Nem sei se ele ainda sabe sobre o valor do dinheiro, pelo que o Netinho me contou está caduco, preocupado em salvar a alma do inferno, somente.

— Então, nesse caso, seria até mais simples, poderíamos filmar o discurso messiânico dele. Haveríamos apenas que cuidar para que se refira ao coronel Nhonhô, senão teremos uma lista de crimes do Cabeleira e o coronel. . .

— Ícaro — interrompeu-o o detetive —, e se pedíssemos ajuda ao Tristão, o homem é da família dele. Ele me pareceu um menino justo, honesto e sério. Deve odiar o coronel. E Tristão é da família Camargo, Cabeleira é tio-avô dele, por intermédio do seu amigo teremos livre acesso à chácara, que lhe parece?

Desde os quatorze anos, Tristão fora viver na Capital. Morava em república com outros estudantes e cursava o distinguido Colégio Universitário, escola experimental da Universidade da Capital. Doutor Augusto de Oliveira era um iluminista. Acreditava que a maior riqueza era o conhecimento. Assim, buscava assegurar a melhor formação para seus filhos. Segundo seu critério de julgamento os cursos colegiais de Nova Barcelona não serviriam para sua família. Por esse motivo, despachara o filho para a Capital. Em alguns fins de semana, Tristão aproveitava a folga para voltar à sua cidade natal. Exatamente naquele domingo, ele não aparecera para desespero da dupla de investigadores. Lenildo estava tão ansioso para estabelecer contato com o rapaz, que sugeriu uma viagem à Capital. Ícaro deliberou o contrário, ele telefonaria para Tristão e combinaria um encontro para a semana seguinte.

Lenildo e Ícaro esperaram-no na rodoviária na sexta-feira aprazada. Tristão era simpático ao espírito esquerdista predomi-

nante entre os jovens daquela década e, portanto, concordou imediatamente em somar-se àquela empreitada contra a tirania do déspota local. O plano pareceu-lhe um tanto descabelado:

— Coisa de novela policial norte-americana misturada com romance gótico — brincou com o amigo.

— Vê alguma outra saída? — contestou-lhe Ícaro.

— Não. Não. Não sei. Talvez devêssemos deixar papai fora disso.

— Impossível — atalhou o barbeiro. — Precisamos de orientação jurídica, para incriminar o coronel não deveremos cometer outro crime, senão a vaca vai pro brejo. E não conheço outro profissional tão independente e consciencioso quanto doutor Augusto de Oliveira.

- Então, nesse caso, melhor deixar a consulta para depois. Conheço a figura; é meu pai. Ele jamais concordaria com essa filmagem, é todo cheio de dedos, de nove-horas. Minha avó Santa não contou para ninguém da família sobre a acolhida ao Cabeleira. Isso é segredo dela e do meu avô. Esconderam, inclusive, do meu pai. Ele teria um ataque de legalismo caso soubesse que a sogra está abrigando um foragido. O doutor Augusto jamais esconderia um criminoso, mesmo que fosse filho ou irmão dele. Entendem o que digo? Papai não seria nosso parceiro, jamais. Depois, se houver processo, alguma coisa formal, aí sim, poderemos contar com sua ajuda.

— Tudo bem, Tristão — concordou Ícaro em nome da dupla. — Quando poderemos visitar o Cabeleira? Já tenho todo o equipamento preparado, separei vários cartuchos de filme, creio que serão suficientes. Fiz um teste, filmei a Rosália, lembrança pro álbum de família, deu certo. Errei na iluminação, mas já aprendi com a experiência. Para a entrevista com o seu Mariano. . . Aliás não sei como deveremos chamá-lo, se de Cabeleira? Creio que não, pois o homem renegou o passado, ou se de seu Mariano, ou Mariano Filho, que lhe parece, Tristão?

— Sei lá, Ícaro! Mal conheço esse meu tio. Encontrei-o algumas vezes na casa de minha avó, quando criança. Outro cuidado:



vamos direto à chácara, melhor não avisarmos minha avó Santa. Ela é toda complicada, levará um pastor junto, sei lá! Ah! Outra coisa, na primeira visita, melhor irmos sem equipamento, será prudente conseguirmos uma autorização para filmar a entrevista. Não será simples.

Sábado, pela manhã, Ícaro retirou o Chevrolet do pai da garagem e saiu para recolher os demais membros da expedição. Escondera a filmadora, dois focos de iluminação e a bolsa com cartuchos no bagageiro apesar da recomendação de Tristão. Imaginava que o velho concordaria em depor, a vaidade comandava o mundo, acreditava, e ademais quem resistiria à tentação de deixar um registro cinematográfico que ficaria para a história?

Tristão estava visivelmente preocupado, entrou no carro com o cenho franzido, ombros arqueados e as costas despencadas, como se suportasse o peso do universo. Não disse uma palavra até o chalé dos pombinhos recém-conjugados. Lenildo esperava-os no jardim e, para surpresa de Ícaro, Netinho acompanhava-o. O barbeiro abriu a porta do carro e fez uma mesura educada para o companheiro, que se aboletou rápido, enquanto cumprimentava os rapazes no banco da frente. Com ênfase especial, Netinho dirigiu-se a Tristão:

— Bom dia, primo! Há quanto tempo!

— Bom dia, Netinho — respondeu Tristão com secura.

Ícaro preferiu não comentar a presença de Netinho, pareceu-lhe ótimo que o filho do Cabeleira fizesse parte da equipe. Tudo seria mais simples, acreditou. Fizeram toda a viagem até a chácara em silêncio. De quando em quando, Tristão orientava o motorista sobre o caminho.

O sítio era simples. Um pedaço de cerrado sem valor, ali não crescia plantação agricultável, era utilizado somente para recreação. Havia um pomar decadente, laranjeiras com ferrugem, mangueiras imensas e um velho pé de romã; galinhas e patos ciscavam livres pelo quintal; não se percebiam outras criações ou benfeitorias. O jardim estava descuidado, algumas roseiras selvagens teimavam em florescer, margaridas aos magotes alegravam o caminho



de entrada e davam algum colorido ao marrom do piso de chão. A habitação era um barraco meia-água com cinquenta metros quadrados.

Na varanda, um senhor idoso tomava o sol da manhã. Apesar do calor, uma manta tecida de algodão cobria-lhe as pernas. O homem usava um chapéu de feltro e uma barba branca descuidada cobria-lhe parte do rosto enrugado.

Ícaro desligou o carro e ninguém se animou a descer. Netinho abriu a porta já berrando emotivo:

— Pai do coração, a sua bênção!

— Deus te abençoe, meu filho. Vamos chegar, há café passado no fogão, ofereça a seus amigos — ordenou o velho, enquanto se esquivava do abraço meloso do filho.

Os três desceram constrangidos, sem saber onde colocar as mãos e muito menos como proceder. Netinho metera-se sala adentro. Tristão tomou a iniciativa:

— Tio Mariano, bom-dia. Sou Tristão, neto da avó Santa. Eu. . .

O velho sorriu amável e estendeu a mão ao moço.

— Minha vista não vale nada, sobrinho. Uma lástima, o que Deus dá, a vida tira, é a lei. Enxergava mais do que um carcará, distinguia mosca varejeira na cabeça de zebu, meu filho, antes. Se achegue, se achegue. . . Jesus Cristo, como você é parecido ao senhor seu pai, é a cara do maestro Rodolfo de Oliveira, menino que parecença!

O velho misturava as gerações, mas, de qualquer maneira, recebia-os desarmado. Tristão preparava-se para as apresentações, quando Ícaro se adiantou:

— Senhor Mariano Filho, muito prazer. Meu nome é Ícaro, fotógrafo e cineasta. Faço filmes sob encomenda e esse outro senhor — disse apontando para um Lenildo estarecido — é o professor Canuto, renomado estudioso da história brasileira.

— Me chame de Cabeleira, meu filho. É mais justo, foi um apelido tão antigo, antigo, que grudou em minha pele, hoje sou mais Cabeleira do que Mariano.



— Muito bem, seu Cabeleira e por que lhe deram esse nome?

— Ah! Pela beleza do meu cabelo. Veja — o velho tirou o chapéu para que todos observassem a abundância e elegância de sua penugem embranquecida. De fato, apesar da idade, cobria-lhe a cabeça uma massa de pelos. — Netinho, cadeira pras visitas, se abanquem — ordenou indicando aos convidados que se assentassem.

Tristão indignara-se com a desfaçatez mentirosa de Ícaro, por que ele inventara aquela lenda de professor de história? Mas o fantasista continuou serelepe, o velho mordera sua isca e ele não pretendia liberar o peixe fisgado.

— Bem, seu Cabeleira, o professor Canuto anda pelo Brasil registrando entrevistas com personagens importantes de nossa história, ele é também antropólogo, estuda costumes, política, cultura, comida, tudo. Não é professor?

Lenildo estava vermelho, tremiam-lhes tanto as mãos que recusou o café servido em uma minúscula xícara de ágata. Temia uma represália do Cabeleira caso fosse reconhecido, ele já aparara o cabelo daquele homem há uns quinze anos atrás, recordou-se assim que o avistara. Felizmente, contudo, a catarata do velho era severa e ele distinguia somente vultos.

— Bem, seu Cabeleira — retomou Ícaro —, gostaríamos de entrevistá-lo, sobre sua vida. Profissão, outros detalhes, soubemos de sua conversão, é uma história linda, servirá de exemplo para os jovens, cuidar da futura geração, seria bom se o senhor deixasse um registro que orientasse a juventude. Sobre o pecado e a absolvição, sobre. . .

— Ah, meu filho! Devo tudo à santa da minha irmã, Santa Camargo de Albuquerque e ao justo marido dela, meu cunhado, Onofre de Albuquerque, sem a orientação dela, eu estaria perdido, perdido. Ainda que cego, agora eu vejo. Todo dia, ela lê um trecho da Bíblia para mim. Quando ela não pode aparecer, manda algum irmão. Gente de confiança, como vocês. Família. Mas professor — continuou voltando o rosto para Lenildo — tenho nada que ensinar a ninguém, não! Fui um errado. Tinhoso, sim.



Malcomportado, pratiquei muita maldade, tive a profissão de jagunço minha vida inteira, soube nenhum outro ofício, não. Naquele tempo se usava, talvez os senhores modernos estranhem minha franqueza, mas naquela época ninguém tinha vergonha da jagunçaria, não. Era um caminho igual que outros, mais arriscado, um pouco. Pastorear gado é menos perigoso do que lidar com gente? Não. Fui pistoleiro de contrato e estou vivo; perrengue, mas vivo. Meu irmão, Joaquim, foi vaqueiro, levava e trazia boiada, pois bem, morreu na flor da idade, trinta anos, pisado por alguma vaca brava, coitado.

Apesar do discurso do velho estar dirigido ao professor, Lenildo emudecera. Ícaro retomou a iniciativa:

— Pois então, seu Cabeleira, pensamos em filmar o senhor contando esses casos, esses costumes, suas razões, desrazões, para as gerações futuras, história do Brasil. Tenho a máquina de filmar no carro, posso buscar? A luz da varanda está ótima, é somente ligar a câmara, pode ser?

Tristão levantou-se de um salto. Ícaro prometera primeiro conversar e, somente em uma segunda visita, caso o homem concordasse, gravariam as cenas. E depois tanta mentira, Lenildo antropólogo, era só o que faltava, indignava-se, quase disposto a ir embora, quando Ícaro apertou-lhe o braço com uma força inesperada e murmurou já a caminho do automóvel:

— Por Dedalus, meu pai, acalme-se!

Enquanto Netinho servia café, Ícaro ligou a filmadora e o velho, satisfeito com a audiência, pôs-se a contar casos, como se estivesse habituado a lidar com jornalistas, historiadores e outros seres especializados em cavoucar a existência humana. O homem estava loquaz. Falou sobre o pai, o primeiro Mariano de Camargo, pródigo em semear barrigas entre as mulheres de Nova Barcelona, sobre a mãe, os irmãos de casa e os outros que foi descobrindo ao longo da vida. Acabara o primeiro cartucho e ele ainda contava como aprendera a atirar, a lutar com peixeira, como se tornara um jagunço. Ícaro não o interrompeu. Estavam no quarto cartucho e ele ainda não abordara o crime encomendado pelo coronel



Nhonhô. Gastara quinze minutos explicando sua conversão, de como dona Santa fora mediadora da luz trazida a ele pelo Divino Espírito Santo. Acabara o penúltimo cartucho de película e não tinham ainda nenhuma declaração contra o coronel. Lenildo estava molhado de suor, Tristão caminhava impaciente em torno do velho e Netinho o mirava com ar de admiração absoluta. Ninguém tomava iniciativa, quando, novamente, Ícaro interveio:

— Seu Cabeleira, estamos na gravação final, teremos que interromper os trabalhos. Pensei, talvez, o senhor pudesse nos contar, agora, um episódio central para a história de Nova Barcelona, me refiro ao caso do seu Antônio Mariano e ao linchamento do Dionísio. Poderia ser?

O jagunço não se fez de rogado, todo o quinto cartucho foi preenchido com uma descrição detalhada daqueles trágicos acontecimentos. Seu Cabeleira era um bom contador de causos, não deixava dúvida quanto às responsabilidades e ao envolvimento de cada um dos personagens. Aquela parte da entrevista era um testemunho pesado e concreto contra o coronel Nhonhô Alencar de Castro. Finalmente Ícaro conseguira munição para fustigar o assassino, direto ou indireto, do seu pai Dedalus.

Depois da entrevista, relaxados, tomaram mais um café e despediram-se. Estavam para sair, quando Ícaro voltou e falou com o velho:

— Seu Cabeleira, novamente, muito obrigado pela atenção, o senhor não imagina como o seu depoimento é importante para. . .

— Que nada meu filho, quem mais aproveitou foi eu mesmo. Velho vive no passado, o presente é pouca coisa: comida e. . . Até de dormir temos medo, o sono é o começo da morte, e como ela nos ronda, melhor evitar até um simples cochilo. Ainda tenho o prazer da leitura, pelos olhos dos outros, a Bíblia, tanta coisa boa no antigo testamento, tanta gente que foi pecadora e, mesmo assim, mereceu a consideração do senhor, isso até anima o cristão. Pecadores aos montes! E Deus se preocupou com eles, tanto que escreveu o nome e a história deles no livro sagrado, um ser



humano não pode ocultar seu passado, esquecer sua história, é pecado; vocês aprenderão muita coisa com as bobagens que pratiquei, não é assim, meu filho?

— Com certeza, certo. O senhor conhece muito sobre a vida.

— Sim, alguma coisa a gente aprende, filho. Na profissão de jagunço a pessoa mais observa do que faz coisas. Sobra tempo pra pensar.

— Seu Cabeleira, de perto, de pertinho, o senhor enxerga?

— Com palmo e meio do olho ainda posso ler quando a letra é grande.

— Pois vou lhe trazer uma lembrança. Tenho uma Bíblia gigante, cada letra maior que a outra. Hoje mesmo lhe entrego. Assim, o senhor poderá se distrair quando não houver nenhum irmão de visita.

— Carece não.

— Faço questão.

— Pois muito obrigado, então. O senhor tem futuro, menino. O seu professor é mudo, mas o aluno já superou o mestre, vão com Deus!

Voltaram em silêncio. Ninguém disse palavra. Ao fim do dia, Ícaro levou-lhe uma Bíblia encadernada em couro da coleção de Dedalus. Cada página media trinta centímetros e a impressão era toda em caixa alta.

O que Deus põe, o diabo dispõe — diria o convertido Cabeleira se lhe fosse dado comentar os acontecimentos subsequentes.


Ícaro cuidou do material filmado com o desvelo com que um restaurador profissional lidaria com um livro medieval. Usou o laboratório fotográfico do pai para preparar o filme. Editou uma versão completa, com toda a entrevista. Para aplacar sua má consciência, imaginou que essa apresentação integral serviria para a história, memória do que fora a política pelo interior do Brasil, doaria o estudo a alguma biblioteca, no futuro, prometeu-se. A segunda versão tinha objetivos mais prosaicos, era um libelo contra o coronel Nhonhô, nas singelas declarações do bandoleiro transparecia todo o maquiavelismo premeditado do chefe político



de Nova Barcelona. Por precaução, escondeu as latas com os filmes no sótão da butique de sua mãe.



Terminada essa fase da operação, o quarteto dissentiu sobre os passos seguintes. Lenildo defendia uma linha legalista: contrata-riam um advogado, doutor Augusto de Oliveira, e processariam o coronel. Ícaro imaginava algo escandaloso, descobrir um repór-ter disposto a transformar aquele material em artigo bombástico, com certeza, haveria algum jornal ou revista interessado em des-truir a reputação de um dos líderes políticos mais conservadores e arbitrários da história brasileira. Tristão demonstrava a fragilidade de cada uma dessas estratégias, aumentando a insegurança de to-dos. Quando pressionado para que opinasse sobre o que fazer com a denúncia que tinham em mãos, não sabia o que responder. Era bom crítico, mas péssimo estrategista. Netinho sugeria uma linha teatral, algo histriônico, anunciar uma sessão *avant-première* no Cine Real e projetar a película em um sábado à noite, com convida-dos da Capital. Indecisos ante desacordo tão radical, os amigos op-taram por conceder tempo ao tempo. Alguma solução apareceria.

Um efeito colateral dessa aventura foi a emergência de uma crise no relacionamento entre Cristina e Ícaro. O rapaz passou a evitá-la desde o sábado em que filmara o Cabeleira. Naquele fim de semana, Ícaro inventou uma desculpa esfarrapada para justifi-car seu desaparecimento da casa da namorada. Ao meio da sema-na, foi obrigado a dar as caras. Agarrou-lhe um mal-estar imenso quando Cristina recebeu-o alegre e risonha como sempre. Seu desprazer aumentou quando dona Ernestina saiu para cumprimentá-lo mais simpática do que costumava. Em realidade, sua so-gra resolvera que o casal necessitaria de proteção contra a fúria do coronel. Com aquele gesto ela pretendia explicitar sua decisão; que soubessem, todos, sobre sua solidariedade ao jovem casal. Quanto mais as duas mulheres tratavam-no com afabilidade, mais inquieto e incomodo sentia-se Ícaro. Tanto que alegou uma gripe e voltou mais cedo para casa. Nos dias seguintes, desculpou-se com a proximidade das provas, deveria estudar também à noite, não suportava estar na casa dos Castros.



Atormentado pela culpa, Ícaro decidiu pelo fim do namoro. Pediria um tempo a Cristina, não poderiam continuar convivendo com a neta de seu maior desafeto, o executor de seu pai Dedalus. Alegaria conflito familiar para justificar a interrupção do namoro, resolveu decidido.

No sábado, quando se aprontava para visitá-la pela última vez, mal entrou no Chevrolet, foi cercado por quatro homens armados. Era a polícia, três em uniforme e o delegado em trajes civis. Abordaram-no com armas em punho, algemaram-no depois de jogá-lo contra o capô do carro. Tratavam-no com se fosse um delinquente perigoso. Revistaram sua casa, em busca de provas de sua culpabilidade e levaram-no para a cadeia local. Não deram nenhuma satisfação a sua mãe ou a Rosália.



Desesperada, dona Amabilis pediu socorro a Lenildo. Em dez minutos o barbeiro e seu irmão, Álvaro, estavam no sobrado. Agiram com presteza. Explicaram à mãe sofrida que aquela prisão era retaliação do coronel Nhonhô de Castro contra o rapaz. Pretendendo tranquilizá-la, inventaram um motivo banal para a prisão: o velho não aprovava o namoro do rapaz com a sua neta, bastaria esclarecer o equívoco e ele seria liberado, argumentaram. Optaram por ocultar da mãe a entrevista com o Cabeleira. Temiam que algo daquilo houvesse chegado ao ouvido do coronel. Álvaro meteu-se no quarto de Ícaro, descobriu tudo revirado, mais com o intuito de provocar do que de encontrar alguma coisa, pareceu-lhe. Perguntou a Rosália se os policiais haviam apreendido algo da casa. A mulher negou. Haviam levado somente o rapaz, confirmou pesarosa. “Bem, felizmente”, imaginou Álvaro, a prova contundente contra o ditador estaria em algum esconderijo seguro.

Álvaro estudava direito em um curso semipresencial, a cada mês deslocava-se para Brazlândia para realizar exames de proficiência nas disciplinas. Estava ao final do terceiro ano, mais um pequeno esforço e receberia um diploma universitário. Pretendia dedicar-se ao direito criminal. O salão Colônia do Cerrado ficaria com o irmão, ele cuidaria da contabilidade e de outras formalidades administrativas para as quais Lenildo era absolutamente



incompetente. Ciente, portanto, da legislação, Álvaro foi diretamente para a cadeia, preocupava-se com a incolumidade do rapaz, a polícia de Nova Barcelona não primava pela eficiência nem, tampouco, pela delicadeza. A crueza com que Álvaro expôs sua preocupação assustou dona Amabilis. Tanto que marchou para a delegacia com seu protetor.

Lenildo saiu à cata de um advogado togado; no caso, o pai de Tristão. Álvaro evitava qualquer contato do irmão com a polícia, eles tratavam-no como culpado em princípio, somente em virtude de seu estilo de vida. Com a presença de doutor Augusto de Oliveira, Álvaro imaginava, entrariam com um *habeas corpus*, qualquer coisa que liberasse o rapaz daquela enrascada.

Na delegacia não autorizaram a mãe nem o barbeiro, estudante de direito, a que se avistassem com o prisioneiro. Estavam pelejando com o escrivão quando entrou, espavorido, doutor Augusto de Oliveira. Em cinco minutos saiu o delegado em pessoa e conduziu o advogado de defesa a seu escritório, ordenando que dona Amabilis e Álvaro permanecessem na sala de espera.

Logo depois, o advogado procurou-os cabisbaixo:

— Jogo pesado — disse amuado. — O delegado tem um mandado de prisão contra Ícaro. Assinado pelo juiz de direito, o doutor Franco de Sousa.

— O quê? — espantou-se a mãe sofrida.

— Nosso juiz expediu uma ordem de prisão contra Ícaro, tráfico. A polícia alega apreensão de um quilo de maconha no carro do rapaz.

— Mentira, filhos da puta! — berrou a mãe, esbravejando contra a porta fechada onde o delegado se trancara.

— Calma. Calma. Dona Amabilis, o Ícaro não é menor de idade?

— Fez dezoito há pouco.

— Droga, droga. Tenham confiança em mim. Preciso saber de tudo, o rapaz andou vendendo droga, alguma. . .

Dona Amabilis mirou doutor Augusto estarecida, deu-lhe ganas de pregar uma bofetada naquele advogado empolado. Per-



dida em tanta indignação não logrou responder e foi Álvaro quem esclareceu:

— Doutor Augusto, sejamos francos! Ícaro é boa gente, rapaz normal, estudioso, fará medicina. Como todo jovem hoje em dia, fuma um baseado de vez em quando. Como todos, todos. Nada com que se preocupar. Esse quilo de maconha é uma armadilha, a polícia plantou a droga no carro dele. Se é que existe mesmo essa mercadoria, o senhor a viu?

— O quê?

— O tal quilo de maconha?

— Não.

— Bem, como eu suspeitava. É invenção deles. Tudo isso, doutor Augusto, é uma armação do coronel Nhonhô — esclareceu Álvaro com convicção. — Ele proibiu a neta de avistar-se com o Ícaro. Eles desobedeceram ao bode velho. Dona Ernestina deu cobertura aos namorados e o coronel está retaliando conforme sempre, conforme seu modo habitual de proceder. Ele controla o juiz e o delegado, o senhor. . .

— Não acredito! Um namorico à toa! Ademais, doutor Franco, o juiz, é uma pessoa íntegra. O delegado, esse sim, é pau-mandado.

— Doutor Augusto, há mais. Venha aqui. . . Dona Amabilis, melhor sairmos um pouco.


No pátio da delegacia, longe de todos, Álvaro retomou:

— Doutor Augusto, o senhor deveria voltar lá pra dentro o mais rápido possível. Duas coisas: primeiro, verificar se não houve tortura, irão arrancar uma confissão de Ícaro com violência e o rapaz é esquentado, temo. . .

— Ah, meu Deus! Tenha piedade, doutor Augusto, por favor — descontrolou-se a mãe já voltando para a delegacia.

— Acalme-se, dona Amabilis, acalme-se. O Álvaro está exagerando, muita coisa mudou. Eu. . .

— Mudou coisa nenhuma, doutor. Segundo, não havia esse quilo de maconha, isto é uma armação, acredito que não haverá como mostrarem-lhe a suposta droga, o senhor entre na delegacia,




agora, e exija avistar-se com seu cliente e obrigue-os a apresentarem-lhe a droga supostamente apreendida, por favor, não vacile. Ícaro está de posse de um testemunho, filmado, que acusa o coronel Nhonhô de mandante do crime contra o fazendeiro Antônio Mariano. Não hesitarão em eliminar mais esse incômodo, o senhor sabe disso melhor do que eu.

Doutor Augusto entrou na delegacia, abriu a porta do escritório do delegado e exigiu com a voz firme dos justos:

— Doutor Aquiles, sem mais delongas, quero avistar-me com meu cliente, ademais onde estão as provas de acusação contra o rapaz. Isso está me cheirando à perseguição política, telefonarei ao doutor Franco, ao desembargador. . .

Ninguém ganhou, ninguém perdeu; contudo “*nada permaneceu como dantes, no quartel de Abrantes*”.

Para escândalo do advogado, havia evidentes sinais de maltrato no corpo de Ícaro. Ele sangrava por um corte na testa, sua camisa manchara-se de vermelho. Tinha um olho roxo e o nariz inchado. A algema ferira-lhe os braços, havia pulseiras em carne viva em seus pulsos. Os policiais alegaram que o moleque resistira à prisão. Doutor Augusto ameaçou a todos, exigiu que libertassem o rapaz no que não foi atendido. Como concessão, transferiram-no para uma cela individual. Da delegacia, o advogado ligou para o juiz. Relatou-lhe os sinais de violência cometidos contra Ícaro, o que não impressionou o magistrado. Segundo ele, o réu tendia a culpar a polícia sempre. O que assustou a autoridade judicial da cidade foi quando o advogado denunciou haveriam forjado um falso flagrante, não haviam apreendido coisa alguma, nem sequer haviam se dado ao trabalho de plantar a droga que o rapaz estaria traficando. E mais, prosseguiu doutor Augusto, tudo aquilo era uma armação política do coronel Nhonhô Alencar de Castro. Era seu costume antigo valer-se da polícia para resolver pendengas pessoais. O coronel não aceitava o noivado do moço com sua neta, esse era o fundo da questão. Doutor Augusto, fora de seu hábito, jogava com a credulidade do juiz, concluíra que o plano do coronel Nhonhô era liquidar com o moço e, com isto,



ele não poderia ser conivente. Pediu autorização ao juiz para conduzir Ícaro de volta ao lar. O juiz desculpou-se, não poderia decidir de maneira precipitada, iria examinar a petição do advogado, na segunda-feira, exararia uma sentença. Doutor Augusto implorou:

— Meritíssimo, no interior, às vezes para assegurar justiça, salvar um inocente, somos obrigados a fugir ao protocolo, por favor, o senhor poderia dar uma palavra com doutor Aquiles, nosso delegado?

— Não compreendo doutor, por que deveria fazê-lo?

— Meritíssimo, com perdão da palavra, a polícia cobriu meu cliente de porrada. Ele está ferido. Já verifiquei, solicitarei um exame de corpo delito por um médico perito. Caso não conte com seu beneplácito, apelarei à Corte Superior. Não posso tolerar violência gratuita contra meu cliente, o senhor. . .

— Doutor Augusto! O senhor está fazendo acusações gravíssimas e. . .


— Meritíssimo, o desfecho desse caso poderá comprometer nossas carreiras, a minha e a do senhor, não se engane. Conheço os mecanismos da injustiça oficial de minha cidade, o senhor acabou de chegar e não imagina. . .

— Chame esse merda de delegado, por favor, passe o telefone para ele.

— Obrigado, Meritíssimo. Como não poderemos levá-los para casa, julgo prudente que o senhor autorize um acompanhante, eu mesmo poderei passar a noite e o domingo com meu cliente. Seria prudente.

— Tudo bem, me passe com o delegado.

Nesse ínterim, a notícia havia corrido. Tristão fora informado pela mãe da prisão do amigo. Saiu correndo para a delegacia, chegou a tempo para assistir, estupefato, à performance do pai. A coragem e esperteza do advogado surpreenderam-no. Imaginava o pai bajulador, submisso aos poderosos e deparava-se com um combatente imaginoso e destemido. Não cabia em si de orgulho enquanto observava o pai comandando aquela operação em defesa



dos direitos humanos. Gostou ainda mais quando o pai ordenou-lhe que fosse até a casa de dona Ernestina, que avisasse Cristina e sua mãe do ocorrido, seria ótimo se elas também participassem da vigília na cadeia.

— Sim — disse o advogado, agora não somente ao ouvido do filho, mas para que todos os presentes ouvissem sua deliberação —, faremos uma vigília até que libertem Ícaro. Telefonem para os colegas de colégio, parentes, amigos, quero todo mundo aqui, de plantão.

Tristão, Lenildo, Álvaro, todos saíram às carreiras para cumprir o ordenado.

O delegado ouviu a conclamação do advogado e não gostou nada. Seria desastrosa uma manifestação política em frente à sua delegacia.

— Doutor Augusto, o senhor se excede. Falei com doutor Franco. Ele autorizou, a senhora dona Amabilis, qualquer de vocês, a passar a noite com o rapaz. Qualquer aglomeração será prejudicial ao. . .

— Sim, doutor. O excesso aqui foi bem outro! Haverá uma vigília, padre, pastor, homem, mulher, o senhor que trate de expulsar o povo.

Cristina e Ernestina chegaram em minutos. Tristão as acompanhava. A noiva exigiu encontrar-se com Ícaro. O delegado recusou, depois autorizou dona Amabilis e Cristina a visitarem o preso. Antes as submeteu ao vexame de uma revista. Doutor Augusto protestou, mas doutor Aquiles foi inflexível, sem revista sistemática ninguém entraria em contato direto com o prisioneiro.

Depois que as duas entraram na cela, doutor Augusto convidou dona Ernestina para um particular. Intuíra um caminho para superar aquele impasse, usaria a nora para negociar um acordo com o coronel. O advogado expôs-lhe a situação sem meias palavras. Confirmou a inocência de Ícaro, não havia droga. A prisão fora adrede planejada. Dona Ernestina confirmou a versão, esse comportamento era típico do coronel. Há tempo, confessou, Cristina e ela temiam que o coronel aprontasse alguma contra o



moço. Em seguida, o advogado sugeriu que dona Ernestina negociasse com o coronel em nome da família D’Lírio. Em troca da libertação de Ícaro e de que não houvesse indiciamento do rapaz, não havia tráfico, nada, o advogado comprometer-se-ia a convencê-los a não usar algumas provas que tinham contra o coronel.

— Que provas? — preocupou-se Ernestina.

Imediatamente doutor Augusto arrependeu-se de seu gesto precipitado. Na ânsia de abrir um canal de negociação com o coronel Nhonhô, ele esquecera-se completamente do grau de envolvimento de Ernestina no caso Antônio Mariano. Ela fora casada com o defunto, era viúva do homem, lógico, ele não poderia lhe revelar que seu atual sogro encomendara o assassinato do seu primeiro marido. “Que encalacrada”, pensou.

Como tardasse em responder, Ernestina repetiu a pergunta. Doutor Augusto aproveitou a chegada de amigos da família D’Lírio para interromper o diálogo. Cumprimentou-os, explicou-lhes o objetivo da vigília e pediu que ampliassem a convocação, quanto mais gente melhor, concluiu. Depois disto, voltou a Ernestina. Nesse intervalo, recordou-se de que, as más-línguas, comentavam ainda que Ernestina estivera amasiada com Dionísio, o fazendeiro não daria mais conta do recado e. . .

— Bem, dona Ernestina, bem. . . A família D’Lírio conseguiu documentos contra o prefeito, coisa que incrimina também o coronel, indícios fortes de que foram responsáveis pelo acidente com a ponte do Pirapitinga e. . .

— Eu sei, Augusto. Esse fantasma persegue minha filha e o Ícaro. Os pobres não têm sossego, parece uma maldição. O coronel odeia o Ícaro e vice-versa.

— Bem, pois então, a família conseguiu um dossiê, um depoimento, um testemunho comprometedor contra o coronel, bem. . .

— O seu Nhonhô sabe disso?

— Não, sim, não sei. A família D’Lírio está de posse de um dossiê bastante sólido, eu o examinei, dou minha palavra. Minha ideia é que a senhora informasse o coronel Nhonhô sobre o assunto. Eu serei o fiador do acordo. A família D’Lírio se comprometerá a



nunca utilizar o documento, em contrapartida o coronel retira a acusação de tráfico. . . Digo. . . Bem, ele simplesmente mandará que esses meganhas de merda deixem o rapaz em paz. É tudo armação dele, mais uma vez! Os tempos mudaram e o desgraçado não se emenda, a senhora desculpe-me.

— Sim, aceito a tarefa com prazer. O problema, Augusto, será a fera, o coronel é desconfiado. Não dá ponto sem nó, nunca. Seríamos mais convincentes se eu levasse uma cópia desse dossiê comigo.

— Sem cópia, dona Ernestina. Dessa vez ele terá que ceder. Diga ao coronel duas coisas. Primeiro, se o rapaz não for solto hoje ainda, levarei esse caso até as últimas consequências, não poderemos aceitar que nossos filhos sejam torturados para satisfazer ao prazer ou desprazer de qualquer pai ou avô ciumento de suas crias. O doutor Generoso fará exame de corpo delito. Segundo, diga ao coronel que eu vi o dossiê, é pesado, tem valor jurídico, alguns funcionários, empregados do coronel, deram com a língua nos dentes. Leve esse recado. Queremos o Ícaro solto hoje, e que o velho não repita esse tipo de procedimento. O Estado Novo acabou há anos e o coronel não se deu assim tão bem com os milicos.

Dona Ernestina encontrou o coronel acordado. Havia luzes acesas pela casa, o velho estava assentado no escuro do alpendre, sozinho. Ernestina cumprimentou-o. Não havia sequer guarda-costas, constatou.

— Não me diga que a senhora é a mensageira de meus inimigos! — exclamou indignado.

— Boa noite, meu sogro. Se o senhor quiser as coisas nesses termos, assim as tomaremos. O senhor me deve uma, várias, nunca me rebelei contra seus desmandos, agora, acabou. Venho aqui em defesa do meu genro, noivo de minha filha e lhe aviso: ela se casará com quem quiser, e o senhor não se atreva. . .

— Que ferocidade, tudo por um traficante de merda?

Ernestina manteve a compostura, com os anos, ela aprendera a não polemizar com o velho. Era inútil. O que, às vezes, resultava proveitoso era tratar dos aspectos pragmáticos, sem muita argumentação, sempre na base do ganha-perde ou do toma-lá-dá-cá.



Assim, tratou de expor as bases do contrato sugerido pelo advogado, em nome da família D’Lírio.

O velho não respondeu de imediato, calculava em silêncio os prós e os contras. Enquanto ele se decidia, Ernestina teve uma ideia, ocultando a repugnância que lhe provocava o coronel, tomou-lhe a mão e, com toda a suavidade do mundo, disse:

— Meu sogro, essa é uma briga que, se o senhor ganhar, com certeza, perderá o amor, a afeição e o respeito de sua neta Cristina. Acredito que será uma vitória muito cara, não valerá a pena o seu triunfo somente pelo orgulho ou pelo ressentimento contra estranhos.

Falou e aguardou a sentença. O coronel mirava o céu, não havia estrelas nem lua, era uma noite sombria, com nuvens baixas e um calor abafado. Alguns minutos depois, sem encará-la, o coronel repostou com uma voz cavernosa:

— Diga ao doutor Augusto que concedo em função da honradez dele e dos Oliveiras. Mas que ele será o fiador, qualquer quebra de compromisso, a minha indignação chegará até os Oliveiras. Preste atenção menina, pra não confundir minhas palavras, transmita exatamente como as estou pronunciando. Repita pra confirmar seu entendimento.

Ernestina tinha boa memória e reproduziu a frase do coronel, copiando-lhe até a entonação.

— Tem mais uma coisa, não, duas. Primeiro: quero o seu genro fora de Nova Barcelona, que vá estudar medicina na puta que o pariu, somente não continue aqui. Segundo, quero os dois barbeiros fora também. O salão Colônia do Cerrado fechará as portas em quinze. . . Não, concedo trinta dias.

— Mas meu sogro — quis interceder Ernestina —, isso não é razoável, não tem importância, Cristina é jovem, não acredito que esse namoro dure, são duas cabeças-duras, brigarão logo, confie em mim.

O coronel manteve suas exigências. Ernestina voltou à delegacia, havia mais de cem pessoas aglomeradas em frente à cadeia. Dona Amabilis, apoiada pelo advogado, aceitou as condições do

coronel. Ícaro faria o terceiro colegial na Capital, já era época dele ir-se daquela província atrasada. Para surpresa geral, Álvaro, Lenildo e Netinho não opuseram resistência, há tempo planejavam abrir um salão na Capital. Expandiriam o negócio, tinham algumas economias, junto do salão instalariam uma boutique sob a gerência de Netinho, dona Amabilis ofereceu-se como sócia, abriria uma filial de modas. Além disso, Álvaro poderia concluir seu curso de direito e, quem sabe, constituir banca.

Às três horas da madrugada, Ícaro foi libertado, doutor Generoso havia arranjado curativos em seu rosto. Cristina tratou de abraçá-lo, mas ele desvencilhou-se com delicadeza da moça. Agradeceu a todos os manifestantes e anunciou que estava de mudança.

Na Capital, Ícaro foi morar com Tristão. Alugaram uma pequena casa em um bairro distante. Não se despediu de Cristina, e não voltou a procurá-la. Nesse ínterim, Rosália fora mãe, nasceu-lhe uma linda menina chamada de Valéria.

— *Espírito — invoquei-o.*

Nada. Silêncio.

Insisti:

— *Espírito, então? Que tal lhe parece o capítulo? Finalmente tivemos um pouco de pura aventura ou não? Nada de interrupções especulativas.*

— *Pensei até que havíamos passado ao romance de aventuras e que a briga entre Ícaro e o tal Coronel seria o centro de nossa história!*

— *Mas, e então? O que lhe pareceu?*

— *Bom. Muito bom. Uma verdadeira novela de capa e espada.*

— *Capa e espada, pelo amor de Deus!*

— *Sim, estilo Dumas, três mosqueteiros, ainda que modernizado e reinventado.*

— *Ah! Percebo que meu Espírito é tacanho. Um avaro. O máximo de elogio que consegue prodigalizar é uma crítica velada, se minha autoestima dependesse de sua aprovação estaria perdido.*



— *Somente me faltava isto, lidar com um escritor carente! Tenha paciência!*

— *Sabe, percebi um fato curioso. Pergunto-me se, você, o grande Espírito da Época de Meia-oito, seria misógino? Ou quem sabe, talvez, seria uma mulher?*

— *Meia-oito é a puta que o pariu!*

— *Ah! Então o senhor ainda se comove, que ótimo! Eu disse da época de sessenta e oito, tão somente isto. Sem ofensa.*

Silêncio. Retomei o assunto, pretendia esclarecer minha dúvida:

— *Sabe, em sério, analisando com vagar o texto inefável que me tem sido transmitido, dei-me conta de que meu Espírito tem uma predileção pelos personagens masculinos. Nossos três heróis são homens e, mais, poucas vezes falamos de dentro da consciência das mulheres que cruzaram nosso caminho. Em geral, descrevemos o comportamento delas de fora, como observadores. Não mergulhamos em seu fluxo de pensamento, em seus desejos e dúvidas. De duas, uma: ou estamos diante de um Espírito machista, antifeminista, ou, ao contrário, meu Espírito é tão feminino que se interessa principalmente por homens.*

— *Estúpido! Os espíritos são assexuados, temos características de todos os gêneros, somos a síntese de cada época, de todas as possibilidades existenciais. A propósito, há outro pequeno detalhe do qual o senhor se olvida sempre quando lhe interessa: o escritor não sou eu, o senhor é o escrevinhador, eu apenas lhe transmiti um conteúdo sem forma, toda a responsabilidade pelo estilo é, portanto, de quem transliterou meu relato. Não sou responsável pelo seu maneirismo.*

— *Você desaprova o que escrevemos até agora?*

— *Não. Ao contrário, parece-me que estamos dando conta da tarefa, ainda que o senhor não seja nenhum gênio, nenhum Machado de Assis, longe disto!*

— *Ah! Que gentil e generoso. Obrigado — respondi com ironia.*

— *Não se aborreça, há grandeza e emoção na trama — emendou o Espírito em um tom contrito —, a história tem um estilo interessante.*

— *Interessante? Que gentil!*



— *Sim, um realismo seco; ma no troppo. Graciliano Ramos adocicado por um toque lírico, quase feminino, de fato.*

— *Então, haveria uma autora, pergunto? Como sou homem, pergunto: seria o Espírito de Época uma mulher?*

— *Idiota, que grande idiota escolhi como parceiro! Graças à minha influência benéfica o senhor vem conseguindo sair de sua casca machista, do seu formalismo exagerado. Para um revolucionário, o senhor é muito quadrado.*

— *Não sou nem nunca fui um revolucionário. Abomino a violência, somente reconheço o direito dos oprimidos se rebelarem contra a tirania. E quadrado é sua mãezinha, se é que espíritos têm família!*

— *Seu modo de escrever é um atestado de seu conservadorismo, o senhor usa um português coloquial, mas sem liberdades exageradas, parece que nunca leu Mário de Andrade e se esqueceu de que ele mandou a gramática e a ortografia às favas. Sinto também falta de um pouco de imaginação, o senhor nunca recorre ao fantástico, nada de Borges ou Gabriel García Marques, não há nenhuma metáfora hiper-realista! Notei uma influência do tradicionalismo literário de Mario Vargas Llosa, essa coisa de romance de geração, certa nostalgia de Conversa na Catedral. Há algo de um Hemingway reflexivo que houvesse concedido terreno ao romance psicológico e aos volteios linguísticos de algum Proust moderado. Enfim. . .*

— *Ainda bem que não dependo de sua aprovação para suportar-me, pelo amor de Deus! A julgar por sua crítica deixarei abandonar o ofício de escritor e atirar as resmas de papel que escrevemos ao lixo?*

— *Idiota, apenas esforço-me para compreender. Prossiga com o romance, vamos!*

— *Escrevi essa saga, principalmente, para revelar a mim mesmo os enigmas de minha própria existência.*

— *Mentiroso! Ninguém escreve sem a intenção, ainda que oculta, de que alguém o leia. O que seria do escritor sem o leitor, do contador de causos sem ouvidos interessados nas peripécias narradas?*





— *Não seria o momento de. . . Nosso livro chegará a oitocentas páginas!*

— *Sim. . . Acredito que demonstramos que nossos heróis foram iluministas da prática, para o bem e para o mal.*

— *Nossos heróis voltarão como Espectros Encarnados?*

— *Trata-se de uma pergunta ou de um anúncio? Espectros Encarnados seria um bom título para. . .*



